Pe. Cícero

E... ONDE ESTÁ ELE?

IV Simpósio Internacional

ANAIS

17 A 21 DE NOVEMBRO DE 2014
JUAZEIRO DO NORTE – CE – BRASIL

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA

P. Cícero

E... ONDE ESTÁ ELE?

IV Simpósio Internacional

ANAIS

17 A 21 DE NOVEMBRO DE 2014

JUAZEIRO DO NORTE – CE – BRASIL

ANAIS DO IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL PADRE CÍCERO: E... ONDE ESTÁ ELE?

Editora:
Universidade Regional do Cariri

Coordenadora Editorial:
Maria de Fátima Moraes Pinho

Organizadores:
Maria Paula Jacinto Cordeiro
Mateus Pinheiro
Rosana Dayara de Alcântara Alves

Anais do IV Simpósio Internacional Padre Cícero: E... Onde está ele?, Juazeiro do Norte, 17 a 21 de Novembro de 2014/ Universidade Regional do Cariri (Ed.) – Crato - CE, 2017.

378 p.: il.

ISBN: 978-85-65425-28

1. Religião. 2. Padre Cicero.
I. Título

CDD: 220
CDU: 28

PRESIDENTE DE HONRA DO SIMPÓSIO
Ir. Annete Dumoulin

PRESIDENTE DO SIMPÓSIO
Antônia Otonite de Oliveira Cortez

COORDENADORA
Sandra Nancy Ramos Freire Bezerra

SECRETÁRIA GERAL
Maria de Fátima Morais Pinho

TESOURARIA
FUNDETEC
Profa. Dilza Maria Maia Esmeraldo
Prof. Marcos Eliano Tavares Ribeiro

COMISÃO DE HONRA

Cid Ferreira Gomes
GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ

Dom Fernando Panico
BISPO DIOCESANO DO CRATO

Raimundo Macêdo
PREFEITO DE JUAZEIRO DO NORTE

José Arnon Bezerra
DEPUTADO FEDERAL

COMISSÃO CIENTIFICA
Profa. Dra. Ana Cristina Farias de Carvalho – URCA
Profa. Dra. Zuleide Fernandes de Queiroz –URCA
Prof. Dr. Josier Ferreira da Silva– URCA
Prof. Dra. Edianne dos Santos Nobre – URCA
Prof. Dr. Paulo Sério S. do Nascimento – IFCE
Prof. Dra. Maria de Lurdes – URCA
Prof. Dra. Sônia Maria de Meneses Silva – URCA
Prof. Dr. Antônio Renato Soares Casimiro – FJN
Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos – UFC
Profa. Dra. Suely Chacon – UFCA

COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DO PROJETO
Profa. Dra. Firmiana Santos Fonseca Siebra
Profa. Ms. Maria de Fátima Morais Pinho
Prof. Dr. Ivan da Silva Queiroz
Prof. Ms. José Carlos dos Santos
Profa. Dra. Maria do Carmo Pagan Forti
Prof. Dra. Maria Paula Jacinto Cordeiro
Prof. Dra. Renata Marinho Paz
Dra. Ir. Annete Dumoulin

COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO GERAL
Profa. Ms. Sandra Nancy Ramos Freire Bezerra
Profa. Ms. Maria de Fátima Morais Pinho
Profa. Ms. Lireida Maria Albuquerque Bezerra
Profa. Dra. Firmiana Santos Fonseca Siebra
PRÁTICA EVENTOS

COMISSÃO DE APOIO
Profa. Ms. Norma Suely Ramos Freire
Graça Oliveira
Rosangela Martins
Maria do Rosário Bezerra Moura

COMISSÃO CULTURAL
Profa. Ms. Sandra Nancy Ramos Freire Bezerra
Prof. Ms. Carlos Rafael Dias
Marly Bezerra
Prof. Marcos Aurélio Moreira Franco
Renato Dantas
Jackson de Oliveira Bantin

IV Simpósio Padre Cícero
17 a 21 de novembro de 2014

Campus CRAJUBAR – URCA
Juazeiro do Norte/CE

EQUIPE PROEX:
Francisco Jannedson Araújo Bezerra
Rayssa de Lima Mateus
Érica Tenório Figueiredo
George Wilson Feitosa Vieira

EQUIPE IPESC:
Mateus Pinheiro
Águida Marcelino
Camila Guedes
Daniele
Francisca Alice
Luiz Sousa
Romaro Anunciado
Wislânio Morato

EQUIPE DE MONITORES:
Aleska Alves de Souza
Aurilene Luna Barboza
Clécio Jamilson Bezerra dos Santos
Carla Níneve Pereira Dalmandes
Carla Guedes de Oliveira
Carlos Augusto da Silva
Carla Camila Santos Silva
Daniel Oliveira Silva Souza
Diego Hellere Ferreira Guedes
Elizabeth Fernandes dos Santos
Edvania Cabral de Almeida
Francisca Amanda Campos da Cruz
Francisco Joedson da Silva Nascimento
José Lucas Lima da Silva
José Jorge Severino
Kelvia Gomes de Lima
Linike Sued Carvalho da Mata
Lidyane Mayse Silva Melo
Maria Dágela de Jesus Augusto
Maria Imaculada Silva de Almeida
Maria Klessiane de Melo Alexandre
Rosangela Laurentino Brito
Railane Fernandes dos Santos
Rita de Cássia Alves Lima
Renata Lima Mateus
Rubbens Antônio de Lima Vieira
Samara Caetano de Sá
Sara Tais Araújo Alves
Thayslani Thalys de Souza
Valeska Iara Dias Vasconcelos
Venilson de Souza Nunes
Wesley de Souza Lima
William Santana Alves

PROGRAMAÇÃO

17 DE NOVEMBRO – SEGUNDA FEIRA

CREDENCIAMENTO- URCA - CAMPUS CRAJUBAR
SOLENIDADE DE ABERTURA – MEMORIAL PADRE CÍCERO
REITORA: ANTÔNIA OTONITE DE OLIVEIRA CORTEZ

19H: CONFERÊNCIA DE ABERTURA: IR. ANNETTE DUMOULIN:
TEMA: PE. CÍCERO: E... E ONDE ESTÁ ELE? Uma aventura nordestina! Uma descoberta apaixonante! Acho que descobrimos "onde está ele"!

18 DE NOVEMBRO – TERÇA FEIRA
EIXO I – CONTEXTO HISTÓRICO
Revisão da história a partir dos novos documentos sobre a questão religiosa de Juazeiro e explicitação de suas repercussões no cenário local, regional e global.

8H30: Conferência
DRA. ROSILENE ALVES DE MELO (UFCG)
Mediadora: DRA. SÔNIA MARIA MENESES SILVA (URCA)

10H00 AS 10H30 MIN– INTERVALO

10H30: Mesas Redondas
MESA REDONDA 1. "A GUERRA DE JUAZEIRO" NO CONTEXTO DA REPUBLICA VELHA
DRA, LUITGARDE DE OLIVEIRA CAVALCANTI BARROS (UERJ)
DR. MARCELO CAMURÇA (UFJF)
Mediadora: MS. ANA ISABEL CORTEZ (URCA)

MESA REDONDA 2. IRRADIAÇÃO DA DEVOÇÃO AO PE. CÍCERO E PLURARIADE RELIGIOSA
CÍCERO SAMUEL DE LIMA ESMERALDO (SACERDOTE DE CANDOMBLÉ DE NAÇÃO ANGOLA)
MS. EMILIANO DANTAS (IERS)
DR. ANTÔNIO MENDES DA COSTA BRAGA (UNESP)
Mediador: MS. EMANUEL MARCONDES DE SOUZA TORQUATO (UFCA)

MESA REDONDA 3. PE. CÍCERO E A EDUCAÇÃO
PROFA. DRA. NÚBIA FERREIRA ALMEIDA (URCA)
PROFA. DRA. JURACIR CAVALCANTE (UFC)
Mediadora: PROFa. MÁRCIA PEREIRA DA SILVA FRANCA (EEFM AMÁLIA XÁVIER);

14H:
GTs (COMUNICAÇÕES E PÔTERES)

OFICINAS:

1. **CONFECÇÕES DE BONECO DE PANO**
2. **LEITURAS DE DOCUMENTO HISTÓRICOS**

3. **DANÇA DE REISADO**

17H: Conferência
DR. GILBRAZ ARAGÃO (UNICAMP)

19H: LANÇAMENTOS DE LIVROS
LOCAL: CARIRI GARDEN SHOPPING

19 DE NOVEMBRO – QUARTA FEIRA
EIXO II – OS PERSONAGENS
Apreender a presença dos/as beatos/beatas, romeiros/as, da população do Juazeiro do Norte e do Cariri, também de outras regiões do país e sua articulação com o fenômeno Padre Cícero.

8H30: Conferência
DRA. CANDICE SLATER (UNIVERSITY OF CALIFÓRNIA - BERKELEY)
Mediadora: DRA. MARIA PAULA JACINTO CORDEIRO

10H30: Mesas Redondas
MESA REDONDA 1: ROMEIROS E A DEVOÇÃO POPULAR.
DRA. RENATA MARINHO PAZ (URCA)
DR. CRISTIAN JOSÉ DE OLIVEIRA SANTOS (CÂMERA DOS DEPUTADOS)
Mediadora: DRA. EDIANNE NOBRE DOS SANTOS (URCA)

MESA REDONDA 2: PE. CÍCERO, ESPIRITUALIDADE E PRÁTICAS DE CURA.
MS. EMANUEL MARCONDES TORQUATO (UFCA/FJN)
VERÔNICA NEUMA CARVALHO
MANOEL LEANDRO DO NASCIMENTO (CÁRITAS)
Mediador: MS. CÍCERO JOAQUIM DOS SANTOS (URCA)

MESA REDONDA 3. PE. CÍCERO: MITO E LINGUAGENS
DRA. FÁTIMA OLIVEIRA MALAHOSKY
FRANCISCO RENATO DANTAS DE SOUZA
ROSEMBERG CARIRI (CINEASTA)

14H: GTs (COMUNICAÇÕES E PÔSTERES)

OFICINAS:
1. **CONFECÇÕES DE BONECO DE PANO**
2. **LEITURAS DE DOCUMENTO HISTÓRICOS**
3. **DANÇA DE REISADO**

17H: CONFERÊNCIA: A FORÇA DA MÍSTICA POPULAR NUM CAMPO RELIGIOSO EM TRANSFORMAÇÃO.
DR. FAUSTINO TEICEIRA (UFJF)

19H: LANÇAMENTOS DE LIVROS
LOCAL: CARIRI GARDEN SHOPPING
20 DE NOVEMBRO – QUINTA- FEIRA

EIXO III – A BEATA MARIA DE ARAÚJO
Compreender a relevância dessa figura na história, desvelar as novas interpretações acerca do milagre, do martírio e de seu papel politico na formação do movimento sócio-religosa de Juazeiro do Norte.

6H: MISSA – PE CÍCERO

8H30: Conferência
DR. FRANCISCO RÉGIS LOPES RAMOS (UFC)
Mediador: DR. DARLAN DE OLIVEIRA REIS JUNIOR (URCA)

10H30: Mesas Redondas
MESA REDONDA 1. A BEATA MARIA DE ARAÚJO E A REPRESENTAÇÃO DO MILAGRE DA HÓSTIA NA IMPRENSA BRASILEIRA.
DRA. MARIA DO CARMO PAGAN FORTI
MS. MARIA DE FÁTIMA MORAIS PINHO (URCA)
DR. ANTÔNIO RENATO CASIMIRO (FJN)
Mediador: MS. JOSÉ CARLOS DOS SANTOS (URCA/IFCE)

14H: Conferência
DR. JOSÉ GONÇALVES GAMA (UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA)

15H: VISITA GUIADA AO GEOSÍTIO COLINA DO HORTO

19H00: SESSÃO DE HOMENAGENS
LOCAL: CARIRI GARDEN SHOPPING

21 DE NOVEMBRO – SEXTA FEIRA
EIXO IV – PADRE CÍCERO E O CARIRI
Analisar as tessituras da relação do Padre Cícero com a região do Vale de Cariri no espaço e no tempo, bem como sua manifestação através de diversas linguagens artísticas e culturais. E explicitação de suas repercussões no cenário local, regional e global.

8H30: Conferências
ROTEIRO DE FÉ COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL GLOBAL
MS. JOSÉ PATRICIO MELO (URCA)

MURILO CUNHA (IPHAN)
POLÍTICAS PÚBLICAS DE PROTEÇÃO AO PATRIMÔNIO IMATERIAL

10H30: Mesas Redondas
MESA REDONDA 1. O PE. CÍCERO E O CONTEXTO SÓCIO ESPACIAL DO CARIRI
DR. JOSÉ BORZACCHIELLO DA SILVA (UFC)
DR. CHRISTIAN DENNYS MONTEIRO DE OLIVEIRA (UFC)
DRA. CECÍLIA ESMERALDO (UFCG/CAJAZEIRAS)
Mediadora: DRA. FIRMIANA SANTOS FONSECA SIEBRA (URCA)

MESA REDONDA 2- RELIGIOSIDADE E PATRIMÔNIO CULTURAL NO CARIRI
DR. JOSIER FERREIRA DA SILVA (URCA)

MURILO CUNHA (IPHAN-CE)
Mediador: DR. PAULO SÉRGIO SILVINO DO NASCIMENTO (IFCE)

MESA REDONDA 3. RELIGIÃO, TURISMO RELIGIOSO E A DEVOÇÃO AO PADRE CÍCERO EM JUAZEIRO DO NORTE.
DR. CARLOS FREDERICO BARBOSA DE SOUZA (ANIMA/PUC MINAS)
MS. CAMILO DE LELIS DE OLIVEIRA SANTOS RIBEIRO
DR. JOSIMAR DA SILVA AZEVEDO (SETOR DE CULTURA DA CNBB)
Mediador: DR. AURINO JOSÉ GÓIS (NEPAC/PUC MINAS)

14H: ENCERRAMENTO

SÍNTESES
PROFA. DRA. LUITGARDE DE OLIVEIRA CAVALTI BARROS (UERJ)
PROFA. DR. JOSÉ GONÇALVES GAMA
PROF. DR. MARIA DO CARMO PAGAN FORTI
IR. ANNETTE DUMOULIN
DONA ROSINHA DO HORTO
Mediadora: MS. MARIA DE FÁTIMA MORAIS PINHO (URCA)

16H30- CAMINHADA CULTURAL

SUMÁRIO

Pág.

APRESENTAÇÃO 11
RESUMOS 13
Gt 1: Memória e patrimônio: a salvaguarda do patrimônio cultural associado à memória 14
Gt 2: História e sentimento religioso: trajetórias, discursos e narrativas de devoção 17
Gt 3: O Padre Cícero e a produção do espaço urbano e regional 25
Gt 4: Representações do padre cícero e do cariri nas linguagens artísticas/expressões culturais 33
Gt 5: Imagens e narrativas na elaboração simbólica do Cariri 44
Gt 6: Experiências educacionais 49
Gt 7: Identidades étnicas e culturais: experiências antigas, apropriações contemporaneidade 54
Gt 8: Mundos do trabalho nos sertões: experiências, conflitos e resistências 58
TRABALHOS COMPLETOS 63
AS MUITAS ARTES DO CARIRI: RELAÇÕES ENTRE TURISMO, ROMARIA E PATRIMONIO CULTURAL NO SÉCULO XXI - *José Italo Bezerra Viana* 64
A COMUNIDADE DO CALDEIRÃO DA SANTA CRUZ E A (RE) SIGNIFICAÇÃO DA MEMÓRIA - *Marilyn Ferreira Machado; Antônia Lucivânia dos Santos* 88
"UM CÉU DE TODO MUNDO": A VISÃO DOS ROMEIROS NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE SAGRADA DE JUAZEIRO DO NORTE - *Mateus Pinheiro; Fatiana Carla Araujo* 107
O PODER DA NARRATIVA NA CONSTRUÇÃO DO MITO "PADIM CIÇO" - *Carlos Alberto Tolovi; Miguel Júnior Zacarias Lima* 118
O VÔMITO DAS ALMAS NA TRADIÇÃO ORAL - Cícero Joaquim dos Santos ... 130
A CONGREGAÇÃO DA MISSÃO E A REFORMA CLERICAL NO CEARÁ (1864-1875) - *Pryscylla Cordeiro* 146
O PADRE CÍCERO, AGENTE SIMBÓLICO DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE JUAZEIRO DO NORTE (1872 – 1934) - *Paulo Wendell Alves de Oliveira; Ana Paula Rodrigues da Costa* 163
NOS RASTROS DA JUVENTUDE: O PADRE CÍCERO E AS MEMÓRIAS SOCIAIS DO ESPAÇO URBANO DE JUAZEIRO DO NORTE - *Ricardo Cruz Macedo; Cícera Apoliana Feliciano Pereira* 187
PADRE CÍCERO, PADRE IBIAPINA E O DIA DE QUILOMBO, A FESTA DE REIS EM JUAZEIRO DO NORTE - *Felipe Teixeira Bueno Caixeta* 199
REPRESENTAÇÃO DA GÊNESE DO CARIRI: O RECADO ICÔNICO-SIMBÓLICO DE KARIMAI - *Marcos Aurélio Moreira Franco; Maria Eneida* 214

Feitosa; Rodrigo Vivas Andrade .....
REPRESENTAÇÕES DO PADRE CÍCERO NOS CÂNTICOS DE RENOVAÇÃO - *Ana Luzia Lucas de Almeira* 231
VIA SACRA NORDESTINA – REPRESENTAÇÕES DO SAGRADO NA XILOGRAVURA DE STÊNIO DINIZ - *Tereza Cândida Alves Diniz* 244
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, RELIGIOSAS E POLÍTICAS NA LITERATURA DE CORDEL DE JUAZEIRO DO NORTE - *Roberto da Silva* 265
O FIEL IMAGINÁRIO DA REPRESENTAÇÃO DO PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA NA CAPELA DA PEDRA REDONDA NA CIDADE DE FARIAS BRITO – CE - *João Eudes Pereira de Alcântara* 278
A RESSIGNIFICAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DO COMBATE À MISÉRIA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO POPULAR: DESCONSTRUIR A INDÚSTRIA DA SECA NA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO - *Anastácio Ferreira de Oliveira*. 290
A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA HISTÓRIA DO TEATRO JUAZEIRENSE: Algumas mulheres - *Hugo de Melo; Rodrigues;Célia de Jesus Silva Magalhães; João Dantas Filho; José Álbio de Moreira Sales* 312
A BIBLIOTECA DO PADRE CÍCERO: UM LOCAL DE PESQUISA SOBRE JUAZEIRO DO NORTE, CEARÁ - *Lindalva Lopes de Brito; Luiz Manoel Lopes*... 327
ENTRE O ALTAR E O LAR: OS PADRES CASADOS DO CEARÁ NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX - *Maria Arleilma Ferreira de Sousa* 347
NAS PAISAGENS CULTURAIS DOS SERTÕES: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DOS VAQUEIROS DO NORDESTE BRASILEIRO - *Ana Cristina de Sales* 363

APRESENTAÇÃO

Pe. Cícero E... Onde Está Ele?

Entre os dias 17 e 21 de Novembro de 2014, Juazeiro do Norte (CE) sediará o IV Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero, promovido pela Universidade Regional do Cariri - URCA. Em sintonia com os eventos precedentes, realizados nos anos de 1988, 1989 e 2004, a proposta deste Simpósio é contribuir para as reflexões acerca desse personagem – e de tudo que à sua volta se aglutina – que, ao longo da história, vem sendo alvo de contínuas apropriações: sociais, políticas, econômicas, intelectuais, religiosas e culturais.

"E... onde está ele?" será o eixo norteador das discussões, considerando a necessidade de pensar também em termos nacionais e globais, à luz da presença e das diversas interpretações do e sobre o Padre Cícero, e não apenas Juazeiro ou a Região do Cariri. Pretende-se ampliar os debates realizados pelos outros Simpósios.

Em 2014 serão comemorados os 100 anos da morte da Beata Maria de Araújo, os 80 anos da morte do Padre Cícero, assim como o centenário da Sedição de 1914, da instalação da cidade de Juazeiro do Norte e da criação da Diocese de Crato, fatos extremamente significativos que não se restringiram apenas a Juazeiro do Norte, pois terminaram por constituir a localidade como polo de irradiação e de atração cultural, social e religiosa, bem como polo de desenvolvimento nos sertões nordestinos.

Esses fatos também construíram o Padre Cícero que se projetou e foi projetado como personagem para uns, ícone para outros, sendo assimilado por diferentes grupos de atores sociais e analisado sob diferentes prismas disciplinares.

A temática do evento será contemplada através de quatro eixos:

1 - O contexto histórico, que visará rever a história a partir de novos documentos sobre a questão religiosa de Juazeiro e explicitar suas repercussões no cenário local, regional e global;

2 - Os personagens, cujo objetivo é apreender a presença dos/as beatos/as, romeiros/as, da população do Juazeiro e do Cariri e demais sujeitos sociais - também de outras regiões do país - e como se articulam na dimensão maior do fenômeno Padre Cícero;

3 - Padre Cícero e o Cariri, que pretende analisar as tessituras da relação do Padre Cícero com a região do Vale do Cariri no espaço e no tempo, bem como sua manifestação através de diversas linguagens artísticas e culturais;

4 - Beata Maria de Araújo, que objetiva compreender a relevância dessa figura na história, a desvelar as novas interpretações acerca do milagre, do martírio e de seu papel político na formação do movimento sociorreligioso de Juazeiro do Norte.

As discussões têm por finalidade analisar e compreender "onde está" o Padre Cícero e "onde estão" os sujeitos sociais – beatos/as, romeiros/as, cantadores, poetas, etc – nos mais diversos lugares: geográficos, religiosos, educacionais, econômicos, históricos, políticos e culturais, no âmbito local, regional, nacional e global.

O evento constará de conferências, mesas redondas, grupos de trabalhos, lançamento de livros, apresentações artístico-culturais, oficinas e visitas guiadas. A Universidade Regional do Cariri - URCA, através da comissão encarregada de organizar este IV Simpósio sobre o Padre Cícero – E... onde está ele? Convida e saúda antecipadamente todos os participantes, no ensejo de que as reflexões e debates possam contribuir para a construção de um olhar ainda mais plural e denso sobre o Padre Cícero e a realidade em que todos estamos inseridos.

O evento constará de conferências, mesas redondas, grupos de trabalhos, lançamento de livros, apresentações artístico-culturais, oficinas e visitas guiadas. A Universidade Regional do Cariri - URCA, através da comissão encarregada de organizar este IV Simpósio sobre o Padre Cícero – E... onde está ele? Convida e saúda antecipadamente todos os participantes, no ensejo de que as reflexões e debates possam contribuir para a construção de um olhar ainda mais plural e denso sobre o Padre Cícero e a realidade em que todos estamos inseridos.

Antônia Otonite Cortez de Oliveira

Reitora da URCA

José Patrício Pereira de Melo

Vice Reitor da URCA

Sandra Nancy Ramos Freire Bezerra

Pró-Reitora de Extensão

RESUMOS

GT 1: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL ASSOCIADO À MEMÓRIA

Coordenadores:
Ítala Byanca Morais da Silva [1]
Lúcia Helena de Brito[2]
Francisco Francijési Firmino[3]
Ivaneide Ulisses [4]
Rosalete Lima [5]

O IV Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero representa uma oportunidade para refletirmos sobre as práticas culturais de religiosidade popular, os lugares de memória, os processos de salvaguarda e tombamento, como mediações para preservação das manifestações culturais em torno do Padre Cícero, as quais buscam afirmar-se como patrimônio cultural. Nesses termos, em 1998, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) recebeu a primeira solicitação de preservação referente à memória do Padre Cícero. Tratou-se do pedido de tombamento da Casa-Museu, localizada à Rua São José. Desde então, foram apresentados ao Iphan inúmeros pedidos de tombamento, como da Estátua do Padre Cícero, da Colina do Horto, da Casa dos Milagres, das Ruínas das Trincheiras da "Guerra de 14", além da solicitação de tombamento de um conjunto de residências no Centro de Juazeiro do Norte supostamente remanescentes da cidade construída e vivenciada pelo clérigo. O que legitimaria tais demandas? Esta indagação aponta para questionamentos no campo do patrimônio cultural, relativos à mudança de paradigma nas práticas de preservação, que consideramos pertinente refletir. O cerne desta questão foi o deslocamento da primazia de quem define o que é o patrimônio cultural, que transferiu essa competência dos técnicos dos órgãos de preservação, para a sociedade. A premissa fundamental do deslocamento dos sujeitos sociais no que tange ao papel de atribuir o sentido de patrimônio às práticas culturais encontra-se na concepção antropológica de cultura (Laraia, 2009, Geertz, 1989). Daí a importância dos aspectos simbólicos, rompendo em definitivo com a visão ontológica do patrimônio cultural (Menezes, 2012). Tal perspectiva se consolida no âmbito institucional por meio da criação de um novo instrumento de reconhecimento - o "Registro", e do conceito de "Referência Cultural" (INRC, 2000). Em consonância com essa orientação, o presente GT.

[1] Mestre em História Social pelo PPGHIS/UFRJ, Técnica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), participação financiada pelo Iphan, e-mail: itala.silva@iphan.gov.br.
[2] Mestre em História Social Pela UFC, Docente da Universidade Estadual do Ceará-FAFIDAM.
[3] Mestre em História Social Pela UFC, Docente da Universidade Estadual do Ceará-FAFIDAM.
[4] Mestre em História Social Pela UFPE, Docente da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte.
[5] Mestre em Sociologia pela UFC, Consultora da Unesco com atuação na Superintendência do Iphan no Ceará, participação financiada pela Unesco, e-mail: maria.pontes@iphan.gov.br. (Grupo de Trabalho) tem como primeiro objetivo apresenta resultados oriundos da pesquisa desenvolvida durante a realização do Projeto: "Levantamento Preliminar e Identificação do Inventário Nacional de Referências Culturais dos espaços de romaria em Juazeiro do Norte, CE. Assim, são componentes dessa proposta de GT parte da equipe que esteve presente no processo do Inventário supracitado. Também nos interessa acolher pesquisas que discutam o valor patrimonial de práticas e bens culturais associados à memória do Padre Cícero, territorializados ou não na cidade de Juazeiro do Norte

AS MUITAS ARTES DO CARIRI: RELAÇÕES ENTRE TURISMO, ROMARIA E PATRIMÔNIO CULTURAL NO SÉCULO XXI

José Ítalo Bezerra Viana[6]

Os processos de constituição e preservação do patrimônio cultural na região do Cariri compõem o objeto de estudo desta pesquisa, que analisa discursos e ações de salvaguarda e/ou preservação dos diversos saberes, fazeres, objetos e modos de vida constituídos em torno da memória do Padre Cícero. Para tanto, o trabalho busca estabelecer um sentido ao conjunto de narrativas dispersas em jornais, revistas, livros de história, folders de divulgação, guias turísticos, relatórios de trabalho, leis, decretos, memorandos, ofícios e etc. Um dos objetivos do presente estudo é realizar um mapeamento das políticas públicas em torno do patrimônio cultural e a sua relação com as políticas de turismo, alimentadas pelas romarias de Juazeiro do Norte, com vistas a reflexão sobre os modos pelos quais o turismo serviu como mediador que recorreu aos ideais do típico e do autêntico como elenco de ofertas diferenciadas do Cariri. Busca-se ainda avaliar o que tem sido definido como patrimônio cultural na região; quais são as marcas patrimoniais que se pretende fixar nesta espacialidade; quem são os principais interlocutores entre as demandas locais e as ações estaduais ou nacionais e a partir de que noção de patrimônio e turismo estes agentes definem suas propostas.

Palavras-chave: Turismo. Romaria. Patrimônio Cultural.

A COMUNIDADE DO CALDEIRÃO DA SANTA CRUZ E A (RE) SIGNIFICAÇÃO DA MEMÓRIA

Marilyn Ferreira Machado[7]
Antônia Lucivânia dos Santos[8]

O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto localiza-se a 33 km da sede do munícipio de Crato-CE. Do seu solo brotaram diversos frutos: fartura, chacina, religiosidade popular, cobiça, igualdade, trabalho e o socialismo messiânico. A comunidade perdurou durante dez anos, de 1926 a 1936. Foi liderada pelo beato José Lourenço. O mesmo conquistou a confiança do Padre Cícero e foi encarregado de liderar essa comunidade, para onde se encaminhariam os flagelados da região. Este artigo parte de implicações do tempo presente e tem por objetivo

[6] italobezerra776@hotmail.com
[7] marilyn-ferreira@hotmail.com
[8] luciteixeira@hotmail.com

traçar as ações pretendidas pela gestão municipal como também pela população de forma geral em busca da valorização do valor simbólico da referida Comunidade. Utilizamos a categoria de memória, com a perspectiva da história social, vendo como relevante para reconstituir o espaço do Caldeirão. Contatamos que, anualmente, são realizadas romarias. As mesmas contam com a participação de muitos fieis. O movimento é organizado pela diocese de Crato, contando com o apoio da secretária de cultura. Atualmente poucas pesquisas retratam este novo cenário de (re) significação da memória local, religiosa e cultural do Caldeirão, logo pretendemos contribuir cientificamente para a mudança desse panorama investigativo.

Palavras-chave: Caldeirão. Memória. Diocese.

EX-VOTO COMO MEIO SIMBÓLICO DE COMUNICAÇÃO ENTRE O ROMEIRO E O PE. CÍCERO (2009-2013)

Cícera Águida Barbosa Marcelino[9]
Maria De Fátima Morais Pinho

O trabalho ora apresentado pretende analisar as formas de representação simbólicas presentes nos ex-votos deixados pelos romeiros do pe. Cícero no museu vivo situado na Colina do Horto, antiga casa de repouso do referido padre. O ex-voto é todo objeto que é dado como paga de uma promessa ou mesmo para pedi-la, antes mesmo de o devoto se considerar agraciado. O trabalho apresenta algumas linhas definidoras e de conceito de museu e de ex-voto analisando a prática no Brasil e as características da mesma em cada região. A cidade de Juazeiro do Norte recebe anualmente milhares de devotos que deixam seus ex-votos, expressando, através deles uma relação afetiva e devocional com seu santo predileto. É, nossa intenção, estudar este vincula que faz com que o romeiro materialize seus pedidos e graças alcançadas. Neste sentido, faremos levantamentos acerca das formas de representações dos ex–votos, fazendo um estudo sob as manifestações simbólicas dentro do museu vivo, O qual guarda uma grande quantidade de ex–voto, que abarca o período de 2009 a 2013, recorte este, que segundo padre José Venturelli de “crescente divulgação de cartas e bilhetes”. Quanto ao caráter das fontes para este trabalho é feito, preliminarmente, a análise a partir de nove bilhetes, dos quais dois serão apresentados. Para dar contar de compreendermos esta prática devocional usaremos teóricos da área de antropologia, sociologia e história, tais como:, Clifford Geertz, José Cláudio Alves Oliveira, Luitgarde Barros, João Soares de Oliveira.

Palavras-chave: Ex-Voto. Museu. Devoção Popular.

[9] aguidamarcelino123@hotmail.com

GT 2: HISTÓRIA E SENTIMENTO RELIGIOSO: TRAJETÓRIAS, DISCURSOS E NARRATIVAS DE DEVOÇÃO.

Coordenadores:
Edianne dos Santos Nobre (URCA)
Moreno Laborda Pacheco (UFBA)

O Grupo de trabalho propõe construir um espaço de reflexão e discussão de pesquisas sobre religiosidades, em especial aquelas preocupadas com práticas devocionais e narrativas de santidade. A intenção é a de estimular um debate transdisciplinar no campo da História, articulando áreas como teologia, sociologia, antropologia, ciências da religião, psicologia e filosofia que dialoguem com a temática. O Grupo tem como objetivo pensar acerca de modelos institucionais e leigos de religião e de práticas devocionais detectáveis no mundo luso-brasileiro, confrontando abordagens desde seus contextos locais ou inserindo-os em perspectivas mais abrangentes.

SERRA DO CATOLÉ - UM PEDACINHO DO CÉU DEIXADO PELO "PADIM" EM JUAZEIRO DO NORTE-CE PE. CICERO E O CARIRI

Cristiane Alves de Oliveira[10]

O Horto, antiga Serra do Catolé, em Juazeiro do Norte, tornou-se para os romeiros que buscam renovação de fé e encontro com o sagrado, um dos pontos de maior concentração de simbolismo religioso e hierofânico da cidade. A integração da ação humana com a natureza nessa localidade tem como ponto de partida a promessa feita pelo Padre Cícero Romão Batista de construir uma igreja em homenagem ao Sagrado Coração de Jesus, ato esse realizado por meio de um pedido a Deus para amenizar a seca que castigava a região desde 1887. Seguindo ritualizações praticadas pelo padre desde o inicio do século XX, a colina do Horto começa a ser frequentada, tendo sua natureza transformada pelo imaginário popular, tornando-se o Monte das Oliveiras do Nordeste brasileiro. Milhares de romeiros todos os anos, sobem a ladeira principal do bairro em obediência aos ensinamentos do padre que orientava seu povo com relação ao sacrifício da subida pelos peregrinos, integrando a esse ato, novos simbolismos religiosos por meio da segregação de ritos envolvendo as rochas sedimentares do local. Mesmo com todas as inovações ocorridos desde a morte do padre Cícero, o Horto na atualidade ainda representa um local de expressão religiosa onde o mundo visível e invisível caminhos juntos, onde os romeiros criaram memórias a partir de sua expressiva relação com a religião e o meio ambiente.

Palavras-chave: Hierofania. Religiosidade Popular. Paisagem cultural.

[10] cristianeaos@hotmail.com

ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: MARIA DE ARAÚJO E A CONSTRUÇÃO DE UM MILAGRE

Mateus Pinheiro[11]
Fatiana Carla Araújo

O presente trabalho aborda as questões acerca do papel da Beata Maria de Araújo. Pretendemos analisar qual o papel que a Beata tem na historiografia de Juazeiro do Norte. Dentro de uma trama ou folhetim existem os personagens principais, coadjuvantes e figurantes. Nessa história não ocorreria de forma diferente. Peter Berguer (1986) analisa a sociedade a partir de uma teia de relações, onde cada papel é determinado pela sociedade. Nessa trama o papel que coube aos moradores de Juazeiro do Norte segundo Cortez, (2000, p.16). "foram de homens e mulheres, incultos e bárbaros" para os romeiros e de embusteira para a Beata. A partir do estudo de gênero proposto por Del Priore (2009). Encontramos subsídios para entendermos o porquê do esquecimento imposto pela Igreja em relação à Maria de Araújo. Para à Diocese, á Beata representava um perigo. Por ser mulher, negra de origem humilde, analfabeta, pobre (Braga, 2008). Sobre ela, pairava os estigmas de tudo aquilo que para a Igreja deveria ser combatido. Assim, foram instaurados dois processos eclesiásticos nos quais consideraram o "suposto milagre" um embuste como resultado, padre Cícero tem suas ordens sacerdotais suspensas e a reclusão eterna para a beata Maria de Araújo. Ao longo do tempo, a cidade de Juazeiro do Norte vem sendo alvo de estudo dos mais diferentes áreas – antropologia, sociologia, história e psicologia- Nesse cenário, a principal obra acadêmica sobre a beata é o trabalho de Maria do Carmo Pagan Forti (2000). Maria de Araújo do Juazeiro, a beata do Milagre. Mais existe muitas perguntas a serem feitas. A cem anos do seu falecimento nos perguntamos, e onde está ela? Onde a beata Maria de Araújo está inserida na historiografia da cidade de Juazeiro do Norte?

Palavras- Chave: Maria de Araújo. Memória e esquecimento.

O PODER DA NARRATIVA NA CONSTRUÇÃO DO MITO "PADIM CIÇO"

Carlos Alberto Tolovi[12]
Miguel Júnior Zacarias Lima[13]

A questão colocada neste trabalho consiste na busca pela compreensão do dinamismo da religiosidade popular, capaz de "construir" um mito a partir de narrativas. No caso de Padre

[11] dpinheirotorres@bol.com.br
[12] ctolovi@yahoo.com.br.

Cícero, este processo de mitificação se confunde com o mesmo processo de santificação. E com uma característica bem específica: marcando a autonomia e o protagonismo dos "leigos", em relação a Igreja hierárquica, toda estruturada na pirâmide da autoridade clerical. Este contexto revela o poder da narrativa que explica, justifica, ordena e oferece sentido. Nosso objetivo é compreender esta estrutura na perspectiva da antropologia e da Ciência da Religião. De um lado observando o contexto histórico onde estão situados os personagens. De outro, analisando o conjunto de símbolos e signos presente na cultura do sertanejo nordestino, em luta pela sobrevivência. Nesta perspectiva, as narrativas apontam para uma esperança: "Jesus está se manifestando em Juazeiro através da boca de uma beata e das mãos de um santo padre". O "milagre da hóstia" foi a senha para as narrativas que apontavam na "direção" de uma esperança: Juazeiro seria a "Nova Jerusalém". Neste contexto entendemos que Padre Cícero possa a ser compreendido a partir de uma construção mítica que extrapola os limites do humano por meio de narrativas extra-ordinárias. Muito do que os romeiros e romeiras conheceram e conhecem sobre ele não se deu por meio de livros ou pesquisas científicas, mas através de narrativas mitificantes, de eventos e acontecimentos "fora do comum". E nós pretendemos explicitar a força deste conjunto de narrativas na construção de um mito, situado no "universo" da experiência religiosa, no campo da religiosidade popular.

Palavras-chave: Religiosidade. Padre Cícero. Narrativa. Símbolo. Mito.

"UM CÉU DE TODO MUNDO": A VISÃO DOS ROMEIROS NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE SAGRADA DE JUAZEIRO DO NORTE.

Mateus Pinheiro [14]
Fatiana Carla Araujo

O presente trabalho apresenta um balanço da produção historiográfica sobre a Cidade de Juazeiro do Norte (CE). Considerada sagrada pelos Romeiros que a construíram como "A Terra da Mãe de Deus". A partir das práticas romeiras como "fé, devoção, pedidos de curas e graças", buscamos compreender qual o papel dos romeiros na construção da sacralidade local. Segundo Berguer (1986) vivemos em uma sociedade forjada a partir da "Teoria do Papel" onde cada um de nós exercermos um papel determinado. Nesse caso, a Igreja Católica exerceu um papel determinante nessa construção. Estudos sobre essa temática vêm sendo realizados desde o início dos supostos "Milagre de 1889". Todavia, existem lacunas a serem preenchidas a partir da realização de novos estudos. Seguindo as orientações de Del Priore (2009), passamos a decodificar alguns aspectos definidos por Cunha Jr (2006) como "temas recorrentes". Buscamos compreender, a partir da "leitura das entrelinhas" aquilo que Michel

[14] dpinheirotorres@bol.com.br

de Certeau (2002) definiu como os "não ditos", nesse caso, ler as entrelinhas tornou-se fundamental para descobrimos temas ainda não estudados sobre essa história. Nessa nova interpretação, consideramos os romeiros personagens principais dessa trama, relegados a segundo plano pela historiografia oficial. Problematizar para obter resultados, procurar nas entrelinhas dos "Ditos", algumas histórias que não foram mencionadas pela historiografia, fazer novas indagações sobre os "Fatos Extraordinários" de uma cidade considerada "Sagrada" pelos seus romeiros. Torna-se fundamental para a compreensão dessa história, e entendermos a dinâmica das romarias na atualidade.

Palavras- Chave: Romeiros. Memória. Religiosidades.

BEATA MARIA DE ARAÚJO E... ONDE ESTÁ ELA?

José André de Andrade[15]

A Beata Maria de Araújo como personagem protagonista do milagre da hóstia, ocorrido em 1889 e que desencadeou uma complexidade de acontecimentos religiosos, sociais, políticos, econômicos e principalmente um conjunto de fatores, que fez com que seu nome fosse silenciado da história. O milagre que foi refutado pelas autoridades da igreja católica no período em que acontecia a romanização. Procuramos através deste trabalho refletir sobre as recentes pesquisas sobre a Beata Maria de Araújo e o seu lugar na história, investigando os elementos que forçosamente silenciaram o nome da beata. Onde está ela na contemporaneidade? Através de estudos bibliográficos, análises de movimentos sociais e artísticos em memória da Beata Maria de Araújo e das mentalidades do catolicismo popular, com uma abordagem da micro-história para esta pesquisa, chegamos a entender que a Beata Maria de Araújo foi silenciada por um conjunto de ações históricas que culturalmente foi sendo concretizadas nas dinâmicas omissas da escrita oficial da história e no silêncio resignado dos romeiros que seguiram ao longo do tempo a obediência ao Padre Cícero em não falar do milagre e consequentemente negar a Beata Maria de Araújo. Concluímos que a Beata Maria de Araújo esteve por muito tempo no silêncio da história, um silêncio forjado e que somente nos últimos tempos vem sendo objeto de interesse de estudiosos que buscam compreender o fenômeno Maria de Araújo como uma mulher do seu tempo.

Palavras-chave: Maria de Araújo. Religiosidade Popular. História Das Mulheres.

[15] joseandredeandrade@gmail.com

FAMA DE SANTIDADE E ASCETISMO: NOTAS SOBRE A TRAJETÓRIA DO FR. ESTÊVÃO DA PURIFICAÇÃO (1571-1617).

Leonardo Coutinho de Carvalho Rangel[16]

Fr. Luiz da Apresentação, autor da Vida e Morte do padre Fr. Estêvão da Purificação, publicada em 1621, defendia que as práticas de penitência eram a "arte para acertar o caminho da salvação" e por isso "as pessoas que não tem os tais exercicios, quando se salvam é por acaso, porém os que os usam, salvam-se por arte". Esta afirmação denota importância do ascetismo para cristandade dos séculos XVI e XVII. Fr. Estêvão, o "santinho do Carmo", foi um dos poucos dignos de morrer com "fama de santidade" e, mais ainda, ser reconhecido como um santo em vida. Porém, não fosse um "chamamento" especial para uma vida de maior austeridade, possivelmente este religioso passaria despercebido. Nesta comunicação, analisarei a trajetória de Fr. Estêvão da Purificação e os elementos que compunham os modelos de santidade no Portugal pós-tridentino, ressaltando o papel das práticas ascéticas.

Palavras-chave: Práticas de penitência. Salvação. Modelo de santidade.

A ESCRITA SOB CONTROLE: MEMÓRIA CONVENTUAL FEMININA E VIGILÂNCIA DA ORTODOXIA NO PORTUGAL DO SÉCULO XVII.

Moreno Laborda Pacheco[17]

Esta comunicação investiga registros de tipo memorialístico produzidos em conventos portugueses do século XVII, dando especial atenção às imagens construídas sobre as vidas de suas religiosas e as "maravilhas" operadas tanto por intermédio das mesmas quanto das relíquias que faziam parte dos acervos conventuais. Interessa por meio do cotejamento de diferentes versões de alguns desses textos, perceber as relações entre o que suas autoras selecionaram e registraram e as sugestões de modificação feitas por seus superiores. Emergem da análise elementos que ajudam a lançar luz sobre os modos como a propagação de sentimentos de religiosidade local - em particular os que envolviam atribuições extraoficiais de milagres ou santidade - foi controlada num contexto imediatamente posterior às reformas empreendidas pelo papa Urbano VIII (1625, 1634) na legislação sobre o assunto, até então orientada principalmente pelas disposições tridentinas.

Palavras-chave: Escrita Conventual. Santidade. Censura.

[16] leocoutinho1987@gmail.com
[17] morenopacheco@gmail.com

A CONGREGAÇÃO DA MISSÃO E A REFORMA CLERICAL NO CEARÁ (1864-1875)

Pryscylla Cordeiro Rodrigues Leite[18]
Edianne dos Santos Nobre

Este trabalho propõe um estudo sobre os padres lazaristas franceses no Ceará durante a Segunda metade do século XIX. Esses padres, pertencentes à Congregação da Missão, fundada por São Vicente de Paulo (1581-1660), tiveram uma participação decisiva para a Reforma ultramontana no Brasil oitocentista. Sua tarefa era dirigir os Seminários diocesanos, reformando o clero nos âmbitos morais e doutrinais, segundo os desígnios tridentinos reafirmados no Concílio Vaticano I (1868-1870). Sua chegada ao Ceará em 1864, a pedido do bispo D. Luís Antônio dos Santos (1817-1891), foi providencial no sentido de reordenar o clero cearense "escasso e decaído", a partir do ensino religioso no Seminário Episcopal do Ceará. Pretendemos investigar, portanto, de que maneira o desempenho dessa ordem religiosa francesa no Ceará possibilitou uma renovação na cultura clerical da Província, durante os primeiros anos de reitorado do Pe. Pierre Auguste Chevalier (1831-1901). Utilizaremos o conceito de ultramontanismo, a fim de perceber como a reforma religiosa no Ceará se desenvolveu, considerando os elementos singulares presentes naquele espaço, confrontando uma historiografia que homogeneíza a análise desses processos.

Palavras-chave: Lazaristas. Ultramontanismo. Ceará.

ENTRE TIRADORES E REZADORES DE RENOVAÇÃO DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS: NARRATIVAS DE VIDA DE DEVOÇÃO.

Romaro Rodrigues Anunciado (URCA)[19]
Maria de Fátima Morais Pinho

Este trabalho pretende problematizar as histórias de vidas dos "tiradores e dos rezadores" de renovação do Sagrado Coração de Jesus, na cidade de Juazeiro do Norte, no Cariri cearense. De acordo com a tradição, em um dia do ano, escolhido pela família, é realizada uma cerimônia religiosa em que os católicos renovam a consagração dos votos ao sagrado coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria e a outros santos de devoção. Neste contexto, os tiradores e os rezadores de renovação, como socialmente são conhecidos, os homens e mulheres leigas, religiosas que atuam simbolicamente celebrando a renovação do Sagrado

[18] pryscyllacordeiro@hotmail.com
[19] romaro.rodrigues@yahoo.com

Coração de Jesus nas residências dos devotos desta religiosidade. Assim procuramos conhecer as histórias de vida destes religiosos a partir da experiência religiosa que recobre a vida deles. Além disso, as narrativas dos tiradores de renovação que nos fazem ponderar sobre os laços de solidariedade e amizade que são tecidos entre eles e os fiéis católicos que os convidam para realizam a celebração, visto que as renovações também são ocasiões onde sociabilidades são reforçadas e os elos de compadrio e respeito são de igual modo, reiterados. Desta maneira, eles tecem representações sociais singulares que estão inseridos em suas relações sociais, pois muitos consideram assumir uma missão religiosa. Para analisar as historias de vida dos entrevistados, na pesquisa utilizamos a metodologia da História oral de vida, modalidade de pesquisa que dá destaque à vida dos narradores, suas trajetórias e visões de mundo. De acordo com os entrevistados, a realização da Renovação do Sagrado Coração de Jesus foi trazida da Europa pelo Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) que pediu aos fieis que entronizassem a imagem do sagrado coração de Jesus e passassem a renovar os votos em seus lares, para demonstrar o arrependimento dos pecados, clamando pela misericórdia divina, elucidada a partir das orações, dos cânticos e benditos apresentados pelos tiradores e rezadores. Fazendo assim uma analise inserida no campo da História Cultural, a pesquisa dialoga com os conceitos representação e memória social.

Palavra Chave: Devoção. Representação. Memória. Sagrado Coração de Jesus. Tiradores.

O VÔMITO DAS ALMAS NA TRADIÇÃO ORAL

Cícero Joaquim dos Santos[20]

A presente pesquisa historiciza a tradição oral sobre as almas na região do Cariri cearense, no Nordeste do Brasil. Objetivando compreender as crenças religiosas sobre as almas mediante a análise das tradições orais dos sertanejos, a pesquisa problematiza os significados atribuídos às almas e seus percursos no Além, bem como suas manifestações no mundo dos vivos. Dialogando com as memórias e as sensibilidades dos narradores, o trabalho vem sendo desenvolvido a partir da metodologia da história oral, entrecruzando fontes orais, documentos oficias do Catolicismo e os registros dos folcloristas acerca da morte e dos mortos nas crenças e práticas religiosas. As narrativas de idosos católicos fazem referência ao vômito das almas das crianças que, tendo se alimentado do leite materno em vida, precisam vomitá-lo no Purgatório para, em seguida, voarem na direção do Paraíso celeste.

Palavras-chave: Almas. Anjos. Purgatório.

[20] cjoaquims@yahoo.com.br

PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA E O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE (CE)

Paulo Cesar de Lima Andrelino[21]

O Padre Cícero Romão Batista é um ícone da religiosidade católica e considerado por seus devotos um verdadeiro santo por conta do famoso milagre da hóstia transformada em sangue. O mesmo influenciou e aconselhou milhares de pessoas, entre elas, o beato José Lourenço. Este, veio da Paraíba e por influência do Padre fixou-se no cariri cearense formando e liderando uma das maiores organizações comunitárias no Ceará: a comunidade Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. Marcada por um histórico de luta, ajuda mútua, religiosidade e principalmente pela devoção ao Padre Cícero. Todas as atividades desenvolvidas na fazenda partiam de um cunho coletivo e sempre munido da religiosidade e da oração. A localidade foi erguida por meio da influência do Padre Cícero, uma vez que o mesmo cedeu as terras para a materialização dessa organização além de ter sido venerado pela população ali presente sendo considerado um exemplo para todos. Assim o Padre foi uma influência importantíssima para o surgimento desta organização coletiva que prosperou em meio a um cenário marcado pelo coronelismo e pela concentração de poderes nas mãos de poucos.

Palavras-chave: Padre Cícero. Influência. Caldeirão.

O PADRE CÍCERO E SUA INFLUÊNCIA NO ERGUIMENTO DA FAZENDA CALDEIRÃO

Adeliane Vieira de Oliveira[22]
Ana Roberta Duarte Piancó

O Padre Cícero Romão Batista é um ícone da religiosidade católica e considerado por seus devotos um verdadeiro santo por conta do famoso milagre da hóstia transformada em sangue. O mesmo influenciou e aconselhou milhares de pessoas, entre elas, o beato José Lourenço. Este veio da Paraíba e por influência do Padre fixou-se no cariri cearense formando e liderando uma das maiores organizações comunitárias no Ceará: a comunidade Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. Marcada por um histórico de luta, ajuda mútua, religiosidade e principalmente pela devoção ao Padre Cícero. Todas as atividades desenvolvidas na fazenda partiam de um cunho coletivo e sempre munido da religiosidade e da oração. A localidade foi

[21] pandrelino@hotmail.com
[22] adelianeoliveira19@gmail.com

erguida por meio da influência do Padre Cícero, uma vez que o mesmo cedeu as terras para a materialização dessa organização além de ter sido venerado pela população ali presente sendo considerado um exemplo para todos. Assim o Padre foi uma influência importantíssima para o surgimento desta organização coletiva que prosperou em meio a um cenário marcado pelo coronelismo e pela concentração de poderes nas mãos de poucos.

Palavras-chave: Padre Cícero. Influência. Caldeirão.

GT 3: O PADRE CÍCERO E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E REGIONAL

Coordenadores:
Ivan da Silva Queiroz (URCA) [23]
Cláudio Smalley Soares Pereira[24]

O Padre Cicero Romão Batista constitui-se no personagem principal dos eventos sociais, econômicos e políticos que tiveram lugar no Cariri cearense por pelo menos cinco décadas, entre o final do século XIX e meados do século XX, em especial no recorte territorial que hoje abriga a cidade de Juazeiro do Norte. Não sem razão, a vida e a memória desse emblemático personagem, além dos movimentos sociais, políticos e culturais que se remetem direta ou indiretamente a ele, nortearam a imensa maioria dos estudos e pesquisas produzidas até o momento. Por isso mesmo, em meio à farta literatura produzida sobre Juazeiro do Norte e sobre o sacerdote ao longo do século XX e nessas primeiras décadas do século atual, parece existir uma importante lacuna. Isto é, impõe-se ainda a tarefa de se investigar e debater a fundo os nexos entre o fenômeno Padre Cícero e a produção do espaço urbano e regional. Quais os reflexos dos eventos históricos e das ações do célebre padre e dos seus seguidores e/ou mesmo seus detratores na dinâmica urbana e regional de Juazeiro do Norte, do Cariri e alhures? Onde mais, além de Juazeiro do Norte e do Cariri cearense, é possível identificar a presença de registros da memória e da influência do Pe Cícero? No presente, qual a extensão da influência desse personagem na produção do espaço e do cotidiano local e regional? Nesse sentido, seguindo o mote central do evento – este por sua vez lastreado pela pergunta: "E... onde está ele?" –, a proposta do Grupo de Trabalho tematizando a relação entre O Padre Cícero e a produção do espaço urbano e regional, objetiva abrir um espaço de reflexão e debate para aqueles pesquisadores que, de alguma forma, se dedicam e/ou se interessam por este enfoque e as questões supracitadas. Ensejamos ainda a possibilidade de troca de experiências de pesquisa e conhecimentos os mais diversos acerca das dimensões espaciais do fenômeno Padre Cícero, seja em Juazeiro do Norte e no Cariri cearense, seja para além destes limites geográficos. Convidamos, então, aqueles pesquisadores, geógrafos e demais interessados ou comprometidos com a dimensão sócio-espacial dos fenômenos socioculturais, a contribuírem para o debate sobre a dimensão espacial do fenômeno Padre Cícero e dos

[23] isqz@hotmail.com
[24] clasmalley@hotmail.com

demais sujeitos tributários da expressão mítica e perene, no tempo e no espaço, desse personagem.

A ARTICULAÇÃO ENTRE PESSOAS, LUGARES E TEXTOS COMO ESTRATÉGIA ANALÍTICA E INTERPRETATIVA DOS FENÔMENOS RELIGIOSOS EM JUAZEIRO DO NORTE.

Maria Paula Jacinto Cordeiro [25]

A presente comunicação se apresenta como proposição teórica de articulação de aspectos que envolvem os fenômenos religiosos de Juazeiro do Norte a partir de ferramenta analítica proposta por Eade e Sallnow (2000) referente à possibilidade de exame das peregrinações cristãs e práticas de peregrinação por meio da combinação de dados sobre pessoas, textos e lugares. O estudo tem como objetivo evocar as multidimensões que se articulam na triangulação entre Padre Cícero, Juazeiro do Norte e Romarias. Trata-se de um estudo teórico-comparativo voltado para a identificação de aspectos que configuram macrorrelações explicativas de fenômenos sociais, tomando, como ponto de partida, inferências realizadas em estudos que caracterizam a cidade de antes e de hoje, os diversos agentes produtores de significado das romarias e as dimensões de percepção do Padre Cícero que o caracterizam como santo e como líder. Para produção de dados foram realizadas entrevistas aprofundadas com indivíduos de idades variadas participantes de três grupos distintos de romeiros. Os resultados apontam que os lugares ocupados pelo Padre Cícero são compreendidos de forma mais ampliada quando a complexidade das relações entre o Padre, a cidade e as representações que são construídas sobre as romarias são articulados entre si. Foi possível perceber que existe uma ligação forte e determinante de sentido para as romarias entre as idéias do Padre como santo intercessor, a cidade percebida no tempo passado e a romaria como prática devocional. Contudo, a cidade do presente parece se articular de forma distinta com as outras categorias investigadas. Da cidade desenvolvida emerge uma relação forte com o Padre como liderança humana, ou como um santo menos próximo, e com a romaria como um evento para se tirar o melhor proveito por meio de práticas diversificadas de uso do espaço de forma lúdica, com estiramento dos deslocamentos em direção a atrações não religiosas que caracterizam outras cidades da região e de retração do tempo devocional por concorrência com o tempo do proveito, caracterizado pela maximização e multiplicação das possibilidades de experiência de romaria.

Palavras-chave: Estratégia analítica. Padre Cícero. Juazeiro do Norte. Romarias.

APROPRIAÇÕES DOS CENÁRIOS DE ROMARIA PELA COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM EM JUAZEIRO DO NORTE - CE.

Amanda Priscila Souza Silva[26]

O presente estudo é resultado de reflexões desenvolvidas sobre as romarias em Juazeiro do Norte-CE. Nos caminhos percorridos pelos romeiros, as práticas são variadas, o que não exclui a dimensão profana do evento religioso. Ao contrário, as dimensões sagradas e lúdicas estão imbricadas, caminham paralelamente: há, com efeito, um diálogo entre tais dimensões. No entanto, isso não significa dizer que ocorre uma relação pacífica, mas sim que as disputas simbólicas acontecem a todo instante. No interior desta luta hierárquica, abordo as apropriações espaciais pela Comunidade Católica Shalom, que foi convidada há alguns anos pela Igreja Católica a participar dos eventos de romarias, como tentativa de aproximar os visitantes da cidade dos ensinamentos católicos do Padre Cícero. Considerando que se trata de uma Comunidade Nova, a música foi adotada pela Shalom como maneira de evangelização, sobretudo no espaço da Praça Padre Cícero, complexificando ainda mais o lócus, que edifica um panorama farto de tensões e disputas simbólicas, provocando notáveis maneiras de apropriação do cenário, o que acaba por dirigir questionamentos diante da mediação do espaço por meio da música que entrelaça o "sacro" e o "terreno". Assim, dialogo com autores – como Berger e Bourdieu – que desnudam as relações de poder do campo religioso e questionam a polarização estanque entre o sagrado e o profano.

Palavras-chave: Comunidade católica Shalom. Apropriação de cenário. Romaria. Ressignificação musical.

TURISMO RELIGIOSO E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE JUAZEIRO DO NORTE CEARÁ.

Francisca Vanessa Leite Saraiva[27]

Juazeiro do Norte e um município localizado ao sul do estado do Ceará, se caracterizando como a principal cidade dessa região por possuir maiores; população, densidade demográfica, PIB, sendo a cidade central da recente região metropolitana do cariri, influenciando e favorecendo no desenvolvimento das cidades circunvizinhas. A cidade de Juazeiro do Norte constitui-se como o

[26] amandiita.st@gmail.com
[27] vanessalsaraiva@gmail.com

principal centro comercial atacadista e varejista além de concentrar um significativo numera de artesãos e artistas plásticos. (SOUZA, 2005, p.28.) O cariri cearense é característico pela rica cultura popular e diversificada, usando sempre a religiosidade como objetivo central de vários ritos culturais como; romarias, festas e afins. A Região do Cariri cearense é considerada como uma das regiões mais expressivas no que se refere à cultura popular. A população nas formas de expressão existente na região coloca o Cariri como um grande celeiro cultural, representado pela linguagem poética da literatura e cordel, os cantadores e os violeiros, a musicalidade das bandas "cabaçais", o rico e diverso artesanato local, as tradições, as festas e os folguedos populares. (MENEZES,2005, p.357)A região caracteriza-se principalmente pela religiosidade no Padre Cícero, popularmente conhecido como "padim ciço", homem de grande valar político, pois foi o principal fundador da cidade de Juazeiro do Norte e grande empreendedor para essa atraindo para a localidade muitos empreendimentos. Atualmente percebe-se facilmente a presenças da influencia dele, pois a cada ano as romarias só vêm aumentando assim como a população da cidade. A religiosidade e forte e contínua, várias igrejas católicas usam a imagem do padre para atrair devotos, a imagem do Padre Cícero virou artigo comercial facilmente comercializado no centro da cidade nos seus mercados e lojinhas de artigo religioso principalmente em época de romarias. Quanto ao turismo, percebe-se que o Turismo Religioso é marcante e intenso, com as enumeras romarias ocorridas

Palavras-chave: Religião. Contribuição. Urbanização.

PADRE CÍCERO E SUA RELAÇÃO COM O TURISMO RELIGIOSO EM JUAZEIRO DO NORTE – CE.

Maria Leticia Soares Caldas[28]

O turismo religioso, que atualmente vem se configurando como um importante segmento do mercado econômico, gerando empregos, empreendimentos e lucros. Nesse processo turístico religioso, destaca-se o município de Juazeiro do Norte – CE, com uma forte religiosidade em torno da figura carismática de Padre Cícero, atraindo anualmente milhares de romeiros para a região. É inegável a importância que a figura do Padre Cicero exerce para essas transformações, principalmente, no desenvolvimento agroindustrial, comercial e turístico na região. Metodologia. A produção deste artigo foi precedida de pesquisas qualitativas e quantitativas, visita as romarias, entrevista aos romeiros seguido de observações de campo e levantamento bibliográfico. Resultado Impulsionada pelas romarias, que são constantes

[28] leti.geo@gmail.com

durante quase todo o ano, a economia local vem se fortalecendo em torno deste turismo religioso, que gera emprego, movimenta o comércio e em alguns casos com uma valorização de patrimônios culturais. É evidente que projetos industriais implantados na região do cariri, em especial na cidade de Juazeiro do Norte, onde teve um significativo crescimento em relação a sua economia, transformam a dinâmico sócio espacial desta região. Assim, com esse desenvolvimento, impactos sociais também podem ser verificados, onde estes espaços tornam mais competitivos e pouco acessíveis à população mais carente. O esforço de governos locais em qualificar, promover e atrair novos negócios para a região metropolitana do Cariri, atuando quase como um poder autônomo, é um processo perverso, uma vez que é desigual, não beneficia toda a população, pois podemos perceber claramente as divergências entre a infraestrutura dos bairros centrais, aqueles onde o fluxo de pessoas, de romeiros é maior, entre os bairros mais periféricos.

Palavras-chave: Turismo religioso. Juazeiro do norte. Padre Cicero.

SÍMBOLO, SIGNO E REPRESENTAÇÃO: A PRESENÇA DA IMAGEM DO PADRE CÍCERO NO COMÉRCIO EM JUAZEIRO DO NORTE.

Michael Medeiros Marques[29]

A pesquisa vem destacar o símbolo, signo e representação da presença da imagem do Padre Cícero no comércio em Juazeiro do Norte. Tendo como objetivo investigar alguns espaços comerciais no centro da cidade, em torno da presença da imagem do sacerdote. Nesse sentido o estudo presente utiliza como método de produção de dados entrevistas e questionários com os atores sociais no centro juazeirense. Buscar-se-á analisar o espaço social (centro da cidade) fundamentado nos conceitos do Bourdieu e Lefebvre, procurando entender o alcance do símbolo, do signo e da representação do sacerdote no âmbito da atividade comercial no espaço urbano. Trata-se de uma pesquisa em andamento, cujas conclusões parciais a partir das aproximações empíricas iniciadas revelam a ver uma tendência predominante na presença da imagem do Padre Cícero como símbolo depositório de fortuna, isto é, boa sorte, sucessos financeiros, bons negócios, mas também como signo de devoção.

Palavras-chave: Imagem. Símbolo. Comércio. Devoção. Signo. Espaço.

[29] michaelmarques.cs@hotmail.com

UMA (RE)LEITURA DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE JUAZEIRO DO NORTE E O PADRE CÍCERO ENQUANTO AGENTE SIMBÓLICO DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO

Paulo Wendell Alves de Oliveira[30]

A figura do Padre Cícero esta eminentemente ligada à cidade de Juazeiro do Norte, sendo que esta cidade apresenta-se como uma hierópolis, uma cidade santuário que atrai um grande número de visitantes, dentre estes, romeiros ou turistas religiosos que vem em busca de conhecer um pouco mais sobre a história do Padre Cícero e de Juazeiro do Norte e os fatos extraordinários que estão ligados a sua figura. Dentro desse contexto, o Padre Cícero não se apresenta somente no campo do fenômeno religioso, sua figura também esta ligada diretamente ao processo de produção do espaço urbano da cidade, constituindo-se como um agente simbólico singular da produção espacial de Juazeiro do Norte. Este trabalho visa dessa forma fazer uma discussão em torno da figura do Padre Cícero e sua ligação com o processo de produção espacial da cidade, contextualizando a atuação dentro de diferentes campos, seja no contexto religioso, político, econômico, tendo como base o carisma que o mesmo desenvolvia junto a peregrinos e indivíduos influentes que contribuiu decisivamente na consolidação do espaço urbano de Juazeiro do Norte, sendo que a figura do Padre Cícero permanece como tal até os dias atuais.

Palavras-chave: Padre Cícero. Agente simbólico. Espaço urbano. Produção espacial.

NOS RASTROS DA JUVENTUDE: O PADRE CÍCERO E AS MEMÓRIAS SOCIAIS DO ESPAÇO URBANO DE JUAZEIRO DO NORTE

Ricardo Cruz Macedo[31]

A compreensão social a partir das memórias é uma maneira de entender como, nos processos históricos e sociais, conteúdos culturais são presentificados. Neste trabalho, a premissa é que, para a juventude, os mecanismos aí presentes estejam resguardados através das relações mantidas com gerações mais experientes - heranças geracionais – e das próprias circulações dos sujeitos assim considerados - posição de geração. Aqui, temos como objetivo, alargar as formas de interpretação memorial de Juazeiro do Norte a partir do olhar juvenil tomando por base o ícone Padre Cícero como indispensável para a elaboração significativa deste lugar e dos seus desdobramentos. Os dados foram produzidos, sobretudo, através da aplicação de

[31] ricardocruzmacedo@gmail.com.

entrevistas em grupos de discussão, considerando quatro grupos de jovens entre 16 e 29 anos, residentes nos seguintes bairros: Frei Damião, Limoeiro, Salesiano e Santa Teresa, durante 2012 e 2013. Observamos que os discursos memoriais, quando centralizados sobre o Padre Cícero, se demonstram como campos de reverberações que expõem, além do tempo presente do jovem que fala, uma influente e distinta vinculação do ícone com os sujeitos e espaços da cidade.

Palavras-chave: Juventude. Memórias. Padre Cícero. Juazeiro do norte.

ESPECULAÇÃO ECONÔMICA DO ROTEIRO DA FÉ NA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE/CE.

Thamiris da Franca Leandro[32]
Cassia Valeria Holanda Celestino

O referido trabalho tem como objetivo analisar as romarias, vistas como atividades turísticas, bem como os agentes políticos, econômicos, sociais e religiosos que as impulsionam e as mantém enquanto representação do catolicismo popular. Dessa forma se faz uma breve análise referente aos potenciais turísticos, não só religiosos, da região do Cariri Cearense. Temos como ponto principal de atração para a cidade à religiosidade atribuída ao Padre Cicero Romão Batista, figura importantíssima para juazeiro, a partir de toda sua vida religiosa, política e social dando grande contribuição para a história no Cariri Cearense. Após o milagre acontecido em Juazeiro em meados da década de 80, quando a Beata Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo ao receber a hóstia das mãos do Padre Cícero ela transformou-se em sangue, o então milagre foi fator fundamental para as inúmeras romarias que chegavam à cidade, começando a ganhar maior visibilidade na cidade do dito "santo". Embora a igreja não tenha reconhecido esse fenômeno como milagre e as tenham proibido os devotos não desistiram, já que não tinham o apoio da igreja procuravam outros locais para suas práticas de devoção através da apropriação simbólicas de alguns espaços da cidade. As principais romarias de Juazeiro concentram-se principalmente nos meses de fevereiro à novembro, onde a cidade recebe milhares de romeiros e aumenta as suas práticas de comércio; tanto nos setores hoteleiros, alimentícios, como o próprio comércio de artesãos (através de imagens, estátuas, relíquias que lembrem o Padre Cícero e alumínio), além do aumento do comércio informal. Visto a grandiosidade de geração de emprego, renda e desenvolvimento que essas romarias trazem consigo, não só para a cidade de juazeiro do Norte, mas também para a região do Cariri de forma geral, o governo está desenvolvendo políticas públicas de apoio a esses romeiros, embora estejam sendo desenvolvidas tais políticas, a cidade ainda não

[32] tham-iris-2008@hotmail.com

tem condições de receber e atender adequadamente esse grande número de romeiros que chegam a Juazeiro a cada romaria.

Palavras-chave: Fé. Romarias. Economia. Turismo.

A IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DO TRABALHO INFORMAL DOS VENDEDORES AMBULANTES DO "HORTO DO PADRE CÍCERO" NOS ANOS DE 2001 Á 2012.

Raimundo Pereira Luna[33]
Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez

Diante das transformações de uma época de mudanças sociais, sendo anteriormente conhecido como "Serra do Catolé" hoje o "Horto de Padre Cícero" localizado no município de Juazeiro do Norte, teve influência em seu desenvolvimento do turismo religioso. Tornando-se, lugar onde a essência da crença de um povo que parte em "Romarias", fortalecendo o comércio dos vendedores ambulantes, que retira boa parte de sua renda através da venda de diversos produtos artesanais. Os motivos os quais levaram a realizar tal pesquisa consistem no desenvolvimento do comercio em volta do monumento de Padre Cícero, sendo o mesmo um dos responsáveis pelo desenvolvimento sócio econômico do Juazeiro. Entre os comerciantes informais percebe-se a continuidade desse tipo de comercio, estes são bem variados em relação às vendas, com artesanato, confecções, medicamentos naturais, imagens de santos e etc. Os objetivos desse projeto é demonstrar a importância do turismo religioso, para o desenvolvimento urbano e econômico do Horto de Padre Cícero, fomentando a importância da sustentabilidade econômica de inúmeras famílias, juntamente com a crença religiosa de milhares de turistas. A metodologia utilizada será desenvolvida através de métodos quantitativos, pois trabalha com recursos técnicos de coleta de dados ligados a opiniões pessoais e coletivas, assim como o estudo de arquivos fonográficos dos anos de 2001 á 2012, sendo elaborado um questionário direcionado aos comerciantes que residem e trabalham neste âmbito há muito tempo servindo de subsídio para elaboração do projeto. Os resultados preliminares mostram a relevância da atratividade cultural e religiosa do município de Juazeiro do Norte, segundo dados sua maior arrecadação nas três grandes romarias que são: Romaria de Finados, de Nossa Senhora das Dores a Romaria e a de Nossa Senhora das Candeias, reunindo milhares pessoas, sendo considerado um dos maiores centros de religiosidade do Brasil.

Palavras-chave: Religião. Turismo. Economia

[33] raimundoluna12@hotmail.com

GT 4: REPRESENTAÇÕES DO PADRE CÍCERO E DO CARIRI NAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS/EXPRESSÕES CULTURAIS

Coordenadoras:
Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro[34]
Francisca Pereira dos Santos[35]

De acordo com Michel Foucault (2000), o homem está fadado a significar. Para o filósofo, é impossível não entrar na ordem arriscada do discurso, compreendido este como prática social, como um "nó em uma rede", na relação intersticial entre memória e atualidade, que articula poderes, saberes e dizeres e onde os sujeitos sociais se constituem e são constituídos. Partindo de tais premissas, voltamos o nosso olhar para o fenômeno Padre Cícero, no intuito de verificar como esse sujeito múltiplo (taumaturgo, líder político, religioso, santo) foi sendo constituído em diversos lugares de fala: político, econômico, religioso, midiático. As mais diversas linguagens artísticas e expressões culturais também cumpriram/cumprem um papel na produção do sujeito Padre Cícero. Desta forma, afastando-nos de qualquer visão totalizante e homogeneizadora e apontando para além da indagação onde está ele?, a proposta deste Grupo de Trabalho é analisar os mecanismos de constituição de subjetividade do Padre Cícero, investigando não só onde está ele, mas como ele está representado, considerando as tessituras da figura do Padre Cícero com as diversas formas de representação do Cariri cearense, em diferentes espacialidades, temporalidades e materialidades semióticas. Comporão, portanto, este GT, trabalhos que tenham como corpus de análise as mais diversas linguagens artísticas/expressões culturais, considerando, ainda, as multimodalidades e os hibridismos das suas formas contemporâneas.

CALEIDOSCÓPIO DE UM SANTO POPULAR: O PADRE CÍCERO NOS CORDÉIS DE AUTORIA FEMININA

Vitória Gomes Almeida[36]

O Padre Cícero, figura mítica do sertão nordestino, conhecido como santo de devoção popular, líder político, personagem de polêmicas e debates, da Igreja Católica ao meio acadêmico, é objeto/sujeito de análise no presente trabalho a partir da autoria feminina no cordel. Com o objetivo de responder às questões de onde e como está representado, foi levantado um corpus de 17 folhetos, cujo título o Padre Cícero nomeia, identificados através do catálogo do acervo de cordéis de autoria feminina, do Laboratório de Ciência da Informação e Memória – LACIM da Universidade Federal do Cariri. Percebeu-se que nesses folhetos, Padre Cícero evoca não somente, sua face já consagrada de santo ou líder religioso,

[34] DISCULTI – Grupo de Estudos em Discurso, Cultura e Identidades - URCA. claudiarejannep@yahoo.com.br
[35] LATA – Laboratório de Troca de Afetos. Universidade Federal do Cariri – UFCA. teiadoato@gmail.com
[36] vitoriagomesalmeida@yahoo.com.br

mas é ligado através da poética das mulheres, a temas de cura por plantas medicinais e a profanações.

Palavras-chave: Cordel. Autoria feminina. Padre Cícero.

O PADRE CÍCERO REINVENTADO NO FOLHETO DOS "MAUDITOS".

Manoel Sebastião Alves Filho [37]
Joseph Bezerra do Nascimento

A Sociedade dos Cordelistas "Mauditos" foi um movimento de jovens cordelistas que surgiu nos anos 2000, na ocasião das (des)comemorações dos quinhentos anos do Brasil. Neste contexto, a poetisa Fanka Santos, uma das fundadoras da sociedade, escreveu um folheto de título "Padre Cícero e a Vampira". O Padre Cícero foi um influente eclesiástico da cidade do Crato, que acabou por criar a cidade de Juazeiro do Norte. Como homem da fé, cuidou do povo nordestino e reuniu sobre si um fenômeno de grandes proporções da religiosidade popular. Ainda em sua vida se criou o imaginário de um homem santo, sábio, dignificado e, sobretudo, idealizado, mas não são apenas os discursos de fé que rodeiam a imagem do padre. A historiografia construiu o homem político, ambientalista e intelectual. É no folheto da Fanka, porém, que podemos observar o padre humano, sujeito aos desejos carnais, cercado do "profano". Recheado de intertextualidades, o cordel remonta uma série de arquivos a serem resgatados. Através de teóricos da análise de discurso francesa, como Michel Foucault e Michel Pêcheux, o trabalho pretende resgatar estes discursos interditos, esta malha de multiplicidades, a fim de compreender a construção deste folheto de cordel.

Palavras-chave: Sociedade dos Cordelistas "Mauditos". Padre Cícero. Discursos interditos.

AS REPRESENTAÇÕES DO PADRE CÍCERO NA COMUNIDADE INDÍGENA KARIRI DO MONTE ALVERNE-CRATO – CE

Antônio Marcos Ramos de Oliveira

Esse trabalho tem por objetivo demonstrar as representações sobre o Padre Cícero na comunidade indígena Kariri de Monte Alverne, Crato/CE. Pesquisa qualitativa realizada a partir dos estudos da oralidade, tendo como enfoque depoimentos de testemunhas da referida comunidade, entre eles o chamado cacique "pau de ouro" e moradores. O padre Cícero aparece como símbolo de proteção, cuidado e respeito pelas comunidades caboclas remanescentes das culturas nativas em meio aos desafios do cotidiano e da historia da

[37] manoel.filho2@hotmail.com

exclusão e violência de um povo. A comunidade indígena do Monte Alverne tem o padre Cícero como ícone que orienta a conduta comunitária nos processos de tomada de posição bem como as práticas culturais, a exemplo da renovação, participação na romaria, entre outros.

Palavras chaves: Representações. Pe. Cicero. kariris.

DOS VALORES DO IMAGINÁRIO POPULAR NA CRÔNICA O PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA, DE RACHEL DE QUEIROZ.

Cícero Émerson do nascimento Cardoso

Este trabalho consiste numa leitura da crônica "O Padre Cícero Romão Batista", de Rachel de Queiroz. Marcante pela recorrente discussão sobre o Nordeste e seus valores socioculturais, observaremos a partir de que pressupostos esta autora nos apresenta a polêmica figura do Padre Cícero Romão Batista – líder religioso considerado santo pelo catolicismo popular. Para isto, recorreremos à noção de imaginário a partir do que é discutido por autores que discorrem sobre a História Cultural, e relacionaremos, problematizando, quando possível, essas concepções ao que Rachel de Queiroz propõe em sua crônica sobre este sacerdote que instiga polêmicas.

Palavras-chave: Catolicismo popular. Valores. Historia cultural.

ONDE ESTÁ O PADRE CÍCERO NO DISCURSO DAS CARTAS DEVOTIVAS DOS ROMEIROS?

Maria das Graças de Oliveira Costa Ribeiro
Luiz Assunção de Carvalho

Este estudo ocupa-se em analisar as representações dadas ao Padre Cícero através das cartas que os devotos enviam para esse patriarca, uma vez que, no exame de várias cartas, deparamo-nos com as diferentes formas e papéis desempenhados pelo referido sacerdote através do discurso dos devotos missivistas, pairando, então, a pergunta: que lugar ocupa mesmo o Padre Cícero no sistema hierárquico entre Deus e os santos na concepção romeira? Somado a esse questionamento, deparamo-nos com outro, ao detectarmos, também, nos envelopes dessas cartas, os diversos locais estabelecidos pelos devotos-escreventes para as referidas missivas. Desta feita, encontramos cartas no túmulo do padre Cícero na Igreja do

Socorro no centro de Juazeiro; numa cama exposta que pertencera ao referido padre no interior do Museu da Casa Padre Cícero. Por fim, as missivas são postas no espaço de entrega de ex-votos, localizado no Horto. E o que nos faz refletir sobre que ideia espacial e/ou física tem os devotos-escreventes no que se refere ao destino de suas missivas, ou seja: na visão do escrevente, a carta é endereçada para os céus, onde eles mesmos dizem que o "padrinho está bem juntinho de Deus" ou para o Juazeiro onde jaz o corpo do patriarca? Caso a carta seja endereçada para os céus, por que eles precisam estar pessoalmente em Juazeiro, e quando não estão, precisam enviar por outrem? Por que não escrevem do próprio lugar onde se encontram? Dessa forma, à luz das concepções de discurso de Bakhtin (2006) e da análise de devoção aos santos em Fernandes (1988), Vier (1980) e Peters (2008), faremos um breve e instigante percurso com fins de fundamentar a nossa investigação.

Palavras-chave: Cartas. Devotos do Padre Cícero. Envelopamentos.

PADRE CÍCERO, PADRE IBIAPINA E O DIA DE QUILOMBO, A FESTA DE REIS EM JUAZEIRO DO NORTE.

Felipe Teixeira Bueno Caixeta[38]

Iniciada em 2004 com a produção de um vídeo documentário junto com os mestres da cultura do Reisado de Juazeiro do Norte, a pesquisa buscou uma etnografia do Ciclo de Reis em Juazeiro, chamado pelos mais populares de "Quilombo". Procuramos entender o uso do termo Quilombo pelos mestres, verificamos como a tradição dos Quilombos se deslocou no território e se desenvolveu auspiciada pelo Padre Cícero, pensando o lugar, o sentido e a continuidade destas práticas nas dinâmicas socioculturais da contemporaneidade. Queremos discutir os deslocamentos dos refugiados que levaram a raiz do Quilombo para Juazeiro em busca de uma "Terra sem Males", no bojo de um projeto civilizatório de bases populares, horizontal, descentralizado e autônomo que em nossa hipótese ainda viceja no Sertão e que pode ser chamado de "Civilização de Beatos". A prática humanista do Padre Cícero, as narrativas dos fatos inexplicáveis que se repetiram com a beata Maria de Araújo, associados às condições ambientais privilegiadas da Chapada do Araripe para a agricultura e a pecuária motivaram o deslocamento de milhares de refugiados para resistir ao lado do padrinho; entre os adventícios figuravam mestres de raízes culturais diferentes que trocaram, criaram na repetição e convergiram na música, literatura de cordel, artesanato, no Reisado, na Banda Cabaçal, formando a festa dos Quilombos e outras cenas que dão ao Cariri um lugar no imaginário como caldeirão de culturas populares. No momento

[38] f.caixeta@gmail.com

desta pesquisa, Juazeiro conserva precariamente 26 grupos de reisados, todos em comunidades vilipendiadas nos direitos mais essenciais. Ao tempo em que imagens genéricas da tradição figuram em outdoors e o reisado é vendido para os desavisados como elemento valorizado da cultura local, como elemento de identidade regional, quando mestres e brincantes se organizam em torno de direitos, são ignorados ou tornam-se alvo de falas racistas e preconceituosas, são criminalizados pela mídia e o poder público, que não raramente os enunciam como abjetos, associando o reisado e o Quilombo a lugar de marginais, brutos, ladrões, bandidos, a uma gente incapaz de aprender e viver em civilização.

Palavras chaves: Quilombo – Diáspora – Padre Cícero – Racismo

O PADRE CÍCERO REINVENTADO NO FOLHETO "PADRE CÍCERO E A VAMPIRA", DE FANKA SANTOS.

Manoel Sebastião Alves Filho. [39]
Joseph Bezerra do Nascimento.[40]

A sociedade dos cordelistas "mauditos" foi um movimento de jovens poetas que surgiu nos anos 2000, na ocasião das (des)comemorações dos quinhentos anos do Brasil. Neste contexto, a poetisa Fanka Santos, uma das fundadoras da sociedade, escreveu um folheto de título "Padre Cícero e a Vampira". O Padre Cícero foi um influente eclesiástico da cidade do Crato, que incidiu decisivamente na construção das diversas faces da cidade de Juazeiro do Norte. Como homem da fé, cuidou do povo nordestino e reuniu sobre si um fenômeno de grandes proporções da religiosidade popular. Ainda em sua vida criou-se o imaginário de um homem santo, sábio, dignificado e, sobretudo, idealizado. Mas não são apenas os discursos de fé que discursivizaram o padre. A historiografia construiu o homem político, ambientalista e intelectual. É no folheto da Fanka Santos, porém, que podemos observar um Padre Cícero humano, sujeito aos desejos carnais, influenciado pelo "profano", no folheto em questão, uma figura feminina "maudita" para o discurso religioso: uma vampira. Recheado de interdiscursividades, o cordel remonta a uma série de arquivos a serem lidos. Através de teóricos da Análise do Discurso francesa, como Michel Foucault (2000) e Michel Pêcheux (1997), o trabalho pretende trazer estes "discursos outros" a fim de compreender o sujeito Padre Cícero nas suas multiplicidades.

Palavras-chaves: Discurso. Padre Cícero. Fanka Santos.

[39] manoel.filho2@hotmail.com
[40] josephbezerra1@gmail.com

O PADRE CÍCERO NO DISCURSO DOS PANFLETOS E FOLHETOS DE CORDEL DAS ELEIÇÕES DE 2000 EM JUAZEIRO.

Cláudia Rejanne Pinheiro Grengeiro[41].

O ano 2000 na cidade de Juazeiro do Norte-CE foi uma verdadeira odisseia no campo político-eleitoral. Quatro coligações disputavam o pleito: uma, encabeçada por Dr. Mauro Castelo Branco Sampaio (PDT), outra por Carlos Alberto da Cruz (PFL), outra por Salete Maria da Silva (PC do B) e outra por Maria Iris Tavares (PT). As eleições ficaram polarizadas, no entanto, entre as candidaturas do PFL e do PT, o que fez surgirem dizeres de caráter anti-comunista e misógino, segundo os partidários da coligação Compromisso Comunitário, com base nos sermões de Padre Cícero. Nesse sentido, uma representação do Padre Cícero é mobilizada, aparecendo em panfletos desta coligação e em panfletos anônimos distribuídos na cidade, bem como em folhetos de cordel. O trabalho consta, pois, de uma análise deste material, no sentido de verificar qual representação do Padre é mobilizada na construção desses dizeres. O trabalho ora apresentado é parte integrante na nossa tese de doutoramento publicada pela editora Annablume em 2013, sob o título: Discurso político no folheto de cordel. Nosso referencial teórico pauta-se, principalmente, na articulação entre as teorias da Análise do Discurso francesa, em autores como Michel Foucault (2000) e Michel Pêcheux (1997).

Palavras-chave: Padre Cícero. Juazeiro do Norte. Eleições ano 2000.

REPRESENTAÇÃO DA GÊNESE DO CARIRI: O RECADO ICÔNICO-SIMBÓLICO DE KARIMAI

Maria Eneida Feitosa.
Marco Aurélio Moreira Franco.
Rodrigo Vivas.

O presente trabalho tem como objetivo analisar dentro da visualidade materialidade icônica-simbólica a subjetividade do Padre Cícero e a relevância deste na "criação" da Zona Metropolitana do Cariri, sob a ótica do artista plástico Luís Karimai. Para tal intuito, usamos o método panofskyano aqui modificado para formal, semantico e social para um melhor entendimento de como o ser se individualiza dentro de um contexto, nele projetando e sendo projetado.

Palavras-chave: Representação. Pe. Cícero. Cariri. Luis Karimai.

[41] claudiarejannep@yahoo.com.br

E... ONDE ESTÁ ELE? NO GREENPEACE COMO PADROEIRO DAS FLORESTAS.

Cícera Adriana Pereira dos Santos[42]

Entre defensores e detratores da trajetória do Padre Cícero, ele continua sendo objeto de estudo que nos desafiam a perguntar E... Onde está ele? Este trabalho apresenta o Pe. Cícero como um cidadão nordestino preocupado com a questão ambiental, a exemplo, entre outros, da sistematização feita por ele dos preceitos ecológicos, o qual o coloca na vanguarda de um dos temas mais importante do século XXI: a questão ambiental. Assim é que o vemos disseminado na política e mídia do Greenpeace, uma das Organizações não governamentais mais importantes na defesa do meio ambiente, apresentando-o como propagador e precursor de um discurso sustentável. A pesquisa qualitativa foi realizada na historiografia do Padre Cícero e nos estudos sobre o Greenpeace e observou-se que no século XIX, quando ainda não se ouvia falar em ecologia ou meio ambiente, o Padre já estava à frente desse movimento com os preceitos ecológicos. Nesse sentido, é dessa visão antecipada de uma sustentabilidade do planeta que o padre Cícero vem a ser divulgado na mídia de uma das maiores organizações ecológicas do planeta, como sendo o padroeiro das florestas.

Palavras-chave: Pe. Cícero. Ecologia. Greenpeace. Padroeiro das florestas.

O CORDEL COMO MÍDIA DISSEMINADORA DA MEDICINA POPULAR: O PADRE CÍCERO E AS PLANTAS MEDICINAIS.

Rejane Ferreira da Silva [43]
Rosimeire Ferreira da Silva

O presente trabalho apresenta a literatura de cordel como mídia disseminadora de uma medicina dita popular: uso de plantas e ervas utilizada em forma de chás e infusões, tendo o Padre Cícero como mediador desses conhecimentos de cura. Trata-se de uma pesquisa qualitativa feita a partir dos estudos sobre literatura de cordel como mídia, realizada em coleções de folhetos provenientes de acervos públicos e privados (UFCA, SESC e BNB), dos quais foi selecionado um corpus do tema da "medicina popular". O resultado foi o contato com um conjunto de folhetos que narram sobre saúde e plantas medicinais que trazem a presença do Padre Cícero como divulgador de remédios caseiros feitos de malva do reino, casca de cajueiro, aroeira, jurema preta, alfavaca, entre muitos outros, demonstrando seu uso como medicamento de cura sem o auxílio da medicina convencional. Observa-se que, apesar da intensa presença da indústria farmacêutica, na atualidade, os ensinamentos tradicionais

[42] dricka_psantos@hotmail.com
[43] equitumans@gmail.com

provenientes dos povos indígenas e caboclos cariri, ainda está vivo na memória cultural local, fomentado pelo cordel e mediados pelo Padre Cícero Romão Batista.

Palavras-chave: Cordel. Pe. Cícero. Ervas medicinais.

OS PRECEITOS ECOLÓGICOS DO PADRE CÍCERO E A PERMACULTURA

Débora Fátima Lima[44]

Tendo em vista que a permacultura é um sistema de recuperação de ecossistemas que promove o equilíbrio e manutenção da vida no planeta a partir da manutenção da natureza em harmonia com a terra, o objetivo deste trabalho é demonstrar como os preceitos ecológicos do Padre Cícero, cujos princípios éticos abordam a questão do desmatamento, da água, dos animais e da agricultura orgânica, está em conexão com essa cultura do permanente. O trabalho faz uma revisão literária sobre a permacultura e os preceitos ecológicos do Padre Cícero para compará-los. Observa-se como o Padre Cícero, dentro do seu contexto, faz a conexão com as práticas culturais sustentáveis das comunidades nativas e sistematiza os preceitos ecológicos para manutenção da biodiversidade nordestina. Bill Mollison, criador da permacultura, também bebe nas mesmas fontes autóctones, as comunidades rurais e indígenas da Austrália. O Padre Cícero intervém nesse campo como um visionário, trazendo a necessidade de uma cultura sustentável além de dá voz às comunidades sertanejas que teve seus universos culturais destruído com a colonização e as práticas da pecuária.

Palavras-chave: Permacultura. Pe. Cícero. Preceitos ecológicos.

BENZER AJUDA, MAS É O MEU "MEU PADIM" QUE CURA: A CONSTRUÇÃO RELIGIOSA DA VIDA DA BENZEDEIRA MARIA ISABEL NA COLINA DO HORTO.

Rita Fabiana Arrais do Nascimento[45]

O campo religioso juazeirense é um dos mais fecundos existentes no Brasil, pois neste espaço de autonomia popular as práticas de cura se manifestam em diferentes matizes, e entre tantas encontramos a benzeção como uma maneira - concreta e eficaz - que a comunidade busca a

[44] deborali@uol.com.br
[45] ritafabiana@leaosampaio.edu.br

fim de dar um sentido aos infortúnios que causam desordem à vida cotidiana. Tamanha autonomia religiosa dá-se devido ao fato de que no período Colonial o Brasil gerou vários agentes religiosos populares, que mesmo partindo de uma matriz católica ressignificavam suas crenças e ritos mediante a sua construção de mundo. Para tanto, encontravam na comunidade mais próxima a legitimação necessária para que atuassem no mundo sobrenatural para combater as forças adversas do mundo natural. Embasando-se num estudo etnográfico buscou-se conhecer o ofício de benzer de Maria Isabel, uma senhora de 57 anos de idade, e que há mais de 35 anos atua na comunidade do Horto como benzedeira. Para tanto, enfocou-se a transformação da vida de Maria Isabel em benzedeira, pontuando sobre suas crenças e, principalmente sobre a prática dos ensinamentos do Padre Cícero que é posto no seu ofício de benzer. O dom para a benzedeira é algo sobrenatural, um chamado; daí a importância de quem o desperta. No caso específico de Maria Isabel, a mesma foi benzida por Madrinha Dodô (antiga ajudante do Padre Cícero), e diz que foi esta que lhe despertou o dom para benzer, por isso passou a ensiná-la todos os mistérios da "boa morte", bem como as variadas maneiras de curar e afugentar o mal da vida. Maria Isabel escolheu a Colina Horto para realizar seus benzimentos, pois acredita que estando perto do Padre Cícero suas preces serão atendidas mais rápido. Logo, por ser a benzeção uma prática social de cura, a mesma é dinâmica e se encontra em constante transformação, principalmente por ser manipulada pela benzedeira esta continuará sempre a responder aos anseios da comunidade.

Palavras-chave: Benzeção. Sacralização dos Espaços. Rituais-mágicos de cura.

O SANTO PADRE GUERREIRO CONTRA OSAMA BIN BIN: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO SUJEITO PADRE CÍCERO NO CORDEL

Caroline Sampaio Alencar de Souza[46]
Franklin de Arruda Lima[47].

Nos anos 2000 estavam ocorrendo no Brasil inteiro “festejos” pelos 500 anos do país. As instituições oficiais e alguns setores da mídia realizaram eventos “comemorando o descobrimento”. Por outro lado, os movimentos sociais questionaram os discursos oficiais com o contra discurso “Outros Quinhentos”. É nesse cenário que surge, em Juazeiro do Norte – CE, o movimento dos Cordelistas Malditos, um grupo de jovens poetas que desfiaram um rosário de versos transgredindo e renovando, em alguns aspectos, as temáticas tradicionais do cordel (seca, cangaço e Padre Cícero, por exemplo). Mesmo personagens tradicionais do

[46] carolinealencar@live.it
[47] limaarruda18@gmail.com

cordel, como o Padre Cícero, foi, na pena desses poetas, ressignificado, discurssivizado de forma diferenciada. O presente trabalho procederá, pois, uma análise do discurso dos mecanismos linguísticos de constituição do sujeito Padre Cícero no folheto de cordel "Trash Cordel Mania – Síntese da Comédia Brother Ciço Contra Bin Laden", de Daniel Batata. O folheto traz o seu protagonista (Padre Cícero) como um homem guerreiro, quando, tradicionalmente, ele é visto como um homem santo. O cordel tem como tema central a batalha entre o Padre Cícero e Bin Laden. Para tal análise, utilizaremos como referenciais teórico-metodológicos autores como: Foucault (2000) e Stuart Hall (2002).

Palavras-chave: Literatura de cordel. Padre Cícero. Trash Cordel Mania.

PADRE CÍCERO PROFANADO NA ORDEM E DES/ORDEM DO IMAGINÁRIO SAGRADO DE JUAZEIRO DO NORTE

Francisca Pereira dos Santos.

A religião, assim como a ciência do século XVIII ao XX, é aquilo que historicamente vem separando as coisas. E aparta, sempre mediante um sacrifício, não por mero método. Igualmente, o conceito de cultura, ela separa, corta-se da realidade e institui o que Guattari chama de "controle da subjetivação", ou seja, a interdição da potência criadora do ser. O ato de profanar – ignorar a tal separação das coisas e fazer um novo uso desse ato consagrado, conforme nos lembra o pensador Giorgio Agambem, restitui aquilo que é separado e instaura um novo código, novos sentidos. Sagrado e profano explicam como as sociedades criam e mantêm suas identidades, as quais constituídas de discursos, ideias, pensamentos, tem prevalecido uma história de valores, positivo (nesse caso é tudo que é sagrado) e negativo (o profano). O presente texto tem como objetivo retratar a produção artístico-cultural que ressignifica a cultura sagrada relacionada ao Padre Cícero. A pesquisa é qualitativa e traz como enfoque a arte produzida por bandos, coletivos, sociedades e grupos que publicaram em catálogos, folhetos, jornais e outras materialidades discursivas que representam o Padre contrário à manutenção de um só imaginário social, ou seja, não sagrado e com características diferentes do usual de santo e padroeiro.

Palavras-chave: Pe. Cícero. Profanação. Arte.

REPRESENTAÇÃO DO PADRE CÍCERO NOS CÂNTICOS DE RENOVAÇÃO

Ana Luzia Lucas De Almeida.

Este trabalho pretende analisar a representação do Padre Cícero nos cânticos de Renovação, uma atividade religiosa do Cariri cearense, através da qual as famílias realizam a "Consagração ao Sagrado Coração de Jesus e ao Sagrado Coração de Maria". Para a análise, abordamos os estudos sobre gênero e performance, considerando os aspectos discursivos que atravessam essas duas categorias. E ainda, os estudos sobre "vocalidade" e poesia, realizados por Paul Zumthor, articulados com as teorias do sujeito da análise do discurso francesa. Para o estudo da representação do Padre Cícero nesta manifestação da religiosidade popular. Dispomos de gravações e da observação das renovações como eventos que abordam os cânticos como ato de fé e louvação aos santos, em especial a figura do padre. A análise nos permitirá compreender como o discurso religioso é materializado nessa representação do sujeito e como a performance atua para a reiteração e regulação da imagem do santo no imaginário popular.

Palavras-Chave: Renovação. Santo. Gênero.

E ONDE ESTÁ ELE? AS REPRESENTAÇÕES DO PE. CICERO NO CINEMA NACIONAL

Francisco Arrais Nascimento[48]
Francisco Francinete Leite Junior
Fabio Assis Pinho

O Cariri cearense tem em sua formação uma forte influência religiosa de caráter patriarcalista, centrado na emergência do Milagre da hóstia e o "Santo Padre". Assim, questões em torno da religiosidade são evidenciadas. Por compreender que a religiosidade é social e culturalmente construída, o que nos incita ao desenvolvimento de tal pesquisa, adentrando aos meandros da historiografia local de onde emergem atores e ecos de toda construção histórica podendo ser observado através da produção cinematográfica nacional. Com isso, imergimos neste universo por meio das representações do Pe. Cicero em seus aspectos político, social e religioso. Destaca-se que a figura do Pe. Cicero desempenha papel fundamental na historiografia político-religiosa e com isso torna-se figura central nas representações socioculturais de natureza político religiosa na região do Cariri cearense. Pensamos como fora representada a

[48] francisco.arrais.nascimento@gmail.com

figura do Pe. Cicero na produção cinematográfica (PC) nacional? Diante disso, a pesquisa objetiva analisar as formas de representação do Pe. Cicero nos PC nacional sob o recorte de 1925-2009. Tal recorte cronológico detecta 31 ocorrências, entre curtas e longas metragens no acervo da Cinemateca Nacional. Os pressupostos teórico-metodológicos situam-se dentro da Ciência da Informação sob perspectiva discursivo-desconstrucionista, de base foucaultiana onde se utilizou de pesquisa bibliográfica articulada a elementos de análise cultural analisando o acervo da Cinemateca nacional.

Palavras-chave: Pe. Cicero. Cariri Cearense. Artefatos Culturais. Cinema Nacional. Representações Sociais.

GT 5: IMAGENS E NARRATIVAS NA ELABORAÇÃO SIMBÓLICA DO CARIRI

Coordenadoras:

Rosilene Alves de Melo (UFCG)

Sônia Maria Meneses Silva (URCA)

A proposta deste Grupo de Trabalho é acolher as investigações que tomam as produções artísticas e culturais como elaborações de sentido sobre o universo simbólico do Cariri. O objetivo é possibilitar o diálogo transdisciplinar das séries de narrativas e imagens elaboradas sobre o Cariri ao longo do tempo. Neste sentido, as narrativas orais e impressas, bem como as séries iconográficas que transformaram o Cariri num mundo e que tomam a figuraemblemática de Padre Cícero como ponto de partida, se constituem os eixos centrais para as diversas possibilidades de elaboração e apreensão simbólica. Interessa problematizar essas questões com a literatura, a fotografia, o cinema, a xilogravura, o cordel.

PADRE CICERO E JUAZEIRO NA MÚSICA CARIRIENSE: ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE

Jusshara Rodrigues dos Santos[49]

Desde o “fenômeno Padre Cícero”, a questão religiosa no Cariri cearense tem sido bastante discutida dentro da instituição acadêmica assim como fora dela, não somente no campo social,

[49] jussharahistoria@gmail.com

mas também no econômico, político e artístico cultural, neste último principalmente no que diz respeito à música. Norteados por estudos no campo da História e Música que permite uma discussão teórica a partir da relação entre a música e uma problemática histórica, propomos com este trabalho, compreender como a religiosidade caririense é representada na música contemporânea local. Para tanto, selecionamos um corpo musical composto por três canções de grupos da região do Cariri que perduraram entre 1998 até os dias atuais, cujas letras abordam temas em volta da "questão religiosa". Os grupos selecionados – Dr. Raiz, Sol na Macambira e Zabumbeiros Cariris, configuram uma nova estética musical que utiliza uma linguagem plural, interagindo com o público universal, sem abrir mão de (re)afirmar a influência na cultura tradicional de sua região de origem. Utilizaremos o conceito de Hibridismo Cultural para entendermos o resultado dessa fusão musical, e como ela funciona no campo das representações sociais.

Palavras-chave: Padre Cicero. Representação. Música. Hibridismo

OS BLOGS ICONOGRÁFICOS E A REINVENÇÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO CARIRIENSE

Pryscylla Cordeiro Rodrigues Leite[50]
Sônia Maria de Meneses Silva

O presente trabalho pretende analisar os blogs iconográficos que tecem discursos imagéticos sobre o espaço caririense na atualidade, reinventando-o. O Cariri contemporâneo é permeado por vozes dissonantes que narram seu espaço simbólico, atribuindo-lhe novas significações. As novas gerações de narradores do Cariri evidenciam fluxos culturais, intelectuais, espaços interativos entre sujeitos e compartilham suas experiências nos meios virtuais de comunicação. Além disso, a reinvenção simbólica desse lugar se dá a partir das reapropriações que essas novas gerações fazem dos discursos tradicionais sobre a região, produzindo, a partir deles, novos produtos culturais pertinentes ao mundo contemporâneo. Atualmente existem vários blogs textuais e iconográficos na internet, que tem como objetivo problematizar o Cariri. Nesse estudo investigaremos como se dão as ressignificações desse espaço simbólico por meio de fotografias dispostas nos blogs do "Coletivo Café com gelo", "Zoom Cariri" e "Olhares do Cariri". A fim de entender quais as chaves de reformulação para esse lugar no mundo moderno e como os símbolos tradicionais podem ser transformados a partir das reapropriações socioculturais.

Palavras-chave: Blogs. Iconografia. Reinvenção. Espaço.

[50] pryscyllacordeiro@hotmail.com

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, RELIGIOSAS E POLÍTICAS NA LITERATURA DE CORDEL DE JUAZEIRO DO NORTE.

Roberto da Silva[51]

Esse trabalho problematiza as representações sociais, religiosas e políticas do povoado de Juazeiro, entre 1844 e 1914. E são usados cordéis como fontes históricas. Esse recorte temático se justifica pela relevância desse lugarejo na escrita da história, já que, nele, no final do século XIX, ocorrem os "milagres" com a beata Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, tendo a participação do Padre Cícero Romão Batista. Nesse contexto histórico, instaura-se a "disputa pelos bens simbólicos da salvação" com a Igreja oficial. Nessa situação, é possível analisar as "táticas de resistência" da beata Maria de Araújo. E levar em conta o Padre Cícero nessas problemáticas sócio-religiosas e políticas, o qual foi "suspenso das ordens sacerdotais" e logo ocupou a prefeitura de Juazeiro. Ele interveio na realização do "Pacto dos Coronéis" e teve implicações religiosas na "Sedição de Juazeiro" (1913-1914) no que toca ao fenômeno sobrenatural acontecido com "o canhão de Franco Rabelo". Nos referenciais teóricos, há diálogo, sobretudo, com as produções científicas de Maria do Carmo Pagan Forti, de Edianne dos Santos Nobre, de Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro e de Ralph Della Cava.

Palavras-chave: Milagres sobrenaturais. Padre Cícero Romão Batista. Sedição de Juazeiro. Pacto dos coronéis.

VIA SACRA NORDESTINA: REPRESENTAÇÕES DO SAGRADO NA XILOGRAVURA DE STÊNIO DINIZ

Tereza Cândida Alves Diniz[52]

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre as representações culturais e religiosas nas artes de Juazeiro do Norte, especificamente na xilogravura de Stênio Diniz. O objetivo foi avaliar como se da à representação do sagrado nas imagens da xilogravura, observando as formas diferenciadas e os distanciamentos que acontecem na produção dessas imagens, bem como se constituem a produção de suas narrativas. Levando-se em consideração que a produção da xilogravura de cunho religioso no Cariri, está permeada pelas imagens tradicionais do sagrado associado à figura mítica do Padre Cícero, tal produção emerge com

[51] robertosilva-ce@hotmail.com
[52] terezacandidadiniz@gmail.com

um olhar diferenciado e peculiar da identidade do artista. Para tanto foi necessário avaliar a produção dessas xilogravuras a fim de compreender como se concebe essa produção diversificada dentro desse universo do sagrado popular. A metodologia utilizada na pesquisa foi realizada através da análise dessas imagens, dialogando com as concepções teóricas de Carlo Ginsburg através da formulação do conceito de circularidade cultural bem como as ideias de Aby Warburg onde imagens não são traduzidas apenas como meros objetos, mas atos e reflexos de uma longa história de olhares. Utilizamos também fontes orais e bibliografia específica. O trabalho aqui apresentado visa explicitar e entender o processo de criação, sua importância e seu alcance, refletindo sobre seus efeitos na compreensão da relação entre as modificações do contexto social para essa concepção de religião nas artes da xilogravura.

Palavras-chave: Sagrado. Via Sacra. Xilogravura. Imagens. Juazeiro do norte.

TRANSMISSÕES MNEMÔNICAS DO CANGAÇO

Vagner Silva Ramos Filho[53]

A comunicação busca analisar como as memórias do cangaço foram conservadas, transmitidas e ressignificadas pelos cordelistas da cidade de Juazeiro do Norte (CE). Com isso, tentamos compreender, sobretudo, como estas são recriadas pelo cordelista Abraão Batista, conforme suas experiências e expectativas. O trabalho decorre de pesquisa sobre a historicidade das comemorações cearenses ao centenário de nascimento do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, conhecido como Lampião, em fins da década de 1990. Uma das primeiras celebrações foi realizada no ano de 1997, em Juazeiro do Norte, nas dependências da Fundação Memorial Padre Cícero, presidida na época por Abraão Batista. A proposta geral da investigação tem sido analisar as construções da memória do cangaço problematizando-as em relação às ditas identidades nordestinas, a partir de estudo das experiências sociais de determinados sujeitos envolvidos nas celebrações ex-cangaceiros, familiares, artistas populares, cineastas, memorialistas, vítimas, intelectuais e jornalistas - entre os anos de 1988 e 2008, período balizado pelas comemorações da morte de Lampião (cinquentenário em 1988; sexagenário em 1998; septuagenário em 2008).

Palavras-chave: Memória. Cangaço. Transmissão. Ceará.

[53] vagner_ramosf@hotmail.com

O FIEL IMAGINÁRIO DA REPRESENTAÇÃO DO PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA NA CAPELA DA PEDRA REDONDA NA CIDADE DE FARIAS BRITO – CE.

João Eudes Pereira de Alcântara[54]

O presente artigo desenvolve uma reflexão alusiva à capela da Pedra Redonda, localizada entre duas comunidades da zona rural da cidade de Farias Brito-CE. Tem como objetivos, apresentar a devoção ao imaginário sobre a figura de Padre Cícero Romão Batista, por meio das manifestações de cultura popular e religiosas do local, assim como investigar essa religiosidade popular através das memórias vividas durante a implantação da capela na pedra. Para êxito dessa investigação foi utilizando a metodologia da História Oral, baseados em relatos de testemunhas oculares da edificação da capela. Com esta perspectiva podemos observar a ligação entre a memória religiosa na zona rural de Farias Brito e as manifestações da cultura popular desenvolvida por essas comunidades. Palavras-chaves: Padre Cícero, ex-votos e Religiosidade popular.

Palavras-chave: Padre Cicero. Ex-votos. Religiosidade popular.

TURISMO RELIGIOSO EM JUAZEIRO DO NORTE: OLHAR DESNATURALIZADO E NOVOS PARADGIMAS.

Joana Darque Ribeiro Ferreira[55]

Taciano Damião Ribeiro Ferreira

Este artigo trata da questão Religiosa acompanha por prática de propagação da fé católica que norteiam o imaginário e simbologismo em torno das Romarias e Visitações à Cidade de Juazeiro do Norte – CE. Destaca a importância de valorizamos essas práticas na fomentação do Turismo Religioso em prática e discussão no município através de políticas públicas e investimentos. Este trabalho justifica-se em fator de se ter tido nas ultimas décadas aumento significativo dessas práticas e somados a estes a necessidade de se pesquisar e levantar estudos que nos mostrem alternativas que além de atenderem ao contingente que chega todos os anos deem o suporte que este requer para o desenvolvimento regional, a sustentabilidade de fato. Trata-se ainda de um trabalho qualitativo exploratório de revisão bibliográfica e tem a

[54] joaoeudespa@yahoo.com.br
[55] joanadarquerf@hotmail.com

finalidade de expor de forma diferenciada o contexto religioso sem trazer exclusões para outras propagações de fé, está dividido em Introdução, Desenvolvimento através de Capítulos, Considerações Finais e, Referências Bibliográficas. Sua relevância está em destacar a importância e necessidade que têm as Ciências de reverem seus padrões paradigmáticos para não renegarem ou negligenciarem nos espaços urbanos aspectos que estejam relegados à Cultura e a Religiosidade como têm feito até os dias atuais. Esses novos estudos carecem de novos olhares desnaturalizados que não tragam consigo padrões de racionalidade concretas e mensuráveis para a razão puramente cientifica moldados em apenas uma forma de olhar os espaços e suas práticas embutidas.

Palavras- Chave: Turismo Religioso. Juazeiro do Norte. Olhar Desnaturalizado.

GT 6: EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS

Coordenadoras (URCA)

Nubia Ferreira Almeida (URCA)

O GT sobre experiências educacionais visa discutir as práticas, e os processos educativos, tanto formais, quanto não formais, principalmente aqueles ligados a formação para o cotidiano. Esta proposta se fundamenta na compreensão que os processos de formação das pessoas, das mais diversas origens sociais se dão dentro e fora de instituições educacionais, como por exemplo a família, as igrejas, os sindicatos, associações diversas, entre outras. Por outro lado, compreendemos também que tanto indivíduos como organizações podem ser agentes privilegiados deste processo, como no caso de Juazeiro do Norte Ceará, o próprio Padre Cícero que praticou, e organizou, diversas formas e modalidades educativas contribuindo entre outras ações para a criação do Instituto Educacional do Juazeiro do Norte, que deu origem a Escola Normal Rural na referida cidade e que também, nomeou em testamento cerrado, a Congregação Salesiana como herdeira universal para que estes dessem continuidade, inclusive após sua morte, com as práticas no campo educacional.

CASA DA MEMÓRIA: MUSEU COMUNITÁRIO E ENSINO DE HISTÓRIA

Cícero Joaquim dos Santos[56]

Emanuela Harakassara Rodrigues de Lima

Esta pesquisa estuda as experiências educativas desenvolvidas na Casa da Memória de Porteiras, localizada na cidade de Porteiras, no Cariri cearense. Objetivando compreender a invenção do passado mediante práticas museais realizadas pelos jovens que integram a

[56] cjoaquims@yahoo.com.br

Associação REMOP, entidade mantenedora do Museu, o estudo vem sendo desenvolvido. A partir das aproximações e distanciamentos entre a memória construída no Museu e os discursos elaborados por outros sujeitos, a pesquisa historiciza os passados inventados sobre a formação social de Porteiras. Além dos objetos expostos e dos registros da entidade, são utilizados como fontes: periódicos, cartilhas e a historiografia sobre o Cariri: Desde sua fundação em setembro de 2007, a Casa da Memória apresenta a exposição de longa duração "Porteiras: Memórias Entrelaçadas". Seu primeiro módulo aponta para a ideia de um passado conflituoso que se contrapõe aos saberes propagados no limiar da década de 1990, quando houve uma preocupação por parte dos poderes públicos em construir uma identidade para o lugar por meio da História. Doravante, a imagem do vaqueiro tornou-se um símbolo do passado de Porteiras.

Palavras- Chave: Experiências educativas. Jovens. Casa da Memória. Museu.

INSTITUIÇÕES SOCIOEDUCATIVAS, TENTATIVAS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL: DAS "CASAS DE CARIDADE" AO "TERCEIRO SETOR".

Douglas Santiago de Lima[57]

O artigo trás uma reflexão e relato sobre o legado de experiências abnegadas que remontam ao tempo dos beatos no Nordeste, mais especificamente a relação entre as praticas fundadas pelo Padre Ibiapina ainda no século IX, e a atuação do educador fora do ambiente escolar. Padre Cícero a exemplo do "padre mestre" Ibiapina, fundou em Juazeiro do Norte diversas casas de caridade, o Orfanato Jesus Maria José foi uma dessas casas que auxilia os pobres na formação educacional e cultural. Assim, a pesquisa busca compreender que o orfanato é um exemplo concreto das iniciativas sociais religiosas do Padre Ibiapina continuadas pelo Padre Cícero. O artigo está fundamentado em revisão bibliográfica, documentos do Orfanato Jesus Maria Jose, experiência da pratica pedagógica e observação. A entidade pesquisada trabalha desenvolvendo um processo de ensino aprendizagem, que contribui para o desenvolvimento sócio educacional, essa pratica não se resume somente ao assistencialismo. O Orfanato Jesus Maria Jose, é um espaço sócio educacional com grande importância para a sociedade ao qual faz parte, é uma ferramenta necessária para ajudar no desenvolvimento social da cidade.

Palavras-chave: Instituições socioeducativas. Desenvolvimento social. Orfanato Jesus Maria José.

[57] dslima1@hotmail.com

EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS: A MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA.

Jose Edson da Costa Barbosa[58]
Maria José dos Santos Silva

Este trabalho se apoia no interesse em compreender a História como sendo algo formador de cidadãos capazes de ver o mundo como um conjunto de múltiplas memórias e experiências humanas e não como algo dado, ou seja, uma verdade acabada e imutável. Neste trabalho analisaremos a música como exemplo de linguagem alternativa, pensado como documentos e objetos culturais que carregam marcas e características de seus tempos. A música possui significações conscientes e/ou inconscientes que podem e devem ser usados no ensino de História, e não apenas como ilustração, mas também no contexto da renovação das práticas de ensino em sala de aula. O debate sobre a memória compreende também questões muito pertinentes à música como as formas estabelecidas ao longo do tempo pelas sociedades humanas para a preservação do acervo cultural. Por tanto, a utilização da música como recurso didático, faz com que os alunos tenham a oportunidade não só de aprender música, mas também de contribuir para a formação de cidadãos históricos, requerendo também a inclusão dela na sociedade e sua liberdade de expressão.

Palavras-chave: Música. Historia. Memória.

AVANTE ESCOLA NORMAL! LABIRINTOS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS) RURALISTAS EM JUAZEIRO DO NORTE-CE

Pedro Ferreira Barros[59]

Identificar e analisar espaços de emancipação na história de vida de ex-alunas da Escola Normal Rural de Juazeiro – ENRJ, saber como a formação recebida na ENRJ contribuiu para que mulheres de diversas gerações conquistassem espaços de emancipação nas suas trajetórias de vida foi o objetivo principal da pesquisa. Visou-se, mais, conhecer práticas educativas e culturais usadas na formação que pudessem iluminar o processo de educação das gerações presentes e contribuir para a elaboração de políticas educacionais. Tratando-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, um estudo de caráter sócio-antropológico e histórico, justificou-se a preocupação em estabelecer com fidelidade o contexto, tendo em vista que,

[58] jedsonbarbosa@bol.com.br
[59] pf_barros@ymail.com

segundo esta perspectiva, os fenômenos são altamente influenciados por ele. A pesquisa foi orientada pela busca de compreensão adequada e profunda do contexto histórico, sócio-cultural e educacional do município desde a sua criação em 1911, para entender o enraizamento do projeto de formação de professores(as) ruralistas executado no período de 1934 a 1973. Os sujeitos da pesquisa foram professoras formadas pela ENRJ nos anos de 1938, 1942, 1950 e 1959. As informações foram obtidas através de quatro relatos de histórias de vida, mais cinco depoimentos de ex-alunas, gravados do arquivo da Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira, datados de 2009. Usou-se, ainda, fontes como: registros escolares, discursos de autoridades, professores e alunos, e o jornal escolar. Como resultado, observou-se tratar-se de uma escola urbana com pretensões de formar o homem do campo, feita por profissionais liberais sem vínculos ou formação rural. Seus Regulamento e Currículo não foram construídos com a participação de segmentos rurais para que representassem os seus interesses. As ex-alunas conquistaram relativa emancipação considerando-se os limites que a sociedade impõe. A conquista da liberdade como atributo humano é difícil na sociedade patriarcal, mesmo para os homens.

Palavras-chave: Emancipação. Práticas educativas. Formação de professores.

CIVILIZAR PARA QUE, E PARA QUEM?

Paula Cristiane de Lyra Santos

O presente trabalho visa apresentar o resgate de práticas educativas não formais, e também práticas repressivas, que teriam sido encetadas a partir de um projeto civilizacional, supostamente desenvolvido no Juazeiro do Norte, pelo médico Floro Bartolomeu da Costa e apoiado pelo Padre Cícero Romão Batista. O texto principal utilizado no levantamento destas práticas, trata-se do discurso proferido pelo então Deputado Federal pelo Ceará Floro Bartolomeu, no dia 23 de setembro de 1923, intitulado Juazeiro e o Padre Cícero: depoimento para a história, na tribuna da Câmara Federal da cidade do Rio de Janeiro. Como estratégia de produção textual, e também como forma para cotejar as ideias e informações fornecidas por Floro Bartolomeu foram consultados outros textos de memorialistas como Martins Filho, Irineu Pinheiro, Amália Xavier, entre outros. Este texto foi elaborado por Floro Bartolomeu como um discurso para dar resposta ao Dr. Paulo de Moraes Barros, membro da Comissão Federal, que tinha sido incumbida pelo governo Federal de inspecionar as Obras do Nordeste. A Comissão de inspeção das obras era composta também pelo General Rondon e o então também deputado federal Simões Lopes. O referido membro da Comissão teria realizado na Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro, três conferências, intituladas de Impressões Sobre o Nordeste, tendo as mesmas sido ainda repetidas em São Paulo capital.

Segundo as próprias palavras de Floro este relatou "... o que viu de passagem no seu automóvel, e mal ouviu dizer naquelas paragens sertanejas, arvorando-se em psicólogo e observador consumado, meteu os pés pelas mãos, e, confundindo alhos com bugalhos, ficou de tal modo atrapalhado, que por fim vomitou cobras e lagartos sobre o povo de Juazeiro, pelo qual foi tão carinhosamente recebido." Dessa forma o discurso, transformado em texto, e ainda publicado em vida pelo Deputado Floro Bartolomeu tenta, segundo o seu autor, defender Juazeiro e seu povo, de acusações injuriosas e grosseiras. Para tanto reconstrói uma análise social, política e cultural da formação da cidade e da participação do Padre Cícero na mesma, o que permite vislumbrar práticas e concepções de um dos atores privilegiados no cenário local dos primeiros trinta anos da história da cidade no século vinte.

Palavras chaves: Juazeiro do Norte. Floro Bartolomeu. Práticas educativas informais.

FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A PRODUÇÃO RECENTE DOS PROFESSORES DA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI

Carlos Augusto da Silva

A História da Educação no Brasil, e no Ceará, é um saber que tem sido produzido por diversos pesquisadores oriundos de várias áreas do conhecimento. Entre estes, não poderiam faltar os historiadores profissionais, ou seja, aqueles com formação acadêmica em instituições de ensino superior de curso de História. Porém, encontramos como produtores deste campo, cientistas sociais, pedagogos, economistas, entre outros. Para podermos avaliar esta produção temos que estabelecer, portanto critérios mais amplos do que aqueles que poderiam ser exigidos dos membros "oficiais" do campo acadêmico. Considerando, entretanto que as fontes que fornecem informação para o trabalho de produção textual historiográfica são indispensáveis para a construção do conhecimento, o presente trabalho visa identificar as fontes utilizadas pelos professores da Universidade Regional do Cariri que produziram os seus textos a partir do Programa de História da Educação do Doutorado em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. Os trabalhos que serão analisados são: Em Cada Sala um Altar, em Cada Quintal uma Oficina – o tradicional e o novo na história da educação tecnológica no cariri cearense, de Zuleide Fernandes de Queiroz (2008); O Colégio Salesiano em Juazeiro de Norte e o Projeto Educacional do Padre Cícero, de Núbia Ferreira Almeida (2013); Católicos no Cariri: embates em torno da formação cristã (1860-1965), de Paula Cristiane de Lyra Santos (2010) e por fim Formação de Professores (as) Ruralistas em Juazeiro do Norte – CE, 1934 – 1973: um projeto emancipatório, de Pedro Ferreira Barros (2011). Estes trabalhos são uma amostra significativa dos textos produzidos no referido Doutorado a partir do Programa de Qualificação Institucional, convênio URCA/UFC, com o

financiamento da CAPES. Como metodologia do trabalho, será realizada uma leitura dos referidos textos, a identificação das fontes utilizadas e uma comparação crítica das mesmas, visando produzir subsídios para futuros trabalhos.

Palavras chave: História da Educação. Historiografia. Fontes.

GT 7: IDENTIDADES ÉTNICAS E CULTURAIS: EXPERIÊNCIAS ANTIGAS, APROPRIAÇÕES CONTEMPORANEIDADE.

Coordenadores:

Marinalva Vilar de Lima (UFCG/ UAHis)

Antonio Clarindo Barbosa de Souza (UFCG/ UAHis)

É a interlocução entre pesquisadores que têm realizado estudos sobre as questões étnicas e culturais, tomando estes enquanto aspectos agenciadores do debate sobre os pertencimentos, o objetivo com que foi concebida a proposta de grupo de trabalho aqui apresentado. Campos temáticos com que consideramos possível problematizar as experiências antigas mimetizadas pelas fontes que nos alcançaram, mas que, também, possibilitam pensar as variadas práticas de apropriações com que estas se mantiveram na contemporaneidade. Portanto, é a partir da ênfase nas temáticas que servem de eixos orientadores ao grupo de trabalho que propomos aos interessados a realização dos deslocamentos analíticos de práticas, símbolos e representações produzidos para promover sentimentos de identidades nas sociedades antigas, considerando para tanto as apropriações contemporâneas que exercem um papel de constante atualizador e fabricador de sentidos para as memórias em potência dispostas nos registros.

ENTRE O ALTAR E O LAR: OS PADRES CASADOS DO CEARÁ NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX.

Maria Arleilma Ferreira de Sousa[60]

O trabalho tem o intuito de discutir a problemática dos padres casados na Igreja Católica Romana do Ceará a partir da segunda metade do Século XX. A Igreja impôs um modelo de sacerdócio voltado para a prática do celibato obrigatório como norma a ser vivenciada pelos seus sacerdotes. Entretanto, desde sua instauração, o celibato vem sendo burlado por alguns

[60] arleilmasousa@hotmail.com

de seus praticantes. A partir de 1960 a Igreja Católica Romana sofreu uma série de transformações, entre as quais o afastamento de padres motivados pela permanência do celibato obrigatório. Por outro lado, os sacerdotes que se desvincularam da instituição buscaram novas vivências e formas de sociabilidades, e em sua grande maioria casaram. Como formas de resistência fundaram o Movimento das Famílias dos Padres Casados (MFPC). O principal objetivo deste movimento é o reconhecimento destes sacerdotes pela instituição religiosa, o que possibilitaria aos mesmos o retorno ao exercício sacerdotal. Desta forma, buscou-se trabalhar, dialogando com a história cultural, a partir dos conceitos de identidade de Tomaz Tadeu da Silva e representação de Roger Chartier. Como fontes, foram utilizados relatos orais, a análise do jornal Rumos que é produzido pelo MFPC, entre outros. Nosso intuito consiste em analisar como esses sacerdotes mudaram suas identidades se reagrupando em um quadro de novas subjetividades: à condição de homens casados.

Palavras-chave: Celibato. Igreja Católica. Padres Casados.

A PRESENÇA DO NEGRO E DE MESTIÇOS E A SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DO POVOADO DE JUAZEIRO

Pedro Ferreira Barros[61]
Maria Dalva Silva Ribeiro

Estudar a presença do negro e seus descendentes na povoação do Juazeiro, e conhecer a contribuição deste segmento são o objetivo principal desta investigação. A sua execução será apoiada na pesquisa bibliografia. É intenção partir dos escritos dos narradores do Padre Cícero e Juazeiro como: Xavier (1969), Diniz (2011), e com o recurso da produção de pesquisadores como Edwiges (2008, 2011), Della Cava (1976), Soihet (2001), Sevcenko (1999), e Hall (2000), desconstruir a visão preconceituosa que hoje é veiculada, oferecendo no lugar desta uma versão que faça justiça a estes primeiros moradores, população constituída por negros e mestiça, os quais, com o seu trabalho e as suas vidas alicerçaram a grande cidade que é Juazeiro atualmente. A relevância deste trabalho pode ser dimensionada pela atualidade do debate da questão étnica nas esferas públicas e privadas, e, pela presença das manifestações populares contra todas as formas de preconceitos e discriminação das minorias e a favor da garantia de seus direitos constitucionais e inclusão econômica, social e cultural.

Palavras-chave: Povoação do Juazeiro. Presença de negros e mestiços. Contribuição do negro e seus descendentes.

[61] pf_barros@ymail.com

A MALDIÇÃO DE CAIM E DE CAM E A ASCENDÊNCIA ABRAÂMICA: RELATOS GENEALÓGICOS DE FLÁVIO JOSEFO E SEU CARÁTER INDENITÁRIO.

Bruno Pereira Barbosa[62]

Através desse artigo analisaremos os relatos de Flávio Josefo no seu livro Antiguidades Judaicas em que ele nos traz a cosmogonia judaica e nesse ínterim aponta as diversas linhagens que deram origem aos povos antigos que temos conhecimento. Nessa direção, destacaremos a questão da maldição de Caim e de Cam que proporciona a construção tanto de uma identidade hebraica como também delimita a ascendência abraâmica, fator importante para a compreendermos as raízes do surgimento do povo hebreu em meio a diversos povos que já habitavam a terra de Canaã. A linhagem adâmica até Noé, perpassando as duas maldições proferidas na Torah são reorientadas por Josefo como fator aglutinador para a formatação da conjuntura dos povos semíticos e o seu caráter de depravação moral, reconduzindo ao povo hebreu, futuro Israel, a uma linhagem honrosa e fornecendo um importante panorama para a compreensão da identidade hebraica.

Palavras-chave: Flávio Josefo. Maldição. Ascendência Abraâmica. Torah. Identidade Hebraica.

O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO E A DESCONSTRUÇÃO DA TRADIÇÃO RELIGIOSA

Danielle Sousa Silva[63]

O presente trabalho trata da desconstrução religiosa que José Saramago faz em sua obra, O Evangelho Segundo Jesus Cristo. Partindo da premissa de que Saramago segue um caminho inverso à tradição das instituições religiosas que vem desde séculos antes de Cristo. Ele apresenta personagens mais humanizados do que os que conhecemos, afastando-lhes do divino. Observa-se isso, contundentemente, na imagem de Jesus, tanto no que concerne à sua origem - nascimento, quanto ao decorrer da sua vida. Saramago também faz uma aproximação da imagem de Deus e do Diabo, expondo um Deus com características distintas das que estão intrínsecas na sociedade há séculos. Partindo desta premissa, o seguinte trabalho tem como

[62] pf_barros@ymail.com
[63] danhisousa@hotmail.com

objetivo demonstrar como é expressa esta desconstrução da religião na obra saramaguiana, valendo-se de trechos desta que dialogam com a Bíblia Sagrada da religião Católica. Partiremos, inicialmente, como base teórica para esta exposição, do principio do dialogismo, de Mikhail Bakhtin (2009). Valer-nos-emos, contudo, do termo "intertextualidade", concebido por Julia Kristeva (1996) a partir de estudos feitos sobre a dialogia, de Bakhtin, por esta se dedicar ao diálogo que se dá entre um texto e outro, ou de vários textos simultaneamente. Assim, este trabalho se propõe a demonstrar como acontece a humanização de Jesus Cristo e de que modo José Saramago assemelha Deus àquilo que, para os crentes na sua divindade, é o seu oposto: o diabo.

Palavras-chave: José Saramago. Dialogia. Intertextualidade.

NAS PAISAGENS CULTURAIS DOS SERTÕES: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DOS VAQUEIROS DO NORDESTE BRASILEIRO.

Ana Cristina de Sales[64]

O texto investiga as memórias e as experiências partilhadas pelos vaqueiros na paisagem cultural do Nordeste, das ultimas décadas do século XX aos dias atuais. O período estabelecido se refere ao momento em que as discussões em torno desse personagem como também sobre o Nordeste vieram à tona. Na pesquisa adentraremos nas diversas relações sociais estabelecidas pelos vaqueiros nordestinos, nas tensões e laços de sociabilidade em torno da sua profissionalização. A discussão será levantada a partir do conceito de 'experiência' de Eduard Thompson e nos guiaremos pelos pressupostos da metodologia da história oral, donde selecionamos como sujeitos do trabalho os vaqueiros que hoje atuam nas fazendas, aqueles que um dia procuraram e derrubaram bois nas matas, além dos vaqueiros que derrubam bois nas vaquejadas.

Palavras-chave: Vaqueiros. Vaquejada. Experiência. Memória

[64] cristina_hi_storia@hotmail.com

GT 8: MUNDOS DO TRABALHO NOS SERTÕES: EXPERIÊNCIAS, CONFLITOS E RESISTÊNCIAS

Coordenadores:

Darlan de Oliveira Reis Junior (URCA)

Ana Sara Ribeiro Parente Cortez (UFC)

A proposta do GT é discutir as questões relacionadas ao mundo do Trabalho no contexto regional em que viveu o Padre Cícero, entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. Em virtude da influência desse sacerdote, essa região foi alvo da migração de homens livres e pobres que ali se estabeleceram contribuindo para a diversificação das relações sociais e com o ambiente. Esse contingente contribuiu para o aumento da oferta de mão-de-obra e pequenos produtores para lavoura e a criação local. A experiência desses trabalhadores sertanejos é o objeto de análise aqui proposto. A historiografia sobre os trabalhadores apresenta uma vitalidade e capacidade de renovação importante. Diversas pesquisas tem apontado a centralidade da questão do trabalho, não só na produção de uma História Social e Cultural, mas como parte de entendimento do processo histórico. O Trabalho aqui é entendido como atividade plural, sendo também assim o mundo que o envolve - suas dimensões políticas, culturais e econômicas. Ele está relacionado à produção, organização econômica, disputas sociais, valores identitários, representações, tentativas de submissão, usos do tempo livre, lazer e formas de resistência. Sendo assim, o GT está aberto para as pesquisas que discutam as dinâmicas do trabalho; as relações entre as classes sociais, inclusive as mediadas pelo coronelismo e pelo paternalismo; as estratégias de controle social, repressão e difusão de estereótipos contra os trabalhadores; as trajetórias individuais ou dos grupos de trabalhadores, em suas diferentes formas de luta e resistência – seja na ação política, seja através das práticas do discurso oculto e suas diversas táticas, seja através da luta aberta, como nas revoltas, confrontos com as forças policiais, criação de grupos armados, comunidades camponesas e religiosas etc.

"CAVANDO O SUSTENTO DA SEMANA": OS TRABALHADORES DE JUAZEIRO DO NORTE (1934 – 1935)

Amanda Teixeira da Silva[65]

O presente estudo discute as condições de trabalho dos habitantes de Juazeiro do Norte entre 1934 e 1935, período imediatamente posterior à morte de Padre Cícero. Toma como fonte prioritária o caderno de memórias do escultor italiano Agostinho Balmes Odísio, que viveu na cidade durante o período. Odísio descreve as mazelas do trabalho infantil, bem como a difícil condição das mães solteiras e trabalhadoras, além de elencar os principais ofícios dos homens

[65] tsilva.amanda@gmail.com

pobres daquele tempo. Destaca a predominância do comércio e do trabalho informal, sem deixar de lembrar a existência de uma grande quantidade de desempregados e pedintes. Apresenta os principais produtos da alimentação popular, bem como a escassez de diversidade, quantidade e qualidade. Cita ainda os trabalhadores especializados que desenvolveram suas artes de fazer nas oficinas ou de maneira autodidata. Por fim, o autor descreve os hábitos de lazer e sociabilidade de tais sujeitos naquela cidade amplamente influenciada pela ação moralizadora de Padre Cícero. Tais aspectos da vida cotidiana foram, ao longo da pesquisa, cotejados com dados fornecidos pelo IBGE.

Palavras-chave: Trabalhadores. Juazeiro do Norte. Escrita autorreferente.

TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA DE FERRO DE BATURITÉ NO CARIRI, NA DÉCADA DE 1920: EXPERIÊNCIAS, DISPUTAS E SOCIABILIDADES.

Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez[66]

Esta pesquisa analisa as experiências de homens que trabalharam na construção da Estrada de Ferro de Baturité, sobretudo no trecho que corta a região do Cariri passando pelas cidades de Juazeiro do Norte e Crato, na década de 1920. Trajetórias marcadas pela atuação do padre Cícero, que se encarregou de reunir grupos de seus romeiros para tal serviço, pela convivência com os engenheiros e feitores que comandavam os trabalhos com o rigor que lhes era típico, e, pelo contato com serviços extenuantes e diferentes, sob vários aspectos, dos que lhes eram costumeiros, como assentamento de trilhos e fabricação de dormentes, por exemplo. Essas transformações alteraram o mundo do trabalho desses homens e a própria relação que eles estabeleciam com o ambiente que os cercava. Dessa maneira, importa analisar a experiência desses homens, surgida na relação tensa entre a dominação e arte da resistência, na lida diária da edificação da EFB, no trecho estabelecido no Cariri. Como também, as sociabilidades surgidas nos instantes de trabalho e nos momentos de descanso. As fontes utilizadas são os relatórios enviados pelos engenheiros da Estrada de Ferro de Baturité ao Ministério da Viação e Obras Públicas, jornais, livro de memorialista, entre outras.

Palavras-chave: História. Trabalhadores. Experiências.

[66] belparente@gmail.com

IBIAPINA E A MENSAGEM DE PROGRESSO NA CONSTRUÇÃO DAS CIDADES.

Marcos Martinez Munhoz[67]

O objetivo deste trabalho será discutir sobre as missões do Padre Ibiapina nas regiões do interior das cidades por onde ele passou e sobre as linguagens que suas missões alteraram nos sertanejos. Não serão discutidas vida e obra do Padre, somente as mudanças de hábitos e linguagens do povo sertanejo por meio de suas obras missionárias. Apresentaremos os antigos costumes e como os novos costumes adquiridos serão imaginados pelo sertanejo. As ações missionárias do Padre incluíam o povo como construtor e participante de uma nova sociedade por meio das suas obras. Ambientes antes vazios agora são cheios de significados e significantes. Uma vez que a comunicação das cidades muda, os hábitos deixam de ser dispersos e são destinados a um local construído por este povo e pensado pelo Padre. Ibiapina passa a ser um homem de Deus com novas mensagens de progresso e de visão de mundo, cujo intuito seria de produzir esperança com o trabalho e a oração.

Palavras-chave: Linguagens. Religiosidade. Comunicação. Costumes. Imaginário.

A VISÃO DA ELITE CARIRIENSE SOBRE A IMAGEM DO NEGRO NO SÉCULO XIX.

Damiana Francalino de Lima[68]

Darlan Reis Junior

O presente artigo tem por objetivo analisar a visão de certos setores sociais sobre a população negra, imagem construída a partir das relações sociais. Tal construção, em muitos casos, está relacionada com as questões do mundo do trabalho. Historicamente tem base nas relações entre senhores e escravizados, que em sua maioria eram negros. Esta proposta de pesquisa está em fase inicial, com o levantamento das fontes relacionadas à região do Cariri, no século XIX. Como referência para a discussão, será apresentada a reflexão feita a partir das obras "Trabalho, Lar e Botequim" de Sidney Chalhoub, e, "Onda Negra, Medo Branco – O Negro no Imaginário das Elites Século XIX", de Célia Maria Marinho De Azevedo.

Palavras-chave: Negros. Escravidão. Relações sociais.

[67] mfradini@hotmail.com
[68] alaneslima@hotmail.com

A HISTÓRIA AGRÁRIA NAS FONTES DOCUMENTAIS: NATUREZA, TRABALHO E PODER NA CIDADE DO CRATO (1889-1930).

Lucas Fernandes de Pinho[69]
Johnnys Jorge Gomes Alencar
Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez

Este estudo tem como objetivo geral analisar a questão agrária na cidade do Crato. O problema envolve as relações de poder no mundo do trabalho, o uso dos recursos naturais e a questão da injustiça social. A pesquisa desenvolve-se a partir do acervo do Centro de Documentação do Cariri (CEDOCC), vinculado ao Departamento de História da URCA, com enfoque nos inventários e processos - civis e criminais. Serão discutidas questões relativas ao patrimônio, riqueza, pobreza, relações familiares, demarcação de propriedades, posse de animais, lavouras e terras. Como objetivo específico pretende-se identificar quais foram as principais atividades econômicas desenvolvidas e assim abordar o processo de uso da terra e sua apropriação por determinados grupos sociais. Ao mesmo tempo é realizada a leitura de obras que tratam de alguns fenômenos sociais e políticos que relacionam-se com a História Agrária, tais como: coronelismo, disputas políticas, resistências e controle oligárquico, bem como, obras específicas sobre a região. A pesquisa encontra-se em fase inicial, com resultados parciais construídos a partir da coleta de dados encontrados na documentação. O projeto apresentado pelo Núcleo de Estudos em História Social e Ambiente (NEHSA), tem financiamento de bolsas do Programa de Bolsas de Apoio Técnico – Iniciação Científica, da Universidade Regional do Cariri (URCA).

Palavras-chave: História agrária. Trabalho. Natureza. Poder.

UM ECONOMISTA DA FE PADRE CICERO UM VISIONARIO NAS TERAS SECAS DO SERTAO.

Bruno Pinheiro Máximo[70]
Maria Neiliane dos Santos Sales
Ana Paula Pinheiro Máximo

A região no interior do Ceará denominada cariri se desenvolveu em um contexto de religiosidade, política e guerra “santa” assim foi o inicio de uma civilização do interior do

[69] lucas_261194@hotmail.com
[70] bruno.maxymo@hotmail.com

nordeste em um meio de pobreza, analfabetismo e desordem, assim a historia inicia, a partir de uma verdadeira e corajosa vontade de mudança vinda de um seminarista recém formado com uma mentalidade brilhante, que nos primórdios de seu pensamento religioso não imaginaria que possuía uma mentalidade de um líder um economista nato,e o que virinha pela frente no contexto de sua vida, e a perpetuação de um nome Padre Cícero Romão Batista conhecido simplesmente como “padim Cícero”este homem provocou uma revolução nunca vista no nordeste com os seus princípios religiosos com uma pitada de economia no interior de sua mentalidade. Objetivos • Demonstrar a existência de princípios de economia na pratica, na evolução da vida e obra (política econômica) perpetuada pelo Padre Cícero. E assim consolidar mais ainda o nome do filho mais nobre dos sertões do Brasil. contextualizando métodos e ensinamentos do padre Cicero Romão Batista Este trabalho justifica-se, ao trazer o tema padre cicero um economista na pespe quitiva dos seus desdobramentos econômicos e sua conceituais sobre o Juazeiro do Norte até então apresentados pela literatura referente mais na vertente religiosa e educacional.

Palavras-chave: Economia. Desenvolvimento. Fé.

TRABALHOS COMPLETOS

GT 1: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL ASSOCIADO À MEMÓRIA

AS MUITAS ARTES DO CARIRI: RELAÇÕES ENTRE TURISMO, ROMARIA E PATRIMONIO CULTURAL NO SÉCULO XXI.

José Italo Bezerra Viana[71]

No ano das comemorações do centenário de emancipação política de Juazeiro do Norte, a cidade aniversariante sediou o 4º Encontro das Cidades Históricas e Turísticas e o 4º Encontro do Grupo de Trabalho do Turismo Religioso, realizados conjuntamente sob a chancela do Ministério do Turismo (MTur) – por meio da Secretaria Nacional de Políticas do Turismo e do Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico – e com o apoio da Secretaria do Turismo do Estado do Ceará (SETUR).

Naquele ano de 2011, o evento reuniu em Juazeiro cerca de 150 pessoas que representavam órgãos públicos, privados e do terceiro setor, em âmbito federal, estadual e municipal, além de profissionais e especialistas ligados ao tema, com o objetivo de elaborar propostas e socializar experiências para o desenvolvimento do turismo nas chamadas cidades históricas. Por meio de ações como aquela, o Governo Federal buscava avançar nas políticas públicas que visassem o desenvolvimento econômico das cidades por meio do chamado turismo cultural, construindo estratégias de ação conjunta no intuito de "potencializar e expandir o turismo interno e inter-regional, além do desafio de atrair turistas estrangeiros provenientes de diferentes países" (BRASIL, 2010, p. 04).

A iniciativa de realizar um fórum nacional, que promovesse o intercâmbio entre as cidades que se autodenominavam possuidoras de acervo histórico e de potencial turístico, data do ano de 2009, quando o Ministério do Turismo e a Prefeitura de Olinda (PE) promoveram o I Fórum Nacional das Cidades Históricas e Turísticas. Desse Fórum, foi elaborada a Carta de Olinda, com vistas a servir de base para a política do turismo nos municípios brasileiros. Os signatários da Carta, dentre os quais estava a cidade de Juazeiro do Norte, elencaram uma série de ações necessárias para alcançar os objetivos do fórum, tais como: elaborar uma política nacional integrada, realizar inventário turístico, capacitar empresas e profissionais e

[71] Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: italobezerra776@hotmail.com

criar conselhos municipais de preservação e desenvolvimento turístico. Como resultado do Fórum, houve a sugestão de que fossem realizados encontros técnicos em que os participantes pudessem dar continuidade aos debates iniciados em Olinda, tendo sido proposto que a cada ano uma cidade participante fosse escolhida para sediar o evento[72].

Logo após o fórum de Olinda, houve a realização do I Encontro das Cidades Históricas e Turísticas na cidade paranaense de Paranaguá, ainda no ano de 2009. Na programação do encontro, o então secretário de Turismo e Romaria de Juazeiro de Norte, José Carlos Santos, proferiu a palestra "Juazeiro, Centro de Peregrinação no Oásis do Nordeste Brasileiro", apresentando a experiência da cidade no segmento do turismo religioso. Naquele momento, a ideia de Santos era bastante ambiciosa, posto que segundo depoimento dado ao jornal Diário do Nordeste (Caderno Regional, edição online, 03/10/2009), ele queria situar Juazeiro "entre as dez cidades mais importantes para o turismo nacional", supondo que aquela cidade seria "o principal centro de peregrinação do Nordeste brasileiro".

Quem também esteve presente no referido evento foi o então prefeito de Juazeiro, Manuel Raimundo de Santana Neto. Na ocasião, ele manifestou o interesse municipal em sediar o encontro que deveria ser realizado no ano de 2011, numa evidente estratégia de dar visibilidade às comemorações do centenário de emancipação política da cidade. Manuel Santana parecia estar convencido de que a realização do 4º Encontro das Cidades Históricas e Turísticas num momento de celebração seria capaz de dar legitimidade aos projetos políticos que visavam inserir Juazeiro do Norte no rol das cidades brasileiras potencialmente turísticas, encontrando justificativas para os investimentos de incremento à atividade do turismo na "terra do Padre Cícero".

[72] A partir deste encaminhamento, definiu-se que seriam realizados Encontros e Fóruns Nacionais das Cidades Históricas e Turísticas com objetivos diferentes, porém, complementares. A escolha da cidade-sede atendia ao critério de rotatividade de representação das macrorregiões brasileiras. Dessa forma, a primeira edição do Encontro aconteceu no município paranaense de Paranaguá (Outubro/2009), seguido pelo evento de Pirenópolis-GO (Julho/2010); as edições 3 e 4 destes encontros ocorreram na cidade de Belém-PA (Abril/2011) e Juazeiro do Norte-CE (Setembro/2011), respectivamente. Já os Fóruns tiveram lugar em Olinda-PE (Junho/2009), Santos-SP (Novembro/2010) e Santa Maria-RS (Abril/2012). Na documentação pesquisada não encontrei referências sobre a realização do referido fórum no ano de 2011, mas é razoável supor que a realização de dois encontros neste mesmo ano tenha sido um dos motivos pelo quais ele não ocorreu. A diferença entre os dois tipos de evento, segundo o que está exposto no Documento Referencial do I Fórum, reside no fato de que enquanto o Fórum tem por objetivo "promover o debate de temas de interesse comum e socializar experiências para o desenvolvimento do turismo nas cidades históricas", os Encontros têm caráter mais técnico e "objetivam avançar em discussões e buscar soluções para as questões e entraves identificados durante os Fóruns [...], por meio da composição de grupos de trabalho para discussão de temas específicos" (Cf. MINISTÉRIO DO TURISMO: DOCUMENTO REFERENCIAL FÓRUM NACIONAL DAS CIDADES HISTÓRICAS E TURÍSTICAS, 2010, pp.7-8).

A aprovação da candidatura de Juazeiro do Norte colocou no centro do debate a questão do aproveitamento turístico das romarias, mas não seria a primeira vez que o interesse governamental, a ação empresarial e a atuação da Igreja tratariam da temática, considerando que pelo menos desde o final dos anos 1960 o assunto se constituiu objeto de interesse econômico de várias instâncias, que passaram a disputar espaços de apropriações capazes de tornar as romarias num grande "espetáculo de atrações" (CORDEIRO, 2011, p. 144).

Essa perspectiva, no entanto, jamais foi tomada na forma de um consenso, tendo em vista que as romarias de Juazeiro alimentaram durante muito tempo incontáveis polêmicas.

Para a socióloga Renata Marinho Paz (2011, p. 316), foram mais de setenta anos de oscilação entre rejeição, intolerância, silêncio e controle por parte da Igreja Católica perante às romarias de Juazeiro. Isso porque a propagação do chamado "milagre da hóstia" e o movimento a ele subsequente – que atraía cada vez mais centenas de pessoas em busca de conselhos, bênçãos e ajuda – gerou uma forte tensão entre o Padre Cícero e a hierarquia católica, fazendo com que a Igreja adotasse uma postura de condenação das romarias e julgamento do sacerdote. Ainda assim, os "fatos extraordinários" de Juazeiro continuavam exercendo grande atração sobre um sem número de pessoas que procuravam na terra do "meu padim" um lenitivo para as agruras dos seus dias.

O fato é que as motivações de ordem religiosa favoreceram o considerável desenvolvimento socioeconômico do então povoado de Juazeiro, e para lá começaram a se dirigir comerciantes e profissionais liberais que aproveitavam a demanda criada pelos romeiros e adventícios. Entre fins do século XIX e limiar do século XX, aquele pequeno povoado passou de um "centro de fanatismo", conforme o propagado pela Igreja, a uma importante força econômica e política do Vale do Cariri.

A chegada dos romeiros, segundo o historiador Ralph Della Cava (1976), propiciou uma mudança notável na área urbana daquele povoado:

> Prestando serviço à cidade, havia duas padarias, três barbearias, quinze alfaiatarias, duas farmácias, vinte escolas primárias (das quais apenas duas eram públicas), uma tipografia, uma estação de telégrafo, uma agência de correios, um tabelião e uma repartição da Coletoria de Impostos do estado. O comércio da aldeia [sic] era animado. Além de uma feira semanal, realizada aos domingos [...], orgulhava-se Juazeiro de possuir 10 lojas abertas de tecidos e artigos de armarinhos, igual número de armazéns e cerca de 30 pequenas mercearias, bares e lojas de miudezas (Idem, p.144-45).

Em Juazeiro, não só aumentava a variedade de serviços como também seguia em larga expansão o movimento das peregrinações, e isso preocupava demais as autoridades eclesiásticas que imaginavam ser todo aquele movimento comercial alimentado pela suposta ignorância, ingenuidade e boa fé dos romeiros do Padre Cícero. Dizia-se também que todo aquele movimento teria sido patrocinado pela astucia dos comerciantes interessados em extrair o máximo de lucro com a propagação do "milagre da hóstia" (PAZ, Idem, p.118), demonstrando o temor da Igreja em relação ao aumento das romarias, pretensamente estimuladas pelo "fanatismo" que daria força aos populares nas suas práticas e crenças religiosas, vistas como desviantes do caminho da romanização[73].

Contudo, em meados do século XX a Igreja Católica iniciou um processo de distensão em relação a Juazeiro do Norte e as romarias, acompanhando um movimento maior que estava em curso no seio da própria Igreja e que promovia mudanças substanciais na sua doutrina social, cuja marca importante foi deixada pelo Concílio Vaticano II (1962-1965) e a abertura que ele propôs à modernidade, até então rechaçada no âmbito da Igreja. A partir daquele Concílio, houve uma flexibilização do olhar eclesiástico em relação às práticas da chamada religiosidade popular, com efeitos consideráveis sobre as romarias à terra do "padim Ciço".

Envoltas nessa trama, as romarias de Juazeiro seguiram em seu crescente e contínuo fluxo, despertando interesses religiosos, políticos e econômicos que contribuíram para seu aproveitamento turístico, com forte impacto no desenvolvimento sociocultural e consideráveis benefícios políticos e econômicos para o município de Juazeiro do Norte.

[73] De acordo com a historiadora Otonite Cortez (2000, p. 48), a romanização, também denominada de movimento ultramontano, teve início no século XIX e o seu corolário direto foi Concílio Vaticano I (1869-1870), que definia uma política para a Igreja Católica em reação ao mundo moderno e laicizado, "marcado por ideologias materialistas prestigiadoras das ciências, em detrimento da fé [...]. Por outro lado, o crescimento do protestantismo, da maçonaria, das religiosidades populares, igualmente preocupavam a Igreja. Tratava-se de recristianizar a sociedade. Para tanto, a Igreja reestruturou, expandiu e tentou moralizar o clero, assim como tentou instaurar a unidade da Igreja através da supervalorização da autoridade hierárquica, doutrinária e moral do Papa". Cf: CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. A construção da "cidade da cultura": Crato (1889-1960). Rio de Janeiro, 2000. UFRJ. Dissertação de Mestrado. Segundo Renata Marinho Paz (Op. Cit, p.165), a Igreja Romanizada estabelecia o certo e o errado nas práticas religiosas e a maneira como lidava com as formas "desviantes" da "verdadeira religião" era por meio da erradicação das "superstições e crenças equivocadas". Ver: PAZ, Renata Marinho. Para onde sopra o vento: a Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

A construção da estátua do Padre Cícero, na Colina do Horto, em 1969, pode ser um indicativo do modo pelo qual a devoção em torno do referido sacerdote foi utilizada como propaganda política de Juazeiro, bem como das possibilidades de aproveitamento econômico e turístico do fluxo de peregrinos que visitavam a cidade várias vezes ao ano. Valendo-se desse movimento, a estátua do Padre Cícero Romão Batista foi concebida como uma obra de "grande fundo turístico" e que tinha a pretensão de tornar Juazeiro do Norte uma cidade mundialmente conhecida. Os idealizadores da obra imaginavam que sua repercussão poderia ser tão positiva que "até o padre Cícero ficaria satisfeito" (Jornal FOLHA DE JUAZEIRO, Novembro de 1990, p. 01), talvez pensando nos legados possíveis da memória coletiva construída em torno do sacerdote.

Um ano após a inauguração, a estátua do Padre Cícero estava sendo divulgada nas páginas do jornal Tribuna do Cariri (22/07/1970, p. 01), de Juazeiro do Norte, como um dos principais pontos turísticos da cidade, juntamente ao Estádio Romeirão, ao Prédio da Prefeitura Municipal e a Praça Padre Cícero, onde aliás existe uma outra estátua do sacerdote, feita de bronze e esculpida em tamanho natural por Laurindo Ramos, inaugurada em meados da década de 1920.

Na avaliação do historiador Francisco Régis Lopes Ramos (2000), é provável que essa estátua tenha sido construída com a intenção de diminuir os comentários acerca do "fanatismo" e da "barbárie" que alguns acreditavam grassar em Juazeiro – e com a perspectiva de redimensionar a imagem da cidade –, procurando associá-la às representações de um "mundo civilizado" que eram correntes no início do século XX. De fato, a inauguração da estátua de bronze repercutiu de modo muito mais ligado aos jogos do poder político do que vinculado a uma experiência religiosa dos romeiros:

> No centro da praça, ainda descansa, até hoje, a estátua do poderoso dono de terras que foi prefeito, deputado, vice-governador do Estado e vigário da cidade. O tom aristocrático da escultura lembra as estátuas dos generais ou vultos da classe dirigente. No pedestal de granito, jaz uma rápida informação: 'Ao Padre Cícero, a homenagem do Sertão. 24.03.1924.' A imagem não seduziu a fé dos peregrinos. Em certo sentido, não representa, ou melhor, não apresenta o Padre Cícero constituído nas tessituras de seus imaginários. Ou seja: não tem ressonância coletiva na experiência religiosa. É como se o Padre Cícero de bronze não fosse o Padre Cícero, quer dizer, o santo de Juazeiro (Idem, p. 66).

"Um santo que fica no sol", disse anos atrás dona Maria do Rosário de Lima, romeira de Maceió (apud PAZ, 2004, p. 54), mas que projeta larga sombra a se estender numa urdidura múltipla e infindável de territórios. Para alguns, de contemplação e fé, alimento da alma; para outros, de sobrevivência material do corpo. Tanto é assim, que durante as romarias misturam-se os pregões dos vendedores, o canto dos benditos, a buzina dos carros, o estouro de baterias de fogos de artifício anunciando aos fiéis a chegada à estátua que fica no Horto, com um Padre Cícero de "500 toneladas para suportar nas costas os pecados do seu povo", segundo as palavras do jornalista Ricardo Noblat em meados da década de 1970, quando o mesmo registrou suas impressões acerca de uma romaria que acabara de acompanhar em Juazeiro do Norte.

As linhas que ele escreveu no jornal Diário de Pernambuco destacavam:

> [A estátua do Padre Cícero] rodeada de gente que lhe raspa um pouco de cimento para fazer chá milagroso, que deixa o nome escrito a lápis ou riscado a canivete, gente crente de fé cega, capaz de esgotar o aparentemente inesgotável estoque de dezenas de vendedores de monóculos que se espalham, por toda parte, como uma praga, de beber toda a bebida do bar dos Salesianos, de consumir toda a comida da churrascaria que os Salesianos exploram, deixando, ainda, dinheiro no cofre de uma capelinha [...] (Idem, Jornal Diário de Pernambuco, Agosto de 1976, p.?).

Nesta mesma matéria, intitulada "Os Romeiros da Mãe de Deus", o jornalista Ricardo Noblat criticou não apenas o comportamento daquela "gente crente de fé cega", como também daqueles que, na sua avaliação, faziam parte da rede de exploração promovida a partir de uma tal "indústria da fé", incluindo na categoria de exploradores os proprietários de caminhões que carregavam o máximo de pessoas "em estreitas folhas de madeira atravessadas de um lado para o outro da carroceria" até Juazeiro; os donos dos ranchos, "onde se dorme quase sentado", que serviam de alojamento para os peregrinos; os vendedores "de um copo d'água por dez centavos"; e a própria Igreja, que estaria lucrando excessivamente com as romarias.

Em relação a esta última, o jornalista em questão sustentou seus argumentos demonstrando com números a intensa movimentação financeira nos cofres da Igreja de Juazeiro do Norte:

> Em 1974, no mês de setembro, os romeiros deixaram no cofre Cr$ 21.559,45 e entre 2 e 14 do mesmo mês a Matriz arrecadou Cr$ 69.417,83 nas noites dedicadas às diversas classes sociais da cidade. A classe que mais contribuiu foi a dos

> agricultores, como aconteceu nos anos anteriores, como certamente sempre acontecerá. Em cinco anos, de 1970 a 1974, entre esmolas dos romeiros e contribuição do povo de Juazeiro e de cidades vizinhas, só nos meses de setembro a Matriz de Nossa Senhora das Dores arrecadou um total de Cr$ 211.538,44. Em quatro anos, de 1971 a 1974, as doações dos agricultores somaram Cr$ 79.302,77 mais que o dobro das doações em igual período, dos industriais e comerciantes juntos que foram, apenas, de Cr$ 36.073,00.

Ele ainda fez comentários sobre outros tipos de "exploradores da fé":

> Homens e mulheres, velhos e moços, alguns por precisão, outros nem tanto, porque conhecem a generosidade dos romeiros se escoram nas colunas da igreja [Matriz] e tiram esmolas. Um homem bem vestido escora-se numa das colunas somente para descansar, mas, por via das dúvidas uma romeira passa e joga-lhe uma moeda. Outra faz o mesmo. Um velho imita-lhe o gesto. Em dez minutos, o homem apurou Cr$ 15,00.

Ao final da matéria, Noblat mostrou-se convencido de que a romaria de Juazeiro era mesmo um lugar para "todo mundo ganhar dinheiro, menos romeiro, que veio foi deixar". Analisadas calmamente, as observações desse jornalista demonstram o complexo imbricamento das romarias com práticas sociais que escapam da imposição de uma disciplina eclesiástica e que expõem contradições e ambiguidades entre o prescrito pela Igreja e o vivido pelos fiéis. Ora, se as romarias de Juazeiro representam uma necessidade na vida de cada romeiro, no sentido de alimentar o ser, de dar sentido à existência, ela também estabelece a oportunidade de fazer, donde emerge "uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar" (CERTEAU, 1994, p. 41).

São estas múltiplas artes que fazem convergência diversos sentidos durante as romarias, cuja dinamicidade foi registrada pelo citado jornalista Ricardo Noblat, a partir do depoimento de uma "artesã-romeira" identificada como Helena Vieira dos Santos:

> Não preciso esconder: estou muito bem de vida vendendo imagens do padre Cícero, de quem também sou crente e devota. A cada romaria, procuro sempre oferecer um produto novo, diferente, original, que agrade os romeiros. Justamente por causa desse meu esforço é que já me roubaram, pelo menos duas vezes, matrizes de novos lançamentos que eu ia fazer. É a tal da espionagem industrial que eu já tinha ouvido falar e que começa a chegar por aqui. Na minha oficina tem padre Cícero de todos os tamanhos, em todas as posições e para todos os gostos. Tem o sentado, o de pé, o tipo mini-monumento, o com base, o sem base, o de parede, o de medalha, o medalhão, o tipo moldura, em todas as cores, em gesso, para todos os preços. Na romaria de setembro de 1974, vendi uns 2 mil padre

> Cícero. Na romaria de novembro, devo ter vendido 2.500 imagens. Para a romaria de setembro de 1975, pus à venda 3 mil imagens. Mas, a situação não está ficando boa não. Como tem muita oficina por aí, elas estão usando material ruim na fabricação das imagens, forçando uma baixa no preço do produto. Como só uso do melhor material e não posso baixar o preço, estou tendo dificuldades. E mais, que a Cerâmica Nordeste, na Bahia, que não fazia padre Cícero em gesso, agora está fazendo e vendendo às lojas de Juazeiro. Vou ter de diminuir minha produção e vou partir para me dedicar mais às imagens de dois metros de altura, feitas em cimento, que vendo Cr$ 8 mil, até Cr$ 10 mil e que estão sendo colocadas em praças de diversas cidades daqui da região.

Essa passagem permite compreender que as tramas das romarias são tecidas por fios que não se ligam exclusivamente à fé e a religiosidade do "povo romeiro", sendo elas bem mais complexas do que pode supor uma apressada imaginação. Ela demonstra ainda que o estabelecimento de relações comerciais, a preocupação com a concorrência com os produtos industrializados e o incremento do artesanato na produção de imagens do Padre Cícero não anula a dimensão religiosa da romaria, tampouco reduz ou transforma essa romaria numa mera feira de trocas econômicas porque, na verdade, ali há também uma economia de outra ordem, aquela das trocas simbólicas (BOURDIEU, 2007).

Como "a reprodução das tradições não exige fechar-se à modernização" (CANCLINI, 2011, p. 238), pode-se dizer que as romarias de Juazeiro oferecem a oportunidade do encontro e do diálogo entre diferentes lugares, celebrações, ofícios e formas de expressão que sugerem a força do patrimônio cultural na região do Cariri.

As variadas nuances que tingem as romarias incorporam foram percebidas e descritas, em outra ocasião, pelo antropólogo João Evangelista de Andrade Filho (1991, p. 44-5):

> Quem aceitou o desafio de transportar-se por tantos aclives e se detém, por fim, aos pés do monumento [do Padre Cícero], crê-se em débito com o ritual. E não tarda em salvar a dívida, sem usura. Dá esmolas. Tira retrato que se revela no ato. Paga uns trocados para ouvir benditos. Parlamenta com a benzedeira. Compra foguete. E compra rosário colorido, e compra folheto de cordel, e compra velas em pacote, e compra óleo de pequi; elixir de catuaba da serra, bálsamos e garrafadas que tudo curam, que tudo recompõem, qual a dor-do-espinhaço, qual o eczema, mole ou seco. [...]. Eis senão quando, assomado ao miradouro, o peregrino se entrega à contemplação do panorama. Chegou, para o herói, ou heroína, o instante do voo do olhar. Do voo físico do olhar. Graças ao qual a alma também contempla. E respira.

Pela variedade de motivações e manifestações que para ali convergem, não tem sido pouco frequente a presença tensional de preocupações pastorais e políticas com as romarias de

Juazeiro, tendo em vista o retorno que ela pode oferecer. Religioso de um lado, reivindicando o ordenamento da religiosidade e da fé dos romeiros, bem como destacando o poder da Igreja Católica; econômico e político do outro, capaz tanto de alavancar a arrecadação financeira quanto de funcionar como símbolo da identidade regional.

Foi nessa direção que a preocupação em afirmar as romarias de Juazeiro como mercadoria rentável para o turismo passou a catalisar, sobretudo no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, cada vez mais ações das políticas governamentais no sentido de "vender" o tempo e o espaço das romarias, revestidas a partir de então do argumento de promoção do desenvolvimento local. No âmbito municipal, tal estratégia tornou-se evidente na gestão do prefeito Carlos Alberto da Cruz (1989-1992), quando foi lançada a campanha "Operação Romeiro", sob a responsabilidade do então presidente da Câmara de Vereadores de Juazeiro do Norte, Agnaldo Carlos de Souza. A ideia do governo municipal era promover as romarias a partir do investimento em infraestrutura urbana e equipamentos, contando com a participação do setor privado para diminuir os problemas referentes ao transporte e a hospedagem dos visitantes. Outro ponto fundamental era difundir um comportamento hospitaleiro por parte da população local para com os romeiros, em contraposição a ideia recorrente que considerava a romaria apenas como expressão do fanatismo e da ignorância de uma suposta massa de "gente pobre vinda das mais insólitas entranhas nordestinas" (Jornal O POVO, 24/03/1994, p.07).

A importância de um contato mais amigável com os romeiros foi enfatizada pelos idealizadores da referida campanha numa edição mensal do jornal Folha de Juazeiro:

> A OPERAÇÃO ROMEIRO tem por objetivo sensibilizar povo, autoridades, para receber bem o Romeiro, que deixa em suas localidades, suas obrigações, se afastando até, para um repouso e reflexo de oração na Terra da Mãe de Deus [...]. Receber o romeiro com dignidade e todo apoio que ele merece. Dar-lhe condições humanas de passar alguns dias em nosso meio como fiel amigo do Padrinho Cícero, de Nossa Senhora das Dores e de todos os juazeirenses (Idem, Outubro de 1990, p.06).

Entendida como potencialmente benéfica, essa relação entre romeiros e a cidade que a "Operação Romeiro" buscava instituir parecia querer forjar a combinação de dois aspectos: o da oração e o do trabalho. Era como dizer que a pujança das atividades econômicas em Juazeiro resultava dos atos de fé ali praticados. Agregando outros sentidos, além do religioso,

aquela campanha almejava a compreensão das romarias como propiciadora do desenvolvimento econômico, levando em consideração as múltiplas motivações no contexto de sua realização.

Percebida dessa forma, abria-se um espaço para que outras experiências se somassem às romarias e, pela repetição, a elas fossem incorporadas. De certo modo, as romarias estariam acenando com a possiblidade de inserção de Juazeiro do Norte e, por extensão, do Cariri, no mapa de um roteiro turístico mais amplo e rentável, que daria plausibilidade às construções de sentidos que extrapolavam sua dimensão religiosa.

Vale ressaltar que essa perspectiva do turismo como política de desenvolvimento regional ganhou maior sistematização, por parte do governo estadual, a partir da elaboração do I Plano de Desenvolvimento do Turismo do Estado do Ceará, um estudo em caráter de diagnóstico com a intenção de "gerar expectativas favoráveis para a exploração dessa atividade econômica", realizado pelo Instituto de Planejamento do Ceará (IPLANCE) em junho de 1979. Inicialmente esse trabalho realizou um inventário da oferta de serviços favoráveis ao turismo no estado e depois formulou objetivos, ações, projetos e metas para o desenvolvimento desta atividade no território cearense. Nesse quadro, o estado do Ceará foi dividido em seis "regiões turísticas", sendo as cidades do Vale do Cariri inseridas na região de número cinco[74].

Com base no diagnóstico do I Plano, o IPLANCE constatou que naquela região aproximadamente 80% das pessoas que estavam envolvidas com atividades relacionadas ao turismo concentravam-se nas cidades de Crato e Juazeiro do Norte. Essa mesma pesquisa destacou as romarias de Juazeiro e a estátua do Padre Cícero como um dos principais atrativos turísticos da "Região V", recebendo, por isso, conceito 1 no quadro de prioridades para o desenvolvimento de programas de "revalorização e aproveitamento" daquilo que o estudo do IPLANCE chamava de "patrimônio turístico cultural", a saber: "o modo de vida de um povo e suas manifestações" (Idem, p, 22). Convém lembrar que a atribuição do conceito 1 equivalia dizer que aquela cidade teria primazia nas ações de planejamento e execução das políticas de

[74] A metodologia adotada no referido plano definiu os seguintes munícipios para compor a "Região Turística V": Barbalha, Crato, Juazeiro do Norte, Orós, Missão Velha, Icó e Iguatu. Na justificativa do Plano, a região turística correspondia a um "espaço geográfico que concentra[va] atrativos de qualquer tipo de atividades turísticas [mas] não são geograficamente uniformes, nem homogêneas" a elas podendo ser incorporados novos municípios, de acordo com as necessidades e "dentro das conveniências do próprio processo de desenvolvimento da atividade". Cf: I PLANO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO ESTADO DO CEARÁ, 1979, p.12-13.

aproveitamento turístico dos "recursos culturais" dentro da sua região. Depois de Juazeiro, a prioridade deveria ser dada ao Crato (conceito 2) e, logo em seguida, seria a vez de Barbalha (conceito 3) receber a atenção do estudo do IPLANCE.

Para o estabelecimento dessas prioridades, tais recursos foram agrupados em três categorias, dispostos na seguinte ordem: 1) Monumentos Histórico-Arquitetônicos, 2) Folclore e Tradições e 3) Acontecimentos Programados. No caso de Juazeiro, a categoria 1 deu destaque aos espaços físicos que guardavam direta relação com as romarias e o percurso dos romeiros (túmulo do Padre Cícero, Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores, Capela do Horto, Museu Padre Cícero, Casa dos Milagres, Via Sacra (Ladeira do Horto), Estátua do Padre Cícero, entre outros). Na categoria 2, a atenção voltou-se para o artesanato em flandres, couro, madeira, cerâmica e outras tipologias, assim como para os folhetos de cordel, o reisado, o maneiro-pau e as bandas de pífano. Já na categoria 3, as romarias foram enfatizadas como elemento prioritário para intervenção e planejamento turístico no Cariri, com vistas a incrementar o fluxo interno do turismo não somente na região, mas em todo o estado do Ceará. Na lógica do IPLANCE, seria a partir dos "acontecimentos programados", no caso as romarias, que as outras duas categorias tornar-se-iam mais dinâmicas.

É preciso dizer que o diagnóstico produzido pelo IPLANCE deve ser compreendido como parte de um processo mais amplo, estudado por autores como a historiadora Leila Bianchi Aguiar (2010), que aponta para a existência de uma política de promoção e criação de atrativos turísticos nacionais proposta pela EMBRATUR desde meados da década de 1970, como uma das possíveis soluções para o problema do desenvolvimento nacional e como alternativa para a criação de uma "mentalidade" do turismo interno no país.

Na primeira metade dos anos 1980 esse discurso também estava sendo difundido e exaltado nas páginas da imprensa de Juazeiro, num incansável esforço de destacar as romarias como a mola propulsora do desenvolvimento econômico e turístico da cidade:

> Juazeiro do Norte, antes um ponto insignificante no mapa geográfico, hoje é uma das áreas turísticas que mais chama a atenção, dada a sua originalidade. Juazeiro do Norte, é um pioneiro do turismo interno. Aqui se tem dado amostras de que neste país podemos muito bem desenvolver um turismo interno com a maior eficácia. Nesta cidade do imprevisível, se faz um turismo natural, de uma maneira empírica, quase sem o saber. A partir daquele fenômeno sócio-religioso, que abalou a capela e a catedral, esta cidade tornou-se, como por encantamento, naquele ponto turístico marcado para se tornar o mais discutido fenômeno deste país. Precisamos desenvolver agora o que já é natural para canalizarmos os frutos do local para o regional e vice-versa. Se uns vem para rezar, outros vem para ver como se reza. Ou para se rezar, ou para se ver rezar, ou para ver o folclore e o

> artesanato riquíssimos, esta cidade privilegiada tem um calendário de eventos que deixa abismados os espertos em turismo [e que] nos proporciona um turismo interno em escala considerável. É Juazeiro do Norte, um exemplo ímpar do turismo interno nacional com o qual a EMBRATUR, em boa hora, tem procurado desenvolver (Revista MEMORIAL, 1984, p. 31).

"Juazeiro Turístico" é o título deste artigo, escrito pelo xilógrafo Abraão Batista, numa "Revista Documentária" alusiva às comemorações do cinquentenário da morte do Padre Cícero. À época, Batista era Secretário de Cultura e Turismo de Juazeiro do Norte e, como tal, empreendia o máximo de esforços no sentido de reforçar a "vocação" turística daquela cidade, ou seja, de naturalizar algo que, na verdade, possui um caráter dinâmico e histórico, sendo, portanto, o produto de uma atividade sempre em processo. Naquele momento, situar Juazeiro numa posição pioneira em relação ao desenvolvimento do turismo na região do Cariri foi uma das maneiras encontradas por Abraão Batista para fundar uma tradição que, para ser legítima, precisaria de reconhecimento e apoio moral e financeiro que, de resto, resguardava o valor simbólico. Quando Batista informou, na continuidade da matéria citada, que o apoio à construção do hotel teria partido da EMBRATUR, é bem provável que ele estivesse se referindo, entre outros aspectos, às políticas de financiamento e subsídio da rede hoteleira que esta autarquia passou a conceder, em meados dos anos 1970, para construção e reforma de hotéis "instalados em determinadas regiões do Brasil, mais especificamente, no Norte e no Nordeste" (AGUIAR, 2010, p. 08).

É possível fazer tal associação levando em conta a imagem que acompanhava o texto do artigo em questão, que era a do recém-construído Panorama Hotel, descrito por Batista "como a mais recente edificação de grande porte de Juazeiro do Norte, com 11 andares, 70 apartamentos e 5 suítes [...]. A cidade possui [ainda] mais 6 bons hotéis, 30 hospedarias e 6 grandes centros de acomodações para romeiros" (Idem, ibidem).

Outro ponto que merece ser discutido no artigo de Abraão Batista é a distinção feita entre turistas e romeiros. Se isto não estava evidente na descrição do Panorama Hotel – talvez voltada para um turista que não se considerava romeiro ou para um romeiro que teria muito dinheiro –, no texto do artigo a distinção é explícita: "uns vem para rezar, outros vem para ver como se reza", ou seja, o turista seria apenas um expectador, ao invés de participante, esse sim romeiro. Mas será mesmo possível assistir a uma romaria sem dela participar? Será que estar presente numa romaria faz do sujeito um romeiro? Mais ainda, será que a produção de

outros significados para as romarias (associados a um tipo de lazer) coloca em cheque a identidade do romeiro? E o que é ser romeiro?

Acredito, de fato, que a tentativa de esboçar distinções para este caso tende a classificar rigorosamente algo que não atende à complexidade de uma prática social como aquela da romaria, representada e apropriada por sujeitos diferentes e com diversos interesses. Isso quer dizer que apesar de existirem motivações distintas para alguém participar de uma romaria, o estabelecimento de um tipo-ideal muito bem recortado (ser turista ou ser romeiro) não leva em consideração que uma mesma pessoa pode mesclar atos religiosos e profanos durante sua participação nas romarias. Profanidade, aliás, que foi registrada num folheto de cordel cuja autoria e data são ainda desconhecidas, intitulado "A Profecia de Padre Cícero sobre os mistérios de Juazeiro":

> [...]
> Em três classes de romeiro
> Se divide essa nação
> Uma parte é do rosário
>
> A outra é da lei do cão
> Outra só ama o negócio
> Farra, dinheiro e pirão
> [...]

Como se vê, a miscelânea de interesses é elemento constituinte do fenômeno das romarias que de forma intensa e ampliada abriga uma infinidade de experiências individual e coletiva. Nesse sentido, compartilho do entendimento da socióloga Paula Cordeiro (2011b), estudiosa da dinâmica das romarias em Juazeiro do Norte, para quem tal polarização situa esse tipo de evento num espaço de tensão e indica "um processo de caracterização do fenômeno que avança do essencialmente religioso ao amplamente cultural, na medida em que a justificativa tradicionalmente religiosa já não dá conta do fenômeno" (Idem, p. 11). No entanto, devo ressaltar que as romarias de Juazeiro jamais estiveram deslocadas do plano cultural, do qual também faz parte as características religiosas, o que significa dizer que este fenômeno não se acomoda tranquilamente num polo "essencialmente religioso" ou "amplamente cultural".

A diversidade de práticas e experiências que a caracterizam as romarias ganham cada vez mais espaço em Juazeiro, mas elas nem sempre foram compreendidas como expressão de uma demanda complementar, pois como lembra Carlos Alberto Steil (2003, p. 259), "as representações que buscam afirmar a romaria como um evento turístico não podem ser tomadas simplesmente como o resultado 'natural' de um processo de racionalização ou como o resíduo da ação modernizadora da religião católica".

Para o caso em questão, o clero diocesano situou a prática turística num sentido diametralmente oposto ao fundamento religioso da romaria e na página da Diocese do Crato na internet o posicionamento da Igreja em relação ao aproveitamento turístico das romarias de Juazeiro é o seguinte:

> [...] o Estado [do Ceará] e o Governo Federal querem transformar o Cariri num pólo turístico (turismo ecológico, científico...). Essa proposta vai criar empregos, crescimento econômico na região: em si, não é ruim na medida em que se trata de um turismo sadio [...].
> O que é preocupante, é que o Estado e o Governo Federal parecem querer 'transformar' a Romaria (que não dá muito dinheiro) em turismo religioso, distorcendo e desrespeitando a originalidade da romaria dos pobres da Mãe das Dores e do Padre Cícero, e, num certo sentido, eliminando o que é próprio à história e a cultura da Cidade do Padre Cícero. Ora, quando a gente acaba com as raízes de uma árvore, o que acontece?
> Vamos explicar melhor: Qual é a diferença entre o turista e o romeiro?
> -O Turista quer VER coisas interessantes, bonitas, o romeiro quer VIVER uma experiência de penitencia e de fé!
> -A satisfação do turista depende de uma boa cama, boa comida, bonitos passeios, espetáculos interessantes de folclore e religiosidade popular, enfim: prazeres que o divertem!
> -A satisfação do Romeiro é bem diferente: o seu prazer é espiritual, é religioso, é íntimo. Sua alegria é vivida num clima de solidariedade, de partilha, de simplicidade, mesmo se ele espera ser bem recebido e encontrar um mínimo de conforto nos ranchos e pousadas.
> Vamos dar um exemplo bem concreto:
> -O romeiro quer subir a ladeira do Horto num gesto de penitência, seguindo a Via Sacra e os passos do Padrinho Cícero e, quando chega no alto da colina, ele experimenta que a Serra do Catolé é um espaço sagrado, encantado.
> -O turista vai querer subir ao Horto de teleférico, para ter a vista bonita do Cariri e achar, lá em cima, um bom restaurante, de preferência com piscina! Haverá boa acolhida do turista e mais dinheiro no bolso do dono do teleférico ou do restaurante, mas a dimensão e a experiência do sagrado desaparecerão, assim como a história mística da Serra do Horto!
> Não estamos contra o desenvolvimento e a modernização de Juazeiro, mas é preciso saber qual desenvolvimento 'sustentável' e qual 'modernização' valorizarão e não destruirão o tesouro histórico e religioso dessa cidade sonhada pelo Padre Cícero e construída pelos romeiros, [...] é preciso ter uma visão mais larga: no futuro, quem vai vencer? O Turismo ou a Romaria? E qual é e qual será o nosso papel, como membros da Igreja e 'herdeiros espirituais' do Padre Cícero?

> A Igreja (e não o Estado ou o Governo Federal) é quem tem a responsabilidade de valorizar, aprofundar, favorecer os espaços e tempos de Romaria como vivência profunda de uma experiência de fé [...] (DIOCESE DO CRATO, Pastoral Diocesana de Romaria, s/d. Grifo no original).

Essa citação é daquelas que multiplicam as problemáticas, sendo bastante significativa para minha análise a questão referente às disputas pela posse de um patrimônio que representava muito mais que uma herança material do passado, na medida em que os bens de valor simbólico também foram entendidos como parte fundamental de um "tesouro histórico e religioso" que estaria presente nas romarias de Juazeiro do Norte. Entendo que o posicionamento da Pastoral Diocesana de Romaria sobre esse assunto colocou em pauta uma questão fundamentalmente patrimonial, que dizia respeito tanto a preservação de uma experiência coletiva das romarias – em sua capacidade singular de representar uma identidade regional – quanto à estratégia de valorização de algo pensado como sendo dotado de uma autenticidade impossível de ser "distorcida" e/ou desrespeitada. Já pelo entendimento de um aspecto religioso, o "pecado" dos governantes, na visão da pastoral, era querer transformar "uma experiência de penitência e fé" que "não dá muito dinheiro" num "espetáculo interessante" para o turismo religioso, quando deveria ser entendida pelo caráter exclusivamente sagrado. Trata-se, porém, de um sagrado regulado, que se quer dependente da presença e do controle da Igreja, cuja estratégia pastoral e política era reconhecer-se como a única responsável pela valorização e legitimação da romaria[75], assim como os legados por ela deixados, quais sejam: o espiritual e o material.

A preocupação da Diocese do Crato em estabelecer uma distinção muito bem marcada entre romaria e turismo, assim como entre turista e romeiro, demonstra que agentes situados fora do campo religioso possuem uma concepção bastante alargada do fenômeno das romarias, incorporando a elas atividades de lazer e de consumo que geram tensões dentro e

[75] Segundo Pierre Sanchis (2006) esse processo pode ser observado no Brasil desde a romanização, quando o episcopado brasileiro estava preocupado em "reformar" as romarias e, para isso, contou com a ajuda de congregações estrangeiras. Cf: SANCHIS, Pierre. Peregrinação e Romaria: um lugar para o Turismo Religioso. In Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião. Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul. Porto Alegre, Ano 8, n. 8, p. 85-97, outubro de 2006. No caso de Juazeiro, o citado estudo de Renata Marinho Paz (Op. Cit.) aponta que essa política pastoral diocesana começou a surgir, de maneira tímida e isolada, no final dos anos 1950, junto à paróquia de Nossa Senhora das Dores, através do padre Murilo de Sá Barreto. No entanto, foi somente a partir de meados da década de 1970 que o trabalho de acolhimento dos romeiros "começou a ganhar uma coloração mais distinta com a chegada das irmãs de Nossa Senhora, cônegas de Santo Agostinho, Anette Dumoulin e Teresa Guimarães" (Idem, p. 219).

fora da Igreja Católica, assim como indica a complexidade do jogo de interações promovido pelo fluxo de romeiros (SANCHIS, 2006). Nesse sentido, a tentativa da diocese era dar medidas exatas para ambas as coisas, como se a romaria estivesse do lado da oferta (da fé e da satisfação espiritual) e o turismo estivesse do lado da procura (da diversão consumista e do prazer profano). Na referida carta, a autoridade eclesiástica mostra-se convencida de que a experiência do caminho era capaz de transformar a vida do romeiro, sendo a penitência considerada o elemento indispensável de manifestação da fé, afinal, como diz o ditado popular, "quem tem fé vai a pé". No caso do turista, a carta pastoral supunha que o despojamento da penitência em nome do conforto significava a ausência da experiência mística e sagrada do caminho que conduz ao Horto, além da exaltação dos possíveis lucros materiais em detrimento dos espirituais.

É preciso destacar que tais críticas surgiram frente às circunstâncias de "modernização" do espaço urbano de Juazeiro proposta no início dos anos 2000, quando foi elaborado o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) daquela cidade, sendo parte integrante do Projeto de Desenvolvimento Urbano do Estado do Ceará (PROURB). Este, por sua vez, recebeu o apoio financeiro do Banco Mundial para traçar estratégias de desenvolvimento dos principais municípios do Estado do Ceará, dentro os quais incluiu-se Juazeiro do Norte. No referido planejamento, a atividade turística foi contemplada como uma das principais linhas estratégicas de desenvolvimento econômico daquele município defendendo-se, para tanto, a transformação de Juazeiro "num importante centro de turismo religioso da América Latina" por meio da criação de infraestrutura receptiva do "turista religioso" e de ações que visavam "facilitar e estilizar acesso à estátua do Padre Cícero, na Serra do Horto, a partir da zona central da cidade" (SETUR, 2000, s/p) . Essa ideia, como foi mostrado anteriormente, contribuiu para criar um clima de tensão entre a Igreja Católica e os planejadores de políticas urbanas em Juazeiro do Norte, ambos envolvidos em projetos que estavam perpassados por outra tensão, aquela que se articula entre a tradição e a modernidade.

Decorrido pouco mais de uma década da elaboração e apresentação do PDDU, o então o secretário de Turismo e Romaria de Juazeiro do Norte, José Carlos dos Santos, ainda tentava apaziguar a situação, afirmando que projeto do teleférico poderia até ser uma nova

opção, "mas a tradição não será esquecida pelo romeiro, que vêm ao município fazer a sua peregrinação"[76].

Outro ponto que merece destaque no referido planejamento é o da proposição de ações voltadas para o desenvolvimento do turismo religioso com "outras formas de turismo em Juazeiro do Norte e municípios vizinhos", no intuito de prolongar o período de estadia dos turistas e romeiros na região do Cariri. O Plano Estratégico de Juazeiro do Norte, parte integrante do PDDU, sistematizou a ideia da seguinte forma:

> Consolidar turismo de negócios de Juazeiro do Norte através da atração de feiras/exposições de negócios e eventos profissionais (congressos, jornadas);
> Promover cultura do artesanato (gesso, couro, madeira), da literatura de cordel e da formação religiosa do povo juazeirense;
> Estender o turismo religioso ao Crato, através de visitação a lugares da infância e juventude do Padre Cícero;
> Divulgar e promover visitação às atrações ecológicas e científicas dos municípios vizinhos (Crato, Barbalha, Santana do Cariri e Nova Olinda) (SETUR, Idem).

Como é possível observar, a partir dessas ações os governos estadual e municipal buscavam promover política, cultural e economicamente as romarias de Juazeiro, embora a Igreja entendesse que a valorização oficial era da sua inteira responsabilidade. Nesta perspectiva, Dom Fernando Panico, bispo do Crato, afirmou:

> Não confundamos a Pastoral da Romaria com o 'turismo religioso' [...]. Qualquer projeto desenhado não poderá, em hipótese alguma, ser pensado e decidido por uma pequena parcela de pessoas, mas deve envolver a participação de todos. A manipulação do povo é arte que cabe aos filhos das trevas que, pelo Evangelho, são mais espertos nos negócios que os filhos da luz (Lc 16, 8b) (PANICO, Fernando D. 2ª Carta Pastoral – Romarias e Reconciliação, 2003, p. 13).

O fato de o bispo não ver com bons olhos o aproveitamento turístico das romarias não significou, contudo, que ele deixasse de ser fomentado. No Crato, por exemplo, a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) lançou, em meados dos anos 2000, uma campanha de recepção dos romeiros na Praça da Sé disponibilizando uma equipe para fazer a distribuição de água, oferecer fitas de tecido com o nome do Padre Cícero e estimular um roteiro de visitas aos

[76] Ver: LOPES, Jota. Cariri-CE: Barbalha e Juazeiro do Norte terão teleféricos Disponível em: http://www.caririnoticia.com.br/2012/05/cariri-ce-barbalha-e-juazeiro-do-norte-terao-telefericos.html Acesso em 18/04/2014.

pontos turísticos da cidade natal do sacerdote. Esse acolhimento se dava logo após o ritual de visitação da Igreja da Sé, onde os romeiros poderiam ver e tocar a pia batismal que teria sido a mesma em que o Padre Cícero recebera o sacramento da iniciação cristã.

De modo otimista, a campanha da CDL queria levar cada vez mais visitantes para a cidade do Crato na época das romarias e, nesse sentido, a entidade fez questão de divulgar que estava "com as portas e o coração aberto para receber os romeiros":

> Um fato novo está ocorrendo nas ruas do Município. É a presença dos romeiros do Padre Cícero na Igreja da Sé. Os visitantes querem conhecer a pia, onde o cearense do século foi batizado. Ontem pela manhã, pelos menos, oito ônibus dos mais diversos Estados do Nordeste estacionaram na praça da Sé. Os peregrinos tiram o chapéu de palha da cabeça e entram na igreja a procura da pia, que está localizada logo na entrada com um cartaz indicando: 'Pia onde o Padre Cícero foi batizado'. Ali, eles se benzem com a água. Alguns banham as pernas e os braços. 'É uma água milagrosa que cura doença da pele', acredita a pernambucana Maria de Lourdes Amaral, 57 anos, que está vindo pela segunda vez ao Crato [...]. Depois de se benzerem e rezarem no pé da pia, os romeiros visitam os altares dos santos [...] Alguns, esticam a visita até [o balneário da] nascente [do rio Grangeiro], onde tomam banho. O vigário da Catedral deu uma bênção especial [e] os romeiros escutam contritos as palavras do padre. 'Aqui nasceu o Padre Cícero, muito obrigado pela visita de vocês'. Terminado o ritual de visitas, eles dão uma volta na Praça da Sé, onde a Câmara de Dirigentes Lojistas do Crato, montou uma estrutura de apoio aos romeiros. A estátua do Padre Cícero foi colocada no centro da fonte luminosa [que existia na Praça], cercada de imagens de santos [...]. O movimento ainda é pequeno, [disse um sacristão], 'mas é um grande avanço para uma cidade que via o romeiro com indiferença' (Romeiros visitam pia batismal do Padre Cícero. Jornal Diário do Nordeste, Caderno Regional, edição online, 15/09/2005).

Em Barbalha, era o Balneário do Caldas que estava sendo divulgado como a principal e mais rica atração do Vale do Cariri para receber o crescente fluxo de "romeiros turistas" que se deslocam até Juazeiro no "tempo da romaria". Daquele balneário, dizia-se que "a natureza é a grande atração que ele apresenta, com suas águas minerais mais leves e cristalinas do Nordeste":

Hoje, o município barbalhense é o único da região do Cariri que recebe o maior número de visitantes romeiros do Padre Cícero Romão Batista que visitam Juazeiro do Norte durante o ano inteiro, principalmente nas grandes romarias, durante os meses de fevereiro, março, julho, setembro e novembro, sendo grande o fluxo de romeiros turistas que se deslocam até o balneário do Caldas para o seu lazer. Os romeiros têm enfatizado, em suas visitas à Barbalha, que o balneário do Caldas é o melhor local do Cariri para o lazer e o repouso.

Os engenhos de cana do município de Barbalha também foram entendidos como atrativos potencialmente turísticos, especialmente voltados para as pessoas interessadas em saber como funcionava o processo de fabricação da rapadura que, segundo o jornalista Antônio Vicelmo, só resistia às crises de produção da agroindústria canavieira graças a "um mercado formado por saudosistas" dentre os quais se destacam "os romeiros do Padre Cícero" (Jornal Diário do Nordeste, Caderno Regional, edição online, 16/08/2008). Convém lembrar que essa mobilização em torno dos engenhos de rapadura do Cariri teve início na década de 1990, quando os sócios do Instituto Cultural do Cariri (ICC) planejaram a criação e instalação, em algum antigo engenho desativado, de um "Museu da Rapadura": "Nele seriam instalados equipamentos que lembrem e preservem, para sempre, o ciclo da rapadura, todos os apetrechos do engenho, fotos, documentos, notas fiscais, correspondência, literatura sobre o ciclo rapadureiro, etc" (Revista ITAYTERA, 1990, nº 34, p.16. Grifo meu).

Como se vê, a muito tempo o discurso de fomento ao turismo na região do Cariri estava utilizando largamente as referências física e simbólica, formadoras do patrimônio cultural, para legitimar-se[77]. No contexto de projetos modernizadores, tal discurso colaborou com a construção de uma identidade cultural que serviu como elemento legitimador dos processos de patrimonialização do Cariri, dentre os quais pode-se destacar o registro da festa do Pau de Santo Antônio de Barbalha e dos lugares sagrados de Juazeiro, além do tombamento da estátua do Padre Cícero.

Para o caso da estátua que "passou a ser um dos principais pontos de visitação do romeiro nordestino" (Jornal Diário do Nordeste, Caderno Regional, edição online, 10/07/2010), o processo começou no ano de 2010 e a prefeitura de Juazeiro esperava que a instrução do tombamento fosse realizada o quanto antes, afim de que o reconhecimento do IPHAN pudesse culminar com o marco de comemoração do centenário da cidade. Para tanto, foi firmada uma parceria entre aquele órgão e a Universidade Federal do Ceará, que colocou à disposição uma equipe de técnicos para o desenvolvimento do trabalho. Porém, depois de três meses do início das atividades, o IPHAN afirmou que os técnicos da UFC não tinham

[77] Como afirmam Cavalcanti; Fonseca (2008, p. 19): "A referência cultural é um conceito-chave na formulação e na prática da política brasileira de salvaguarda". Cf: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; FONSECA, Maria Cecília Londres. Patrimônio imaterial do Brasil: legislação e políticas estaduais. Brasília: UNESCO, 2008.

disponibilidade para realizar os levantamentos necessários à instrução e que aquele seria o motivo pelo qual o trabalho da equipe não tinha avançado.

Naquela ocasião, o então superintendente do Iphan no Ceará, Alexandre José Martins Jacó, concedeu uma entrevista ao jornal Diário do Nordeste (Caderno Regional, edição online, 06/10/2010) e assegurou: "Se for inviável com a UFC, vamos contratar uma empresa para realizar a instrução, onde estarão contidos todos os levantamentos necessários para o encaminhamento ao Departamento do Patrimônio Imaterial". Jacó afirmou ainda que a nova equipe deveria ser mais ampla, considerando que processo para realizar a instrução de tombamento envolvia "além da arquitetura e história, o sentido antropológico pela apropriação do aspecto sagrado, por parte dos fiéis". Ele também destacou: "Será um bem protegido em nível nacional. O tombamento será um amparo oficial, com possibilidade maior de investimento público para a preservação e proteção desse patrimônio".

Quanto ao registro dos lugares sagrados das romarias de Juazeiro, Jacó previa que o levantamento do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) só fosse intensificado após o encaminhamento do registro documental da festa do Pau de Santo Antônio de Barbalha. Vale lembrar, decorridos dez anos de pesquisas desenvolvidas no âmbito do INRC essa festa ainda não foi registrada no Livro das Celebrações como patrimônio cultural de natureza imaterial.

Como é possível observar, nem tudo saiu conforme o planejado pelos organizadores da festa do centenário de Juazeiro. A estátua do Padre Cícero não foi oficializada como patrimônio a tempo dos festejos e com o processo de tombamento parado a prefeitura de Juazeiro do Norte juntou-se à Ordem dos Salesianos, administradora da Colina do Horto e herdeira dos bens do Padre Cícero, para custear uma reforma no intuito de garantir que no mês do aniversário de cem anos da cidade a estátua estivesse "de cara renovada":

> É assim que a estátua do 'Padim', no alto do Horto, deverá estar na comemoração do centenário de Juazeiro do Norte, em 22 de julho. Na próxima semana, começa a recuperação da estátua, que se encontra com algumas rachaduras superficiais. O chapéu está danificado em uma parte da aba. Será priorizada a parte externa da estátua, no momento, para que até o mês das comemorações, o monumento esteja pronto. Os custos somente da reforma da estátua estão avaliados em R$ 80 mil, sendo 50% da Prefeitura de Juazeiro e a outra metade vinda da administração da Colina do Horto, feita pelos padres Salesianos [...].Considera-se [ainda] a possibilidade de abertura da estátua, o que irá propiciar mais ventilação interna, além de permitir a colocação de um livro para colher a assinatura dos visitantes e urnas de vidro para os bilhetes deixados com os pedidos, orações e mensagens dos

> romeiros. Com isso, poderá se evitar que as pessoas rabisquem a imagem (SANTOS, Elizângela. CENTENÁRIO DE JUAZEIRO: Obras na Estátua de Padre Cícero iniciam próxima semana. Jornal Diário do Nordeste, Caderno Regional, edição online, 02/06/2011).

Após quatro décadas de sua construção, a estátua do Padre Cícero dava sinais da ação do tempo. Interessados em acertar o passo com a celebração do centenário, a prefeitura e a Igreja de Juazeiro encetaram esforços para reformar um dos principais símbolos "do complexo turístico religioso da cidade". Era também a oportunidade ideal de colocar no centro do debate, mais uma vez, a pertinência da inclusão de Juazeiro do Norte na rota do turismo religioso brasileiro, tendo em vista que no ano anterior às comemorações do aniversário da cidade ela havia sido "excluída da rota internacional do turismo religioso", de acordo com o que afirmou a matéria assinada pela jornalista Elizângela Santos:

> A empresa Ópera Romana Peregrinações [de caráter privado, mas ligada ao Vaticano] divulgou que não irá trazer turistas para a terra do Padre Cícero. A Ópera Romana Peregrinações começa a trazer turistas no próximo ano, principalmente de Israel e da Itália, mas também de outros países europeus. As cidades escolhidas pela agência internacional foram Aparecida (SP), Salvador (BA), Recife (PE) e Rio de Janeiro, com visitações ao monumento do Cristo Redentor, e no Estado de Minas Gerais, com as cidades históricas mineiras (Idem. Romarias: Vaticano exclui Juazeiro do turismo religioso no Brasil. Jornal Diário do Nordeste, Caderno Regional, edição online, 08/12/2010).

A Ópera Romana teria tomado essa decisão com base na alegação de precariedade da infraestrutura turística de Juazeiro, que não seria capaz de dar suporte necessário para o atendimento de maiores demandas, principalmente em relação ao Aeroporto Orlando Bezerra de Menezes, também conhecido como Aeroporto Regional do Cariri. De acordo com a matéria citada, a opinião do secretário de Turismo e Romaria, José Carlos Santos, era de que apenas a questão da infraestrutura não impediria a inclusão de Juazeiro naquele roteiro: "todos os roteiros escolhidos pela agência internacional no Brasil estão voltados para locais onde os santos são reconhecidos pela Igreja", ressaltando a ausência desse reconhecimento ao Padre Cícero e lembrando que o Vaticano até então não tinha se pronunciado a respeito do processo de reabilitação do sacerdote[78].

[78] A constituição de uma Comissão de Estudos para a Reabilitação Histórico-Eclesial do Padre Cícero foi uma das primeiras ações empreendidas pelo bispo do Crato, Dom Fernando Panico (PAZ, Op.Cit, p.307). Trata-se de um processo que visa o reposicionamento da Igreja Católica perante o Padre Cícero Romão Batista e, por

Quem também deu sua opinião à jornalista Elizângela Santos foi o administrador da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, padre Paulo Lemos. Posicionando-se a favor de Santos, padre Lemos defendeu o caráter "incontestável do potencial turístico da cidade, principalmente no Nordeste do País". Mesmo reconhecendo que no período de romarias havia um aumento considerável da demanda de usuários dos voos para a cidade, o padre dizia que o problema do aeroporto não seria suficiente para excluir Juazeiro do roteiro internacional. Além disso, o sacerdote disse desconhecer qualquer pesquisa em relação ao potencial turístico da cidade realizada por parte da empresa Ópera Romana.

Diante dessas circunstâncias, a realização, em 2011, do 4º Encontro das Cidades Históricas e Turísticas e do 4º Encontro do Grupo de Trabalho do Turismo Religioso representava a possibilidade do município de Juazeiro receber uma assessoria voltada para a roteirização, infraestrutura, qualificação de pessoal e meios de hospedagem que assegurassem o fortalecimento do turismo religioso em algumas cidades brasileiras. Naquele momento, tal assessoria estava sendo proposta pelo Ministério do Turismo por meio de uma seleção pública que iria escolher um município em cada região do país para participar do projeto "Turismo Religioso: Experiências do Brasil".

Em meio a entraves burocráticos, o edital de seleção do projeto foi finalmente aberto em Abril de 2013. Quase noventa dias depois, o resultado preliminar foi apresentado pelo MTur mas Juazeiro do Norte não figurou na lista das cidades selecionadas, muito menos na lista das propostas classificadas e habilitadas.

A partir de todas essas observações, é possível perceber que a relação entre patrimônio cultural, turismo e romaria está inserida num espaço de tensões que é tratado de diversos modos em diferentes momentos, definindo os seus rumos a partir de sentidos e valores que evidenciam escolhas políticas de considerável importância, principalmente porque significam também a construção de uma representação do passado, da história, da cultura, da memória e da própria noção de região do Cariri.

Diante desse quadro, acompanhar o processo de produção do patrimônio cultural do Cariri e seus usos turísticos é a oportunidade que temos para evidenciar a multiplicidade de interesses, intenções e motivações presentes nas políticas públicas de cultura e turismo na

extensão, à devoção popular que instiga as romarias de Juazeiro. Após uma série de estudos, a Diocese do Crato encaminhou ao Vaticano um conjunto de documentos que ainda aguarda um parecer do sumo pontífice.

região. No caso específico das romarias, é também o momento adequado para destacar a multiplicidade de experiências, em parte harmônicas, em parte conflitantes, que atravessam este fenômeno, tais como "o gozo, a festa, o comércio, os shows, os folguedos populares, os encontros, os namoros, o turismo" (PAZ, 2011, p. 28).

Os diferentes modos de experimentar as romarias de Juazeiro certamente concorrem para a sua remodelação, mas não são capazes de enfraquecer ou esvaziar a força de sua simbologia.

Referências

AGUIAR, Leila Bianchi. Estado, turismo, cultura e desenvolvimento: organização empresarial e a construção do consenso sobre a importância do turismo para o Brasil. In: VI **Simpósio Nacional Estado e Poder**: Cultura, 2010.

ANDRADE FILHO, João Evangelista. **Mestres do Juazeiro: cotidiano e símbolo na escultura popular**. Brasília: Editora da UnB, 1991.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Juazeiro do Padre Cícero, patrimônio cultural e ambiental do mundo sertanejo. In: **Juazeiro do Padre Cícero – a Terra da Mãe das Dores.** Fortaleza: IMEPH, 2008. p. 337-356.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2011.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio imaterial do Brasil: legislação e políticas estaduais.** Brasília: UNESCO, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**:1-artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto**. Entre chegadas e partidas:** dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte. Fortaleza: IMEPH, 2011a.

_____. O vivido, o recorrente e o construído: tramas de significação em contexto de romarias In: **Anais do XI Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais**. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308348952_ARQUIVO_Artigocompleto-CONLABGT17-MariaPaulaJacintoCordeiro.pdf. 2011b. Acesso em 14/04/2014.

CORTEZ, Antonia Otonite de Oliveira. **A Construção da "cidade da cultura":** Crato (1889-1960). Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

DELLA CAVA, Ralph**. Milagre de Joaseiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

PAZ, Renata Marinho. **Para onde sopre o vento:** a Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte. Fortaleza: IMEPH, 2011.

_____. O Santo que fica no Sol: uma leitura etnográfica sobre a devoção ao Padre Cícero de Juazeiro do Norte. In: LIMA, Marinalva Vilar de; MARQUES, Roberto. **Estudos Regionais:** Limites e Possibilidades. Crato: NERE/CERES Editora, 2004, pp. 49-62.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O meio do mundo:** territórios do sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2000.

SANCHIS, Pierre. Peregrinação e Romaria: um lugar para o Turismo Religioso. In **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião.** Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul. Porto Alegre, Ano 8, n. 8, p. 85-97, outubro de 2006.

VIANA, J. Italo Bezerra. **O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato:** memória, escrita da história e representações da cidade. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFC, 2011.

A COMUNIDADE DO CALDEIRÃO DA SANTA CRUZ E A (RE) SIGNIFICAÇÃO DA MEMÓRIA

Marilyn Ferreira Machado[79]
Antônia Lucivânia dos Santos [80]

Introdução

O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, é o foco do nosso trabalho, pois, neste objeto de estudo encontramos em torno de si uma variedade de experiências e comportamentos, servindo de espaço de convivência e fortalecimento do simbolismo. Engloba uma variedade de atitudes que vão se modificando com os referenciais que existiam. As estruturas e símbolos criados passam por modificações a partir do processo de construção de novas visões, percepções, o sentir e o narrar deste espaço.

O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto localiza-se a 33 km da sede do munícipio de Crato-CE. Do seu solo brotaram diversos frutos: fartura, chacina, religiosidade popular, cobiça, igualdade, trabalho e o socialismo messiânico. A comunidade perdurou durante dez anos, de 1926 a 1936. Foi liderada pelo beato José Lourenço. O mesmo conquistou a confiança do Padre Cícero e foi encarregado de liderar essa comunidade, para onde se encaminhariam os flagelados da região.

O termo Caldeirão, antes de dar nome ao sítio que abrigou a irmandade liderada pelo beato José Lourenço, denomina uma fenda geológica no sopé da Chapada do Araripe que parece servir de fonte perene para um lençol freático subterrâneo. Esse poço eterno permanece cheio de água o ano todo. No poço existem inclusive peixes comuns da região como piabas, cangatis, piaus, curimatãs, traíras, etc. Essa estrutura natural foi muito importante para o desenvolvimento da comunidade, porque a água permanece acumulada no Caldeirão mesmo em tempos de seca. (MÁSPOLI, 2009, p. 58)

Atualmente a comunidade do Caldeirão é tida como um símbolo de luta pela reforma agrária e do catolicismo popular, tão reprimido em tempos passados. Anualmente são realizadas romarias que contam com a presença de milhares de fiéis. Este ano, comemorou-se

[79] Especialista em História Contemporânea pela Faculdade de Juazeiro- FJN. Professora da EEF Estado da Paraíba. marilyn-ferreira@hotmail.com
[80] Especialista em História e Sociologia pela Universidade Regional do Cariri-URCA. Professora da EEFM José Alves de Figueiredo. luciteixeira@hotmail.com

a sua décima quinta edição, fortalecendo os laços dos movimentos sociais da Diocese de Crato.

Na obra A ordem dos penitentes (1937), aponta para a uma produção historiográfica contrária a atual, ao indicar como sendo verdadeira a história oriunda das elites; a massa anônima é apenas material da construção; os indivíduos pertencentes as classes inferiores não podem possuir um cérebro inteligente. E naturalmente devem ser guiados por alguns em direção ao seu futuro.

Um outro fato que merece destaque nesta obra é a classificação para os movimentos ocorridos em Canudos, Contestado e Caldeirão que significariam retrocesso e sangue. O poder político fazendo uso de sua sabedoria e boas intenções, impediu uma tragédia eminente, que acabaria com a tranquilidade do povo cearense. (Apud, p. 09)

Pretendemos apresentar a visão da sociedade externa em relação a comunidade, assim como a representação da comunidade sobre si mesma e a comunidade. Além de traçar um paralelo a partir das novas perspectivas para salvaguarda a memória e a história do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto.

É comum haver uma preocupação significativa com a escolha da escala temporal nas pesquisas por parte dos historiadores. Todavia, é igualmente relevante pensar a historicidade dos espaços nas discussões. Logo, é preciso compreender os "espaços como sendo criações humanas e não apenas receptáculos passivos ou cenários dos acontecimentos humanos" (ALBUQUERQUE, 2008, p. 58). Essa ação humana é a produção do espaço. A alteração do ambiente é resultado da atuação dos homens agindo sobre o próprio espaço.

A religiosidade era uma marca das comunidades criadas pelo beato José Lourenço, semelhante a experiência anterior no ocorrida no sítio Baixa Danta, localizada no mesmo munícipio, dando continuidade ao trabalho de vida religiosa e socialista na segunda tentativa de organização de forma coletiva, a partir de 1926 quando guiado pelo Padre Cícero, o beato José Lourenço se reorganiza com seus seguidores no Sítio Caldeirão, propriedade do Padre Cícero.

Pois, como alerta Halbwachs,

> Se o acontecimento pelo contrário, se a iniciativa de um ou de alguns de seus membros, ou enfim, se circunstâncias exteriores introduzirem na vida do grupo um novo elemento, incompatível com seu passado, um outro grupo nascerá, com

> uma memória própria, onde subsistiria apenas uma lembrança incompleta e confusa daquilo que precedeu a crise.(HALBWACHS, 2004, p. 92)

Para entendermos as transformações em torno do nosso objeto de estudo devemos problematizá-lo com a sociedade da época, com suas necessidades e pretensões. As mudanças proporcionam, sobretudo, novas formas de adaptação e interação entre os indivíduos e o espaço.

Esses pontos serão dialogados com a bibliografia e as fontes primárias que nortearão o estudo do tema. Assim queremos aqui dialogar sobre as mudanças ocorridas na sociedade, e como estas transformações interferiram nas atitudes sociais fazendo brotar formas de sensibilidades e sociabilidades como o advento da modernidade propagada pelo discurso progressista presente naquela época.

Um lugar ... várias memórias...

O historiador francês Pierre Nora (1984), criou o termo lugares de memória. Iremos fazer uso desse termo para analisarmos a estruturação do espaço do Caldeirão da Santa do Deserto enquanto sua constituição como um espaço histórico. “Os lugares de memória são, antes de qualquer coisa, restos. [...] dos rituais que não existe mais, sacralidades passageiras em uma sociedade que dessacraliza, ilusões de eternidade.” (NORA, 1984).

Pierre Nora afirma que os lugares de memória são lugares com uma tripla significação: são lugares de cunho materiais, pois a memória social se funde e pode ser percebida pelos sentidos; são lugares funcionais porque possui a função de subsidiar as memórias coletivas e são ainda consideradas como lugares simbólicos onde esse fruto da coletividade se difundiu e se revela.

Michel De Certau (1994) em sua obra refere-se a lugares históricos como fragmentos isolados em si mesmo, são extraídos da legitimidade, o simbolismo esta presente no prazer ou no sofrimento do corpo.

As pessoas que compunham a comunidade eram em geral humildes exploradas pelos grandes latifundiários, vítimas do mandonismo coronelístico e romeiros atraídos pelos

milagres do Padre Cícero, que ao chegarem no Juazeiro do Norte[81], muitos eram encaminhados para a comunidade.

O local era marcado pelo misticismo em torno da imagem do beato e os demais símbolos a sua volta, como a Santa Cruz funcionava como símbolo de ligação do homem religioso com o Deus criador. O beato e o padre Cícero eram vistos como homem santo, no caso do padre Cícero, ou quase santo no caso do beato, apesar de que há quem acreditasse na santidade do beato, embora mantivesse essa crença em segredo, temendo retaliações.

Em relação a santidade do beato José Lourenço e o respeito pela santa cruz, podemos perceber no depoimento remanescente (J.M.C.) ao afirmar a santidade do beato e demonstra que confiava nele e na santa cruz. Ainda alerta que ninguém ia dizer que ele era santo enquanto estava vivo por causa da perseguição. Porque ele foi um homem muito perseguido. (J.M.C./m/remanescente /1998 IN CORDEIRO, 2004, p.154).

> Ôxente, a santa cruz é a nossa defensora. Que nosso Senhor quando morreu na cruz, foi para nos salvar. Olhe, a cruz é mais alta que Jesus. Olhe aqui a prova. Nós sem a cruz, não somos nada. O segredo dela é nós acreditar nele (Cristo) e nela. O que eu acho mais importante é isso. Irmãos da santa cruz. Era a irmandade da santa cruz. E quando a gente acompanhava ela, era tudo irmão da santa cruz e herdeiros da glória (J.M.C/f/remanescente. /1998 IN CORDEIRO, 2004,p.126 -127).

A Santa Cruz surge nos discursos de remanescentes como uma hierofania[82]. Não só a cruz como o beato ou o padre Cícero figuram como pontos de partida para manter vivo o vínculo com Deus. O objetivo de morar no Caldeirão perpassa a necessidade profana de manter o corpo vivo. Há algo maior que é a religação com Deus sendo que para manter essa ligação era indispensável um comportamento sagrado. Seguir uma conduta moral, rezar todos os dias com muita fé e ter o trabalho não como castigo, mas como uma penitência.

Todos seguiam o catolicismo e buscavam seguir os ensinamentos da Igreja, a qual nem sempre conseguia satisfazer aos anseios materiais e espirituais do povo. Insatisfeitos, se sentiram acolhidos pelo catolicismo popular do padre Cícero e do beato, o que era combatido

[81] Juazeiro do Norte passou a ser conhecido como a Meca do Nordeste. IN Jornal o povo 26/10/1986.p.01
[82] É a manifestação do sagrado passando a uma simples forma profana, que posteriormente torna-se em sua totalidade um ato sagrado.

pelo catolicismo oficial. Vivia-se um intenso processo de romanização, buscando pôr um fim a essas manifestações religiosas.

Caldeirão da Santa Cruz do Deserto era visto por seus moradores e seguidores do Pe. Cícero como um lugar abençoado, de muita fartura, local de igualdade, onde todos eram bem vindos. Por outro lado, para a elite local era considerado um reduto de fanáticos, pois estavam perdendo mão de obra para o beato e a Diocese local estava vendo os seus fiéis atraídos para o catolicismo popular.

O clero local possuía como representante o Mons. Assis Feitosa e Joviniano Barreto alertava as autoridades pelo quisto (sic) que se formava. Falou-se em comunismo prático: as relações de produção e consumo tendiam para o comunismo. Tudo era da comunidade. (NAÇÃO CARIRI, 1980).

A história social passou por transformações, partindo do interesse do historiador pela cultura. Entre eles podemos incluir E. P. Thompson que demonstrou interesse por aquilo qur era denominado como intermédios culturais ou morais, dessa forma passou a considerar a experiência de classe é a forma como essas são tratadas em termo culturais encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. (THOMPSON, 1987, p.10).

Em sua obra Cangaceiros e fanáticos Rui Facó destaca que:

> Além disso, o pesadelo de Canudos persistia na mente das zelosas autoridades, mesmo depois de 1930, quando o latifúndio teve parcialmente cercado o seu poder político. Os latifundiários submetiam-se a uma aliança, desigual para eles, mas com a condição de que a burguesia os ajudasse na defesa de seus domínios. (FACÓ, 2009, p.219).

Na região do Nordeste as questões ligadas a terra, sempre foram mais recorrentes em vários períodos, muitos não aceitando a insubordinação aos considerados superiores, os que reagiam estavam classificados nos grupos de cangaceiros e fanáticos. Segundo Rui Facó (2009) estes indivíduos saiam da apatia geral para integrar a luta social. A luta não estava direcionada pela terra, mas pelo fim do poder classificado como semifeudal. A exemplo de outros movimentos messiânicos já citados, a sociedade seguia aqueles líderes nascidos do catolicismo popular que não era bem visto pelo catolicismo ortodoxo. (HOLANDA, NAÇÃO CARIRI, Nº 09, NOV/DEZ,1983,p.15)

José Lourenço como um seguidor fiel do padre Cícero, que já trilhava a palavra de Deus na expectativa do Catolicismo Popular em Juazeiro do Norte, guiava seus discípulos, realizava novenas, ladainhas e cortejos. Porém, sua formação religiosa difere da de seu mestre que era romanizada. Juazeiro do Norte passava a ser considerada como a nova Meca e a miséria da região Nordeste seria um castigo divino para alcançar o perdão dos céus fazendo-se necessário pagar penitências.

Em sua obra Um Beato líder: memorias narrativas de um caldeirão (2004), Domingos Sávio Cordeiro traz o confronto de falas de remanescentes (visão de dentro) e contemporâneos (visão de fora) ao movimento do Caldeirão. Buscando interpretar diferentes narrações realizadas por pessoas que vivenciaram ou testemunharam fatos em torno deste personagem.

Na obra é perceptível a combinação entre sagrado e profano. Ambos parecem se mesclar entre a oração e o trabalho. Percebemos o pacto da estatura religiosa e dos anseios de liberdade identificados nos movimentos classificados na literatura, como "rebeliões primitivas", "fanatismo" ou "messianismo".

De acordo com Eliade (2009, p. 101) a religião era/é vista como uma solução para a crise, mas, paralelamente, possibilita a vivência “aberta” a valores que já não são eventuais nem reservados, consentindo ao ser superar as condições pessoais e, consequentemente, alcançar o mundo do espírito.

A figura do beato era cercada de mistérios, alguns diziam que ele tinha varias parceiras, um exemplo é escritor Jorge Amado que em uma de suas obras diz: “Ah! Esse beato José Lourenço, criado sua seita, embuxando (sic) mulheres às dezenas, despejando filhos e fieis pelo sertão.”[83]

Os entrevistados o senhor Raimundo Batista de Lima, residente atualmente com sua família no Caldeirão, e seu Antônio Inácio da Silva, afirmam que não é verdadeira a história que diz que o beato ficava no sótão de sua casa espionando as meninas desfilarem sem calcinha.

> Vocês desculpe eu dizer, mais vocês ainda vão ouvir falar, que nessa casa do beato alí, tinha um sótão, que eles disseram que o beato butava essa muierada nova,

[83] CORDEIRO, Domingos Sávio. Um beato líder: memórias narrativas do Caldeirão. Imprensa universitária, UFC, Fortaleza, 2004.

> vocês já ouviram falar? Que o biato butava essa muierada nova no sótão, e ele ficava debaixo. Passo largo e demorado. Ar muié só cum a roupona. Quer dizer que isso é tudo mentira. (R.B.L./set.2012)
>
> O povo inventava algumas mentiras sobre o Caldeirão. A conversa sobre o sótão onde o beato mandava as mulheres subirem era mentira. La não tinha esse tipo de comportamento. Lá tinha era um armazém muito apertado de tão cheio de alimentos que mal dava para andar. (A.I.S./Jun.2011)

Na década de 1930 o beato por seguir preceitos comunitários e igualitários, foi incriminado de participar da Intentona Comunista. Perseguido escondeu-se por algum tempo na Serra do Araripe para não ser novamente preso.

A elite cearense via na figura do beato um perigoso líder capaz de articular levantes contra a ordem pública. O principal problema apontado era a organização da comunidade que as oligarquias classificavam como comunista.

Após a morte do patriarca de Juazeiro do Norte, padre Cícero, as romarias se intensificaram agora com o objetivo de visitar o túmulo do padre Cícero, os romeiros seguiam para o Caldeirão em busca de conselhos. Muitos chegaram a estabelecer residência no Caldeirão. “As autoridades políticas e eclesiásticas desejavam destruir o Caldeirão. No testamento o padre Cícero deixou a propriedade Caldeirão para a ordem Salesiana (FONTENELE, 1959).

> Com a morte do Padre Cícero (1934), soube-se, através do seu testamento, que a maior parte dos seus bens fora legada os padres salesianos. Em 1936 a Diocese de Crato reivindicou a posse do Sítio Caldeirão que deveria ser entregue sem indenizações. (JORNAL TRIBUNA DO CEARA, 23/10/1986).

De acordo com o Jornal Nação Cariri o catolicismo popular ou fanatismo como era mais conhecido na época era considerado uma epidemia, um atraso social, algo incivilizado . É uma doença incurável dos caboclos. As práticas do beato e seguidores iam de encontro às teorias que defendiam o branqueamento da sociedade brasileira, também conhecida como política nacional de branqueamento. Esse racismo científico continuou em alta até a década de trinta do século passado. A intenção era eliminar os negros e mestiços do nosso país deixando-os às margens da sociedade para que estes desaparecessem da mesma.

> O beato José Lourenço e o beato Severino Tavares andam explorando no vale do Cariri a lembrança do padre Cícero. De forma esperta eles buscavam fanatizar os coitados alucinados pela seca. Os fiéis são atraídos pela memória do padrinho e obrigados a trabalhar. São classificados como fanáticos, que cuidam da terra e planta. Os beatos estão desmoralizados por essa profissão. (O POVO, 1936: IN CORDEIRO, 2004).

O discurso dominante disseminado seja pela elite "sagrada", igreja, ou pela elite "profana", políticos e latifundiários, implantaram na sociedade o perigo do Caldeirão, habitado por pessoas inescrupulosas, aliadas do comunismo soviético, fanáticos nas suas expressões religiosas e desregramento sexual, vivendo o beato em concubinato com as moças do Caldeirão. Convencida do perigo, logo o Estado teria o apoio moral para acabar com a vida comunitária.

Membro da polícia, o capitão José Bezerra, antes da destruição, foi visitar a comunidade, conhecer de perto toda a estrutura, disfarçado de negociante. Apesar de verificado o caráter pacifista do povo, esta versão foi omitida. Pessoas influentes queriam a destruição, a qual se concretizou em 10 de setembro de 1936. Foi dada ordem de dispersão, bens foram saqueados e casas queimadas.

Enquanto muitos moradores foram para seu Estado de Origem outros se recusaram a abandonar seu local sagrado onde tinha tanta abundância de alimentos e de conforto espiritual, decidindo se refugiar na Mata dos Cavalos em busca do beato e da reorganização da comunidade.

Embora se tente negar o ataque aéreo, o delegado do DOPS, José Góes de Campos Barros escreveu no seu relatório que foram assassinados 400 camponeses. José de Macedo, que vinha pilotando o avião, diz ter feito voos rasantes, de reconhecimento e que lançaram sobre os acampamentos granadas de mão e efetuaram disparos de metralhadora. Quanto à expulsão em 1936, o Capitão Cordeiro Neto, afirma ter feito o que tinha que ser feito, zelando pela ordem pública.

Uma nova visão sobre o Caldeirão

A relação entre passado, presente e memória, possibilitaram novos caminhos para a pesquisa histórica do século passado, oferecendo uma nova percepção do mesmo. O interesse

dos historiadores pela memória foi em grande medida difundido pela historiografia francesa como podemos observar nas postulações a seguir:

Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forcas sociais pelo poder. Tornaram-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente as quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento (LE GOFF, 1996, P. 426)

A memória coletiva na visão de Le Goff (1990) é uma integrante das grandes questões das sociedades que se apresentam num caminho bem desenvolvido ou entrando neste caminho, onde as classes dominadoras e das classes reprimidas, disputam todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência [...]. Ela não é marcada somente por uma conquista, é também um utensílio e um objetivo de poder. A memória grupal, em especial, a oral ou que estão em caminhos de se constituir uma memória escrita com a finalidade de facilitar a compreensão da disputa pela dominação da recordação e da tradição, presente na memória.

O sociólogo Maurice Halbwachs traz um grande apoio teórico. O autor fala sobre a memória individual existe a partir da memória coletiva, todas as lembranças são constituídas no interior de um povo. A memória grupal influi na constituição da memória individual, estabelecida por códigos e lembranças desse grupo. O lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e dos laços mantidas com outros meios. (HALBWACHS, 2004).

De acordo com Domingos Sávio Cordeiro (2004), o Caldeirão foi destaque na mídia no final da década de 1930 e início da década de 1940, mostrando uma imagem deturpada do messianismo e de seus seguidores. Já na década de 1960 a memória sobre a comunidade ganha uma nova aparência o beato que antes era visto como um amalucado, agora é considerado como um idealizador do movimento socialista bem sucedido.

A partir da década de 1980 o Caldeirão e os seus habitantes passam a ser lembrados de outra maneira. Não mais como fanáticos, mas como heróis na luta por igualdade, por espaço, um lugar para trabalhar e morar. O Caldeirão passou a ter um outo aspecto visto agora como um espaço sagrado.

No seu chão foi realizada a primeira missa em prol da reforma agrária. A experiência efetivada hoje é um exemplo de uma comunidade igualitária bem sucedida e atualmente o Caldeirão recebe uma grande quantidade de visitantes, principalmente no período de romaria que ocorre anualmente no mês de setembro. Porém, mistérios ainda permanecem na memória do local. É alimentada a possibilidade da existência de uma vala coletiva onde teriam sido enterradas centenas de pessoas.

Segundo Maria Lôureto de Lima, (2013), neta do beato Severino Tavares, não se sabe ao certo o número de vítimas, o qual também fez parte da comunidade Caldeirão, o discurso sensacionalista da polícia teria divulgado 200 mortos, mas que esta informação não é verídica, chegando a ser o número real inferior a 100 mortos. Já conforme apresentado por Holanda (1987, p. 496-497), para o farmacêutico de Juazeiro do Norte, José Geraldo da Cruz, o qual esteve na Mata dos Cavalos após o ataque, recolhendo com um cipó 16 crânios de crianças, teriam morrido 700 pessoas.

Causa já foi movida na justiça pelos familiares das vítimas, contra o Estado, visando obtenção de indenização de quinhentos milhões de reais às vítimas do Caldeirão. No entanto, o processo foi arquivado. A Procuradoria da União no Ceará alegou que não há evidências que comprove o massacre contra os camponeses e existem muitas contradições.

> O professor Diathay Bezerra de Menezes, sociólogo da UFC, confessa estar desolado após cinco anos de pesquisa, pois os sobreviventes não sabem transmitir com fidelidade informações sobre os fatos em face dos poucos conhecimentos de que são dotados. Conta também que não são encontrados muitos documentos sobre a ação policial, assim como desapareceram da Biblioteca Pública muitos jornais da época. Existe interesse em que não se fale e nem se comente o assunto. Os sobreviventes por receio de represálias não gostam de falar no assunto com estranhos. (HOLANDA, 1987, p.499).

Considerando as estratégias de perseguição a qualquer forma de resistência dos seguidores do beato, torna-se difícil a comprovação dos fatos perante a justiça. As perseguições foram duradouras e impediram os sobreviventes de coletar e preservar provas mais fundamentadas. Sem contar tratar-se de uma gente simples e sem conhecimento letrado e jurídico capaz de fazê-las se preocupar em coletar ossadas ou cascas de balas. Dificultou também provas deixadas pelas vítimas no momento das perseguições, pois não era dado a essa gente o direito de falar. Foram excluídos da história. Não dispunham de um jornal mediante o

qual deixassem impressas suas marcas sobre tais fatos e não contavam com apoio de nenhum dos meios de comunicação.

Foram vistos como uma maldição que se infiltrava no meio social. Ademais, eram movidos pela religiosidade, tendo uma visão de que tudo aquilo era provação divina. O sofrer na terra para ser feliz na outra vida. Não tinham o pensamento de que um dia seus descendentes poderiam levar causa a justiça. O próprio José Lourenço com ajuda de advogado já havia tentado reaver bens por meio da justiça e tinha sido negado mediante alegação de decurso de prazo. Tudo estava montado para dar cabo aquela gente. A eles não seriam reconhecidos quaisquer direitos, como se houvesse uma lei para os seguidores do beato e outra para o restante da sociedade. Não eram povo, mas sim fanáticos aos olhos da elite.

Seu Raimundo atual morador do sítio, ainda não residia lá na época do massacre. Mas, vivia em uma comunidade vizinha e seus pais conheceram o beato e a comunidade. Ele reside no Caldeirão há dezessete anos e cuida do terreno e do museu que foi fundado pela secretária de cultura do município de Crato-Ceará. Ele relata que é frequente a visita de turistas ao local.

> Sou fi da finada Laurentina Maria da Conceição e do finado Antônio Izaquiel Batista de Lima. Que eles num conviveram aqui dentro do Caldeirão mais o biato Zé Lorenço, mais nasceu e se criou vizinho ao Calderão, tá entendenu? Aqui eles conhecia pedra por pedra. Eu tinha duis prima que era casada cum dois sinhô que convivia aqui mais o biato Zé Lorenço. Alí na frente da casa do biato Zé Lorenço tem uma cruzinha - num sei se vocês viram-, que era do finado Alípio. Que o finado Alípio morou mais o beato aqui. (R.B.L/set.2012)

Como já citado, o Caldeirão hoje é bastante visitado e conta com um museu. No entanto, para o entrevistado Raimundo Batista de Lima, o museu não representa adequadamente a memória do Caldeirão. Para ele, não deveria de ter sido feita uma construção dentro dos padrões da arquitetura moderna, mas sim ter aproveitado e preservado a antiga estrutura da casa do beato. Critica também o fato de ter sido feita a construção de alto valor financeiro para permanecer fechada, sem materiais para consulta pelo público, e mais, não tendo uma preocupação com a preservação ambiental, uma vez que a cor dada ao prédio, branca, que segundo o entrevistado, provoca a morte dos pássaros sabiás que se chocam contra as paredes.

O Caldeirão está vivo na mente de muitas pessoas, apesar das diversas tentativas de calar esta memória. Vendo por este ponto o Caldeirão foi vitorioso e mesmo com a falta de apoio do poder público ou de estratégias errôneas por ele aplicada com o intuito de preservá-lo, a história vem sendo contada através dos professores que se empenham em contar para seus alunos a história que muitos quiseram que fosse para sempre esquecida.

No jornal o Povo de 26 de outubro de 1986, traz uma abordagem do filme "O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, o longa-metragem de autoria de Rosemberg Cariry, trouxe grandes contribuições para a história local, pois esta obra é constituída de relatos de remanescentes da comunidade, pois possui imagens únicas sobre o atentado, sendo marcada pela riqueza iconográfica, manchetes de jornais e a participação de figuras da cultura popular. Produzido na década de oitenta do século passado, o longa metragem foi considerado um marco para a manutenção e divulgação da memória do arraial.

O fato é reafirmado no jornal O povo de 26 de outubro de 1986, no corpo do texto é retratado a importância dessa produção fílmica, ressaltando o que realmente ocorreu, fatos que estavam esquecidos ou desconhecidos até o momento. O produtor do longa-metragem realizou um trabalho minucioso para retrata a realidade da comunidade. Ele buscou ressaltar a religiosidade como força motriz da transformação, além de lançar um estudo sobre a a economia e a sociedade do período.

No jornal Diário do Nordeste de 29 de maio de 1990 retrata a imagem do Caldeirão como uma nova Canudos,[84]o espaço encontra-se abandonado e resta poucos vestígios do seu passado, até mesmo a casa onde o beato residia foi corroída pelo tempo. Na presente data não foi demonstrado nenhum interesse do poder público em conservar ou restaurar o local. Como podemos observar nas imagens a seguir:

[84] Este fato confirmado no jornal Nação Cariri, nº 9, nov/dez de 1983. O Caldeirão é comparado a Canudos ou Contestado

Figura 1 Capela construída pelo beato.

Figura 2 Caldeirão da Santa Cruz.

A figura 1 e 2 retrata o descaso pela memória histórica local, a capela estava prestes a desmoronar e a vegetação invadia todo o terreno. O patrimônio sofre a ação do tempo, apagando os traços como o do engenho, da casa de farinhas, armazéns onde estocavam os alimentos e diversas residências que não existem mais.

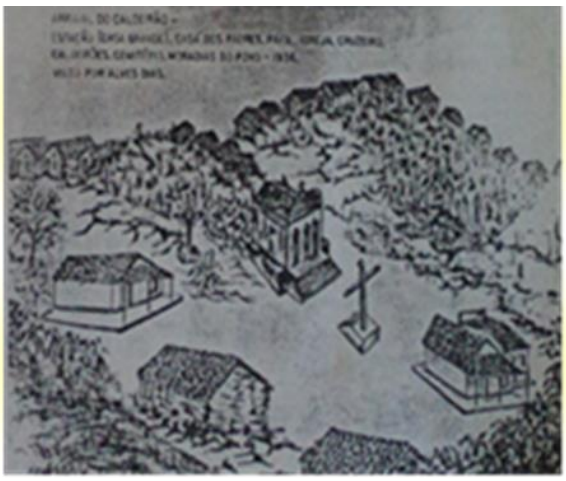


Figura 3 O desenho de Alves Dias (livro "Caldeirão")

Figura 4 local onde era a residência do beato[85]

O crescente deslocamento de romeiros para a cidade de Juazeiro do Norte, contribuiu para o escoamento destes para o arraial, não somente durante o período de estiagem, muitos eram atraídos pelas pregações de Severino Tavares, profetizando o fim dos tempos,

[85] A foto foi extraída do blog: 125cilindradaaventuras.globspot.com.br/2012/11/aventura-5-cadeirao-de-santa-cruz-do.html

disseminando os mandamentos, a obediência ao sagrado e o desprezo pelo que errado. As romarias cresceram ainda mais após a morte do Padre Cícero, o Caldeirão seria uma nova terra de promessa e o beato José Lourenço, seria a reencarnação do padre. p. 160-161[86]

A romaria realizada no ano de 2004, contou com a participação de cerca de 500 participante e teve como tema: "A água como fonte de vida", direcionando para o uso consciente do recurso hídricos, foi também chamada a atenção para algumas iniciativas tidas como paliativas e que garantem a manutenção da indústria da seca. Destacou ainda que a população está mais atenta, agora fazem cisternas para armazenar a água da chuva, seguindo um dos preceitos deixados pelos Padre Cícero ao pedir que todos construíssem uma cisterna no "oitão" de sua casa[87][88].

Em 2005 foi realizada uma exposição fotográfica no Cariri Shopping, na cidade de Juazeiro do Norte, o evento se deu em prol do aniversário de 59 anos da morte do beato José Lourenço, composta por 30 fotografias de reuniões, casas destruídas, vítimas e o velório do líder da comunidade. Os responsáveis pelo evento são filhos de remanescentes da comunidade e se esforçaram para trazer ao alcance de todos a verdadeira história do arraial[89].

No acervo consultado tivemos a oportunidade de acessar três projetos produzidos pela Secretaria de cultura, turismo e meio ambiente do município e outros órgãos em parceria, um mais antigo referente ao mês de agosto de 1997, o outro sendo um projeto arquitetônico para restauração (não possui data específica) e o terceiro datado em outubro de 2003.

Ao analisar os projetos percebemos que os três possuíam pontos em comum como a instalação do parque histórico do Caldeirão a partir da restauração da arquitetura e a construção de novos pontos de apoio como uma pousada, restaurante, anfiteatro, centro de informações, espaços de pesquisa, entre outros. Com o objetivo de transformar o local em um centro de estudos e pesquisas, incentivar o turismo ecológico e histórico, promover melhorias nas condições de vida da população, fomentar pesquisas cientificas, implantação do projeto pedagógico sobre a história do Caldeirão, possibilitar o uso sustentável nas suas diversas atividades, entre outras ações.

[86] Jornal Nação Cariri, nº 5, Dez/ Jan. 1981/1982
[87] Jornal Diário do Nordeste, 20/09/2004, p. 13
[88] Jornal do Cariri, 19/09/2004, p. 01
[89] Jornal Diário do Nordeste, 16/02/2005, p. 01

Em ralação as atividades desenvolvidas no momento podemos destacar o trecho do jornal Diário do Nordeste:

> Vários projetos já foram pensados para o resgate e a preservação da memória do Caldeirão, além de ampliar o turismo em Crato. Mesmo não obtendo êxito, até o momento, a aposta é ceder o espaço em regime de comodato para a Universidade Federal do Cariri (UFCA), pela prefeitura do Crato. O debate nesse sentido deverá ser fortalecido, com a aprovação e projeto na câmara municipal. [...] Realizar parceria com o Museu do Ceará e levar à romaria para exposição, objetos que pertenceram ao beato José Lourenço, fundador e líder da comunidade. [90]. (GRIFOS NOSSOS)

A gestão municipal atual luta para desenvolver ações que valorizem a história do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, como as romarias que ocorrem anualmente e gradativamente conquistam mais fiéis. A romaria é organizada em parceria com a Diocese de Crato.

Considerações finais

As narrações dos movimentos messiânicos geralmente são produzidas a partir do ponto de da classe dominante. Esse enfoque tem levado, constantemente, ao esquecimento e a importância desses fenômenos para a compreensão da história das minorias, prevalecendo a versão a história divulgada pelos vencedores.

Conforme fontes utilizadas, pode-se compreender a importância do sentimento religioso para a formação e manutenção das comunidades lideradas pelo beato José Lourenço. Observou-se as diferentes interpretações dada aos eventos do Caldeirão. Para uns, entendidos como sagrados e para outros compreendidos como profanos, destacando-se os interesses de cada grupo como elementos influenciadores de suas interpretações.

Compreendeu-se que o universo cultural do século XX estava permeado por discursos civilizatórios contrastando com permanências históricas tradicionais. O ideal de civilização não atingia a todos. Era excludente e autoritário. Pensado pela elite e para a elite. Não buscava levar a todos os benefícios do progresso, nem permitia aos excluídos desenvolver livremente suas estratégias de sobrevivências.

[90] SANTOS, Elizângela. Romaria do Caldeirão reunirá até 3 mil fiéis http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/suplementos/cariri-regional/romaria-do-caldeirao-reunira-ate-3-mil-fieis-1.1099965 14.09.2014.

Foi possível enxergar alguns dos elementos motivadores da perseguição ao beato e sua gente. O fator religioso, os interesses políticos, o modelo de sociedade então pretendido pelos que comandavam a região do Cariri no momento histórico em estudo, tiveram força para mover tamanha repressão.

A partir do nosso estudo também pudemos perceber ações desenvolvidas para a manutenção da memória da comunidade, seja pelas propostas dos órgãos públicos, pelas iniciativas da Diocese cratense e da comunidade em geral, que muitas vezes em atividades individuais se preocupam em manter e disseminar a história local.

Referências

AGUIAR, Cláudio. **Caldeirão.** Rio de Janeiro. Calibán, 2005.

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteira**: História, espaços e identidade regional. Recife. Bagaço, 2008

BARBOSA, Geraldo Menezes. **História do Padre Cícero ao alcance de todos.**1992, p. 05

BERGSON, Henri. **Matéria e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo. Martins Fontes, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas:** o que falar que dizer. Trad. Sérgio Miceli et all. 2ª Ed. São Paulo: Edusp, 1998a.

CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história:** ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro. Campus, 1997.

CERTTEAU, Michel**. A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer. Petrópolis-RJ, 1994

CORDEIRO, Domingos Sávio. **Um beato líder:** memórias narrativas do Caldeirão. Imprensa universitária, UFC, Fortaleza, 2004.

ELIADE, Mircea, 1907 1986. **O sagrado e o profano.** Tradução Rogério Fernandes. São Paulo. Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Nobert. **O Processo civilizador.** Vol.1. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora. 1994, p.21

FACÓ, Rui. Cangaceiros e Fanáticos. 4ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará.** 6ª ed. Fortaleza. Armazém da Cultura, 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral.** Rio de Janeiro: Topoi, 2002.p. 314-332.

FIGUEIREDO, José Alves de. **O beato José Lourenço e sua ação no Cariri.** Fortaleza, Museu do Ceará, 2006.

FONTENELE, A. Batista. **História do Fanatismo Religioso no Ceará.** Fortaleza, Editora Batista Fontenele, 1959.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo. Centauro, 2004.

HOLANDA, Maj. PM João Xavier de. **Polícia Militar do Ceará:** origem, memória e projeção. Fortaleza. Imprensa oficial do Ceará, 1987.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. **História e Memória.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Maria Lourêto de. **José Lourenço, o beato perseguido.** Fortaleza. Editora Imeph, 2013.

LOPES, Francisco Régis. IN Simone de. **Uma nova história do Ceará.** Fortaleza, Edições Demócrito Rocha, 2007. (Obs.: o texto é de Francisco Régis Lopes)

MÁSPOLI, Antônio. **A destruição da terra sem males: o conflito religioso do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto.**2009. Disponível em: http://www.usp.br/revistausp/82/06-maspoli.pdf Consultado em: 20/10/2013

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. Pierre NORA (org). Les lieux de mémoire. Paris: Gallimard, [1984] IN NEVES, Margarida de Souza. **Lugares de Memória da Medicina no Brasil.** Disponível em: http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/lugaresdememoria.htm

RAMOS, Francisco Regis Lopes. **Caldeirão.** Fortaleza: EDUECE, 1991.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária:** A arvore da liberdade. 2º ed. Tradução Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Jornais

ANÔNIMO. Caldeirão e o Beato José Lourenço, Nação Cariri, Crato-CE Ano I, Nº 02, julho/agosto de 1980

_____. Romaria lembra a massacre do Caldeirão, 19/09/2004, p. 01

_____. O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, O cinema cearense dá a verdadeira versão, O povo, 26 de outubro de 1986. P. 03

_____. O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. Jornal Tribuna do Ceará, Fortaleza, 25 de setembro de 1986.

_____. Fonte de vida: Romaria do Caldeirão realça o valor da água. Jornal Diário do Nordeste, 20 de setembro de 2004.p. 13

DEMONTIER, Francisco. Exposição revive saga do Caldeirão. 16/02/2005. P. 01

VICELMO, Antônio. Caldeirão, um povoado corroído pelo tempo. Diário do Nordeste, Caderno 3, Fortaleza, 25 de maio de 1990.

HOLANDA, Firmino. Nós temos do Caldeirão, Nação Cariri, nº 07, nov/dez de 1983. P 15-21

MACHADO, Antônio Alcântara. Os fanáticos do Caldeirão. O Povo. Fortaleza, 02 de março de 1936. IN CORDEIRO, Domingos Sávio. Um beato líder: memórias narrativas do Caldeirão. Imprensa universitária, UFC, Fortaleza, 2004.

SANTOS, Elizângela. Romaria do Caldeirão reunirá até 3 mil fiéis http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/suplementos/cariri-regional/romaria-do-caldeirao-reunira-ate-3-mil-fieis-1.1099965 14.09.2014, acessado em 27/10/2014 às 13:44

Entrevistas

Entrevistado: Antônio Inácio da Silva. (remanescente da comunidade e atualmente reside no sítio Minguiriba, Crato-CE) Fez 84 anos no dia 30 de junho de 2011. Esposa do entrevistado: Joana Carlos de Melo Silva. Filho de: João Inácio e Maria de Jesus, ambos falecidos.

Data: 30 de junho de 2011

Entrevistado: Raimundo Batista de Lima, (reside atualmente no Caldeirão) nascido nas proximidades do sítio Caldeirão no 20 de abril de 1944. Filho de Laurentina Maria da Conceição e de Antônio Izaquiel Batista de Lima

Data: dia 29 de setembro de 2012

Vídeo

O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. Direção: Rosemberg Cariry. Fortaleza: Cariry Filmes,1984. (1h16 min.) Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=D5ypWasqXo0 Consultado em: 10/10/2014

Sites

125cilindradaaventuras.globspot.com.br/2012/11/aventura-5-cadeirao-de-santa-cruz-do.html acessado em 26/10/2014 às 9:34 h

GT 2. HISTÓRIA E SENTIMENTO RELIGIOSO: TRAJETÓRIAS, DISCURSOS E NARRATIVAS DE DEVOÇÃO.

"UM CÉU DE TODO MUNDO": A VISÃO DOS ROMEIROS NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE SAGRADA DE JUAZEIRO DO NORTE.

Mateus Pinheiro[91],
Fatiana Carla Araujo

Introdução

> Juazeiro seduz a vontade de lembrar. Acolhe o desejo de quem gosta de (com) fabular, deixando o escutado com mais sabor do que o visto. Até parece que lá teve mais acontecimentos, que o fermentam e arrebentam os limites do passado.
>
> (...) Juazeiro não parou de acolher o desejo de narrar (RÉGIS LOPES, 2008).

A Cidade de Juazeiro do Norte (CE) de acordo com a crença popular desenvolveu-se a partir de uma série de "milagres"[92]que até hoje continuam a instigar os pesquisadores sobre os chamados "acontecimentos fantásticos de 1889", desde então, a cidade passou a ser "considerada sagrada" para os seus romeiros. Anualmente a cidade, em época de romarias recebe cerca de dois milhões pessoas (CORDEIRO, 2011). Um dos objetos dessa comunicação é compreender o papel dos romeiros para a construção da sacralidade local.

Essa temática é fascinante e ainda possibilita variadas formas de estudo. Isso se deve pelo o fato da região ser um "centro de migração populacional e terreno fértil para estudos e pesquisa com demanda de conteúdo especifico que desafiam desde os mais jovens aos mais experientes pesquisadores" (CORDEIRO, 2013, p.11);

Essa comunicação faz parte do projeto de pesquisa intitulado: Arquitetos do Tempo: a (des) construção do sagrado e o nascimento de um novo Juazeiro além do catolicismo (1988-2011). Desde a concepção do tema da seguinte comunicação muito já foi modificado principalmente no que diz respeito ao seu enfoque metodológico. Ao longo da pesquisa,

[91] Graduando em história pela universidade regional do cariri, membro do NESHA, (grupo de estudo em história social e ambiente), atualmente é membro do IPESC, (Instituto José Marrocos de Pesquisa) e bolsista de Iniciação Cientifica. O presente trabalho é orientado pela professora MS: Fatiana Carla Araújo

[92] O milagre de 1889 – também chamado Milagre de Juazeiro – fora um evento religioso extraordinário em Juazeiro naquele ano. Teve como protagonistas uma beata chamada Maria de Araújo e o Padre Cícero (BRAGA, 2008, p. 29).

houve o amadurecimento do objeto de pesquisa: Os Romeiros. Segundo Renata Marinho Paz: (2011, p.8).

> As romarias de Juazeiro são eminentes populares, realizadas em torno de um santo não canonizado oficialmente, e à revelia da Igreja. Realizadas em devoção a Nossa Senhora das Dores, as romarias de Juazeiro sempre foram profundamente malvistas e combatidas pela Igreja já romanizada.

Durantes as leituras do material produzido sobre a historiografia de Juazeiro nos deparamos com uma rica produção temática. Porém, essa produção estava inserida no ramo da sociologia e antropologia. Com importantes trabalhos produzidos sobre Juazeiro e os seus "acontecimentos fantásticos" [93].

Essa melhor delimitação temática do nosso objeto de estudo ocorreu durante a apresentação da pesquisa no Quinto Encontro dos Estudantes de Ciências Sociais ocorrido na URCA (Universidade Regional do Cariri) no mês de março do recorrente ano. Desde então, a leitura das obras sugeridas pelos coordenadores do grupo de estudo nos ajudaram no encontro de uma melhor maneira do desenvolvimento desse projeto e na concepção desse artigo.

As modificações sugeridas pelos coordenadores foram importantes para a melhor compreensão do nosso objeto de pesquisa. Considerando que "as romarias apresenta-se como um campo rico em possibilidades de investigações" (CORDEIRO, 2011, p.28), entretanto a antropóloga Renata Marinho Paz (2011) nos diz que "existe um universo de práticas e representações que acabaram por ser ocultadas, devido a predominâncias estatísticas e políticas do catolicismo na localidade".

Durante aproximadamente um século, a postura da Igreja perante as romarias foi marcada pela intolerância, rejeição e combate à religiosidade popular num sentido mais amplo. Juazeiro era considerado um antro de fanáticos e, nesse sentido, a realização de qualquer trabalho pastoral junto aos romeiros era inconcebível, pois as autoridades eclesiásticas temiam que ações nesse sentido pudessem estimular o fanatismo e legitimar a religiosidade popular. (PAZ, 2011, p.8)

Ao resgatarmos esses agentes sociais, estamos contribuindo para o desenvolvimento histórico de um tema até então pouco pesquisado. Temos uma grande produção sobre o Padre Cícero, porém estudamos pouco outros personagens como a Beata Maria de Araújo, os

[93] Milagre em Joaseiro de Ralph Della Cava, (1976), Juazeiro do Padre Cícero A terra da mãe de Deus, Luitgarde Oliveira Cavalcante Barros (2008), Entre Chegadas de Partidas dinâmica das romarias em Juazeiro do Norte, Maria Paula Jacinto Cordeiro, (2011) e Para onde sopra o vento: A igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte. Renata Marinho Paz (2005) entre outros.

romeiros, os beatos e os penitentes. Sobre isso a historiadora Fátima Pinho, autora da dissertação de mestrado: a representação social dos moradores da colina do Horto. - nos diz

> Tem uma literatura super vasta sobre o padre Cícero, do milagre, da política. (...) na minha dissertação de mestrado, quando eu estudei a representação social do Padre Cícero para os moradores da colina do Horto, se você der uma olhada (...) as condições sociais deles são precaríssimas, de saúde, de trabalho, no entanto, quando eu perguntava a eles é o que é o horto para eles? Ele olha o Padre Cícero diz que o horto é o paraíso, porque daqui eu não trabalho para ninguém não sou subordinado a ninguém, mas aqui eu coloco a minha garrafinha de café, com um quilozinho de goma, faço minha tapioca e crio meus filhos, é uma noção de paraíso para eles que não é um paraíso material (...)[94].

A região do Cariri: Juazeiro um coração a pulsar entre dois mundos.

Figura 1 representação da região do cariri[95]

O Cariri é uma região situada ao sul do estado do Ceará entre o sertão dos Inhamuns e a fértil Chapada do Araripe. O desenvolvimento da região ocorreu durante o século XVII em virtude dos chamados ciclos econômicos da cana de açúcar, produção de couro e gado. A região é conhecida como um caleidoscópio cultural, marcado pelas "artes, fazeres, linguagem, o chão onde o sagrado e o profano se encontram e se combinam tanto no cotidiano da vida quanto no devir que mescla, no presente, passado e o futuro".

[94] Depoimento obtido no grupo de estudo NESHA, no dia 10.06.2014.
[95] http://www.juanorte.com.br/guialocalizacao.html pagina acessada dia 19/04/2014.

Segundo a crença popular o Cariri é um local mágico, cercado de lendas e mistérios recorrentes aos índios cariris, tribo que vivia no local e responsável pela profecia de que um dia iria voltar a ser mar. Envoltos desse misticismo à região mantiveram a devoção aos cultos sagrados, principalmente em momentos de crise como o surto de Cólera-morbo em 1865[96]e as terríveis secas que atingiram a região em 1877 e em 1888. "Esse 'caldo mítico' original foi propício à fecundação e eclosão dos futuros movimentos religiosos" (GUIMARÃES, DUMOULIN, 2009, p, 13).

A fé, para os nordestinos, significava nesse período de dificuldades a esperança de dias melhores, para a gente simples dos sertões, os castigos se davam principalmente pala falta de fé dos sertanejos, que os períodos de seca ocorriam como uma forma de castigo. Foi em um período conturbado para a história do Ceará e do Brasil que se desenvolveu um dos movimentos mais instigantes do catolicismo.

No pequeno povoado de Tabuleiro Grande, atual Juazeiro do Norte, ocorreu um fenômeno eucarístico marcado pelo misticismo, e pela crença popular dos sertanejos. Em 1889, durante a celebração de uma novena em ação de graça ao Sagrado Coração de Jesus, Padre Cícero, encerra a cerimônia, comungando as beatas que estavam presentes no local, entre elas a Beata Maria de Araújo[97]. Ao comungar, a hóstia se verte em sangue, dando início a um processo religioso conhecido como "a questão religiosa" [98]de Juazeiro do Norte.

Essa questão dá início à devoção dos chamados romeiros do Juazeiro do Norte, a cidade que se tornou a "Meca" do Nordeste, atraindo cerca de dois milhões de romeiros por ano, esse movimento transformou a cidade "Na Terra da Mãe de Deus" [99]. Focada na devoção ao Padre Cícero Romão Batista, mesmo não sendo canonizado para Igreja, ele já é santo pela fé dos nordestinos que renovam os votos a cada Romaria.

---

[96] Cf. Alexandre, Jucieldo Ferreira. Quando o "anjo do extermínio" se aproxima de nós: representações sobre o cólera no semanário cratense O Araripe (1855-1864) / Jucieldo Ferreira Alexandre. - João Pessoa, 2010.

[97] Em torno da Beata Maria de Araújo destacamos as seguintes obras: Maria de Araújo, a beata do Milagre, de Daniel Walker (1996), Maria de Araújo: a Beata de Juazeiro, (1991), Maria de Araújo: a beata do Milagre (1990), Maria de Araújo: Memória perigosa de uma Mística, (2009) Maria do Carmo Pagan Forti; As beatas do Padre Cícero: participação feminina leiga no movimento sócio religioso de Juazeiro do Norte, Renata Marinho Paz, (1998) entre vários outros...

[98] Entende-se por 'Questão Religiosa' o conflito entre a hierarquia da Igreja e a monarquia – ocorrido em 1872- e a romanização, situam-se dentro do quadro internacional e correspondem à preocupação de reforçar a Igreja contra os avanços das idéias republicanas, da maçonaria, do positivismo e do protestantismo. (MONTEIRO, p. 45).

[99] Terra da Mãe de Deus é uma das muitas denominações atribuídas à cidade de Juazeiro do Norte pelos romeiros e provavelmente a mais difundida

"Um céu de todo mundo": os romeiros e a construção de Juazeiro como a cidade sagrada.

> ... A história da miraculosa transformação da sagrada forma em sangue... Tornava-se uma revelação que repercutia ao longe e de longe trazia romeiros que chegava ao Juazeiro perguntando onde estava o precioso sangue que tinha vindo adorar.

A construção da cidade de Juazeiro do Norte é marcada pelo misticismo, desde o "sonho" do Padre Cícero ao milagre da Hóstia de Maria de Araújo, transformando-se em "terra da mãe de Deus", "Meca dos Sertanejos". E como definiu Padre Cícero: "Juazeiro é a Terra dos náufragos da vida".

Anualmente, cerca de dois milhões de romeiros se dirigem a Juazeiro do Norte para agradecer, pedir e renovar os votos. Os romeiros vêm à cidade durante os períodos de quatro romarias ao longo do ano; dia 2 de fevereiro, quando ocorre a romarias das Candeias, dia 24 de março, nascimento do padre Cícero, dia 20 de julho, morte. 15 de setembro, romaria da padroeira da cidade, Nossa Senhora das Dores, e dia 2 de novembro romaria de finados.

Durante um período de cinco dias, a cidade se transforma no centro da devoção do nordestino[100]. Para os devotos como Orlandina 61 anos, romeira de Pernambuco, a cidade é "um céu de todo mundo" a devoção no local transforma as adversidades da vinda ao local. "Era a coisa mais linda do mundo as procissões e os fogos, todo mundo na intenção. Era o céu, era mesmo o céu... Um céu de todo mundo" (CORDEIRO, 2011, p.5). Orlandina completa dizendo: "Eu venho mesmo é pedir a "bença", porque ele é meu padrinho verdadeiro, é ele que cuida de mim nessa vida e cuida do meu destino lá no céu" (IBID, p.7).

Entender a importância desses personagens se configura como de fundamental importância para a transformação do percurso histórico, tal como Berguer (1972) nos diz, a sociedade e as instituições estabelecem um papel para exercermos, a teoria proposta por Peter Berguer ficou denominada como Teoria do Papel.

No processo de construção, os romeiros são personagens chaves e partindo dessas hipóteses passamos a estudar a sua importância e o seu papel social para a Região do Cariri,

[100] As festas e as procissões religiosas contavam entre os grandes divertimento da população, o que se harmoniza perfeitamente como o extremo apreço pelo aspecto externo do culto e da religião que, entre nós, sempre se manifestou (SOUSA. 2004 p. 35).

buscando encontrar em nosso estudo elementos que remetam a devoção em outras localidades como: Aparecida do Norte, São Francisco em Canindé, porém é na Bahia que temos os primeiros relatos de práticas devocionais. Com o culto a Bom Jesus da Lapa que foram, posteriormente, substituídos pelo culto ao Sagrado Corações de Jesus[101].

A Escola dos Annales foi fundamental para o estabelecimento de novas ferramentas para o ofício do historiador. Mudando e aperfeiçoando os métodos, a utilização de fontes e temas de estudo. A história das mentalidades desempenhou um papel fundamental para o estabelecimento da história das religiões. Porém, ao longo do processo de desenvolvimento histórico a religião sai dos domínios históricos e encontra um melhor desenvolvimento na sociologia e antropologia.

Histórias como essas foram consideras pelos historiadores como personagens marginalizados, ou sem direitos a registros como, por exemplo, mulheres, operários, homossexuais que só chegaram a ser temas para estudos na chamada Terceira Geração dos Annales. Nesse sentindo, surgiram os estudos antropológico e sociológicos para temas sobre religiosidade popular. Entendemos, ao ler o material produzido, que não houve um interesse por parte dos historiadores para o estudo sobre religiosidade popular.

O principal estudo deu com o livro os Reis Taumartugos de Marc Bloch precursor dos estudos sobre mentalidade. Essa ausência de estudos ocorreu depois da Segunda Guerra Mundial. Após esse hiato, sociólogos como: Djacir Menezes Nina Rodrigues e Roquete Pinto, na década de 1960, Waldemir Valente, Celso Furtado, Maria Isaura Pereira Queiroz e Duglas Monteiro Teixeira produzem estudos sobre o chamado “Catolicismos Rústicos”.

Ensaiando uma volta para história Roger Bastide estabelece uma ligação histórica entre a religiosidade nordestina, através de raízes, mitologia indígenas e pregações missionárias. A problematização desse trabalho ocorreu com a leitura de uma obra do Duglas Monteiro Teixeira.

> Sabe-se bastante a respeito de Cícero, das figuras que, de modo direto, o cercaram nos vários momentos de sua carreira (...). Conhece-se pouco, todavia, sobre os horizontes ideológicos e as expectativas políticas e religiosas dos seus fieis mais humildes, ou seja, da grande massa de seus “afilhados”. (MONTEIRO, p. 47).

[101] A Devoção ao Sagrado Coração de Jesus é uma prática bastante antiga do catolicismo. Foi oficializada pela igreja em 1856, pelo Papa Pio IX, e reafirmada por um decreto do Papa Leão XIII em 1889. No Brasil a devoção veio com a catequização jesuíta, a partir de 1861. (MONTEIRO, p. 47.)

Temas como esse já foram abordados pela historiadora Laura de Mello e Souza em sua dissertação de mestrado: Desclassificados do Ouro: A pobreza Mineira no século XVIII, no seu estudo a autora lança base para entendemos à participação dos personagens marginalizados. Apesar de sua importância essa obra é pouco utilizada em trabalhos por historiadores, sociólogos e antropólogos.

Figura 2: vista dos fiéis a partir do altar mor da basílica de Nossa Senhora das Dores durante a celebração da despedida do Romeiro na romaria de finados de 2013.

Seguindo as indicações presentes no livro passamos a entender que existiu um processo de esquecimento para os personagens de Juazeiro do Norte sobressaindo apenas um personagem: o Padre Cícero Romão Batista. Assim, com a leitura de Desclassificados do Ouro, e do livro do Duglas Monteiro, Juazeiro, Canudos e Contestado: uma história da civilização brasileira, passamos a entender o que Michel de Certeau definiu como os "não ditos" (2002). O estudo da obra de Laura de Mello e Souza trouxe novas ferramentas para entendermos a utilização dos não ditos.

O historiador só pode trabalhar com documentos que existem: não podemos inventá-los, mas pode reinventá-los, lê-los com novos olhos. Um documento oficial pode conter dados

sobre camadas sociais que não entravam na cogitação das pessoas que, durante séculos, procuraram nele informações sobre a administração ou política (SOUZA, 2004, p.28).

Contribuindo com o pensamento de Laura de Mello e Souza, passamos a utilizar o que Mary Del Priore definiu decodificação do pensamento histórico (2009). Nessa linha o trabalho da historiadora Enilce Lima Cavalcante de Souza: Campos e Palavras: dimensões da questão agrária no Ceará é apropriados para entendemos como podemos utilizar os documentos para entendemos o processos de construção da Cidade Sagrada de Juazeiro.

> O diálogo com as fontes, a pesquisa em arquivos e as leituras historiográficas firmaram uma compreensão metodológica mais apropriada aos fins deste trabalho muitas indagações do projeto inicial já se encontravam adequadamente abordadas pelos pesquisadores que se debruçaram sobre o tema (2005, p. 10).

As indicações da historiadora Enilce Souza foram apropriadas para entendermos a partir da leitura das obras produzidas sobre Juazeiro o que Michel de Certeau (2002) denominou como “os não ditos”. Esse recurso metodológico será complementado pela análise de discurso proposta por Michel Foucault (1982).

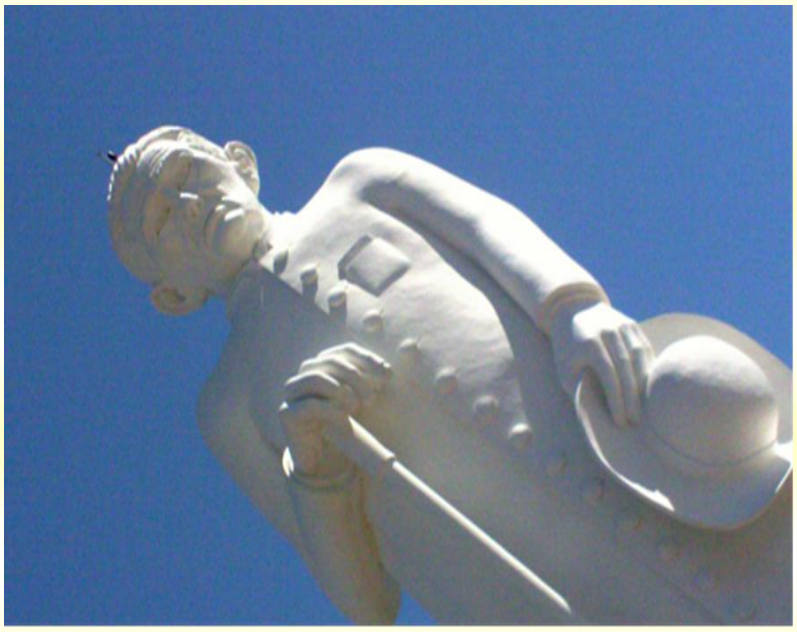


Figura 3: Estátua de Padre Cícero, arquivo pessoal.

A partir dessa breve explanação sobre o tema proposto passamos a investigar como essa cidade tornou-se sagrada para os seus romeiros, atores fundamentais para o processo de construção e reconstrução diárias da Terra da Mãe de Deus.

Seguindo as orientações de Certeau, considerando que o processo histórico como uma construção social, pensamos a nossa pesquisa como uma construção historiográfica, onde os romeiros são os 'Arquitetos do Tempo' atores fundamentais na construção e reconstrução da cidade considerada sagrada por seus moradores e romeiros que, todavia, não pode ser considerada apenas como sendo apenas um espaço sagrado.

O verdadeiro milagre de Juazeiro do Norte é a crença dos romeiros que constrói e reconstrói diariamente a áurea sagrada da Cidade da Mãe de Deus. Os romeiros tornam-se personagens centrais dessa sacralidade, dentro de um plano maior, que transforma diariamente a cidade em um templo de fé, devoção e crenças. Assim, sendo: A Terra da Mãe de Deus transforma-se na Terra dos Romeiros de Juazeiro do Norte. A cidade Sagrada e os romeiros os Arquitetos do Tempo.

Considerações Finais

Os estudos da religiosidade se apresentam de forma ampla, ou seja, não existe apenas uma única abordagem para ser trabalhada. Dessa maneira, a metodologia utilizada apresenta-se de forma multidisciplinar. As principais ferramentas metodológicas se dão pela análise de discurso proposta por Michel Foucault. Consideramos sendo de fundamental importância para entendermos o que Michel de Certeau definiu como 'os não ditos'.

Depois de selecionadas as fontes e o material produzido sobre a temática passamos a discutir e analisamos de modo a encontrar subsídios para a fundamentação teórica do trabalho. Essa parte do trabalho já vem sendo realizada desde a apresentação do primeiro estudo sobre a temática: A Construção do Sagrado na Cidade Profana- Juazeiro do Norte 1889-1900. (2012). A antecipação dessa leitura permitiu um maior entendimento do objeto de estudo que pretendemos desenvolver com esse projeto.

Nesse sentido, passamos construir um material de pesquisa ao longo dos últimos dois anos. O que CORDEIRO, 2013, p. 24 definiu como fazer o terreno da pesquisa . Nesse sentido, a interdisciplinaridade proposta por Cunha Jr (2010) torna-se fundamental para essa pesquisa a partir dos estudos antropológicos, sociológicos e a analise de discurso proposta pela linguística. O estudo sobre a visão dos romeiros sobre a sua própria história torna-se inédito porque inverte a ordem vigente produzida desde então.

Transformar os protagonistas em coadjuvantes e os coadjuvantes em protagonistas é um trabalho ambicioso. Analisar a produção do discurso histórico a partir de novas problematizações é fundamental para que a história se mantenha viva.

A metodologia da história oral será empregada no decorrer do trabalho, a partir de questionários dirigidos, outras informações surgirão de acordo com a realização de conversar informais com alguns pesquisadores e em eventos acadêmicos realizados no decorrer da pesquisa. De acordo com essa metodologia Enilce Lima Cavalcante de Souza nos diz: "quando o entrevistado tem consciência do seu valor testemunhal e atribui importância e destaque os fatos por ele considerados como de relevo em sua história de vida"

Referências

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero**: a terra da mãe de Deus. 2. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2008.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. **Padre Cícero: Sociologia de um Padre, antropologia de um Santo.** Bauru, SP: Edusc, 2008.

BERGER, Peter. **Perspectivas Sociologias:** uma visão humanística. Petrópolis, Vozes, 1986.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. **Entre Chegadas e Partidas:** dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

_____, Maria Paula Jacinto. Romarias e Romeiro: percursos em campo de investigação que envolve processos de naturalização e fluxos de pessoas. In: CORDEIRO, Domingos Sávio (Org.). **Temas Contemporâneos de Sociologia.** Fortaleza: Gráfica e Editora Iris, 2013.

_____, Maria Paula Jacinto. Práticas Plurais em cenário de Romaria e experiências de gerações. In: **Anais do** XV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA 26 A 29 DE JULHO DE 2011, CURITIBA (PR).

CUNHA JR, Milton. **A Rapsódia brasileira de Joãozinho Trinta: um grande leitor do Brasil!** Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2010.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joaseiro.** Tradução de Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

DELL PRIORE, Mary. **Ao Sul do Corpo:** Condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colonial. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MELLO E SOUZA, Laura de. **Desclassificados do Ouro:** a pobreza mineira no século XVIII/Laura de Mello e Souza. -Rio de Janeiro: Edições Gerais. 4ª edição. 2004.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. **Um Confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado.** HISTÓRIA DAS CIVILIZAÇÕES BRASILEIRAS (Tomo III, Volume 2). São Paulo: Difel, 1977.

NASCIMENTO, Maria Célia Marinho do. **Filhas e irmãs do Padre Ibiapina:** educação e devoção na Paraíba (1860-1883) .João Pessoa, Tese de Doutorado. 2009.

PAZ, Renata Marinho. **Para onde sopra o vento:** a Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do NorteFortaleza: Editora IMEPH, 2011.

____, Renata Marinho, Juazeiro para além do catolicismo: análise sobre a expansão evangélica nas terras do Padre Cícero e de Mãe das Dores. In: **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais Diversidades e (Des) igualdades.** Salvador, 2011. Data de acesso; 29/07/2013.

PINHEIRO, Mateus; FLORENCIO, Maria Anália Alves. A construção do Sagrado na Cidade Profana. In: **ENCONTRO ESTADUAL DE ESTUDANTES DE GEOGRAFIA** (22.: 2012:Crato, CE).

_____, Mateus. Arquitetos do Tempo: os romeiros de a construção de Juazeiro como espaços sagrados e profanos. (comunicação oral) no **V Encontro de Ciências Sociais do Ceará- ENCISO.** 28 a 30 de maio de 2014

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Papel Passado: cartas entre os devotos e o Padre Cícero.** Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

SOUZA, Enilce Lima Cavalcante de. **Campos e Palavras:** Dimensões da questão Agrária no Ceará. 1954-1964. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em história da Universidade Federal do Ceará- Fortaleza- CE 2005.

O PODER DA NARRATIVA NA CONSTRUÇÃO DO MITO "PADIM CIÇO"

Carlos Alberto Tolovi[102]
Miguel Júnior Zacarias Lima[103]

Introdução

> Mais de 1800 após ter sido pregado numa cruz pelos soldados romanos no monte Gólgota, em Jerusalém, Jesus Cristo, o homem em cuja memória se fundou a Igreja que congrega mais de dois bilhões de fiéis espalhados por todo o mundo, voltou à terra. Nasceu de novo, na cidade do Crato, interior do Ceará. Cristo retornou na forma de um bebê sertanejo, com traços nitidamente caboclos, mas de cachinhos dourados e olhos azuis (NETO, 2009, p.23)

A questão colocada neste trabalho refere-se a tentativa definição dos limites entre a dimensão humana e o mítico. Afinal, de que forma um sujeito histórico pode se transformar em um mito? Seria mesmo possível definir estes limites?

E para começar a responder estas questões, gostaríamos de evidenciar o poder da narrativa. Mesmo porque, entendemos que a narrativa consiste no elemento constitutivo do mito.

Delimitando a nossa reflexão no espaço religioso do cristianismo, podemos tomar como exemplo o próprio Jesus. Até que ponto as narrativas sobre ele foram transcrições de uma realidade acontecida concretamente? E até que ponto estas mesmas narrativas foram desenhando a figura de um messias, enquadrado na estrutura de um Cristo, que poderia ser definido como um mito já construído?

Padre Cícero poderia ser citado como exemplo de uma construção mítica que extrapola os limites do humano por meio de narrativas extra-ordinárias? É claro que sim!

Muito do que se escreveu ou se narrou pela tradição oral a respeito de Padre Cícero na infância, na adolescência e na juventude, já faz parte de uma construção mítica. E uma característica desse tipo de narrativa consiste na perspectiva que vai do presente ao passado. Isto é, falar do nascimento ou da infância de um ser humano extraordinário depois de todos os prodígios que este realizou durante a sua vida pode significar uma narrativa carregada de sentimentos místicos ou religiosos que fazem sentido dentro de um contexto já estabelecido.

[102] ctolovi@yahoo.com.br
[103] miguelzlima@hotmail.com

Narrar o nascimento de Jesus depois de o mesmo ter passado pela crucificação e depois de se chegar à conclusão de que ele era realmente o messias que se esperava, faz toda a diferença. Se o narrador quer descrever o nascimento de um salvador, pretendendo fazer com que a vida deste sirva de exemplo para todos, então não pode coloca-lo no nível dos simples mortais, que nascem a partir de um encontro prazeroso entre um homem e uma mulher. Afinal, em nossa cultura, Deus não "cabe" nos limites do "simplesmente" humano. Ele se manifesta a partir do extraordinário. Como afirma Croato, "É a experiência do transcendente, do mistério, a chave para compreender a linguagem do sagrado em suas infinitas expressões" (CROATO, 2010, p.61). Por isso Jesus não poderia nascer de uma relação sexual. Seria preciso então recorrer à imaginação. Uma fecundação milagrosa (Mt.18-21). Portanto, com o peso de uma existência fora do comum, a narrativa também poderia se apresentar como "fora da normalidade" e, mesmo assim, receberia uma aceitação coletiva. Desta forma, a partir da narrativa da concepção de Jesus, o que estaria nascendo: um homem ou um mito?

A mesma pergunta cabe fazer aqui, com relação à Padre Cícero. A partir do "milagre da hóstia" as narrativas foram desenhando Juazeiro como a "Nova Jerusalém". Não era mais simplesmente um espaço geográfico, mas um "espaço sagrado". E neste espaço sagrado uma figura se destaca nas mesmas narrativas: um padre que acolhe os desesperados, confortando-os e os aconselhando. Um padre que está fazendo a ligação entre o sagrado e o profano. Por isso tem a capacidade de fazer milagres.

E, neste trabalho, pretendemos analisar o poder da narrativa na construção do mito, que ocorre dentro do mesmo processo de construção do santo. E, para tanto, tomaremos a figura de Padre Cícero como referência específica.

A narrativa na origem e na construção do mito "padim ciço"

A narrativa de um mito se dá a partir de uma determinada cultura. Se utilizando de símbolos que já são compreendidos por um determinado grupo social o narrador provoca a imaginação e, transforma um acontecimento comum em um evento fabuloso. Otacílio Anselmo, em sua obra "Padre Cícero: Mito e Realidade" denuncia que, no caso de Padre Cícero, quando seus apologistas se referem ao seu nascimento, "o fazem com abundância de detalhes extraordinários" (ANSELMO, 1968, p.14).

De qualquer forma, colocando a narrativa como um elemento central na construção de um mito, é importante observar que o narrador não precisa ser oficialmente ou academicamente reconhecido. No caso de Padre Cícero, por exemplo, o que nós vamos perceber é que as beatas e os cordelistas se tornaram as narradoras e os narradores que mais colaboraram para a construção do mito. Para estes e estas o importante mesmo era traduzir o sentimento da religiosidade popular em uma linguagem simbólica completamente "prenhe" de sentido.

Para narrar o nascimento de Padre Cícero, por exemplo, um folheto de cordel se destaca e vai sendo decorado, reeditado graficamente e recontado oralmente com riqueza de detalhes que se diferenciam, mas que mantém um mesmo enredo: o menino Cícero não foi o que nasceu da "carne". O filho que os pais biológicos geraram foi trocado por outro, vindo diretamente do céu. João de Cristo Rei é identificado como o autor deste famoso folheto. Segundo narrativa de cordel, Padre Cícero

> Veio habitar neste mundo
> Com a ordem do eterno
> Para redimir os crimes
> De todo o povo moderno
> E defender seus devotos
> Dos castigos do inferno.

As narrativas fabulosas foram atravessando as décadas e mudando de um século para o outro, sendo elaboradas por pessoas semianalfabetas até chegar aos chamados "letrados" e acadêmicos. Neste contexto a maioria das grandes narrativas perde a sua dimensão autoral. A fonte originária se perde, passando a ser um "patrimônio coletivo". Como as grandes narrativas bíblicas do antigo testamento.

No caso específico de Padre Cícero, podemos perceber que algumas narrativas vão reproduzindo a perspectiva mítica de que ele não teria nascido "da terra", mas teria sido enviado diretamente por Deus, a partir do céu. Carvalho é um bom exemplo disso ao reproduzir uma destas narrativas antigas já nos tempos modernos.

> Numa cidade vizinha
> do seu lugar preferido
> havia um santo casal
> que Deus já tinha escolhido
> para conceber um filho

pastor do povo perdido (CARVALHO, 1998, p.29).

À exemplo de Cristo, Cícero foi enviado por Deus para redimir o seu povo pecador e sofrido. Também nasceu na simplicidade, escolheu viver entre os pobres e foi condenado pela estrutura do poder religioso de sua época. A narrativa reproduz uma dualidade contraditória: em nome de Deus mataram o Filho de Deus. Em nome da "Igreja" condenaram um Filho da Igreja. Neste sentido, a hierarquia católica é identificada como os Doutores da Lei, que não consegue compreender as manifestações divinas na realidade concreta dos que vivem à margem da racionalidade teológica. Na época, o Bispo não aceitou o milagre do Juazeiro e se utilizou da teologia tomista para fundamentar os seus argumentos. Os argumentos do bispo foram aceitos pelo vaticano. Mas para os romeiros, essa linguagem não combinava com a concretude de suas vivências religiosas. As atitudes do "Padim", as narrativas das beatas, dos cordelistas, e a força das romarias provocavam ainda mais milagres e representavam esperança, alimentada pela fé. E tudo isso aconteceu "dentro" da mesma Igreja, mas no universo da religiosidade popular.

Em um dos folhetos que contribuíram muito para a construção do "Mito Padre Cícero" o narrador deixa bem claro a dualidade que estamos apontando.

> A Igreja sempre foi
> Objeto de devoção
> Apoiando os mais fortes
> Na sua dominação
> Condenou nosso padrinho
> Por não ir nesse caminho
> E descordar da questão (In. GRANJEIRO, 2002, p.170).

Portanto, assim como o Cristo, enviado por Deus e assassinado pelas autoridades, Padre Cícero percorrera o mesmo caminho. E, assim como depois da morte de Jesus é que nasce a narrativa do Cristo, também, depois da morte de Cícero, as narrativas se proliferam, contribuindo para a construção e o fortalecimento do santo, sempre mais mitificado.

Com o passar do tempo a autoria das narrativas já não importava mais. Afinal, as mesmas narrativas já pertenciam ao vasto e rico universo da religiosidade popular e do imaginário coletivo. O nascimento de Cícero é exemplo disso.

A 24 de março
Nasceu nosso salvador

Padrinho Cícero Romão
Luz divina do amor

Do Brasil ao estrangeiro
Seja nosso protetor

Remotos tempos passados
Houve um belo ancião
Seu nome era Joaquim
E o sobrenome Romão
A sua esposa era Quinó
Todos lhe davam atenção

Casou-se Joaquim Romão
Gozava imensa harmonia
Tratava bem os vizinhos
A todos com cortesia
E na cidade do Crato
Era onde residia

Lá com um ano de casado
Uma criança nasceu
Muito luzente e famoso
A sua mãe concebeu
O dote de um bom menino
A natureza lhe deu

Todos que lhe visitavam
Viam a fisionomia
Este menino galante
Será filho de Maria
Santa rainha do céu
Todo o povo assim dizia

O povo que ali chegava
Admirava o pudor
Dizia: este menino
É o anjo do senhor
Esta criança é do céu
Vinde nosso salvador

Este menino em quem falo
Ele é muito parecido
Com o menino São João
Pelo anjo prometido
E da rainha do céu
E do anjo querido

Porque quando ele nasceu
Viram ali uma visão
Nisto era uma mulher
Com um rosário na mão
Também trazia um menino
Ficando ali no salão

Ali na frente do leito
A linda mulher ficou
Nisto acordou sua amiga
Dizendo: dona Quinó
Vamos trocar os meninos
A mesma mulher falou

Respondeu ela: eu não troco
Lhe digo qual a razão
Este é o meu filho único
Será meu único varão
Nisto ela adormeceu
Sentiu a luz da visão

Passaram poucos minutos
Dona Joaquina acordou
Viu a criança no leito
Nisto o menino chorou
Aquele choro tão alto
Que a criada chegou

Perguntou a criada a ela
Dona, quem entrou aqui
Os meninos estão trocados
E uma mulher eu vi
Para trocar os meninos
Ela saiu por ali

Disse: dai-me o meu filho
Dona Joaquina falou
A criada pegou o menino
E para ela levou
Ao receber a criança
Dona Joaquina cegou

Um vento lento soprou
Em sua fisionomia
Olhava para a criança
Mas o menino não via
E nada mais enxergava
Ficando cego de guia

Ali ficou o menino
E batizaram em missão
Na santa água da pia
No batismo de São João
Com o nome de Cícero
E sobrenome Romão

Podemos afirmar que esta narrativa cai como “semente boa em terra fértil”. Explica, justifica e dá sentido ao contexto da religiosidade popular que fez de Juazeiro do Norte o

lugar de pagamento de promessas por graças alcançadas. O lugar de encontro com o santo que compreendera a realidade do nordestino. Mesmo usando uma batina preta como o símbolo do sagrado, conseguiu dialogar com jagunços, cangaceiros, posseiros e fazendeiros, transformando-os em romeiros. Assim como também dialogou com políticos influentes de sua época, sempre utilizando como argumento a defesa dos romeiros da Mãe de Deus. É por isso que este homem não poderia ter nascido de forma comum. Mesmo porque, um grande santo merece uma narrativa sagrada. Narrativa esta que produz e projeta a imagem do sagrado. Não é uma narrativa para ser pesquisada, para ser compreendida pelos fiéis. É uma narrativa reproduzida de geração em geração, através da força da tradição oral e sempre mantendo o mesmo enredo. Uma narrativa assimilada no "coração" e na mente dos que acreditam.

Tomando como referência o folheto de cordel – citado anteriormente – podemos perceber a circularidade da mesma narrativa, que vai ganhando detalhes e aspectos diferentes, mas que mantém a mesma estrutura. Mesmo sem a certeza absoluta, podemos dizer que, possivelmente, esta narrativa tenha tido início na tradição oral. Como ocorria naturalmente na época, os cordelistas captavam as histórias contadas pelo povo e as transformavam em poesia. Por outro lado, o cordel popularizava a narrativa, oferecendo a plasticidade das rimas que, muitas vezes, se transformavam em versos cantados pelos violeiros. Sendo assim, as histórias, os cordéis, os repentes de viola, refletiam o simbolismo religioso que "povoava" o imaginário de um grupo social, completamente envolvido pelo "ambiente" da religiosidade popular. Neste contexto, tornava-se impossível separar narrativa e imaginação. Mesmo porque, a imaginação não era uma mera projeção mental, mas uma descrição da realidade vivida. Sendo assim, a narrativa ordena, dá vida, possibilita o sentido, é o que pode ser apreendido e reelaborado coletivamente ao longo do tempo.

De acordo com Ricoeur, até mesmo o "tempo humano" ganha sentido através da narrativa que desenha e descreve uma experiência temporal[104]. Nesta perspectiva Ricoeur afirma que "narrar é ressignificar o mundo na sua dimensão temporal, na medida em que narrar, contar, recitar é refazer a ação seguindo o convite do poema" (1983, p.81).

Tomando estas afirmações de Ricoeur como referência, podemos afirmar que a narrativa da história do Juazeiro, a partir da perspectiva dos romeiros, está completamente

[104] Sobre este assunto Cfr. RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa, Tradução de Claudia Berliner. Editora WMF Martins Fontes, Tomo III, 1997.

imbricada com a narrativa de construção do santo e do mito Padre Cícero. Assim como também está presente a construção de um "lugar sagrado", ressignificando um espaço geográfico determinado.

> A Serra do Catolé foi batizada como a Serra do Horto e era identificada com o Jardim das Oliveiras onde Cícero, assim como tinha sido com Cristo, suportava o seu martírio. Paralelamente, o caminho íngreme talhado na pedra, lingando a aldeia ao Horto, tornou-se conhecido como o Caminho do Calvário, ao longo do qual, capelas em miniatura, construída sob a supervisão de Elias Gilli, um evadido italiano que virou beato, abrigava as estações da Via Crucis. Até o riacho de inverno, Salgadinho, que corre do Horto para os alagados a Oeste de Joazeiro, foi apelidado de Rio Jordão (CAVA, 1976, p.119).

Nesta descrição de Ralph Della Cava nós podemos observar claramente o poder da narrativa. Juazeiro foi transformado na "Nova Jerusalém". Automaticamente, Cícero assumia a figura do santo pelo qual Cristo se manifestava. Um mito que nasceu a partir do processo de santificação no bojo de uma história vivida. Ou, como queira, um santo que nasceu a partir da mesma narrativa do processo de mitificação.

Neste contexto, o autor da obra "Mito e Realidade" faz uma afirmação muito significativa:

> Aquele padre que ainda enchia de muitos romeiros os caminhos do nordeste e zonas limítrofes, já não era o verdadeiro Pe. Cícero. Não notavam como os milagres já haviam desaparecido? Já se ignoravam as origens do taumaturgo. Sua mãe descera do céu, numa nuvem, e levara consigo o filho em carne e osso (ANSELMO, 1968, p.2).

Enfim, o autor expressava a sua admiração pelo fato de que, mesmo antes de sua morte, Padre Cícero já era transformado em um mito. As narrativas que davam conta do que estava acontecendo em Juazeiro do Norte extrapolavam os limites da realidade humana e histórica.

Se utilizando de todo simbolismo da religiosidade popular, ordenando os elementos do imaginário que já povoavam a realidade cultural do sertanejo em luta pela sobrevivência no semiárido nordestino, as narrativas foram "tecendo a roupagem" do Santo, dando sentido à uma realidade vivida. Em que, aquilo que é narrado extrapola os limites do tempo lógico ou cronológico. Afinal, é a narrativa que define um "novo tempo": o tempo da esperança, da manifestação do sagrado, da superação dos desafios. Neste caso, não é a consciência que

capta o tempo. É a narrativa que faz o tempo se manifestar para os sentidos. Sendo assim, podemos fazer um paralelo com a passagem bíblica: no princípio é a narrativa; e a narrativa ganhou "corpo" pela aceitação coletiva e passou a habitar no universo moral e cultural de um determinado grupo social. É por isso que podemos afirmar que a narrativa extrapola também muitos outros limites. Os limites do espaço geográfico; os limites do poder político e religioso; os limites da historicidade e cientificidade oficial ou acadêmica; etc..

As narrativas mitificantes em torno de Padre Cícero floresciam indiscriminadamente. Era o chapéu que ele colocava na parede e não caia; era o fato de não comer e não dormir; eram as profecias ou as adivinhações em torno da vida dos romeiros, etc.. Este era o cenário que colocava Juazeiro do Norte como a última esperança dos desesperançados.

E aqui não podemos deixar de mencionar uma narrativa apresentada pelo próprio Padre Cícero para justificar o início de sua missão em Juazeiro do Norte. Um indício de que o Padre buscava alimentar o imaginário popular para se fortalecer, criando em torno de si uma "proteção simbólica" que, por sua vez, se transformava em uma maneira de proteção historicamente situada nas relações de poder em evidência na época.

Por carta, anos depois do ocorrido, ele narra à um amigo que, em 1872, após um dia cansativo por conta de inúmeras confissões que atendera no povoado, como já havia feito diversas outras vezes, se retirou para descansar em sua rede, no prédio da única escola da comunidade. Aí teve um sonho: treze homens com vestes características de apóstolos, sentaram-se em torno da mesa do professor. Uma cena que reproduzia a última ceia do Senhor. No sonho, o Padre levantava para espiar os visitantes. Neste momento os doze apóstolos viraram-se para olhar o mestre. Cristo então se apresentou com o coração em chamas de amor pelos homens e sangrando em função dos pecados da humanidade. E no momento em que Cristo volta-se para os apóstolos, um grupo de camponeses miseráveis entrou carregando suas trouxas sobre os ombros, vestidos de farrapos. Parecia que vinham de muito longe. Neste instante Cristo virou-se para eles e lamentou a maldade do mundo e as inúmeras ofensas da humanidade ao Sacratíssimo Coração. Prometeu então fazer um último esforço para salvar o mundo, caso os homens não se arrependessem depressa, Ele poria fim ao mundo que Ele mesmo havia criado. E naquele momento Cristo, em uma inesperada atitude,

apontou para os pobres e voltou-se para Cícero ordenando: "e você, Padre Cícero, tome conta deles"[105].

No contexto da construção do mito essa narrativa é muito importante. Mesmo porque, a narrativa mítica tem a função de explicar, justificar e dar sentido a uma determinada realidade instaurada. Este sonho se transformou em uma narrativa privilegiada por diversos motivos. No conflito com a hierarquia, apesar de o Bispo D. Joaquim ter exigido que Cícero se retirasse do Juazeiro – o que aconteceu por um breve espaço de tempo, após ser condenado também pela Santa Sé –, o mesmo tinha a seu favor o "mandato" do próprio Cristo. Aqueles pobres miseráveis que apareceram diante de Cristo são os romeiros, que ficarão aos cuidados de Padre Cícero pela ordem divina. Sendo assim, todo esforço de Cícero para proteger Juazeiro e os romeiros estava justificado por um poder maior do que o próprio Bispo.

Aliás, não era a primeira vez que padre Cícero recorria à esse tipo de narrativa para legitimar o seu desejo como vontade divina, ou como atendimento a uma mensagem vinda do além. Ele relata também que, após a morte de seu pai, deixando a família com dificuldades de sobrevivência, o mesmo apareceu em sua rede para fazer-lhe prometer que não abandonaria seus estudos, pois Deus daria um jeito para fazê-lo prosseguir. Na ocasião o jovem Cícero estava sendo forçado a deixar o seminário por conta das dificuldades de bancar seus estudos. Contudo, como afirma Ralph Della Cava, "Quando o jovem estudante relatou este episódio a seu padrinho, um rico comerciante do Crato, este não teve dúvida em auxiliar o afilhado a seguir a vocação religiosa; em 1865 partia o jovem Cícero para estudar no Seminário de Fortaleza" (CAVA, 1976, p.25).

Em outra ocasião, diante da insistência de D. Joaquim para que Padre Cícero negasse o milagre da hóstia, o mesmo escreveu ao Bispo um relatório afirmando ter dialogado com o próprio Jesus, recebendo dele confirmação de que o sangue que apareceu na boca da beata era realmente o sangue sagrado[106].

Neste mesmo roteiro também se apresenta Maria de Araújo. Quando pressionada pela primeira comissão a cerca dos supostos milagres, ela recorria à mensagens divinas para se

[105] Esta narrativa, com maiores detalhes, encontra-se em diversas obras a respeito de Padre Cícero. Uma das mais conhecidas é a de Ralph Della Cava, "Milagre em Joazeiro". Rio de janeiro, Ed. Paz e Terra, 1976.
[106] Este relatório pode ser conferido, na íntegra, juntamente com os relatórios dos inquéritos e centenas de cartas revelando o cenário do conflito da questão religiosa em Juazeiro , no trabalho organizado por Antônio Renato Soares de Casimiro. Padre Cícero Romão Batista e os Fatos do Joazeiro. Fortaleza, Ed. Senac, 2012.

defender. No primeiro inquérito, perguntada se havia tido colóquios com Nosso Senhor Jesus Cristo,

> Ao que respondeu – que sim, versando os ditos colloquios sobre manifestar-lhe Jesus Cristo ser de sua vontade que ela interrogada se lhe consagrasse e se preparasse para revelações futuras, referindo-se algumas destas revelações a indicar-lhe querer fazer deste logar uma porta do céu e um logar de salvação para as almas (CASIMIRO, 2012, p.32).

Como é possível perceber, a Beata e Padre Cícero comungavam da mesma estrutura mítico-narrativa. Para quem vive inserido neste universo cultural, não há contradição. Como afirma Eliade, "Num mundo como esse, o homem não se sente enclausurado em seu próprio modo de existir. Também ele é 'aberto'. Ele se comunica com o mundo porque utiliza a mesma linguagem: o símbolo" (ELIADE, 1986, p.126).

É a linguagem simbólica que possibilita a construção de um universo significativo onde a hierofania aparece como forma de corroboração do sagrado mediante uma realidade humana inspiradora. "O mito é relato de um acontecimento originário, no qual os deuses agem e cuja finalidade é dar sentido a uma realidade significativa" (CROATTO, 2010, p.209).

Tanto na narrativa do sonho de Padre Cícero quanto na narrativa da revelação divina envolvendo a Beata, Juazeiro aparece como o lugar, por excelência, escolhido por Deus para manifestar a sua glória. No caso de Padre Cícero, se Cristo havia dado uma chance de salvar a humanidade, apontando o jovem sacerdote como encarregado de cuidar dos miseráveis retirantes, então o Juazeiro estaria sendo eleito como o "lugar da revelação divina" em busca da salvação do mundo. Neste sentido, miticamente, o Juazeiro estava se transformando no "Meio do Mundo". Um folheto de cordel – o que era e continua sendo uma forma de narrativa muito comum no dia-a-dia dos sertões nordestinos – afirmava que:

> No centro do meio do mundo
> Sobre as margens do Jordão
> Edificou Juazeiro
> Para a nova redenção" (In. RAMOS. 2000, p.8).

Considerações

Tomando como referência a figura de Padre Cícero, podemos concluir que as narrativas que começam a se espalhar a respeito do que estava acontecendo no Juazeiro do

Norte, se transformaram em motivação para as visitações. Os visitantes, motivados por questões religiosas, foram se encontrando em um lugar geográfico (Juazeiro) que eles mesmos foram transformando em um "lugar sagrado" (Nova Jerusalém). Este movimento foi se configurando como uma forma de romaria. Os romeiros e romeiras se transformaram em protagonistas de um fenômeno que gerou um impacto religioso, político, social e econômico e que resultou na construção de um santo nordestino: o "Padim Ciço". Em torno do qual o poder simbólico se materializou em um poder social e referência moral.E tudo isso só se tornou possível por conta do poder das narrativas. Estas, a partir de uma linguagem simples e simbólica, possuem a capacidade de ressignificar o espaço e o tempo. Tem a função de organizar uma realidade caótica, dando sentido à vida por meio de uma experiência religiosa. Desperta nos seres humanos a capacidade de extrapolar os limites da imanência, despertando o fabuloso potencial da imaginação. Pela narrativa a imagem, produzida e projetada possui o poder de entrar em ação e se enraizar na concretude da vida, vivida coletivamente.

Referências

ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero:** Mito e Realidade. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968.

CASIMIRO, Antônio Renato Soares de. (Org.) **Padre Cícero Romão Batista e os Fatos do Joazeiro:** A Questão Religiosa. Fortaleza: Ed. Senac. 1012.

CAVA, Ralph Della. **Milagre em Juazeiro.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1976.

CARVALHO, Francisco Gilmar Cavalcante de. **Madeira Matriz:** cultura e memória. 1998. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

CROATTO, José Severino. **As Linguagens da Experiência Religiosa:** Uma Introdução à Fenomenologia da Religião. 3ª ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 2010.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986.

GRANJEIRO, Claudia Rejane Pinheiro. **O Discurso religioso na Literatura de Cordel de Juazeiro do Norte.** Crato: Ed. A Província. 2002.

NETO, Lira. **Padre Cícero: Poder, Fé e Guerra no Sertão.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2009.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. **O Meio do Mundo:** Territórios de Sagrado em Juazeiro do Norte do Padre Cícero. São Paulo: Tese de Doutorado em História na PUC – SP, 2000.

RICOEUR, Paul. **Temps et Récit.** Paris: Seuil: 1983/1985 [Tempo e Narrativa. São Paulo: Papirus, 1994].

O VÔMITO DAS ALMAS NA TRADIÇÃO ORAL

Cícero Joaquim dos Santos[107]

Preâmbulo

A presente pesquisa historiciza a tradição oral sobre as almas na região do Cariri cearense, no Nordeste do Brasil. Objetivando compreender as crenças religiosas sobre as almas mediante a análise das tradições orais dos sertanejos, a pesquisa problematiza os significados que lhes são atribuídos e seus percursos no Além, bem como suas manifestações no mundo dos vivos. Dialogando com as memórias e as sensibilidades de narradores católicos, o trabalho vem sendo desenvolvido a partir da metodologia da história oral, entrecruzando fontes orais, documentos oficias do catolicismo e os registros dos folcloristas acerca da morte e dos mortos nas crenças e práticas religiosas.

Nos recortes desta apresentação, pretendo refletir sobre as crenças relacionadas ao voo e ao vômito das almas dos anjinhos, crianças mortas após o recebimento do batismo católico.

O vômito dos anjos

Alguns dos fiéis entrevistados argumentaram que, no rápido percurso na direção ao Paraíso, a alma do anjinho tem um dever a cumprir. Ela não pode levar nada desta vida para o Céu, pois o etéreo é por excelência livre dos vestígios materiais do mundo dos pecadores. As almas das crianças que em vida mamaram o leite materno precisam cumprir um ritual para só depois adentrar o Paraíso: vomitar o leite ingerido. Como lembram as tradições orais registradas pelos folcloristas brasileiros, “o alimento tomado pela criança prende-a à terra” (CASCUDO, 2002, p. 42).

Assim sendo, o alimento ganha a conotação de um fio permanente que liga a alma ao mundo terreno. Não esqueçamos que, ainda hoje, comumente criancinhas vivas vomitam o leite bebido. Vomitar, nesse sentido, é um ato comum dos bebês. Desse modo, se essa prática comumente é visualizada no mundo dos vivos, ela não deixa de acontecer no mundo dos mortos, segundo os religiosos entrevistados.

[107] Mestre em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutorando em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). E-mail: cjoaquims@yahoo.com.br.

Nos percursos e limites do outro mundo, o vômito das almas dos anjos não ocorre em qualquer lugar: é necessário adentrar o Purgatório e nele regurgitar toda a matéria adquirida nos espaço terrenos. Eis a narrativa de Dona Maria de Jesus:

> Os mais velhos que conta que a gente faz todo os impossível pra num ter tanto pecado. Mas nós tem pecado porque nós somos pecador, num tem jeito pra nós num ser pecador. Bem o seguinte é esse: o povo diz que a gente quando faz o bem na terra, quando chega no Céu só encontra o bem. O povo diz também: quem planta o mal só colhe o mal, quem planta o bem colhe o bem. (...). Mas que quando a gente morre passa no fogo do Purgatório. Que quem não devia passar no fogo do Purgatório era o anjo, o papa. E o papa passa, ele não demora. Ele passa no fogo do Purgatório, saiu pra lá; O anjo, o anjinho quando morre ele passa no fogo do Purgatório, ele provoca aquele leite que ele mamou da mãe... oi, pra ver que já é um pecado, o menino provoca, né?. Pra você ver, isso aí tudo é pecado. E aí é donde a gente diz: vamos praticar o bem, que a gente não sabe pro fim da vida da gente o que é que acontece. Pois é, isso aí, eu não sei ler não, mas as coisas que eu ver eu gosto de praticar na cabeça[108].

Na narrativa produzida por Dona Maria, as coisas que são vistas não dizem respeito simplesmente ao sentido produzido na visão corporal. Elas se referem, sobretudo, ao sentir a experiência da vida, nas balizas entre a existência em um mundo profano, pecador, e a teimosia na busca pelo sagrado. Nas memórias, estamos diante de um regime de visualidade dos espaços do Além que tornam o Céu, o Purgatório e o Inferno lugares visíveis nas experiências sensíveis e nas crenças religiosas dos fiéis[109].

Nos destinos do Além, inventados na cultura cristã, o purgatorium ocupa um lugar de ante-sala do Paraíso Celeste. Jacques Le Goff situa a sua invenção (ou nascimento, como ele o identifica) no período medieval, elucidando sua construção processual no imaginário coletivo a partir do último terço do século XII, e imposição oficial no fim do século XIII (ele foi aceito como dogma pelo segundo concílio de Lyon, em 1274). Esse 'nascimento' insere-se numa significativa mudança das mentalidades e sensibilidades e, "especialmente num profundo rearranjo da geografia do Além, e das relações entre a sociedade dos vivos e a sociedade dos mortos" (LE GOFF, 1995, p. 149).

[108] Narrativa de Maria de Jesus dos Santos. 70 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 15/10/2013, em sua residência, na cidade de Porteiras. p.1.

[109] A ideia do regime de visualidade foi trabalhada por Bezerra de Menezes (2003, p.11-36). O historiador Manoel L. Salgado Guimarães também já chamara atenção para a relação entre a escrita da história e a visualidade do passado. Problematizando as estratégias da nossa contemporaneidade em dar visibilidade ao passado e evidenciando aquilo que ele chamou de "esforço de culturalização do tempo", Guimarães (2007, p. 11-30) expõe a complexa relação entre o visível e o invisível na produção historiográfica do nosso tempo. No seu entendimento, a visualidade como categoria de análise possui a peculiaridade por dar visualidade a um ausente. Nesse direcionamento, ganha destaque o sentido de temporalidade.

Nestes termos, o Purgatório nasceu oficialmente como um "terceiro lugar" para resolver o dilema que afligia os cristãos, no que diz respeito ao jogo dual da salvação no Paraíso, de alguns, e na perdição no sofrimento eterno no Inferno, de muitos outros. Para ele, foram dedicadas às almas pecadoras que, doravante, obtiveram a possibilidade de, após a purgação dos pecados, serem elevadas para o Céu (LE GOFF, 1995, p. 149-150).

É importante considerar que, nos discursos oficiais e nas memórias dos fiéis, para cada uma destas dimensões do outro mundo (como a Igreja reconhece atualmente a geografia do Além), há temporalidades que lhes são próprias. Para o Paraíso Celeste e seu oposto, o Inferno, cabe à eternidade, a serenidade sublime, no caso da alma bem-aventurada que alcança o Céu, ou o sofrimento intenso daquela que recai nos tormentos do Inferno. No entremeio destes, há a dimensão e o tempo do Purgatório.

No âmbito dos processos estudados, o Purgatório é um lugar transitório. Nele as almas passam por uma temporalidade dedicada à remissão dos pecados e purificação, como um pré-requisito ou condição para seguir adiante e, só depois, adentrar o Céu. Nas crenças difundidas no ocidente cristão, as almas do Purgatório poderiam ser salvas a partir de suas ações e também das práticas dos vivos. Mediante orações promovidas por elas próprias e realizadas por outros, explica Cymbalista (2002, p.174), "as almas ascendiam espiritualmente. Seu percurso, antes da chegada ao Paraíso, era de um crescente sofrimento". Tal sentido está presente nas entrevistas de história oral realizadas.

Em sua narrativa, Maria de Jesus fez questão de dizer que mesmo não sabendo ler, pratica as coisas que aprendeu dos mais velhos na cabeça. Para ela, as almas dos anjos não deveriam passar pelas chamas do Purgatório. Creio que tal afirmação carrega os sentidos da sacralidade que no imaginário religioso recobre essas almas. Segundo a narradora, não há necessidade do voo dos anjos pelo terceiro lugar, o que, mesmo assim, não deixa de acontecer.

Nas percepções presentes na narrativa, a alma do Papa fora igualada àquelas dos anjos. E do mesmo modo que esta última, ela não deveria passar pelo fogo que expurga os pecados, visto que também carrega algum grau da exemplaridade de santidade, consequência da sua vida dedicada à oração e às boas obras. No entanto, na visualidade do Além mencionado, ambos já queimaram (ou queimam) seus pecados no outro mundo. Em suas palavras, nenhum

cristão pecador escapa dessas chamas, nem mesmo a maior autoridade da Igreja e o anjinho da família.

Dependendo da gravidade dos pecados cometidos em vida, a passagem da alma pelo fogo intenso pode resultar em uma temporalidade rápida ou duradoura, o que representa um maior ou menor sofrimento. Em outras palavras, em um tempo de purgação acelerado ou muito lento. Desta maneira, as crenças sobre as temporalidades das almas no Purgatório dependem das ações praticadas na vida terrena daquele que morreu e das orações que os vivos direcionam para elas.

Embora confluam na mesma direção reflexiva, no que diz respeito à função e o lugar do Purgatório, as memórias de Suely Mattos se distanciam das narrativas de Dona Maria. Ao ser interpelada sobre os percursos das almas dos anjinhos no Além, ela contou que:

> Almas santas, que no caso ela já vai diretamente [para o Paraíso], ela não vai passar por aquele processo que nem o defunto, não vai passar por aquele processo de esperar por o julgamento final, que ele vai ser punido, que ele vai esperar, vai pro purgatório né? que a gente escuta. **A gente acredita que o anjo, o adolescente ele não vai precisar de ir, ele já está purificado**. Quem vai pro purgatório aquelas pessoas que não vivem bem e até aquelas que vivem bem de uma certa forma também tem que ir. Porque eu acredito que seja um lugar que você tem... A pessoa está esperando [?] pelo julgamento e ali o purgatório é o lugar onde a pessoa tem o tempo de reflexão, de pensar, de se arrepender. Eu acredito que a gente num... Como o adulto se morrer aqui: quando morre ele num vai diretamente [para o Céu], vai cumprir sua sentença, não, ele pode se arrepender aqui mas, eu acredito que quando ele morre ele também tem outra chance de se arrepender no Purgatório. Já o anjinho ele já vai direto [para o Céu], nós acreditamos que ele já vai direto. Já tem a salvação direto[110].

Tais quais outras memórias gravadas, o Purgatório aparece com o lugar, no qual o tempo é destinado à reflexão, ao arrependimento e remissão dos pecados cometidos em vida. Todavia, essa narradora nega a passagem do anjinho neste espaço imagético. Na sua fala, como o anjinho já é uma alma santa, não precisa da temporalidade da espera necessária à reflexão. Ele não necessita se arrepender de nenhum erro cometido em vida, pois o fator de ser um anjo, elucida que não cometera danações na passagem pela terra. De todo modo, o tempo e o vômito das almas angélicas no Purgatório entram em conflito nas memórias dos vivos.

[110] Narrativa de Suely de Mattos. 32 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 15/09/2013, na sua residência, no sítio Cabaceiras, município de Barbalha. p.13-14.

Essas significações evidenciam como as memórias dos entrevistados sobre os percursos das almas angélicas no outro mundo estão imersas em um campo de tensões. Este, por sua vez, envolve os saberes oficiais propagados no passado, os conhecimentos difundidos no presente e os transmitidos via tradição oral, além dos novos meios de comunicação que, de uma forma ou outra, interferem naquilo que é visto e narrado por um devoto.

Se a negação sobre a passagem da alma do anjo no terceiro lugar está presente em algumas memórias, em outras, essa viagem se alarga, sendo recheada de novos detalhes que ensinam a viver e a morrer. É salutar ressaltar que somos herdeiros de uma tradição fúnebre na qual os ensinamentos para a boa morte, e para a vida em consonância com os valores católicos, foram elementos essenciais na formação religiosa da América portuguesa (RODRIGUES, 2005, p. 31-72).

Na trela tecida com Sr. Joaquim, as almas dos anjos que passam pelo Purgatório, inseridas em uma visualidade transmitida via tradição oral, servem de exemplo aos pecadores. Eis suas palavras:

> De qualquer maneira tem que passar lá [no Purgatório], né?. Diz que a pessoa quando morre, até os anjos diz que passa lá, por causa do leite que mamou da mãe. Como é que pode né? Assim eu via os mais véi dizendo que tinha esse exemplo[111].

A exclamação do narrador ao contar que as almas dos anjos devem passar pelo fogaréu do Purgatório é bastante elucidativa, uma vez que exemplifica que mesmo as criaturas mais singelas e, por conseguinte, não detentoras de discernimento do pecado carnal, sendo humanas e, portanto, estando no mundo dos pecados, não escaparão das chamas no terceiro lugar do Além. Como bem lembra Raimundo Girão (2007, p. 202), nos termos orais do sertão, aquilo que é exemplar, tem a conotação de um castigo.

Oscar Saéz glosa sobre a ideia de exemplo. Conforme seu escrito, tal palavra é um termo de longa e reveladora tradição. Desde a literatura eclesiástica medieval, os exemplos eram peças narrativas dedicadas às pregações. Diferente dos evangelhos, inseridos nos sentidos do sagrado, eles eram "narrações profanas construídas em volta de um núcleo de significado religioso ou moral" (SAÉZ, 1996, p.74).

[111] Narrativa de Joaquim Luiz dos Santos. 72 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 15/10/2013, na sua residência, na cidade de Porteiras. p.3.

Para Le Goff, o exemplum é uma herança da antiguidade grego-romana, quando era entendido como uma historieta (história curta) de caráter histórico dita como um argumento em um discurso persuasório. Naquele tempo, ele era uma arma do orador político ou judiciário. E, posteriormente, tornou-se um instrumento a serviço da moral cristã. No período que corresponde entre os primeiros séculos do cristianismo, e o coração da Idade Média, o exemplum teve sua natureza e sua função alteradas. Ele deixou de concentrar-se na imitação de Jesus Cristo (que era o exemplum por excelência) e "passou a consistir numa narrativa, numa história que se devia tomar no seu todo como um objecto, um instrumento de ensino e/ou de edificação" (LE GOFF, 1994, p. 123)[112]. Nesses termos:

> É, pois, o tempo de uma memória particular que enforma o tempo do exemplum. É a memória da consciência espiritual e moral, que a nova concepção do pecado, ligado à intenção, e as novas práticas da confissão articular, baseada no exame da consciência do pecador e na sua introspecção, privilegiaram na passagem do século XII para o século XIII. (LE GOFF, 1994, p. 125).

Nessa concepção de exemplum tecida na tradição religiosa católica desde o medievo, o conto exemplar deve despertar na consciência de quem escuta um acontecimento decisivo para a sua salvação no futuro: a convenção. Desta maneira, o exemplum é um objeto de convenção. Seu tempo histórico é destinado ao momento presente que principia um horizonte de expectativa dedicado à salvação eterna, uma vez que "o exemplum tem pois como função enxertar a realidade histórica na aventura escatológica" (LE GOFF, 1994, p.126).

Desse modo, o voo das almas das crianças pelo fogo intenso do Purgatório no espaço de experiência dos devotos narradores assumiu no passado, e assume no presente, lições que ensinavam, e que ainda hoje ensinam, os mais jovens a viverem na fé e a seguirem os ensinamentos dos mais velhos. Ficava a certeza de que eles, narradores e ouvintes, como cristãos e, por conseguinte, pecadores, também passarão por lá. Concomitante, tal exemplo das almas dos anjos serve também como uma referência que lembrava aos ouvintes a

[112] O exemplum apontado por Le Goff teve no século XIII seu momento de maior propagação. Ele esteve associado a um novo tipo de pregação religiosa, que surgiu em meio aos processos de transformações ocorridos entre os fins do século XII e inicio do século XIII. Esse historiador defini o exemplo do século XIII (tido como o tempo do exemplum) como "um conto breve dado como verídico (: histórico) e destinado a ser inserido num discurso (em geral, um sermão) a fim de convencer um auditório por meio de uma lição salutar". (LE GOFF, 1994, p.123).

necessidade de viverem uma vida religiosa, sobretudo de preparação, oração e dedicação às boas ações.

Nessas tessituras, esse exemplo era reproduzido nos momentos em que os idosos católicos ensinavam sobre os cuidados do bem viver em comunhão com as crenças e práticas religiosas para os seus familiares mais novos. Lembremos que as memórias também são carregadas de intencionalidades e dependendo do contexto e do cenário no qual são relatadas, são usadas e abusadas no cotidiano[113].

De forma semelhante às memórias de alguns narradores, as superstições cearenses registradas pelo Barão Guilherme Studart (1856-1938) dizem que "criança que morre no período da amamentação vai vomitar o leite no Purgatório" (STUDART, 2003, p. 43).

Coisa semelhante, Cascudo escreveu sobre essa crença. De acordo com seus escritos, mesmo uma criança de poucos meses só adentrará o Paraíso depois que vomitar o leite que mamou (CASCUDO, 2002, p. 30). O ato de beber esse líquido nos primeiros dias de vida é identificado, portanto, como uma conta a ser reparada, queimada no fogo intenso. Desta maneira, a construção desse entendimento toma como referência o tempo de vida da criança e sua integração ou mesmo contato, maior ou menor, com os elementos do mundo terreno.

As memórias de Dona Cida, gravadas na varanda da sua residência no centro da cidade do Crato, apresentam outro aspecto relevante. Segundo a narradora, todas as almas vomitam o leite no Purgatório, não se restringindo, portanto, às alminhas infantis.

> **Narradora:** É tanto que tem um dizer assim: que você nasce sem nenhum pecado, mais a partir do momento que você mama você já está pecando né? E se você mamou, quando morrer você tem que passar por lá[Purgatório] pra derramar o leite que você mamou, no purgatório. Tem esse dizer, que o povo derrama o leite no purgatório.
>
> **Pesquisador:** isso é das crianças?
>
> **Narrador:** Não, é qualquer um de nós. Você num já mamou? Pois é, eu também. Qualquer dia estamos vamos por lá, derramar o leite que nós tiremos de nossa mãe[114].

Na continuidade da sua narrativa, Dona Cida, que se apresenta como católica e trabalha como manicure no centro do Crato, as criancinhas que morrem sem beber o leite

[113] No que tocante às intencionalidades, os usos e abusos da memória ver Alberti (2004, p. 36-39).
[114] Maria Aparecida Nogueira Roque. 44 anos. Manicure. Entrevista realizada em 11/09/2014, em sua residência, no centro da cidade do Crato. p. 5.

materno viram anjos e possuem um nome diferenciado, embora ela não tenha lembrado a nomenclatura destes no momento da entrevista. De toda forma, segundo o ditado popular mencionado pela narradora, eles trazem felicidade para seus familiares vivos. Eis suas memórias:

> É tanto que se morre um anjinho que nunca mamou, aí diz que ..como é que chama esses anjos que nunca mamou? Porque não vai ser preciso né? Ele foi sem nenhum pecado. Ele foi sem nenhum pecado. Não tem como passar por lá [Purgatório], porque ele não pecou em nada. Em nada, nada, nada. Como tem muitas vezes, as pessoas diz: - feliz aquele que tem um anjinho no Céu que nunca mamou né? Acho que você já ouviu falar. Pois é! Feliz aquele que tem um anjinho no Céu que nunca mamou.
>
> **Pesquisador: mais feliz, por que?**
>
> Narrador: porque nunca teve pecado. Nunca pecou, porque a partir do momento em que a gente nasce e começa a mamar, aí começa os primeiros pecados. Nossos primeiros pecados é aquele que nós começamos a mamar[115].

Conforme o folclorista pernambucano Pereira da Costa (1851-1923), o leite ingerido pela criança, foi, na sua contemporaneidade, mais um elemento de distinção e hierarquização entre as almas dos anjos. Nos seus escritos, a alma do pequenino que em vida não mamou, está dispensada do voo pelo Purgatório, sendo inserida diretamente na corte dos serafins, anjos que, segundo a hierarquia celeste, carregam o maior grau de santidade. Vejamos suas considerações:

> O recém-nascido que não foi amamentado e morre batizado, não participando, portanto, de coisa alguma deste mundo, é um serafim, anjo da primeira hierarquia celestial, e vai imediatamente para as suas regiões ocupar um lugar entre os seus iguais; o que receber amamentação e as águas do batismo é simplesmente um anjo, porém antes de entrar no céu passa pelo Purgatório para purificar-se dos vestígios da sua efêmera passagem pela terra, expelindo o leite com que se alimentou. (PEREIRA DA COSTA Apud CASCUDO, 2002, p. 42).

A esse respeito, é importante lembrar que, na tradição oral de portugueses do Vale de Figueira registrada entre os fins da década de 1980 e início dos anos 90 do século XX, a nomenclatura atribuída às almas dos anjinhos tomava como base o fato da criança, em vida, ter se alimentado apenas do leite materno. Como ressalta Carvalho (1991, p. 216), “o anjinho

[115] Maria Aparecida Nogueira Roque. 44 anos. Manicure. Entrevista realizada em 11/09/2014, em sua residência, no centro da cidade do Crato. p. 6.

era toda a criança que só bebia leite materno até à hora da morte: uma vez desmamada, comendo açorda ou alimentos com sal, deixava automaticamente de ter esse estatuto". Este é um indicio de que tais crenças são heranças portuguesas ainda presentes nas memórias orais dos sertanejos.

Segundo Cascudo, a forma pela qual a alminha do anjo se livra do leite materno constrói gestos específicos no Purgatório. Vejamos suas palavras:

> Com a alma das crianças ocorre diferenciações caracterizando a maior ou menor integração na materialidade humana. (...) Se a criança mamou esvoaça inquieta até libertar-se do leite ingerido. Creio a exigência referir-se ao cadáver desfazer-se. Mas muita gente velha teima pensando que o infante conduza o líquido no estômago. (CASCUDO, 2011, p. 56).

Nos registros produzidos pelo folclorista potiguar, bem como nas memórias dos fiéis que entrevistei, as almas possuem um estômago que parece material. É na corporeidade da alma, portanto, que o líquido é levado para o Purgatório e sobre ele derramado. Assim, a materialidade e a imaterialidade do corpo e da alma se confundem e se misturam na memória e nas crenças religiosas, ancoradas nos mistérios do Além.

As crenças que associam a materialidade do corpo e seus gestos no Purgatório são antigas. Mais uma vez, Le Goff situa sua construção nos processos temporais que constituíram o terceiro lugar do Além Cristão, especialmente a partir do século XII (por volta do ano 1190) com a escrita do Purgatório de São Patrício, um documento que contribuiu de forma significativa para o nascimento e a difusão do Purgatório[116].

Os gestos presentes no Purgatório de São Patrício são provocados por seres que pertencem a duas categorias distintas: os homens e os demônios. No primeiro caso, eles são diferenciados a partir dos mortos dos dois sexos (macho e fêmea) e do homem que permanece mantendo a condição de terrestre, ou seja, um vivo que adentrou o Purgatório (LE GOFF, 2010, p. 60). As almas que adentraram o Purgatório são dotadas de uma espécie de corpo que

[116] Escrito originalmente em latim, o Purgatorium Sancti Patricii, foi o primeiro tratado em que o Purgatório foi nomeado e representado como um lugar específico. O documento constitui uma sucessão de visões e de viagens ao Além. Muito influenciado pelo Apocalipse de Paulo (sua fonte principal) e rapidamente traduzido para o francês, ele obteve, no século XIII, numerosas versões em latim e línguas vulgares. Segundo o documento escrito pelo cisterciense inglês, o Purgatório fica situado nas proximidades do Inferno, sendo visualizado como uma sucessão num terreno plano, sem subidas ou descidas. Ele possui pontos de comunicação (ou entrada) na terra, por onde homens vivos poderiam adentrar e testar sua fé nos tormentos do Purgatório. A narrativa mais conhecida, diz que São Patrício recebeu de Deus, a fim de converter alguns irlandeses incrédulos, um acesso ao Purgatório em uma Ilha, Station Island, situada no atual Eire, nas fronteiras com a Irlanda do Norte. O acesso se dava em uma caverna, localizada no meio do Lourg Derg (Lago Vermelho). (LE GOFF, 1994, p. 149-156).

as fazem sentir os sofrimentos do fogo intenso. Os tormentos atingem, sobretudo, as partes da corporeidade, sendo, inclusive, expressados por quatro dos cinco sentidos (a vista, o olfato, o ouvido e o tato, faltando apenas o gosto). De toda forma, os gestos no Além foram inseridos num conjunto de sentidos mais amplos que envolvem o corpo humano[117]. Nesse direcionamento, as crenças dos narradores sobre as almas que carregam o leite materno no estômago estão em consonância com saberes antigos, propagados pela própria Igreja.

A necessidade da alma angélica de se desfazer do material ingerido provoca um rebuliço no Purgatório, mediante a movimentação da alminha. É dessa forma inquieta que ela expulsa o leite do seu estômago e despeja-o sobre aquele espaço imagético. Após se rebulir, esvoaçar e derramar todo o líquido, a alma do anjinho se acalma e fica livre para voar no rumo do Paraíso.

Para Cascudo (2002), essa situação condicional imposta às almas dos anjos está cerceada no processo no qual o corpo do pequenino entra em decomposição na terra. Nas memórias dos fiéis, por sua vez, o derramamento do leite materno no Purgatório revela as marcas do pecado que, cometido pelos adultos, são transmitidos aos pequenos através do contato da sua boca com o seio da mãe e, por consequente, da sua absorção do líquido nele gerado. Desse modo, o rebuliço da alma reflete a queima dos seus pecados, na mesma proporção que o líquido é despejado.

Nessa linha interpretativa, junto com a bebida, a criança absorve os males do mundo, uma vez que sua mãe também fora objeto e sujeito da produção do pecado na terra. Desse modo, Dona Ilza nos contou que:

> Era os anjinhos: ia direto pro céu. Porque num tinha pecado. O pecado que tinha era o leite que mamava da mãe né? Se morresse assim depois já de um dia pra lá de nascido, que o pecado que tinha era o leite, mas num tinha pecado nenhum... ia pro Céu[118].

Nessa perspectiva, a própria dimensão do pecado das almas dos anjos é projetada em uma situação marcada pela ambiguidade. Mesmo não cometendo erros entre os vivos, pois o ato de mamar é inerente e necessário para a sobrevivência da criança, ela peca por beber

[117] A presença dos demônios no Purgatório revela mais uma condição dos gestos deste espaço. (LE GOFF, 2010, p.58-60).
[118] Narrativa de Francisca Maria da Silva. 53 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 12/06/2011, na sua residência, município de Porteiras. p.8.

líquidos deste mundo, como se o pecado fosse repassado da alma da mãe, presa no interior do seu corpo, para a alma do pequenino ainda em vida.

Nas memórias de Dona Ilza, o voo da alminha para o Céu não carrega nenhum tormento. Embora reitere que ela carregue o peso do pecado, em virtude do leite ingerido, ela afirma que aquela alma não tem contas para pagar. Ela não precisa, portanto, purgar pecados, fator revelado a partir do tempo acelerado da sua travessia. Nessas memórias, o Purgatório foi silenciado, não sendo mencionado como um lugar obrigatório por onde as almas tem que passar para despejar o leite e queimar os pecados.

Olhando a partir de outra perspectiva, o ato da alma despejar (que nesse sentido também significa abandonar, se desfazer) o leite que carrega no seu corpo parece se contrapor às crenças antigas portuguesas disseminadas na América portuguesa. Segundo a documentação oral registrada por Cascudo: "No Paraíso, há um grande e delicioso queijo, feito pelos anjos, e que só poderá ser cortado e servido pelos esposos fiéis. Daí as frases comuns: 'aquele que cortar o queijo!' ou 'você pensa que vai partir o queijo do Céu"[119].

Ora, no mundo dos vivos, tradicionalmente o queijo é produzido a partir do leite. Desse modo, se no Paraíso os anjos produzem o queijo para as almas dos casados fiéis, o leite que as alminhas levam no estômago poderia ser usado.

É importante assinalar, ainda, que além do leite, comumente a criança viva bebe água. No entanto, a referência a este líquido e suas relações com as alminhas no Purgatório não foram mencionadas nas memórias dos narradores. A questão recai, portanto, nos simbolismos do leite materno.

Segundo Agnès Fine, na Europa dos séculos XIX e XX crenças foram compartilhadas, entre os saberes científicos e das populações, que elucidam representações tradicionais do leite das lactantes. Nestas, às vezes, ele era identificado como um veneno mortal. O leite perturbador era resultante de alterações provocadas no corpo da mulher lactante e desencadeadas por dois tipos de causas, a saber: primeiro, pelas comoções físicas e morais, a exemplo do demasiado cansaço, frio e calor, bem como de fortes emoções: ódio, desgosto, medo e relações sexuais muito fogosas. O segundo tipo ocorria quando a mãe que

[119] Conforme Cascudo, a crença na existência do queijo do Céu representa da recíproca fidelidade conjugal. "Nos antigos andores de São Lúcio e Santa Bona, os bem-casados figuravam o 'queijo do Céu' exposto nas procissões de Cinzas no Recife, em Olinda e na cidade de Salvador". (CASCUDO, 2002b, p.554).

amamentava voltava a menstruar ou engravidar. Neste ponto, "o leite se opõe ao retorno do sangue, mas, em compensação, o sangue se opõe à amamentação" (FINE, 2003, p. 62).

O que merece destaque nessas considerações é o fator da agregação condizente aos aspectos do leite. Fine lembra que essas associações colocam em cena continuidades da fisiologia antiga, que foram retomadas pelos médicos europeus dos fins da Idade Média e nos delineios da Idade Moderna. A antiga fisiologia dos humores femininos lança luz para a origem do leite: o sangue da mãe (FINE, 2003, p. 65).

No Dicionário do Folclore Brasileiro, Cascudo aponta para alguns significados ou (uma tipologia) do sangue nas crenças entre a linguagem médica e os saberes das populações. Entre as categorias apresentadas, o sangue branco, que representa um soro sanguíneo, faz lembrar o leite materno (CASCUDO, 2002b, p. 616).

De toda forma, é essa associação que percebo nas memórias de Dona Cida, a única narradora entrevistada que explicou o significado do leite materno ser vomitado no Purgatório: "porque diz que o leite é sangue, foi o sangue que a gente sugou de nossa mãe, que é o leite materno. Eu já ouvi" [120].

Logo, se este líquido está contaminado por desventuras humanas, não poderá ser levado ao firmamento celeste pela alminha que o ingeriu, uma vez que ele carrega os elementos do pecado carnal, o que elucida continuidades dos significados atribuídos ao sangue desde a sua descoberta, no período medieval[121]. Nesse sentido, a alminha que se alimentou deste líquido foi contaminada. Assim, a materialidade líquida que mantém o pecado carnal precisa ser expelida para que a alma adentre os resplendores celestiais.

Durante a realização das entrevistas, os fiéis não souberam explicar a origem (ou o mito de origem) que gerou a passagem da alma do anjo pelo Purgatório. Neste momento, nem a Bíblia, citada em vários momentos das entrevistas, e nem outros documentos oficiais ou não oficiais foram mencionados. Ele(as) não souberam indicar onde eu poderia encontrar

[120] Maria Aparecida Nogueira Roque. 44 anos. Manicure. Entrevista realizada em 11/09/2014, em sua residência, no centro da cidade do Crato. p. 5.

[121] De acordo com Le Goff e Troung, o sangue foi descoberto e repugnado na Idade Média, no momento em que o cristianismo se firmou. Naquele contexto, ele foi marcado por paradoxos. O sangue, como o esperma, recaiu num tabu. Ele foi um dos elementos de inferiorização da mulher, pois ela despejava o sangue pelo seu órgão sexual. Ademais, "a sexualidade, que a partir o século XII foi associada ao sangue, representou o ápice da depreciação do corpo no medievo. "O cristianismo medieval privilegiou o pecado em relação à desonra. O espiritual sobrepuja o corporal. O sangue puro de Cristo é mantido a distância do sangue impuro dos homens. Ele é chamado de Sangue Precioso, que os Anjos e Maria Madalena teriam recolhido ao pé da cruz e do qual numerosas igrejas reivindicavam a propriedade durante a Idade Média (...)". (LE GOFF; TROUNG, 2011, p.40).

referências escritas sobre isso. Conforme os narradores, a veracidade daquilo que foi narrado se ancora nas crenças e nas narrativas dos mais velhos.

As crenças sobre o vômito dos anjos no Purgatório nos remete à Europa medieval, mas precisamente à Espanha. Michel Vovelle lembra que lá, o espanhol Pedro Machuca pintou uma imagem do Purgatório. Nela a Virgem Maria aparece rodeada de anjinhos e com uma criança nos braços (que parece ser o menino Jesus). Ela espreme os próprios seis com a ajuda dos anjinhos. Com isso, derrama seu leite sobre as almas que sofrem com o ardor e o queimar das chamas intensas (VOVELLE, 2010, p. 114-115).

Seguindo o ato da Virgem Maria, o vômito dos anjos faz lembrar que o líquido, inquietamente derramado, também auxilia as almas aflitas que purgam, na medida em que lhes refrescam e, portanto, aliviam seu penar nas chamas. Embora as memórias orais não expliquem tal função, o voo das almas dos anjos pelo terceiro lugar parece reforçar a própria função dos anjos inventados no momento da criação dos mundos visíveis e invisíveis, a saber: proteger e cuidar da criatura humana, neste caso, das suas almas no Purgatório.

De acordo com Vovelle (2010, p.115), a Igreja pós-tridentina escondeu as imagens dos seios expostos da Virgem Maria despejando leite sobre almas que purgavam. Tais imagens foram consideradas, na época, indecentes e até mesmo ímpias.

Embora a política da Igreja Tridentina tenha tornado invisível o seio e o leite materno da Virgem Maria, as representações do leite das demais mulheres adentraram o Purgatório por meio dos seus filhos que se tornaram anjos após a morte na infância. Desta forma, os seios, o leite e a própria Virgem sumiram das imagens do Purgatório propagadas a partir do período moderno. Mas, o leite materno, agora vomitado pelos anjos, permaneceu no imaginário religioso do Ocidente cristão, perdurando nas narrativas orais de muitos fiéis.

É importante considerar que, além das referências cristãs associadas ao pecado inerente ao leite gerado no ser carnal, a ideia segundo a qual este líquido deve ser expulso do corpo para que a alma do pequeno anjo adentre o Paraíso pode carregar, também, referências pagãs. É válido lembrar que a alimentação fora inclusa num campo de relações com o mundo sobrenatural. Em outros termos, o alimento foi inserido numa rede de relações culturais complexas marcadas por seleções, prescrições e restrições, cujo equilíbrio da vida coloca em cena a posição central da comida como um elemento que estabelece os liames entre as esferas material e espiritual. Destarte, em outras culturas não cristãs, o alimento pode carregar

espíritos malignos para o interior dos corpos, como Chiara Vangelista registrou (2010, p. 223).

Considerações finais

Pelo que foi exposto, as memórias dos sertanejos entrevistados indicam significados profundos e complexos que recobrem as almas das crianças batizadas na fé católica. Suas almas, entendidas como anjinhos, são apontadas como merecedoras do Paraíso, uma vez que, em vida, não detinham o discernimento para pecar, ou ainda, porque não cometeram pecados mortais.

Todavia, tais memórias foram inseridas num campo tenso, marcado pelos conflitos que envolvem o entendimento do pecado e os limites religiosos tocantes à bem-aventurança da alma. Nesse sentido, a passagem do anjinho pelo Purgatório é indicada como uma condição necessária para seu ingresso nos resplendores celestiais, pois, antes de adentrar o terreno santo, ele precisa vomitar o leite materno, visto que este líquido representa o sangue humano, e este, por sua vez, carrega o pecado.

Portanto, as narrativas orais sobre o exemplo do voo da alma do anjinho pelo terceiro lugar do Além Cristão ajudam os fiéis a entenderem o tempo escatológico, ritmado nas balizas do início, do meio e do fim. Desta maneira, a tradição oral sobre o vômito dos anjos ensina os fiéis a viverem uma vida segundo os princípios cristãos, pois se até as almas recobertas pela sacralidade angélica passam pelo Purgatório, os narradores não conseguirão escapar das chamas nele existentes.

Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar:** textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BEZERRA DE MENEZES, Ulpiano Toledo. Fontes visuais, cultura visual, história visual: Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.23, nº 45, p.11-36, 2003.

CARVALHO, Ana Isabel Basto. A temática da morte no ensino secundário: perspectiva de abordagem. In: COELHO, António Matias (Coord.). **Atitudes perante a morte.** Coimbra: Livraria Minerva, 1991, p. 205-240.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Religião no povo.** 2 ed. São Paulo: Global, 2011.

_____. **Superstição no Brasil.** 5ª. ed. São Paulo: Global, 2002.

_____. **Dicionário do folclore brasileiro.** 11 ed. São Paulo: Global, 2002.

CYMBALISTA, Renato. **Cidade dos vivos:** arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002.

FINE, Agnès. Leite envenenado, sangue perturbado: Saber médico e sabedoria popular sobre os humores femininos (séculos XIX e XX). In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Orgs.). **O corpo feminino em debate.** São Paulo: Ed. UNESP, 2003, p. 57- 78.

GIRÃO, Raimundo. **Vocabulário popular cearense.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Vendo o passado: representação e escrita da história. **Anais do Museu Paulista.** v.15, n.2, p. 11-30, 2007.

LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval.** Lisboa: Edições 70, 2010.

_____. **O nascimento do purgatório.** 2 ed. Lisboa: Estampa, 1995.

_____. **O imaginário medieval.** Tradução Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994.

_____. ; TROUNG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média.** 3 ed. Tradução Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

RODRIGUES, Cláudia**. Nas fronteiras do além:** A secularização da morte no Rio de Janeiro (Séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

SÁEZ, Oscar Calavia. **Fantasmas falados:** Mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens:** ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Tradução de José Rivair Macedo. Bauru,SP: Edusc, 2007.

STUDART, Guilherme. Usos e superstições cearenses. In: CASCUDO, Luís da Câmara (Org.). **Antologia do folclore brasileiro.** v.2. 6 ed. São Paulo: Global, 2003, p. 31-48.

VANGELISTA, Chiara. A comida, o corpo, a alma: sensibilidades cruzadas nas missões Salesianas entre os Bororo (século XIX-XX). In: RAMOS, Alcides Freire; MATOS, Maria Izilda S. de; PATRIOTA, Rosângela (Orgs.). **Olhares sobre a história: culturas, sociabilidades, sensibilidades.** São Paulo: Hucitec, 2010, p. 231-239.

VOVELLE, Michel. **As almas do purgatório: ou o trabalho de luto.** Tradução Aline Meyer e Roberto Cattani. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

A CONGREGAÇÃO DA MISSÃO E A REFORMA CLERICAL NO CEARÁ (1864-1875) [122]

Pryscylla Cordeiro[123]

Introdução

O momento político-religioso que a sociedade do Oitocentos vivenciou, foi marcado por fortes tensões entre o Estado e a Igreja. Desde a Revolução Francesa se desencadearam uma série de eventos políticos, como a secularização da sociedade e o surgimento de novas doutrinas políticas e religiosas[124]. Dessa maneira, a Igreja Católica se sentiu ameaçada, pois o poder que exercia na sociedade estava sendo abalado. Para reagir a tais eventos, procurou definir de forma mais rígida sua doutrina e disciplina, essas medidas ficaram conhecidas como ultramontanismo e atingiram seu ápice no Concílio do Vaticano I (1868-1870)[125] (SANTIROCCHI, 2010a, p.195).

Houve uma maior centralização na figura do Papa, na época, Pio IX (1792-1878), que tinha a fama entre os liberais, [...] "de ter sido o mais reacionário e ultramontano dos papas até então" (CARVALHO, 2007, p.151). O Sumo pontífice passou a ter, portanto, "uma maior concentração do poder eclesiástico nas mãos", principalmente depois da publicação da infalibilidade papal (VIEIRA, 1980, p.33). Dessa forma, se tornava "a fonte dos ensinamentos da Igreja e como a autoridade da qual emanam, de modo indiscutível, todas as decisões" (SANTIROCCHI, 2010a, p.196).

O objetivo da Igreja Católica era a universalização do catolicismo, em detrimento das tendências católicas nacionais, por exemplo, a luso-brasileira. No entanto, esse não foi um movimento unilateral, mas sim, com participação efetiva dos próprios países nos quais ocorreu. O Brasil teve uma grande influência desse catolicismo ultramontano, especialmente

[122] Este trabalho faz parte da pesquisa que desenvolvo na Graduação em História, sob orientação da Prof.ª Dra. Edianne Nobre, sobre a Congregação da Missão e sua atuação no Ceará na segunda metade dos Oitocentos.

[123] Graduanda em História na Universidade Regional do Cariri (URCA). Bolsista do CNPq e membro do Laboratório de Imagem, História e Memória – LABIHM. E-mail: pryscyllacordeiro@hotmail.com

[124] Essas doutrinas começaram a surgir a partir do século XVI. No século XIX o que mais assustou foi a filosofia, assim como as teorias políticas e racionalistas contrárias aos princípios católicos, como o comunismo, positivismo, as ideias de Nietzsche, etc.

[125] O Concílio Vaticano I (1869-1870) organizado pelo papa Pio XI significou uma reafirmação dos dogmas católicos discutidos em Trento, mas agora com relação ao mundo moderno laicizado que após a Revolução Francesa foi levado a se afastar da Igreja, dos "deveres fundamentais do cristianismo e os [...] de um católico [...]" (MARTINA, 2005, p.257).

na segunda metade do Século XIX, em que vieram para o Império várias Ordens missionárias, com o fim de ajudar os Bispos na Reforma Ultramontana, a partir dos Seminários Episcopais. Para os ultramontanos, as normas da reforma seriam mais eficazes se ensinadas aos clérigos desde sua formação nessas instituições.

Os Lazaristas franceses, pertencentes à Congregação da Missão[126], foram uma das ordens que mais se destacaram nesse processo, pois atuaram nos Seminários brasileiros, formando um clero instruído e moralizado aos moldes ultramontanos. Os seminários que estavam sob sua administração tornaram-se grandes centros reformadores para onde convergiram vários jovens que desejavam seguir a carreira eclesiástica. A província do Ceará foi um dos polos reformistas em que essa Congregação se instalou em 1864, e promoveu uma mudança nos costumes clericais.

Este trabalho pretende investigar a atuação dos padres Lazaristas franceses, no Ceará, desde sua chegada em 1864 até 1875, ano em que ocorreu a "Questão Religiosa" [127]. Trata-se de entender como esses padres contribuíram para a Reforma Ultramontana cearense, a partir das atividades educacionais desenvolvidas no Seminário da Prainha (1864).

Dessa maneira, questionamos como as diretrizes tridentinas e do Concílio Vaticano I foram utilizadas no Ceará, no sentido de reformar a cultura clerical nos onze primeiros anos de atuação dessa Congregação. Utilizaremos o conceito de ultramontanismo, a fim de perceber como a reforma religiosa se desenvolveu, considerando os elementos singulares presentes nesse espaço e confrontando uma historiografia que homogeneíza a análise desses processos.

[126] A Congregação da Missão, de origem francesa, foi fundada em 1625 por Vicente de Paulo com o objetivo da prática caritativa e evangélica para com os desvalidos, vislumbrando a salvação de suas almas. A Congregação atuou também nos seminários eclesiásticos, formando um clero instruído e moralizado, guiado pelos desígnios do Concílio de Trento (1545-1563). Ficaram conhecidos como lazaristas, após a mudança de sua sede em 1632 para o edifício do priorado de São Lázaro, nos arredores de Paris. Foram enviados para várias partes do mundo, como missionários prontos a trabalharem nos seminários, atuando no ensino religioso e moral.

[127] A Questão Religiosa ou Questão dos bispos (1872-1875) foi a ápice das tensões entre a Igreja e o Estado Regalista brasileiro. Este momento envolveu grande parte do clero nacional e seus principais opositores (maçons, liberais, regalistas). A união entre o "altar e o trono" estava por um fio, pois a Igreja tinha tomado consciência de sua "autonomia" e já não mais aceitava ser um departamento do Estado (REIS, 2000; FRAGOSO, 2008; SANTIROCCHI, 2010a).

Romanização e Reforma Ultramontana: o lugar dos conceitos[128]

A palavra ultramontanismo deriva do latim, "para além dos montes", passou por diversas mudanças em sua significação ao longo do tempo e chegou até nós como uma tradução do momento que a Igreja vivenciava, no qual necessitou projetar-se para fora das fronteiras do Vaticano, reafirmando os desígnios formulados no Concílio de Trento (1645-1663). Segundo Santirocchi, tal conceito significou:

[...] o fortalecimento da autoridade pontifícia sobre as igrejas locais; a reafirmação da escolástica; o restabelecimento da Companhia de Jesus (1814); a definição dos "perigos" que assolavam a Igreja (galicanismo, jansenismo, regalismo, todos os tipos de liberalismo, protestantismo, maçonaria, deísmo, racionalismo, socialismo, casamento civil, liberdade de impressa e outros mais), culminando na condenação destes por meio da Encíclica Quanta Cura e do "Sílabo de Erros", anexo à mesma, publicados em 1864 (2010b, p.24).

Nesta perspectiva, ocorreu um conflito entre as práticas do catolicismo "popular" e do catolicismo "romano" que buscava uma "europeização" das práticas religiosas luso-brasileiras a partir do século XIX (Idem, 2010b). Observa-se, portanto, uma intensa convergência para o pensamento maniqueísta e um constante embate entre as "classes populares" e as "classes letradas".

É necessário que façamos uma revisão historiográfica sobre o conceito, para compreendê-lo de forma crítica e explicar o por que do seu uso. A palavra Romanização foi criada no século XIX pelo padre e historiador alemão Joseph Ignatz von Döllinger (1799-1890) , como crítica às ações reformadoras empreendidas pela Santa Sé em seu país. Em sua obra, propôs a fundação de uma Igreja nacional desvinculada de Roma, pois para ele "o ideal dos ultramontanos era a 'romanização' de cada uma das igrejas", ou seja, uma uniformização eclesiástica liderada pelo Vaticano. O seu livro "O papa e o concílio", escrito em 1869, que expressou severa oposição ao ultramontanismo e ao dogma da infalibilidade papal, chegou ao Brasil durante a "Questão Religiosa" (1872-1875) pela tradução do advogado Rui Barbosa

[128] Para maiores esclarecimentos sobre o assunto ver: SANTIROCCHI, Ítalo D. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização-Ultramontanismo-Reforma. Revista Temporalidades. V. 2 Nº 2, 2010b. Sacerdote católico nascido na Baviera e membro da Real Academia Bávara de Ciências (1835). Tornou-se um dos mais renomados pesquisadores sobre questões relacionadas à teologia e história alemã. Teceu inúmeras críticas ao ultramontanismo entre os anos de 1850 a 1870 a partir de artigos e o livro Der Papstund das Konzil (O Papa e o Concílio). Durante o Concílio Vaticano I (1869-1870), liderou o grupo de padres contra o dogma da infalibilidade papal, pois o reconhecia como "imposição doutrinária de um catolicismo papista sobre todas as Igrejas" (AQUINO, 2013, p.5; SANTIROCCHI, 2010b, p.27).

(1849-1923) (VON SIRBIK, 1996, p.533-534 apud SANTIROCCHI, 2010b, p.27; AQUINO, 2013, p.5).

Durante décadas o termo "romanização" ficou esquecido, até que em 1951 o termo ressurgiu com o artigo Religion and the Church in Brasil, do antropólogo Roger Bastide e na década de 70 com o livro Milagre em Joaseiro, do cientista social Ralph Della Cava. Esses trabalhos possibilitaram a popularização do conceito, que foi desenvolvido no Brasil de forma aprofundada, por um grupo formado por teólogos, conhecido como Comissão de Estudos da Igreja na América Latina (CEHILA).

Os integrantes do CEHILA, influenciados pelo materialismo histórico, propuseram um novo olhar sobre a História da Igreja brasileira. Esse grupo formado por Eduardo Hoonaert, Riolando Azzi, Oscar Beozzo, Hugo Fragoso e Padre Ribeiro de Oliveira, buscou "analisar a religião, as práticas religiosas dos fiéis e da própria Igreja, enfatizando muito mais as relações entre Igreja e Estado, a partir de sua relação com as camadas populares" (GOMES, 2012, p.200).

Estes pesquisadores defendem que existe uma "luta" entre o catolicismo "tradicional" trazido pelos portugueses na época da colonização e o catolicismo "romanizado", que tentou disciplinar a religiosidade das massas. Para Riolando Azzi (1988), a romanização era um processo de "substituição do tradicional modelo eclesial de Cristandade [...] pelo modelo tridentino da Igreja hierárquica" (1988, p.111). A partir das produções desse grupo, os termos "ultramontanismo" e "romanização" passaram a ser utilizados como sinônimos para designar a reforma católica no Brasil do século XIX, "sem preocupações com a historicidade de tais conceitos" (GOMES, 2012, p.198).

Em seu livro O Milagre em Joaseiro, Ralph Della Cava, tendo analisado as cartas do padre Clicério da Costa Lobo, afirmou que o padre Pierre Auguste Chevalier, lazarista francês, "fora o maior responsável pelas desavenças surgidas entre seus colegas eclesiásticos quanto à validade dos milagres daquela região" (1970, p.69). Percebemos aqui a tendência do autor em dar respaldo a essa relação conflituosa entre o clero brasileiro e o europeu, transformando o último em vilão e culpado "pelo prejulgamento negativo, por parte de Dom Joaquim" acerca do milagre da hóstia (Idem)[129] .

[129] O evento conhecido como "milagre da hóstia", ocorreu pela primeira vez na noite da quaresma de 1889 no povoado de Juazeiro, "após uma exaustiva noite de orações e penitências" (NOBRE, 2011, p.19). O Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) que ministrava os trabalhos da noite ofertou a comunhão da Sagrada Eucaristia aos

Contrapondo-se a essa visão, Dutra Neto defende, em relação à atuação dos redentoristas em Minas Gerais nesse mesmo período, que:

> Muito embora os missionários estivessem em consonância com o espírito da época, o espírito de uma Igreja sacudida pelos apelos do Vaticano 1° e impregnada pelos ditames da reforma tridentina, os ocasionais conflitos [...] podem ser melhor vistos como um [...] choque cultural do que como um plano urdido a partir de Roma para "sufocar o catolicismo popular" (2006, p.42).

As pesquisas que vem sendo desenvolvidas recentemente na área[130] repensaram a forma que esses conceitos são empregados. As críticas dos estudiosos se voltam à ideia de "romanização", que para eles, restringe e generaliza as análises sobre a atuação dos clérigos ultramontanos no Brasil. Segundo Riolando Azzi, no Oitocentos, o movimento reformista tenciona a Igreja brasileira "a apresentar-se cada vez mais como uma instituição tipicamente romana". Nessa visão, no Brasil, a Igreja perdeu sua "nacionalidade" e passou a ser "romana", a partir de missionários estrangeiros que se espalharam pelo país e desenvolveram uniformemente o plano de ações romanizadoras em cada diocese.

Com pesquisas realizadas no Arquivo Secreto do Vaticano (ASV), Ítalo Santirocchi nos indica que não existiam "ordens" pré-estabelecidas vindas de Roma ou "agentes da romanização" enviados pela Santa Sé, mas uma constante troca de informação e discussão entre os bispos, Governo e Santa Sé [...], sobre cada um dos aspectos religiosos do Brasil, [...] com o intuito de tomar decisões que fossem de acordo com as exigências e especificidades locais de cada diocese brasileira e também do Brasil como um todo (2010b, p.32).

Dessa maneira o autor demonstra que a reforma ultramontana no Brasil não se deu da mesma forma em todas as províncias, que existia certa autonomia por parte dos bispos, já que a partir de experiências concretas nas dioceses, formulavam as melhores estratégias para empreender uma reforma nos costumes religiosos locais.

---

que estavam presentes. Após a comunhão de Maria Madalena do Espirito Santo de Araújo (1862-1914), a "partícula sagrada" verteu sangue em sua boca e esse fenômeno se repetiu em várias outras oportunidades semelhantes. Tais acontecimentos foram recebidos pela igreja Católica como algo que desafiava as regras eclesiásticas, colocando em cheque seu controle e autoridade. Para tentar por um fim nesses acontecimentos, a Diocese do Ceará instaurou dois processos episcopais que tinham como objetivo investigar esses "fenômenos extraordinários" e provar que eram embustes. (Idem, 2011) Para maiores esclarecimentos sobre a questão vide: NOBRE, Edianne dos Santos. O teatro de Deus - As beatas do Padre Cícero e o espaço sagrado de Juazeiro. 1. ed. IMEPH: Fortaleza, 2011.

[130] Ver: VIEIRA, Dilermando (2007), AQUINO, Maurício de (2013), DUTRA NETO, Luciano (2006) e SANTIROCCHI, Ítalo (2010a).

Em outro estudo que realizou sobre o Jubileu do Bom Jesus em Congonhas-MG, Santirocchi (2013) afirma não ter encontrado essa oposição do catolicismo "romanizado" para com o catolicismo "popular" e nem mesmo uma tentativa por parte da Igreja em abafar as práticas dos devotos, já que até os dias atuais as manifestações heterodoxas permanecem. Destarte, pretendemos com essa reflexão acerca dos conceitos, demonstrar que para além do seu uso, existe uma construção de cada um deles que se refere ao momento em que foi criado.

Os Lazaristas: primeiros ultramontanos no Brasil

O processo de reforma no Brasil ocorreu paulatinamente por toda a segunda metade do Século XIX. Até meados de 1840, o clero nacional ainda estava permeado por tradições luso-brasileiras e tinha, portanto, uma maior tendência liberal e revolucionária. Isto se deu, principalmente, pela "influência das ideias racionalistas e liberais" [...] importadas da Europa, principalmente de França e Portugal (AZZI, 1981, p.9). Após a expulsão dos jesuítas do Brasil pelo Marques de Pombal (1699-1782) em 1759, tais ideias conseguiram penetrar, devido à precariedade da disciplina eclesiástica e a administração dos Seminários pelos jansenistas[131](CARVALHO, 2007, p.183).

O Seminário de Olinda (1800), por exemplo, foi um dos maiores centros formadores de um clero liberal, revolucionário e de ideias regalistas. Os clérigos formados nessa instituição tiveram uma participação bastante ativa na política e passaram a ser vistos como uma ameaça à estabilidade do governo imperial, o que se deveu a participação de vários deles em revoltas de caráter emancipatório, como Revolução Pernambucana de 1817 e a Confederação do Equador (1824) (VIEIRA, 2007, p.34-37).

Conhecendo a realidade da Igreja brasileira, os ultramontanos projetaram várias medidas para reformar o clero e as formas de culto laicas: a construção de Seminários, o recrudescimento da hierarquia, maior intervenção do clero na devoção leiga. A proposta da Igreja era executar o projeto reformista "em todas as dioceses, no sentido de restaurar a disciplina do Clero, sanar males, reformar abusos, dar todo o decoro e lustre ao culto de Deus,

[131] O jansenismo foi uma doutrina reformista católica do Século XVII, criada por Fleming Cornelius Otto Jansen (1563-1638), Bispo francês. Esse movimento incentivava a mudança da teologia católica tomista, para a augustiniana. Os preceitos jansenistas, apesar de combaterem o protestantismo, são semelhantes aos do Calvinismo, como a ideia de predestinação. Outra característica jansenista importante é a oposição aos jesuítas, por isso que o Marquês de Pombal os enviou ao Brasil para administrar os Seminários (VIEIRA, 1980, p. 29-32).

e d'este modo [...] reflorescer a fé, a piedade e os bons costumes entre os fieis confiados ao [...] zelo pastoral" [...][132].

Os padres Lazaristas da Congregação da Missão, "foram os grandes cooperadores desta ação reformadora [...]" (FRAGOSO, 2008, p.196). O envio de missionários vicentinos para o Brasil é discutido entre os religiosos desde meados de 1640, no entanto, apenas em 1820 é que a Congregação se estabeleceu efetivamente no reino. Os primeiros lazaristas chegaram ao Brasil com a vinda da família real em 1808, fugindo das tropas napoleônicas, mas apenas em 1820 com a vinda os missionários portugueses Antônio Ferreira Viçoso (1787-1875)[133] e seu mestre Leandro Rebello Peixoto e Castro (1781-1841)[134], essa Congregação ganhará destaque e será criada a primeira sede dos lazaristas no Brasil. Esses padres fundaram o Seminário do Caraça em Minas, consolidando sua importância para o ultramontanismo no Brasil.

Com a direção de D. Ferreira Viçoso, nomeado bispo de Mariana em 1840 pelo imperador D. Pedro II, o Seminário do Caraça foi um irradiador das ideias ultramontanas, servindo de modelo para a construção e regimento de outros seminários brasileiros. O clero formado no Seminário do Caraça tinha contato direto com Roma, fosse pelo que aprendiam na própria instituição ou nas viagens feitas ao Vaticano a fim de aprofundar os estudos teológicos.

Um dos mais destacados alunos do Caraça foi o primeiro bispo do Ceará, Luís Antônio dos Santos (1817-1891)[135], nomeado para a Diocese do Ceará em 1860. Sabendo da eficiente formação realizada pela ordem lazarista, ao fundar o Seminário Episcopal do Ceará

[132] Busta 67, Fasc. 323. "Alguns pontos da reforma da Egreja do Brasil", Nunziatura Apostolica. ASV. Compilado e traduzido por: NOBRE, Edianne. (Arquivo Particular).
[133] Antônio Ferreira Viçoso nasceu em Peniche, Portugal em 1787, teve formação Lazarista na Europa e veio para o Brasil como missionário. Fundou a primeira ordem lazarista brasileira, o Seminário do Caraça e foi bispo de Mariana. Foi um dos primeiros e principais precursores do ultramontanismo no Brasil e o seu Seminário serviu como modelo para vários outros que foram criados para a reforma clerical.
[134] Leandro Rebello Peixoto e Castro nasceu no Minho, Portugal em 1781. Se formou como padre da Congregação da Missão, foi professor de Ferreira Viçoso, com quem veio para terras brasileiras. Junto com seu discípulo fundou a primeira ordem lazarista brasileira e o Seminário do Caraça em que foi reitor por duas vezes entre os anos 1820 e 1837. Ao ser transferido para a corte em 1837, tornou-se Vice-Reitor do Colégio Pedro II e passou o resto de sua vida trabalhando em prol da instrução da juventude (ANDRADE FILHO, 2012, p.74).
[135] D. Luís dos Santos nasceu em Angra dos Reis – RJ estudou no Seminário da Santíssima Trindade de Jacuecanga, e se tornou discípulo do Pe. Viçoso. Depois foi admitido no Seminário do Caraça e deu continuidade aos seus estudos teológicos, no entanto, por razões de saúde foi forçado a se afastar do Seminário ao ficar curado concluiu seu curso não mais como Lazarista, mas como clérigo diocesano. Doutorou-se em teologia em Roma, voltou ao Caraça como diretor e depois foi sagrado bispo do Ceará (1859). Realizou várias mudanças na vida religiosa e política cearense, a partir dos preceitos ultramontanos.

(1864), também conhecido como Seminário da Prainha, solicitou o envio desses missionários à província, cuja missão seria dirigir o Seminário e reformar o clero cearense escasso.

Demonstrando grande preocupação na reforma do episcopado cearense, o bispo assevera que "não basta que o clero ensine; é ainda preciso que elle seja o exemplo das doutrinas que prega" [...] [136]. O clero cearense era "como em todo o Império, esquecido de suas obrigações" religiosas[137]. Casos de concubinatos entre padres e leigos, envolvimento do clero com questões seculares, má administração das paróquias e prelados por falta de instrução, por exemplo, eram muito comuns entre eles.

No Relatório de Presidente de Província de 1864, o bispo D. Luís elucida que: "A necessidade mais urgente de nossa diocese, é a função de um seminário onde a mocidade que se destina às graves funcções do sacerdócio, receba a educação e instrução conveniente" [...] (Relatório de Presidente de Província de 1864, p.15). É importante destacar que até 1864 a maioria dos clérigos cearenses haviam se ordenado no Seminário de Olinda, que era ainda dirigido pelo "velho sistema" [138]. Para D. Luís Antônio dos Santos, esta era a prova dos "maus resultados" do clero, portanto, ao assumir a diocese tratou em enviar os futuros sacerdotes ao Seminário da Bahia, que havia sido reformado no arcebispado de D. Romualdo Seixas (1787-1860)[139] e era administrado pelos lazaristas[140].

Em 1875, Fortaleza passou por um remodelamento urbano baseado nas reformas feitas em Paris[141], promovendo uma disciplinarização urbana que atendia à noção de progresso e civilização almejada pelas elites. Assim como as ruas e a criação de edifícios que se tornaram

[136] Busta 67, Fasc. 323. "Alguns pontos da reforma da Egreja do Brasil", Nunziatura Apostolica. ASV, Vaticano- Itália. Compilado e traduzido por: NOBRE, Edianne. (Arquivo Particular).
[137] Busta 32, Fasc. 142, doc3. Nunziatura Apostolica. ASV, Vaticano- Itália. Compilado e traduzido por: NOBRE, Edianne. (Arquivo Particular).
[138] Alguns cearenses também optavam por ir à Bahia, Maranhão e Rio de Janeiro.
[139] Foi o primeiro padre brasileiro a ser nomeado Arcebispo da Bahia em 1826. Evolveu-se na política, fez parte da Câmara dos Deputados, representando o partido conservador e fazendo oposição às ideias do Pe. Feijó. Promoveu uma reforma religiosa no Arcebispado da Bahia, começando pela educação clerical e leiga. Criou o Seminário para formar um clero "ilustrado, devoto, piedoso" e para isso entregou a administração da instituição os Padres da Congregação da Missão (SANTIROCCHI, 2010a, p.220-223).
[140] Após a morte de D. Romualdo Seixas, os lazaristas foram retirados do Seminário baiano e o clero Secular assumiu a direção. A Congregação da Missão só retornou à Bahia em meados de 1881, durante o Arcebispado de D. Luís Antônio dos Santos.
[141] Durante o século XIX, Paris, capital da França, passou por um período de reforma e higienização urbana, planejada pelo imperador Napoleão III (1808-1873) e pelo Barão Haussmann (1809-1891). Essa reformulação urbana consistiu na substituição de ruas estreitas e desordenadas, por amplas avenidas que ligavam toda a cidade, os boulevards. Proporcionou também uma vigilância policial mais eficiente e dificultou a formação de guerrilhas urbanas. Essas reformas francesas "mais do que "copiadas", serviram como orientação e respaldo para as diversas reordenações urbanas levadas a efeito nas sociedades ocidentais no século XIX" (PONTE, 1999, p.25).

símbolos de distinção social, os hábitos da sociedade cearense também foram modificados, buscando uma aproximação com a modernidade europeia.

Nesse contexto, foram criados além do Seminário da Prainha, o Seminário do Crato[142] e o Colégio da Imaculada Conceição[143] , para meninas. Tais estabelecimentos foram dirigidos por membros da Congregação da Missão e pelas Irmãs de Caridade, parte feminina da ordem lazarista e primavam por educar a juventude no modelo de virtude pretendida pela Igreja da época.

O Seminário Episcopal do Ceará foi inaugurado antes da chegada da Congregação da Missão, no mês de Outubro de 1864. O prédio utilizado para a instalação do Seminário foi o que seria destinado ao Colégio de Órfãs, que acabou sendo sediado em outro espaço. D. Luís passou a residir no Seminário e teve ajuda de dois colaboradores, os padres Clicério da Costa Lobo e Fulgêncio (COSTA FILHO, 2004, p.65).

Ecce ego, mitte me: Os lazaristas franceses no Ceará[144]

Os primeiros Lazaristas chegaram ao Ceará em 18 de Novembro de 1864, eram o francês Pierre Auguste Chevalier (1831-1901) e o italiano Lorenzo Vicenzo Enrile (1833-1876), ambos formados na Casa Mãe dos Lazaristas em Paris. No entanto, já estavam no Brasil desde os anos de 1857 e 1858, lecionando no Seminário da Bahia. Após dois anos de negociações entre o bispo cearense, o Padre Visitador Benit e Pe. Etienne, Superior Geral da Congregação da Missão em Paris, eles foram convocados para ir ao Ceará.

O Pe. Pierre Auguste Chevalier nasceu em Saint-Riquier, na França e se tornou Lazarista na Casa Mãe dos Lazaristas em Paris. Veio ao Brasil como missionário para instruir os jovens no Seminário da Bahia com seu colega Pe. Lorenzo Enrile. Segundo suas cartas ao Superior, não parece ter gostado muito do Seminário baiano, por conta do contato dos alunos com ideias liberais e a competição interna entre os professores. Foi convocado para dirigir o

[142] Fundado em 8 de março de 1875 pelo Bispo D. Luís Antônio dos Santos, foi um Seminário Menor, conhecido como Seminário São José e atendeu aos jovens da Região sul do Ceará, o Cariri. Foi administrado pelos Padres Lazaristas e seu primeiro Reitor foi o Padre Lorenzo Enrile.
[143] Criado em 1865 pelo Bispo D. Luís Antônio dos Santos, e administrado pelas Irmãs de Caridade, de carisma vicentino, atuou na formação intelectual e moral de órfãs e jovens meninas de famílias cearenses, que pretendiam ser boas esposas e mães (COSTA FILHO, 2004, p.31).
[144] A expressão latina, Ecce ego, mitte me, foi extraída do Álbum do Seminário da Prainha, 1914 (preâmbulo) e significa: Eis-me aqui, envia-me.

Seminário Episcopal do Ceará em 1864, o que muito o alegrou e relatou ao seu superior que ali era o lugar propício para atuação da ordem lazarista (Álbum do Seminário da Prainha, 1914, p.23-24)[145] .

Seu reitorado durou 26 anos, se procedeu com a rigidez e disciplina necessárias aos Seminários que pretendiam formar um clero ultramontano. Sua atuação não se restringiu ao Seminário, confessava e dirigia também as Irmãs de Caridade, tinha contato com os católicos leigos a partir das missas, visitas ao asilo de alienados, etc. Sua saída da direção do Seminário em 1891se deu por uma querela entre ele e alguns alunos, que ficou conhecida como "Revolta dos Seminaristas", evento ainda pouco debatido na historiografia. Mesmo afastado continuou morando no Seminário até sua morte em 1901. Este padre, como representante máximo dos lazaristas no Ceará desse período, influenciou amplamente na cultura religiosa e intelectualidade cearense. O Barão de Studart, fundador do Instituto do Ceará, por exemplo, seguia os preceitos da ordem lazarista com a Conferência Vicentina, irmandade leiga da qual foi um dos fundadores.

O Pe. Lorenzo Enrile, por sua vez, nasceu em Savona, Itália em 1833. Estudou na Casa Mãe dos Lazaristas em Paris, se tornando um congregado, veio para o Brasil em 1858 para lecionar no Seminário da Bahia. Foi transferido para o recém-criado Seminário Episcopal do Ceará em 1864. Esse padre foi primeiro reitor do Seminário São José no Crato (1875), construído também pela Diocese cearense. Sua não adaptação ao clima da região levou ao seu afastamento, vindo a falecer em 1876.

Em carta datada de Novembro de 1864, o Pe. Chevalier relata ao seu Superior em Paris:

> Narrar-vos, Rev. Sr. e honradíssimo pae, a alegria, que nossa chegada causou ao Sr. Bispo, não seria cousa facil; havia tanto tempo que elle nos esperava! Esta alegria foi com tudo mitigada por sermos se não dois sobretudo porque as irmãs de caridade não puderam vir ainda para começar a casa de educação, que lhes está destinada. Nós procurámos tranquilizar a Sr. Exc. e assegurar-lhe que em breve veria seus desejos realizados (Álbum do Seminário da Prainha, 1914, p.23)[146]

[145] Lettre de M. Chevalier à M. Étienne, 1864 Supérieur general. Annales de la Congregation de la Mission. - 24 de Novembro de 1864. In: Álbum do Seminário da Prainha, 1914, p.23-24.
[146] Lettre de M. Chevalier à M. Étienne, 1864 Supérieur general. Annales de la Congregation de la Mission. - 24 de Novembro de 1864. In: Álbum do Seminário da Prainha, 1914, p.23.

Eram aguardados pelo Bispo até 1864, quatro padres, mais as Irmãs de Caridade, todavia, apenas um ano depois é que eles chegaram para completar o quadro de professores do Seminário. Segundo o reitor Pe. Chevalier, em uma carta a seu superior em Paris:

> O Seminario do Ceará acaba de ser entregue á Companhia em circumstancias, talvez mais favoraveis do que em todas as outras diocéses; em uma diocése nova, em que taes estabelecimentos são desconhecidos, em um paiz em que as boas famílias tem a honra de ter um padre d'entre seus [filhos] (Álbum do Seminário da Prainha, 1914, p.24)[147]

As primeiras ações do Reitor Pe. Chevalier, juntamente com o bispo D. Luís, para adequar o Seminário às normas tridentinas, foi redigir o plano de estudos para a formação seminarística, baseado no Diretório dos Seminários[148] . Como nos aponta Edilberto Reis,

> Desde a grade curricular, passando pelos horários até a forma dos exames, tudo obedecia a mesma lógica ultramontana que regia os maiores seminários europeus. Inclusive compêndios de teologia e de filosofia eram escolhidos dentre as obras de cunho reconhecidamente ortodoxo. Os velhos manuais de inspiração jansenista e regalista foram relegados ao esquecimento, e antigos catecismos de orientação iluminista forma substituídos pelo catecismo tridentino (2000, p.98).

O prédio do Seminário foi dividido em dois âmbitos: o Seminário Menor, para o curso preparatório e o Seminário Maior, para o curso teológico. O curso preparatório perfazia seis anos de estudo, nele "se estudavam as primeiras letras e as primeiras noções de matemática, latim, francês, história, geografia, retórica e filosofia", etc. (Idem, p. 99). O curso teológico duraria quatro anos, tendo esta divisão: "um anno para Direito Canônico e Historia Ecclesiastica e trez anos para a Moral e o Dogma" (Álbum do Seminário da Prainha, 1914, p.31).

Para ser admitido nos Seminários guiados pelos desígnios tridentinos, era necessário saber ler e escrever, ser filho de uma união matrimonial legítima, além disso, foi instruído que fosse dada preferência aos jovens pobres. No caso do Seminário da Prainha, as duas primeiras regras foram seguidas, mas a última não. Como nos informa Maurílio Camello (1986), o Seminário do Caraça também não seguiu essa instrução de Trento. A justificativa para isso é que estas instituições acabaram por privilegiar aqueles que podiam pagar, a fim de ajudar a

[147] Lettre de M. Chevalier à M. Étienne, 1864 Supérieur general. Annales de la Congregation de la Mission. - 24 de Novembro de 1864. In: Álbum do Seminário da Prainha, 1914, p.24.
[148] O Diretório dos Seminários é um compêndio usado pelos padres lazaristas no Brasil e na Europa, que contem regras e dicas de como os Seminários deveriam proceder para a formação clerical. (REIS, 2000, p. 98)

mantê-las funcionando, assim, os meninos das camadas populares foram minoria nos Seminários brasileiros (p.168-169)[149].

Um caso particular sobre a rejeição de filhos ilegítimos no Seminário da Prainha foi o do jornalista José Marrocos Telles, fruto de um envolvimento entre o Padre João Marrocos Telles e uma escrava (COSTA FILHO, 2004, p.90). Apesar de José Marrocos haver sido admitido no Seminário da Prainha, nos revela o Livro do Conselho do Seminário da Prainha (1865) que durante o período de sua ordenação no Seminário Menor, o Reitor "não desejou ordena-lo por ser [filho] ilegítimo e por causa de uma pequena mudança que tinha aparecido nele" (Livro do Conselho do Seminário, 1865, p.6)[150].

Os principais pontos da formação moral e intelectual de um novo clero pelos Lazaristas foram: os retiros espirituais, festas religiosas, uso da batina, instrução/conhecimento, incentivo aos sacramentos, celibato, vida santa, abandono das funções civis e políticas e a obediência hierárquica.

Os retiros espirituais faziam parte dos exercícios espirituais[151] dos seminaristas, aconteciam no Seminário reunindo padres de toda a província e duravam cerca de três dias. Os alunos recebiam instruções sobre as "grandes verdades", a importância dos sacramentos, voto de celibato, obediência, etc. A partir dos retiros pretendia-se "implantar nas almas [...] dos Seminaristas o amor á disciplina e á carreira ecclesiastica", todos deveriam confessar-se e comungar. (Álbum do Seminário da Prainha, 1914, p.27-28).

O Jornal O Cearense mostra que para os padres já em atuação na província cearense, o retiro significava a "necessidade de retemporação das forças [...] na árdua e augusta missão de cujo desempenho impele o bem-estar moral e civil da sociedade" (O Cearense, 08/02/1882). Dessa forma, os clérigos eram sempre relembrados que deveriam ser exemplos de moral para assim guiar seus fieis pelo rumo correto.

As festas religiosas foram utilizadas pela Igreja Católica nessa época para inaugurar e reforçar novas devoções. Em momentos precedentes à Reforma essas festas eram

[149] É importante esclarecer também, que a maioria dos pobres também não sabia ler e escrever, dado que a educação geral era paga e raramente existiam centros públicos de ensino.
[150] Livro do Conselho do Seminário da Prainha, 1865, p. 6. Cópia cedida pelo Centro de Psicologia da Religião – Juazeiro do Norte. (Tradução nossa).
[151] Os exercícios espirituais que os seminaristas e padres deveriam praticar são: "A meditação, a leitura espiritual, o exame de consciência, o Terço, a visita ao SS. Sacramento; taes são os exercícios quotidianos de um Padre de bom espírito" (Sínodo Diocesano Cearense, 1888).

administradas pelas Irmandades[152], mas passaram a ser regulamentadas pela Igreja, que procurou.

> [...] retomar a visão de uma igreja clerical, onde o padre é o indivíduo autorizado para ajudar o fiel a manter contato com o sagrado e com os santos, ministrar os sacramentos e a absolvição dos pecados. [...] sentimento clerical iniciado sob os auspícios do primeiro bispo e dos especialistas lazaristas da Congregação de São Vicente de Paulo (COSTA FILHO, 2004, p.131).

Noticiadas no Jornal O Cearense, essas festas introduziram na Diocese o culto à Imaculada Conceição (Álbum do Seminário da Prainha, 1914, p.28), Sagrado Coração de Jesus (O Cearense, 29/06/1889), comemoravam o aniversário de São Vicente de Paulo, pai dos Lazaristas (O Cearense, 16/07/1869).

Segundo o Sínodo Diocesano de 1888, todos os clérigos deveriam

> [...] abster-se de toda a pompa, luxo e ornato dos vestidos, para que sendo no estado clérigos, não pareçam no habito seculares; muito convindo e convenientes às suas ordens, dignidade e estado; distinguindo-se em tudo dos que não são do seu estado (1888, p.143).

Percebemos nesse trecho que um dos pontos discutidos durante o Sínodo de 1888, voltou-se para a forma com que os clérigos deveriam trajar-se. Pretendia-se com tal instrução que o clero se afastasse por completo das questões seculares, que estavam sendo combatidas pela Igreja e se caracterizavam pelo exercício de cargos públicos, padres que se envolviam em política, que eram fazendeiros, comerciantes, vivendo inclusive em concubinato e com filhos. A batina passou a ser obrigatória, inclusive para os seminaristas, essa era uma das estratégias da Igreja para que o clero reformado tivesse consciência de sua posição religiosa, ao mesmo tempo em que incitava o celibato, evitando assim, contato com a vida "mundana".

Os Lazaristas decidiram no Conselho do Seminário da Prainha, de 21 de Julho de 1865 que do segundo ano do Curso Preparatório os alunos deveriam usar batina com alamares, capa grande e chapéu. Ademais, ao sair para ir à Igreja deveriam estar usando o hábito clerical.

Segundo as Regras de Disciplina redigidas pelo Pe. Chevalier, os seminaristas deveriam "mostrar-se sempre respeitosos e obedientes com seus Superiores" (Álbum do

[152] Eram fundamentais no contexto urbano na primeira metade do século XIX e "responsáveis pela manutenção cotidiana das crenças e rituais" católicos (STEIL, 2002, p.8). Essas associações de caráter privado ajudava a manter as devoções e eram autônomas "em relação à instituição católica em termos jurídico e econômico" (Idem). Além disso, promoviam festas para os santos e lucravam com isso.

Seminário da Prainha, 1914, p.54). Para que se tornassem bons padres, na visão dos ultramontanos, era necessário que os seminaristas obedecessem à hierarquia eclesiástica. Neste sentido, desde cedo instituíam aos alunos regras rígidas de conduta, sempre fazendo com que exercitassem a subordinação e o respeito para com os que lhe regiam.

Os alunos deveriam ir regularmente às missas, procurar desenvolver sua piedade pessoal, confessando-se "devotamente durante o retiro espiritual e depois uma vez a cada mez e frequentarao a Sagrada Communhão, segundo os conselhos dos seus confessores" (Álbum do Seminário da Prainha, 1914, p.55). Houve um maior estímulo aos sacramentos, pois acreditavam que com eles os seminaristas obteriam mais "modéstia e o respeito" (Idem). A confissão, particularmente, representava um:

> [...] controle da vida do seminarista, [...] um instrumento eficaz, somente, é claro, quando o confessor é sincero no que diz. É neste momento que os padres-lentes que acompanham a formação do candidato pode sentir se realmente existe um coração vocacionado ao sacerdócio ou não, quais possam ser as barreiras para isso se concretizar e quais serão os exercícios espirituais que servirão para se vencer as crises e tentações (COSTA FILHO, 2004, p.78).

A partir das confissões dos seminaristas, os Lazaristas podiam analisar quais os alunos estavam realmente aptos a serem ordenados e os que precisavam modificar hábitos e posturas. Podemos notar isso em uma reunião do Livro do Conselho do Seminário de 21 de Outubro de 1864, em que os professores consideram que deveriam "lembrar mais aos seminaristas a obrigação da confissão semanal para uns, mensais para outros" (p.1).

A instrução intelectual era outro aspecto importante na formação de padres ultramontanos, não apenas o saber religioso, mas também o científico como visto anteriormente, com as matérias repassadas no Seminário. Segundo o Álbum do Seminário, "a inteligência movida, abala a vontade, que corre como pressurosa a abraçar tanta grandeza e se compraz no bello, com maior impeto do que nos prazeres terrenos. Ahi está porque o estudo serio é uma garantia para o padre e uma salvaguarda de sua moral" (1914, p.32). Tinha-se a intenção de que os seminaristas se ocupassem nos estudos e abandonassem pensamentos e vivências fora do padrão santo.

Nossa pesquisa está em andamento, por isso não expressaremos aqui conclusões definitivas, mas sim hipóteses, que futuramente poderão ser revistas. Percebemos a partir da análise à documentação apresentada no texto, que as ações dos Lazaristas nos âmbitos

religioso e educacional, levaram a uma transformação na cultura clerical cearense. Conjeturamos que isso se deveu às medidas promovidas por eles, que alinhavam a educação do Seminário com a recomendada pela Santa Sé. Foram elas: os retiros espirituais, incentivo aos sacramentos, ao estudo e ao respeito à hierarquia. Ademais, desde a admissão no Seminário até a ordenação, os estudantes passavam por testes e análises que permitiriam ou não prosseguir no Seminário. Nas reuniões do Conselho eram discutidos principalmente sobre os alunos e seu comportamento. Dessa forma, tentavam sanar a situação, caso não conseguissem, o aluno poderia ser expulso ou transferido para outra instituição.

O Seminário da Prainha não recebeu apenas estudantes cearenses, mas também jovens vindos de províncias próximas, como Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, etc. Durante os onze primeiros anos de funcionamento, foram ordenados mais de cem padres reformados, que possivelmente auxiliaram no desenvolvimento do ultramontanismo para com o laicato.

Referências

AQUINO, Maurício de. O conceito de romanização do catolicismo brasileiro e a abordagem histórica da Teologia da Libertação. **Revista Horizonte.** Belo Horizonte. v.11, n. 32, p.1485-1505, out/dez 2013.

AZZI, Riolando. As Romarias de Juazeiro: catolicismo luso-brasileiro versus catolicismo romanizado. In: **Anais** do 1° Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero e os romeiros do Juazeiro do Norte. Fortaleza: UFC, 1988.

_____. Igreja e Estado no Brasil um enfoque histórico. In: **Revista Perspectiva teológica.** Ano XIII, n. 29-31, p. 7-17, 1981.

CAMELLO, Maurílio J. de Oliveira. **Dom Antonio Ferreira Viçoso e a reforma do clero em Minas Gerais no século XIX.** São Paulo: USP, 1986 (Tese de Doutorado).

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem** – Teatro das Sombras. 3º Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

COSTA FILHO, Luis Moreira da. **A inserção do Seminário Episcopal de Fortaleza na romanização do Ceará (1864-1912).** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2004. (Dissertação de Mestrado).

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joaseiro.** São Paulo: Paz e Terra, 1976.

DUTRA NETO, Luciano. **Das terras baixas da Holanda às montanhas de Minas.** Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2006. (Tese de doutorado).

GOMES, Daniela Gonçalves. A CEHILA-BR e o debate historiográfico sobre ultramontanismo e romanização no Brasil. In: BUARQUE, Virgínia Albuquerque Castro. (org.) **História da historiografia religiosa.** Ouro Preto: Edufop/PPGHIS, 2012, p.198-208.

MARTINA, Giacomo. **História da Igreja de Lutero aos nossos dias – III – A era do liberalismo.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

NOBRE, Edianne dos Santos. **O teatro de Deus:** As beatas do Padre Cícero e o espaço sagrado de Juazeiro. IMEPH: Fortaleza, 2011.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque:** Reformas Urbanas e Controle Social (1860-1930). 2ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha,1999.

REIS, Edilberto Cavalcante. **Pro Animarum Salute: a diocese do Ceará como "vitrine" da romanização no Brasil (1853-1912).** Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2000 (Dissertação de Mestrado).

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. **Os ultramontanos no Brasil e o regalismo do Segundo Império (1840-1889).** (Tese de doutorado). Roma: UNIGRE, 2010a.

_____. Uma questão de revisão de conceitos: romanização – ultramontanismo – reforma. **Revista Temporalidades**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. Vol. 2, n. 2, p.24-33, ago/dez 2010b.

_____. O beijo e a festa: o jubileu do Bom Jesus em Congonhas. In: PASSOS, Mauro e NASCIMENTO, Mara Regina do. (org.) **A invenção das devoções:** crenças e formas de expressão religiosa. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2013, p.167-204.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo e cultura. In: **3º Encontro da Comissão de Estudos para a reabilitação Histórico-eclesial do Pe. Cícero Romão Batista**. Crato, 2002.

VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil.** 2º Ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1980.

VIEIRA, Dilermando Ramos. **O processo de Reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926).** Aparecida: Editora Santuário, 2007.

Fontes

ÁLBUM HISTÓRICO DO SEMINÁRIO DA PRAINHA (1914)

ALGUNS PONTOS DA REFORMA DA EGREJA DO BRASIL (ASV, Traduzido e compilado por NOBRE, Edianne).

CARTA DE D. LUÍS AO INTERNÚNCIO, FORTALEZA, 28 DE FEVEREIRO DE 1862. (ASV, Traduzido e compilado por NOBRE, Edianne).

JORNAL O CEARENSE (1869, 1882 e 1889)

LIVRO DO CONSELHO DO SEMINÁRIO DA PRAINHA (1864-1865) – Cedido pelo Centro de Psicologia da Religião (Juazeiro do Norte)

RELATÓRIO DE PRESIDENTE DE PROVÍNCIA DO CEARÁ (1864)

SÍNODO DIOCESANO CEARENSE DE 1888

GT 3: O PADRE CÍCERO E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E REGIONAL

O PADRE CÍCERO, AGENTE SIMBÓLICO DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE JUAZEIRO DO NORTE (1872 – 1934)

Paulo Wendell Alves de Oliveira[153]
Ana Paula Rodrigues da Costa[154]

Introdução

Podemos falar da ocupação do que viriam a ser as futuras terras de Juazeiro do Norte, remontando ao início do século XVIII, através das primeiras doações de sesmarias, como aponta diferentes autores que se dedicam a estudar a história de Juazeiro do Norte e do Cariri. Porém, apresenta Joaryvar Macêdo (1978), que colonos, já se faziam aqui presentes em terras caririense na transição do século XVII para o século XVIII.

O primeiro dono de terras, no que hoje é o Juazeiro do Norte, foi o capitão-mor Manoel Rodrigues Ariosa, que recebeu as terras, obtendo sesmarias do capitão-mor Manuel Carneiro da Cunha, uma data de três léguas no ano de 1703,

> "[...] 'a começar da Cachoeira dos Cariris [Cachoeira de Missão Velha] até entestar com o fim da lagoa dos cariris' [...] que passaria a chamar-se Lagoa do Ariosa, onde, hoje, se encrava o Sítio São José [bairro São José], entre Crato e Juazeiro do Norte'. (MACÊDO, 1978, p. 242).

No entanto, não se sabe de sua estadia nas terras que recebeu. Estas terras compreendiam o que mais tarde, viria a ser a Vila Real do Crato, e, posteriormente, dois séculos após, Juazeiro do Norte.

As povoações vão se dá em grande parte, pela penetração de colonos, que adentraram a região em busca de jazidas de metais preciosos. Quando esta busca então falhou, partiram os

[153] Mestre em Geografia e Professor do Departamento de Geociências da URCA. Email: paulowendell@bol.com.br
[154] Graduanda, Discente do Curso de Licenciatura em Geografia da URCA. Email: anapaula-rodriguesdacosta@bol.com.br

colonos a desenvolver atividades ligadas à pecuária e principalmente a agricultura, no plantio de cana-de-açúcar, isso se deve ao grande potencial natural, pelas terras férteis e fontes de água perenes, existentes no vale do Cariri, além da disponibilidade de mão-de-obra escrava negra, adquirida para a exploração das minas em busca de pastagens e terras para cultivo, sendo que estes colonizadores eram advindos principalmente da Bahia, Pernambuco e de Sergipe (GIRÃO, 1989).

As terras que foram obtidas como doações de sesmarias, no decorrer dos períodos, foram sendo fragmentas por vendas, doações e repartição de heranças. Os núcleos de povoação foram se formando pelo estabelecimento de currais e seu posterior desenvolvimento em fazendas, bem como, pelo surgimento de engenhos de cana-de-açúcar, o que ia constituindo os primeiros aglomerados e núcleos de povoação do Cariri.

A povoação de Juazeiro do Norte[155], vai se dá de forma efetiva a partir do ano de 1827, sendo seus principais povoadores vindos da localidade de Icó, principalmente comerciantes, que após o declínio daquela cidade[156], migraram para região do Cariri, dentre estes, se destaca a figura do Padre Pedro Ribeiro, que seguindo o passo de seus ancestrais, torna-se grande proprietário rural, adquirindo grandes extensões de terras, dentre elas "[...] senhoreando os Sitios Juazeiro, Boca das Cobras, Mata, Prazeres e Currais de Baixo" (MACÊDO, 1978, p. 243), sendo a primeira das localidades, situada à margem direita do Rio Salgadinho, que avançava sobre um terreno planáltico, denominado de Tabuleiro Grande (Figura 1). Foi então neste local, onde passou a residir, constituindo casa-grande, engenho de açúcar, aviamento, senzala e uma capela que mandará construir e dedicar à Nossa Senhora das Dores, hoje padroeira da cidade, tornando-se o mesmo, o primeiro capelão do lugarejo.

Na formação de povoados, vilas e cidades, pela origem cristã-católica que chegou até nós pelos colonizadores, como foi destacado anteriormente, a construção de uma capela

[155] O topônimo do lugar deve-se, como consta na tradição oral, a três frondosos Juazeiros - árvore da caatinga Nordestina, da família das ramnáceas, que é resistente a secas e possuí fruto comestível - que se erguiam de fronte a capela e que servirá de local de descanso aos viajantes que iam à feira do Crato pela estrada de Missão Velha, foi onde teve início, nos seus arredores, o arruado que deu origem ao lugar.

[156] A cidade de Icó entra em decadência neste período, dado pela decadência da pecuária, que se constituía, como sendo o principal foco da economia do lugar, assim vários de seus habitantes afluiu para vilas vizinhas, principalmente para o Cariri Cearense, sendo que as principais famílias, constituída de ricos comerciantes, alteraram significativamente o cotidiano local, contribuindo para o aperfeiçoamento dos costumes. Destas famílias vindas de Icó, Irineu Pinheiro (2010) enfatiza o nome do Cel. Antonio Luís Alves Pequeno, que exercerá grande influência na vida política, social e cultural de Crato. Pelos seus hábitos e conduta de homem empreendedor, logo se tornou influente no cenário político local da cidade, tornando-se Presidente da Câmara Municipal, em 1853.

(templo) tem papel ímpar na produção espacial desses lugares, sendo que, o templo passa a exercer papel central, pois é ao seu redor que começam a se constituir os primeiros arruamentos, a partir dos aglomerados de construções: residências, currais, engenhos, etc. Isso não se deve somente a sua função religiosa, mas sendo, como nos aponta Eliade (2002), que a construção de um templo transforma o espaço ao seu redor, constituindo-o de sacralidade, diferenciando-o do espaço profano antes existente, a capela, a igreja, são assim, locais de poder e proteção.

Nesse contexto de formação de arruados, povoados, vilas e cidades, torna-se necessário "tratar igualmente da técnica, da política e da religião" (ROSENDAHL, 2009, p.19), para assim entendermos a produção desses espaços, que é acentuado pela simbiose existente entre Estado e Igreja[157] e a evolução das técnicas (meios de produção, locomoção, serviços, etc.), muito presente na leitura da formação territorial do Cariri e, principalmente, em Juazeiro do Norte no desenvolvimento do lugar e no seu acréscimo populacional.

O Padre Pedro Ribeiro também foi o responsável pelo desenvolvimento da economia primitiva do lugar, na implantação de algumas plantações de milho e mandioca, além da cana-de-açúcar, bem como, a instalação de oficinas e pastagens, que garantia a subsistência de seus moradores, que aumentava a cada dia com a instalação de novos equipamentos e o aumento da agricultura local.

Constitui-se assim o primeiro aglomerado do que hoje vem a ser Juazeiro do Norte. O lugarejo não demorou muito a despontar, aparecendo já na primeira metade da década de 1830 com a denominação de "Povoação do Joaseiro "[158], pelo desenvolvimento que se teve no lugar. Alguns aglomerados foram surgindo no lugarejo, através da construção de novas casas, sempre no entorno da capela, próximo ao rio Salgadinho. Com o aumento da população ia se estabelecendo uma pequena urbe, sendo as localidades existentes, apontadas por alguns historiadores: Cacimba do Povo, Rua do Brejo, Feira do Capim, Mercado Velho, Boca das

[157] Por muito tempo Estado e Igreja permanece ligadas na apropriação e produção do espaço no período colonial, ora como cobradora de impostos, na catequização dos índios para conquistas de terras, na doação de terras e contribuição da produção de equipamentos religiosos. Acentuamos no período citado (década de 40 do século XIX), o fato das eleições ocorrerem dentro dos templos, onde no Crato, episódio marcante ocorreu nas eleições para o Juiz da Paz e membros da Câmara Municipal, onde a votação foi realizada na Matriz de Nossa Senhora da Penha, tendo como desfecho um fato trágico. "No recinto da Igreja estabeleceu-se sério conflito, tendo sido baleado e morto pela fôrça pública o eleitor do partido liberal – José Gonçalves Landim" (FIGUEIREDO FILHO, 2010b, p.137).

[158] Esta grafia era utilizada até o período de 1914. Posteriormente passa a ser chamada de Juazeiro e em 1943 torna-se Juazeiro do Norte, para diferenciar-se do município de Juazeiro da Bahia.

Cobras, Volta, Salgadinho, Mochila, Comboeiro (Malvas) (MACÊDO, 1978). Apresentamos também, outro relato sobre o arruamento da Povoação de Juazeiro no ano de 1856, pelo escritor J. G. Dias Sobreira:

> O povoado, nesse tempo, compunha-se de umas sessentas casas de taipa, umas cobertas de telha e outras de palha de carnaúba ou de palmeira. A disposição delas não obedecia à regra natural de arruamento. Logo na entrada do povoado, começam duas fileiras de casas, sem guardar a eqüidistância, no seu prolongamento. Ao seguir iam elas se afastando-se, de modo que, tendo no começo uns vinte metros de largura, terminavam com mais de cem metros ao chegar à igreja. Não havia estética nem nexo, naquela formação de arruamento. (WALKER apud SOBREIRA, 2010, p. 42).

No dia 30 de setembro de 1858, através de um ato, foi criado o distrito, denominado de Núcleo de Joaseiro, pela lei municipal nº 49, sendo este, subordinado administrativamente ao município de Crato.

O padre Cícero e a transformação no processo de produção espacial.

O povoado segue-se então em um processo lento de desenvolvimento, até o ano de 1872 que marca a chegada do Padre Cícero, sendo que ele se constitui como um dos principais agentes simbólicos do rápido crescimento do lugar, permanecendo como tal até os dias atuais. Della Cava (1976) apresenta uma caracterização do povoado no ano de 1875 (Figura 2):

> [...] o arraial ainda conservava os traços essenciais de uma fazenda de cana-de-açúcar; sua população era em torno de 2 mil habitantes. Cinco famílias, os Gonçalves, Macêdos, Sobreiras, Landins e Bezerra de Menezes eras as que lá se encontravam como proprietários importantes. O restante da população consistia de trabalhadores ligados às fazendas de açúcar das famílias mencionadas. [...] O povoado ostentava uma capela, uma escola e 32 prédios com tetos de palha. Havia somente duas ruas. (p. 36).

O Padre Cícero, no entanto, não tinha a intenção de fixar residência na localidade, teria ido ao lugar, somente pelo convite que lhe foi feito por dois dos cidadãos mais ilustres, pelo fato de que há muito tempo a povoação encontrava-se sem capelão (WALKER, 2010).

No entanto, um sonho[159] veio a alterar seus planos, fazendo com que o mesmo fosse ao Crato buscar todos os seus pertences e a se instalar em definitivo em uma casa que ficará de fronte a capela de Nossa Senhora das Dores.

Sua fama de Santo nos sertões inicia-se no final da década de 1877, período em que o Nordeste encontra-se assolado por graves secas, fato que gerou grandes fluxos migratórios tanto para o litoral, como para o Cariri Cearense, que se apresentavam como localidades mais amenas.

> A corrente migratória adquiria sempre freqüência inquietante, sobretudo quando a sêca era mais prolongada. A concentração de flagelados no Cariri desequilibrou o poder de atendimento do espaço e deu origem a surtos de bandidismo e de movimentos místicos que aproveitaram a desorganização e a movimentação de uma massa humana castigada pela sêca, faminta e que procurava um meio que pudesse ao menos existir, quer fôsse no litoral, na Amazônia ou no Cariri (SOARES, 1966, p. 28).

Os peregrinos vinham em busca da salvação no Vale e encontravam o padre, que os mandavam para terras devolutas no alto do Araripe, obrigando-as a plantar mandioca para aliviar a fome. Com isso, os sobreviventes, lhe conferiam a salvação, ao padre a quem consideravam Santo (FIGUEIREDO FILHO, 2010b).

Entretanto, o fato de maior relevância ocorre no ano de 1889, quando da celebração de uma missa da sexta-feira devotada ao Sagrado Coração de Jesus, a beata Maria de Araújo ao receber do Padre a comunhão, a hóstia cai por terra tingida de sangue. O fato é tido então como "milagre", uma hierofania, ou seja, exprime em sua maneira uma experiência com o sagrado em determinado momento histórico (ELIADE, 2002), isso levará a crença de Juazeiro constitui-se em uma cidade santa, uma hierópolis (ROSENDAHL, 2009).

[159] Della Cava (1976) apresenta o sonho que veio a alterar os planos do padre, que até então não tinha o desejo de permanecer como capelão do lugar, seu plano era o de seguir viagem a fortaleza e torna-se professor do seminário da prainha. "Certa vez, ao anoitecer de um dia exaustivo, após ter passado horas a fio a confessar os homens do arraial, atravessou, pesadamente, o pátio da capela, em direção ao prédio da pequenina escola onde estava provisoriamente alojado. Aí, no quarto contíguo à sala de aulas, caiu no sono, e a visão fatal se revelou: 13 homens em vestes bíblicas entraram na escola e sentaram-se em volta da mesa do professor, numa disposição que lembrava a 'Última Ceia' de Leonardo da Vinci. O padre sonhou, então, que acordava e levantava-se para espiar os visitantes sagrados, sem que estes o vissem. Nesse momento, os 12 apóstolos viraram-se para olhar o Mestre. [...] No momento em que o Cristo imaginário levantava-se para dirigir a palavra a seus Apóstolos, um bando de camponeses miseráveis entrou, de repente, na escola. [...] Cristo, então, virou-se para eles e falou, lamentando a ruindade do mundo e as inumeráveis ofensas da humanidade ao Sacratíssimo Coração. Prometeu fazer um último esforço 'para salvar o mundo' mas, caso os homens não se arrependessem depressa, Ele poria fim ao mundo que Ele mesmo havia criado. Naquele momento, Ele apontou para os pobres e voltando-se, inesperadamente, para o jovem sacerdote estarrecido, ordenou: 'E você, Padre Cícero, tome conta deles'." (p. 24).

Esse episódio dá início a um grande êxodo rural em direção ao lugar, sendo que, em um primeiro momento, advindos das proximidades do próprio Cariri. Em um segundo momento, com a repetição do ato hierofânico e com a proporção nacional que o mesmo ganha em 1891, faz com que esse fluxo agora seja de âmbito nacional, principalmente advindo do Nordeste, de Estados vizinhos, fato que até hoje se repete nas romarias.

Esse grande fluxo migratório existente para Juazeiro, a partir de 1891 faz com que a Igreja Secular, representada principalmente pelo Bispado de Fortaleza, na figura de Dom Joaquin, pedisse explicação ao Padre Cícero sobre os fatos extraordinários ocorridos no local, visando à eminência do surgimento de fanatismo na localidade. Dado que a partir de 1889 o Brasil torna-se república e o Estado rompe seus laços oficiais com a Igreja Católica, assim a Igreja inicia um processo de romanização do catolicismo, na tentativa de substituir o "catolicismo colonial" pelo "catolicismo universal" de Roma.

No ano de 1891 é enviada ao Juazeiro a primeira comissão de inquérito, encarregada de testemunhar o ato hierofânico e entrevistar as principais personalidades envolvidas com o mesmo. O resultado do inquérito realizado em Juazeiro constatou o surgimento de um movimento que foi chamado de "uma Igreja dentro da Igreja", tendo em vista o número de adeptos crescem que chegavam ao Juazeiro, bem como a participação crescente de vários párocos da região e de estados vizinhos que estimulava ainda mais a crença no fato hierofanico ocorrido no local (DELLA CAVA, 1976).

Tal fato hierofânico é de tamanha importância para a compreensão da produção espacial de Juazeiro do Norte, que podemos traduzir em números o crescimento demográfico pelo qual passou Juazeiro, a partir da repetição da hierofania. Dentre os anos de 1872, que marca a chegada do Padre Cícero até o ano de 1909, que consolida a luta pela emancipação política do lugar, Juazeiro passa por um processo de rápido crescimento demográfico (Tabela 1), passando de 2.000 habitantes segundo dados de 1890, para mais de 15.000 habitantes em 1909 (BARTOLOMEU, 2010).

Tabela 1 – População de Juazeiro do Norte entre os anos de 1890 – 1909

Ano	População
1890	2.245
1898	Mais de 5.000
1905	12.000
1909	15.000

Fonte: DELLA CAVA, Ralph. Milagre em Joaseiro, 1976, p. 131.

A Igreja Secular interpretou o ato hierofânico de Juazeiro, como sendo uma farsa, tendo em vista um horizonte de cisma. A persistência do Padre Cícero em explorar o fato, o levou a suspensão de suas ordens religiosas, que com o passar do tempo acabou por gerar uma grande disputa entre o catolicismo popular crescente de Juazeiro do Norte e a Igreja, bem como conflitos no campo político, principalmente, uma disputa política acirrada entre Juazeiro e o principal centro da região, o Crato que se virá na eminência de perder seu status quo político e econômico da região.

Desta forma, podemos afirmar que o despontar econômico e a produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte estão completamente imbricados com o crescimento das romarias que dinamizaram o comércio e impulsionou a instalação de diferentes equipamentos, ampliação do comércio que colaboram com a expansão urbana da cidade e passou a modernizar-se com introdução de novas técnicas.

A visão política e empreendedora do padre se constitui, nesse momento, somando-se ao seu carisma religioso, uma forma fundamental no incremento populacional do povoado e do seu posterior desenvolvimento urbano.

> [...] O carisma pode ser, e naturalmente é, em regra, qualitativamente singular, e por isso determina-se por fatores internos e não por ordens externas o limite qualitativo da missão e do poder de seu portador. Segundo seu sentido e conteúdo, a missão pode dirigir-se, e em regra o faz, a um grupo de pessoas determinado por fatores locais, étnicos, sociais, políticos, profissionais ou outro tipo qualquer: neste caso, encontra seus limites no círculo destas pessoas. (WEBER, 2004, p. 324).

É através de seu carisma religioso que multidões dirigiram-se ao Juazeiro do Norte, o que contribuiu na consolidação do lugar. Uma das frases marcantes do padre exemplifica bem esse período, "em cada sala um altar, em cada quintal uma oficina", que ilustra o caráter de

visão adiante a do seu tempo, que se constitui de fator importante para a compreensão da rápida expansão espacial e econômica do lugar.

O fato hierofânico ocorrido no final do século XIX, também exercerá papel fundamental nas disputas territórios existentes na região, principalmente, na acirrada rivalidade que se iniciará entre Juazeiro e Crato, que com episódios posteriores aumentara, estendendo-se até os dias atuais.

Na produção espacial do povoado, na defesa do "milagre", do Padre Cícero e do povoado e no incremento de seguidores, que aumentavam consideravelmente nas romarias vindas ao Juazeiro, a cada ano que passava, exerceu papeis importantes as ordens leigas, das quais podemos destacar: Apostolado do Sagrado Coração de Jesus, Confraria de São Vicente de Paula, a Confraria de Nossa Senhora das Dores, a do Santíssimo Sacramento e a Legião da Cruz, tendo esta última, papel de destaque.

Ao final do século XIX, o número de membros participantes da Legião da Cruz ultrapassava 5 mil (DELLA CAVA, 1976), conseguiu apoio de uma instituição de âmbito nacional, o que contribuiu de forma decisiva para a divulgação do ato hierofânico ocorrido em 1889, levando a um aumento considerável no número de peregrinações para o lugar. Ao regressarem aos seus locais de origem, os peregrinos fundavam outras legiões, esse fato foi decisivo no que tange ao recolhimento de doações, elevando a economia e implantação de novas estruturas e na defesa do "milagre". A arrecadação, segundo Della Cava (1976), "[...] equivalia ao total de impostos pagos ao governo do estado do Ceará, em 1894, pelos municípios de Jardim, Brejo dos Santos, Milagres, Missão Velha, Porteiras e Várzea Alegre". (p. 93).

Com o acelerado crescimento do povoado, a localidade simples de Juazeiro vê-se transformar na "Meca do Sertão", a economia começa a despontar cada vez mais, há também de ter destaque o grande crescimento demográfico que se teve, graças aos fluxos migratórios, que se tornarão constantes, principalmente de sertanejos, muitos dos quais viviam miseravelmente, nos sertões semi-áridos, visualizando em Juazeiro uma nova possibilidade de vida. Fixaram-se, contribuindo assim, para uma sobrecarga regional, principalmente, no que diz respeito ao incremento na mão-de-obra, sendo que as técnicas de produção existentes tanto na zona rural como na zona urbana, passavam ainda pelo lento processo de aperfeiçoamento (SOARES, 1966).

Esse quadro de expansão da produção, do comércio, da economia, da população e do próprio desenvolvimento espacial, fatos estes que levaram a que, em 1907, fosse realizado oficialmente a primeira reunião política, que tinha por caráter a luta pela emancipação de Juazeiro, constituindo-se assim o marco zero desta luta.

Novas aspirações: a emancipação política de Juazeiro do norte

A necessidade de autonomia de Juazeiro do Norte partiu de um impulso econômico, como é ressaltado por diferentes autores que estudam a história desta cidade, visto que, pelo seu crescimento econômico, Juazeiro ainda subordinado administrativamente pelo Crato, deveria pagar seus impostos à sede do município, porém o que marca de forma efetiva para a luta pela emancipação, foi o fato desses impostos serem pagos, mas não retornarem como formas de investimento em infraestrutura para localidade, dado pelo receio de perder sua hegemonia, enquanto centro político e econômico da região.

Porém, o movimento político inicial fracassou. Della Cava (1976) aponta que esse fracasso se deu, em primeiro lugar, pelo não consentimento do Padre Cícero ao movimento (fato esse que só vêm a confirmar o papel de agente simbólico ímpar da produção espacial de Juazeiro do Norte), que fora alavancado pelo Coronel Joaquim Bezerra de Menezes, o segundo, e principal, se deve ao fato de o lugar encontrar-se dividido ideologicamente em dois grupos, de um lado os filhos da terra, que não se constituíam apenas dos indivíduos nascidos em Juazeiro, mas dos que vieram provenientes de Crato ou de outros lugares do Cariri. O outro grupo era os adventícios, imigrantes vindos de regiões distantes. O coronel, por ser filho da terra, ostentava certa hostilidade contra os adventícios.

Entretanto, é entre os anos de 1908 e 1910, que a luta pela autonomia do lugar começa a ganhar forma, e gradativamente, passa-se a ser formulado o pedido de autonomia municipal. Esse episódio, marca a entrada na vida política do Padre Cícero, que até então, tinha se mantido neutro, pois tinha por intuito maior, sua reabilitação ao ofício que lhe seria proibido, inicialmente pelo bispado em Fortaleza, e, posteriormente, por Roma. O padre vislumbrou na autonomia de Juazeiro, a possibilidade de sua reabilitação, conciliando a isso, a introdução do bispado do Cariri, sediado em Juazeiro, o que possibilitaria apagar a imagem de que o lugar era local de fanatismo religioso.

Um dos argumentos mais fortes apresentados para se conquistar a tão desejada autonomia, seria a caracterização urbana do lugar que despontava como é demonstrado por um documento apresentado a Assembléia Legislativa do Ceará, datado de 1º de janeiro de 1909:

Em 1º de janeiro de 1909, 15.050 habitantes achavam-se estabelecidos no centro urbano de Juazeiro (núcleo de formação) que compreendia 22 ruas e duas praças públicas iluminadas a querosene. Na área de serviços à cidade apresentava duas padarias, três barbearias, quinze alfaiatarias, duas farmácias, médico residente, jornal, vinte escolas primarias (sendo que apenas duas eram públicas), uma tipografia, uma estação de telégrafo, uma agência dos correios, um tabelião e uma repartição de impostos do estado, escritório de intercâmbio comercial, varias instituições religiosas e uma instituição civil voltada para o engrandecimento do lugar. O setor de comércio apresentava-se com dez lojas de tecidos e armarinho, dez armazéns, trinta pequenas mercearias, bares e lojas de miudezas (WALKER, 2010).

A principal atividade econômica de Juazeiro provinha, entretanto, de suas florescentes indústrias artesanais. Sendo que, os artesões de Juazeiro mudaram-se para o centro da cidade, visando instalar suas oficinas espaçosas e de equipadas máquinas, na eminência de ficarem ao alcance da categoria dos assalariados, que aumentavam, e da freguesia no geral. Eram ao todo quarenta mestres-de-obras, oito ferrarias, sete oficinas de latoeiro, quinze fogueteiros, vinte oficinas de sapateiros, marcenarias, duas ourivesarias, trinta e cinco carpintarias e uma fundição que produzirá sinos de igreja, relógios de parede e de torres de igrejas, destinados a exportação para o Nordeste brasileiro (OLIVEIRA, 1974).

Juntamente com a caracterização urbana, também se apresentava a estrutura agrária do lugar, que dava suporte a economia e ao desenvolvimento urbano, visto que, os principais moradores e consumidores dos produtos urbanos eram as famílias donas das terras rurais e a sua mão-de-obra. Apresentavam nesse período como os dois principais produtos, a borracha e o algodão, responsáveis pela ligação econômica entre o comércio de Juazeiro com as grandes casas comerciais de Fortaleza.

Sua zona rural, neste período de 1909 possuía vinte e dois engenhos empenhados na produção de rapadura e subprodutos alcoólicos, cerca de sessenta locais equipados para o preparo da farinha de mandioca, destacam-se também os cultivos de subsistência do arroz,

feijão e milho. Sua principal mão-de-obra, como destacado anteriormente, provinha dos romeiros que chegavam ao povoado e logo se instalavam na localidade, passavam a ser orientados pelo Padre a trabalharem na produção de artigos de uso doméstico, bem como na produção rural existente na localidade e no seu entorno, como aparecem nos relatos de Figueiredo Filho (2010c): "No pé de serra, de ambos os lados, há muitas plantações, quase toda a cargo de ROMEIROS DO JUAZEIRO, pois a sobra de trabalhadores rurais [na localidade]" (p. 99).

Com a intervenção do Padre Cícero na causa, o mesmo veio a fazer um pedido ao governador Accioly, presidente do Ceará, para intervir no processo de autonomia, porém este último decidiu não tomar partido, visto que era grande amigo do prefeito do Crato, que lhe garantia muitos votos.

Deste fato, Juazeiro fez algumas concessões ao Estado, dentre as principais, "[...] incluindo a que assegurava a Accioly o apoio eleitoral de Joaseiro aos candidatos do PRC-C, [fato que] ainda não ficara assegurado se o governador do estado desejava mesmo outorgar a autonomia a Joaseiro" (DELLA CAVA, 1978, p. 162).

O fato da autonomia do Juazeiro resultava na concessão de parte do seu território, por parte do Crato, algo que não era aceito pelo prefeito da localidade. A luta veio a se acentuar, quando ao ano de 1910, Barbalha e Missão Velha, municípios contíguos ao de Juazeiro, cederam parte dos seus territórios para consolidar a emancipação da localidade, que veio a se efetuar depois de muitas lutas, no ano de 1911.

A autonomia e sua elevação a categoria de Vila, com a denominação de Joaseiro, deu-se em 02 de julho de 1911 (Fotografias 1, 2 e 3), pela lei estadual nº 1.028, desmembrado-se de Crato. Essa conquista foi possível em grande parte, pelo apoio político que o patriarca conquistou de outros coronéis de municípios vizinhos. Assim, Padre Cícero, torna-se o primeiro prefeito de Juazeiro, passando a ter grande poder político e um rápido acesso aos círculos políticos governamentais do Estado e da Nação.

Esse fato ilustra muito bem, a atuação exercida pelo Estado, na defesa de seus interesses, quando a produção espacial de Juazeiro, que só passou a ceder ao ponto que, outras localidades, na sua esfera municipal, aderiram à luta junto à localidade de Juazeiro, somando-se assim, o Estado veio a ceder na disputa de interesses e fazer a concessão ao Juazeiro, tornando-o independente.

Esse momento é marcado pelo despontar econômico de Juazeiro, que ver seu comércio dinamizar-se, impulsionando a instalação de fábricas de algodão, cinemas, cassinos, lojas, instituições educacionais, farmácias, sendo em grande parte, patrocinadas pelo Padre. Começa assim a despontar o centro urbano do lugar (OLIVEIRA, 1974).

Com base na produção espacial de Juazeiro como sendo uma hierópolis, desde antes desta torna-se cidade, fato que veio a ocorrer apenas em 1914, cada local que aparece com alguma representatividade do Sagrado, que venha a se constituir como uma hierofania, ou seja, "[...] a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma arvora, uma pedra, ou uma pessoa implica em algo de misterioso, ligado à realidade que não pertence ao nosso mundo" (ROSENDAHL, 2002, p. 27), tornando-se eixo de expansão da cidade, são exemplos desse processo a Serra do Horto, as igrejas que eram construídas, a residência do Padre Cícero, dentre outras localidades presentes na cidade.

Um novo quadro da produção espacial

Com a ascensão política do Padre Cícero segue-se grandes transformações políticas na região, sendo que, no ano de 1912, surge uma grande disputa entre os oligarcas cearenses, ocasião esta que levou a ocorrência do episódio histórico que ficou conhecido como a "sedição de Juazeiro" ou "Revolução de 1914"[160]. O Padre passa a fazer parte do Partido Republicano Conservador (PRC-C), é a partir dessa ligação que o patriarca garantirá a sobrevivência de Juazeiro. O então governador do Ceará Franco Rabelo ordenará a exoneração dos cargos que o sacerdote exercia e determinará sua prisão.

Na eminência de invasão a Vila de Juazeiro, Barros (1989), aponta que, vindo de recantos dos sertões, homens dispostos a defender o Padre e a "Terra da Mãe de Deus": "Homens afoitos, cangaceiros e beatos empreenderam longas marchas do sertão do Pajeú, do Moxotó, da Paraíba e dos sertões de Alagoas, em direção ao Juazeiro, para comporem a defesa da cidade" (p. 266).

[160] Tal fato, que no atual ano (2014), completa seu centenário, ainda merece grandes atenções do campo geográfico, principalmente, no que diz respeito a um estudo geopolítico sobre os acontecimentos que levaram a sedição de 1914, bem como o seu desenrolar tanto para produção espacial do Juazeiro do Norte e do Cariri, bem como para o Ceará.

Em contrapartida, chegaram à localidade do município de Crato as tropas estaduais, com algo em torno de 660 homens armados. Na ameaça de invasão a Vila de Juazeiro, sobre o incentivo do Padre Cícero, homens, mulheres e crianças, passaram a cavar as trincheiras em volta da cidade, visando sua defesa. Os valados ficaram conhecidos como Circulo da Mãe de Deus (Figura 3 e Fotografias 4 e 5).

Juazeiro sai vitorioso no embate contra os soldados "rabelistas", partindo em uma marcha até Fortaleza, saem saqueando e incendiando por onde passam até a deposição de Franco Rabelo. Após esses fatos, Juazeiro converteu-se no reduto político mais importante do Nordeste brasileiro. Percebe-se um ponto negativo, vários personagens foram exilados e por um período o lugar cai em desordem (BARROS, 1989).

Depois desse episódio, o lugar é elevado à condição de cidade no dia 23 de julho de 1914, pela lei estadual nº 1.178, passando a denominação de Juazeiro, seu crescimento demográfico permaneceu, apresentando uma população no ano de 1925 de 32.060 habitantes, segundo dados encontrados *no recenseamento da diocese do Crato*[161].

Com a ascensão política e econômica de Juazeiro e do seu patriarca, logo conquistas junto ao Estado foram sendo garantidas nos anos posteriores, principalmente as obras emergenciais no período de seca, merecendo destaque as mudanças ocorridas no núcleo de formação, onde foi sendo incorporada a estrutura urbana, a pavimentação das ruas do centro urbano da localidade, a chegada da linha férrea na década de 1920 (Fotografia 6), tornando-se um vetor de expansão urbano para além do seu núcleo de formação histórico, sendo que no seu entorno começa a instalação de um novo centro comercial, o adensamento do setor comercial no centro urbano, visando principalmente à comercialização de artigos religiosos, voltados ao universo religioso do Padre Cícero.

Ainda com aos ganhos políticos junto à atuação do Estado, não se deram somente ao nível local, a reintegração da produção nordestina na economia mundial após 1918 e o vasto programa de obras públicas executado no sertão semi-árido pelo governo federal, visando à produção de algodão para exportação, só se tornou possível em grande parte, graças à influência que o patriarca exercerá junto aos camponeses, que inculcava os padrões de valores de uma economia baseado no trabalho assalariado, criando assim um batalhão de mão-de-obra

[161] Documento semioficial de origem eclesiástica. (ÁLBUM ECLISIÁSTICO apud DELLA VAVA, 1976, P. 243).

barata, que passaram a trabalhar na produção do algodão, não somente no Cariri Cearense, mais como em outros estados do Nordeste brasileiro, essa leva da mão-de-obra, vindas de Juazeiro e do Cariri, graças à influência que o Padre possuía no sertanejo humilde também teve grande contribuição na construção de açudes e barragens, na construção de estradas e na implantação da linha férrea que ligará Iguatu com o Cariri, obras estas financiadas pelo governo federal.

Esses fatos, acima citados, ilustram a posição de agente simbólico da produção do espaço, exercidos pelo Padre Cícero, não somente no Juazeiro do Norte, mais um agente simbólico político e religioso da produção espacial do Cariri, bem como no Nordeste, no processo de modernização desse espaço.

A produção agrícola de algodão no vale logo passou a dominar a economia local, esse fator econômico tornou-se mais uma forma de expansão da malha urbana da cidade, dado pelo crescente investimento no incremento do seu centro urbano, dado também pelo aumento populacional pelo qual passava o lugar. Tamanha foi à ascensão da produção de algodão no Vale que ao final da década de 1920 e início da década de 1930 chegou a atrair o investimento de capital estrangeiro na sua produção (SOARES, 1966).

Merece destaque ainda nesse período, no que se refere ao setor de serviço, o aumento considerável de instituições de ensino, tanto do setor público, como do setor privado, sendo que em 1923, Juazeiro contava com quatro escolas públicas, financiadas pelo estado e pelo município, além de varias escolas particulares, todas de caráter primário, sendo que a primeira escola secundarista veio a se instalar em 1941. Merece ainda destaque a fundação da Escola Normal Rural, fundada em 1934, visando à formação de professores rurais, sendo esta a primeira do gênero a ser instalada no interior do Nordeste brasileiro. Estas escolas, também buscavam ensinar ofícios da arte doméstica, nas confecções artesanais de diferentes artigos do lar, o que contribui, significativamente, para o desenvolvimento da pequena indústria que é parte integrante das atividades rurais da época (OLIVEIRA, 1974).

É nesse mesmo período que Juazeiro passa a ostentar o papel de liderança da região do Cariri, papel esse, exercido até então pelo Crato, desde meados do século XVIII, isso pode ser observado na consolidação espacial de Juazeiro, na sua crescente economia e na sua população que em 1925, já se apresentava como a maior da região (Tabela 2). Esse quadro traz de volta a grande disputa existente entre as cidades de Juazeiro e Crato, que permanece

atualmente, principalmente no que diz respeito à instalação de equipamentos, tanto do setor estatal, quanto privados.

Tabela 2 – População dos principais municípios pertencentes à diocese do Crato - 1925

Município	População
Juazeiro	32.060
Crato	29.774
Milagres	23.360
Barbalha	19.900
Icó	15.005
Total: 26 municípios 350.000	

Fonte: Adaptado de Álbum Eclesiástico apud Della Cava, 1976, p. 243.

Sobre a intervenção do Padre Cícero, na década de 1920 e 1930, chega ao Juazeiro o primeiro campo de aviação, que foi instalado em terreno doado pelo padre para que a construção fosse realizada, hoje nesse mesmo local apresenta-se o aeroporto Regional do Cariri.

A figura do Padre Cícero como "santo dos sertões", torna-se cada vez mais grandiosa e prestigiada, o crescimento demográfico de Juazeiro ainda permanece em sua maioria, graças às constantes romarias, vindas de todas as partes, porém o fluxo de romeiros que retornavam para suas localidades de origem tornava-se cada vez maior, quando comparado a períodos anteriores, quando do acontecimento do ato hierofânico maior.

Desta forma, investimentos visando às romarias foram sendo, cada vez mais, incrementados na produção espacial da cidade, dentre elas podemos destacar a ampliação da Praça Monsenhor Esmeraldo, que abrigava os romeiros nos momentos de celebrações eclesiásticas, a construção de uma estátua de bronze em tamanho real do Padre Cícero na Praça Almirante Alexandrino, hoje Praça Padre Cícero (Fotografias 7, 8, 9 e 10).

Com as intervenções no espaço urbano, visando às romarias que afluíam ao Juazeiro, há um novo incremento no comércio, que aumenta densamente nas proximidades dos lugares sagrados, ligados a figura do padre, principalmente de santeiros, os artesãos da cidade e vendedores de mercadorias religiosas. "Data dos anos de 1920, quando os comerciantes de

objetos religiosos começaram a fazer publicidade das peregrinações, através dos sertões, transformando-as numa variação do turismo comercial para as classes inferiores do interior". (DELLA CAVA, 1976, p. 232). É com base nessa publicidade feita pelos comerciantes que as romarias vindas ao Juazeiro, passam a ter uma periodização de duas vezes ao ano, no período de então.

Com o passar dos anos, o Padre já com a saúde debilitada é cada vez menos visto na cidade de Juazeiro, confinando-se em sua residência (OLIVEIRA, 1974), porém sua figura não se apaga, pelo contrário, ganha mais prestígio entre o povo sertanejo empobrecido, ao ponto de grandes comerciantes e industriais do litoral e de grandes cidades virem em busca do padre, pedir-lhe a permissão de utilizar seu nome e imagem na divulgação de suas marcas.

Com a morte do Padre Cícero em 1934, a crença em sua santidade pelos peregrinos só aumentara, intensificou-se o fluxo ao Juazeiro, o que levou a diversos investimentos no seu desenvolvimento urbano, além de transformações, os lugares ligados a vida e a morte do Padre ganham notoriedade, transformando-se em espaços sagrados e a transformação das igrejas em santuários religiosos a partir da ligação existente entre a figura do padre.

Considerações finais

Após a morte do Padre Cícero, existe um grande lapso com relação à história da cidade de Juazeiro, na procura por dados existentes do período, só encontra-se com base em informações de trabalhos produzidos por indivíduos que habitaram e vivenciaram esta época da cidade, apresentando-se como memórias históricas, há, porém uma defasagem com relação a dados oficiais.

Podemos destacar entre o período de 1930, após a morte do patriarca, e os anos subseqüentes até a década de 1950, algumas mudanças funcionais do espaço urbano e um processo de modernização destes espaços. Como a construção da coluna da hora (Fotografia 11), que apresenta ainda hoje, um relógio produzido na própria localidade, pela fabrica do senhor Pelúsio, que marca as horas, os dias da semana e as fases da lua. Além do surgimento de novas residências pela vinda de ricos comerciantes que passam a habitar na cidade (SOARES, 1964).

Outra notória mudança de funcionalidade no núcleo de formação histórica da cidade foi o crescente comércio de artigos religiosos, que aumenta a partir da chegada de comerciantes vindo de diferentes localidades, visando à produção de artigos voltados para o universo religioso dos "romeiros do meu padim". Instalam-se novas ordens religiosas oficiais, merece destaque a ordem dos padres Salesianos, que se tornam herdeiros do Padre Cícero, logo, passa a exercer papel influente no campo religioso da cidade (OLIVEIRA, 1974).

Em 14 de junho de 1946, Juazeiro sofre uma alteração em sua toponímia, passando a denominar-se então de Juazeiro do Norte, pelo decreto estadual nº 1.114. Seguindo-se seu crescimento, principalmente voltado ao fato do agente simbólico do patriarca, Juazeiro do Norte continuou sua expansão urbana e desponta, como sendo, uma das principais cidades do interior do Ceará.

Podemos afirmar que o Padre Cícero permanece como agente simbólico da produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte, não pelas instituições, mais pela força do cotidiano, em sua expressão materializada no catolicismo popular, pelas romarias e no comércio, a memória do Padre Cícero permanece vivo em Juazeiro do Norte no sentir coletivo e no viver econômico da cidade, sobrepondo o poder do cotidiano ao poder das instituições.

Referências

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero:** A terra da Mãe de Deus. 2.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2008.

_____. O movimento religioso de Juazeiro do Norte, Padre Cícero e o Fenômeno do Caldeirão. In: SOUZA, Simone. **História do Ceará** (Org.). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1989.

BARTOLOMEU, Floro. **Juazeiro e o Padre Cícero.** Fortaleza: Edições UFC, 2010.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joaseiro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano:** a essência das religiões. Lisboa: Edição Livros do Brasil, [20--].

_____. **Tratado de história das religiões.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FIGUEIREDO FILHO, José de. **História do Cariri.** v. I. Fortaleza: Edições UFC, 2010a.

_____. **História do Cariri.** v. III. Fortaleza: Edições UFC, 2010b.

_____. **História do Cariri.** v. IV. Fortaleza: Edições UFC, 2010c.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. As charqueadas. In: SOUZA, Simone. **História do Ceará** (Org.). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1989.

_____. Da conquista e implantação dos primeiros núcleos urbanos na capitania do "Siará Grande". In: SOUZA, Simone. **História do Ceará** (Org.). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA – IBGE. **Enciclopédia dos municípios brasileiros.** v. XVI, Rio de Janeiro: 1959. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/vizualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/EMB Enciclopedia%20Brasileiros/EMB_Volume16_CE.pdf Acesso em: 13 de dezembro de 2012.

_____. **Censo demográfico 1991:** resultados preliminares. Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/vizualizacao/livros/liv22894.pdf Acesso em: 13 de dezembro de 2012.

MACÊDO, Joaryvar. Origens de Juazeiro do Norte. **Revista do Instituto do Ceará histórico, geográfico e antropológico,** Fortaleza, A024, p. 239-25, 1978. Disponível em: http://www.institutodoceara.org.br/aspx/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itmid=2216 .Acesso em: 13 de dezembro de 2012.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu conheci**: verdadeira história de Juazeiro do Norte. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1974.

PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri.** Fortaleza: Edições UFC, 2010.

PONTES, Lana Mary Veloso de. **Formação do território e evolução político-administrativa do Ceará: a questão dos limites municipais.** Fortaleza: IPECE, 2010.

ROSENDAHL, Zeny. Hierópolis: **o sagrado e o profano.** 2.ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

SOARES, Douracy. **O Cariri - Crato - Juázeiro do Norte.** Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, 1966.

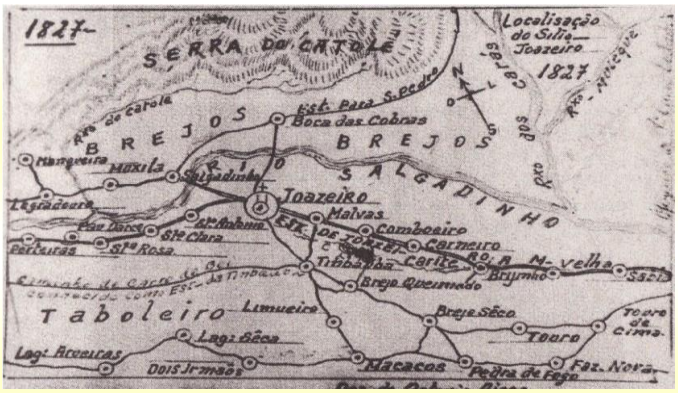
SOUZA, Maria Salete. Ceará: bases de fixação do povoamento e o crescimento das cidades. In: SILVA, José Borzacchiello et al. **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2005. p. 13-30.

_____. Os agentes modeladores das cidades brasileiras no período colonial. In: CASTO, Iná Elias de. et al. (Org.). **Explorações geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 247-278.

WALKER, Daniel. **História da independência de Juazeiro do Norte.** Juazeiro do Norte: HB editora, 2010.

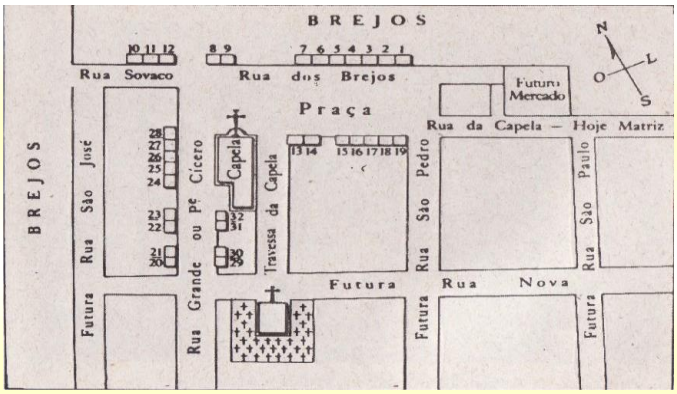
WEBER, Max. **Economia e sociedade.** vol. 2. São Paulo: Editora Unb, 2004.

ANEXOS



Anexo A - Figura 1 – Localização do Sítio Juazeiro - 1827

Fonte: WALKER, Daniel. História da independência de Juazeiro do Norte, 2010.
Nota: Conforme desenho produzido por Otávio Aires de Menezes.



Anexo B - Figura 2 – Ilustração do núcleo de formação de Juazeiro do Norte - 1875

Fonte: WALKER, Daniel. História da independência de Juazeiro do Norte, 2010.
Nota: Conforme desenho produzido por Otávio Aires de Menezes a pedidos de Ralph Della Cava.

Anexo C - Fotografia 1 – Juazeiro do Norte – 1910

Anexo D - Fotografia 2 – Juazeiro do Norte – 1910

Anexo E - Fotografia 3 – Juazeiro do Norte – 1910

Fonte: Acervo Paulo Wendell A. de Oliveira (2011).
Nota: Autoria desconhecida. As duas primeiras imagens, de cima para baixo, apresentam o Núcleo de Formação Histórico – a última imagem a Capela de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro.

Anexo F - Figura 3 – O Circulo da Mãe de Deus

Anexo G - Fotografias 4 e 5 – Valados da Sedição de 1914

Fonte: Acervo de Paulo Wendell A. de Oliveira (2011).
Nota: Autoria desconhecida, 1913. Imagem na parte superior é uma representação da construção dos valados que durou 4 dias. A fotografia a esquerda é do ataque e tentativa de invasão ao Juazeiro, enquanto que a fotografia a direita apresenta o momento que era cavado às trincheiras, onde aparece Dr. Floro Bartolomeu.

Anexo H - Fotografia 6 – Inauguração da linha férrea em Juazeiro do Norte - 1926

Fonte: Acervo Daniel Walker, 2011.
Nota: Autoria desconhecida, 1926.

Anexo I - Fotografias 7 e 8 – Núcleo de formação histórico de Juazeiro do Norte (1919 – 1930)

Fonte: Acervo Daniel Walker, 2012; Acervo do Memorial Padre Cícero, 2012.

Nota: Autoria desconhecida. A primeira imagem é da inauguração da estatua do Padre Cícero na Praça Almirante Alexandrino (1925), hoje Praça Padre Cícero. A segunda imagem apresenta a igreja de N. S. das Dores (1928).

Anexo J - Fotografia 9 e 10 – Núcleo de formação histórico de Juazeiro do Norte (1919 – 1930)

Fonte: Acervo do Memorial Padre Cícero, 2012.

Nota: Autoria desconhecida. A Imagem a esquerda apresenta a pavimentação das principais ruas de Juazeiro (1919); A Imagem a direita é do centro da cidade na década de 1930, com a presença de alguns veículos automotores.

Anexo L - Fotografia 11 – Inauguração da coluna da hora – 1935

Fonte: Acervo do Memorial Padre Cícero, 2012.

Nota: Autoria desconhecida, 1935.

NOS RASTROS DA JUVENTUDE: O PADRE CÍCERO E AS MEMÓRIAS SOCIAIS DO ESPAÇO URBANO DE JUAZEIRO DO NORTE[162]

Ricardo Cruz Macedo[163]
Cícera Apoliana Feliciano Pereira[164]

Apresentação

O presente artigo tem com objetivo alargar as formas de compreensão das memórias sociais que tratam de Juazeiro do Norte tomando, a partir da categoria geracional da juventude, para a centralidade analítica o ícone Padre Cícero. O conjunto dos aspectos aqui tratados congrega traços memoriais agenciados a partir de jovens moradores na cidade. O texto se expõe como uma possibilidade para pensar as influências do Padre Cícero na construção do espaço em questão, abarcando sentidos atribuídos pela juventude aos distintos contextos memoriais. Veicula, também, formas plurais de apropriação juvenil, sobretudo através das histórias familiares, ao Padre Cícero para explicar e dar sentido a formação da cidade e dos seus aspectos socioculturais.

Para entrar na discussão, iniciamos apontando que a origem do cenário de pesquisa, Juazeiro do Norte, se ergue, memorial e discursivamente, de distintas maneiras. Della Cava (1976), por exemplo, destaca que após os acontecidos em 1889, com o famoso milagre, Juazeiro e Padre Cícero, seu patriarca, viveriam transformações expressivas, mas não só estes, quando também toda sua circunvizinhança. As mudanças em Juazeiro se verificariam em cunho social, político e religioso e as proporções do milagre transcenderiam os limites brasileiros, chegando à alta cúpula da igreja Católica Romana. De um centro de "fanatismo" religioso, a uma importante força econômica do vale do Cariri, foi essa a transição que se operou em Juazeiro de forma quase imperceptível. Entre 1890 e 1909 Juazeiro passa de pouco mais de dois mil habitantes a quinze mil. Esses dados, mesmo duvidosos, demonstram o expressivo crescimento pelo qual Juazeiro estava a passar (Idem, p. 138).

[162] Este artigo foi elaborado com base nos dados produzidos para o trabalho de monografia (Macedo, 2013) intitulado "Lembranças juvenis: relações geracionais e espaços de sociabilidades em Juazeiro do Norte", apresentado ao curso de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri - URCA, sob a orientação do Prof. Dr. Domingos Sávio Cordeiro, a quem somos gratos.
[163] Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande - PPGCS/UFCG. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri - URCA
[164] Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri - URCA.

A associação com a qual se pensa Juazeiro do Norte e o Padre Cícero assume, significativo destaque desde o fato ocorrido, como veremos em algumas respostas dos jovens entrevistados. É relacionar a criação do espaço ao criador, onde se perpassam os discursos quer direta ou indiretamente. Para Cordeiro (2011, p. 78), esta relação é verificada quando a invenção de Juazeiro do Norte como cidade se dá sob a liderança do Padre Cícero que dirigirá a ação social tanto entre as elites locais, quanto com os segmentos mais pobres.

Compreender formas de saber memorial para se referir à cidade de Juazeiro do Norte, enfocando a influência do Padre Cícero de acordo com as experiências juvenis, nos convoca a entrar no debate salientando o que entendemos por memórias juvenis e os traços nos quais nos apoiamos. Considerando a juventude, este conjunto de discursos que trataremos como memórias dizem sobre as experiências que tem por base àqueles contextos vividos em espaços como a família, os amigos do bairro de moradia e ainda, as influências do espaço escolar. As memórias juvenis se expressam, assim, como recortes de experiências a partir de envolvimentos desencadeados pelos vínculos intra e intergeracionais. Estes vínculos, constituídos através dos processos de socialização juvenis, resguardam as elaborações das formas de viver e dizer as dinâmicas das ações na vida social, logo das memórias.

A relação entre o Padre Cícero e, a partir daqui, Juazeiro, expressa nas memórias juvenis, é conduzida, neste caso, a partir da ênfase nas tensões entre os aspectos vividos e os herdados. Este quadro nos coloca diante de condições particulares para pensar, além da juventude como categoria em seus espaços de relação, os agenciamentos memoriais sobre o Padre Cícero e a cidade de Juazeiro.

Os dados que analisamos foram produzidos através da aplicação de entrevistas em grupos de discussão[165]. Uwe (2009, p. 182), aponta que a contribuição desse método para as discussões gerais está vinculada ao sentido de revelar como as opiniões são geradas e, sobretudo, alteradas, defendidas e eliminadas no intercâmbio social.

A demarcação dos sujeitos pesquisados se deu a partir do recorte etário, compreendido entre 16 e 29 anos. Contudo, frente às discussões sociológicas que tem abordado a categoria juvenil, a análise é conduzida antevendo também as questões de ordem biológica e social, salientadas por Nunes (1969).

[165] Sobre esta técnica, ver Uwe (2009).

Em campo, interagimos com quatro grupos de jovens em bairros distintos de Juazeiro. O acesso a estes foi facilitado pela mediação de jovens específicos, sobretudo do ambiente da universidade, quando nos levavam aos seus amigos de bairro. Tais grupos foram compostos da seguinte maneira; bairro Frei Damião - seis jovens, bairro Limoeiro - seis jovens, bairro Salesiano - cinco jovens e, bairro Santa Teresa - três jovens. Os espaços de encontro para a realização das entrevistas, por escolha de cada grupo, foram, em muitos casos, as residências dos jovens mediadores.

Ainda durante o período de acompanhamento, foram realizadas observações dos grupos. Estas observações contribuíram na formação de insights para a reflexão das construções sociológicas da análise em questão.

Ele é referência, está em todo canto! Padre Cícero e Juazeiro

Em uma das visitas ao grupo de jovens do bairro Limoeiro no dia 15 de março de 2013, num dos questionamentos, interrogamos sobre como apresentariam a cidade nos vendo como visitantes. Um dos interlocutores deu a seguinte resposta: “Bom, essa é a terra do Padre Cícero. Terra fundada e tirada das raízes do Crato por um líder, por um empreendedor. É Sobre esta técnica, ver Uwe (2009).

como eu intendo o Padre Cícero. E que foi crescendo e crescendo por uma ideia única do Cara que transformou uma vila em povoado e em uma cidade, em um centro. Hoje tem marcos pro Brasil e pra fora do Brasil, pra Roma, pro mundo! Tem marcos pra todo lado. [...] Não tem como. Se você for falar de Juazeiro você vai ter que tocar no nome do Cara. E isso é o que eu não consigo entender, por que isso é divino mesmo. Não se consegue falar de Juazeiro sem falar do Padre Cícero” (Jailson, 18 anos).

Começamos este ponto situando as noções de memórias coletivas e sociais para facilitar, ao mesmo tempo em que problematizar, as memórias juvenis. De acordo com Halbwachs (2010, p. 72), a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas, por que estas fazem parte de um conjunto. Ela, a memória coletiva, faz referência específica à ordem dos fatos do grupo, sendo fruto das ações compartilhadas por este. A memória social, por sua vez, tenciona as ações grupais, colocando-as em contato. Aglutina uma diversidade de elementos frutos da interação de grupos, da divulgação pública

de fatos políticos, econômicos e sociais (Cordeiro, 2011, p. 38). Não só é mais ampla, como também vincula a forma de percepção do grupo ao espaço da vida pública que é maior do que aquele.

A conotação do Padre Cícero a partir do trecho acima citado revela-se sob a ação da intergeracionalidade, ou seja, dos contatos entre gerações. A memória juvenil, apoiada nesta premissa, manifesta-se sobre os contextos adquiridos e aqueles com que se pode, o próprio jovem em seu tempo, aglutinar como expressivo sobre o conhecimento do Padre Cícero. Estas memórias juvenis trazem, assim, condições que falam do jovem em seu momento, seus contextos vividos na cidade. No entanto, a fala sobre o seu espaço de relação vai além do que se viveu, organizando a memória. A tensão entre o que se tem como adquirido e como experienciado pelo jovem, torna-se um modelo, um arranjo da memória, assumindo uma condição de posição de geração.

Pollack (1992, p. 2), destaca um aspecto importante para corroborar a noção de memórias sociais que, no caso juvenil, elas apontam os personagens dos discursos não necessariamente como pertencentes ao espaço e tempo do sujeito que fala. Pensando nos jovens enquanto sujeitos em formação e socialização para a vida adulta, esta posição contextualiza as experiências intergeracionais, destacando, além de sujeitos, como no caso de Juazeiro o ícone Padre Cícero, os vínculos espaciais com bairro onde residiu e reside.

Nas memórias, o discurso se processa numa constante disputa entre o vivido e o projetado, através de uma relação que envolve a transmissão e a apresentação e envolvimento com o contexto da narração que se desenrola. Neste sentido, as memórias juvenis são ainda, mecanismos para uma problematização sociológica dos momentos em que se encontram os sujeitos jovens nas suas dinâmicas. Juazeiro, que aparece como espaço de experiências próprias dos jovens, é colocado em contanto com as formas de presentificação dos saberes memoriais que dão sentidos a seus ícones, seus discursos. Fala-se de Juazeiro para falar do Padre Cícero, o que também acontece com o contrário.

Nos trecos seguintes, a discussão é informada a partir de entrevista realizada no dia 10 de novembro de 2012, agora ao grupo do bairro Salesiano. Colocamos a pergunta aberta para que falassem sobre o Padre Cícero e Juazeiro, respectivamente.

> Pra mim ele foi um grande visionário. Assim, eu admiro muito a pessoa Dele. Só que mesmo quando eu era católica eu não tinha essa visão que o pessoal tem. Eu O admiro como homem, como administrador. Por que se não fosse o sonho Dele,

> Juazeiro hoje, ave Maria! Crato seria a capital. Mesmo sendo um berço cultural muito forte, mas Juazeiro não teria passado daquele comerciozinho fraco. Por que servia apenas de passagem entre Crato e Missão Velha. Então por causa Dele [o Padre Cícero], Juazeiro e nós devemos dar graças a Deus por que se não, hoje não tinha nada. Ia ser apenas mais uma cidade do interior sem nenhum reconhecimento. Ele não governou pra si, ele governou pro povo. Ele recebia as coisas e dava pros pobres, Ele não dava ao que era fazendeiro e que tinha posses, mas sim, ao pessoal que realmente era pobre, que não tinha o que comer. Esse ponto Dele eu acho muito importante (Michele, 22 anos).

> Bom, eu sei que quando foi fundada era um povoadozinho pequeno. A cidade que foi dada o nome por causa de uma arvore que tinha. Essa que era o Juazeiro, num é! Ai o Padre Cícero, do Crato, veio pra cá e tornou-se pároco da igreja, prefeito. E foi depois do acontecimento da hóstia, que começou a trazer pessoas de fora, e a cidade teve que ir se adaptando aquela quantidade de pessoas que vinham à região visitarem. Naquele tempo, era uma cidade muito pequena e muito simples, estrutura muita pouca. E ela [Juazeiro] teve que se adaptar a quantidade de pessoas que vinham. E cada dia passando, mas gente, mas gente, tendo curiosidade de conhecer a cidade. E a cidade teve que aumentar pra receber essas pessoas. E eu acho que isso também acabou influenciando nos olhos das indústrias que também aos poucos está acontecendo. O Juazeiro hoje é o terceiro polo industrial de calçados do Brasil. Só perde para o Rio Grande do Sul e São Paulo. Outras empresas também estão vindo. Coisas que você não ouvia falar, hoje em dias já têm. Está crescendo (Wagner, 24 anos).

A memória juvenil, também construída por lembranças emprestadas e apoiada nas relações vivenciadas coletivamente, é o resultado das imagens formadas a partir das narrativas dos adultos de sua comunidade afetiva, mas também das lembranças ressignificadas de forma particular (MARTINS, 2011). Esta ressignificação expõe um conjunto de pertenças do indivíduo não só aos seus espaços, aos grupos de referência como família, amigos do bairro, escola, etc., porém, a um dado tempo. Assim, estas memórias juvenis que dizem sobre o Padre Cícero e o Juazeiro, se situam entre um tempo distante, para quando o jovem fala do que ouviu sobre a formação da cidade, e um tempo próximo, destacando as condições e contextos em que estão eles próprios inseridos.

> A memória, para além das lembranças de experiências, é também a capacidade de presentificação, de agregação de valores e por isso de projeção de futuro. Quando nos lembramos, não só trazemos a tona o rol de nossas pertenças, mas sim colocamo-las em vínculo com o presente que é formado por outras gerações, espaços e práticas sociais que fazem parte do conjunto cultural (CORDEIRO, 2011. p. 36).

Estas experiências, que caracterizam as memórias, se manifestam como estruturas de significação que interpreta um ícone, como o Padre Cícero. São formas de ver o mundo social e dizê-lo conforme as vivências, os contatos, e que, neste sentido, conecta as diversas

maneiras de expressão como resultantes e resultados da condição social. Dessa forma, os saberes memoriais sobre o Padre Cícero se evidenciam sob termos como santo, como político, como "pessoa comum", e sua imagem atrelada ao crescimento da urbanização, com as chegadas de romeiros, das transformações sociais da cidade, do comércio, etc.

A seguir, novamente buscamos problematizar o Padre Cícero quando a vinculação é intrínseca ao espaço da cidade de Juazeiro. Os fragmentos são de entrevista realizada no bairro Santa Tereza em 03 de março de 2013.

> Já eu ouvi falar muito do envolvimento do Padre Cícero na política. Que Ele foi muito importante pra construção da cidade. Também da atuação Dele com os romeiros, que eles tinham muita fé Nele, mesmo depois Dele ter sido prefeito. Que Ele colaborou muito com o comércio e por causa dos romeiros é que Juazeiro se tornou o que é. Por causa das romarias que vinham de todos os lugares é que Juazeiro foi crescendo, o comércio foi ficando cada vez mais influente. Então eu ouvi falar muito dessas histórias (Marciele, 19 anos).
>
> A história em si destaca muito a figura do Padre Cícero. Eu mesmo, independente do que dizem e tal, eu acredito que Ele foi de suma importância pro crescimento da cidade. Hoje a cidade já não depende tanto Dele em aspectos econômicos, mas historicamente falando, o momento que Juazeiro vive, ela deve a figura do Padre Cícero. Ele foi quem acarretou todo esse crescimento, tanto que a maior frase que as pessoas dizem a seu respeito é que o seu maior milagre foi o crescimento de Juazeiro (Joeferson, 23 anos).

Estes são de entrevistas do bairro Limoeiro, realizada também em 03 de março de 2013.

> Minha família, meu pai, minha mãe e meus avôs, contam que na história de Juazeiro tudo começa com o Padre Cícero. É central. Tudo tem a ver com Ele. A criação, os movimentos da religião, os turistas que vêm muitos pra cá, tudo! (Joice, 17 anos).
>
> Já sobre Padre Cícero, eu considero santo. O Cara que conseguiu criar Juazeiro. E isso é difícil por que assim... Como é que você faz uma vila virar uma cidade como esta hoje em dia? Sabe! E isso também depende dessas pessoas que vieram pra cá e minha avó foi uma dessas que fizeram parte dessa história (Ozenir, 16 anos).

A condução memorial juvenil expressou-se na ênfase entre o seu espaço de relações, a cidade de Juazeiro, e seu ícone central. É como uma relação simbiótica. Este Juazeiro juvenil tem, no discurso aqui analisado, os traços do memento em que expressam estes jovens; seus dilemas sociais e a cidade em que vivem, porém, conferem sentido a ela a partir de um ponto de origem, a ação do Padre Cícero que, de formas distintas, perpasse-se sobre as individualidades destes sujeitos. Há um conjunto de ações nas quais os jovens conduzem o

saber memorial, onde o Padre Cícero está desde os aspectos religiosos, aos econômicos, políticos e culturais.

As transformações espaciais da cidade nas memórias juvenis

Neste ponto, buscamos destacar nas memórias os processos de transformação do espaço físico da cidade. Para tanto, observamos que a constante veiculação da figura do Padre Cícero ao Juazeiro é a fonte de condução do crescimento urbano, quando o seu lugar de líder é fundamental. Mais uma vez, há de se ressaltar nas memórias juvenis as correlações das transformações da cidade as experiências destes próprios sujeitos.

Nos trechos que seguem, retirados de entrevistas realizadas nos bairros Frei Damião e Salesiano, respectivamente, ao perguntar sobre a figura do Padre Cícero na formação da cidade, temos;

> Padre Cícero teve a atitude e foi o primeiro líder que deu o pontapé pra que a cidade se desenvolvesse. Então Ele, pra desenvolver a cidade teve a atitude e a liderança. E Ele usou da fé das pessoas pra ir plantando o desenvolvimento. Através da fé e do que a cidade tinha, Ele sempre foi um líder. O desenvolvimento da cidade foi isso (Raquel, 21 anos. Entrevista realizada em 28 de dezembro de 2012).

> A cidade cresceu demais. Hoje praticamente Juazeiro esta emendando com as cidades vizinhas. Crato, Juazeiro e Barbalha são uma cidade só e antigamente não, era só um povoadozinho. Minha mãe mesmo contou que quando chegou aqui no bairro só tinha a casa dela. Era uma aqui e outra ali. Hoje em dia você vê que a cidade cresceu. Ai no tempo antigo, questão disso tudo, né! Não tinha a evolução que tem hoje. Das indústrias, das empresas. Era voltado mais pra questão do religioso. Mas, principalmente depois daquele mito todo com a hóstia, ai foi crescendo, crescendo e hoje em dia, a romaria já esta entre as cinco maiores do Brasil, se não estiver entre as três, né! (Ricardo, 29 anos. Entrevista 10/11/2012).

No discurso memorial, expressões como; “no tempo de minha mãe”, “de minha avó”, “do meu pai”, são recorrentes validações chaves do processo de socialização juvenil. Quase herdam maneiras de se reportar a lugares, de ver e descrever sobre trajetórias da vida coletiva, por que, enquanto sujeitos sociais, os jovens falam diante de um contexto e de um tempo não interrompido, mas sim, posicionado. Os discursos, para se referir às lembranças dos interlocutores, são junções de experiências, quer sejam a partir de uma vivência prática ou elaborada pela escuta. Denotam não só posição social na qual se encontra o jovem, porém, pedaços de seu trajeto, das experiências temporalmente distantes, ou não.

Conforme Martins (2009, p. 2);

> Existe forte relação entre memória, geração e socialização e estas parecem ser determinantes para a compreensão da juventude como categoria sociológica composta de sujeitos dotados de memória que se constrói nas relações sociais e intergeracionais.

As memórias juvenis das transformações ocorridas no espaço urbano de Juazeiro recorrem constantemente às experiências de gerações mais velhas. Ai, os pais e avós, como grupo familiar, mantêm fortes vínculos com as lembranças de um momento de origem da cidade, das chegadas, da própria vegetação que aos poucos era tomada por áreas cada vez mais urbanizadas. Ao mesmo tempo, erguiam-se as ruas, o comércio, as movimentações na cidade. Para a juventude, que constrói aqui os sentidos desse processo, Juazeiro é descrito diante deste conjunto de questões como um centro, não só urbano, porém, de uma influente dinâmica no cenário da região do Cariri. É de se destacar também que nas narrativas desta origem o Padre Cícero é visto como fundante, orientador, condutor, entre outros atributos.

> Bom, das muitas histórias que eu escuto dos meus pais, meu pai e minha mãe, são relacionadas principalmente a urbanização da coisa. A transformação da cidade em si. Eles contam muito que esses pontos que agente ver hoje, onde são praças, lojas, mercados, comércio eram praticamente fauna, flora. E na nossa linguagem, era só mato mesmo. Até a questão dos Franciscanos [igreja] que é uma coisa que me recordo muito que todo mundo ia pra lá pra tirar foto. Praticamente todo pai, todo filho que está aqui vai encontra uma foto tirada lá. Por que era um local bem visto de árvores. A arborização de lá, as árvores, essas coisas, diz meu pai e minha mãe que era perfeito pra fotografia, pra ir passear. Até mesmo por questão da missa que a gente ia e tirava uma foto. Eu lembro que toda vez que a gente ia pra missa tinha um canto pra gente lanchar. Era lá, lá nos Franciscanos. E em relação às histórias do Padre Cícero e a história desse grande mérito, por que assim, eu ainda não considero Padre Cícero como santo, acho que Ele é um ser humano normal, como qualquer um e que teve uma visão de empreendedorismo. Um ser humano que teve altos e baixos e por causa disso Ele ainda não é considerado santo. Então assim, das memórias o que eu trago, é isso. Esse aspecto da urbanização. O que é hoje e o que era antes. Há o colégio tal era enorme, era um quarteirão. A! Os Franciscanos era só mato e se tornou uma das maiores praças do Juazeiro. Temos um grande exemplo que é a Praça Feijó de Sá, que é no Triangulo [bairro] que era muito mato, já na minha época. E ai foram transformando e transformado e hoje é o que, um dos pontos turísticos da cidade. Então, assim, pra mim esse foi o maior milagre Dele. Num foi nem a história da hóstia, nem de nada. Foi de ter transformado uma pequena vila, distrito do Crato, município consagrado, onde já arcava com a religião, e conseguir transformar uma vilazinha numa potencia que é. Esse é o maior milagre do Padre Cícero, pra mim. (Jailson, 18 anos. Entrevista realizada em 03 de março de 2013 no bairro Limoeiro).

> Bom o que eu lembro mais é da minha mãe que ela fala né! Agente sempre morou aqui. Eles [os familiares] moravam aqui, era um chalezinho. Minha mãe, minha avó, minha tia, só. Foram onze filhos e morreram nove. Aí sempre moraram lá, com o tempo foi que vieram pra cá. Aí minha avó dizia: Olhe ali perto da outra casa era muito mato, só tinha terreno, coisa de sítio mesmo. Por que assim, eles também falavam das diversões. Então assim, tinha uma pracinha onde se reunia todo mundo, era aquela coisa. Não é como agente sai pra um lugar, pra outro, pras festas. Era assim, só tem aquele negócio, tipo uma cidade pequena. Só aquilo (Wagner, 24 anos. Entrevista realizada em 10 de novembro de 12 no bairro Salesiano).

Para Halbwachs (2010, p. 51), a memória do grupo, e aqui, o grupo familiar, destaca as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram frequentemente em maior contato com o indivíduo. Em consonância, as lembranças, mesmo aquelas que dizem respeito à órbita grupal, quando vinculadas aos contatos mais próximos, se geram de vivências das experiências inter e intrageracionais. O crescimento, citado nos trechos acima, dar sentido as mudanças da paisagem do espaço urbano. Da vegetação, a urbanidade decorrida deste processo com as constantes chegadas vai tecendo a aparência citadina de Juazeiro. Mais uma vez, podemos perceber a memória juvenil vinculada e apoiada nas experiências e lembranças de gerações mais velhas, com ênfase ao grupo familiar. Os sentidos dessas mudanças físicas da cidade, refletidos sob as experiências dos jovens, congregam aspectos coletivizados e compartilhadas que se perpassam nestas memórias.

Tomar o espaço de Juazeiro como o próprio milagre na qual Padre Cícero é ainda seu gerador, denota, dentre outros aspectos, um ligeiro posicionamento geracional. Os jovens enfatizam o que pode ter como característico deste espaço como seus personagens, suas práticas sociais, seus mundos. Nunes (1969) aponta que esta é uma forma particular de diferenciação sócio cultural porque denuncia olhares como uma dada geração se refere ao seu tempo. O que ficam são as lembranças, porém tanto o tempo, as práticas dos indivíduos e o próprio espaço se reinventam e se perfazem.

Estas perspectivas memoriais juvenis sobre Juazeiro, quando pensamos nas transformações do espaço urbano depois das chegadas que se sucederam ao „milagre“ da hóstia, corroboram a noção de posição de geração. Nos trechos seguintes, reiteram-se as influências de grupos específicos para as elaborações memoriais, contudo podemos verificar a

fricção dos sentidos de origem, a partir de gerações mais velhas e das apropriações elaboradas pelas condições vividas pelos próprios jovens.

> Minha mãe falou que ali perto da minha casa só tinha terreno. Até um tempo desses, eu era pequenininha, e só tinha terrenos ali perto da casa da minha avó no Pirajá [Bairro]. Aí foi crescendo. Fulaninho vem de qual cidade? Venha pra cá, constrói pra ficar só família. As empresas também estão chegando mais e mais a cada dia. É empresa de fora. O pessoal também conseguindo, construindo suas casas. Tudo aqui no Juazeiro (Ozenir, 16 anos. Entrevista realizada em 03 de março de 2013 no bairro Limoeiro).

> Eu vejo que assim, o Juazeiro que eu nasci não é mais aquela mesma coisa de quando meu avô veio pra cá. Juazeiro era ainda aquela coisa de sítio. Era uma cidade pequena e com duas ruas, São Pedro e Padre Cícero. Juazeiro que eu cresci já tinha um centro comercial estabelecido, já tinham muitas empresas. Hoje em dia já esta totalmente diferente do Juazeiro da minha infância. Tem outro comércio, tem outras áreas de diversão. É outra cara! Coisas que não tinham, como educação também. Porque assim, quando eu era criança meus primos tinham que sair daqui pra estudar em Recife. Hoje não, toda a nossa geração estuda aqui. Por que não precisou sair daqui. Não precisou sair daqui pra ir comprar em outros lugares. Então Juazeiro não é mais aquela coisinha dos meus avós. Lógico, ainda tem alguns cantos que tem costumes de cidade pequena, mas também não é como era antigamente na época do meu avô (Michele, 22 anos. Entrevista realizada em 15 de junho de 2013 no bairro Salesiano).

Segundo Mannheim ([196...], p. 137), o fenômeno social "geração" nada mais representa que uma espécie particular de identidade de posição, que compreende "grupos de idade" mergulhados em um processo histórico-social, marcados pelas várias unidades de geração diferenciadas, antagônicas. Em conjunto, elas constituem uma geração atual precisamente porque se orientam umas para as outras, mesmo se só no sentido de luta contra as outras, evidenciando a noção de posição de geração. Esta perspectiva é enfatizada sobre a ideia de que, mesmo reportando-se a uma dada geração, existem posições, experiências e práticas, que tornam plurais os modos de expor as memórias.

Tomando por base que a noção de posição de geração permita aos indivíduos de um momento social ter experiências de vida coletiva que a caracterize, tem-se, por outro lado, que o espaço de atuação da geração, construído socialmente, diga sobre dinâmicas sociais expressas a partir de lembranças ditas. Situam-se os sujeitos a partir do momento sócio histórico na qual se localizam. As lembranças juvenis sobre Juazeiro, mesmo em uma constante volta as memórias de seus entes mais próximos e experientes, denotam seus mundos, pertenças, seu ser social. Juazeiro aparece como cidade "grande", de uma oferta de serviços comerciais, de disponibilidade de educação superior, entre outras questões. Por

conseguinte, este cenário e as dinâmicas dele têm origem e sentido na figura do Padre Cícero em seu lugar de liderança, de condutor e guia de ações que atraiu as vindas de milhares de famílias a Juazeiro.

Considerações finais

Compreender a figura do Padre Cícero no cenário de Juazeiro por meio dos relatos memoráveis é percebê-lo como aquele que vai estar em todas as vozes que constroem a cidade. Ele é líder, é patriarca, é santo popular, é homem "comum", etc., e por isso uma figura multifacetada nessa dinâmica social que permite pensar na elaboração narrativa de Juazeiro. Se não se pensa em Juazeiro sem Padre Cícero, não se pensa Padre Cícero sem ser um grande nome de Juazeiro.

Tratar as memórias coletivas e sociais pela juventude é trabalhá-las, não só como traços que expressem herança geracional, e, nem tão somente rupturas, como se fossem algo que exerce um valor de mudanças, mas sim, que sejam traços em consonância com estes dois aspectos e que se refletem como expressões geracionais. Estas memórias juvenis demarcam situações e fatos do presente não só por que se apoia no tempo em que fala, mas, neste caso, porque é este o tempo do ator da cena, do contexto da situação social. É, por assim dizer, uma maneira de compreender o mundo social, onde se evidencia as relações intergeracionias através dos contatos, das mudanças e das permanências reapropriadas.

Sendo o Padre Cícero uma referência indispensável para falar de Juazeiro, sobretudo quando se trata de memórias sociais, apontamos um debate como este personagem central é meio de significação do contexto social dito pelas memórias juvenis. Conjuntamente, aparece à cidade de Juazeiro em suas dinâmicas vividas e ditas pelos jovens, que a caracteriza como polo educacional, centro comercial regional, que ganhou destaque bem maior de que aqueles de uma limitação local.

Referências

CORDEIRO, Domingos Sávio de Almeida. **Narradores do Padre Cícero:** muito mais a contar. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Juazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

HALBWACHES, Maurice. A memória coletiva e o espaço. In: ___. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2010. Pág. 157 á 189.

MACEDO, Ricardo Cruz. **Lembranças Juvenis: relações geracionais e espaços de sociabilidades em Juazeiro do Norte.** Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri - URCA. Crato, 2013.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: ___. **Sociologia do conhecimento** II. Porto, Portugal: Rés, [196...]. Pág. 129 a 174.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. Juventude e Memória: lembranças de tempos recentes. In: **Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia**. Curitiba PR, julho de 2011. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=196&Itemid=171 Acesso em: 26/09/2012.

___. **Juventude, memória e cultura: articulações para o encontro entre distintas gerações.** Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=224&Itemid=171 Acesso em: 01-12-2012

NUNES, Antônio Sedas. As gerações na sociedade moderna: conceitos e perspectivas. In: ___. **Sociologia e ideologia do desenvolvimento**. Lisboa: Moraes, 1969. Pág. 75 a 93.

POLLACK, Michael. Memórias e identidades. 1992. Disponível em: http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wpgz/wpcontent/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf. Acesso em: 27/04/2013.

UWE, Flick. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GT 4: REPRESENTAÇÕES DO PADRE CÍCERO E DO CARIRI NAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS/EXPRESSÕES CULTURAIS

PADRE CÍCERO, PADRE IBIAPINA E O DIA DE QUILOMBO, A FESTA DE REIS EM JUAZEIRO DO NORTE[166]

Felipe Teixeira Bueno Caixeta

Apresentação

Escrever sobre Culturas e Territorialidades do Padre Cícero significa desenvolver ideias em um campo onde fronteiras não são fixas e quase todas as categorias estão sob rasura, portanto, implica prudência, verificação, crítica e reelaboração, mas as regras do jogo da produtividade acadêmica são as mesmas para estudantes da cultura[167] e pesquisadores que atuam em campos mais convencionais e com financiamento. Michel de Certeau, ao pensar a arte da sobrevivência dos mais fracos, diferencia estratégia e tática: enquanto a estratégia é vertical, emana do poder, vem de cima para baixo, a tática é definida na horizontalidade e vem de baixo para cima, ocorre circunstancialmente e de forma relacional. Para Certeau, que pesquisou no nordeste brasileiro a língua falada pelos camponeses de Pernambuco e Ceará[168], as táticas dos tidos por mais fracos não seriam as de confronto direto com o poder, nem eles assimilariam ou reproduziriam passiva e alienadamente tudo do modo como o poder lhes impõe: com astúcia, os tidos por fracos fazem uma trampolinagem, agenciam o que lhes é imposto, se apropriam dos signos, dos conteúdos e mensagens, os ressignificam, mudam o sentido, modificam o uso de acordo com suas necessidades materiais e simbólicas, ativando um jogo com o poder cuja principal característica seria a resistência cotidiana, silenciosa e por

[166] Obs: O artigo propõe dialogar com o eixo "Os personagens" e o GT "Identidades étnicas e culturais: Experiências antigas, apropriações contemporâneas")

[167] Felipe T. B. Caixeta, jornalista e cineasta, é estudante de mestrado da segunda turma do Programa de Mestrado Cultura e Territorialidades do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense

[168] No livro A Invenção do cotidiano, capítulo II, "Culturas Populares", tradução de Ephraim Ferreira Alves, na pag. 72, Certeau está dizendo que analisou a "língua falada pelos lavradores de Pernambuco (em Crato, Juazeiro, Itapetim etc) sobre a sua situação em 1974 e sobre as gestas de Frei Damião, herói carismático da região". Efetivamente, Juazeiro e Crato são duas cidades no Cariri Cearense, onde a pesquisa Dia de Quilombo vem sendo realizada.

vezes imperceptível dos vistos como dominados ou subalternizados pela estrutura. “Essas performances operacionais dependem de saberes muito antigos. Os gregos as designavam pela métis. Mas elas remontam a tempos muito mais recuados, a imemoriais inteligências como as astúcias e simulações de plantas e peixes”[169]. Certeau leva a pensar como a partir da narrativa dominante do catolicismo (estratégia do poder), o sertanejo se apropriou e recriou o que lhes foi ensinado a ferro e fogo, estabelecendo a religiosidade popular como tática de resistência cotidiana; outro exemplo que nos propõe pensar é como que as cidades são projetadas pelo poder e os usos que de fato as pessoas comuns fazem dela, transformando continuamente os espaços, os não-lugares do capital, em lugares com significados, sentidos, memórias e projetos que diferem daqueles pretendidos pelo poder.

Assim, diante da estratégia do programa neoliberal para Educação que impõe uma alta produtividade ao menor custo de recursos e de tempo nas ciências humanas, para conseguir vencer o muro da sobrevivência e ampliar o campo da Cultura na Universidade, tão impregnada, afetada e regulada pelos interesses do capital, que age discricionário, induzindo a competição e veleidades entre amigos e parceiros, colocarei em prática a tática de apresentar assertivas do projeto de mestrado que estou desenvolvendo no PPCULT/UFF e convidar quem quiser para colaborar na reconfiguração desta narrativa. Falaremos de reisados nas Festas de Reis em Juazeiro do Norte, chamado pelos moradores mais populares de Quilombo. Nesta caminhada, evitarei análises totalizantes, pretensões de estabelecer sujeitos, regras ou leis universais ou universalizantes, bem como vou empregar ideias de raiz e tradição porque elas são enunciadas pelos mestres da cultura do reisado em Juazeiro do Norte, meus principais informantes. Proponho aos colegas da academia uma escuta e uma tentativa de compreensão sem preconceitos do que os informantes estão querendo dizer quando falam “raiz”, “tradição” ou que “a cultura está acabando”, pois quando o fazem pode ser que não estejam expressando uma simples retórica da perda (GONÇALVES - 2007). Concordarei pela última vez com Certeau, quando ele nos diz que para estudar as táticas de resistência dos mais fracos não podemos usar a linguagem do poder, devemos nos colocar entre as pessoas comuns e deixar que elas nos ensinem pela fala delas, pela conversa que elimina relações de subalternidade intelectual ou de sujeito-objeto da pesquisa científica.

[169] CERTEAU, M. A Invenção do Cotidiano: Artes do Fazer. Ed. Vozes. 18.a ed. Petrópolis, RJ, 2012. p.46

Em nosso percurso, preciso informar que sistematizarei informações sobre o Cariri Cearense onde está Juazeiro do Norte, sobre o legendário Padre Cícero Romão Batista e seu projeto sociocultural de bases populares tão mal compreendido, combatido e difamado[170], que se renova e atualiza continuamente na resistência cotidiana dos romeiros, numa rede de Após a "Questão Religiosa" de Juazeiro em 1889, quando aconteceu o sangramento da hóstia na comunhão da beata Maria de Araújo, o chamado "Milagre da Hóstia", as interpretações sobre o Padre Cícero, confessor da beata, dividem-se entre aquelas produzidas por apologistas que o veem como santo e a fala dos detratores, que lhe atribuem os piores adjetivos e más ações. Os principais detratores foram os próprios colegas padres da Igreja do Ceará – hoje sabe-se que para desmoralizar o Padre Cícero e cessar as romarias em Juazeiro, ghost writers da Diocese de Crato manipulavam documentos para a imprensa e entregavam livros completos para publicação por autores como Otácilio Ancelmo (Padre Cícero Mito e Realidade), financiando a impressão e a distribuição de sucessivas tiragens com 20 mil ou mais exemplares. O olhar da academia sobre o Padre Cícero foi enquadrado pelo livro "Cangaceiros e Fanáticos" de Rui Facó, publicado em 1963, duas semanas após o trágico acidente aéreo que vitimou o autor. Facó analisou os Fatos de Juazeiro na perspectiva marxista e interpreta Padre Cícero como um coronel de batina, posição teve seguidores na Academia. "Pela primeira vez em nossa literatura histórica e sociológica, a interpretação exata, a análise honesta das verdadeiras causas do cangaço e do fanatismo", lê-se logo na contracapa do livro. Um olhar agudo sobre o Padre Cícero e os romeiros ocorreu no 1988 com a antropóloga Luitgarde Cavalcanti Barros, do IFCS/UFRJ, com a dissertação que virou livro "A Terra da Mãe de Deus". Hoje, quando

[170] Após a "Questão Religiosa" de Juazeiro em 1889, quando aconteceu o sangramento da hóstia na comunhão da beata Maria de Araújo, o chamado "Milagre da Hóstia", as interpretações sobre o Padre Cícero, confessor da beata, dividem-se entre aquelas produzidas por apologistas que o veem como santo e a fala dos detratores, que lhe atribuem os piores adjetivos e más ações. Os principais detratores foram os próprios colegas padres da Igreja do Ceará – hoje sabe-se que para desmoralizar o Padre Cícero e cessar as romarias em Juazeiro, ghost writers da Diocese de Crato manipulavam documentos para a imprensa e entregavam livros completos para publicação por autores como Otácilio Ancelmo (Padre Cícero Mito e Realidade), financiando a impressão e a distribuição de sucessivas tiragens com 20 mil ou mais exemplares. O olhar da academia sobre o Padre Cícero foi enquadrado pelo livro "Cangaceiros e Fanáticos" de Rui Facó, publicado em 1963, duas semanas após o trágico acidente aéreo que vitimou o autor. Facó analisou os Fatos de Juazeiro na perspectiva marxista e interpreta Padre Cícero como um coronel de batina, posição teve seguidores na Academia. "Pela primeira vez em nossa literatura histórica e sociológica, a interpretação exata, a análise honesta das verdadeiras causas do cangaço e do fanatismo", lê-se logo na contracapa do livro. Um olhar agudo sobre o Padre Cícero e os romeiros ocorreu no 1988 com a antropóloga Luitgarde Cavalcanti Barros, do IFCS/UFRJ, com a dissertação que virou livro "A Terra da Mãe de Deus". Hoje, quando Padre Cícero e os romeiros são objeto de desesperada reapropriação pela Igreja Católica, em crise pelo proselitismo e a perda dos fiéis, detratores e apologistas continuam peleando, levando problemas até o Vaticano e interferindo no processo de reabilitação do Padre Cícero.

Padre Cícero e os romeiros são objeto de desesperada reapropriação pela Igreja Católica, em crise pelo proselitismo e a perda dos fiéis, detratores e apologistas continuam peleando, levando problemas até o Vaticano e interferindo no processo de reabilitação do Padre Cícero. territorialidades que não converge com os limites políticos e geográficos dos mapas convencionais do nordeste brasileiro. O lugar do romeiro é o "não lugar" do caminhão pau de arara adornado como uma capela, do ônibus enfeitado com imagens de santos e flores que trafega clandestino pela rodovia, a paisagem e a pedra no caminho do caminheiro solitário; o caminhão do romeiro é como o navio que transporta uma cultura autônoma e com identidade aparentemente fixa, que ao se movimentar, elabora uma alternativa à poética sedentária por meio de narrativas de viagens, encontros, milagres e afetos trocados pelos moradores das terras natais, os viajantes e os habitantes dos lugares por onde o caminhão passa (GILROY - 2007). Juazeiro do Norte, uma zona híbrida constituída na diáspora de índios, refugiados africanos escravizados, dos mestiços e brancos pobres, mouros, árabes, turcos, italianos, belgas, norte americanos e tantos outros, localizada no centro do Nordeste, na fronteira dos estados do Ceará, Pernambuco, Paraíba, Piauí, é uma fronteira também do mundo sensível com os mundos espirituais, onde rochas, pedras e rios foram sagrados pelos romeiros, que ressignificaram o testamento ao nomearem o relevo de Colina do Horto ou de Santo Sepulcro, onde praticam um catolicismo distante do Vaticano e fatos preternaturais aconteceram. Ulf Hannerz fala em interstícios, em espaços intermediários entre micro-fronteiras, onde pequenos grupos de pessoas se encontram para formar os princípios de uma nova sociedade. *"Zonas intersticiais parecem cheios de vida mas não completamente seguros"*[171].

Quero discutir os deslocamentos dos refugiados que levaram a raiz do Quilombo para Juazeiro em busca de uma *"Terra sem Males",* como essa tradição se desenvolveu auspiciada pelo Padre Cícero, na minha hipótese, uma das lideranças de um projeto civilizatório de bases populares, horizontal, descentralizado e autônomo que ainda viceja no Sertão e venho chamando provisoriamente de *"Civilização de Beatos".*

Em Juazeiro vive-se nos fluxos entre as micro-fronteiras da geografia, do político, do imaginário, do fantasioso, do místico e do sagrado, em meio aos produtos culturais híbridos da pós modernidade, das imagens de santos e dos costumes sentidos, vividos, narrados,

[171] HANNERZ, U. In: Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras chaves da antropologia transnacional. MANA 3(1): 7-39, 1997. p.23.

exibidos e valorizados como tradicionais. O campo que poderia ser estereotipado como conservador e fixo - a fala de tradição e raiz dos mestres da cultura - quando se para, para escutar e conviver de perto, revela-se uma resistência de grande capacidade de mobilidade territorial e simbólica, dialética, rebelde, ancestral, trampolina e criativa, a relações de poder marcadas pelo racismo cultural, uma dinâmica social que tem diferenciado e punido as culturas tradicionais do lugar, aprisionando comunidades inteiras em guetos de indigência, sem recursos, nas margens, nas franjas da cidade, ao tempo em que investimentos em marcas e produtos da cultura internacional popular (ORTIZ - 2007) ocupam a cidade, evidenciando uma flagrante distribuição desigual de benefícios e oportunidades entre os grupos. O racismo cultural seria uma cilada que se apresenta mascarada por meio de artifícios políticos e retóricos calcados em argumentos e falas de valorização de identidades, respeito às diferenças, representação, participação e democracia (PIERUCCI - 1999).

A descoberta do Cariri Cearense e o Padre Cícero

O Cariri, no sul do Estado do Ceará, onde está Juazeiro do Norte, recebeu moradores não índios no começo do século XVIII, quando desbravadores brancos atingiram as terras e se apropriaram do fértil vale junto à Chapada do Araripe, um grande planalto encravado na zona fronteiriça dos estados do Ceará, Pernambuco e Piauí, onde ocorre o encontro dos ecossistemas da caatinga, do cerrado e da Mata Atlântica e ainda hoje, a despeito do desmatamento e da urbanização desenfreada, estão localizadas mais de 100 fontes de água. O Cariri é um oásis cercado pela aridez quase desértica do sertão adusto e muito antes dos colonos cristãos colocarem seus pés ali, o território era percebido como sagrado pela exuberância de sua natureza – foi a "Terra sem Males" dos índios Cariri que por ali se agrupavam. O Cariri já foi mar - pesquisas arqueológicas e paleontológicas localizaram fósseis de peixes, de dinossauros e também pinturas rupestres nos pés de serra: surpreende como que uma das principais lendas indígenas da região, a da "Pedra da Batateira", narra o modo como o lugar vai um dia virar mar, os índios vão reviver e terão a terra e a liberdade[172].

[172] A Pedra da Batateira fica na Chapada do Araripe no município de Crato, em local onde a municipalidade retira parte da água distribuída à população. Diz a lenda indígena que se a pedra, que geme por abrigar uma baleia dentro de si, for quebrada, uma torrente de água jorrará, entrando nas igrejas, levando as imagens de santo, vai encher e transformar o vale em um mar; quando as águas recuarem, as terras terão sido devolvidas aos índios.

O autor cratense J. de Figueiredo Filho escreve que os primeiros colonos vieram da Bahia pelo ano de 1705, seguindo o rumo do São Francisco e que a porta de entrada do Cariri foi o atual município de Missão Velha, onde a Cachoeira de Missão Velha derrama o sagrado Rio Salgadinho, o Ganges do Sertão. *"E tudo que importamos da terra bahiana, de Sergipe, Alagoas e Pernambuco, chegou-nos antes da imigração provocada pelo Padre Cícero Romão"* [173]. Os colonos teriam despertado aguerrida resistência indígena[174] e após reduzirem os 7-39, 1997. p.23 índios na Missão do Miranda, atual município de Crato, fundaram fazendas para o gado; com o trabalho dos negros escravizados, inscreveram o território na Civilização do Couro e do Boi. Em algumas das antigas fazendas, registra-se que os pioneiros consentiam que negros, índios e caboclos celebrassem o ciclo natalino, quando podiam reviver seus deuses, ritos, costumes, culturas (MENESES - 2008).

Juazeiro do Norte foi um distrito de Crato conhecido por Tabuleiro Grande e quando o Padre Cícero Romão Batista tornou-se capelão da Igreja de Nossa Senhora das Dores no Natal de 1871, é incerto o tamanho do vilarejo, acredito que o arruado abrigasse pouco mais de 30 casas. No Cariri, um território conflagrado pelas guerras entre coronéis, assolado por secas apocalípticas como a dos três anos (1877-79), o Padre Cícero (1844-1934), durante sua longa e conturbada vida, recebeu a ricos e pobres com igual gentileza e atenção, não cobrou por serviços religiosos, aconselhou a paz, intercedeu pelos famintos junto ao governo imperial e depois à República, fixou o homem no campo e orientou as pessoas ao trabalho por meio de práticas agroecológicas, colocando a cultura e o respeito ao meio ambiente como questões centrais do desenvolvimento.

> "Não plante em serra acima nem faça roçado em ladeira muito em pé; deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza. Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só…" [175].

Cícero já era lendário pelo seus bons conselhos, por apaziguar conflitos e pelo seu impressionante desprendimento material, quando, durante uma vigília por chuvas em março de 1889, 10 anos após a terrível seca dos dois setes (1877-1879), uma hóstia se converteu em

A lenda recebeu um complemento - quem estiver com a Mãe das Dores e o padre Cícero em Juazeiro poderá ser salvo pois a água chegará até certa altura, no Luzeiro e no Horto.

[173] FILHO, J. de Figueiredo. In: O Folclore no Cariri. Imprensa Universitária do Ceará. Fortaleza, 1974. Pag. 18.

[174] FILHO, J. F. História do Cariri. Ed. Faculdade de Filosofia de Crato. Crato, 1964.

[175] Preceitos Ecológicos do Padre Cicero. Amplamente difundidos. Domínio Público.

sangue na comunhão da beata Maria de Araújo. A notícia do "Milagre da Hóstia" correu mundo pelas cartas do jornalista José Marrocos, pela poesia matuta, pelo cordel e a viola do cantador de improviso, seguiu de boca a ouvido até os jornais do Recife e do Rio de Janeiro. A questão de ter sido ou não o sangue de Jesus Cristo que jorrou na hóstia alavancou uma questão religiosa que parou no Vaticano e resultou na excomunhão do Padre Cícero, entretanto aos olhos do sertanejo o prodígio apenas confirmou o que já sabiam: o padrinho era santo (BARROS - 2008).

A prática humanista do Padre Cícero, os fatos inexplicáveis que se repetiam com a beata Maria de Araújo como êxtases, estigmas e hóstias que viravam sangue, associados às condições ambientais privilegiadas da Chapada do Araripe para a agricultura e a pecuária, motivaram o deslocamento de milhares de refugiados para resistir ao lado do padrinho, junto a quem esperavam alcançar a redenção do corpo e da alma. Acampados debaixo das árvores na porta da casa do padre, os romeiros eram recepcionados com água, sorriso, benção, reza, comida, atenção, carinho e conselho; quando chegava a sua vez de ser recebido, o romeiro narrava seus dramas, tragédias e dilemas, falava da profissão, oferecia seu trabalho e pedia ao Padre Cícero autorização para vir morar em definitivo em Juazeiro. Entre estes adventícios, figuravam hábeis artesões e talentosos artistas de raízes culturais diferentes que trocaram, criaram na repetição e convergiram na música, literatura de cordel, artesanato, no Reisado, na Banda Cabaçal, formando a festa dos Quilombos e outras cenas que dão ao Cariri um lugar no imaginário como caldeirão de culturas populares.

> "Padre Cícero compreendia que a mocidade precisa divertir-se honestamente e dava licença para brincarem o Reisado cujas figuras principais eram o Mateus, o Doutor, o Boi, a Burrinha, o Rei e a Rainha. Nas casas onde brincavam, representavam comédias, jogavam sortes para recolherem dinheiro e cantavam (...) ao som de violas, rabecas e harmônicas. Era um alegrão que se gozava particularmente durante as festas do Natal, Ano e Reis."[176]

Padre Cícero Romão ingressou na vida sacerdotal inspirado por José Antônio Pereira, o Padre Mestre Ibiapina, que criou uma Irmandade dos Beatos que revolucionou os sertões nordestinos na segunda metade do século XIX. Enquanto no Rio de Janeiro, Corte, Capital do Império e depois da República, eminentes intelectuais da eugenia lamentavam que o Brasil era uma jovem nação sem povo ou futuro, condenada pela degeneração física, mental e moral

[176] DINIZ, M. In: Mystérios de Juazeiro. Juazeiro do Norte: Tipografia O Juazeiro, 1935. p. 128.

da miscigenação entre negros, índios e brancos, que devia-se importar europeus para branquear e civilizar o povo, remanescentes de povos índios, negros livres e escravos evadidos, brancos pobres, camponeses matutos, jagunços e outros mestiços dos sertões sonhavam, imaginavam e colocavam em prática um projeto social que rompia com o colonialismo patriarcal, escravocrata, católico, apostólico romano, sem contudo estabelecer uma filiação com os interesses e ideários da República liberal, militar e positivista que nasceu com raiva do povo e tentou afirmar-se exterminando-o.

> "Não eram somente os jagunços. Em Juazeiro, no Ceará, um heresiarca sinistro, o Padre Cícero, conglobava multidões de novos cismáticos em prol do Conselheiro. (...) A aura da loucura soprava também pelas bandas do Sul. O Monge do Paraná, por sua vez, aparecia nessa concorrência extravagante para a história e para os hospícios" [177].

A fala da elite da capital não era só fruto de uma cegueira dos habitantes do litoral sobre o que acontecia nos interiores, os citadinos não eram apenas caranguejos que mal arranhavam as pedras da costa: se no império a Igreja sustentou ideologicamente a escravidão, a partir de 1889 (ano da Proclamação da República no Rio de Janeiro e do Milagre da Hóstia em Juazeiro), o Brasil vivenciou a guerra de uma República artificial e claudicante, apoiada pela Igreja, contra o povo. Grupos e redes de interesses que disputavam o poder na República, como latifundiários cafeicultores, açúcar, minérios, bancos, serviços, disputavam também os símbolos que se fincariam no imaginário republicano e ordenariam as relações sociais e econômicas vindouras (CARVALHO - 1997); nesse enfrentamento desigual da república liberal militar positivista contra camponeses beatos, um dos lados foi brutalmente esmagado, difamado e silenciado, como se verifica em um sequência de hechos históricos (SANJINÉS - 1999) inscritos no período de 1872, ano quando Padre Ibiapina é expulso do Ceará, até a solução final com o bombardeio ou metralhar aéreo do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto em Crato em 1936, dois anos após a morte do Padre Cícero (1934).

Padre Cícero, Padre Ibiapina e a civilização dos beatos

[177] CUNHA, E. Os sertões (Campanha de Canudos). 20.a Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998. p.313.

Em 07 de maio de 1825, depois de dois anos na prisão, com o corpo coberto pelas fístulas da varíola, foi fuzilado no Campo da Pólvora, hoje Passeio Público de Fortaleza, o revolucionário Francisco Miguel Pereira, condenado à morte junto com o Padre Gonçalo Mororó, acusados de traição por serem líderes da Confederação do Equador no Ceará, rebelião que do Recife alastrou-se pelo nordeste movida por ideais libertários e separatistas. O filho mais velho de Francisco Miguel, o revolucionário Alexandre Raimundo, com 21 anos, recebeu a pena do exílio perpétuo em Fernando de Noronha onde foi assassinado. Francisco Miguel Pereira deixou seis filhos órfãos, uma vez que a esposa, Teresa Maria de Jesus, também falecera precocemente. O filho José Antônio Pereira, com 19 anos, assumiu a responsabilidade de proteger a família.

Após quatro anos de trágicos acontecimentos, em 1827 o jovem José Antônio Pereira conseguiu acolhimento no Seminário de Olinda, onde permaneceu por seis meses estudando para ser padre; em 1828 obteve uma vaga na primeira turma de Direito de Olinda, largou o seminário e ao concluir o bacharelado em 1832, aos 26 anos, tornou-se professor do curso de Direito. Em 1833 foi eleito deputado provincial pelo Estado do Ceará e nomeado Juiz da Comarca de Campo Maior, hoje Quixeramobim (Ce), terra de Antônio Conselheiro – no recesso parlamentar de 1834-1835, consta que exerceu a magistratura nesta região próxima ao Sertão dos Inhamuns, conflagrada pela guerra entre as famílias Mourão, Araújo e Maciel, onde tentou implantar o sistema judiciário; sem sucesso, adiou a tarefa e voltou ao Rio de Janeiro onde permaneceu até o fim do seu mandato em 1837. Aos 31 anos, de volta ao nordeste, advogou na cidade de Areia (Pb) onde ganhou fama na defesa de negros, mulheres e trabalhadores pobres; de 1840 a 1950 atuou no Recife, onde encerrou sua carreira no Judiciário. Aos 47 anos, José Antônio, intelectual bem sucedido, cotado para o cargo de presidente da província de Pernambuco, desiludido com a impossibilidade de justiça na sociedade escravocrata patriarcal, abandonou o escritório de direito, dispersou bens materiais e sem voltar ao seminário, foi ordenado padre pelo Bispo de Olinda em 1853.

> "Aí mesmo Ibiapina autorizou o amigo a comunicar seu desejo ao bispo que era D. João Perdigão. Mas impôs uma condição absoluta: não se sujeitava a exame. Tinha consciência de seu preparo moral e intelectual para se investir imediatamente no sacerdócio" [178].

[178] MARIZ, C. In: Ibiapina Apóstolo do Nordeste. 2. Ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1942. p. 53

José Antônio contrariou o bispo que queria fazer dele uma autoridade eclesiástica, adotou o nome de guerra do velho pai, passou a apresentar-se como José Maria Ibiapina e escreveu seu nome no livro dos heróis como missionário caminheiro dos sertões nordestinos.

Até sua morte em 19 de fevereiro de 1883, relata o autor Celso Mariz, Padre Mestre Ibiapina peregrinou as imensas distâncias do sertão nordestino a pé, socorrendo enfermos, famintos e desesperados nas regiões mais abandonadas do Brasil. Sua fama mobilizava multidões, ao chegar nos vilarejos reunia o povo na "latada" da rua e começava por lhe dirigir palavras de reconciliação, harmonizando intrigas de famílias, inimizades e rixas, estabelecendo o clima de união e coesão social entre os moradores. Suas pregações não continham ameaças ou mistificavam as pessoas por meio de profecias assombradas e alienantes que prometiam salvação após a morte, nem estimulavam questões com a maçonaria ou pretendiam a romanização do catolicismo popular: sua preocupação era que o homem pudesse sobreviver com dignidade. Sua fala sobre Deus envolvia uma caridade prática, a busca pela promoção da justiça social, o combate à fome e à doença, ao machismo e à irresponsabilidade sexual dos patriarcas e degenerados, expressava preocupação com a situação de desamparo das mulheres, dos órfãos e a destruição do meio ambiente, denunciava a desagregação das estruturas políticas, a corrupção, a desvalorização da herança indígena e a escravidão. Suas palavras recobravam o ânimo das populações sertanejas e no dia seguinte à pregação, Ibiapina estudava com o povo as necessidades da comunidade, juntos definiam prioridades e por meio de mutirões construíam cacimbas, açudes, cemitérios, igrejas, hospitais, moradias, estradas, cidades, plantavam roçados e erguiam a mais transformadora das propostas, as Casas de Caridade.

O que eram as Casas de Caridade? Pela sua legitimidade, Padre Ibiapina recebia a doação de terras onde por meio dos mutirões construía amplos prédios para que religiosos leigos conhecidos por beatos e beatas pudessem desenvolver atividades de amparo social, educativas e de promoção da fartura alimentar. As casas não eram subordinadas à Igreja ou ao Imperador, não tinham patrões, escravos ou empregados, tudo era de todos e nada pertencia a ninguém. Ao tempo em que mantinham disciplina de orações, beatos, beatas, agregados e outros residentes praticavam artesanato, alfabetização infantil e das mulheres, organizavam cooperativas de fiadeiras, bordadeiras, ensinavam ofícios valorizando a herança indígena, lançando muitas das bases do que é hoje a economia criativa e solidária do artesanato do

Nordeste. A comunidade celebrava a arte e a cultura brincando reisado, música, canto, com pintura, artes plásticas e poesia. As casas amparavam as mulheres vítimas da sociedade patriarcal e recebiam crianças na "roda dos enjeitados", que cresciam difusores do projeto sociocultural. Nos terrenos adjacentes aos prédios, beatos e moradores cultivavam alimentos em larga escala para que as casas pudessem suprir os famintos que as buscavam nos tempos crise. Na grande seca de 1877-79 as casas foram pontos de socorro dos sertanejos que erravam pelas estradas: quem as alcançava se salvava, lá recebiam comida, roupa, cuidava-se dos enfermos e praticava-se a radicalidade da lei da caridade do Padre Ibiapina: mesmo com água pouca ou insuficiente para os de casa, ele dava de beber ao sedento que chegava, ainda que fosse a última gota, ensinando não guardar nada para si.

Padre Mestre Ibiapina ergueu 22 Casas de Caridade que funcionaram como uma rede de amparo e educação do povo desvalido do Nordeste[179]. Sabe-se que a atuação missionária e civilizatória do Padre Ibiapina abrangeu a região do Cariri Cearense com casas em Crato, Barbalha, Missão Velha, Porteira e Milagres, os Cariris Velhos paraibanos em Cajazeiras e Sousa, a Serra da Borborema em Santa Luzia, Pariri, Soledade, Pocinhos, Arara, Areia, Pilões, Alagoa Nova, Alagoa Grande e Campina Grande, atingiu o Alto Capibaribe pernambucano em Gravatá e Bezerros, o Alto Pajeú em Santa Cruz da Baixa Verde e Triunfo, o Rio Grande do Norte em Acaraú e à fronteira do Ceará com o Piauí em Sobral. Crônicas relatam que Ibiapina permanecia o tempo que fosse necessário em cada local: quando percebia que a casa, muitas com 200 ou mais moradores, estava implementada, viajava a pé à outra localidade em atividade incessante.

Na década de 1860 Ibiapina passou a maior parte de seu tempo em Crato (Ce) onde realizou pregações para milhares de pessoas, entre elas estariam Antônio Maciel e Cícero Romão Baptista. Banido do Ceará em 1872 pelo primeiro Bispo Cearense, D. Luis dos Santos, que tomou os prédios da Caridade, expulsou os beatos e os perseguiu até o extermínio na Guerra Total de Canudos (MELLO - 2007), Ibiapina intensificou atividades nos Cariris Velhos e abrigou-se em Santa Fé, próximo a Campina Grande na Paraíba, onde veio a falecer. Mirando os exemplos e as palavras do Padre Mestre Ibiapina, Antônio Maciel virou Antônio Conselheiro, peregrinou espalhando a boa nova de que *"Pequeno não existe Grande só Deus"*

[179] Informações sobre o Padre Ibiapina foram colhidas também em entrevistas e conversas com a pesquisadora Luitgarde Cavalvanti Barros e em filmagens no Santuário de Santa Fé, na Paraíba em fevereiro de 2010.

e fundou Canudos, destruída pelas forças militares da república; já Cícero Romão Batista ordenou-se padre e fixou-se em Juazeiro, onde protagonizou o Milagre da Hóstia com a beata Maria de Araújo e por meio de uma hábil ação política, conseguiu impedir que o reduto beato fosse arrasado, tornando-se santo no coração do povo nordestino. Ibiapina mobilizou um projeto sociocultural duramente combatido pelas autoridades seculares e religiosas de seu tempo, o qual estamos provisoriamente denominando de "Civilização dos Beatos"[180]. O que é civilização e que civilização teria sido essa? Em 1872, ao assumir a Capela de Nossa Senhora das Dores em Juazeiro do Norte, Padre Cícero prosseguiu este trabalho missionário, conquistou a estima dos povos do sertão e como Ibiapina, terminou seus dias punido e difamado pelas autoridades da Igreja. Em defesa do Milagre da Hóstia e buscando recuperar o direito ao sacerdócio, Padre Cícero esteve com o Papa Leão XIII em Roma em 1898, no entanto ao retornar ao Brasil os conflitos com o diocesano local, D. Joaquim dos Santos, não cessaram e ele ingressou na política partidária para impedir que o mundo beato de Juazeiro encontrasse o desfecho trágico da Canudos de Antônio Conselheiro.

Os fatos inexplicáveis acontecidos com o Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo potencializaram o deslocamento de milhares de refugiados de Alagoas, Pernambuco e Paraíba para Juazeiro, entre beatos expulsos das Casas de Caridade, camponeses, bandoleiros, artesãos e artistas portadores de repertórios culturais distintos, que prosseguiram suas tradições ao tempo em que inovaram na música, literatura de cordel, artesanato, nos folguedos natalinos e nos Quilombos nas festas de Reis. Auspiciadas pelo padre Cícero, apresentações dos reisados podiam durar uma noite inteira. Os mestres contam que reisados eram convidados para casamentos, batizados, aniversários, as famílias auxiliavam com material para confecção dos trajes, alimentação e viam com satisfação a participação da juventude nos grupos.

No momento desta pesquisa, Juazeiro do Norte conserva precariamente 26 grupos de reisados, todos em comunidades vilipendiadas nos direitos mais essenciais: são áreas com esgoto a céu aberto e fornecimento de água irregular, desprovidas de sistemas de saúde ou educação que funcionem, onde sucedem crimes e casos de violência policial; quando os grupos fazem aparições, alguns têm surgido com a estrutura debilitada, pode faltar gente no

[180] O tema específico dos modos como a "Civilização de Beatos" se desenvolveu no Cariri Cearense vem sendo pesquisado como projeto de doutoramento da pesquisadora Dane de Jade na Universidade de Coimbra.

cordão e comida na barriga, mas ainda assim, na maioria dos casos, é possível reconhecer a espinha dorsal do folguedo. Em pesquisas domiciliares para ouvir os mestres sobre as dificuldades que enfrentam para a continuidade de suas atividades, foi relatado que a morte dos mestres sem a transmissão dos saberes, a precariedade material em que vivem os brincantes, a intensa pressão da globalização com produtos da cultura de massa sobre as crianças e a juventude, o frenesi pela industrialização e a entrada do Cariri na economia internacional com a vinda dos shoppings e das grandes marcas, o abandono da cultura pelo poder público que só patrocina "artistas de topic" com apelo na mídia, a exigência de produtores culturais para que apresentações da tradição sejam abreviadas para ocuparem menos tempo nos eventos, entre outros fatores, estariam provocando o rompimento do fio da memória, uma quebra na sequência geracional, a memória não estaria sendo partilhada com as novas gerações que não dialogam com os mestres. Em geral trabalhadores egressos da agricultura e da pecuária, artesões do couro, do gesso, do barro, do bordado e da palha, ambulantes, carroceiros, pedreiros, ferreiros, funileiros, carpinteiros, sapateiros, os brincantes se viram e sobrevivem como podem: não têm acesso à terra e moradia adequada, com a industrialização, a entrada em massa das grandes marcas internacionais e dos produtos Made in China, muitos perderam postos de trabalho artesanal e houve casos de mestres que se lançaram `a catação de lixo no lixão municipal para alimentar filhos e netos, com conhecimento das autoridades públicas da cultura. Ao tempo em que imagens genéricas da tradição figuram em outdoors e o reisado é vendido para os desavisados como elemento valorizado da cultura local, quando mestres e brincantes se organizam em torno de direitos, são ignorados ou tornam-se alvo de falas racistas e preconceituosas, são criminalizados pela mídia e o poder público, que não raramente os enunciam como abjetos (KRISTEVA - 1982), associando o reisado e o Quilombo a lugar de marginais, brutos, ladrões, bandidos, a uma gente incapaz de aprender e viver em civilização.

Referências

BARROS, L. C. O. **A Terra da Mãe de Deus**. 2. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2008.
BARROS, L. C. O. **Padre Cícero Romão Batista e os Fatos do Juazeiro:** Emancipação política de Juazeiro do Norte. Fortaleza: Ed. SENAC Ceará, 2012.

BARROSO, O. **Reis de Congo:** Teatro popular tradicional. Brasília: Ministério da Cultura, 1996.

BARROSO, O. **Teatro como encantamento:** Bois e Reisados de caretas. Fortaleza: Ed. Armazém da Cultura, 2013.

BRANDÃO, T. **O Reisado Alagoano.** São Paulo: Ed. Departamento de Cultura, 1953.

BITTER, D. **A bandeira e a máscara:** a circulação de objetos rituais nas folias de reis. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

CARVALHO, J. M. **A formação das almas:** o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano:** artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, F. B. **Juazeiro e o Padre Cícero.** Depoimento para a história. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1923.

CUNHA, E. **Os sertões (Campanha de Canudos).** 20.a Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

DINIZ, M. **1935 - Mistérios de Juazeiro.** Juazeiro do Norte: Tipografia O Juazeiro, 1935.

ELIAS, N. **O processo civilizador:** uma história dos costumes. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1990.

FIGEIREDO FILHO, J. **O Folclore no Cariri.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1974.

_____ **História do Cariri.** Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, 1964.

GEERTZ, C. **Teia de Significações.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GILROY, P. **Entre Campos:** Nações, Culturas e Fascínio da Raça. São Paulo: Annablume, 2007.

GONÇALVES, J. R. "Ressonância, materialidade e subjetividade – as culturas como patrimônio". In: **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Garamond, p. 211-234, 2007.

KRAUSS, R. A escultura no campo ampliado. In: **Revista do curso de Especialização em História da Arte e da Arquitetura no Brasil.** Rio de Janeiro: Puc, 1984.

KRISTEVA, Julia. **Powers of Horror: An Essay on Abjection.** New York: Columbia University Press, 1982.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Tradução de Liv Sovic. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

HANNERZ, U. "Fluxos, fronteiras, híbridos – palavras-chaves da antropologia transnacional". **Mana – Revista de Antropologia Social,** Rio de Janeiro, 3(1), p. 3-39, 1997.

MARIZ, C. **Ibiapina: Apóstolo do Nordeste.** 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1942.

MENESES, O. A. **Dia de Reis no Juazeiro de Outrora.** Fortaleza: Ed. SESC-CE, 2008.

MELLO, F. P. **A guerra total de Canudos.** 2.a Ed. Recife: A Girafa, 2007.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença.** São Paulo: ed. 34, 1999.

POLANYI, K. **A grande transformação.** Rio de Janeiro: Campus Editora -RJ, 2011.

RAMOS, A. **O Negro Brasileiro.** Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2002.

RAMOS, A. **O negro na civilização brasileira.** Rio de Janeiro: Ed. Casa do Estudante do Brasil, Rio, 1971.

SANJINÉS, J. **El cine de Jorge Sanjinés.** La Paz: Fundación para la Educación y Desarrollo de las Artes y Media, 1999.

SANJINÉS, J. **Teoría y práctica de un cine junto al Pueblo.** Madrid: Siglo XXI, 1979

SILVA, T. T. (org). **Identidade e diferença.** 11 Ed. Petrópolis: Ed. Vozes, RJ, 2012

SOBREIRA, A. **O Patriarca de Juazeiro.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1969.

TEÓFILO, R. **A Fome: Violação.** Rio de Janeiro: Ed. José Olimpio, 1979.

VERGARA, L. G. Cartografia dos dilemas éticos da arte contemporânea. In: **Visualidades,** Goiania, v11 n.1, p.00-00, jan-jun 2013.

REPRESENTAÇÃO DA GÊNESE DO CARIRI: O RECADO ICÔNICO-SIMBÓLICO DE KARIMAI

Marcos Aurélio Moreira Franco[181]
Maria Eneida Feitosa[182]
Rodrigo Vivas Andrade[183]

O presente trabalho consiste em fazer uma análise de uma obra de arte tendo como referencia a ideia triangular, defendida pelo professor ANDRADE (2010), que, ancorado em autores, como: PANOFSKI (2004), FREITAS (2005) e ARGAN (1994), entre outros sustentam a ideia da necessidade de se estabelecer critérios para se analisar e interpretar uma obra de arte, distanciando-se do pressuposto de que esta se constitui como elemento de ilustração para pensamentos preestabelecidos. Partindo deste pressuposto, o objeto de estudo aqui representado é uma tela do artista plástico Massaki (Luis) Karimai, que será analisada no seu aspecto formal, semântico e social.

Ao se estabelecer métodos e, para efeito de elucidações, necessário é esclarecer que quando se fala em especto formal, este serve de suporte e materialidade da análise, pois como elucida ANDRADE (2010, p. 502):

> Para Freitas apenas a terceira definição que ao entender "forma" como "o vestígio de uma atividade, é capaz de restituir à imagem sua própria temporalidade". (FREITAS, 2005, p. 175). A proposta é diferenciar as análises formais como um fim em si de outras que as utiliza como um procedimento metodológico. Como procedimento metodológico realiza-se o isolamento formal que corresponde ao momento em que "vemos a imagem como um acontecimento da visão: com sua dimensionalidade, sua materialidade e sua visualidade".

[181] Pedagogo pela Universidade Regional do Cariri - URCA, mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará, professor Assistente do Departamento de Educação e doutorando em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais EBA/UFMG. marcosfranco29@hotmail.com
[182] Graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri, mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, professora adjunta do Departamento de Línguas e Literaturas da Universidade Regional do Cariri – URCA, aluna do Doutorado em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais EBA/UFMG. eneida.feitosa@urca.br
[183] Historiador formado pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em História da Arte pela Unicamp como a tese: Os Salões Municipais de Belas Artes e a Emergência da Arte Contemporânea em Belo Horizonte. Professor adjunto d Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. rodvivas@gmail.com

(Imagem I)

Pintura em óleo sobre tela, (Imagem I), medindo 1.00 metro de altura por 1.30 metro de largura, obedecendo ao formato retangular; possui moldura em cerejeira lisa, levemente polida, com 5 cm de largura. É datada de 1992, sem título. Encontra-se em exposição no hall de entrada da Reitoria da Universidade Regional do Cariri – URCA e foi adquirida pela então reitora Violeta Arraes, no período de sua gestão, entre 1995 e 2002.

Considerando a visão do espectador e, por critério de metodologia, a análise formal vai se estruturar no sentido esquerda para direita, inferior para superior, partindo do plano para o fundo. Observa-se neste ponto o busto de um homem, (ver imagem II). Este senhor usa uma camisa de cor ocre, entreaberta e em desalinho. Em sua cabeça, um chapéu da mesma cor da camisa, com aba esférica e apresenta uma quebra superior frontal, que mesmo estando fortemente alocado em sua cabeça, permite a esta figura uma total visibilidade. No lado esquerdo, a aba apresenta uma forte inclinação para baixo, chegando à altura do maxilar. A variação de matizes em tons marrom na composição do chapéu caracteriza deformidades próprias do uso contínuo.

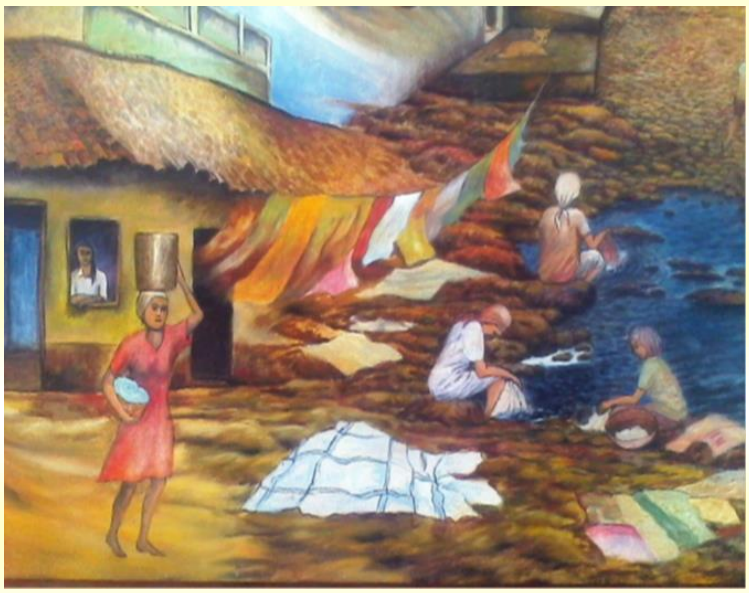
(Imagem II)

No rosto da figura, percebe-se a variação de tons que oscilam entre o claro e o escuro, obtido pela introdução do branco/preto sobre a cor ocre que caracterizam marcas de expressão, destacam-se, ainda, a figuração de um bigode e sobrancelhas evidenciando fios brancos.

Ao lado direito da figura do homem, compondo outra narrativa, aparece a imagem de uma mulher que está em movimento e usa um vestido na cor vermelha, acima dos joelhos, tem um lenço branco amarrado na cabeça e está com os braços em oposição, um se estende até a altura da cabeça segurando uma espécie de utensílio que se assemelha a um balde, enquanto o outro se posiciona na altura do quadril, envolvendo um recipiente que serve de suporte a algo que apresenta uma tonalidade azul.

Às costas da figura supracitada, casas são representadas, medindo 58 centímetros de largura por 36 de altura, compondo uma organização de paisagem. Ao fundo da segunda casa emerge a copa de um coqueiro; à frente destas, existe a representação de três portas e duas janelas, todas abertas. Aparecendo na primeira porta, à esquerda, a figura de um homem

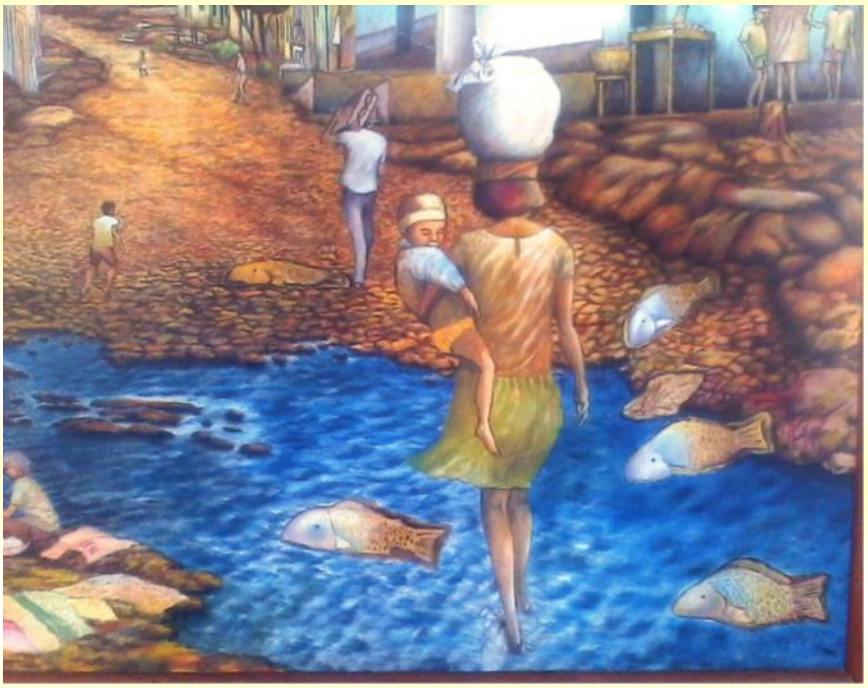
trajando calça azul, camisa ocre, botas e chapéu que se projeta sobre o rosto. O posicionamento de suas pernas indica movimento de saída da casa e projeção para a rua. Existe ainda nesta cena, o tronco superior de uma mulher que tem os braços apoiados na segunda janela.



(Imagem III)

Diante das casas (Imagem III) aparece uma profusão de imagens de tecidos em cores variadas, estando uns juntos numa sequência horizontal, compondo um varal e os outros dispostos sobre a representação do solo, cuja formação irregular é obtida pela técnica de pintura modulada. Contrastando com o ocre desta modulação, aparece, à direita inferior da tela em estudo, a visualidade de um espaço elaborado em tons de azul indicando uma fonte de água cuja superfície é levemente ondulada e apresenta um jogo de claro/escuro pela introdução do branco. Nas margens destas águas, surgem três figuras femininas, todas sentadas em protuberâncias do solo, têm as cabeças envolvidas por panos brancos. As três figuras seguram tecidos que se encontram parcialmente mergulhados nas águas. Sobre a água, com os pés submersos, existe a imagem de uma mulher de costas, (imagem IV). Em movimento, cabelos cortados rente aos ombros, esta mulher veste uma saia verde, acima do joelho e uma blusa em tons ocre. Carrega uma criança do lado esquerdo do quadril e sobre a cabeça, um amontoado envolto num tecido que varia entre a cor cinza e a cor branca, sendo fechado por uma amarração nas pontas. À sua frente, em profundidade, um homem é representado. Vestido em tons cinza, chapéu na cabeça, este homem tem no seu ombro

esquerdo um objeto grande e de formato retangular. Sobrepostos a água, há a representação de cinco peixes, todos com uma leve cercadura em tons de marrom. Três peixes se encontram na superfície da água, os outros dois se encontram dispostos em terra, pintada em modulações para caracterizarem pedras.



(Imagem IV)

As imagens das pedras se fundem e, aos poucos, vai-se compondo uma superfície mais homogênea projetada em escala menor caracterizando uma profundidade que acaba por constituir um caminho sinuoso, íngreme, ladeado por pequenas casas com fachadas irregulares, pintadas em cores vibrantes e não apresentam nenhuma linearidade em suas disposições. Ao longo do percurso figuram transeuntes distribuídos em escalas diversas. Aparecem também figuras parcialmente à mostra nas soleiras de algumas portas das casas retratadas. Na frente destas casas, há calçadas de alturas diversas que acompanham o aclive do terreno. Um cachorro deitado em uma das calçadas, contrasta com a imagem de uma criança que se encontra em movimento.

(Imagem V)

Na extremidade direita do quadro, na calçada de uma das casas, uma mulher com vestido marrom na altura dos joelhos, segura duas crianças, uma de cada lado. Estas crianças trajam bermudas e camisas de tecido. No mesmo plano, na parte posterior destas pessoas, encontra-se uma mesa medindo 5,5 de largura por 5,0 de comprimento; esta mesa expõe frutas, assim como o banco (2,5 x 2,0) que se encontra ao seu lado e serve de apoio a um cesto.

(Imagem VI)

Na sequencia da representação das casas (Imagem VI), percebe-se uma ilusão de sucessão e profundidade obtida por meio do efeito diminuição e sobreposição. A presença de casas em tamanho diminuto e em elevação gera um efeito de afunilamento e tortuosidade, interrompendo a visibilidade do caminho. Contribui para esse efeito também a representação de árvores isoladas e sobrepostas, que próximas, confluem para a fusão de suas copas através do efeito de mistura de cores claras - escuras. A representação de telhados de casas no plano posterior gera o efeito de extensão, de continuidade e sequência do percurso iniciado no plano inferior.

(Imagem VII)

No plano superior esquerdo, emerge a pintura de um telhado modelado graças a variação de tons, que dispostos em afunilamento de frente para o fundo (Imagem VII), cobrem quatro figuras humanas: o busto de um homem de tez escura, cabelos, barba e bigode brancos, testa com algumas ondulações, olhar fixo, o peito desnudo permite a visão de sua musculatura parcialmente coberta com um tecido de cor branca; o busto uma mulher posta ao seu lado tem a cabeça envolvida com um tecido branco, pele escura e veste uma blusa de tons esverdeado

(Imagem VIII)

À sua frente, uma figura masculina de cabelos grisalhos e um rosto com muitas ondulações; ao seu lado esquerdo, a representação de um busto de criança desnuda e de pele escura. Todos olham fixamente para frente. Compondo o fundo desta representação aparece uma parede de cor ocre e, no centro desta, uma janela que evidencia através do uso da cor branca forte luminosidade que reflete no entorno.

Há a presença de três pessoas cada uma medindo, vestidas em tons de verde. Sobrepostas no ombro à direita do idoso supracitado, há um homem em pé e duas mulheres com seus membros inferiores submersos numa pintura uniforme mesclando variações de branco e azul. Ocupando a parte central da tela, aparece uma criança (Imagem VIII), despida, branca, de cabelos claros. Esta criança segura um tecido vermelho sobre seu ventre. Ela está parcialmente deitada sobre um tecido em forma de rede, apresentando uma textura ondulada. A rede parece integrada a parte da asa de um pássaro branco que está em voo, apresenta. Seguem-se sobre um plano através da técnica esfumato outras seis aves, todas brancas, de tamanhos diferentes, (Imagem IX) projetando voos em direções diversas.

(Imagem IX)

Uma das aves (Imagem IX) é ressaltada em meio às demais (30 x 37), do seu corpo emerge a figura de um prisma (26 x 19) onde aparece um olho (11 x 7). Da figura do olho parte um foco de claridade representado por um risco branco (35 centímetros) em direção ao coração da criança que se encontra deitada e que já foi referida. (Imagem XI)

(Imagem X)

Na parte superior direita da tela em estudo, em meio ao sfumato, ver imagem X, surge uma estrela em cadencia modulada a partir da cor do fundo. Mais abaixo, é percebida uma estátua de nove centímetros de altura por 4,5 de largura. (Imagem XII). Esta estátua é representada sobre um pedestal que é rodeado por três árvores, esta paisagem contrasta com as demais paisagens existentes por apresentar um solo em leves tons de verdes em meio ao esfumaçado ao redor, obtido pelo efeito do branco com algumas tonalidades de azul. Projetado e mais ao canto superior tem-se um círculo de 20 centímetros de diâmetro, com representações que o dividem ao meio, aparecendo na parte inferior uma paisagem pintada em azul cobalto, com pinceladas em tons de cinza, branco, verde, amarelo e marrom; na parte de cima, predomina o amarelo, sendo que o formato esférico se desmancha na sua extremidade superior com o surgimento de uma profusão de tons em vermelho, amarelo, laranja e preto projetados através de pinceladas sinuosas, compondo o formato de labaredas.

Cumprida a análise no que se refere ao aspecto formal, necessário se faz percorrer o segundo elemento da triangulação: o semântico, para este estudo, torna-se necessária uma digressão em que se registra um breve histórico da cidade de Juazeiro do Norte – CE, lócus da produção em análise, pois como elucida ANDRADE (2010, p.522)

Ao se analisar um quadro uma pintura moderna não se busca as associações iconográficas, mas as mudanças na composição ou nos sistemas de representação.O significado simbólico é fundamental para a interpretação de obras artísticas desde que se considere a historicidade dos mesmos. Uma obra artística é também uma
comunicação por símbolos, mas não deve se reduz a ela. Os mesmos símbolos podem assumir significados diferentes em decorrência de uma complexa rede de associações capazes de serem construídas na disposição dos elementos formais de uma obra de arte. Desta forma, observa-se a não obrigatoriedade do conhecimento contextual, mais se de posse deste, maior propriedade no percurso.

Juazeiro do Norte está situada no Sul do Ceará, ocupando área de 248 km² com população de quase 300 mil habitantes. A cidade tem na figura do Padre Cícero Romão Batista um marco na construção da religiosidade, da cultura do seu povo e acontecimentos políticos do Cariri. Quando o sacerdote chegou, em abril de 1872, cavalgando num jumento, era apenas um arraial com algumas poucas casas de tijolos e uma rústica capela. Graças a ele,

Juazeiro é considerado um dos maiores centros de religiosidade popular da América Latina, atraindo 1,5 milhão de fiéis por ano os quais vêm reverenciar Nossa Senhora das Dores e Padre Cícero que introduziu uma política de fé, amor e trabalho, tornando-se um mito para o povo nordestino. Nas romarias, a cidade se transforma em um centro de devoção com missas, bênçãos, procissões, novenas, peregrinações e visitações, além de extraordinário mercado de artesanato regional e artigos religiosos[184]. O crescimento na área do comércio, da indústria, dos labores, do turismo, e por último, da educação favoreceram a formação região metropolitana do cariri a partir da conurbação entre os municípios de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, somando-se a eles, foram incluídas as cidades limítrofes situadas no Cariri cearense: Caririaçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri. Tem como área de influência a região sul do Ceará e a região da divisa entre o Ceará e os estados de Pernambuco, Paraíba e Piauí. Tal região foi criada por uma Lei Complementar Estadual nº 78 sancionada em 29 de junho de 2009.

Estabelecido o espaço, há a necessidade de melhor conhecer o autor da obra em estudo para compreender sua cosmovisão e assim melhor significá-la. Massaki (Luís) Karimai (1947) é filho de japoneses que se estabeleceram em Lavínia-SP, foi um artista plástico que na década de 70, fez uma passagem pela Terra do Padre Cícero buscando dados, fotos e depoimentos visando concluir pesquisa para um estudo sociológico do curso de fazia na USP. Já tinha experiência com desenho no sudeste brasileiro, mas foi aqui, no Cariri, que sua arte ganhou o poder de todo o seu potencial, seja nas cores em equilíbrio do laranja, ocre e verde que predominam nos seus trabalhos, nas paisagens do Cariri, seja na singular fase da pintura cearense em que traz para a sua obra elementos vinculados à profunda atmosfera mística/sincrética que se desenvolveu não apenas na cidade, na região do Cariri, como em todo o nordeste brasileiro em decorrência da vida e obra do padre Cícero Romão Batista e do ciclo de romarias que se desencadeou, consolidando uma face inédita do catolicismo. Karimai representa o Cariri que se deixa por ele representar. Grande parte dos artistas regionais fez laboratório em seu ateliê. O mestre ensinava e aprendia. Seus trabalhos já ganharam o mundo em exposições individuais, coletivas e por aquisições de colecionadores. Luiz Karimai é uma

[184] Informações retiradas na integra de http://www.juazeiro.ce.gov.br/Cidade/Historia/

espécie de missionário quando fala de terra, de ser humano e transcendência. Veio a óbito em agosto de 2010[185].

Digressão feita, olhada de maneira superficial, observa-se que a tela em estudo é facilmente identificada por todos os que habitam e/ou conhecem a cidade de Juazeiro do Norte – CE; remete-se a um dos acessos (o mais visitado pelos romeiros) que leva ao topo de um serrote onde fica localizada a estátua do Pe. Cícero Romão Batista: o Horto, espaço de visitação religiosa, promotor de quatro grandes romarias por ano, que ao pagar promessas, visitar o museu de cera ou entregar objetos de ex-votos, torna-se o ápice da religiosidade local. É também fonte de renda e sustentabilidade para muitos que vivem na informalidade, tornando-se assim forte polo comercial.

A pintura é nítida ao representar o Horto, pois mostra a sinuosidade do caminho, o percurso íngreme que leva ao topo e, como se isso já não fosse suficiente, há uma estátua na extremidade direita superior da tela que, seguramente, é a representação do Padre Cícero. O amontoado de casas (diminutas) e sem planejamento arquitetônico/paisagístico, calçadas em desalinho e com batentes intransponíveis confluem para a caracterização de um espaço que cresce vertiginosamente, dado o grande influxo de fieis, aventureiros, turistas, comerciantes, desempregados e retirantes que veem na Juazeiro a terra prometida[186]. A tela retrata, certamente, a subida do Horto, mas não é só isso.

Partindo da premissa que a arte existe porque a vida não basta, percebe-se que a tela em foco, vista com mais atenção apresenta uma profusão de elementos que ultrapassam o de todo dia para eclodir uma profusão de informações simbólicas que além de representarem um ambiente místico/sincrético do Juazeiro, representam o olhar do artista e de sua cosmogonia frente a este universo.

O primeiro aspecto a ser observado é que não se pode falar em paisagem única; há várias perspectivas sobrepostas com no mínimo dez elementos de narratividade, que ideologicamente se relacionam. Para fins metodológicos, segue-se aqui, o mesmo critério do aspecto formal: da parte esquerda para a direita e da inferior para superior.

A primeira figura representada é de um busto de um homem, de meia idade enfatizada pela tonalidade dos fios brancos no bigode e nas sobrancelhas, sertanejo de pele gretada pelo

[185] Discurso elaborado a partir de recortes de jornais e informações fornecidas pelo acervo familiar do artista.
[186] Gênese, 12:01 Momento em Deus aparece a Abraão e fala de uma terra em que existe leite e mel, simbologia a abastança em que se supre as necessidades de alimentação.

sol, seu chapéu, amarrotado pelo excessivo uso traz a proteção para a claridade e a irradiação solar, mas conota a falta de posses e a origem humilde de seu dono. Olhar fixo e expressões faciais refletem firmeza e determinação, atributos essenciais àqueles que enfrentam a dureza da seca, da peleja do rebanho e a incessante briga pela sobrevivência. Suas vestes se misturam ao solo numa imagem de fusão do sujeito no objeto. Às suas costas, uma fileira de três casas humildes, meia-água de porta/janela, todas escancaradas donde se pode inferir: nada há para ser trancado, guardado; bem como por ser abrigo de pessoas de outras paragens, que arrancadas do seu nascedouro, necessitam do entrelaçamento com outras pessoas a fim de suportar a solidão que lhes é imposta e estabelecerem laços com os que os rodeiam e poder, enfim, ser dentro da multidão. Numa das portas, um homem sai para a rua, em outra casa uma mulher se debruça na janela pra observar a rua; à sua frente, uma senhora descalça conduzindo dois recipientes, um no quadril e o outro na cabeça: representam o trabalho.

Trabalho que é também representado nas três mulheres que se alojam no meio da rua, sentada nas pedras, próximo ao que pode ser um lago ou um braço de um rio. Próximas uma das outras, essas três mulheres não estabelecem o dialogo, ocupadas que estão em seus afazeres: lavam roupas. Um varal estendido e a grande quantidade de roupas no quaradouro enfatizam o trabalho excessivo e as condições sub-humanas do ser, é o lavar a roupa no coletivo, é a falta de privacidade e é a inexistência da individualidade nesta vida de Sertão.

Desviando um pouco mais o olhar para a direita, surge outro elemento: a família de retirantes, representada por uma mulher de costas que carrega um filho preso ao quadril e uma trouxa na cabeça. Em travessia, esta mulher tem os pés parcialmente submersos na água anteriormente citada. A criança nos seus braços tem a cabeça protegida por um pano e deixa perceber, na expressão de seu corpo curvado e olhos fechados, o cansaço pela exposição ao sol e pela distancia possivelmente percorrida. Um pouco mais a frente e em profundidade, um homem em movimento transportando uma tabuleta de madeira que pode ser compreendida como um tabuleiro para expor mercadorias. É o vendedor livre, é o mascate ambulante, tão presente no comercio local. Crianças brincam no meio da rua sugerindo pouco trânsito de veículos motorizados, pessoas se alojam nas calçadas e soleiras de portas. A visão do caminho é interrompida pela tortuosidade e aclive do percurso, tortuosas são as decisões a serem tomadas, tortuosos também são os motivos que incitam o homem em busca de uma vida digna ou à procura de algo que ressignifique a sua existência? O caminho em ascensão é interditado,

a copa das árvores em profusão de cores, em predomínio do vermelho sugere a fogueira a ser enfrentada pela dificuldade da subida, como também alude ao calor de 40ºC que é uma constante no semiárido nordestino. Interrompidas são as vidas severinas [187]. Mais a frente, em tonalidade solar, o telhado de casas sugere uma jornada a ser retomada.

Em meio a esse cenário, surgem peixes sobre a água e no solo, peixes em estado fóssil; é a própria representação da grande quantidade de riquezas paleontológicas existentes na Bacia Sedimentar do Araripe. Na extrema direita inferior da tela, existe uma mulher parada na calçada que segura duas crianças, uma em cada mão. É ainda a representação do trabalho, pois às suas costas, aparecem uma mesa e um banco expondo frutas, em meio as frutas da mesa, uma tábua (figura retangular) com os preços do que é vendido; é a informalidade comercial, elemento fundamental no Juazeiro do Pe. Cícero. Embora esteja em posição contrita, parada segurando as crianças, com sua porta e janelas fechadas; o toco de uma árvore fincado à frente de sua residência conota que, apesar da contrição, sua essência também é mergulhada nesta panaceia. É o chão de terra batida, é o aglomerado de pedras soltas.

Alusão ao poema de João Cabral de Melo Neto Morte Vida Severina, em que o retirante sai do sertão em direção ao agreste, em busca de melhorias de vida, ao final, independente de geografias e situações climáticas, a vida de sofrimento, escassez e violência permanece.

Este lado da tela, em contraste ao já citado, apresenta casas com portas cerradas. O fato das crianças estarem seguras também contrasta com as que brincam na rua. Contraste também existe na figura do cachorro, languidamente deitado, sem se incomodar com o possível barulho feito pelos transeuntes. Na parte superior da tela, uma nova cena, uma família de caboclos alocados em uma sala de visitas, todos com o olhar fixo em uma mesma direção, sugerindo um momento de contrição - renovação[188]. O homem tem o peito à mostra e se encontra parcialmente coberto por uma túnica branca. Sua testa franzida, alguns relevos na face e os fios do cabelo e da barba brancos sugerem uma certa idade; a mulher ao seu lado,

[187] Alusão ao poema de João Cabral de Melo Neto Morte Vida Severina, em que o retirante sai do sertão em direção ao agreste, em busca de melhorias de vida, ao final, independente de geografias e situações climáticas, a vida de sofrimento, escassez e violência permanece.

[188] Momento religioso muito específico do Cariri; reunião anual com data certa em que a família "renova" seus votos aos Sagrado Coração de Jesus e Coração de Maria, solicitando fé, união, saúde e devoção; reunião festiva, toda a comunidade participa convidada que é com a solta de folguedos para rezar e deliciar-se com comidas típicas (aluá, sequilhos, bolo de mandioca puba e milho, etc...). Toda a festividade ocorre na sala da frente (visitas) pois que o lugar do Santo é privilegiado: localiza-se em frente a porta principal de entrada à casa.

embora dentro de casa, tem a cabeça coberta por um pano branco e os braços postos à altura do ventre em sinal de oração. À sua frente um velho cujo rosto marcado pelo tempo deixa transparecer no seu semblante toda uma desesperança de uma vida que se esvai sem muitas alegrias para elencar, do seu coração, porém, emerge um foco de luminosidade. Por fim uma criança de dorso nu, desconfiada com expressão triste.

À altura do ombro do ancião supracitado, uma nova historia: a representação de uma pequena queda d'água onde três figuras (um homem e duas mulheres parcialmente submersas) simbolizam, por suas vestes, o grupo de beatos aqui existentes que devido ao fanatismo religioso criam enredos de águas que curam, ressuscitam e purificam/expurgam pecados.

No centro superior da tela, sete pombos que simbolizam os sete dias da criação; sete, são os dias da semana, sete são as gotas de sangue doadas para aplacar a ira dos demônios e sete é cabalístico. Voando em direções diversas estes pombos estão em ambiente estéreo de luminosidade: no céu. Pombo branco é a imagem invocada quando apostolo Paulo teve a visão do espírito santo[189]; e o pombo é a paz. A paz se encontra no transcendente de uma vida melhor. O pombo maior. que está localizado no centro da tela tem o seu corpo fundido a um prisma e no meio deste existe um imenso olho que despeja um foco de luz no coração de uma criança que se encontra deitada em uma rede que é carregada por um outro pombo: é a própria representação do espírito santo que se transforma em menino Deus que veio ao mundo para remir o povo de seus pecados. É a simbologia da Santíssima Trindade (Pai – que está no céu "o olho", Filho – que veio à terra "a criança" e Espírito Santo – que habita no ser "o foco de luz". Mais acima, uma estrela cadente a iluminar este espaço de manifestação do sagrado. É importante observar que em todas as cenas citadas predomina a tonalidade do ocre que tão bem simboliza o Sertão ressequido. Todas as personagens aqui retratadas são de pele escura aludindo ao caboclo nordestino e tem a cabeça protegida do sol escaldante. A única exceção é a criança que se encontra em outro plano, a da rede: ela é branca e de cabelos loiros, pode-se estabelecer uma certa distancia de cor, sugerindo um tradição herdada de outros povos e outras culturas.

[189] Mateus 3: 13 a 17 – O Batismo de Jesus Cristo: E sendo Jesus batizado saiu logo da água e eis que lhe abriram o céu e viu o Espírito Santo de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele.(3:16)

Por fim, no alto no meio das nuvens o Pe. Cícero rodeado de árvores verdejantes; à sua frente e em maior proporção um sol? Metade luz e fogo, a outra metade terra e mar? O globo, a formação da terra, a terra prometida; e o Sertão vira mar[190]. Atribuir significações, é reconhecer que a intuição sintética deve ser superada por temas da história dos sintomas culturais, assim esclarece PANOSFKI (2004, p. 63)

Estabelecidas as análises de cunho semântico, registra-se agora o aspecto social, ou no dizer de ANDRADE (2010, p.523):

> Mas qual a razão de tantos artistas representarem o mesmo tema? A questão fundamental para esses artistas era produzir uma "nova configuração" ou "nova visualidade". Apenas justificava a feitura de uma nova obra se a mesma fosse detentora de uma nova interpretação que seria resultado da mudança formal. Para tanto, o artista terá que criar um novo sistema de representação considerando as cores, a disposição dos elementos da cena. O que é necessário entender é por qual razão o artista escolhe propor uma nova interpretação de um tema já representado por outros artistas? Tal pergunta deve ser realizada considerando os aspectos culturais de uma determinada época.

E para responder a tal questionamento vale mostrar que Karimai não pertencendo ao espaço aqui representado (visão de fora) o registra recriando histórias e motivando uma considerável margem de interpretações sobre a arte enquanto experiência do cotidiano e desnudamento da natureza precária do homem, que ausente de afetos, mergulha ávido Mito que povoa a crença popular em que se fala que o sertão já foi e voltará a ser mar, é uma mistura de conhecimento geológico, tem pedra que rola, etc...nas confluências da vida, operando perdas em suas escolhas. Recuperar a perda é possível através da Arte, ou da experiência comum, pois como mostra PANOSFKI (2004, p. 23): O homem é, na verdade, o único animal que deixa registros atrás de si, pois é o único animal cujos produtos "chamam à mente" uma idéia que se distingue da existência material destes. Para representar este cotidiano, este registro tão inerente ao homem, surge A GÊNESE DO CARIRI – aquilo de que é formado - que bem reflete a dualidade ou paradoxo que é ser humano; a tela mostra O da terra, O profano, O material, O físico (trabalho, comercio, mudança, reza, ladeira e toco) e O do céu, O sagrado, O imaterial, O espiritual (nuvens, figuras canonizadas, Jesus menino, pombos brancos, sol, estrela e foco de luz) – os dois caminhos podem ser percorridos – resta ao homem encontrar o equilíbrio.

[190] Mito que povoa a crença popular em que se fala que o sertão já foi e voltará a ser mar, é uma mistura de conhecimento geológico, tem pedra que rola, etc...

Equilíbrio encontrado no artista em foco, pois, percebe-se que, na tela em estudo, há a junção do real/imaginário/sincrético/suprarreal; há vários planos dentro de um mesmo panorama, através de suas pinceladas ele aproxima e funde várias narrativas – que embora livres, quando vistas isoladamente (microcosmos) elas falam por si e apresentam uma linearidade plena – dentro e interligadas forma/semântica/socialmente – macrocosmo. Esta fusão/liberdade/dissolução/interdependência não permite ao espectador olhar fixo para um ponto e não há um objeto (narrativa) de centralidade, pode-se discorrer de qualquer ponto sem que haja interferência para a análise. Há circularidade na composição, fato que possibilita uma interpretação polissêmica em que qualquer um dos elementos pode ser utilizado como ponto de partida. A grandeza da tela e da Arte em geral é que elas revelam um conceito (uma ladeira de acesso a um espaço religioso) diferente do conceito imposto pela realidade objetiva. A força da arte consiste no fato de que o artista não aceita cegamente, mas questiona a verdade dos valores impostos pela sociedade.

Referências

ANDRADE, Rodrigo Vivas. **Por uma história da arte em Belo Horizonte:** artistas, exposições e salões de arte. Belo Horizonte: C/Arte, 2012

ANDRADE, Rodrigo Vivas. A historia da Arte no Brasil: aspectos da constituição da disciplina e considerações teórico-metodológicas. **Anais do III Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual:** reinvenção do humano – Anais – 09-11/jun/2010, PP. 513/525

BÍBLIA Online. WWW.bibliaonline.com.br/

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais.** São Paulo: Perspectiva, 1976.

WÖLFFLIN, Henrich. **A arte clássica.** Tradução Marion Fleicher. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

REPRESENTAÇÕES DO PADRE CÍCERO NOS CÂNTICOS DE RENOVAÇÃO

Ana Luzia Lucas de Almeira[191]

Introdução

Tendo em vista o fato de que os sujeitos se constituem através de processos de objetivação (FOUCAULT, 1995, p.231) e, portanto, de identificações discursivas, discutimos como estes se configuram na Renovação e como o sujeito Padre Cícero é construído/constituído nesse ritual. No limite entre os domínios simbólicos da linguagem, no evento religioso, que comporta a poesia oral, a performance engloba um universo de dizeres passíveis de serem "lidos" mediante procedimentos analíticos adequados.

Considerados gêneros discursivos orais, os cânticos tipificam práticas que estruturam e caracterizam a cultura. Dessa forma, procuramos compreender como essas vozes articulam e veiculam os discursos que constituem o Padre Cícero como referência da religiosidade no Cariri. Para tanto, dispomos de gravações e da observação das renovações como eventos que abordam os cânticos como ato de fé e louvação aos santos.

Oralidade: o conhecimento compartilhado

É inegável o papel determinante da oralidade no processo de estruturação cultural. Como forma primeira de manifestação da linguagem, ela introduz o homem nesse universo simbólico, onde a língua é um espaço de atuação e instrumento de interação social. É, pois, neste ambiente que o indivíduo se constitui como sujeito e atua como tal, compartilhando conhecimentos e desempenhando atividades que caracterizam e dão sentido ao grupo social no qual ele se encontra.

Levando em consideração a prioridade dada à escrita pelos estudos tradicionais, Paul Zumthor (2010) reivindica o papel da oralidade como uma forma de propagação de conhecimentos e, também, como um elemento de organização cultural. Fator primordial neste processo, a voz atribui à linguagem o estatuto de símbolo e se torna manifestação viva da

[191] Graduada em letras e aluna do curso de especialização em Língua Portuguesa e Arte-Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA). Integrante do Grupo de Estudos em Discurso, Cultura e Identidades (DISCULTI). E-mail: analuzia8@hotmail.com.

memória cultural de um povo. Como um elemento de exteriorização, ultrapassa os domínios da palavra para se tornar presença. Isto, porque ela exige a participação de um corpo que atua numa determinada situação e num contexto social específico.

A palavra, considerada como tal a partir da mediação fônica, além de tornar-se lugar de identificação de sujeitos, também é instrumento de conservação, já que nela o conhecimento e a memória coletiva se enraízam. Paul Zumthor a ela se refere em termos de oralidade, à qual o autor prefere denominar "vocalidade". A voz se constitui como um elemento que precede todo simbolismo, pois ela se apresenta como forma legítima de significação. "A voz é palavra sem palavras, depurada, fio vocal que fragilmente nos liga ao único" (ZUMTHOR, 2010, p. 12). É dela que emana todo discurso, incorporando-os e fazendo da enunciação um ato simbólico.

Na voz a palavra também se constitui Verbo. Verbo criador e que, para alguns grupos, legitima o direito de aproximação do homem com as forças superiores. "A tradição cristã, para quem o Cristo é verbo, valoriza a palavra" (ZUMTHOR, 2010, p. 15). É através dela que o Outro se manifesta; e é na dimensão da linguagem que a relação homem x sagrado se efetiva. Como exemplo da importância da linguagem, materializada na voz, para a legitimação dessa relação, vejamos a citação litúrgica: "Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma só palavra e serei salvo!" (grifos nossos), (MONTORO, 2013, P. 19). Na missa, são essas as palavras emitidas pelos católicos que respondem "a uma só voz".

Nessa correlação, onde a Voz é Palavra e a Palavra é Verbo, uma autoridade se funda na emanação dos dizeres. Esta é carregada de um valor simbólico, pois os indivíduos se apropriam dos discursos que permeiam toda extensão vocal. São estes que permitem uma identificação como sujeitos, já que se constituem no jogo das relações discursivas.

É certo que há no processo de transmissão oral uma dimensão social à qual a voz atinge. Esta, atravessada ideologicamente, interpela o sujeito, incorporando-o num lugar que se materializa na língua: o discurso (ORLANDI, 2012, p.17). Nele transitam as ideologias que justificam e orientam as relações sociais. É nesse espaço onde os sujeitos atuam e desempenham suas atividades, visto que é na coletividade que a palavra é percebida como signo. Os sentidos são construídos socialmente, e é o grupo que produz e conserva seus valores.

Segundo Zumthor (2007, p.85), "a linguagem humana se liga, com efeito, à voz". Ao elemento fônico são atribuídos valores que são construídos historicamente no processo de interação social. Na vivência em grupo, as relações se estabelecem na e por meio da voz. As atividades cotidianas se caracterizam pela sua presença. Lembremo-nos dos vaqueiros que a utilizam como uma maneira de conduzir o rebanho. A repetição de algumas vogais intercaladas ("ê, boi, ê") e entoadas num ritmo lento configura, além de um ritual, uma estratégia de trabalho. Aqui, percebemos sua característica de palavra, considerada em termos de "vocalidade", significando enquanto tal pelo fato de fazer sentido para aqueles que a utilizam.

Como percebemos, há, necessariamente, uma dimensão social no tratamento da oralidade. Como um espaço de interação, ela suscita a presença do outro e, como um instrumento de poder, ela tenta persuadir este outro e afirmar-se como verdade. Não é à toa que as pessoas "dão suas palavras" para tornar legítimos os seus propósitos. Aqui, elas são tomadas mediante sua realização fônica.

Talvez seja difícil, mas não impossível, encontrarmos um sistema de organização social que ainda não tenha sofrido as influências da escrita; assim como pressupomos que, para diversas sociedades, a oralidade tenha sido a forma primeira de contato com o mundo simbólico, lugar onde se organizam várias formas de linguagem. No mais, concordamos que, apesar do predomínio da cultura escrita, a oralidade se impõe para alguns grupos como mecanismo de conservação e afirmação de valores.

A voz é portadora de um saber que se estrutura mediante o convívio e interação social. Além de comportar o conhecimento acumulado através do percurso histórico, trilhado pela comunidade, é através dela que esse conhecimento é transmitido e reinventado na dinâmica das trocas simbólicas ocorridas neste espaço discursivo.

Poesia oral: performance, movência e função

A poesia oral, segundo Paul Zumthor (2010, p.33), é um dos modos como uma sociedade pronuncia seus discursos com o intuito de perpetuar-se. Estes, munidos de ideologia, e caracterizados historicamente como espaço de interação, sugerem "processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc."

(ORLANDI, 2012, p.21). Adquirindo um caráter funcional, a poesia, utilizando o que o autor chama de "palavra viva", isto é, aquela que é considerada a partir de sua realização fônica, procura conquistar o interlocutor e conferir-lhe o papel de sujeito. Ao passo que torna essa relação dinâmica, ela também age para a conservação da memória cultural do grupo.

As variedades do discurso na poesia oral correspondem ao que chamamos de "gêneros discursivos". Considerados fenômenos estruturadores da cultura, eles tipificam práticas sociais que se caracterizam pelo objetivo da atividade. São "um conjunto de enunciados mais ou menos marcados pela especificidade de um contexto de enunciação, onde dada atividade humana recorrente está em andamento em um contexto de cultura" (BAKHTIN apud MOTTA-ROTH, 2002, p.156).

No texto poético oral há uma variedade das marcas semânticas que caracterizam e atestam sua recorrência. Essas marcas, que identificam o gênero, são definidas, principalmente, pela situação. Aqui, além da voz, outros elementos trabalham na estruturação dos sentidos. O corpo também fala, sugere e, ao mesmo tempo, é anunciado. Os gestos reforçam aquilo que da voz emana. Transmissão e recepção constituem as bases da poesia oral. Já que atentamos para um tipo de poesia que exige envolvimento coletivo, as relações que se dão no seio de uma conjuntura social são representadas por sujeitos que apresentam certo grau de identidade com o grupo e as crenças que regulam e justificam sua atuação nesse espaço de interação.

A recorrência é uma das características da poesia oral. Como esta trabalha no sentido de reafirmar valores, a primeira se torna uma espécie de dialogismo, onde um discurso anterior é reinaugurado e os valores, antes estabelecidos, são postos em questão no momento de sua emanação. Isto, não no sentido de contradizer aquilo que já foi dito, mas no intuito de manter o fio condutor que atualiza sua força e função. Nesse sentido, a poesia oral se destina a ocupar um espaço e a dar sentido à vida em comunidade.

Como uma característica principal e fator constitutivo da poesia oral, a performance confere-lhe uma dualidade fundamental: ela atualiza as formas de manifestação dos discursos, ao passo em que caracteriza seu espaço de atuação. Além da voz, outros fatores contribuem tanto para a produção como para a recepção da poesia:

> Situada num espaço particular, a que se liga uma relação de ordem genética e mimética, a performance projeta a obra poética num cenário. Nada, do que faz a especificidade da poesia oral, é concebível de outro modo, a não ser como parte

> sonora de um conjunto significante, em que entram cores, odores, formas móveis e imóveis, animadas e inertes; e, de modo complementar, como parte auditiva de um conjunto sensorial em que a visão, o olfato, o tato são igualmente componentes (grifos do autor). (ZUMTHOR, 2010, p.174)

A performance traz para o cenário onde se estabelecem as relações mediadas pela linguagem sujeitos desempenhando atividades e demarcando um espaço social que envolve uma trama de valores e crenças sustentadas pelo grupo. Portanto, ela se concretiza a partir de um acordo coletivo. Atuando na zona do poético, se torna representação de um tipo de atividade que regulariza as relações e atua para a manutenção da norma social estabelecida pelo grupo.

Um gênero caracteriza-se pela função que ele exerce na comunidade. A poesia oral se torna funcional a partir da sua utilização e relevância no seio de determinada estrutura social. Um conceito bastante aplicável à sua definição é o de movência (ZUMTHOR, 2010). Se por um lado, a performance reestabelece o sentido que se manifesta por meio da voz, atualizando-o; por outro, dependendo das variações espaço-temporais, há uma modificação da função social do texto.

Ainda sobre o caráter movente da poesia oral, destacamos um termo bastante utilizado neste trabalho e que constitui o problema chave da pesquisa. Se falamos de organização, de norma e especialmente de interação social, quais os valores a voz, vista enquanto expressão cultural, representa para aqueles que dela se utilizam? Respondendo à questão, dizemos que, entre as variedades do discurso, ela assume significados diferentes que são reconhecidos a partir da situação e do contexto social ao qual pertence.

No que diz respeito à "vocalidade", busca-se reconhecer e afirmar um saber coletivo na relação entre os sujeitos. A cultura reúne e incorpora elementos que a caracterizam e que torna simbólica sua existência. Com isso, atividades são desenvolvidas no sentido de manter e preservar a memória social da comunidade. Maneiras de expressa-la são fundadas, e eventos as reúnem de forma particular.

O canto

> Na poesia se aninha a esperança de que um dia a palavra dirá tudo. O canto exalta essa esperança e emblematicamente a realiza. Isto porque a poesia oral dá à voz sua dimensão absoluta; à linguagem humana, a sua medida máxima.
>
> (Paul Zumthor)

Como subgrupo da poesia oral, o canto, segundo Zumthor (2010, p.202) representa uma modalidade de linguagem que atinge o "maximum da palavra", pois ele exerce uma função determinada pela cultura, dando vitalidade às sociedades. Entre a modalidade dita e a cantada, esta possui uma maior abrangência, pois a música, de forma geral, tende à universalidade. Como em outras modalidades de expressão da linguagem, um ser é levado por ela a agir no mundo. Essa forma de ação revela um jogo, onde produção e recepção novamente se entrecruzam. A performance do texto oral não é reiterável, porém, trabalha para a conservação que se mostra possível, principalmente no canto, através da memorização.

O canto é uma forma de expressão da linguagem que possui um caráter ritual. Para o grupo, ele se torna representação de práticas que são desempenhadas no sentido de afirmar e tornar válido aquilo que alimenta a crença de um povo. Portanto, ele faz parte do conjunto de elementos que constituem a memória local. Nesse sentido, podemos dizer que, ao passo em que a linguagem se liga diretamente à voz, "não se quer somente oralizar a poesia, mas cantá-la" (ZUMTHOR, 2010, p.207).

Dependendo do contexto de cultura, o canto possui uma função peculiar e bastante significativa na vida dos sujeitos. Assim como ele pode expressar uma emoção individual, também representa um sentimento coletivo. Em comunidades onde persistem elementos que consistem na manutenção das relações sociais e das atividades que a elas se ligam, esse sentimento coletivo se expressa de forma tal que os cantos tornam-se determinantes para a ação performática e para a construção dos sentidos manifestados nos rituais onde são entoados.

A renovação

A religiosidade, interpretada como forma de ação do sujeito em relação ao sagrado, manifesta-se em diferentes situações. A maneira como essas manifestações se realizam é determinada por fatores linguísticos, históricos, sociais e ideológicos. O ambiente cultural que dá lugar a essas atividades constitui o principal meio de análise, já que elas estruturam a vida em comunidade. Os sujeitos participantes desses eventos desempenham papeis específicos e determinantes nesse processo.

As renovações são rituais de cunho religioso que representam a confirmação de fé e devoção ao Sagrado Coração de Jesus e ao Sagrado Coração de Maria. São realizadas uma vez ao ano, geralmente numa data comemorativa, em que a família se reúne para receber os parentes e amigos convidados a celebrar este ato de renovação de fé. A data escolhida coincide com fatos significativos ocorridos na vida dos donos da casa onde o ritual é realizado: natal, alcance de alguma graça e, principalmente, aniversário de casamento.

O evento religioso reúne práticas que o caracteriza e dão sentido à vida das pessoas que participam. Há um compromisso por parte dos anfitriões que, desde a recepção até o encerramento, se fazem presentes numa espécie de integração, no acolhimento das pessoas que ali chegam até o momento da culminância. O clímax, isto é, o ato da consagração da família ao Sagrado Coração de Jesus e ao Sagrado Coração de Maria é onde tem início os louvores embalados por cânticos que enfatizam os santos e os aspectos religiosos. Os benditos, assim chamados, comportam um universo de significação.

A renovação é uma prática social que abarca os benditos como manifestação de fé e louvação aos santos. Considerados gêneros discursivos orais, eles representam a confirmação de fé das pessoas que entregam, através do ritual sagrado, sua casa e sua família aos cuidados das entidades religiosas ali cultuadas. Estas possuem um lugar de destaque no que se costuma chamar de "sala do santo", considerado o local principal da casa pelos sujeitos religiosos. Toda uma preparação é feita para o momento culminante do ritual. A casa, isto é, o espaço sagrado onde se realiza o festejo, também é renovado junto com a fé das pessoas que ali habitam.

Como uma expressão da religiosidade dita popular, a ideia que se tem é de uma atividade repetitiva e ao mesmo tempo cristalizadora. É admissível dizer que a renovação conserva elementos de um passado, cujo contexto cultural e histórico direciona de forma efetiva a vida das pessoas que participam dessa manifestação. Porém, dizer que não acontecem mudanças é no mínimo ingênuo, pois como uma expressão da cultura, ao mesmo tempo em que conserva, ela substitui e incorpora novos elementos, sendo estes, justificados pela dinâmica temporal pela qual passa a sociedade, afinal, "cada sistema cultural está sempre em mudança" (LARAIA, 2011, p.101).

O ritual, que tem sua origem vinculada à instituição católica, foi uma iniciativa da igreja para a preservação dos seus dogmas e para reverter o catolicismo popular, que se

constituía às margens de sua dominação. No sentido de tornar unívocos os elementos da fé, a imagem do sagrado coração de Jesus foi apresentada como o único símbolo a ser adorado pelo povo (FIGUEIREDO, 2002, p. 133). Entretanto, no nordeste brasileiro, a devoção, que inicialmente se restringiu as atividades eclesiásticas, assumiu novos significados através da atuação do Padre Cícero Romão Batista, fundador do Juazeiro e considerado santo pelos seus seguidores.

O Padre Cícero é uma das figuras mais representativas da religiosidade popular que configura a experiência de fé de muitos nordestinos; é o pilar de uma cidade edificada sob a confluência de aspectos históricos, políticos, sociais e religiosos. O fato social total, a que se refere Cordeiro (2011, p.89), corresponde à formação do Juazeiro, descrito nas narrativas locais, como uma cidade santa e fértil, atrelada a questões de ordem política e social, a valores religiosos e a símbolos que contribuem para a organização social ligada à manutenção de práticas que vivificam o padre na memória do povo devoto.

O festejo familiar reconhece na figura histórica do Padre um incentivo à luta diária das pessoas que, apegadas ao santo, depositam sua crença e devoção para superar os desafios e fornecer à família o alimento espiritual para persistir no caminho da fé. Se o objetivo inicial era interferir na crença do povo e destituir seus deuses, na Consagração ao sagrado coração de Jesus ao Padre Cícero as pessoas entoam cantos ressaltando seu valor e patriarcado. Segundo Figueiredo (2002):

> Cada família a partir de então passa a calendarizar mais um dia de rememoração, de lembrança e de invocação ao Santo da igreja e aos santos de sua devoção. Renovando a consagração da família à imagem do Coração de Jesus, renovam-se as esperanças no futuro da família, renovam-se os laços entre os vivos e entre os mortos: a renovação é um rito sacrifical e festivo cuja liturgia ocorre no seio da família, sai dela como invocação e volta para ela como redenção. Ao se encontrar consigo mesma, a família se sente com potência para continuar a vida (FIGUEIREDO, 2002, p.133).

No âmbito da religiosidade popular, a renovação faz parte do inventário das práticas que caracterizam esse universo constituído através da resistência do povo aos dogmas sustentados pelo catolicismo. Nesse sentido, os valores cultuados neste complexo espaço de atuação social, que desenvolve meios de uma aproximação mais direta com o sagrado, se ligam a nove traços característicos da sua constituição: o mágico, o intuitivo, o simbólico, o imaginativo, o místico, o festivo, o teatral, o comunitário, e o político (MALDONADO, 1986, p.402-403).

O mágico e o intuitivo se ligam ao próprio objetivo do evento religioso. Os sujeitos desempenham atividades, se ajoelham, rezam, entoam cânticos. Tudo isso, no sentido de estabelecer ou manter-se em contato direto com as forças superiores, que, segundo os cristãos, de uma forma sensitiva, atuam na vida das pessoas, protegendo seu lar e sua família.

O simbólico e o imaginativo dizem respeito não só ao ritual em geral, mas a todos os elementos que a ele se ligam, materiais ou não, incluindo também a própria linguagem que se sustenta por meio da voz e que se configura o lugar do discurso por excelência. O místico também povoa esse cenário, pois a "forte carga emotiva" (MALDONADO, 1986, p.402) com que os fiéis cultuam as divindades expressa sua fé e desejo de bênçãos e proteção.

O festivo e o teatral se apresentam no evento como um todo. O alimento oferecido ao Santo e que as pessoas comem, a preparação do ritual, o espaço, os cantos, os fogos, as palmas, a presença dos zabumbeiros nas renovações mais tradicionais e o acompanhamento de instrumentos como o violão e o teclado, como elementos inovadores, caracterizam o caráter festivo e são considerados elementos performáticos de atuação dos sujeitos participantes.

No ambiente familiar, onde a festa se organiza, a comunidade também é convidada a celebrar, junto à família, a alegria de participar desse evento sagrado e renovador. Essa confraternização, que se revela no contexto do grupo, é o aspecto comunitário da festa.

O caráter político, segundo Maldonado (1986, p. 403) refere-se ao fato de a religiosidade influenciar na manutenção de uma consciência de povo. Na renovação, isto se configura pelo considerável distanciamento da igreja, como instituição, desta prática religiosa que, salvo exceções, é executada por pessoas da própria comunidade.

O Padre Cícero nos cânticos de renovação

Para Foucault, o sujeito não existe a priori, nem sua origem, nem sua suposta essência imanentista. Não há, pois, nenhum tipo de essência identitária per si. A identidade do sujeito é uma construção histórica, temporal, datada e mutável. O sujeito, para este autor, é disperso, descontínuo, é uma função neutra, vazia, podendo adquirir diversas posições. Nesse sentido, não é o sujeito que "fala", que se diz, ele é construído/constituído nesta teia ininterrupta, na

relação intrínseca entre os dizeres/poderes/saberes. “Somos seres de linguagem e não seres que possuem linguagem” (FOUCAULT, 2000, p. 20 a 21).

É, portanto, “pelas vias sinuosas da cultura popular” (GRANGEIRO, 2002, p.125), que a renovação, como suporte de um discurso religioso, evidencia os traços de um simbolismo fundante e recorrente. Assim como o cenário e os gestos (a atuação dos sujeitos), a linguagem em sua transmissão oral comporta esse simbolismo representado em performance. É, pois, nos cânticos de renovação que analisamos a construção discursiva do sujeito Padre Cícero no cenário religioso do Cariri.

Salve meu Padinho Cícero
Lá em seu trono de glória
No céu está resplandecente
Junto com Nossa Senhora.
Meu Padinho a nossas vozes
Entoando os seus louvores
Rogai por nós lá no céu
E a santa virgem Dasdores.
Lembrai-vos meu Padinho Cícero
Que somos vossos romeiro
Abençoai nossa terra
Nosso santo Juazeiro.

O termo “padinho”, variação de “padrinho”, na norma não-padrão da língua portuguesa brasileira, utilizada em geral, pelas camadas mais pobres da população, na tradição cristã refere-se ao “pai espiritual”. No batismo, tem como obrigação auxiliar os pais da criança, na sua educação religiosa. O padrinho é o “segundo pai”, aquele que cuida, que zela, que protege. Portanto, a interjeição “salve”, indicativa de saudação respeitosa, associada ao termo “padinho” indicam um sujeito religioso humilde, que se coloca na posição de “afilhado” de padre, aquele que “abençoa”. No entanto, não se trata de um padrinho qualquer. A expressão “no seu trono de glória” constrói um espaço sagrado, de júbilo, no plano espiritual. A presença da expressão “rogai por nós”, indicativa de exortação, súplica, apelo, elementos característicos das orações e preces, gênero recorrente no discurso religioso, também expressam a construção do sujeito santificado, à medida que também é capaz, de lá do espaço sagrado celestial, abençoar o também espaço sagrado, desta vez temporal, terrestre: nosso “santo” Juazeiro. Esses gêneros constituem atividades através das quais os sujeitos se direcionam aos elementos icônicos dos seus símbolos sagrados para expressar sua fé e pedir as bênçãos consideradas necessárias para conduzir suas vidas. O cântico também faz

referência a Nossa Senhora das Dores, outro símbolo marcante da religiosidade de Juazeiro do Norte.

A imagem do Padre Cícero, representado como santo, é confundida com a de Cristo, pois um dos momentos específicos da renovação é a consagração ao Sagrado Coração de Jesus e ao Sagrado Coração de Maria, representados lado a lado por um quadro posicionado na parede onde o ritual é realizado. No bendito analisado, quem se encontra ao lado de Maria é próprio padre. A ele são cantados louvores exaltando sua glória e santidade. Essa representação se estende ao Juazeiro, que, nos discursos dos sujeitos devotos, é considerado "terra santa", ativando a memória de outros espaços sagrados "a Terra Prometida", a "Jerusalém do sertão".

No texto seguinte essa representação do padre como "padim", conselheiro, intercessor e santo, é mais uma vez aludida:

"Meu Padim Ciço Rumão
Seja nosso advogado
No reino do paraíso
Nós seremo perdoado.
Espere por nós um dia
Quando nós for chamado
Desta vida para outra
Quando nós for encontrado.
Se lembre sempre de nós
Lá em seu trono sagrado
Desta vida para a outra
Nós seremo perdoado.
Ofereço este bendito
A meu Pade Ciço Rumão
Desta vida para a outra
Dê a nossa salvação".

O Padre Cícero exerce, segundo o trecho do bendito : "Seja nosso advogado", a função de intercessor em referência ao julgamento divino, o juízo final cristão, no qual, o Sujeito-Mor do discurso religioso, o Pai celestial, o "Deus todo poderoso, criador do céu e da terra (...) há de vir a julgar os vivos e os mortos". Atribui-se, ainda, ao "padim" o poder de perdoar e conceder a salvação aos devotos. Essa imagem, reiterada a cada cântico, é representada nas vozes dos sujeitos participantes do ritual que utilizam suas vozes como elemento de manifestação e veiculação dos discursos que constitui o padre como referência divina.

Ao Padre Cícero mais um cântico é entoado:

Meu padrinho quanta saudade
O senhor deixou entre nós;
Hoje vivo em nossa luta
Dai mais força a nossa voz;
Patriarca do juazeiro
Conselheiro do sertão.

A memória que recobre todo o ritual indica, nesse louvor, o sentimento de saudade dos fiéis. Entoado num ritmo lento, em tom solene, as pessoas lamentam a "morte " do Padre, mas não o representam desta forma: está "vivo em nossa luta" como "padim", patriarca, como conselheiro, como intercessor, como santo. Por isso o canto, pois ele faz ecoar suas vozes. São por elas que as pessoas demonstram sua devoção.

Não só a voz, mas os gestos expressam um sentimento de tristeza pela partida do "padim", que também é santo de devoção. O caráter recorrente da renovação está presente em toda a celebração, porém, no louvor ao "padrinho" evidencia-se em performance uma memória coletiva que persiste no imaginário popular. A referência ao santo se dá pela sua representatividade histórico-social e sua contribuição na propagação do ritual.

Considerações

A poesia oral, representativa do simbolismo com o qual se reveste a linguagem, constitui-se como um meio de atuação discursiva no qual voz, corpo e espaço se relacionam de maneira intrínseca. Conjugados num tempo particular, todos os sentidos se integram, fazendo da performance a dramatização de um discurso que se articula no imaginário popular e direciona efetivamente as relações e práticas sociais.

Nesse sentido, a renovação engloba um conjunto de atividades que são reconhecidas como formas concretas de organização social. Portadora de um discurso religioso que se materializa na voz, além dos gestos e orações, ela utiliza o cântico para evocar esse discurso e atestar seu caráter recorrente.

É nesse contexto que a figura do "padrinho", "padim" Padre Cícero demonstra sua força como advogado, patriarca, intercessor, santo, "vivo na nossa luta", como símbolo aglutinador de um povo, catalizador de identidades, de subjetividades.

A performance do evento reinaugura e atualiza seus valores. O cântico analisados são característico das romarias, período em que devotos se deslocam a Juazeiro, à colina do horto, para expressarem sua fé. Agora, na consagração ao sagrado coração de Jesus, as pessoas expressam essa fé nas casas, no seio da família. Esse novo cenário introduz, de certa forma, também um novo sentido: o de estender o espaço sagrado também ao lar. Romaria também é renovação.

Referências

CORDEIRO, Domingos Sávio. **Narradores do Padre Cícero:** muito mais a contar. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

FIGUEIREDO, José Nilton de. A renovação do Santo: culto, festa e reciprocidade In__ **A Consagração da vida:** Formação das Comunidades de Pequenos agricultores da Chapada do Araripe. Crato: Província, 2002.

FOUCAULT, M. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. O sujeito e o poder. In: Michel Foucault. **Uma trajetória filosófica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. **p**.231 a 249.

_____. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 2000.

GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. **O discurso religioso na literatura de cordel de Juazeiro do Norte.** Crato: A Província edições, 2002.

_____. **Discurso político no folheto de cordel.** São Paulo: Annablume, 2013.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 24ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MALDONADO, Luis. Religiosidade Popular: dimensões níveis e tipos. In_ Religiosidade Popular. **Revista Concilium,** São Paulo: Vozes, 1986.

MONTORO, Clodoaldo (org.). **Deus Conosco dia a dia.** Editora Santuário, Aparecida - SP, ano 12, n.141, Setembro de 2013.

MOTTA-ROTH, Désirée. Questões de metodologia em análise de gêneros. In.__ KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso:** Princípios e procedimentos. 10ª ed, Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. **Performance, recepção, leitura.** Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenererich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GT: 5 IMAGENS E NARRATIVAS NA ELABORAÇÃO SIMBÓLICA DO CARIRI

VIA SACRA NORDESTINA – REPRESENTAÇÕES DO SAGRADO NA XILOGRAVURA DE STÊNIO DINIZ.

Tereza Cândida Alves Diniz[192]

Andanças culturais: assim poderiam traduzir minhas idas e vindas entre Juazeiro do Norte e o Crato, embora saiba que isso faça parte da rotina de muitos da região do Cariri Cearense que cotidianamente fazem esse percurso por razões variadas, pela proximidade das cidades, dos fluxos constantes das romarias e do desenvolvimento favorecido pela economia crescente da "cidade do Padre Cícero[193] ". Como afirma o professor Gilmar de Carvalho, estudioso da presença da Literatura de Cordel em Juazeiro do Norte:

> Juazeiro do Norte é sitiada durante romarias e a metáfora da invasão é militar e também religiosa. Só que no caso dessas romarias não existe um inimigo visível ou declarado, mas muito mais uma ênfase que é dada a fé como salvo conduto para uma dimensão de ascese, purificação e salvação (...) Juazeiro do Norte se anula para ganhar a condição de outra cidade, santa (...) Seus acervos são assim, heterogêneos e ricos para os fiéis que com eles se identificam. (CARVALHO, 1998, p. 89 - 95)

Nesse trânsito simbiótico que norteia o fluxo de transeuntes que visitam a cidade a cidade de Juazeiro do Norte/CE seja pelas romarias, ou em busca de trabalho, o fato é que existem na região do Cariri cearense peculiaridades que a destacam por suas práticas, especificamente em se tratando da pluralidade religiosa e cultural.

---

[192] Professora Substituta da Universidade Regional do Cariri – CH/URCA. Especialista em História e Sociologia. Contato: terezacandidadiniz@gmail.com

[193] Termo utilizado pela professora Maria de Lourdes Araújo em sua Tese de Doutorado intitulada "A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé (2005)" em alusão a como os romeiros se referem a cidades de Juazeiro do Norte. Padre Cícero Romão Batista – líder religioso católico e primeiro prefeito da cidade de Juazeiro do Norte/CE. Afastado das ordens eclesiásticas pela Igreja Católica Romana, mas considerado santo pela população e por demais visitantes de outras regiões que se consideram romeiros devotos, desde 1889 quando ocorreu o fenômeno da hóstia envolvendo a beata Maria de Araújo.

Ao analisar desde o ano de 2003 temas relacionados ao protestantismo em Juazeiro do Norte, bem como suas transformações através de práticas de reapropriação e ressignificação pelo neopentecostalismo atuante na cidade, percebi que a esfera do sagrado permeia toda a vida social, desde uma economia voltada ao turismo religioso através da perpetuação e da construção da figura histórica e mítica do Padre Cícero, quanto no mundo do privado, características indissociáveis no campo onde sobrevive o mundo da vida, cerceado por práticas e representações que se expressam no mundo das artes.

No presente artigo proponho analisar e refletir como o sagrado emerge e é percebido através de representações na xilogravura produzida Juazeiro do Norte a partir do trabalho de Stênio Diniz, considerando que suas gravuras possuem particularidades que promovem em alguns momentos distanciamentos e narrativas diferenciadas das práticas existentes na religiosidade de Juazeiro do Norte, e em outros momentos elas imergem no universo do mundo na vida do homem do nordeste e sinaliza práticas cotidianas.

Nas andanças especificamente para ouvi-lo, pude observar que por trás daquele sujeito de aparência simples e falas extensas existe um artista preocupado não somente com a existência individual, mas também coletiva pela forma como traduz variados temas sociais e culturais em suas xilos.

Stênio Diniz é natural de Juazeiro do Norte, filho de Maria de Jesus Diniz e neto do editor José Bernardo da Silva, antigo proprietário da tipografia São Francisco, fundada nos anos 30 e responsável por quase toda produção de cordéis da região no passado. Posteriormente ao ser adquirido pelo Governo do Estado do Ceará em 1982, passou a ser denominada de Lira Nordestina, nome sugerido pelo poeta Patativa do Assaré. Na Lira Nordestina são confeccionados trabalhos diversos como xilogravuras, folhetos de cordel e uma série de objetos artísticos.

Não é difícil relatar a forma como seu trabalho destaca-se, do ponto de vista de uma estética singular e numa visão cosmológica de perceber diferentes maneiras de traduzir o sagrado, o cotidiano, a vida.

Nossa primeira entrevista ocorreu na sua residência, que na verdade é seu atelier, permeado por objetos rústicos, sem nenhum conforto para um homem de sessenta anos, mas de um espaço historicamente construído em torno de sua identidade e de seu talento e por que não dizer habilidades que refletem as inquietudes de um artista.

Stênio Diniz, assim é um homem de andanças, coleciona viagens e exposições pela Europa, já expôs na Alemanha, França e possuí trabalhos espalhados pelo circuito da intelectualidade europeia. O título de Mestre da Cultura foi outorgado pelo Governo do Estado do Ceará como reconhecimento pelo seu trabalho, para evitar justamente o que ocorreu com o Mestre Noza[194] e outros artistas que anos depois, após seu falecimento foram reconhecidos pelo conjunto da sua obra. Passeia na arte erudita de Van Goch e Portinari como discorre na sua Via Sacra nordestina, levando-nos a refletir sobre os limites da criação do homem. Seu valor estético está na riqueza de detalhes e não simplesmente pelo fato do que é feio ou bonito, seu conceito de beleza está em alcançar a forma da "excelência técnica", isso é o que o singulariza, performatiza e personaliza a sua arte cujo acervo é vasto visto ter começado o trabalho com xilogravura ainda muito cedo, mais ou menos quinze anos na tipografia São Francisco.

Foi com capas de folhetos de cordel que Stênio Diniz, na década de 1970 começou o seu trabalho, de início cerca de 150 capas de folhetos (CARVALHO, 2010, p.177), logo depois foram realizados em trabalhos maiores, embora seja importante destacar que não se sabe quantas xilogravuras existem na atualidade da composição de sua obra na qual se constitui de temas sociais variados, e importantes fontes para pesquisa historiográfica. Para realização desse artigo utilizo como fontes 26[195] xilogravuras de temas relacionados ao tema "Sagrado", sendo que pela abrangência e complexidade da obra, escolhi neste artigo três xilogravuras são elas "O Espírito Santo está dentro de você", a X e a XII xilos do álbum "Via Sacra[196] Nordestina", que será no decorrer desse artigo analisadas.

A preocupação em estreitar uma relação acadêmica tendo como objeto de estudo a iconografia na capa de folhetos da literatura de cordel, surgiu a princípio da curiosidade de analisar as capas de cordéis, especificamente a xilogravura, vindas depois à compreensão e entendimento da importância da xilogravura no universo da cultura, da sua relevância

[194] Inocêncio da Costa Nick conhecido também como o Mestre Noza, foi o primeiro xilógrafo nordestino a expor seu trabalho na Europa. Considerado um dos mais importantes no ramo da xilogravura. Também produziu sua "Via Sacra" uma encomenda do artista plástico cearense Sérvulo Esmeraldo.
[195] Pertence ao meu acervo particular 17 xilogravuras e 9 capas de cordéis. Para continuidade da pesquisa, tenho catalogado cerca de 135 xilogravuras entre capas de cordéis e xilos, somente relacionados ao tema sagrado.
[196] A primeira "Via Sacra" foi feita pelo Mestre Noza, encomendada pelo também artista e xilógrafo Sérvulo Esmeraldo. Seu álbum foi editado em Paris. A Via Sacra nordestina de Stênio Diniz, compõe-se de 15 gravuras. Quase todos os xilógrafos de Juazeiro do Norte possuem sua "Via Sacra", sendo que cada uma delas possuem suas peculiaridades e distinção.

enquanto expressão cultural que caminha a passos largos para quase uma extinção e da inquietação concernente aos poucos trabalhos desenvolvidos com análises das imagens relacionados ao sagrado. Importante considerar que temos duas dissertações de mestrado na região do Cariri Cearense, uma sobre o discurso religioso na literatura de cordel (GRANGEIRO, 2002) e outra sobre a xilogravura de Walderêdo Gonçalves (TEMOTEO, 1999), ambos discutem a relação da xilogravura com o cordel numa perspectiva literária e não historiográfica. Vale salientar que dentre esses o maior acervo de livros escritos sobre xilogravura é do professor Gilmar de Carvalho[197] /UFC, já anteriormente citado.

Numa primeira análise é possível constatar que a produção da xilogravura de cunho religioso no Juazeiro do Norte tem um espaço ampliado quando se trata da variedade de temas, embora persista a continuidade da sagração do Padre Cícero.

Ao explicitarmos como ocorre o processo de criação das xilogravuras, seu alcance e suas especificidades, além de considerarmos relevante sua construção enquanto arte é imprescindível sua divulgação, pois a xilogravura embora considerada historicamente como "popular", e seja vista como tal, é também uma forma de expressão, transformação que transita entre distintos universos culturais.

Maria Lúcia (1992) apresenta etimologicamente a palavra, derivada do grego "xylographeo", ou seja, " eu escrevo sobre a madeira" em alusão a técnica de impressão em relevo na madeira. Em referência a xilogravura "popular" emprega, regularmente, a técnica da xilogravura a fio[198]. Gilmar de Carvalho no livro Madeira Matriz, leva-nos a refletir sobre: "Onde estaria o espírito das árvores". E complementa, "o espírito está na possibilidade de o artista dialogar com ela e ouvir sua resposta no silêncio da superfície prestes a ser ferida, antevendo as marcas da criação" (CARVALHO, 1999, p. 37). Considero ser essa a primeira manifestação do "sagrado" a de que existe no ato criativo personificado na madeira a existência de uma inspiração.

O fato é que na fabricação de uma prancha xilográfica, termo utilizado por pesquisadores para designar a placa de madeira, é empregado aparentemente mais uma

[197] Livros: "Madeira Matriz: cultura e memória" (1999), "Desenho gráfico popular" (2000) "Xilogravura: doze escritos na madeira" (2001), "Memórias da xilogravura" (2010).
[198] Existem dois tipos de xilogravuras, a FIO (madeira deitada ou madeira à veia, onde é utilizado um taco fabricado a partir de um pedaço de madeira, cujo corte se faz paralelamente às fibras das árvores) e a segunda é a xilogravura de TOPO (ou madeira de pé, feito corte transversalmente), sendo que a xilogravura popular emprega, regularmente, a técnica da xilogravura a fio. (IGLESIAS, 1992, p.41, 42)

técnica artesanal, embora sua transformação em objeto artístico carregado de significações represente muito mais que um simples corte na madeira, pois "a xilogravura nordestina tornou-se uma das expressões artísticas mais criativas das artes plásticas brasileiras" (IGLESIAS, 1992, p. 1). Sua importância reside no fato de que traduzem experiências de uma época formando um conjunto de símbolos que permitem um diálogo com culturas equidistantes.

O trabalho da xilogravura no Cariri perpassa fronteiras culturais e ideológicas quando promove a universalização e proximidades de povos através das artes. Sua singularidade reside no fato de que as artes alegram os povos e despertam sentimentos de pertencimento e de identidade, daí seu alcance, sem esquecermos que se constitui fonte de sobrevivência para gerações de artistas que há um século vivem deste ofício.

Da China, para o Juazeiro do Norte, a arte de esculpir em madeira, que começa com desenhos em "Nanquim [199]" já insistia em aportar na "Meca nordestina[200] ". "A xilogravura[201] é esta técnica milenar, cujas raízes se perdem no tempo e no espaço, passa pela China, é retomada na Europa quinhentista e desemboca no Brasil três séculos depois" (CARVALHO, 2001, p. 22), chega ao Ceará com a implantação da imprensa régia em 1826, aporta em Juazeiro do Norte a partir de 1949, quando José Bernardo da Silva, em sua tipografia São Francisco começa a imprimir folhetos em larga escala.

Para explicar o surgimento da xilogravura popular brasileira "supõe-se que esta técnica apareceu em consequência da implantação e do desenvolvimento da tipografia no país" (IGLESIAS, 1992, p. 5), cujas imagens mais antigas remontam as que aparecem publicados no jornal O Diário, datados do dia 02 de agosto de 1822 (anúncio de moinho de vapor de farinha e arroz) e na edição de 10 de fevereiro de 1824 (um tonel de vinagre), (COSTA, 1977, p. 82).

No entanto sua origem remonta desde a Idade Média quando se difundiu a gravura.

[199] Naquim – surgida no séc.V a.C, era uma tinta a base de carvão, vastamente utilizada em desenhos na arte popular de desenhos chineses

[200] Meca nordestina – Termo utilizado pelo Professor Gilmar de Carvalho sobre Juazeiro do Norte/CE, em referência a "invasões de romeiros" que visitam a cidade no período das romarias.

[201] Xilogravura, ou arte de gravar em madeira, é de provável origem chinesa, sendo já conhecida desde o século VI, no Ocidente ela se afirma durante a Idade Média, através de iluminuras e confecções de baralhos, apenas como técnica de reprodução e posteriormente como manifestação artística em si. (GRAGEIRO, 2002, p.138)

> Mesmo antes de Johann Gutemberg inventar a imprensa, nos livros manuscritos havia o destaque para os ilustradores. No Japão, no século VI já se imprimia xilograficamente por processos originários da China, levados por monges budistas. Os monges já imprimiam estampas de santos, utilizando a técnica de xilogravura, com pequenos textos (...) Na Alemanha, essas reproduções eram chamadas de "hilligen" e proliferaram bastante entre as massas analfabetas da Europa, muito antes de 1423, data da xilogravura mais antiga que se conhece. É um São Cristovão estampa conservada em Manchester. (MAXADO apud GONÇALVES, 2002, p. 11- 37).

Em Juazeiro do Norte/CE, a importância da xilogravura traduziu algumas características que implicariam sua permanência como novas formas de fazer as capas de cordel, em detrimento das gravuras que eram feitas em zinco. Também conhecidas como clichês eram fabricados nos jornais de grandes centros urbanos. Embora "seja importante ressaltar que a xilogravura se impôs em função de o processo editorial exigir agilidade" (CARVALHO, 2001, p. 18), deve-se mais em função de os clichês com títulos e propagandas virem de cidades mais distantes como Recife e Fortaleza, chegando a demorar mais de uma semana, muitas vezes atrasando o processo e a crescente demandada. Daí a importância de se criar alternativas que viabilizassem a produção de matrizes que substituiriam as placas de metal por madeira, ficando assim mais acessível às necessidades, inclusive econômicas, já que se barateavam os custos de produção. Para a crescente demanda e o barateamento da produção de imagens para os folhetos, surge um elemento diferenciador, o xilógrafo, o artista da madeira, ou seja, a própria necessidade faz emergir – "o gênio popular fez arte" (BENJAMIM apud IGLESIAS, 1992, p. 6).

A iconografia na xilogravura "popular" comumente é caracterizada pela produção de imagens religiosas. As representações que emergem na xilogravura de Juazeiro do Norte são marcadas no mundo do cotidiano pelo forte apelo religioso. Os aspectos da vida social exalam elementos do sagrado, especificamente em Juazeiro do Norte, quase todos os xilógrafos já produziram suas Via Sacras, anjos, santos, lapinhas, penitentes, altares, igrejas. Paralelamente a esse mundo do sagrado convivem imagens dualísticas que evocam o profano, como se houvesse uma ponte estreita entre o "céu" e "mundo das trevas".

Sobre os temas na gravura popular Iglesias afirma que:

> A xilogravura popular surpreende pela variedade de motivos, personagens e situações, desde o Cristo crucificado até a figura dançante de uma "prostituta chegando ao céu". Em geral pode-se dizer que a gravura popular nordestina concentra temas de religiosidade (como episódios da vida de Cristo, cenas bíblicas, vida de santos e de Nossa Senhora), assuntos que ilustram as atividades cotidianas do homem nordestino, temas de cangaço (onde se destaca a figura de Lampião),

> bestiários (nos quais aparecem os bichos com função simbólica ou alegórica como as personagens centrais), temas do maravilhoso e fantástico que mostram seres mitológicos (onde se destacam, por exemplo, o dragão, o lobisomem, a besta do Apocalipse) e muitos outros que abordam acontecimentos da atualidade, personalidades e notícias importantes. (IGLESIAS, 1992, p. 80).

O xilógrafo concebe seu trabalho aliando assuntos da vida cotidiana. Misturam-se ao mundo do imaginário do sagrado numa constante migração, fazendo acontecer na arte suas intranquilizações, diferenciando-se em suas representações.

Em busca de um método de fazer história, ou "afirmar que a História estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas" (PESAVENTO, 2003, p. 51), não seria correto pensar que qualquer escrita tenha a quimera ou fantasia de estabelecer regimes de verdades, mas propor um diálogo onde é possível compreender como se dá o processo de representações do sagrado através da xilogravura de Stênio Diniz.

> Representar é, pois, fundamental, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença (...) não é uma cópia do real (...) são portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. Há no caso do fazer ver por uma imagem simbólica, a necessidade da decifração e do conhecimento de códigos de interpretação (...) as representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade (PESAVENTO, 2003, p. 40-41).

Dentre as variadas maneiras de captar o não dito, ou compreender uma representação lanço mão de imagens xilográficas por compreender que as imagens estão carregadas de arquétipos, símbolos, ideias, experiências, indícios, expressão da cultura humana ou porque não afirmar uma ação interdisciplinar e transversal. Penso que não haja imagem que primeiro não tenha sido gerado na mente do artista. "do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais" (SANTAELLA; NÖTH, 2012, p. 15), nelas os homens traduzem e se traduzem, metamorfoseiam a ordem vigente, transformam-na de outras maneiras e fazem-na acontecer. Mas chama a atenção o fato de que o que vemos é uma imagem traduzida nos termos da nossa própria experiência, imbuída de desejos, sentimentos, sonhos.

Alberto Manguel (2012)[202], convida-nos a refletir sobre a necessidade de uma leitura mais instigada das imagens.

> Leituras críticas acompanham imagens desde o início dos tempos, mas nunca efetivamente copiam, substituem ou assimilam as imagens. "Não explicamos as imagens", comentou com sagacidade o historiador de arte Michael Baxandall, " explicamos comentários a respeito de imagens". Se o mundo revelado em uma obra de arte permanece sempre fora do âmbito dessa obra, a obra de arte permanece sempre fora do âmbito da sua apreciação crítica. "A forma", escreveu Balsac, " em suas representações, é aquilo que ela é em nós: apenas um artifício para comunicar ideias, sensações, uma vasta poesia. Toda imagem é um mundo, um retrato cujo modelo apareceu em uma visão sublime, banhada de luz, facultada por uma voz interior, posta a nu por um dedo celestial que aponta, no passado de uma vida inteira, para as próprias fontes da expressão". (MANGUEL, 2012, p. 29-30)

A escolha da xilogravura permite um universo de possibilidades por combinar elementos do imaginário, aqui compreendido como sistemas de ideias e representação coletivas dos homens (PESAVENTO, 2003, p. 43) e a capacidade humana para representação do mundo (CASTORIADIS apud PESAVENTO, p. 43).

O artista se representa na sua arte, e obviamente falar de arte não é fácil, "a arte parece existir em um mundo próprio, que o discurso não pode alcançar" (GEERTZ, 1997, p. 142) isso se traduz pelas variadas leituras conceituais que surgem a todo instante de obras clássicas ou não, pelo simples fato de que a arte na contemporaneidade é algo subjetivo e ao mesmo tempo recaem no mundo da relatividade conceitual.

> A imagem é, portanto, para o historiador, ao mesmo tempo, transmissora de mensagens enunciadas claramente, que visam a seduzir e convencer, e tradutora, a despeito de si mesma, de convenções partilhadas que permitem que ela seja compreendida, recebida, decifrável. (CHARTIER apud BURGUIÈRE, 1993, p. 407).

Em se tratando do trabalho de Stênio Diniz, é algo a se analisar, "Stênio tem o dom de surpreender" (CARVALHO, 2010, p. 175), o artista se define como um ser " mágico" ao mesmo tempo em que diz " o desenho é uma poética, na escrita você pode dizer eu peguei na lua, então na gravura, eu posso fazer uma figura, pode pegar na lua, no sol, poder remir as

[202] Alberto Manguel- Ensaísta, organizador de antologias, tradutor, editor e romancista. No Livro: "Lendo Imagens", Manguel preocupa-se em resgatar a importância de espectadores "comuns" a responsabilidade e o direito de ler imagens e suas histórias. O livro traz uma coletânea de obras de arte famosas como Van Gogh, Joan Mitchell, Pablo Picasso, Robert Campin, Aleijadinho, Caravaggio e outros.

estrelas com as próprias mãos" (DINIZ, 2014). O artista transita em seu próprio universo, virou um traço característico seu, alcançar o inalcançável.

Nestor Gárcia Canckine enfatiza sobre a condição dos artesãos e sua constante associação ao pré-moderno e ao subsidiário como categorias inferiorizadas.

> O popular é nessa história o excluído: aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado; os artesãos que não chegam a ser artistas, a individualizar-se, nem a participar do mercado de bens simbólicos "legítimos"; os espectadores dos meios massivos que ficam de fora das universidades e dos museus, "incapazes" de ler e olhar a alta cultura porque desconhecem a história dos saberes e escritos (CANCLINE, 2003, p. 205).

O mesmo categoriza que é preciso que se perceba a existência de uma preocupação mais relacionada com os bens culturais produzidos por esses artesãos através da repetição artesanal, que com as transformações ocorridas durante seu processo, levando-os a uma constante desvalorização na sua fabricação, embora venha salientar que Cancline tenha trabalhado na sua obra "Culturas Híbridas" com o conceito de "Popular", logo, consideramos que se existe o "popular", existe o "erudito". O próprio conceito de popular silencia a ação criadora das representações do artista, estereotipa-o, categoriza-os como pessoas simples, sem cultura, sem acesso ao erudito, pré-fabricada, no qual estão imbuídas juízos de valores constituindo-se numa armadilha ideológica. NEVES (1974) alerta para a necessidade de novas interpretações acerca das antigas abordagens concernentes a estética, e a história da arte ocidental.

> "A noção folclorizante é identificada como uma ideologia estética tradicional a ser superada, pois se trata de uma visão elitista que parte do pressuposto que existe uma arte "normal, verdadeira, não popular" que seria capaz de distinguir, classificar e finalmente, julgar as produções artísticas produzidas fora daquilo que ela mesma produziu e codificou" (NEVES apud MELO, 2013, p. 134).

Essa visão de arte deve ser superada pela própria personificação da arte enquanto objeto da criação do homem sujeito de uma complexa produção simbólica. MELO[203](2013) explica que:

[203] Imagens condensadas: arte, memória e imaginação em Juazeiro do Norte Tese de doutorado apresentado pela professora Rosilene Alves Melo (2013) na UFRJ no departamento de Ciências Sociais, no curso de Antropologia Cultural. "A ideia desenvolvida no trabalho de viés antropológico é pensar acerca dos objetos (esculturas) na percepção da qualidade que possuem de gerar poderosas imagens e agência" (MELO, 2013,p. 15).

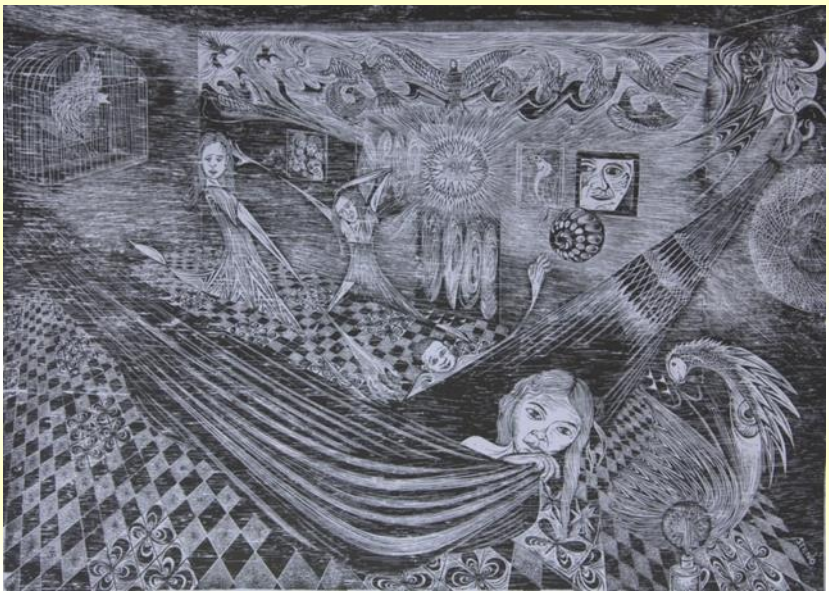
> A visão folclorizante estabeleceu uma clivagem irreconciliável entre o objeto único – a peça de arte culta – e a reprodução, característica da arte popular, esquecendo que a reprodução e a reprodutibilidade são características da arte considerada pelos críticos e pelos artistas como contemporânea e de vanguarda. Marcadamente etnocêntrica, este olhar para a produção estética do outro confundiu alteridade com inferioridade (MELO, 2013, p. 134).

No mais é importante registrar que nessa perspectiva o termo "arte popular" estabelece espontaneidade do ato criativo, essa criatividade transita daquilo que é considerado "popular" para o "erudito" e vice e versa, o que requer um olhar diria mais sensível no mundo das suas imagens.

No entanto faz-se notório citar algumas xilogravuras, nos quais considero como imprescindíveis para categorização das especificidades em torno da obra de Stênio Diniz, que serão posteriormente utilizadas como objeto de estudo. Neste artigo organizei as gravuras numa sequência de análise como: a presença de elementos do surrealismo, preocupação com a estética, traços de Van Goch, o romeiro e o Padre Cícero, a bricolagem em torno da fé, a composição do álbum 'Via Sacra Nordestina" e o reconhecimento da sua obra internacionalmente na Alemanha, inclusive por uma igreja evangélica da Inglaterra que adquiriu um dos seus trabalhos para compor a capa de um manual da igreja, tudo isso misturado a uma criatividade ímpar do ponto de vista da arte da xilogravura.

Para análises sistematizadas dessas imagens buscando trazer o dito e resgatar o não dito, conceituando as ideias de Stênio Diniz sobre o "sagrado", sem perder de vista sua singularidade, dialogamos com os teóricos Carlo Gisnburg (1987) através do conceito de circularidade cultural, e Aby Warburg (1929) onde as imagens não são apenas traduções de objetos, mas ações, reflexos, e construções de olhares. Além das xilogravuras analisadas, entrevistas com o xilógrafo e pesquisas bibliográficas específica foram primordiais para a produção da pesquisa.

É difícil traduzir em palavras as diferentes sensações que experimentei ao me deparar com esse primeiro trabalho, analisando-o através da leitura da imagem, ou porque não dizer imagens. A priori minha intenção era fazer apenas uma apreciação das variadas representações do sagrado na xilogravura de Stênio, mas como traduzi-las, como compreendê-las já que o mesmo se diz "um mágico"? Sobre Stênio, Franklin Maxado o define como "irrequieto e em busca de novos conhecimentos",



Ele viaja sempre e desenvolve sua técnica e experimenta instrumentos mais sofisticados que se refletem em suas obras. Procura uma erudição, fugindo dos limites das capas unicolores dos folhetos de cordel. Aborda temas mais eruditos também. Desenvolveu-se tanto que nem na sua tipografia era mais entendido, daí sua mãe preferir encomendar ilustrações a outro artista, "o velho[204]" (MAXADO apud TEMÓTEO, 1982, p. 67).

Xilogravura intitulada "O Espírito Santo está dentro de você" – Stênio Diniz. Acervo particular

Ao ser abordado em sua obra "O Espírito Santo está dentro de você", onde estaria à presença do sagrado, Stênio ressalta que:

> Meu trabalho pode ter essa "conotação realista" (...) embora eu possa até dizer não surrealista, mas realismo mágico, é como eu coloco porque sou "realista", ele o artista, ele tem que ser, a pessoa dele tem ser surrealista, para a obra também ser, sou extremamente realista.
>
> Se coloca uma distância muito grande quando a gente fala do Espírito Santo, é como se falar de Deus, é como se Deus não estivesse aqui, o Espírito Santo, está longe (...) você não precisa estar a procura do Espírito Santo, a manifestação, esta dar-se através de suas ações, se você faz uma ação má com certeza absoluta, o "Espírito Santo "está" absorvido pelo mal, "ele" não tá podendo atuar, você fez uma coisa de caráter social, você esta sendo guiado pelo Espírito Santo que está dentro de você.

Nota-se que a presença do sagrado é real e está continuamente mais próximo que o imaginado, configura-se numa proximidade no qual não há a necessidade de uma instituição ou liderança, que faça essa mediação entre o sagrado e o humano, existe uma valorização da pequena dimensão. Esse espaço pode ser uma comunidade, um lar, uma tela, uma xilogravura,

[204] " O velho" ou Francorli Dão ou F.C.L pseudônimos e assinaturas de Francisco Cordeiro Lima, Juazeirense que trabalhou na Lira Nordestina. (TEMÓTEO, 2002, p.45). Também xilógrafo autor de vários álbuns e capas de cordéis

uma imagem, onde apenas uma boa "ação social" tornará possível uma aproximação do numinoso.

No seu livro Mercado e Religião, François Houtart, chama a atenção para uma nova forma de perceber a religião na visão pós-moderna. "O local, o imediato são o valor por excelência da dimensão religiosa. Adverte-se que mesmo nas grandes religiões existe, hoje em dia, uma identidade religiosa particular" (HOUTART, 2003, p. 109), em caso de não se aceitar a normatividade das formas tradicionais de se exercer tais práticas, torna-se necessários novos procedimentos, qualquer lugar constitui-se lugar de aparição. No caso da imagem, a presença do "Espírito Santo" é refletida dentro do espaço da "casa", onde existe uma aproximação real. E por mais que exista um controle doutrinário de ritos e práticas pelos guardiões desses ritos "oficiais" as formas expressivas da religião na contemporaneidade assumem características individuais e particulares que permitem a vivencia de suas práticas de outra maneira. Para Max Weber, "Quanto mais a religião se tornou livresca e doutrinária, tanto mais literária tornou-se e mais eficiente foi no estímulo ao pensamento leigo, livre do controle sacerdotal" (WEBER apud PROENÇA, 1983, p.18) assim o artista assume um caráter de liderança na sua xilogravura e aproxima o homem antes distante, do mundo do sagrado.

Até agora a única forma corpórea assumida pela imagem do "Espírito Santo" está no desenho refletido no centro e alto da tela, além é claro da entrevista acima transcrita. Ao descrever a imagem do pássaro como símbolo, Stênio nos dá novos indícios do seu trabalho, "Van Gogh, ele entra pra mim, na (sic), onde tem esses pássaros voando na parte superior, é esse movimento buliçoso, como se diz agitado, não é denso, tá em ritmos de agitação". Em outro momento, Stênio fala que o grande pintor holandês foi quem o inspirou a fazer "esses traços finos e definidos", bem como Portinari. Inclusive "fiz um auto-retrato de Van Gogh, copiado dele mesmo, para me sentir bem" (DINIZ, 2014) esse "céu buliçoso" será visto também na Via Sacra.

Primeiro é preciso levar em consideração que a "imagem do pássaro", é apenas um detalhe da obra, na verdade pouco se falou sobre "ele", o que antes foi pensado como sendo a presença personificada do Espírito Santo. No entanto é preciso que se diga que um detalhe reside no fato de que a gravura foi realizada por um xilógrafo, inspirado numa arte europeia

Vangochiana, que é capaz de cruzar um oceano e aportar numa cidade do Carirense Cearense, no caso Juazeiro do Norte.

Esse artigo não tem a pretensão de enunciar um "novo Van Gogh", mas encontrar indícios desses elementos em obras que de ingênuas nada têm, ao contrário, o artista diz a que veio, circula no erudito, estabelece "traços", vê-se no outro, procura seus pares.

COLI (1985), ao escrever sobre Van Gogh, descreve que ao seguir sua trajetória é "confrontar-se com o extraordinário e o inexplicável", seus primeiros trabalhos embora não foram suficientes para justificar uma transformação que posteriormente aconteceria com sua obra. Na tela "Noite estrelada" (1889), Van Gogh retrata uma noite estrelada, permeada por ciprestes e aldeia, cujo céu revela-nos traços em movimentos, tais como os encontrados na xilogravura de Stênio.

"A noite estrelada" – Van Goch (1889). 95x73 cm (Nova Iorque, Metropolitan Musem of Arte).

Coli nos convida a, "esquecermos as interpretações simbólicas, místicas ou religiosas que já foram feitas desse quadro", e nos atermos a "outra dinâmica, tomada de movimentos inesperados reveladora de uma alma cósmica, jubilante e férica". O que ela tem de instigante é o "céu buliçoso" que parece estar em movimento, será percebido em várias de suas obras, embora seja preciso levar em consideração alguns distanciamentos, o quadro de Van Gogh retrata uma noite com "cores", na cidade de Arles[205], enquanto Stênio o dia em "preto e

[205] A Cidade de Arles fica a alguns quilômetros de Alpilles ou Alpines, lá fica situado o hospício de St. Rémy onde Van Gogh pede para ser internado. Em uma de suas cartas endereçada a Théo em 1889, Van Gogh a descreve como "um pedaço do céu azul-verde com nuvenzinha branca e violeta", Coli escreve que o artista irá

branco", tolhido na madeira ao suor escaldante de um dia quente que se movimenta no teto da casa na xilo " O Espírito Santo está dentro de você" e no alto da cabeça do "Cristo" da Via sacra. São encontrados nesses indícios traços circulares, oblíquos, verticais, no interior desse mundo ordenado do artista.

Há outro aspecto a ser considerado, é o que existe de universal, por assim dizer no particular? Surge então a necessidade de dialogarmos com o historiador Carlo Ginszburg (1990), onde o mesmo trabalha com o conceito de "circularidade cultural", que nos leva a refletir sobre as diferenças existentes e o trânsito desses elementos culturais que são comuns em diferentes classes sociais que convivem em realidades históricas culturais ou mesmo distanciadas pelo espaço e pelo tempo. E ao mesmo tempo pensarmos um método que nos ofereça sinais e vestígios, no caso o "paradigma indiciário", "trata-se de formas de saber tendencialmente mudas – no sentido de que, como já dissemos suas regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas", para compreender essas representações.

Em "O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição", Ginzburg, trabalhará com afinco sobre esse conceito,

> O termo circularidade cultural: entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo (GINZBURG, 1987, p.13).

Essa abordagem possui uma situação de ampla complexidade, pois em Stênio encontram-se vários objetos comuns do cotidiano presente nas residências do homem no Nordeste, como a "lamparina", "armadores", "rede", ao mesmo tempo numa simbiose, num fluxo criativo, surge o erudito, traços "Vangorescos" como ele denomina, e que na sua concepção representa a "ideia", a "criação" o ato criativo, o movimento circular que é produzido pelo pincel em Van Goch, é realizado pelo xilógrafo através das escavadas na madeira pela goiva[206] do artista,

> essa pessoa aqui que puxa os azulejos na imagem que permite ao mesmo tempo a uma pessoa pegar (sic) os azulejos como uma folha de papel, conseguiu arrancar lá de baixo e fez um ato criativo. Aquele elemento de baixo e jogar em outro plano (...) você cria, a partir dessa coisa de criatividade, luz dos elementos, você cria, o

dividir seu tempo entre sua paixão pela leitura e uma frenética atividade pictural, produzindo uma média de um quadro cada dois dias (COLI, 1985, p.80)

[206] Instrumento utilizado pelo xilógrafo para escrever na madeira

> armador pega plasticidade, e aquele lado ali como alegoria, o estético, uma florzinha (DINIZ, 2014).

Isso reflete como transitam vários elementos culturais que são comuns nas diferentes classes, em espaços equidistantes e realidades históricas semelhantes, levando-nos a perceber a importância da compreensão dessas representações na atualidade, assim como foi possível para "Menocchio"[207] através do cruzamento das correntes cultas, que segundo Ginszburg foi possível com a invenção da imprensa responsável pela socialização da palavra, antes monopolizada pela cultura escrita, o mesmo evidencia o quanto da importância na complexidade das trocas de níveis culturais e a riqueza de entendê-las.

Afirma que era através das imagens que se travava a relação circular entre culturas diferenciadas (...) vê na imagem um elemento que colaborará ainda mais com a palavra impressa para intercâmbio entre culturas. (GINSZBURG, 1989, p. 121-138).

É perceptível como Stênio tem o prazer em citar Van Goch como um de seus inspiradores, penso que os vínculos estabelecidos entre Juazeiro do Norte e a Europa, permitiram essa conexão e estreitaram as distâncias, traduzidas na iconografia xilográfica, arte da sua expressão, e um dos instrumentos propiciadores dessa aproximação, sem descartar é claro leituras sobre o artista.

Outro indício a ser considerado é uma possível "insatisfação" do artista (Stênio) quanto a formas anteriores de representação do sagrado, fazendo surgir a necessidades de objetos de uso do cotidiano que modificassem a paisagem, uma nova maneira de fazer, transformando-o num cenário doméstico mais próximo a realidade, numa evocação de trazer o sagrado para perto. Essa discursão é levantada por Manguel (2001), quanto da necessidade de "o expectador é instigado a decifrar" minuciosamente uma arte

Esse processo de "humanização do divino", acontece na primeira xilogravura analisada, quando são detectados vários objetos da realidade do artista num cenário considerado religioso, dentre eles "a mulher deitada na rede" sua atual companheira e "musa Ivete", cuja descrição feita pelo autor remete a personificação da paz num elemento considerado sagrado, simbolizado na figura de uma mulher, representando a "serenidade",

[207] Menocchio, camponês, moleiro friulano, personagem principal da obra "O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição", de Carlo Ginszburg. O livro levanta a questão da intensa "circularidade cultural existente na metade do século XVI, bem como seu acesso a obras da "cultura hegemônica".

como ele mesmo discorre "tudo pode estar desabando, ocorrendo, mas ela é a calmaria em pessoa", a "mulher" em Stênio direciona o olhar para o artista, transcende, diviniza-se.

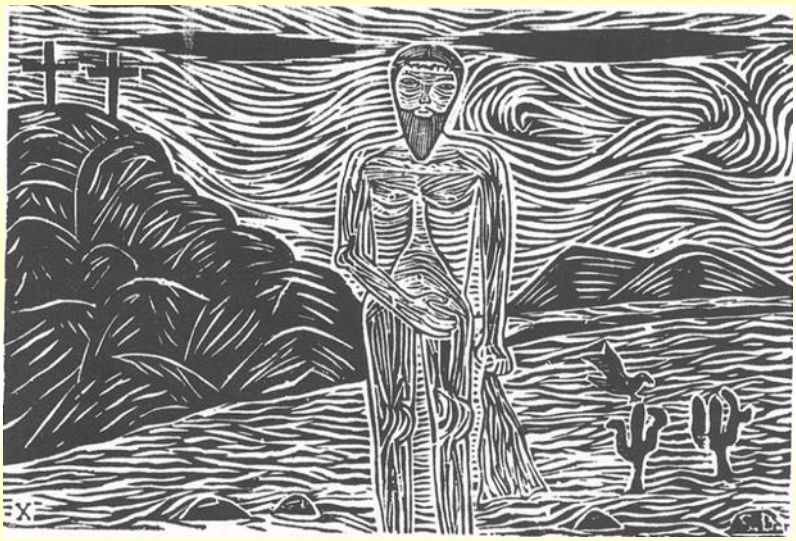
Nos termos colocados por Aby Warburg[208] (1866-1929) de que "Deus habita no particular", o papel da obra de arte no seu pensamento, não é o do objeto passivo a ser contextualizado na cultura a partir de uma relação fixa, pois se tudo é movimento, é criação, faz-se necessário resgatar a arte como centro da existência humana e de sua cultura. "Para ele, "a imagem, não é algo que ilustre o pensamento, mas que o provoca a sair de si mesmo, a partir"; sua obra é importante na medida em que a compreendamos como " uma ciência mais vasta, sem nome", algo que ele próprio jamais pôde nominá-la, mas trabalhou no sentido de configurá-la. Como historiadora não poderia deixar de pensar as representações culturais através das imagens xilográficas, e trazê-las a reflexão para compreendê-las. Esse deslocamento é possível na obra de Stênio pelas inúmeras possibilidades de seu ato criativo, que transita em universos distantes e equidistantes, estreitando laços na dimensão entre a arte na cultura e cultura da sua arte.

Agamben[209] (2004) reflete que "a posição da imagem, entre arte e religião, é importante para fixar o horizonte de sua busca: seu objeto é a imagem mais do que a obra de arte, o que a coloca decididamente fora das fronteiras da estética". Importante refletir que ao analisarmos essas imagens, percebemos como determinados elementos se metamorfoseiam nos dois planos, se para Warburg, "a iconografia nunca é um fim em si mesmo". Portanto é necessária uma abordagem da imagem da forma mais profunda possível. Pois Stênio Diniz labuta em transformar uma solução em enigma. Esta pesquisa tornou-se uma tarefa quase exaustiva, pois a cada intervalo de busca, me deparo com um elemento novo.

[208] Abraham Aby Warburg (1866-1929), historiador das artes e antropólogo, judeu alemão, considerado o pai da iconologia moderna, primeiro historiador a fazer uso de imagens em aulas e palestra, célebre por seus estudos sobre o ressurgimento do paganismo no renascimento italiano, ou seja a persistência das imagens e das ideias da antiguidade clássica pagã através dos tempos na civilização clássica. Tratou em sua obra do problema da transição da iconografia antiga à cultura europeia moderna "a volta da vida ao antigo" .Criou o que é considerada uma das mais importantes biblioteca, a "Atlas Mnemosine" ou "Atlas de imagens "(uma homenagem a musa grega da memória Mnemosyne), pode ser considerado o primeiro exemplo de uma história visual da arte, na qual constitui-se de uma coleção de imagens, na época a obra agrupava a ordem de 79 painéis, reunindo umas 900 imagens (principalmente fotografias em P&B), todas reproduções dentre obras artísticas, de pinturas, de esculturas, de monumentos, de edifícios, de afrescos, xilogravuras datando do renascimento italiano, recortes de jornais, selos postais, moedas com pouco ou nenhum texto, todas dispostas por Warburg à maneira de peças capazes de serem deslocadas a todo momento – são reproduções imagens de imagens. (SAMAIN, 2011, p. 17).

[209] Giorgio Agamben, (2004) é filósofo, professor da Universidade de Veneza e no Colégio Internacional de Filosofia em Paris, autor de diversos livros dentre eles "Image et memorie e Stanze". A tradução desse dossiê foi realizada a partir da versão francesa publicada pela Editora Desclée de Brouwer em 2004, no livro " Image et memoire, écrits sur I'mage, la danse et le cinema".

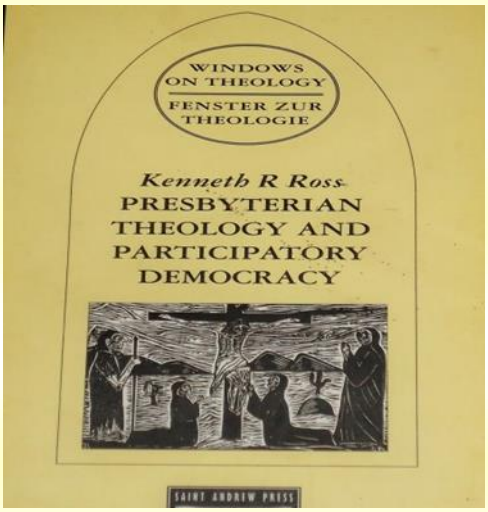
Na X Via Sacra, permanecem os traços "vangorescos", mais apresenta alguns outros elementos que os distingue dos demais que também produziram suas Via Sacras, com exceção do Cristo de Abraão Batista[210] , que assim como a de Stênio também aparece nú. Importante levar em consideração como o "Cristo" de Stênio tem uma aproximação com sua realidade, o mundo da vida, do sertão nordestino, um Cristo que retrata a fome expressada por um corpo marcado por curvaturas de ossos, tendões, e uma mão tímida que parece encobrir suas vergonhas. Num segundo plano (à esquerda) o sagrado bíblico tradicional, na (direita) o cenário do nordeste, mandacarus, pedras, terra seca, sem plantação, fazendo ressurgir um elemento típico marcando o cenário – um "urubu" a espreita do alimento para saciar sua fome

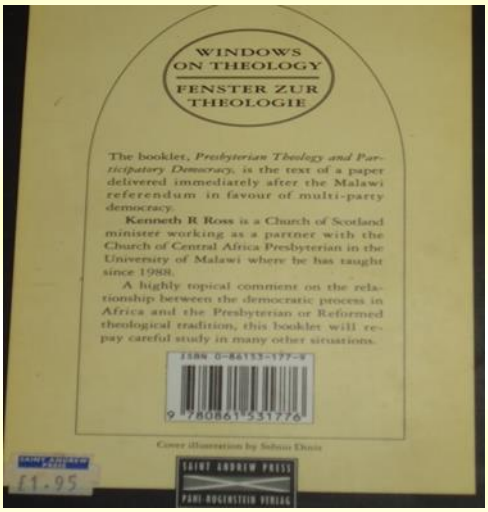


Xilogravura intitulada "X Via Sacra" – Stênio Diniz

E por último a XII Via Sacra, cuja importância reflete o teor da sua obra, visto ser dentro do contexto do tema sagrado, outro reconhecimento do seu trabalho internacionalmente. A xilogravura analisada retrata a crucificação do Cristo, numa perspectiva quase que tradicional, se não fora a permanência dos elementos nordestinos como a seca, os dois cactos, as pedras e pelo aspecto do "soldado romano", cujas vestes refletem a parceria entre o artista e os traços existentes na madeira, são "sinais, vestígios, indícios", prefigurações da própria madeira que num ímpeto, num fluxo com o sagrado parecem surgir para compor a obra.

[210] Um dos mais importantes xilógrafos de Juazeiro do Norte/CE.





Frente e verso do Manual Teológico[211] ,do evento "A Teologia Presbiteriana e a democracia participativa na África em 1988".

Xilogravura intitulada "XII Via Sacra" - Stênio Diniz

No âmbito da arte da xilogravura, são diversificadas as temáticas utilizadas por Stênio, no entanto, nos debruçamos em analisar a temática do sagrado, por considerar de relevância

[211] Distribuído pela Igreja Presbiteriana da Inglaterra aos participantes do evento "A Teologia Presbiteriana e a democracia participativa na África em 1988". Conforme nos foi informado por Stênio, durante a sua estadia na Alemanha, o Seminário de Teologia Presbiteriano na Inglaterra ao tomar conhecimento do seu trabalho principalmente através do álbum Via Sacra, solicitaram a sua permissão e pagaram pelos direitos autorais em libras esterlina (moeda vigente na Inglaterra antes do Euro), a imagem XII Via Sacra na composição do manual do evento.

para Região do Cariri Cearense, especificamente na cidade de Juazeiro do Norte/CE, onde a fé está relacionada com a religiosidade em torno da figura emblemática do Padre Cícero. Dentre sua iconografia, cataloguei apenas três imagens, considerando-as como relevantes e distintas pelo seu alcance. Embora tenha várias imagens xilográficas com a imagem do Padre Cícero, nesse artigo não utilizei nenhuma dessas imagens, lembrando que é do meu interesse dar continuidade a pesquisa, cujo objeto requer tempo, e aprofundamento na análise.

Concluímos então, que as representações do sagrado construídas por Stênio Diniz, pertencem ao seu universo distinto. Na xilogravura "O Espírito Santo está dentro de você", o sagrado é representado numa casa onde habita a simplicidade, harmonia, amor, a bricolagem das crianças, ordem/desordem, mas, ao mesmo tempo possui objetos do seu dia a dia, do mundo do seu cotidiano, do mundo da vida, embora cifrado na madeira, não se trata de entender o mundo como um simples mundo comum, mas de percebê-lo como refletor de códigos, mediações, por vezes fora da representação tradicionais que muitas vezes traduzem-se através de altares, imagens de santos, velas, terços, penitentes. Cada espaço da madeira tolhida é sagrado, constitui-se de elementos distantes/próximos, mas possuem conexão, têm seus olhos, pássaros, quadros, gaiolas, azulejos, rede, armadores, lamparinas, peixe, enfim não deixa de ser sagrado, embora transmutado constitui-se representação do mundo com outra forma. O espírito de Stênio habita no mundo do "Espírito Santo...", ele está dentro dele mesmo personificado na madeira, "não precisa ir tão longe".

Reflexo de uma longa história do seu olhar, Stênio prossegue na sua "Via Sacra", numa terra seca, árida, pedregosa, exibindo no corpo do seu Cristo uma leitura quase caricatural do homem do nordeste, porque não ele mesmo, embora sem desistir, apesar de sentir e esconder suas "vergonhas". Logicamente, Stênio assim como os demais artistas, ressignificou sua Via Sacra de maneira que qualquer um que a veja, como num espelho se perceba refletido, sacralizado no seu objeto artístico, "morto no Gólgota na sua XII Via Sacra", depois ressurgido e particularizado na sua obra, em suas muitas facetas "irrequieto", mutante, na pessoa de um "mágico", o que de fato ele é.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. Aby Warburg e a ciência sem nome. . In **Dossiê Warburg.** Tradução Cesar Bartholomeu. Ed. Descleé de Brouwer, França, 2004.

ARAÙJO, Maria de Lourdes. **A cidade do Padre Cícero**: trabalho e fé. 2005. 260f. il Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CARVALHO, Gilmar de. **Madeira Matriz:** cultura e memória. 1 ed. São Paulo: Annablume, 1998.

_____. **Memórias da Xilogravura.** Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.

_____. **Xilogravura: doze escritos na madeira**. Museu do Ceará. Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

CHARTIER, Roger. Imagens. In BURGUIÈRE, André. (Org.) **Dicionário das Ciências Históricas.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993, p.405-408.

COLI, Jorge. **O que é arte.** 15 ed. São Paulo, 1995.

____. **Vincent van Goch.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

DELA CAVA, Ralph. **Milagre em Joaseiro**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ECO, Umberto. **Arte e beleza na estética medieval.** Rio de Janeiro: Globo, 1989.

GEERTZ, Clifford. A arte como sistema cultural. In: **O saber local:** novos ensaios em antropologia interpretativa, Petrópolis, Vozes, 1997.p.142-181.

_____. A **interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987.

____. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário" In **Mitos, emblemas, sinais:** Morfologia e História. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. **O Discurso Religioso na Literatura de Cordel de Juazeiro do Norte.** Crato: A Província edições, 2002.

MAXADO, Franklin. **Cordel: xilogravura e ilustrações.** Rio de janeiro: Codecri, 1982.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do Verso:** trajetórias da literatura de cordel. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

_____. **Imagens condensadas:** arte, memória e imaginação em Juazeiro do Norte. 2013. 213f. il. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. Noção de "arte popular" – uma crítica antropológica. In: Braasil. MINISTÉRIO DA CULTURA. **7 brasileiros e seu universo:** artes, ofícios, origens e permanências. Brasília, DF, 1974. P.45-50.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O meio do mundo:** territórios do sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. 2000. 350f. il. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade católica, São Paulo, 2000.

SAMAIN, Etienne. As "Mnemosyne(s)" de Aby Warburg: Entre Antropologia, Imagens e Arte. **Revista Polésis**, v. nº 30, n17, p. 29-51, jul. de 2011.

SANTAELLA, Lúcia; WINFRIED, Nöth. **Imagem: cognição, semiótica, mídia.** São Paulo: Iluminuras, 2012.

TEMÓTEO, Jurandy. **A xilogravura de Walderêdo Gonçalves no contexto da cultura popular do Cariri.** João Pessoa, A Província edições, 2002.

Entrevitas:

Stênio Diniz. Juazeiro do Norte, 23 de janeiro de 2009. Depoimento concedido a Rosilene Alves de Melo.

Stênio Diniz. Juazeiro do Norte, 24 de Maio de 2014.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, RELIGIOSAS E POLÍTICAS NA LITERATURA DE CORDEL DE JUAZEIRO DO NORTE.

Roberto da Silva[212]

Introdução

Nesse artigo científico, há interconexões com saberes históricos veiculados pela literatura de cordel de Abraão Batista[213]. Essa fonte histórica é priorizada no sentido de analisar como objeto de estudo as experiências sociais, religiosas e políticas ambientadas no espaço juazeirense. Esse recorte temático se justifica pela discussão sobre os jogos das vozes dissonantes no gênero cordel com novas problemáticas reflexivas. Também se justifica pela relevância "das condições de produção" na tecelagem de sentidos. E que o recorte temporal é de 1844 a 1914, pois nessa temporalidade há o nascimento do Padre Cícero Romão Batista e a "Sedição de Juazeiro" no início do século XX.

Para tanto, para problematizar esse "corpus" documental, há diálogos significativos com estudiosos dessa poética cordelista. A própria cidade de Juazeiro se destaca na produção cordelista.

Assim, para focalizar o objeto de estudo, entra encena textos de historiadores e de autores de áreas afins, usando como recurso metodológico o confronto, comparação e cruzamento entre os textos e as fontes, na tecelagem desse trabalho científico (JATAHY, 2012, p. 64.). Essa experiência historiográfica toma o espaço literário como relevante na produção de sentidos, "voltando-se para o exterior linguístico, investigando como, no linguístico, inscrevem-se as condições sócio-históricas de produção", políticas e religiosas.

E, nesse caso, tem em consideração uma diminuta análise biográfica sobre o Padre Cícero e sua ligação com os milagres da hóstia, que se iniciam em 1889[214], com a beata Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo. Esses feitos naturais passam a dividir as produções

[212] Roberto da Silva é licenciado em História pela Universidade Regional do Cariri–URCA. É aluno, nessa mesma unidade acadêmica, da Especialização em Ensino de História, Metodologias e Pesquisa. E-mail: robertosilva-ce@hotmail.com

[213] Nesse caso, tendo em vista o leitor, nesse ensaio científico é usado o nome completo Abraão batista e não só batista para não haver a confusão com o nome completo do padre Cícero. Abraão Batista "é autor de inúmeros cordéis sobre temas políticos, com suas respectivas xilogravuras" (GRANGEIRO, 2013, p. 153).

simbólicas entre os defensores e críticos dessa sobrenaturalidade prenhe de sentidos políticos, sociais, econômicos e religiosos.

Nesse artigo, é utilizado o conceito "Pacto dos Coronéis" para se referir à capacidade diplomática do padre Cícero na aplacação das rijas entre grupos políticos locais e familiares, como bem fala Cláudia Rejane Pinheiro Grangeiro na dissertação "O Discurso Religioso na Literatura de Cordel" (2001). Essa mesma autora diz que essa tentativa de paz e de união de adversários na região do "Vale do Cariri" foi um fracasso.

No que tange ao quadro teórico, há os diálogos com Michel de Certeau, com Maria do Carmo Pagan Forti, com Ralph Della Cava e com Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro, os quais são referências cruciais na problematização do objeto de estudo.

Forti faz interpretações que tem ligação com essas problemáticas conceituais de forma indireta para acentuar os movimentos políticos da beata, a qual não é passiva em meio à "disputa pelos bens simbólicos". O trabalho dela é inovador nesse sentido, pois contribui na abordagem dos folhetos.

O texto de Della Cava é de relevância crucial para por em discussão a problemática da das práticas coronelísticas no contexto republicano, tendo em vista o funcionamento da máquina administrativa da República recentemente proclamada, em 1889[215]. Ou seja, por intermédio desse autor, é possível analisar o desempenho do "PATRIARCA" dentro do contexto maior do Brasil e do mundo.

Com Grangeiro, têm em conta os conceitos de "condições de produção" do ponto de vista da Análise Discursiva, a "euforia" e a "desforia" no pensamento de Greimas[216] dos níveis de análise imanentista.

Edianne Nobre tece narrativas sócio-religiosas num artigo científico, tendo em vista o conceito de gênero. Ela se vale também dos conceitos de "táticas" e de "estratégias" para problematizar a atuação da beata enquanto protagonista dos milagres sobrenaturais. Essa autora desenvolve essas análises de forma inovadora.

[215] Nesse contexto "O Nordeste brasileiro vivia uma situação de extremas desigualdades sociais. A abolição da escravatura não significou efetivas melhorias das condições de vida para a maioria da população, haja vista a economia não ter absorvido a mão de obra dos escravos libertos, lançando-os na marginalidade" (GRANGEIRO, 2001, p. 100).

[216] No pensamento greimasiano há três níveis de análises linguísticas: o nível fundamental, o nível narrativo e o nível discursivo. Maiores explicações veja Grangeiro sobre isso.

A Grangeiro faz referências às práticas de controle dos corpos e sobre as resistências ao falar acerca do instrumental conceitual e teórico do filósofo Foucault. Faz reflexões entrelaçadas com as condições sociais, tendo em vista Certeau:

Podemos compreender tal fato com base na concepção de poderes de Foucault (1985, 1995), os quais se apresentam de forma capilar, difusos por todos os poros da sociedade. Consideramos, pois, neste sentido, as formas culturais, como portadoras de discursos/poderes/saberes. É possível fazer, também. Uma ponte deste pensamento com a perspectiva apontada por Certeau (1994, p. 4), para quem as formas culturais geram múltiplas significações a partir das práticas do cotidiano, cujo resultado é uma cultura plural, que jamais será dicotômica. São as práticas cotidianas, o uso do corpo, a linguagem, as ferramentas e utensílios, que estão imersas as possibilidades de resistências (GRANGEIRO, 2013, p. 86).

O Padre Cícero Romão Batista

> Cícero Romão batista nasceu na antiga Vila real do Crato, segundo seus primeiros biógrafos, no dia 24 de março de 1844, da constante em vários livros, em folhetos entregues aos visitantes de juazeiro e presente, inclusive, nos monumentos oficiais como a estátua, localizada na Serra do catolé, cognominada pelo próprio sacerdote de serra do horto, numa tentativa de aproximação com o Horto das Oliveiras, da Bíblia (GRANGEIRO, 2001, p. 102)

Primeiramente, é relevante analisar o nascimento do Padre Cícero, seus estudos no Seminário da Prainha e sua ordenação em 1870 (NETO, 2009, p. 43). E, além disso, problematizar o sonho místico desse padre em 1871 que se encontra no folheto de cordel e sua iniciativa na criação das irmandades religiosas no Joazeiro, tendo em vista, o diálogo com Della Cava, a exemplo do Padre Ibiapina. Nessas instituições religiosas aparece em cena a beata Maria de Araújo, como protagonista do milagre, em 1889.

Essas problemáticas são analisadas a partir dos folhetos de cordel de Abraão Batista. Nesse caso, dentro do enredo dos fios literários, não se pode deixar de lado suas produções lítero-populares, que, em diálogo com Grangeiro, ganham sentidos a partir “do contexto sócio-histórico, das condições de produção”. E, assim, são levados em consideração seus folhetos de cordel que reportam ao nascimento do padre Cícero. Veja nas palavras de Abraão:

> E no dia vinte e três
> de março de oitocentos
> ano quarenta e quatro

assim consta nos assentos
nasceu deles uma menina
a mais linda dos rebentos.

Mas, o anjo troca essa menina por um menino, como se pode analisar nos seguintes versos nas palavras do mesmo autor:

O Anjo chegou na rede
e com sua sagrada mão
trocou a filha menina
por Padre Cícero Romão
depois, com ela no braço
ele se levantou do chão

Conforme estudiosos, o Padre Cícero nasceu em 1844, no Crato, em seguida passa a estudar no Seminário da Prainha em Fortaleza, em 1869. Ele galga espaço no tempo das circunstâncias sociais, ordenando-se em 1870. Volta para sua terra natal e celebra a primeira missa na Igreja de Nossa Senhora da Penha. Tudo isso é bem analisado pelo pesquisador Lira Neto no seu livro "Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão" (2009).

Já ordenado, o Padre Cícero movido por um sonho, torna-se "capelão" do Joazeiro. Nessa experiência onírica está o "futuro Juazeiro" e é enredado de sentidos históricos como se pode observar no folheto de cordel. Ou seja, esse sonho pode ser o prenúncio do milagre que acontece com a beata Maria de Araújo, em 1889. Também representa o crescimento em sentido econômico e demográfico[217] do pequeno lugarejo do interior do Nordeste. Esse caso significativo é relatado por Abraão Batista:

Ao Padre Cícero chegar
no futuro Juazeiro
teve um sonho com Jesus
no meio de um luzeiro
fazendo Cícero, lhe dar
uma visão por primeiro.

Ou seja, o Padre Cícero passa a ter em suas mãos o poder espiritual concedido pela força invisível, caso observado e que tem sentidos religiosos que se mesclam com as relações sociais e políticas do lugarejo. Continuando, o poeta diz:

[217] Edianne Nobre no seu artigo "Sangue e pecado na terra santa: as beatas do Cariry sob uma perspectiva de gênero (1880-1895)" faz uma pequena menção aos movimentos demográficos. Essa problemática também se encontra na obra de Della Cava entrelaçada com o diferencial econômico já no início do século XX.

Então Jesus lhe falou
apontando a multidão:
tome conta de meu povo
que terá minha benção
Padre Cícero acordou
daquela santa visão.

O Padre Cícero, na sua carreira eclesiástica teve inspiração na pessoa do Padre Ibiapina, o qual se encarregou em liderar execução de benfeitorias (casas de caridades, açudes entre outras obras) nas cidades do Cariri, na segunda metade do século XIX (DELLA CAVA, 2014, p. 68). Por essa ocasião, houve um "renascimento religioso do vale", durante esse contexto sócio-histórico. Portanto, o Padre Ibiapina e o Padre Cícero representam o "catolicismo popular", conforme Grangeiro.

Padre Cícero movido pelo exemplo do Ibiapina cria irmandade leiga de beatas no Joazeiro (GRANJEIRO, 2001, p. 103), foi condição necessária para arregimentar beatas nessas congregações religiosas. Uma dessas beatas digna de atenção nas produções simbólicas é a Maria de Araújo, a qual se destacou na história convencional. Ela e outras segundo Nobre, "não permaneceram invisíveis na História".

Nesse contexto histórico, conforme Maria do Carmo Forti no Livro "Maria do Juazeiro: a Beata do Milagre" (1999), a Beata Maria de Araújo se encontra nesse universo, mas não é passiva, ela age, usa as "táticas" de sobrevivência em meio à sociedade patriarcal violenta no lugarejo da "Meca do Cariri".

O "movimento religioso"

Para ela, todos esses fatos são para que os pecadores se convertam que os justos perseverem e para que Jesus Cristo não se amargure ainda mais pela ingratidão dos homens; que estes possam atender ao Seu chamado e aproveitarem-se de suas graças em quanto é tempo de misericórdia (GRANGEIRO, 2001, p. 106).

Nesse trabalho, é relevante levar em consideração a atuação da beata no milagre de 1889, que se repete durante o processo de "averiguação" inquisitorial com o apoio do bispado cearense, daí "phenômenos extraordinários". E, ademais, essa pesquisa não deixa de problematizar as comissões de inquérito, pelas quais é possível captar os movimentos de

resistências da beata de Araújo já no I Inquérito e doutras religiosas nos momentos dos interrogatórios (NOBRE, 2006, p. 119).

Essa beata recebe a hóstia das mãos do padre Cícero, a qual se transforma em sangue na boca dela. Os devotos acreditam ser o sangue de Jesus Cristo (GRANJEIRO, 2001, p. 106). Essa experiência sobrenatural acontecida com essa figura feminina gerou um clima de conflitos com a Igreja católica oficial, "na disputa pelos bens simbólicos". Abraão Batista diz no seu folheto de cordel:

> Até que na Santa Missa
> sexta-feira da paixão
> uma beata ao comungar
> bem contrita, na devoção
> a hóstia se transformou
> em sangue, na ocasião.

Na próxima sextilha diz:

> A hóstia feita de trigo
> em sangue se transformou
> e Maria de Araújo
> como uma santa chorou
> e Padre Cícero Romão
> para Jesus, ele, orou.

Logo o bispo Dom Joaquim Vieira forma o I Inquérito para investigar esse milagre, se é verossímil ou se passa de uma falsidade. O milagre foi reproduzido para o convencimento dos padres inquisidores, daí milagres ou "phenômenos extraordinários". Em razão dessa experiência religiosa, o bispo forma um II Inquérito a fim de averiguar de forma satisfatória esses feitos sobrenaturais, de maneira que no final das investigações houvesse a desqualificação deles (NOBRE, 2006, p. 127).

Esse "movimento religioso" foi estudado por pesquisadores, entre eles há aqueles que são providos de um olhar "europeizado" sobre os "phenomenos". Entre os quais se podem apontar Lourenço Filho e Bergstrom na área jornalística, que escrevem que o povoado era um lugar de cultivo de "fanatismo", o qual estava fora do progresso material e científico

(GRANGEIRO, 2001, p. 112). Essa visão é impregnada de evolucionismo social mesclado de oposições binárias de investimentos simbólicos sobre demarcação de territórios[218].

O historiador e memorialista Padre Antônio Gomes se debruçou sobre os feitos sobrenaturais, através do conceito de "embuste", resultando na desqualificação da beata e que o milagre de 1889 não passa de efeito de substâncias químicas feitas por José Marrocos (FORTI, 1999, p. 95).

Nessas teias de "averiguação" eclesiástica e de estudos, é possível analisar as formas de sobrevivência da beata. Forti consegue visualizar essa problemática com grande propriedade nas páginas finais de seu trabalho de mestrado sobre a beata de Araújo ao se referir as brechas da estrutura de poder aproveitadas por esse sujeito feminino. Esse utiliza as "táticas".

Passados os milagres, a beata Maria de Araújo passou a ficar no esquecimento. Esse silêncio se fazia mesmo nos "escritos" de intelectuais (FORTI, 1999, p. 96). Em diálogo com a Edianne Nobre, aqui não vale a pena problematizar a "vitimização", como se as mulheres religiosas fossem culpadas, contribuindo para a reprodução das ideologias machistas. Pelo contrário, faz sentido levar em conta suas resistências sutis.

Nesse caso, é profícuo dialogar com Certeau, para quem nos seus escritos, há a referência às "estratégias" na forma de mecanismos coercitivos que geravam movimentos de sutilezas por parte dos subalternos. Os lugares institucionais que engendram saberes contribuem para a produção das "táticas" por parte das figuras femininas. Ou seja, na esteira do pensamento certeauriano, as beatas, incluindo Maria de Araújo criavam maneiras de consumir as produções linguísticas de influxos pragmáticos. Prática essa com o sentido de reaproveitá-las, reciclá-las em nome de resistências explícitas ou sutis contra os "mecanismos de poder" do âmbito eclesial.

Nobre analisa que as beatas são religiosas, fiéis aos sacramentos, mas não são passivas, tem suas sutilezas, quando abordadas pelos representantes dos inquéritos formados pelo bispo diocesano. Em diálogo com Forti, "ao longo do tempo que nos separa da emergência do milagre, a figura de Maria de Araújo foi sendo paulatinamente apagada da

[218] Essa prática pode ser problematizada no livro de Durval Muniz de Albuquerque Júnior "A invenção do nordeste e outras artes" (2011).

história". Mas, segundo Edianne Nobre ela e outras "não permaneceram invisíveis na História".

As fontes literárias consubstanciadas nos folhetos de cordel elencadas aqui são propícias para elaborar narrativas inscritas nas relações sociais, em que há as problemáticas das táticas fomentadas pelo consumo das produções simbólicas e das "estratégias", tomando em consideração Certeau. Assim, é imprescindível tomar em consideração a Beata Maria como "protagonista" do milagre nesse contexto histórico de relações sociais.

E, além disso, analisar os inquéritos da Igreja Oficial (mecanismos inquisitoriais) para captar os movimentos sutis dessa figura feminina e doutras religiosas. Ela, em meio desses processos eclesiásticos, não fica passiva, já que ofereceu resistências como forma de sobrevivência. E assim, nesse sentido, é relevante problematizar as tensões entre "a Igreja oficial" e os defensores dos "phenômenos religiosos". Essa interpretação pode ser feita a partir das fontes cordelistas, no diálogo com outros textos relevantes na análise dessas problemáticas.

Assim é interessante não só trabalhar com a biografia de Maria de Araújo, envolvendo os contatos dela com as hóstias que se transformam em sangue. Mas, também interpretar de maneira reflexiva os inquéritos e outras fontes históricas como a literatura de cordel da cidade de Juazeiro do Norte. E, nesse caso, são priorizados nessa pesquisa dois folhetos de cordel da autoria de Abraão Batista.

E que por meio deles são elaboradas narrativas mesmo que fragmentárias sobre as formas de resistência da beata e doutras do universo feminino. Nessa situação, tornaram-se importantes às produções científicas de autores como Forti e Certeau que além das "estratégias e "táticas", fala das "maneiras de consumo" em que há as subversões dos saberes institucionais de caráter coercitivo. Pois, no final do século XIX e início do século XX, havia ainda as formas de controle disciplinar através da confissão dos pecados como forma de controlar os devotos (NBRE, 2006, p. 121).

Padre Cícero prefeito do povoado de Juazeiro, o pacto dos coronéis e a "sedição de joazeiro" (1913-1914)

> Assim por esses tempos (segunda metade do século XIX), na Região do Cariri, ao sul do Ceará, havia um lugar, próximo a uma Fazenda chamada Taboleiro Grande,

> onde existiam três frondosos juazeiros, à sombra dos quase, paravam para descansar viajantes e tropeiros que andavam pelo sertão. Foi nesse lugar que o Padre Pedro Ribeiro ergueu uma capela em intenção de Nossa Senhora das Dores (GRANGEIRO, 2000, p. 101).

A epígrafe acima apresenta problemáticas relevantes para o entendimento do contexto histórico do lugar que passou a ser chamado Joazeiro em alusão aos pés de árvores dessa mesma região por sinal despovoada e que depois passou a ser ocupada por populações de outras localidades. E, nesse caso, as poucas habitações que vão se instalando são rústicas. Também por meio dos cordéis utilizados aqui como fontes históricas, era um ponto marcado por conflitos de cabras machos. Isso é contado de forma literária por Abrão Batista:

> Cícero foi nomeado
> pra ser o sexto capelão
> do povoado briguento
> cheio de decepção
> sendo ponto de encontro
> dos mascates da região

O povoado juazeirense inicia o "movimento político", no sentido de formar sua configuração administrativa, cujo líder foi o Padre Cícero ao lado do Jornal "O Rebate", imprescindível na formulação de ideias de autonomia política do Joazeiro (CORTEZ, 2000, p. 78). Juazeiro do Norte se tornou independente como efeito dos desdobramentos desses movimentos emancipacionistas em 1911[219] .

O Padre Cícero perdeu as ordens sacerdotais, mas continuou mergulhado no mundo místico e sobrenatural, e começa a entrar nos espaços políticos, sendo, por assim dizer, o primeiro prefeito do lugarejo do Joazeiro. Essa experiência política foi bem registrada nos meios literários da poética popular. Essa jogada política foi contada por Abraão Batista no seu folheto de cordel "O Cearense do Século":

> Cícero foi nomeado
> o Prefeito de verdade:
> e o que fez por primeiro?
> - Veja que sagacidade:
> convidou os coronéis
> para virem à cidade.

[219] A discussão dos movimentos emancipacionistas do povoado do Joazeiro em relação ao Crato se encontra na dissertação, que se encontra na bibliografia, de Antonia Otonite de Oliveira Cortez.

O Padre Cícero se torna um líder político imensamente querido aqui no Cariri e no Nordeste e tem como aliado "o Dr. Floro Bartholomeu da Costa, médico Nascido na Bahia, foi para Joazeiro em maio de 1908".

Logo quando ocupa o espaço político, O "PATRIARCA" enceta um acordo que pode ser chamado de "Pacto dos Coronéis". Abraão Batista não deixa essa experiência histórica de lado:

> Dezessete coronéis
> com Padre Cícero Romão
> assinaram um tratado
> com acerto e precisão
> de não fazerem mais guerras
> a partir da ocasião

O ponto de referência aqui é o trabalho de Grangeiro, que faz interpretações reflexivas sobre essas experiências históricas, tendo em vista folhetos de cordéis. Nesse gênero literário, a autora se utiliza da "Análise do Discurso" de linha francesa e da Semiótica greimasiana. Nesse caso, essa pesquisadora não fica apenas nas análises da qualidade literária da lógica imanentista, pois problematiza as condições de produção do mesmo.

Nessa interface, interpreta o "Pacto dos Coronéis" na ótica semioticista na esteira do pensamento de Greimas. Essa experiência política no mundo coronelístico pode ser problematizada no nível fundamental com o olhar greimasiano, em que envolve os conceitos de "euforia" e "desforia" para se referir à positividade e a negatividade.

Assim, os conflitos entre coronéis se encontram no plano disfórico, de desunião política, enquanto a união dos coronéis encabeçada pelo pacto representa a euforia. Essa é uma das problemáticas levantada na área de Letras no estudo do literário, do social, do político e do religioso no espaço juazeirense.

Esse acordo não teve efeito duradouro, os grupos políticos do Cariri retomaram as rinhas movidas pelas ideologias conflituosas. Como se pode observar nesse pequeno ensaio de pesquisa, o "Pacto dos Coronéis" foi um fracasso. Essa situação é relevante nos debates históricos, pois "durante algum tempo, o acordo até que vingou, mas quando as brigas de família e as disputas políticas e por domínio de terras se acirraram, esse acordo foi pelos ares e a situação de violência entre eles voltou a se instalar" (GRANGEIRO, 2001, p.123). Essas discussões, foram tecidas de forma literária por Abraão Batista, nesse folheto há as referências às vozes dos sujeitos históricos no universo de tensões conflituosas.

O povoado do Juazeiro também passou por momento de conturbação política, quando Franco Rabelo ocupou o governo da província do Ceará. Essa situação histórica gerou tensões nos meios dos que defendem a oligarquia aciollyna, que por certo período teve influência no âmbito da política provincial, tendo correligionários nas regiões do Cariri Sul do Ceará. Os aciollynos tiveram durante anos como aliado o Padre Cícero Romão Batista:

> Em 1914, na Guerra conhecida como Sedição de Juazeiro, o então presidente da província do Ceará, Franco Rabelo, aquartelando-se na cidade do Crato, declarou guerra ao Padre Cícero que era ligado a uma família oligárquica, os Nogueira Aciolly. Por duas vezes, as tropas Estaduais tentaram render os soldados de juazeiro, sendo derrotados (GRANGEIRO, 2001, p. 123).

Essa experiência bélica do início do século XX está ligada com o contexto maior do Brasil, o qual estava passando por processos de mudanças políticas. E, isso abalou as estruturas do poder presidencial da província cearense, de modo que houvesse a chamada "Sedição de juazeiro entre 1913-1914, em que houve a participação dos rabelistas e dos aciollynos. Ao lado do padre Cícero ficou o Floro Bartolomeu em nome do retorno dos "Nogueira Aciolly".

Esse movimento bélico tem implicações com o universo religioso, no momento em que os soldados rabelistas trazem um canhão como se pode observar nessa citação:

> Os soldados, pelo fato de não terem muita prática com esse armamento, sobrecarregaram-no de pólvora e, no memento do disparo, o tiro atingiu aqueles que o trouxeram, ferindo dezenas de homens. Imediatamente, a história se espalhou como mais um milagre do padre Cícero" (GRANGEIRO, 2001, p. 123-124).

Todas essas análises interpretativas de representações de discurso podem ser tecidas a partir dos folhetos de cordéis, que são relevantes para problematizar as representações religiosas, políticas e religiosas no espaço do Joazeiro, que se torna renomado com as séries de milagres e pelos inquéritos realizados pelos representantes do clero oficial, estabelecendo um clima de tensões conflituosas de circunstâncias complexas. Tudo isso pode ser analisado pelos enredos literários dos cordéis de Abraão Batista.

Esse tecido literário é marcado pelas historicidades, nesse caso essa fonte histórica ganha sentido dentro do contexto das relações sociais investidas de sentidos sobrenaturais, políticos e sociais. Isso é bem problematizado por Grangeiro que na sua dissertação de mestrado usa os conceitos teórico-metodológicos do pensamento do Greimas e também se

valeu da Análise discursiva de linha francesa, dialogando, até mesmo com o Michel Foucault. Portanto, é um trabalho de inovação científica para os pesquisadores, em que há as análises linguísticas e sócio-históricas.

Assim as atuações do padre Cícero como prefeito do então município de Juazeiro, a partir de 1911, são relevantes para discutir seus envolvimentos na formação do "Pacto dos Coronéis" e nos movimentos bélicos da "Sedição de Joazeiro" entre 1913 a 1914, que tem certa ligação com o contexto brasileiro da República.

Considerações.

A historiografia é sempre reescrita, tendo por base inovações teórico-metodológicas e conceituais, nesse caso a história não é completa, pois tem como respaldo novas fontes. Essa experiência histórica contribui no questionamento da escrita da história oficial, de forma a trazer problemáticas do passado a partir do presente e prever o futuro.

É o caso da problemática da figura feminina na análise dos "phenomenos religiosos" no Joazeiro. A beata Maria de Araújo é a protagonista desses feitos sobrenaturais, e que tem suas astúcias no âmbito religioso. Esse tipo de interpretação vem sendo feito por alguns estudiosos. Essa prática interpretativa é possível com a literatura de cordel da região nordestina.

Nas fontes literárias elencadas aqui, o político e o religioso estão mesclados, não há separação entre essas esferas. Isso se faz presente na sedição de 1914. Esse feito belicista, como já foi dito, faz parte das crenças dos devotos do Padre e em todo o Nordeste, pois há a presença significativa do canhão envolvido numa atmosfera mística e sobrenatural.

Para analisar a história do povoado Joazeiro entre 1844 e 1914, é preciso levar em consideração as problemáticas relativas ao âmbito de caráter religioso, político e social. Pois, nessa ótica, as experiências históricas estão entrelaçadas. Além disso, contemplar os poderes espirituais e temporais, discutidos ainda que de forma sucinta por Grangeiro, do Padre Cícero Romão Batista, a partir do "protagonismo" da beata Maria de Araújo, que teve papel relevante nos milagres religiosos e sobrenaturais iniciados em 1889.

Esse é um pequeno ensaio em que faz análises reflexivas sobre as relações sociais e políticas de Juazeiro do Norte que se torna famoso por ser a terra do Padre Cícero Romão Batista. Nesse pequeno ensaio foi utilizado o conceito de "Pacto dos Coronéis" do início do século XX e também os pertencentes ao pensamento analítico nos escritos certeaurianos, nos

quais há as reflexões teóricas sobre as "táticas" e "estratégias" e como são praticados no cotidiano social.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** 5ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CERTEAU, Michel de. Fazer com: usos e táticas. In: **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CORTEZ, Antonia Otonite de Oliveira. **A Construção da Cidade da Cultura. Crato 1889-1960.** Dissertação (mestrado em História), Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de janeiro, 2000.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. 3ed. São Paulo: Compainha das Letras, 2014.

FORTI, Maria do Carmo Pagan. **Maria do Juazeiro**: a beata do milagre. São Paulo: Annablume, 1999.

GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. **Discurso político no folheto de cordel**. São Paulo: Annablume, 2013.

_____. **O Discurso religioso na Literatura de Cordel de Juazeiro do Norte**. Dissertação (mestrado em letras), Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, 2001.

NETO, Lira. **Padre Cícero:** poder, fé e guerra no sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOBRE, Edianne dos Santos. Sangue e pecado na terra santa: as beatas do Cariry sob uma perspectiva de gênero (1880-1895). In: MARQUES, Roberto (Org.). **Os limites do Gênero:** Estudos Transdisciplinares. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda., 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & Hist**ò**ria Cultural**. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FONTES BATISTA, Abraão. O nascimento do Padre Cícero. 6ed. 1. M.J. DO. 06.2004._____. **Padre Cícero:** O Cearense do Século. 3ed. IM 18 Março de 2005

O FIEL IMAGINÁRIO DA REPRESENTAÇÃO DO PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA NA CAPELA DA PEDRA REDONDA NA CIDADE DE FARIAS BRITO – CE.

João Eudes Pereira de Alcântara[220]

O templo na pedra: uma ligação transcendental

O presente artigo desenvolve uma investigação sobre a construção de um templo de rituais católico, na zona rural da cidade de Farias Brito estado do Ceará, nas comunidades dos sítios Cedro e Carás, conhecido como a Capela da Pedra Redonda, nome esse alusivo pelo local em que a capela foi construída. Conforme observa na fotografia a seguir.

Fig. 01: Capela da Pedra Redonda

O local é um símbolo da representação do imaginário religioso das comunidades, tendo como foco principal a devoção de Padre Cícero Romão Batista, personagem conhecido e idolatrado no Nordeste brasileiro como santo popular. A difusão da memória da capela para cada pessoa é transmitida oralmente de geração em geração, porém observa-se que essa memória vem sendo destruído, não por descuido, no entanto, pela amnésia daqueles que são testemunhas oculares da sua construção, necessitando assim de um rápido resgate. Entende-se neste trabalho a necessidade de interligar a memória com a linguagem conforme enfatiza Le Goff (2010):

[220] ALCÂNTARA, João Eudes Pereira de. joaoeudespa@yahoo.com.br , Graduado em História pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Professor temporário da rede municipal de Farias Brito - CE.

> Florès, "A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento de nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para se interpor que nos outros, quer nas bibliotecas. Isso significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memórias. (LE GOFF. 2010. p, 389):

A memória da capela é o símbolo concreto e a escrita do texto deste artigo, consisti no resultado de uma pesquisa que procura possibilitar um recorte a ser costurada nas memórias dos entrevistados. Utilizando-se da metodologia da História Oral, com relatos, por meio de entrevistas de testemunhas oculares desta edificação, ou seja, de testemunhas que vivenciaram a construção da capela, nos foi possível verificar a criação da identidade local e circunvizinha, assim como da memória coletiva a partir da sua cultura religiosa e devoção da capela como local sagrado.

> A história oral é um procedimento, um meio, um caminho para produção do conhecimento histórico. Traz em si um duplo passado, e sobre um duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento – o tempo passado, e sobre a época na qual o depoimento foi produzido – o tempo presente. Trata-se portanto, de uma produção especializada de documentos e fontes, realizadas com interferência do historiador e na qual se cruzam intersubjetividades. (DELGADO, 2010, P.16)

Para o ser humano que pratica algum ritual religioso, há espaços considerados sagrados conforme destaca a passagem Bíblica êxodo. "E no meio da sarça Deus o chamou: "Moisés, Moisés!" Ele respondeu: "Aqui estou". Deus disse: "Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, por que o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado", (Êxodo3: 5).

Nesta perspectiva de elucidar a transformação que ocorre no espaço simbólico e geográfico, permitindo assim um esclarecimento, por que todo ambiente ao entorno da capela torna-se sagrado e procura desenvolver um respeito pelo ambiente. Mircea Eliade nos responde e nos fala sobre a representação da capela, é uma representação de uma hierofânio! Pois:

> Nunca será demais insistir no paradoxo que constitui toda hierofânica, até a mais elementar. Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ela mesmo, por que continua a participar do meio cósmico envolvente. Uma pedra sagrada nem por isso é menos uma pedra, aparentemente (para sermos mais exato) nada a distingui de todas as demais pedras. Para aquelas a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, sua realidade imediata transmuda-se numa realidade de sobrenatural. Em outras palavras, para aquelas que têm uma experiência religiosa, toda natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. (ELIADE, 1999, p.18).

A natureza em seu contorno recebe influencia da sacralidade das imagens que transmiti a ligação com o mundo espiritual. Diante disto, destaco nas palavras de Eliade (1999) a angustia do ser humano observa esta transcendência na homogeneidade do universo, que o torna heterogêneo para a percepção do homem sagrado ocidental. O teórico enfatiza:

> O homem moderno ocidental experimental um certo mal-estar diante de inúmeras formas de manifestação do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou arvores, por exemplo. Mas, como não tardaremos a ver, não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore, a pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente por que são hierofanias, por que "revelam" algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o ganz ardente (ELIADE, 1999. p. 17 – 18).

É nestas perpetras que este trabalho permite observar a expressiva representação da cultura popular nessas comunidades, por meio da propagação de rituais de renovações da fé. Torna-se uma expressiva representação da cultura popular do povo nordestino, abrindo também um debate acerca do que seria essa cultura popular e para quem ela é voltada. Michel de Certeau na obra A cultura no plural de 1995, delibera em referência a cultura popular:

> A cultura popular define-se, desse modo, como um patrimônio, segundo uma dupla grade histórica (a interpolarizaçao dos temas garante uma comunidade histórica) e geográfica (sua generalização no espaço atesta a coesão desta). (...) Assim arrumando, o domínio popular cessa de ser o mundo inquietante que Nisard se esforçava por exorcizar e circunscrever havia menos de um quarto de século. (CERTEAU, 1995, p 63).

A figura religiosa de Padre Cícero Romão Batista, objeto de culto na capela da Pedra Redonda, incorpora a cultura popular na cultura erudita de quem busca nas romarias à Juazeiro do Norte, esta incorporação se dar na pratica de rituais católicos por grupos sociais distintos. Estes devotos do Padre também chamado de forma mais carinhosa por seus fiéis de padrinho, vem a cidade renovar sua fé e demonstrar sua devoção a Nossa Senhora das Dores padroeira da localidade.

Sobre esta relação de cultura popular e erudita Burke (2005) enfatiza:

> Outro problema para o historiador da cultura popular é definir se devem ou não incluir as elites pelo menos em certos períodos. O que torna a exclusão problemática e o fato de que as pessoas de status elevados, grande riqueza ou poder substancial não são necessariamente diferentes, no que diz respeito à cultura, das pessoas comuns. (BURKE, 2005, p.41).

Diante deste problema que é explicar o que é cultura popular e cultura erudita, Burke exemplifica as condições e complexas para elucidar quem faz parte destas duas ramificações de cultura, descrevendo a complexidade do qual é separar cultura erudita de uma cultura popular.

> Os especialistas várias vezes sugeriram que as muitas interações entre cultura erudita e popular eram uma razão para abandonar de vez os dois adjetivos. O problema é que sem eles é impossível descrever as interações entre erudito e o popular. Talvez a melhor política seja empregar os dois termos sem tornar muito rígida a oposição binária, colocado o tanto o erudito como o popular em uma estrutura mais ampla. (BURKE, 2005. p. 41 e 42)

Burke citando Chartier [221](2005) ressalta:

> Sendo assim Roger Chartier argumentava que era praticamente impossível rotular objetos ou práticas culturais como "popular". Focalizando os grupos sociais e não os objetos práticas, pode-se argumentar que as elites da Europa Ocidental no começo dos tempos modernos eram "biculturais", participando do que os historiadores chamam de "cultura popular" e também de uma cultura erudita de que as pessoas comuns estavam excluídas. Só depois de meados do século XVII as elites deixaram em geral de participar da cultura popular. Os especialistas várias vezes sugeriram que muitas interações entre cultura erudita e popular eram uma razão para abandonar de vez os dois adjetivos. O problema é que sem eles é impossível descrever as interações entre o erudito e o popular. Talvez a melhor política seja empregar os dois termos sem torna rmuito rígido a oposição binária, colocando tanto o erudito como o popular em uma estrutura mais ampla. (BURKE, 2005, p.42).

Certeau amplia uma explicação que busca refletir sobre a relação entre cultura popular e cultura erudita. Ele liga aos anos 60 e 70, quando a entrada nas universidades, tiveram um aumento significativo.

> O impulso demográfico, a gratuidade do secundário e, conseqüentemente, o aumento dos bacharéis, enfim a elevação do nível de vida que acarretou uma demanda crescente de participação cultural, de promoção social e, pois, do ensino superior triplicou em poucos anos o número de estudantes: de 1960 à entrada prevista para 1970, ele passa de 215 mil a 736 ml. Mediante este esse aumento quantitativo è preciso identificar seu significado qualitativo. (...) A relação da cultura com a sociedade modificou-se: a cultura não está mais reservada a um grupo social; ela não mais constitui uma propriedade particular de certas especialidades profissionais (docentes profissionais liberais); ela não e mais estável e definida por um código aceito por todos. (CERTEAU, 1995, p. 103 – 104.).

[221]Chartier, Cultura History; Peter Burke, Popular Cultura in Early Modem Europe, 1987, Ed. Revista, Aldersrhot, 1993.

As múltiplas faces de um ritual observado por grupos sociais distintos e distantes em âmbito educacional e econômico podem ser direcionadas quanto a praticas da religiosidade voltada ao imaginário do Padre, as quais nos parecem uma mistura entre praticas consideradas de cultura popular e erudita podendo ser complexas e contraditórias.

As vozes de uma memória silenciosa.

Por não serem encontrados documentos escritos sobre o templo, foram realizadas entrevistas com moradores da comunidade, no intuito de possibilitar um resgate da memória do templo na pedra.

O primeiro contato ocorreu em Janeiro de 2012, o qual foi explicado as depoentes a necessidade de realização da pesquisa que possibilitasse o entendimento da construção da capela conhecida na comunidade dos sitio Carás pela denominação de Capela da Pedra Redonda em seguida todas as demais reuniões foram executadas entre os dias 10 e 17 de Março de 2012.

As entrevistas foram realizadas no sitio Carás, todas no mesmo dia, de acordo com a vontade dos entrevistados, o que permitiu uma dinâmica amistosa em relação às praticas das narrativas de História Oral. Foram entrevistados Antônia Fernandes de Oliveira, Raimundo Ferreira de Lima, no dia 29 de Março de 2012, às 14h10min e 16h19min, respectivamente e completando as entrevistas realizou-se com Maria do Socorro Fernandes 17h:10min.

Após esses encontros, todas as entrevistas foram transcritas para o papel. Posteriormente, foi combinado um novo encontro onde, as mesmas foram lidas aos depoentes, permitindo-lhes qualquer intervenção ou restrição na publicação das entrevistas.

Nessa perspectiva de entrevistas temáticas partindo dos relatos de depoimentos os quais vivenciaram a construção da capela, deseja-se observar, a possibilidade de interligar no mesmo ponto comum.

> O ponto comum que escreve as referidas produções de documentos no campo da historia oral encontra-se no fato de fazermos da memória e das narrativas, elementos centrais para reconstituição de épocas e acontecimentos que tiveram importância para a vida da comunidade, instituições e movimentos aos quais os depoentes estiverem ou ainda estão vinculados. (DELGADO, 2010, p. 21)

Todos os entrevistados têm um ponto em comum na história e na memória religiosa desta comunidade, por ter uma ligação de parentesco com o idealizador, ou por ser filha da doadora da terra onde esta localizada o templo. Todas as narrativas das testemunhas oculares têm destaque a fé e devoção ao padre Cícero.

Capela da pedra redonda simbolismo de ex-voto

A construção da capela da Pedra Redonda é uma representação de cultura popular dos anos oitenta, esta relacionada na comunicação no que remete as pratica religiosa. É através das indagações destas ações que a históricas remetendo ao ramo da memória possibilita autoconhecimento das identidades dos sujeitos das comunidades dos Carás e Cedro, Delgado enfatiza:

> À História e à memória competem empreender tal tarefa. Sua contribuição maior é a de buscar que os ser humano perca referências fundamentais à construção das identidades coletivas, que mesmo, sendo identidades sempre em curso, como afirma Boaventura Santos (1994), são esteios fundamentais do auto reconhecimento do homem como sujeito de sua história. (DELGADO, 2010, p. 36).

Segundo os depoentes, a capela foi construída em terras doadas exclusivamente para a sua construção, fato esse confirmado pela senhora Antônia Fernandes de Oliveira.

Fig. 02: Paulo e Sua esposa Antônia Fernandes de Oliveira

Conhecida como Toinha de Paulo[222]. Relata que sua mãe Raimunda Maria da Conceição ofertou para o padre na pessoa de José João de Lima vulgo Zeca Conrado construtor da capela.

Partindo do pressuposto de que pela qual a pluralidade das construções de capelas, de certo modo, está ligada a um "santo" de devoção por motivo e impulsionado de pagar uma promessa na forma de um ex-voto. A capela estudada não foi construída por esse motivo de graça alcançada. No entanto, sua finalidade do aspecto religioso não diferencia por não ser uma construção de um ex-voto ao mesmo respeito e continua e o simbolismo de adoração de uma figura religiosa. Oliveira (2007), ainda ressalta:

> A etimologia da palavra ex-voto é original do latin e ex-votos, cuja preposição ex representa a 'causa de, em virtude' e voto advém de votum, i 'voto', relativo votum, originado de vovère'fazer voto, obrigar-se, prometer em voto, oferecer, dedicar, consagrar'. (...) Em alguns compêndios o ex-voto aparece como oferenda entregue após um voto formulado e atendido pelos deuses, nos tempos do paganismo, a Deus, a Virgem Maria e aos Santos, na vigência do Cristianismo, em ocasião de angustia, doença mortal, perigo de morte dos animais domestico e semelhantes. De modo geral, em publicações ilustrativas e em dicionários, o ex-voto vem a ser o quadro pictórico, desenho, escultura, fotografia, peças de roupa, jóia, mecha de cabelo ou outro qualquer objeto que se ofereça ou exponha nas capelas, igrejas ou salas de milagres, em regozijo de graça de alcançar. Porém, as cartas e os bilhetes não são difundidos, causados uma lacuna nas divulgações sobre os ex-votos, sejam elas em teses e dissertações, sejam em artigos científicos. (OLIVEIRA, 2007, p., 05).

Porém mesmo o ex-voto não sendo o objetivo da construção da capela, na atualidade, é alvo desse ato de religiosidade cultural. Muitas pessoas vão ao local deixar seus ex-votos em forma de oração ou deixar uma imagem sacra no local da capela, conforme enfatiza Betania Maciel (2005):

> O ex-voto é a designação erudita onde podem ser enquadrados milagres e promessas. São oferendas feitas aos santos de particular devoção ou especialmente indicados por alguém que obteve uma graça ou milagres implorados, como um testemunho publico de gratidão. Eram muito utilizados na Antiguidade greco-romana, embora sua origem seja desconhecida, sabe-se que foi difundido por volta do ano 2000 a.c (MACIEL, 2005, p.09).

[222] Toinha de Paulo é como à senhora Antonia Fernandes de Oliveira é conhecida o Toinha como a denominação para Antonia e Paulo o nome de seu esposo

Raimundo Ferreira Lima (imagem 03) conhecido por Raimundo Conrado nos relata que não foi por motivo de uma promessa que a capela foi construída. No entanto, a capela é um símbolo da religiosidade popular das comunidades do sitio Carás e Cedro e que é fervente a fé deste povo na representação do Padre o qual a capela foi construída em sua homenagem.

A capela está situada sobre uma rocha de formato circular, por este contorno a rocha é conhecido pela comunidade por Pedra Redonda, em uma em media de 15 metros de altura do solo. A capela foi edificada pelo Sr. Zeca Conrado, ofertada como símbolo de sua religiosidade a figura religiosa de "Padim Ciço". É a representação do Padre Cícero Romão Batista, é a simbologia de sua religiosidade católica destacada por Zeca Conrado[223]

Fig.03: Maria do Socorro Fernandes e seu tio Raimundo Ferreira Lima

Para Zeca Conrado foi por conseqüência de sua religiosidade na figura mítica que circula o "Padim Ciço". Construída em um local que apresenta um vista das comunidades vizinhas, do local da capela pode-se observado residências na comunidade do sitio Carás.

[223] Zeca Conrado: a origem do nome Zeca Conrado é: Zeca vem do diminutivo de José: Zé e para os mais próximos Zeca. Conrado vem de um sobrenome de seus antepassados neste caso vem de Maria Conrado casada com João Ferreira Lima, o casal teve os seguintes filhos (as): José Ferreira Lima, Dozim, Dirceu, Dezinha, Manuel João de Lima. Manuel João de Lima casado com Maria Costa Lima, casal dos quais nasceram:

1. José João de Lima (Zeca Conrado)
2. Raimundo Ferreira lima,
3. Luiz Ferreira Lima,
4. José da Costa Lima,
5. João Ferreira Lima,
6. Francisco Ferreira Lima,
7. Antônio Ferreira Lima,
8. Laura da Costa Lima,
9. Maria da Costa Bezerra
10. Vicente Ferreira Lima
11. Filisa Maria da Costa.

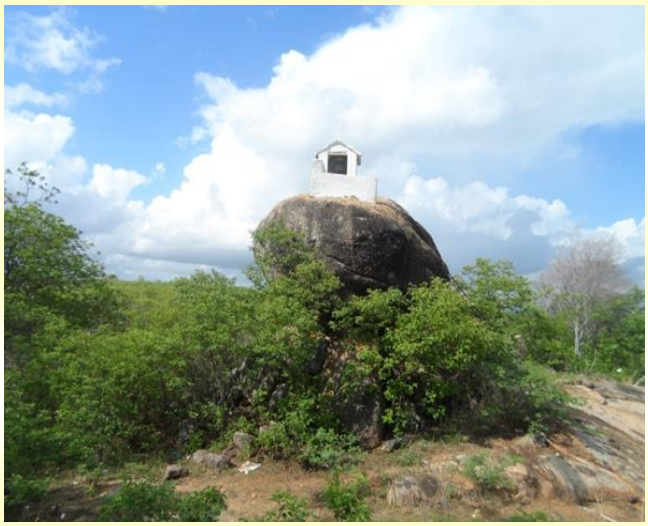


Fig. 04 Paisagem no entorno da capela.

O local era uma mata muito fechada. No ano que foi colocado a imagem do padre na capela questionado ao entrevistado Raimundo Ferreira Lima. Idealizada por Zeca Corado que é devoto do padre Cícero, segundo o seu irmão Raimundo Ferreira Lima não houve uma obrigatoriedade de uma graça alcançada paga por um ex-voto. Foi por devoção ao Padre Cícero. Raimundo Conrado relata: “ele fez por livre vontade de butar a capela acular. Foi por livre vontade. Ali era uma mata verde, nós tiramos no peito. Ele sozinho e Deus, arrancando todo toco de chibanca passava dias e dias de fome lá.”

Construir uma capela em um local onde se pode observar uma paisagem esta localizada a capela da Pedra Redonda. Idealizada por livre exportaria vontade não havendo uma obrigação de pagar por uma graça alcançada.

Terminada a construção da capela, Zeca Conrado reuniu uma multidão e com muito fervor a qual acompanhou uma procissão saindo da sua residência na comunidade do sitio Cipó, comunidade distante da capela uma media de 4 km. A multidão que acompanhou o cortejo até o local da capela onde foi depositada a imagem de padre Cícero. Raimundo Conrado: ”Teve, muita gente, até na pedra, mas, a estrada cheia de gente, carro não passava”. Após a construção o local passou a ser um ponto de visitação o próprio Zeca Corado poderia ser encontrado no local. Fazendo manutenção da capela, após seu falecimento sua família ainda zela pelo espaço colocando escadas e permitindo o acesso a capela.

A comunidade também pode ser encontrada no local, todo dia vinte de cada mês é comum observar fiéis realizando seus rituais religiosos. Quando vão ao local. Para realizar suas orações ao padre considerado para o povo santo.

Considerações

O Presente trabalho nas suas cobiças de estabelecer um material que seja possível fazer uma leitura da memória que teia a construção da Capela da Pedra Redonda.

Os objetivos do artigo em aspirar à leitura deste símbolo pelo qual foi possível uma investigação, foram obtidos, graças à possibilidade de podermos contar com as fontes orais. Pessoas da comunidade que nos permitiram em com o empréstimo de suas falas busca nas palavras de cada um, um resgate deste tempo e espaço estudado.

Podemos observar na escrita que sua grandeza não esta no volume de paginas mais permitir que a memória da comunidade seja preservada não na sua totalidade. Todavia, no que for possível escrever sobre ela. Haja vista que muitos das narrativas deste povo esta sendo sepultada com seus idosos, os quais são as melhores fontes.

Nas comunidades dos Carás e Cedro é visível o fervor de sua população em especial destaque na figura de padre Cícero Romão Batista, figura religiosa e política que move uma imensidão de romeiros vindos dos vários pontos do norte e nordeste vindos a cidade de Juazeiro do Norte estado do Ceará.

Construída por José João Lima, na década de Oitenta entre as comunidades de Carás e Cedro, na cidade de Farias Brito estado do Ceará região Nordeste brasileiro. A capela possui imagens de vários santos presentes no imaginário da religiosidade católica. No entanto, a figura religiosa de maior destaque é “Padim Ciço.”

Os locais onde podemos encontrar as imagens religiosas do “Padim Ciço” são os mais variados possíveis, em cruzes nos caminhos da comunidade, muitas destas imagens são quebradas e para não deixar dentro de casa e nem colocar no lixo são colocadas nestes locais considerados sagrado.

O que diferencia cada local não é tamanho das imagens, mas, sendo um conjunto de características; social, político e econômica, que caracteriza cada comunidade onde podemos encontra as múltiplas capelas ou locais do tipo: cemitérios de anjinhos nas mata e covas de pessoas que morreram no inicio do século XX, por doenças e fome. São Considerados espaços sagrados para religiosidade do fiel imaginários dos sujeitos os quais estão inseridos na região nordeste brasileiro e em especialmente na cidade de Farias Brito estado do Ceará.

Referências

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante. **A Terra da mãe de Deus.** Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do titulo de mestrado em ciências sociais (antropologia) Universidade Católica de São Paulo, 1980.

BURKE, Peter. O que é história cultural?Tradução Sérgio Goes de Paula – Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED. 2005.

CERTAU, Michel de. **A cultura no plural.** Tradução Enid Abreu Dobránsky- Campinas; SP: Papirus. 1995.

CHARTIER, C. **Cultura History: Peter Burke, Popular Cultura in Early Modem Europe, 1987.** Aldersrhot: Ed. Revista, 1993.

GARRDER, Jostein. **O Mundo de Sofia:** romance da história da filosofia; tradução do norueguês Leonardo Pinto Silva. 1ª ed. – São Paulo: Companhias das Letras, 2012.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano:** a essência das religiões; Tradução: Rogério Frnandes. – 3ª Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

DE SORDI, Neide Alves Dias. **Manual de procedimentos do Programa de História Oral da Justiça Federal.** Brasília : Conselho da Justiça Federal, 2007.

DELLA CAVA, Ralph. **"Milagre em Joazeiro".** Rio de Janeiro: Ed. Paz &Terra, 1977.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral:** Memória, Tempo, Identidade. – 2ª Ed. – Belo Horizonte: Autentica. 2010.

INTERNACIONAL. Sociedade Bíblica Católica. Traduzido por: STORNIOLO, Ivo.; BALANCIN. Euclides Martins.; PRADO, José Luiz Gonzaga do. Editora Paulus São Paulo. 1990

LE GOFF, Jacques. **História & Memória.** Tradução Bernardo Leitão... [ET AL.].- 7ª Edição. Revista – Campinas, SP: Editora da UNICAMP. 2013.

MAIA, Gerda Nickel. **Caatinga: árvores e arbusto e suas utilidades.** São Paulo. D&Z computação Gráfica e editora, 2004.

OLIVEIRA, José Claudio Alves de. Artigo: Ex-votos escritos: A riqueza e pobreza da gramática e da ortografia nas salas de milagres do Brasil, . Trabalho apresentado ao NIP-intercom – Folkcomunicaçao, **VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa comunicação**, 2007,

no Intercom – XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Santos, São Paulo.

_____Artigo: Ex-votos do Brasil: Fragmentos riqueza, diversidade e curiosidade da religião do povo. **VENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinar em Cultura. Faculdade de comunicação** UFBa,, Salvador – Bahia - Brasil. 27 a 29 de Maio de 2009.

FONTES ORAIS

OLIVEIRA. Antônia Fernandes de. Doação da terra da capela. Farias Brito 2012. Gravado em fita microcassete (15 min.)

LIMA. Raimundo Ferreira de. Idealização da capela da Pedra Redonda. Farias Brito 2012, gravado em fita microcassete (20 min.)

FERNANDES. Maria do Socorro. Zeca Conrado. Farias Brito 2012, gravado em fita microcassete (10 min.)

GT 6: EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS

A RESSIGNIFICAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DO COMBATE À MISÉRIA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO POPULAR: DESCONSTRUIR A INDÚSTRIA DA SECA NA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

Anastácio Ferreira de Oliveira[224].

Introdução

Interpelados pela realidade em que estamos inseridos que é o Semiárido nordestino e levando em conta as ideologias, preconceitos e desafios criados historicamente sobre este contexto, refletiremos sobre a contribuição da Igreja dos Pobres na desconstrução das ideologias dominantes e na resignificação do problema da miséria e na construção da cidadania da mulher e do homem deste bioma. Alçamos mão da literatura de cordel, poesias e músicas populares ao analisar as diversas percepções e reações frente às problemáticas sociais.

Partimos do pressuposto de que as imagens de Deus transmitidas pelos Modelos de Evangelização no decorrer da História também influenciaram nos comportamentos diante dos problemas. Como diz o grande educador Paulo Freire na sua Pedagogia do Oprimido: "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo"[225].

Daí a importância de refletir sobre a atuação da Igreja dos pobres na realidade do semiárido nordestino, tendo como referencial a pessoa e prática de Jesus de Nazaré, a 'palavra de Deus que se fez carne"(Jo 1,14) num contexto histórico concreto e ali vivenciou a sua missão.

É a práxis pedagógica de Jesus de Nazaré que levava em conta o "mundo de vida" das pessoas com que se relacionava e dirigia sua mensagem falando a linguagem do público a que

[224] Presbítero da Diocese de Iguatu/Ce, professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Iguatu, Mestre em Teologia da Práxis Cristã pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte

[225] FREIRE,Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra. 2004, p. 68.

se dirigia se fazendo entender e estabelecendo de fato um processo interativo de aprendizagem levando as pessoas à reflexão e ação, o que inspira e motiva a prática das CEBs, Cáritas e Pastorais populares hoje.

Compreendemos que todos (as) têm algo a aprender e a ensinar, que a pessoa humana é um projeto permanente, aberto ao novo ao aprendizado recíproco e comunitário. Uma concepção de formação como algo pronto e acabado na perspectiva de 'enformar' (pôr na fôrma), "programar" pode dar a ideia de engessamento, uniformização e fechamento[226] o que descaracterizaria a face dialógica da Igreja dos pobres.

O processo formativo na Igreja dos pobres (CEBs, pastorais sociais e Cáritas) é integral, permanente e dialógico com os cenários em que interage. Constituem o grande útero da Igreja-Mãe gerador de cidadãos e cidadãs que se inserem nas estruturas sociais e eclesiais para tecer o Reino de Deus a partir da vivência dos valores evangélicos da solidariedade, fraternidade, partilha e poder-serviço.

Ilumina esse processo gerador de protagonismo social a experiência bíblica dos antepassados, no que fez Moisés ao ser inserido no clã (associação comunitária das famílias) de Jetro (Ex 18). No deserto, Moisés, pôde mergulhar nas raízes do inconsciente coletivo do povo hebreu, nas tradições na Memória da Promessa (Ex 3 – 5). A experiência comunitária do face a face com o outro fez a diferença. No Novo Testamento Jesus desafia Nicodemos a assumir a fé publicamente e "Nascer de novo" (Jo 3,1-8). É o que vai acontecer com Saulo imergido na comunidade de Damasco (At 9,17-22).

Aconteceu nos anos 1980 com Dom Oscar Romero que, em plena ditadura militar, mergulha no grande martírio do povo salvadorenho e faz a experiência eclesial do caminhar em direção aos pobres e assume as suas dores, angústias e esperanças. A ação profética do arcebispo de El Salvador contribuiu e confirmou a ação profética e solidária da Igreja dos pobres. Percebemos que há uma experiência da fé e reação diante dos problemas sociais, antes e depois do engajamento na Igreja povo de Deus, Igreja dos pobres. A práxis educativa popular passa pela participação efetiva nas lutas populares. Podemos falar de experiência de fé num antes e num depois do engajamento nas CEBs, ou seja, a perspectiva individualista, intimista da fé (antes) amplia-se para a dimensão comunitário-eclesial do povo de Deus inserido nas estruturas do mundo (depois).

[226] LIBÂNIO,João Batista. A arte de formar-se. São Paulo: Loyola. 2002, p. 11-15.

A Igreja dos pobres ao assumir a tríplice missão de Jesus Cristo, sacerdote, profeta e pastor torna-se embrião de transformação pessoal e social e, afirma a fé no Deus Vivo na sociedade marcada pela cultura da morte. Através da prática solidária na defesa e promoção da vida, na cidadania participativa e na doação às causas sociais, os cristãos engajados na Igreja dos pobres atualizam e dão visibilidade à práxis de Jesus Cristo na história. Aqueles que foram silenciados e oprimidos recuperam a vez e a voz na base da pirâmide social.

Esta vivência eclesial permite a formação de novos agentes sociais qualificados no saber e sabor da ternura e se transformam pela missão em cuidadores da vida, que ungem as feridas das exclusões e dos embates nas grandes fronteiras do mundo neoliberal. Eis a importância de se ter clareza do processo formativo, que pessoa está sendo gestada? Em qual mundo estamos agindo? O que desejamos criar? Os métodos utilizados correspondem aos nossos sonhos?

Faz-se necessário perguntar: estamos de fato formando testemunhas que sejam sal, luz, fermento de novas atitudes? Trazemos em nós o sabor da ternura e do amor que as pessoas saborearam em Jesus? A corrupção, o autoritarismo e os preconceitos são coisas fora de nós ou ainda dissabores presentes em nossa prática? Já os superamos? A formação que pensamos para os outros precisa passar primeiramente por nós, pelo nosso coração, mente, entranhas, mãos e bocas, para que sejamos testemunhas e assim tocarmos outros corações. As respostas? O poeta Gonzaguinha nos indica algumas pistas:

> "Eu fico com a pureza das respostas das crianças é a vida é bonita e é bonita
> Viver e não Ter a vergonha de ser feliz! Cantar e cantar e cantar
> Na beleza de ser um eterno aprendiz
> Ah meu Deus! Eu sei que a vida devia ser bem melhor, e será!
> Mas isto não impede que eu repita: É BONITA É BONITA E É BONITA!
>
> (O QUE É O QUE É? Gonzaguinha)

A construção e sustentação ideológica do Mito da Seca: O que Deus tem a ver com a pobreza?

> "...eu perguntei a Deus do céu, ai, por que tamanha judiação?" (Luís Gonzaga e Humberto Teixeira)

Constata-se historicamente no Nordeste brasileiro a dominação política dos pobres sob uma estrutura econômica e social desigual, injusta e conservadora. Construiu-se a imagem de um nordeste pobre e seco, o lugar da fome no país. Como é que essa estrutura social que privilegia uma minoria se mantém há séculos? Qual o "cimento", a argamassa que une os tijolos desta sociedade baseada na exploração e exclusão da maioria de seu povo dos bens naturais e da riqueza produzida pelo trabalho humano?

Muitos dos açudes construídos pelos pobres em épocas de seca nas frentes de serviço foram feitos em propriedades particulares, e nos tempos de escassez de chuvas os que construíram não podiam usufruir do benefício. A água foi utilizada como cabresto politiqueiro, em que os carros-pipa na maioria sob o controle dos politiqueiros privilegiavam os que eles queriam ou os utilizavam como troca de votos pela água.

Colocamos a questão da cidadania e dos direitos humanos e sociais, e perguntamos qual a função social das Instituições: Estado, Igrejas, Escola, Sindicatos e Família na sustentação e/ou transformação desta realidade? Qual o modelo de educação que temos e qual o acesso dos empobrecidos a uma educação de qualidade? Por séculos o acesso dos empobrecidos aos bens materiais, aos serviços de saúde e previdência, segurança, trabalho e educação deixaram muito a desejar. Os excluídos do sistema tiveram que se contentar com as migalhas das mesas dos ricos, em tempos de promessas eleitoreiras.

As relações de compadrio, os "favores", o assistencialismo da velha "política" dos coronéis, geraram o cabresto, a dependência, a resignação e aceitação passiva de grande parte dos sertanejos diante da realidade sócio-econômica do Nordeste, como também a religião serviu como manto ideológico apresentando a pobreza pertencente à ordem natural das coisas ou querida por Deus.

Através da escola nos livros didáticos que só contavam a história a partir da ótica dos dominadores, da família, das igrejas e demais organismos sociais que colaboraram na manutenção da "ordem" estabelecida, foi passada a ideia de que a pobreza é algo natural, vontade de Deus, culpa da preguiça ou incompetência dos pobres. Na compreensão das elites burguesas e de setores das Igrejas, a religião 'deve' contribuir na manutenção da "ordem" para o "progresso" da sociedade.

Constatamos que grande parte dos Meios de Comunicação Social (rádio, jornais, televisão) esteve sempre a serviço das classes dominantes, e manipularam a opinião pública e

distorceram, mascararam a realidade. Anunciam meias-verdades sobre corrupção, violência e demais questões sociais. Há uma campanha ideológica sutil contra os movimentos populares e sociais que lutam pelos direitos básicos à vida digna, mostrando-os como baderna ou coisa de desocupados, noticiando-os no mesmo bloco de notícias de violências, terrorismo ou tráfico de drogas.

Constata-se no decorrer da história que a Religião e a Educação vêm cumprindo funções sociais a partir de onde seus "responsáveis oficiais" estão articulados e comprometidos socialmente. Na realidade sertaneja nordestina nos deparamos com um povo profundamente religioso e intimamente ligado à natureza. Muitos não frequentaram a escola e/ou não têm acesso a livros, jornais e outros bens culturais. As instituições religiosas acabaram nos tempos da colonização e por vários séculos seguintes, aliançados com os dominadores, o que levou as classes dominadas a atitudes de resignação e aceitação de suas condições.

Os que frequentavam a escola não iam muito adiante, seja pelas condições econômicas ou pelo desestímulo de um modelo educacional desvinculado de sua realidade, excludente e privilégio de uma minoria. Não tínhamos na prática uma Educação formal que levasse em conta a realidade do semiárido nordestino, seus desafios e potenciais.

Quando esses aparelhos que veiculavam a Ideologia dominante se colocaram a serviço dos menos favorecidos, sobretudo as igrejas e os ajudaram a enxergar as raízes da miséria, o que está por trás do "você é pobre porque Deus quer", "sempre foi assim e sempre será", não controlando mais a classe oprimida, as elites dominantes convocam o seu braço armado: o aparelho repressivo militar para que voltasse a "ordem social", foi o que se deu em toda a América Latina nos anos 1960 até idos dos anos 1980.

Disseminou-se no Nordeste por muitos séculos a ideia de que a seca é castigo de Deus, que a pobreza é vontade ou permissão divina e que é a principal causadora dos males sociais que afligem os pobres. Essa ideologia religiosa gerou passividade e acomodação das pessoas diante dos desafios da vida.

Uma compreensão da realidade fundamentada na vontade divina pode ter sido fruto do Modelo de evangelização e catequese trazido pelos colonizadores e missionários, que colaborou na formação de uma sociedade senhorial escravista num mundo basicamente rural. Esta visão sobre a origem da pobreza não está completamente superada.

Através do Catolicismo Lusitano foi dada ênfase maior à Onipotência Divina e o culto aos santos, deixando uma enorme lacuna na formação bíblica dos fiéis. Até uns cinquenta anos atrás somente o clero tinha acesso à leitura da Palavra de Deus. A educação da fé por muito tempo foi baseada na Teologia do Pecado Original e nos Novíssimos: morte, juízo final, purgatório, inferno e paraíso. Era uma Catequese do medo em que pouco se transmitia o Amor do Pai Criador, sua Encarnação na história e Infinita Misericórdia.

Tempos depois esse estilo de educação da fé deu lugar ao racionalismo e foi desenvolvida uma Catequese de memorização de conceitos doutrinários com pouca experiência de Deus no coração. Transmitiu--se conceitos de Deus, e a experiência histórica de libertação do povo de Israel da escravidão no Egito a partir da fé em Deus que sente as dores, ouve os gritos dos sofredores e se compadece convocando-os à libertação foi pouquíssimo divulgada.

Fazia-se uma dissociação entre História da Salvação e História da Humanidade, é como se Deus não agisse na História e não se importasse com a vida das pessoas e não contasse mais com a cooperação humana. Tiraram proveito deste jeito de evangelizar e catequizar aqueles que se apropriaram do poder político e econômico e que se acham donos das pessoas e, pensam que podem determinar a maneira de evangelizar da Igreja.

Esses "senhores da terra" conseguiram sedimentar no imaginário popular que as causas e as soluções dos males sociais e naturais estão com os "Senhores do Céu" (Deus e os santos). A própria Literatura de Cordel traz embutida esta Teologia do Deus da Ira, que leva a atitudes de medo e resignação que as pessoas "devem" assumir diante dos problemas da vida:

Tenho visto mulher velha
que deixa o marido só
E vai para a gafieira,
com ruge, batom e pó
Dançar ligada a homem,
que a perna chega dá nó.

Por causa deste releixo
Que se pratica hoje em dia
É que Deus está mandando
Guerra, seca e carestia
Fome em lugar de fartura
Desgosto em lugar de alegria

Depois que se viu na terra
O povo pintando o sete
A gente planta o legume,
Chega o verão e derrete.
Perde-se o milho em boneca
E o feijão em canivete[227]"

Observa o estudioso da religião Pedro Ribeiro de Oliveira[228], que ao penetrarmos no dia-a-dia da vida sertaneja encontramos pessoas profundamente religiosas. Quando entramos nas casas das pessoas mais simples nos deparamos com os retratos dos filhos, casal, parentes,

[227] MEC- Literatura Popular em Verso. TOMO II. Rio de Janeiro. 1964, p. 258-259
[228] OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; Religião e dominação de classe – Gênese, estrutura e função do Catolicismo Romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes. 1985

amigos e misturados a eles os quadros dos santos (as). Eles são parte daquela família, estão próximos do povo.

Os santos(as) são seus aliados no céu, advogados que "têm merecimento diante de Deus", assim se expressam. Esta fé devocional herdada do Catolicismo Lusitano trazido pelos colonizadores e missionários é ainda muito forte, diria até, é o que caracteriza a fé popular. Impressiona a maneira dos sertanejos se comunicarem, rica em simbologias e gestos resultantes de sua íntima relação com a natureza e com Deus. A religião torna-se a lente pela qual enxergam e interpretam o mundo.

"Por causa desta ganância
Escândalo, moda e orgia
É que Deus está mandando
Desgosto em vez de alegria
Fome em lugar de fartura
Preço na mercadoria."

Percebe-se nas entrelinhas do poema a concepção de um Deus Todo-Poderoso, Criador, Soberano, que pode testar a paciência daqueles que acreditam nele, mandando-lhes alguns castigos e/ou mexendo na ordem natural como lhe apraz. Peçamos emprestado mais uma vez os versos de João de Cristo Rei, para ilustrar essa constatação:

"Quem faz cair tudo isto,
em cima da Cristandade
É a moda corrompida
e falta de honestidade
Doutrina de protestante,
impureza e vaidade

Sobre a sensualidade
É que se vê a peiora
o pai dança com a filha
dá mal exemplo e namora
a mãe também escondida
tem seu chamego por fora

É por isso que o tempo
castiga o povo com arte
dum lado arrocha o imposto
do outro a peste combate
castigo e lamentação
já se vê em toda parte."

Ainda hoje nos deparamos com explicações de cunho mítico, pré-científica e/ou fatalista-determinista. Compreensões da seca como uma punição de Deus pelo afastamento de Deus, expressões como "a seca é para que as pessoas lembrem que há Deus", "a seca é castigo porque nós merecemos", "é prá ver se temos paciência". Fica evidente que há na percepção de muitas pessoas a imagem de um Deus Onipotente que castiga e que pode alterar a natureza, segundo a sua vontade para punir os pecadores. Acreditam ainda que a pobreza, as doenças, a carestia, a seca, o desemprego, a fome "é por causa da devassidão no mundo, da falta de moral e bons costumes" professam várias pessoas.

As secas periódicas que se tem notícia desde o século XVI agravaram no decorrer da história o quadro social de miséria a que foram expostas milhões de pessoas que já sofriam no dia-a-dia as precárias e desumanas relações de trabalho, os salários abaixo da média do país, a alta concentração das riquezas, desnutrição e mortalidade infantil, analfabetismo e doenças, tendo o agravante da quase inexistência de políticas públicas adequadas.

É impressionante que todas essas condições adversas que envolveram a sobrevivência dos nordestinos teceram humanamente pessoas de muita fibra, acolhimento, alegria e esperança de dias melhores e capacidade organizativa. A poesia de Patativa do Assaré nos ajuda a perceber esta resistência:

> "Vamos meu irmão, vamos todos juntos vamos aprender
> é belo o instinto do pequeno pinto antes de nascer.
> O pinto dentro do ovo está ensinando ao povo que é preciso trabalhar.
> Bate o bico, bate o bico, bate o bico, tico-tico prá poder se libertar!
>
> Vamos minha gente, vamos para frente arrastando a cruz,
> atrás da verdade da fraternidade que pregou Jesus.
> O pinto prisioneiro pra sair do cativeiro vive bastante a lutar,
> bate o bico, bate o bico, tico-tico pra poder se libertar".

Percebemos na poesia patativana a sabedoria que brota do jeito de viver sertanejo, da estreita relação com a natureza imbuída da experiência religiosa que age como iluminadora da consciência crítica e uma prática profética e cidadã de denúncia das injustiças, numa chamada à construção de outra sociedade em que os direitos humanos e sociais sejam respeitados:

> "Se direito temos, todos nós queremos liberdade e paz;
> no direito humano não existe engano, todos são iguais.
> O pinto dentro do ovo, aspirando um mundo novo não deixa de biliscar.
> Bate o bico, bate o bico tico-tico, prá poder se libertar"[229]!

O Catolicismo peregrino e penitente trazido pelos missionários capuchinhos foi infundido no imaginário popular e colaborou na tenacidade e capacidade de resistir ao modo mandacaru de viver do povo do semiárido nordestino. Muitos de cultura acadêmica tendem a identificar a postura aparentemente passiva de nosso povo com alienação.

[229] Patativa do Assaré, poema A lição do pinto, Livro Ispinho e fulô, recitado pelo autor num comício pela Anistia.

No decorrer da história encontramos várias experiências de lutas e resistência organizada frente aos desmandos dos opressores, pelo desejo de liberdade, dignidade e sobrevivência, alguns inclusive com forte teor do elemento religioso: Palmares nas Alagoas, Canudos no sertão da Bahia, Caldeirão no Ceará, dentre outros.

O que estaria por trás da teimosia deste povo que é identificado com um dos arbustos de sua vegetação, o mandacaru que nos piores tempos de seca mantém-se verde guardando dentro de si a seiva da vida? É como cantou Ângelo poeta das comunidades "Só mandacaru resistiu tanta dor...". Por que será que nos períodos de grandes secas os empobrecidos movidos pela fome superavam todo temor e de maneira coletiva se apropriavam dos alimentos através dos saques a armazéns do Governo e/ou particulares? Por que não havia uma continuidade na capacidade organizativa para buscar seus direitos de maneira permanente?

Igreja Popular e Educação de Base na desconstrução do Mito da Seca

> "De repente nossa vista clareou, clareou, clareou
> e descobrimos que o pobre tem valor, tem valor, tem valor!"[230]

Mesmo com as visões que chamamos de acríticas, ou míticas e fatalistas, fruto de uma Catequese do medo e racionalista, como também de um modelo de educação descontextualizado e reprodutor da ideologia das elites, já encontramos bem presente no imaginário popular das pessoas engajadas em CEBs e nas pastorais populares, outro tipo de interpretação e reação aos problemas sociais e naturais.

Uma nova visão sobre os problemas do Nordeste transparece nas poesias de cordel e nas músicas produzidas pelos participantes das CEBs, nas atitudes pessoais e na militância política, sindical, comunitária. Pode-se interpretar como consequência de uma nova metodologia evangelizadora e catequética assumida pela Igreja desde a Ação Católica dos anos 40 aos anos 60 do século XX, e principalmente a partir do Concílio Vaticano II, da Conferência de Medellin (1968) e Puebla (1979), mudou-se a compreensão do que é ser Igreja e de sua Missão no mundo.

Vale salientar a importante metodologia do educador Paulo Freire que vai influenciar toda uma nova visão de educação formal e informal (movimentos sociais e Igreja Popular) a

[230] Idem

partir do lugar social dos oprimidos. Outra intuição que marcou essa novidade foi o exercício da Caridade como promocional e libertadora vendo o pobre como sujeito histórico em sua dignidade de filho de Deus e não ser tratado como objeto de esmola numa caridade puramente assistencialista.

Diante da sociedade genocida de uma injustiça estrutural em que são planejados o acúmulo de riquezas e a sofisticação para uma minoria e a exclusão de milhões de vidas entregues à fome, às doenças, falta de moradia e desemprego, caminhando para uma morte antecipada, as instituições sociais responsáveis pela formação e educação da pessoa humana passaram a se perguntar sobre o seu papel neste contexto antievangélico e anti-democrático. Como falar do Deus da vida aos condenados a uma morte prematura? Como falar do Ressuscitado num mundo de Crucificados?

Nesta perspectiva setores da Igreja Católica na América Latina nos últimos cinquenta anos investiram na conscientização popular dos Direitos Humanos e na Cidadania, na inserção religiosa no campo e periferias urbanas, nos assentamentos de terra, na formação bíblica e teológica das lideranças populares, na ligação fé e vida, no engajamento político.

No Brasil a ação da Igreja, passou a desenvolver-se através dos projetos de promoção humana e geração de renda, no apoio às lutas por moradia, por terra para trabalhar e viver. Nos últimos tempos o apoio e defesa aos atingidos por barragens, na construção de cisternas de placas no semiárido, recuperando desnutridos através da Pastoral da Criança, na presença solidária em áreas de risco, tudo isso através de suas pastorais, organismos e entidades: Cáritas, Movimento de Educação de Base (MEB),Comissão Pastoral da Terra, Pastoral da Juventude do Meio popular, Comissão Pastoral Operária, Pastoral do Menor, CDDHs, tendo as Comunidades Eclesiais de Base como o chão fecundo que fecundou e germinou toda essa experiência.

Em sua missão de anunciadora da Boa Nova de Jesus Cristo e de educadora da fé numa realidade que clama aos céus por justiça, solidariedade e partilha, alguns setores da Igreja têm dado um testemunho profético de defesa da vida afirmando os valores evangélicos e a fé no Deus da vida em meio a uma cultura de morte. Vários cristãos leigos, presbíteros, religiosos (as) e bispos, apresentam uma ética comunitária diante da sociedade que levou aos extremos os valores humanitários da subjetividade e direito ao usufruto dos bens a um individualismo exacerbado e acúmulo desenfreado de riquezas.

Essa metodologia pastoral e vivência evangélica de muitos cristãos latino-americanos é uma realidade, e brota da sintonia com os anseios populares, através de uma "Pedagogia da Escuta", da solidariedade do resgate da dignidade e da voz dos que estão na base da pirâmide social, que foram colocados nas sombras da história, até mesmo pela omissão em alguns momentos da própria Igreja.

A emergência dos empobrecidos na sociedade e na Igreja é fruto de todo este trabalho de conscientização da Igreja, e, claro também dos comunistas, coloca em questão o "dogma" marxista da religião como puro ópio do povo para anestesiar suas consciências acomodando-o diante dos problemas sociais:

> "O cristianismo já não poderá mais ser taxado de ópio do povo, nem apenas de favorecer o espírito crítico: agora se transforma em fator de compromisso de libertação. A fé se confronta não só com a razão humana e com o curso da história dos vitoriosos, mas no Terceiro Mundo se enfrenta com a pobreza decofidicada como opressão. Daí só poderá se levantar a bandeira da libertação." [231]

Neste contexto de sofrimento, opressão e também de muita fé e luta, cabe a pergunta: o que Deus tem a ver com tudo isso? Será que Deus se importa com a situação dos empobrecidos? Quais as implicações éticas à vida dos cristãos que professam a fé no mesmo Deus e são indiferentes à realidade que os circunda? Será que a fé no Deus da Bíblia pode ser luz, incentivo, alimento dos que lutam contra as injustiças pela terra e água livres pela vida digna para todos?

É possível através da Educação Popular da Fé e da Educação Formal colaborar para uma Nova Visão e atitudes diante dos desafios colocados? A Escola e a Religião podem ser espaços de formação da cidadania e de contraponto à ideologia dominante das elites? Deixemos a agricultora e poetisa da diocese de Crateús nos falar. Uma nova visão dos problemas sociais, a partir de uma nova vivência da fé comunitária:

> "Inspirada pelo Espírito vou descrever desta vez
> Denunciar as injustiças do ano oitenta e três
> Como vivem os nordestinos, sem direito desta vez
> Este plano de emergência que veio para os flagelados
> Não atende a vontade do povo necessitado
> Pois não empregam todos, passa pouco da metade.
>
> Este sistema horroroso que está em nossa frente

[231] BORDIN, Luigi. O marxismo e a Teologia da Libertação. Rio de Janeiro: Dois Pontos. 1987

Temos que nos organizar, prá quebrar estas correntes
Pois o grupo só trabalha prá derrotar a gente.
Prá transformar este mundo, depende mesmo é de nós
Os pequenos se unirem e gritarem numa só voz
Prá lutar pela justiça, Jesus Cristo está com nós."

O conteúdo destes versos nos revela que existem posições totalmente críticas na interpretação da realidade sócio-econômica e política nordestina. A autora pede inspiração ao espírito Santo para retratar a dura realidade dos agricultores e denunciar profeticamente os responsáveis por tal situação.

Segundo a poetisa agricultora das CEBs de Crateús-Ce, a causa das dores dos trabalhadores e trabalhadoras está principalmente na inoperância dos que são eleitos pelo próprio povo e se aproveitam de seus cargos políticos para enriquecer ilicitamente, fazendo da seca uma verdadeira indústria de dinheiro. A solução está na união e organização dos oprimidos com fé em Jesus Cristo Libertador para juntos quebrar as correntes que aprisionam e impedem os pobres de terem uma vida digna.

A outra posição que chamamos de pré-moderna tenta explicar o fenômeno natural da seca a fome e a carestia pela via sobrenatural como castigos do Deus Todo Poderoso que determina tudo isso e não se pode resistir aos seus desígnios. A consequência prática dessa visão é o fatalismo e o determinismo histórico que imobiliza a ação histórica do povo como sujeito social. Ao ouvirmos a diversidade no falar, cantar ou fazer versos sobre a seca a fome a carestia a promiscuidade ou a corrupção política e a exploração da mão de obra camponesa, percebemos que existem modos diversos de compreender e de se posicionar diante dessas questões.

Por trás das visões, fatalista-determinista ou crítico-libertadora existem influências fortíssimas da religião, da forma como se deu a formação da fé, da imagem de Deus que foi transmitida a essas pessoas. Percebemos que as imagens de Deus e as reações diante dos problemas sociais são alteradas conforme o nível e participação e envolvimento no movimento popular. Há dessa forma uma interação entre a percepção que se tem de Deus e o avanço na luta por melhores condições de vida.

Deparamo-nos aqui com a importância da educação informal que se dá nas Comunidades Eclesiais de Base - CEBs, pastorais populares, movimentos sociais, sindicatos, etc. Muitas são as lideranças que hoje atuam a nível nacional, em diversos campos, inclusive

político-partidário, com competência e ética num novo jeito de fazer política apreendido na "universidade do povo".

Foram gestadas grandes lideranças neste grande útero da Igreja dos pobres e nos movimentos que lutam pela vida digna para todos. São anos de luta, aprendizado, de escuta, de participação, de cidadania construída e conquistada movidos pela fé no Deus da Bíblia, Iahwéh, que é Presença Libertadora no meio de seu povo:

> "Irmãos na enxada e na luta, é tempo da gente enxergar.
> Que a terra, o poder e a riqueza, não servem do jeito que está
> Não vamos esquecer que Jesus, no sangue e na fé nos uniu
> E juntos seremos a força que vai transformar o Brasil."
>
> Zé Vicente

Levando em conta estas reflexões, concluímos que não podemos trabalhar a Educação Formal e/ou Informal ignorando o modus vivendi dos educandos e a forma como se deu a construção de sua cosmovisão. No caso do semiárido nordestino encontramos um povo extremamente religioso, devoto e isto deve ser levado em conta no processo educativo, assim também toda a riqueza cultural, econômica e política, e suas lutas por melhoria de vida.

As elites dominantes o sabem muito bem e sem nenhum escrúpulo usam e abusam do imaginário religioso popular para se perpetuar no poder, e alguns do poder dominador embora não valorizando a religião, nem mesmo acreditando em Deus, aproximam-se das lideranças religiosas para aparecerem socialmente.

É importante procurar perceber qual imagem de Deus foi transmitida no decorrer dos séculos, e como está se dando hoje esse processo. Seria inútil falar das questões do semiárido nordestino sem fazer referência à questão da concentração fundiária e da privatização da água, como também não fazer referência à questão da fé. Fica claro que o sonho de terra e água livres para morar, trabalhar e ser feliz são inseparáveis e esta busca ganha sentido e força espiritual na grande utopia da Terra Prometida por Deus ao seu povo. A retomada da memória histórica destes acontecimentos através dos hinos nas romarias fomentam a consciência política e organização popular nos dias de hoje na luta por melhores dias:

No Egito antigamente,
no meio da escravidão
Deus libertou o seu povo

Para a terra prometida
O povo de Deus marchou
Moisés andava na frente

Quem é fraco Deus dá força
Quem tem medo sofre mais
Quem se une ao companheiro

hoje ele passa de novo Hoje Moisés é a gente Vence todo cativeiro
Gritando a libertação! Quando enfrenta o opressor! É feliz e tem a paz! Zé Vicente

Gestação-Formação do Povo de Deus, Igreja dos Pobres

> "Nós cremos em Deus Criador, Fonte do Universo, Senhor de toda Religião e Pãe de todo ser. Pra longe toda Inquisição os credos são diversos. Nós cremos no mistério do amor que vai vencer! E NÓS CREMOS NA IGREJA-MÃE QUE É COMUNIDADE E TEM SABOR DE CEBS PARA NÓS!
>
> Carlos Tursi

Professar a fé num Deus que é Pai-Mãe de todos os seres de todas as expressões religiosas, acreditando firmemente na vitória do amor é fruto de uma experiência de afeto, acolhimento, diálogo permanente, de participação efetiva e escuta do Outro e da Outra, de reflexão e ação solidária na construção da cidadania. É sentir o sabor de um Deus Justo, Libertador e acalento de Mãe: "Mas pode a mãe se esquecer do seu nenê, pode ela deixar de ter amor pelo filho de suas entranhas? Ainda que ela se esqueça, eu não me esquecerei de você. Veja eu tatuei você na palma da minha mão..." (Is 49,16). A re-leitura bíblica sob a ótica do feminino, faz-nos descobrir da experiência de Deus como Mãe do povo, permite trabalhar as questões de gênero nas comunidades e grupos.

A Igreja dos pobres faz uma re-leitura da experiência que tiveram os exilados de ontem e de hoje, como os nativos da Ameríndia exilados em sua própria terra, africanos arrancados de suas raízes, extorquidos, calados, mutilados, negados em sua dignidade humana de filhos e filhas do Deus vivo. A história é olhada não mais sob o olhar dos prepotentes invasores que em nome de Deus praticaram toda espécie de arbitrariedade nestas terras.

Agora a história é recontada à luz da resistência e rebeldia índioafrolatina nas comunidades alternativas nas Confederações Tribais e Quilombos de Liberdade, nos Arraiais da Vida e Dignidade de Canudos e Caldeirão, na construção do poder popular dos Balaios do Maranhão e Cabanos do Pará, toda esta teia de movimentos sociais e populares foi reprimida e sufocada pelos que detinham o monopólio das riquezas e do saber acadêmico em nosso país.

Mas o canto de liberdade, o sonho de uma nova sociedade, do povo "capado e recapado" emergiu em vários momentos de nossa história que a Igreja dos pobres canta de maneira tão expressiva: "Ninguém se engana, que nossa história começou desumana". A música, as danças e poesias são ferramentas pedagógicas importantíssimas e eficazes na construção da consciência histórico-crítica.

Da década de 50 do século XX para cá este anseio de participação cidadã e de justiça social eclode no cenário nacional de várias formas: no Nordeste através das Ligas Camponesas em Pernambuco se espalhando por vários estados do Brasil na luta pela Reforma Agrária, nas passeatas contra a carestia e a luta pela nacionalização do petróleo, no Movimento Estudantil através da UNE presente em todas as lutas do povo brasileiro.

Não podemos ignorar que toda a diversidade e vitalidade desses movimentos sociais e populares se dão pelo trabalho de base dos comunistas e cristãos católicos através da Ação Católica especializada na Ação Católica Operária (ACO) e Ação Católica Rural(ACR) e com a juventude JAC, JEC, JOC e JUC. Foi um borbulhar de movimentos sociais e populares em que cristãos se inseriram e teceram nessa grande teia a experiência de Deus no meio das lutas populares, recuperando o "Antigo jeito de ser Igreja" que são as Comunidades Eclesiais de Base.

Foi no confronto com a realidade nua e crua, na formação da consciência da opressão através do método Ver, Julgar e Agir, e nas lutas pela sobrevivência que os cristãos foram formando a compreensão e o desejo de uma Igreja Povo de Deus, servidora atenta aos clamores do povo sofrido e encarnada na realidade como fez Jesus de Nazaré. Aflorou toda a consciência sufocada, todos os desejos reprimidos de ser gente e expressar sua fé sua cultura e cidadania no mundo. De novo o canto despertando a consciência: "Eu acredito que o mundo será melhor, quando o menor que padece acreditar no menor" (Mt 11,25-27; Lc 10, 21-24).

Os sem voz e sem vez recuperam o poder da voz e afirmam sua dignidade humana que o sistema opressor negou em toda a história. A Igreja dos pobres torna-se uma "escola" de humanização, cidadania e de solidariedade. Isto se dá nas celebrações, nos cantos populares e litúrgicos, nas lutas pelos direitos, enfim de maneira permanente e integral. É uma forma de ser Igreja que se faz "nas e pelas reuniões". É um processo de democratização do poder pela base, por isso se torna conflitante na sua própria eclesialidade, e sinal profético do poder-serviço intra e extraeclesial.

"Nós cremos em Jesus que prometeu justiça aos pobres
que ensinou aos discípulos a não querer poder.
Não cremos nos pastores aliados com os nobres.
Os primeiros serão os últimos é preciso crer pra ver!"

É contínua na Igreja dos pobres a formação da consciência cidadã geradora de protagonismo na Igreja e na Sociedade, e se dá quando expressam também internamente na prática eclesial que desejam. A Igreja dos pobres nas suas diversas expressões (pastorais sociais, comunidades que celebram fé e vida, na militância e caridade política) no seu jeito de acolher e tratar o empobrecido não mais como objeto de esmola ou mesmo de manipulação ideológica como fez setores da esquerda tradicional, mas como sujeito pensante capaz de tomar decisões e se engajar politicamente no processo de sua própria libertação, restaura o protagonismo do povo de Deus.

A consciência crítica, a participação ativa eclesial e social, e a humanização através de novas atitudes e exercício do poder em e na comunidade são esferas de um mesmo processo formativo na ligação da Fé com a Vida. Neste sentido podemos dizer que a formação é processual, permanente e integral e vai se dando no cotidiano, não é algo pronto e acabado, mas aberta ao novo, dócil às intuições que o Espírito Santo suscita nas mulheres e homens na dinâmica da história no compromisso com a nova sociedade. Compreende-se que a conscientização é importante, mas a consciência crítica se adquire na luta concreta pela vida digna[232] .

> Nós cremos no Espírito que incita com seu fogo, os corações proféticos a levantar a voz. Contra toda a exclusão: a vida está em jogo! Entrar na luta é pra já! Aleluia é pra depois!"

Na sua "Pedagogia do Oprimido", Paulo Freire, lembra que o sistema capitalista no decorrer da história, através da exploração e dominação, introjetou nos próprios explorados e dominados a sua "ética" exploradora, dominadora, excludente e utilitarista. Os opressores violentando e proibindo que os outros sejam não podem ser, também se desumanizam. E os oprimidos lutando por ser, lhes restitui a humanidade perdida no ato opressor de impedir que o Outro seja. A violência secular do processo de escravidão e repressão ao povo desumanizou os oprimidos e fez hospedar em seus corações o vírus do opressor:

> "Na imersão em que se encontram, não podem os oprimidos divisar, claramente, a "ordem" que serve aos opressores que, de certa forma, "vivem" neles. "ordem" que, frustrando-os no seu atuar, muitas vezes os leva a exercer um tipo de

[232] COMBLIN,José. O povo de Deus. São Paulo: Paulus. 2002, p. 260.

> violência horizontal com que agridem os próprios companheiros... Ao agredirem seus companheiros oprimidos estarão agredindo neles, indiretamente, o opressor também "hospedado" neles e nos outros. Agridem, como opressores, o opressor nos oprimidos.[233]"

A Igreja dos pobres e o Movimento Popular nas suas diversas organizações e através de suas práticas educacionais propiciaram aos oprimidos a sua consciência política e recuperação da autoestima. Pelo processo de organização e educação popular está sendo possível tirar o véu que embaça a visão dos dominados, posto pelos opressores na formação histórica e favorecendo o recontar da História sob a ótica dos oprimidos: mulher, índio, negro e dos excluídos e excluídas em geral: "É recuperar a memória dos que foram silenciados e martirizados pelo crime de querer trabalhar a terra, e ter dignidade" Eduardo Galeano (Palestra no III FSM, Porto Alegre).

A educação de base nas CEBs, Pastorais Sociais e Cáritas despertam o protagonismo, e levam a um engajamento efetivo e afetivo, pois não basta estar engajado ter senso crítico aguçado e se tornar ao mesmo tempo uma pessoa seca, ácida. Há uma preocupação com a dimensão humano-afetiva, compreende-se que a nova sociedade se constrói pelo engajamento sócio-político e ao mesmo tempo por novas atitudes pessoais das mulheres e homens tendo como referencial a prática amorosa e libertadora de Jesus de Nazaré e a vivência dos primeiros cristãos que viviam a perspectiva de "um só coração e uma só alma" (At 4, 32).

O teólogo Leonardo Boff nos fala da Fraternura e o desafio de recuperação desta dimensão humana fundamental que foi o centro da práxis libertadora de Jesus de Nazaré e de tantos outros através do Amor e compaixão solidária. Dada a urgência histórica da transformação social e do engajamento político, talvez possamos afirmar que por um período de tempo alguns militantes da Igreja dos pobres enfatizaram mais este aspecto prático da fé. Era como se algumas temáticas, mesmo tendo consciência de serem também desafiantes e essenciais, fossem tornadas secundárias ou até para alguns de caráter alienante, e que pudessem ser deixadas para depois.

Foram tecidos novos conceitos e novas práticas a partir da interação social com a diversidade de sujeitos sociais. A característica do acolhimento da abertura ao novo trouxe para as CEBs uma série de novos desafios: a questão de gênero, da ecologia em sentido bem

[233] Idem, p. 49

amplo, a violência, a mercantilização da vida, as exclusões, a questão do trabalho e o desafio da inculturação e diálogo em todas as dimensões.

Faz-se necessário a busca de clareza e um processo de reflexão permanente sobre o projeto de educação que se tem: a quem se quer formar, qual o contexto histórico em que se está inserido. Qual o objetivo da formação: para que? Novo homem/mulher? O que seria? Em que consistiria a Nova Sociedade? Que tipo de Igreja está sendo construída? O Jeito de Ser da Igreja dos pobres contribui para a construção do novo que se sonha? Quem é o Deus em que se crê e se anuncia?

É aqui que entra o aspecto da avaliação da prática como elemento constitutivo do processo de formação. Como se exerce o poder nas comunidades e coordenações? Como são acolhidos os que pensam de modo diferente? Costuma-se ouvir o que a outra pessoa tem a dizer? Os que jamais foram escutados na sociedade e na Igreja recuperam de fato a voz e vez em nossas comunidades?

Além da Pedagogia da Escuta é preciso dar o testemunho, numa Pedagogia do Exemplo, a nova sociedade começa em cada pessoa, superando os machismos, preconceitos e exclusões embutidas em nossas ações. Começar em cada um e cada uma, nas atitudes cotidianas, interpelados pela práxis das mulheres e homens do Povo de Deus, tendo como referencial a Santíssima Trindade na sua dimensão dialogal e comunional de respeito e convívio com o diferente.

Na beleza de suas várias faces: negra, feminina, indígena, trabalhadora, criança, jovem, idosa, etc. A Igreja dos pobres se deixa interpelar pela questão posta por Jesus, relembrada no início do texto: ‘É preciso nascer de novo’? O poeta Gonzaguinha, também nos estimula “Viver e não ter a vergonha de ser feliz. Cantar e não ter a vergonha de ser um eterno aprendiz!”.

Estar em atitude de humildade, sem prepotência ouvir a voz do outro, é uma das práticas da Igreja dos pobres: “Eu quero, quero, quero ouvir a voz do povo, eu quero ver todo acordar e descobrir dentro da realidade, que a semente da verdade está querendo germinar!”. Aprendizagem que se dá com a própria caminhada e as mediações sociopolíticas e culturais.

No exercício do poder partilhado nas decisões comunitárias se dá o processo de formação cidadã das Comunidades Eclesiais de Base, pastorais sociais e Cáritas. Todos têm algo a dizer aos demais. Os silenciados são empoderados pelo direito de falar, é a recuperação

do poder da fala, da linguagem da cidadania negada. A exemplo de Jesus Cristo, a Igreja dos pobres contribui no processo de desatamento da língua e traz à tona os gritos silenciados, elevam ao campo da consciência tudo aquilo que os opressores querem silenciar: a fome, a miséria, a exploração, a corrupção.

Esta experiência trouxe muita vitalidade à Igreja como também questionamentos e até incompreensões. Poderíamos dizer uma dimensão Martirial da Igreja dos pobres. Através da re-leitura bíblica e da leitura crítica da realidade as CEBs atuam evangelizando, se solidarizando e se articulando como uma Rede de Comunidades que lutam, avaliam e celebram sua prática, e têm como referencial Jesus Cristo e sua Prática, a Trindade e o seu Reino de Vida para todos e todas.

A Celebração Eucarística e da Palavra de Deus, como Memória perigosa do Deus Libertador de escravos, dos profetas e profetisas do povo, e da Aliança Definitiva em Jesus Cristo, são momentos fortes de alimento e formação coletiva da consciência das CEBs como Povo de Deus: "Receber a Comunhão com este povão sofrido é fazer a aliança com a causa do oprimido...".

O testemunho de muitas mulheres e homens capazes de dar a própria vida por esta causa também são elemento importante na formação do povo de Deus na Igreja dos pobres, enquanto elemento motivador, místico, espiritual, de seguidores (as) da Testemunha Fiel Jesus de Nazaré, e todas as outras individuais e coletivas que se puseram a favor do Reino da Vida. É o que apresentaremos a seguir sobre a presença sacerdotal, profética e solidária do Pe. Ibiapina e do Pe. Cícero no semiárido cearense.

Pe. Ibiapina e Pe. Cícero encarnam no semiárido nordestino a práxis educativa e libertadora de Jesus Cristo[234]

Acompanhar o percurso do povo de Deus na história faz-nos perceber os diversos momentos em que o Espírito do Crucificado-Ressuscitado suscitou a encarnação e ressurreição dos pobres na Igreja e a Igreja dos pobres. Trazemos presente neste texto, a experiência missionária do Padre Ibiapina no semiárido nordestino que ficou na memória dos

[234] Questões abordadas na dissertação de mestrado de Anastácio Ferreira de Oliveira, pela FAJE/BH, 2013: "Igreja dos pobres e imagens de Deus à luz da teologia do povo de Deus em José Comblin: convites à práxis cristã emergentes da Missão Ibiapina no semiárido brasileiro".

sertanejos como Padre Mestre e apresentado em biografia como "O Peregrino da Caridade". A práxis e a contribuição de Padre Ibiapina para a formação do povo de Deus favoreceu o protagonismo dos pobres. Ele era admirado por Comblin pela capacidade de falar à alma do povo e mover multidões para ações concretas em favor da vida[235].

Comblin fala de um injusto silêncio sobre a Missão Ibiapina ressaltando o bem que teria feito continuar a originalidade do estilo missionário que ele assumiu em surgir uma Igreja autóctone no Nordeste. Houve também no decorrer dos tempos uma espécie de silêncio sobre as questões do Juazeiro. Experiências "esquecidas" em nível de Igreja oficial, porém, muito vivas na memória e na prática cristã de milhões de nordestinos.

A práxis pastoral do Padre Ibiapina e do Padre Cícero entrou em sintonia com os pobres do semiárido, retirou-os das sombras dos "turvos porões"[236] da história e recuperou-lhes a dignidade de povo de Deus. Por que o apostolado destes presbíteros estava em consonância com os pobres e, ao mesmo tempo entrou em dissonância com a Igreja Hierárquica da época?

Tidos como fanáticos e até cismáticos no passado, ainda hoje milhões de romeiros, rostos de Cristos crucificados peregrinam ao Juazeiro da Mãe das Dores e do Padre Cícero. Algo que já ultrapassa cem anos. Quem os acolhe? Que força espiritual os move? Que experiência de Deus os move? Quem os organiza? Por que retornam ao Juazeiro? Quais contribuições oferece a fé romeira ao povo de Deus em geral? Percebemos vários influxos da práxis do Padre Ibiapina no semiárido nordestino, na ação pastoral do Padre Cícero, na emergência das romarias ao Juazeiro assumidas pelos pobres como "Nação Romeira". Acredito que muito há ainda o que se refletir e aprender com a experiência dos pobres que resistiram e se organizaram até hoje de maneira autônoma.

Conclusão

Apresentamos neste texto elementos da práxis educativa da Igreja dos pobres no semiárido nordestino e sua contribuição na desconstrução do uso ideológico da religião na

[235] COMBLIN, Instruções espirituais do Padre Ibiapina, 1984, p. 9.
[236] "Turvos porões". Expressão usada por D. Pedro Casaldáliga, bispo emérito de S. Félix do Araguaia, e Pedro Tierra na procissão de entrada da Missa dos Quilombos, 1977. Reportam-se à maneira como os negros foram trazidos da África nos porões dos navios.

manutenção da famigerada indústria da seca que por mais de um século favoreceu o acúmulo de riquezas das oligarquias agrárias e a cristalizou a miséria de milhões de pessoas.

A práxis libertadora da Igreja dos pobres no semiárido nordestino tem seus predecessores e inspiradores na pessoa e prática dos Padres Ibiapina e Padre Cícero, e demais experiências populares nos sertões nordestinos: Caldeirão, Canudos, Pau de Colher. Em pleno século XIX e inícios do século XX, conseguiram mobilizar os empobrecidos do semiárido a partir de suas próprias forças e criatividade no enfrentamento do fenômeno das secas, pestes e miséria. A partir do elemento da fé incentivaram a vida comunitária, o trabalho em mutirão, a solidariedade, a construção da autossustentabilidade e o respeito à natureza.

A práxis do Padre Ibiapina e do Padre Cícero reencontrou Jesus Cristo nos empobrecidos do semiárido e os levou a trocar a resignação e a lamúria pela autoestima, reanimou a esperança e a pratica da caridade efetiva em favor do próximo. A fé na Providência Divina passava pelo incentivo à oração através do trabalho em favor da comunidade e dos menos favorecidos.

A Igreja dos pobres no semiárido nordestino, tem suas raízes na ação missionária e pastoral destas duas figuras do povo de Deus, Ibiapina e Cícero. A práxis da Igreja latino-americana pós-Vaticano II é inspirada pela teologia do povo de Deus e as opções do Magistério Latino-americano em Medellin e Puebla a fez reencontrar nos rostos sofridos dos pobres e excluídos o rosto sofrido de Cristo.

A aliança das CEBs, Pastorais Sociais e Organismos da Igreja com os pobres, e o incentivo à organização e articulação em comunidades e grupos para as ações solidárias e a construção das saídas para os seus problemas têm mudado a face do semiárido nordestino. A Igreja dos pobres possibilitou a mudança na compreensão do fenômeno da seca como castigo de Deus e denunciou que é uma "indústria" construída para gerar pobreza para os pobres e por outro lado, mais riqueza para os ricos. Assim gritaram os profetas e poetas educadores do povo de Deus: "o problema do Nordeste não é a seca meu irmão, o problema do Nordeste é a cerca do patrão".

Foram realizados grandes seminários de estudos sobre a formação social, econômica e política do semiárido nordestino, como também estudos geográficos e constatou-se que a seca é realidade intrínseca do bioma caatinga. Constatou-se que não se combate a seca, o semiárido é rico e necessita é de políticas de convivência com o seu bioma. A partir do ensino e da

prática do Padre Ibiapina e do Padre Cícero desenvolveram-se ações de coleta, recepção e cuidados com água. As cercas do latifúndio impedem o acesso dos pobres à terra e à água. A democratização dos bens destinados por Deus à humanidade é o desafio permanente.

Multiplicaram-se diversas ações de convivência com o semiárido: o manejo adequado do solo e das plantas, sem o uso de agrotóxicos e queimadas, o replantio de árvores nativas, o armazenamento de sementes crioulas, a agricultura familiar através dos quintais produtivos, hortas, criatórios de peixe, caprinocultura e ovinocultura, produção de mel para consume e exportação, tudo organizado e comercializado através de rede nas feiras livres. Há uma diversidade de práticas que são socializadas em intercâmbios, visitas e encontros. As CEBs, pastorais sociais e Cáritas entenderam que a evangelização passa pelo resgate da dignidade humana através da solidariedade organizada e do protagonismo dos leigos.

Colocamos como importante desafio de uma educação contextualizada no semiárido, em diálogo com os saberes do povo, numa pedagogia do aprendizado e da escuta, que desperte e favoreça o protagonismo dos pobres, dos leigos na Igreja e na sociedade. Através da educação para o trabalho e a cidadania, da oração comprometida com a caridade, fazemos memória dos nossos patriarcas e matriarcas e encarnamos historicamente nos dias de hoje a práxis libertadora de Jesus de Nazaré.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: CORTEZ, 2011

ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e Fulô.**São Paulo: Hedra, 2005.

BORDIN, Luigi. **O marxismo e a Teologia da Libertação**. Rio de Janeiro: Dois Pontos. 1987.

BRASIL – MEC. **Literatura Popular em Verso.** TOMO II. Rio de Janeiro. 1964.

COMBLIN, José. **O povo de Deus.** São Paulo: Paulus. 2002.

_____ . **Padre Ibiapina**. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção Biografias).

_____ . **Instruções espirituais do Padre Ibiapina.** São Paulo: Paulinas, 1984. (Coleção A Oração dos Pobres).

CPT Regional NE I. **Os poetas do Ceará e a seca.** 1984

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra. 2004.

LIBÂNIO, João Batista. **A arte de formar-se.** São Paulo: Loyola. 2002.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; **Religião e dominação de classe**: Gênese, estrutura e função do Catolicismo Romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes. 1985.

TURSI,Carlos. Música Credo das CEBs.

A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA HISTÓRIA DO TEATRO JUAZEIRENSE: Algumas mulheres.

Hugo de Melo-Rodrigues[237]
Célia de Jesus Silva Magalhães[238]
João Dantas filho[239]
José Álbio de Moreira Sales[240]

Introdução

A principal finalidade deste trabalho é perceber a influência do Padre Cicero no fazer artístico local e destacar algumas mulheres na cena teatral Juazeirense. Objetivou-se ainda com esta pesquisa constituir uma importante base de dados que poderá servir como fonte de pesquisa para a história do teatro local. Essa iniciativa se faz, principalmente pela falta de um banco de dados que nos possibilite maiores informações sobre estes aspectos.

Muitas mulheres contribuíram para o desenvolvimento da história juazeirense em todas as áreas, sobretudo para o desenvolvimento das artes e para o desenvolvimento da história do teatro, embora não se tenha dado o devido mérito e feito os registros necessários para conhecimento das gerações futuras. Poucas alcançaram destaque, em uma época, em que eram vistas como seres inferiores, donas de uma produção artística secundária, perante os valores políticos, sociais e econômicos que privilegiavam determinado período da sociedade.

No Brasil, ao longo da história, a exclusão da mulher do cânone artístico retrata o poderio da cultura patriarcal, marcada pelo absolutismo masculino e pela submissão da mulher. Na literatura dramática do século XIX, por exemplo, autores consagrados como Gonçalves de Magalhães, Machado de Assis, José de Alencar, entre outros, continuam como verdadeiros ícones desse cânone.

[237] Mestrando em Educação pela Universidade Estadual do Ceará-UECE; Graduando em Licenciatura em Teatro pela Universidade Regional do Cariri – URCA; Integrante do Grupo de Pesquisa: Investigação em Arte, Ensino e História – IARTEH e Bolsista pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP. Email: hugode@hotmail.com
[238] Mestre em Educação – UFPB; Escritora; Pesquisadora e professora da Universidade Regional do Cariri - URCA. Email: celiamagalhaesmv@yahoo.com.br
[239] Doutorando em Artes na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, professor de Teatro da Universidade Regional do Cariri – URCA, líder do Grupo de Pesquisa Dramaturgia e Encenação-CNPq. Email: joaodantas.net@hotmail.com
[240] Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Doutor em História - UFPE; Coord. do Grupo de Pesquisa Investigação em Arte, Ensino e História - IARTEH. E-mail: albiosales@gmail.com

Desde a década de 1950, uma vertente de caráter regionalista foi incorporada na literatura dramática do Ceará, através de Raquel de Queiroz, enfatizando as diferentes condições sociais, políticas e culturais de homens e mulheres nordestinos. Por outro lado, a produção dramatúrgica envolvendo a presença da mulher desperta interesses na literatura brasileira, nordestina e, em particular, na cearense como uma ferramenta que fortalece a dramaturgia nacional. São mulheres que se apresentam não apenas como atrizes e autoras de textos teatrais, mas também como personagens nas quais são apresentados diferentes modos de luta de homens e mulheres em prol de melhores condições de vida.

Vale lembrar, entretanto, que o feminino enquanto autoria aparece no texto teatral brasileiro desde 1797, por exemplo, com o texto: Tristes efeitos do amor de autoria de uma "Anônima e Ilustre Senhora da Cidade de São Paulo" (Cf. SOUTO-MAIOR, 2001, p. 92).

Vale ressaltar que, além de Raquel de Queiroz, outras dramaturgas surgiram, no Estado do Ceará, a partir da segunda metade do século XX, como por exemplo, Ângela Linhares, Eleni Portela de Oliveira, Jane Azeredo, Lília de Carvalho, Maria Iranir de Sousa, Maria José de Sales (Mazé), Vilma Maciel, entre outras. No entanto, muitas dessas mulheres não tiveram uma notoriedade em nível nacional, estadual ou até mesmo regional, como alcançou a ilustre conterrânea cearense, Raquel de Queiroz, sendo a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras no ano de 1977. Isto não significa que as criações textuais dessas outras mulheres, tenham um menor valor artístico, criativo, dramatúrgico.

Nelly Richard nos leva a crer que a mulher e sua literatura não podem deixar de participar das batalhas que envolvem a criação literária, mesmo que aquelas sejam determinadas e prefixadas a partir do masculino. Para ela, a "literatura de mulheres" aponta para um agrupamento de obras literárias, que se movimenta no sentido de demarcar um corpus sociocultural, que contém e sustenta o valor analítico da crítica feminista, que possa ser esclarecido "se existe, ou não, certas caracterizações de gênero e quais delas podem tipificar uma escrita feminina". (RICHARD, 2002, p. 129). Ainda neste sentido, ressaltamos a importância da luta das mulheres em favor do reconhecimento da escrita feminina:

> É vital resgatar a favor do feminino, todas aquelas vozes descanonizantes (incluindo as masculinas) que liberam leituras heterodoxas, capazes de subverter e pluralizar o cânone. Esses pactos, cúmplices entre distintas posições de discursos marcados pela subalternidade cultural, ampliam o poder do feminino, naquilo que Jean Franco chamou de "a luta pelo poder interpretativo" (RICHARD, 2002. p. 136-137).

O feminismo ocupou papel importante, após a Segunda Guerra Mundial (1945), onde se travou debate em torno do cânone literário, discutindo quais as razões da ausência destas mulheres em torno da dramaturgia, como também na constituição do cânone, colocando-se de maneira significativa, questionando conceitos entre estes os de "obra esteticamente aceitável", contribuindo para a construção de um pensamento que chega aos dias atuais. Este cânone marca a presença, em sua maioria, de autores homens e a ausência de obras de autoria feminina, nos levando aos critérios androcêntricos, inseridos e preservados na tentativa de manter o domínio masculino nos espaços literários e culturais (OLIVEIRA, 2000).

O que agora apresentamos se constitui em um trabalho ainda em construção, dado a dificuldade em fazer o registro completo desta participação feminina. Nós buscamos contemplar algumas mulheres que tiveram um trabalho de destaque nas artes cênicas junto à comunidade local e na região do Cariri Cearense. Destacamos que também buscamos fazer o registro da atuação de algumas mulheres que embora tenham tido participação na cena teatral Juazeirenses, não tiveram projeção histórica.

Institucionalização da cultura

É importante destacarmos que, o primeiro passo no sentido de dá uma institucionalização aos trabalhos culturais do Estado do Ceará, inicia-se no ano de 1946 no I Congresso Cearense de Escritores e uma das ações para uma melhor visibilidade e apoio ao segmento cultural foi a necessidade da criação de uma Secretaria da Cultura no Estado do Ceará, cuja proposta recebeu apoio dos congressistas.

No ano de 1962, tem-se a criação da Superintendência do Desenvolvimento Econômico Cultural do Ceará e no ano de 1966 é aprovada a Lei nº 8 541 de agosto de 1966 com a criação da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará e no ano de 1967, é nomeado o historiador Raimundo Girão para ocupar o cargo de Secretário.

No site da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, encontramos a relação nominal dos Secretários de Cultura do Estado do Ceará, com a data da nomeação e exoneração do cargo publicado em Diário Oficial:

1. Raimundo Girão. Nomeação: DOE nº 9.467, pág 7734, Data: 4/10/1966. Exoneração: DOE nº 10.560, pág 2015, Data: 12/3/1971.
2. Francisco Ernando Uchôa Lima. Nomeação: DOE nº 10.561, pág 2058. Data: 15/3/1971. Exoneração: DOE nº 12.177, pág 2. Data: 8/9/1977.
3. José Denizard Macedo de Alcântara. Nomeação: DOE nº 12.177, pág 2. Data: 8/9/1977. Exoneração: DOE nº 12.551, pág 18. Data: 15/3/1979.
4. Manuel Eduardo Pinheiro Campos. Nomeação: DOE nº 12.553, pág 23. Data: 16/3/1979. Exoneração: DOE nº 13.541, pág 24. Data: 15/3/1983.
5. Joaquim Lobo de Macedo. Nomeação: DOE nº 13.541, pág 24 Data: 15/3/1983. Exoneração: DOE nº 14.532, pág 4. Data: 17/3/1987.
6. José Maria Barros de Pinho. Nomeação: DOE nº 14.532, pág 3 Data: 17/3/1987. Exoneração: DOE nº 14.861. Data: 15/7/1988.
7. Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau. Nomeação: DOE nº 14.867, pág 3. Data: 25/7/1988. Exoneração: DOE nº 15.519, pág 12 Data: 15/3/1991.
8. Francisco Augusto Pontes. Nomeação: DOE nº 15.519, pág 12 Data: 15/3/1991. Exoneração: DOE nº 15.996, pág 14.Data: 18/2/1993.
9. Paulo Sérgio Bessa Linhares. Nomeação: DOE nº 15.996, pág 14 Data: 18/2/1993. Exoneração: DOE nº 039, pág 1. Data: 31/3/1998.
10. Nilton Melo Almeida. Nomeação: DOE nº 044, pág 1. Data: 7/4/1998. Exoneração: DOE nº 247, pág 55. Data: 30/12/2002.
11. Cláudia Sousa Leitão. Nomeação: DOE nº 001, pág 1. Data: 2/1/2003. Exoneração: DOE nº247, pág 1. Data: 29/12/2006.
12. Francisco Auto Filho. Francisco Auto Filho. Nomeação: DOE nº 002, pág 4. Data: 3/1/2007. Exoneração: DOE nº Data: 31/12/2010.
13. Francisco José Pinheiro Nomeação: DOE nº 159, pág 1. Data: 19/8/2011. Exoneração: DOE nº 167, pág 3. Data: 6/9/2013.

Percebe-se que do período de 1966 a 2013, a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, foi ocupada por treze secretários, sendo onze homens e apenas duas mulheres, sendo elas: Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau e Cláudia Sousa Leitão.

É importante destacar que em 27 de março de 1997, foi criado na Secretaria da Cultural e Desporto do Estado do Ceará o Bureau de Artes Cênicas, cuja finalidade era o desenvolvimento de ações na área cênica visando fomentar a pesquisa, incrementar a criação e aumentar a produção cênica do Ceará.

Nos anos de funcionamento do Bureau foram realizados cadastro de artistas e técnicos de teatro, colaborou com os grupos e companhias de teatro na elaboração de projetos para captação de recursos e contribuiu financeiramente para que grupos e artistas participassem de atividades cênicas realizadas em outras cidades e estados.

Entre as diversas atividades desenvolvidas pelo Bureau de Artes Cênicas, Honório vai relatar que o Bureau:

> Realizou, em parceria com outras instituições, o FETAC - Festival de Teatro Amador de Acopiara, o F.N.T – Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga e a Mostra Cariri Sesc de Teatro. Propiciou, ainda, a circulação de espetáculos nas cidades de Aracati, Sobral, Crateús, Crato e Russas. O Bureau esteve em atividade até o ano de 2000, funcionando nas dependências do CENA - Centro de Artes Cênicas do Ceará, anexo do Theatro José de Alencar que a partir de 2001 incorporou à sua política cultural na área das artes cênicas, as atribuições inerentes ao Bureau (HONÓRIO, 2002, p. 9).

As repercussões do Bureau de Artes Cênicas, também chegam às cidades interioranas. No Jornal Folha de Juazeiro de Julho 1997, noticiou-se que em Juazeiro do Norte, na gestão do Secretário de Cultura Luiz Karimai, artista plástico indicado para a gestão municipal pelo segmento dos artistas, é criado o Departamento de Artes Cênicas. A criação desse Departamento teve o reconhecimento pelo secretário Luiz Karimai e pelo segmento artístico, considerando a multiplicidade artística da cidade, que se constituía em "um centro de convergência de expressões culturais, artísticas, folclóricas e religiosas".

Esse Departamento ficou sob a coordenação do ator Gil Grangeiro, um grande pesquisador das artes cênicas, que tinha o reconhecimento da classe artística e, naquele momento estava envolvido com assuntos voltados as questões culturais do município.

Por ocasião da criação desse departamento, ficou acordado que seria feito um mapeamento de todos os artistas e espaços cênicos de Juazeiro do Norte.

O Bureau de Artes Cênicas por ocasião da sua ação em Juazeiro do Norte conseguiu identificar onze espaços cênicos: Fundação Memorial Padre Cicero, Ginásio Salesiano, Circulo Operário São José, Anfiteatro Amália Xavier, Escola Técnica de Comércio de Juazeiro, Auditório Osmira Castro, Auditório do Cirão, Biblioteca Pública Possidônio Bem, Centro Educacional Moreira de Sousa e Auditório Antônio Ribeiro de Melo.

Participação feminina no teatro juazeirense.

Muitos espetáculos passaram pela cena juazeirense: A "Beata Maria do Egito" de Raquel de Queiroz; "Quinze anos depois", de Bráulio Tavares, "As Gralhas" de Braulio Pedroso; "Flor de Cactos" de Lúcia Caeira; "A outra face do Avesso", de Rogério Proença; "Maria Roupa de Palha", de Lourdes Ramalho; "Agatópoles e uma mulher dama", entre outros.

Entre as mulheres selecionadas, destacamos: Albertina Brasileiro (Marquise Branca), Fátima Morimitsu, Maria José de Sales (Mazé), Maria Iranir de Sousa (Ni de Sousa), Lília de Carvalho Araújo e Joaquina Carlos. Porém muitas mulheres marcaram a cena teatral juazeirense a exemplo de Arlet Almeida, Elizabete Gondim, Ivete Alexandre, Lucivânia Lima, Michele Ferrúcio, Rita Cidade, Terezinha Barbosa, Tica Fernandes, Zizi Telécio, entre outras.

Albertina Brasileiro (Marquise Branca)

No começo do século XX há um breve registro sobre a existência de uma Companhia de Teatro de propriedade de Albertina Brasileiro (Marquise Branca) e o seu esposo o espanhol Afonso Moreira. Marquise Branca foi a primeira atriz do município a fazer sucesso também em outros lugares.

Sendo considerada como a primeira atriz juazeirense, a bailarina Marquise Branca montou sua própria companhia no começo do século XX, teve uma intensa vida artística nas cidades do interior cearense, despertando muitos admiradores. A sua história de vida é marcada por casos amorosos com homens da elite entre os anos 30 e 40 do século XX.

Possuía um repertório variado em suas apresentações. Entre outras, ela interpretava a canção de Mário Rossi e Roberto Martins para uma plateia de admiradores que a tinham como uma deusa. Em sua dança sensual mostrava as pernas desnuda, configurando-se em uma atitude de coragem para uma época em que a mulher ainda era muito discriminada ao se expor num palco para um público masculino.

Há registro da participação de Marquise Branca na Companhia de Conceição Ferreira pelo ano de 1928 e suas andanças em algumas cidades do interior do Ceará, entre elas Viçosa

do Ceará e Lavras da Mangabeira. Um dos destaques do seu repertório era a canção "ADEUS" de Mário Rossi e Roberto Martins.

ADEUS - Gilberto Alves
Composição: Roberto Martins e Mário Rossi

Adeus, tu vais partir
Deixando a noite em teu lugar,
E a minha voz vai colorir
O nosso adeus crepuscular.
Um lenço branco acenando
Querendo a dor sufocar.
Um sonho bom naufragando
Na branca espuma do mar.
E eu te direi num queixume
Que a felicidade
É sempre um vago perfume
No vesperal da saudade.

Os seus espetáculos atraia um grande publico masculino, empolgado pela sua interpretação, sutileza, beleza feminina e desenvoltura no palco.

Porém com toda atuação da Marquise Branca nos palcos cearenses e fora do Estado do Ceará, não foram suficientes para que se fizesse o registro da sua contribuição para a história do teatro local. Algumas iniciativas surgem, embora tardiamente quando foi homenageada na inauguração do Teatro Municipal Marquise Branca em Juazeiro do Norte no ano de 2003.

Em uma publicação do jornal Diário do Nordeste, datado em 01 de agosto de 2003, véspera da inauguração do referido teatro, Jean Nogueira, comentou: "Esperamos que essa homenagem possa nos trazer mais fatos sobre essa atriz pioneira e mulher corajosa de Juazeiro".

Fátima Morimitsu.

Entre as mulheres ligadas às atividades teatrais podemos destacar Fátima Meneses, natural de alagoas, posteriormente passou a ser chamada de Fátima Morimitsu. Analisando a contribuição dela para a história do teatro local, podemos destacar que foi no ano de 1975 que ela deu inicio as atividades teatrais em Juazeiro do Norte. Em um trabalho de pesquisa sobre a História do Teatro no Ceará, organizado por Erotilde Honório, Fátima faz o seguinte depoimento sobre o seu amor e o interesse pelo teatro:

> Descobri e não consegui mais parar de fazer, se eu deixar de fazer teatro acho que eu morro, é uma coisa que eu gosto de ver, gosto de fazer, gosto de ler, é uma coisa que vem de dentro de mim, é assim da mina alma mesmo, me sinto feliz em fazer teatro, é a melhor coisa na minha vida e a minha grande batalha está sendo sobreviver do teatro e eu estou conseguindo em Juazeiro do Norte, por incrível que pareça eu estou vivendo de teatro (HONÓRIO, 2002, p. 70).

Pelo relato podemos perceber que embora a atriz demonstre interesse e amor pela atividade teatral, demonstrava dificuldades em relação à sobrevivência financeira, quando se dedicava apenas a fazer teatro. Além da atuação nos palcos, Fátima Morimitsu escreveu textos teatrais, foi educadora e desenvolveu durante muitos anos, trabalhos sociais voltados para crianças carentes da cidade.

Ela enfatizou as dificuldades enfrentadas no inicio das atividades teatrais, como por exemplo: a falta de oficinas de adereços, cenários, iluminação, interpretação e direção de ator, bem como a necessidade de um maior intercâmbio das atividades teatrais desenvolvidas na capital com as do interior do estado.

Entre as peças de teatro que Fátima Morimitsu atuou, Honório destaca:

> "A Beata Maria do Egito", de Raquel de Queiroz, "Quinze Anos Depois", de Bráulio Tavares, "As Gralhas" de Braulio Pedroso, "Flor de Cactos", de Lúcia Caeira, "A outra Face do Avesso" de Rogério Proença, "Maria roupa de Palha", de Lourdes Ramalho, "Agatópoles e uma Mulher Dama" (HONÓRIO, 2002, p. 70).

O Centro Cultural do Banco do Nordeste do Brasil de Juazeiro do Norte, dentro do Programa História e Patrimônio no dia 13 de março de 2013 prestou homenagens à Fátima Morimitsu, considerada a dama do teatro Juazeirenses sendo reconhecida e prestigiada pela classe artística.

Maria José de Sales (Mazé)

Dramaturga nascida em Juazeiro do Norte - CE, no ano de 1955. Normalista de 1976. Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia do Crato, em 1983. Especialista em Alfabetização pela URCA, 1995. Cursando apenas um semestre de Artes Cênicas na Dulcina de Morais em 1986, BSB - DF. Atuando em grupos de teatro amador: William Shakespeare

do GMAXO (1972/74); Grupo ANTA (Arte Nascente Teatro Amador) 1980/83. No Arte Contemporânea com Mãe Coragem e no Livre Mente com Dentro da Noite Escura.

Professora desde 1976, lecionando em escolas públicas e particulares. Atualmente, trabalha no Centro de Multimeios do CERE Alm. Ernani Vitorino Aboim Silva, Juazeiro do Norte. Participa de grupos e entidades culturais, é sócia titular do Instituto Cultural do Vale Caririense - ICVC.

Mazé Sales, traz sua contribuição desde pequena, sendo dramaturga e atriz atuante na região. Escreveu 22 textos teatrais: Padre Cícero: filho do Crato, pai do Juazeiro, Páscoa: Sempre uma Passagem, A História da Páscoa, Cenas da Vida de Jesus Cristo, Índio Ser, Inconfidência Mineira, Cenas da Vida de uma Mãe, Uma Homenagem á Raça Negra, Maria do céu\ Marias da Terra, Casamento na Roça é Assim, Dia do Folclore, Lenda e Mitos do Nosso Folclore, O Lobisomem em Juazeiro, Coisas do povo Brasileiro, O Grito do Ipiranga, Houve ou não Independia, Todo Palhaço Diz, História do Natal, Era uma vez... João Grilo que era Pedro Malasarte, Auto do Caldeirão, A Consciência de Leideguima (monólogo), Ponto Zero (monólogo).

Maria Iranir de Sousa (Ni de Sousa)

Nascida em Barbalha - CE. Em 1989 iniciou o seu trabalho como atriz, até que em 1991, através de uma oficina ministrada pela pedagoga e bonequeira Zilda Torres, permitiu despertar em si, o mundo dos bonecos.

Trabalhando para a Prefeitura Municipal de Barbalha passou a ministrar oficinas de como confeccionar bonecos para crianças da comunidade. Com esse apoio passou a confeccionar também, a tenda, a empanada e outros adereços e em contrapartida ofereceu algumas apresentações nas comunidades barbalhenses.

A mudança de gestão na cidade trouxe um desalento, pois, o Teatro Municipal foi saqueado e seus bonecos estavam no meio do material que foi levado. Desta forma ela passa a escrever textos à serem encenados no palco.

Ni de Sousa participou de muitas peças teatrais, entre essas conforme apresenta HONÓRIO (2002, p. 74): “Patati Patata”, “As Aventuras no Rio Salamanca”, “Andar Andar”,

"O Aniversário da Princezinha", "O Aniversário da Formiga", já escreveveu textos, fez cenários, dirigiu e atuou".

Escreveu nove textos teatrais: O aniversário de Ariel, As aventuras no Rio Salamanca, Família, Proteção de acidentes, Alerta no Caldas, ABC, Em Barbalha lugar de dente é na boca, Cadê a qualidade: a peça que faltava, Meu pai.

Lília de Carvalho Araujo

Dramaturga e atriz nascida em Juazeiro do Norte - CE, escreveu 03 textos voltados para o universo infantil : A Sátira da Branca de Neve e os sete Anões (baseado no livro Contos de Fadas para Adulto de Allen Gallehugh - Sue Gallenhugh), Que Rei Sou Eu (baseado no conto de fadas A Roupa do Imperador, do dinamarquês Hans Christian Andersen, 1837), a Fragilidade do Ser Diante da Loucura.

Joaquina Carlos

Atriz formada pelo Curso de Licenciatura em Teatro pela Universidade Regional do Cariri - URCA, sendo aluna da primeira turma do referido curso. Dirigiu espetáculos que teve grande repercussão na cidade pela qualidade cênica, entre esses: Romeu e Julieta do dramaturgo inglês William Shakespeare. Ela tem uma longa folha de serviços prestados à comunidade juazeirense com atuação em diversos grupos culturais.

Grupos e companhias de teatro

Muitos grupos teatrais têm surgido nesta região, porém é importante considerar que o tempo de existência da maioria destes grupos, é marcado por algumas apresentações teatrais e depois desaparecem enquanto grupo, e os membros desses grupos constituem outros grupos e igualmente ao anterior, também com pouco tempo de existência e os espetáculos teatrais são apresentados poucas vezes e nem sempre possuem uma qualidade teatral.

Mas o que poderíamos considerar de fato como registro da história do teatro nesta região, considerando a efemeridade dos grupos teatrais, a má qualidade cênica e as poucas

apresentações desses espetáculos, considerando ainda a falta sistemática de estudos teatrais. Também, há de considerar que muitas apresentações teatrais surgem não de um grupo de teatro, mas de atividades desenvolvidas por uma variedade de grupos culturais, religiosos e sociais.

A história do teatro funde-se com a própria história da humanidade, com a história de homens, mulheres e grupos sociais por estes constituídos. Ao desenvolvermos esta pesquisa sobre a participação feminina na história do teatro juazeirense não poderíamos deixar de destacar os grupos e companhias de teatro que acolheram mulheres e o trabalho que estas desenvolveram.

Em Juazeiro do Norte Antes da constituição da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, surge na década de 1940 o Teatro Sociedade Escola, com o objetivo de promover entretenimento e conhecimento através do teatro. É nele que, entre outros nomes, destaca-se o de Terezinha Barbosa.

Entre os grupos e Companhias de Teatro existentes de Juazeiro do Norte, entre outros podemos destacar: Companhia de Teatro Livre Mente, Companhia Arpas de Teatro, Grupo de Arte Contemporânea, Vozes da Terra do Teatro, Companhia Teatro Dança Okara, Companhia Teatro Carroça de Tespes e Companhia de Teatro XI-RÔ, Construção Dez, Voz da Terra, Grupo Anta, Grupo Fiapo, entre outras companhias e grupos que existiram nas comunidades, sindicatos e templos religiosos.

Muitos foram os grupos e Companhias de Teatro com atuação em Juazeiro do Norte, entre esses é importante destacar a Companhia de Teatro Livre Mente que merece um estudo mais detalhado da sua atuação na cidade, configurando-se um dos grupos mais antigos em atuação.

A outra é a Companhia de Teatro XI-RÔ que marcou a história do teatro no cariri nos anos de 1992 a 1998. O grupo atuou teve diversas apresentações teatrais, mas a sua principal atuação foi na encenação da tradicional Paixão de Cristo, que historicamente acontecem na cidade desde os tempos da chegada do Padre Cicero em Juazeiro do Norte. O grupo também contribuiu para a formação de vários jovens da região, realizou Oficinas Teatrais e o Festival das Bruxas, uma atividade intercolegial que se manteve até a sua IV edição.

No ano de 1974 é fundado em Juazeiro do Norte, pelo professor Joaryvar Macedo, o Instituto Cultural do Vale Caririense - ICVC, com a finalidade do cultivo, o incremento, e a

difusão das ciências, artes e das letras em geral e da preservação histórica e antropológica regional. O ICVC se mantem em funcionamento por quarenta anos e em seus quadros de quarenta sócios permanentes. De acordo com a publicação de um livro comemorativa dos 38 anos do ICVC, no ano de 2012, vamos encontrar a relação de três membros do ICVC identificados como atores: Francisco Renato de Souza Dantas, Hugo de Melo Rodrigues "um dos autores desta pesquisa" e Maria José de Sales "uma das atrizes destacadas" (LUSTOSA e CASSIMIRO, 2012).

Entre as instituições com atuação no campo teatral podemos destacar, a Fundação Caldeirão da Criança, que existiu por 24 anos (1983 a 2007) em Juazeiro do Norte, que teve uma importante inserção na vida teatral da região.

A instituição funcionava como abrigo permanente de crianças e adolescentes carentes e entre as atividades desenvolvidas o teatro era uma das ferramentas importantes para o desenvolvimento educacional dos internos e de crianças e jovens da comunidade, onde a instituição estava inserida.

A instituição era coordenada pelo casal Alfons Lonsing, de nacionalidade alemã, padre casado com a ex-freira Juazeirense Bernadete Bezerra Lonsing, que exerceu o magistério em várias comunidades de base, e utilizava o teatro como ferramenta pedagógica. Além da coordenação direta da Sra. Bernadete para o desenvolvimento do teatro, a instituição teve outros profissionais para o ensino de teatro por meio de oficinas e realização de apresentações teatrais, foram eles Wilson Barros, Idelvan Fernandes e Hugo de Melo Rodrigues, este último, interno da instituição.

A Comunidade Católica JESC, sediada em Juazeiro do Norte, fundada em 1992 e em funcionamento, é outro grupo que desenvolve o teatro como uma de suas principais atividades, como resultado desse trabalho é a apresentação tradicional na Semana Santa da Paixão de Cristo, que neste ano de 2014 ocorre a 21ª apresentação da Paixão de Cristo.

Teatro municipal Marquise Branca

Não há como descrever a história do teatro em Juazeiro do Norte, sem que esta história esteja diretamente ligada à história da fundação da cidade, que foi fundação em 22 de julho de

1911 e do seu fundador, o Padre Cicero Romão Batista (1844 - 1934) fundador e primeiro prefeito da referida cidade.

Falar de teatro é falar dos homens e mulheres que passaram pelo imenso palco da vida, no abrir e fechar de cortinas das cenas que povoaram esta cidade. Falar de teatro é falar da vida que nos cerca, que nos envolve, que nos consome e que nos faz rir e chorar simultaneamente.

O primeiro matadouro da cidade foi construído diante da necessidade dos comerciantes terem um matadouro para abater os animais. Entre outras personalidades presentes na sua inauguração o Padre Cícero Romão Batista esteve presente.

O Teatro Marquise Branca funciona em um dos prédios mais antigos de Juazeiro do Norte, no cruzamento das avenidas Padre Cícero e Paulo Maia, no bairro Salesiano. O imóvel (Velho Matadouro Público), foi recuperado e adaptado para ser um lugar de Arte – Um teatro que manteve a estrutura arquitetônica, original, valorizando assim a cultura material do lugar. O Teatro Marquise Branca, ao tornar-se um espaço para fomentar a arte teatral, é possível perceber o nome do Padre Cícero, bem como os seus ensinamentos, personagens e fatos da época inseridos no cenário das peças teatrais.

Considerado como patrimônio histórico, após quase quinze anos de reforma, as obras para construção de um teatro municipal encerraram-se e no dia 02 de agosto de 2003, foi inaugurado o Teatro Municipal Marquise Branca com a encenação da peça “A Serva”.

O jornal do Diário do Nordeste noticiou em 01.08.2003, um dia antes da inauguração as características da estrutura física do local:

> Possui sala de espetáculo climatizada com 80 lugares, balcão tipo camarote com acesso por meio de uma antiga escada helicoidal, modernos equipamentos de luz e som importados, roldanas, camarins, coxia, bambolina e outras peculiaridades do teatro como é o caso de uma passarela que suporta até uma tonelada [...] o teatro contém ainda sala de espera, anfiteatro com 300 lugares, escola de formação de atores e técnicos em artes cênicas, salas de oficinas de projeto de formação de plateia, além do memorial de Marquise Branca e um espaço para exposições de artes plásticas (DN, 01.08.2003).

Do mês de novembro de 2009 a março de 2010, a Secretaria de Cultura de Juazeiro do Norte, tendo como secretaria a professora universitária Gloria Maria Ramos Tavares, promove o “Programa Venha Ver o Meu Teatro”.

No encarte da Realização do "Programa Venha Ver o Meu Teatro" vamos encontrar entre as apresentações realizadas durante a execução do programa tivemos as seguintes apresentações com o destaque para a participação feminina, observando as seguintes funções: direção, concepção, pesquisa musical, coreografia, cenário, dramaturgia, interpretação, professora residente, curso de preparação corporal, figurino, produção, criação de bonecos, elenco, operadora de luz e atriz convidada:

1. BR 116 – Alysson Amancio Companhia de Dança: Alyne Sousa, Barbara Feitosa, Dakini, Jussyanne Emidio, Luciany Maria, Rosilene Diniz, Selma Crisóstomo.
2. Maria Roupa de Palha. No Reino do Tim-rim-tim-tim existe muita união (Lourdes Ramalho). Grupo de Teatro da Associação dos Artistas e Amantes da Arte – AMAR: Ivete Alexandre.
3. As irmãs castanholas. Cia Mandaru: Raquel Nogueira, Tônnya Bezerra, Cicera Soares.
4. Esperando Comadre Daiana: Lena Landim.
5. Dentro da Noite Escura: Mazé Sales, Lena Landim.
6. Virgens à Deriva. Companhia In Pulso de Teatro: Zizi Telécio, Leka Lourenço e Suzana Sousa.
7. O Mistério do Boi Mansinnho. Comunidade Oitão de Arte e Cultura: Leka Lourenço, Suzana Carneiro, Zizi Telécio.
8. Caboré. Ong. Cia Desabafo de Teatro: Zizi Telécio, Kelliane Eskthyny, Erismar Alves.

Conclusão

Esta pesquisa nos proporcionou conhecer um pouco da história da dramaturgia cearense feminina, da importante contribuição desempenhada pelas mulheres na história do teatro local. Outro fator importante foi perceber o papel desempenhado pela Marquise Branca que teve uma grande importância no inicio do século XX, constituindo a sua própria companhia e tendo repercussão do seu trabalho em outras cidades do Brasil.

O teatro possibilita fazer o elo entre o Juazeiro antigo e o Juazeiro dos dias atuais, percebendo assim, a presença e a influência do Padre Cicero, dos seus ensinamentos na produção artística atual, como por exemplo a encenação de textos retratando personagens, fatos e lugares da época do Padre Cicero. Também foi importante destacar um pouco do processo de institucionalização da cultura no Estado do Ceará, da criação do departamento de artes cênicas em Juazeiro do Norte e conhecer grupos e companhias de teatro local.

Sabemos da lacuna da pesquisa, no entanto este trabalho se constitui um recurso a mais na história da participação feminina na história do teatro local.

Referências

CEARÁ, Secretaria da Cultura. **Relação dos Secretários da Cultura.** Disponível em: http://www.secult.ce.gov.br/index.php/a-secretaria/secretarios-da-cultura. Acesso em: 09.11.2014.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Teatro Marquise Branca será inaugurado em Juazeiro**. 01.08.2003.

HONÓRIO, Erotilde (Org). **Historia do Teatro no Ceará:** através de grupos e companhias, 1967 a 1997. Fortaleza: [...] Theatro José de Alencar, 2002.

JORNAL FOLHA DE JUAZEIRO, Julho 1997. p.3

LUSTOSA, Rosário. CASSIMIRO, Renato. **38 anos do ICVC:** Instituto Cultural do Vale Caririense. Juazeiro do Norte: HB Gráfica, 2012.

OLIVEIRA. Pedro Paulo Martins de. Crises, valores e vivências da masculinidade. São Paulo: SP, **Novos Estudos CEBRAP** (56), p. 89-110, Mar/2000.

RICHARD, Nelly. **Intervenções Críticas.** Belo Horizonte: UFMG/Editora Universitária, 2002.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. **Entre/linhas e máscaras: a formação da dramaturgia de autoria feminina no Brasil em fins do século XIX.** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2001. (Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras).

TAVARES, G. M. R. et al. **Venha ver o meu teatro:** Teatro Municipal Marquise Branca novembro de 2009 a março de 2010. Juazeiro do Norte, PMJN. 2009.

A BIBLIOTECA DO PADRE CÍCERO: UM LOCAL DE PESQUISA SOBRE JUAZEIRO DO NORTE, CEARÁ.

Lindalva Lopes de Brito[241]
Luiz Manoel Lopes[242]

Introdução

O objeto é analisar a biblioteca pessoal do Padre Cicero e a sua importância enquanto fonte de pesquisa para diferentes áreas de saberes. O motivo desta pesquisa, além do objetivo já mencionado, é de ressaltar enquanto esta biblioteca pode contribuir para que a cidade de Juazeiro do Norte seja vista não só como uma cidade voltada para religião, mas também como um lugar em que o conhecimento pode ser ampliado. O ponto de vista do qual este trabalho parte é apresentar a grandiosidade de um homem que procurou construir uma biblioteca e que a mesma se constitui em fonte para futuras gerações de pesquisadores. A partir deste ponto de vista, não existe nenhum trabalho com este mesmo propósito e desta maneira acredita-se que o mesmo é inovador por mostrar a importância desta biblioteca tanto para o presente quanto para o futuro de Juazeiro do Norte. Neste sentido, apresentar-se-á uma breve introdução sobre a história da biblioteca a fim de mostrar como os grandes homens e líderes sempre tiveram a precocupação de buscar de conhecimento e por este fato constuiram suas bibliotecas particulares. A construção destas bibliotecas contribuiram sem dúvida nenhuma para o desenvolvimento humano. A biblioteca tendo como função armazenar inúmeras quantidades de informação, guardados de forma correta como meio de preservar documentos informacionais, facilitando o acesso rápido às informações que se deseja encontrar.

Na Antiguidade, as bibliotecas garantiram a conservação do poder por parte dos soberanos e dos sacerdotes, os primeiros mantinham o poder temporal e os segundos, o poder espiritual e exerciciam grande influências na educação das populações; a leitura servia para ampliar o conhecimento desses líderes e também para que os mesmos pudessem manter o seu prestígio diante de seus súditos e fiéis. Não é fácil encontrar homens que possuam bilblioteca

[241] Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará, Campus Cariri. lindalopes23@hotmail.com
[242] Doutor em Filosofia pela UFSCar. Professor de Filosofia na Universidade Federal do Cariri. luizmanoel@cariri.ufc.br

em sua casa, sendo por este caminho que devemos ver a importância do Padre Cícero como umhomem culto que jamais deixou de lado a relação entre poder e saber.

Na vida religiosa e política do Padre Cícero, a sua biblioteca destaca-secomo um instrumento de grande valor. O religioso, de origem pobre, sempre procurou adquirir conhecimentos através dos livros e da leitura de diversas áreas de saber.

O Padre Cícero conseguiu ordenar-se, e diante das situações que presenciava no dia-a-dia, passou a dedicar sua vida a ajudar os pobres do pequeno povoado Juazeiro. Durante essa trajetória, a Igreja o obrigou a deixar o sacerdócio, devido os fatos do milagre da hóstia, ocorridos no lugarejo. Depois de ser impedido pela Igreja de fazer pregações, o Sacerdote passou a ser político. Embora, esta não fosse a sua vocação, nem a sua vontade, o Padre resolveu usar de seu conhecimento, como uma forma de poder para continuar a obra de desenvolvimento social, econômico e cultural do pequeno povoado que estava se tornando independente, e logo emancipada, graças ao seu trabalho.

A biblioteca em apreço possui variadas obras que retratam a busca deste homem pelo conhecimento e sua aplicação na melhoria de vida da população de Juazeiro do Norte. Neste sentido, através da pesquisa podemos entrar em contato com a história de vida deste homem. Neste acervo, encontramos obras que apresentam temas relativos à religiosidade, ao misticismo, à medicina, dentre outros; as obras são escritas em várias línguas, o que atesta o seu domínio de leitura em outros idiomas.

Pretende-se então, abordar alguns tópicos sobre o Padre Cícero leitor, ressaltando o valor de sua biblioteca na contribuição para estudos de futuros pesquisadores sobre a história de Juazeiro do Norte e da Região do Cariri cearense. A sua importância memorialística trará benefícios para a nossa cidade, influenciando no desenvolvimento humano das gerações que se anunciam.

Uma breve introdução à história das bibliotecas

Desde o começo da humanidade, houve a necessidade de registrar informações, como uma forma de preservar e conservar a memória, construindo a história. Por isso, em toda a trajetória da história da humanidade foram inventados vários tipos de suportes para registrar o conhecimento humano. Um dos primeiros suportes usados foi a placa de argila, que eram

mais utilizados pelas antigas civilizações. Ao longo do tempo desenvolveu-se o papiro, um material frágil, mas importante na história dos registros, sendo muito usado na Antiguidade, e mesmo após o surgimento de novos suportes.

Logo depois, foi inventado um novo material, o pergaminho; material feito de peles de carneiro e outros animais; estes passaram a ser cortados e juntando-os eram costurados chegando a uma aparência do livro moderno. O pergaminho era produzido nos mosteiros, sendo um dos materiais mais utilizados, embora fosse muito caro. Foi a partir desses instrumentos que começaram a produzir muitas obras e formar assim, as bibliotecas. As obras manuscritas além de raras eram caras, por isso, eram feitas poucas cópias de cada obra, e os instrumentos para a escrita eram frágeis e isso, contribuiu na perda da maior parte da história da humanidade.

> Se num momento da história os registros eram raros, sendo arduamente procurados pelos homens mais inquietos, num outro momento inverteu-se o jogo: houve excesso de registros, tornando o homem pequeno e confuso diante de sua própria produção. Nem tudo que é pensado e registrado deve ficar na memória dos grandes bancos de dados ou nos labirintos das bibliotecas. No entanto, como o homem não sabe o que deve conservar e o que pode ser descartado, por preocupação guarda e zela.(MILANESI, 2002, p. 10)

Este processo de guardar todos os tipos de informações que o homem tem feito durante tanto tempo, foi e sempre será muito importante, pois, muitas destas informações que poderiam estar perdidas, hoje se tornam parte da história.

O conceito de biblioteca, segundo Lemos (2005 apud CAMPELLO; CALDEIRA, 2005, p. 101-102): “[...] tem origem na forma latinizada do vocábulo gregobibliotheca (de biblion, livro, e theke, o estojo, compartimento, escaninho onde se guardavam rolos de papiro ou pergaminho, por extensão a estante e, finalmente, o lugar das estantes com livros).”

Hoje, biblioteca se define como acervos impressos e/ou não impressos, organizados e conservados para leituras, estudos, visualizações, pesquisas e consultas. Pois, é um lugar onde estão armazenados diversos tipos de informações, de forma que sejam acessíveis para busca e obtenção a todas essas informações ou as quais se deseja encontrar. Partindo desse pressuposto, vale ressaltar, que o papel das bibliotecas continuará sendo importante, porque nelas foi depositado um imenso número de informações de fatos históricos, que serviram e servem de base para o desenvolvimento da história da humanidade.

A influência e contribuição do cristianismo para a conservação das bibliotecas.

A contribuição de maior destaque na preservação de obras literárias partiu dos cristãos, pois os mesmos com o intuito de atingir seus objetivos, que era o de preservar a memória literária e cultural da humanidade, se preocupavam e se ocupavam em copiar obras, as quais achavam mais necessárias, e não só os religiosos como também alguns textos profanos, tendo sido este trabalho muito importante, pois, conservou obras que certamente estariam perdidas.

Para facilitar a ordenação e acesso aos registros, os eruditos e leitores, durante séculos, se motivaram a juntá-los em um só lugar, formando assim as coleções e criando serviços relacionados a eles; tornando possível encontrar as informações desejadas sem muita demora. A pessoa encarregada de organizar e facilitar o acesso às informações contidas em bibliotecas, para pessoas que a procuram, passou-se a chamar de bibliotecário. "O bibliotecário recebia grande valorização, pois além de ser um cidadão considerado intelectual tinha noção de organização do acervo da biblioteca." (SILVA, 2010, p. 29). O mesmo, além de conhecer a coleção, tinha o domínio e procedimentos que lhe permitam obter a localização correta de determinado documento em um menor intervalo de tempo.

Na Idade Média, o livro era considerado algo exclusivo que servia a uma pequena minoria de intelectuais, pois, estes podiam ter acesso às bibliotecas, onde continham importantes obras manuscritas. Mas, os religiosos não eram os únicos a preservar os manuscritos, pois, os reis e outras pessoas da alta sociedade, passaram a colecionar livros e assim, formar suas bibliotecas particulares. Como escreve Battles (2003, p. 76):

> As grandes bibliotecas não surgiram em virtude da economia ou da eficácia da página impressa, que mais tarde muitos viriam a temer. Estavam mais ligadas ao apetite que duques, mercadores e papas tinham por esse novo tipo de erudição congênita ao Renascimento. A despeito dos desafios da imprensa livre, o controle do conhecimento oferecia a eles novas bases para o exercício do poder.

As coleções[243] tiveram sua importância em cada etapa da história, pois foram essenciais para conservar e manter viva parte da produção intelectual de períodos históricos, de povos e de culturas. Como define Milanesi (2002, p. 10-11):

[243] Segundo o Minidicionário Luft (2001), pode ser compreendida da seguinte forma: Coleçãoadj. 1. Conjunto ou reunião de coisas da mesma natureza ou que tem entre si um relacionamento qualquer.

> As coleções – que num determinado momento foram denominadas"bibliotecas" – pelo seu tamanho e variedade, passaram a indicar o grau de riqueza de uma sociedade, e o número de unidades espalhadas por um determinado território revelava seu grau de desenvolvimento social.

Com isto, a aquisição e conservação de várias coleções garantiam ao seu proprietário um acréscimo de saber e consequentemente de poder. O aumento de saber e poder deve-se a visão de conjunto sobre determinadas questões, fatos ou coisas, já que as relações entre estas são conhecidas de modo mais apurado a partir das leituras feitas de acordo com o conteúdo explicativo das coleções. Dessa forma, a função de preservar a memória foi essencial para a expansão do conhecimento e como já foi dito acima, do aumento do poder a partir do saber. A memória escrita diferentemente da memória oral deixa um rastro que se torna visível a transformação do poder e do modo de transmitir conhecimento a partir de um novo meio de informação. Nas sociedades sem escrita, as sociedades denominadas orais, a memória era conservada ao ser passada de geração em geração, através da fala, por aqueles que tinham a função de cantá-la, no caso, os aedos. Nestas sociedades, a transmissão do conhecimento era fortemente articulada à memória de palavras cantadas pelas falas dos aedos. A fala, portanto, prevalece na ausência da escrita. Esta é uma forma de proteger e conservar a memória da humanidade. Com o advento da escrita um novo tipo de conservação da memória das civilizações humanas começa a ganhar relevo. Levando em conta o que foi exposto anteriormente, observemos a citação Milanesi (2002, p. 11-12) sobre a questão em apreço:

> Havendo registros, haverá biblioteca, porque os homens precisam repartir o pensamento criado, disseminando-o para garantir a posse do conhecimento. Por isso, formaram e formam coleções: da argila com caracteres ao papel, passando pelo papiro e pergaminho até chegar ao texto virtual, que forma, na internet, um novo tipo de acervo – o maior já colocado à disposição das pessoas. É uma outra forma de biblioteca.

Mais tarde, com a propagação do papel (mais barato que os pergaminhos), no Ocidente, no século XIV, e a invenção do tipo móvel, de Gutenberg, na cidade de Mogúncia, no século XV, tornaram-se mais baratos os manuscritos. "O livro então era interpretado como símbolo de liberdade conseguida por conquistas culturais". (MAQUIAVEL, 2004, p. 7). O sistema de impressão aumentou a produção de livros causando uma revolução, tornando a imprensa uma realidade, mostrando que a sociedade precisa ler mais.

> O número elevado de cópias, além de baratear o preço da unidade, difundia ainda mais a literatura. Mesmo assim, a maior parte da população dos muitos países continuou distanciada, em parte porque o livro, em si tinha sido durante muitos séculos considerado objeto raro, passível de ser adquirido somente por um pequeno número de eruditos. (MAQUIAVEL, 2004, p. 8).

Isso veio facilitar para muitos o acesso aos livros. Com a grande produção de livros impressos, criaram-se mais bibliotecas. Isso fez com que estes objetos passassem a ser mais utilizados em outros setores da sociedade, podendo assim, divulgar mais informações. Desse modo, as bibliotecas antes consideradas tesouros, passaram a ser frequentadas, os livros tornaram-se itens de consumo, ou seja, as pessoas passaram a ter acesso e até mesmo comprar livros e formar bibliotecas em suas próprias casas.

Tendo uma origem muito antiga, as bibliotecas para continuarem existindo como instituições passaram por muitos processos para que pudessem se adaptar à mudanças tanto políticas, como sociais e tecnológicas, para assim, se tornar satisfatório o seu papel. Embora, nem sempre estão ao alcance de toda a sociedade, devido razões de seu contexto histórico e social.

> É possível que a história das bibliotecas possua um legado histórico fundamental: registro da informação e organização do conhecimento. Esse registro de informação ganhou dimensões mais largas e, por conseguinte, foi se aperfeiçoando na medida em que a produção informacional foi sedesenvolvendo. (SILVA, 2010, p. 20).

Posteriormente, no final do século XX e início do século XXI, a biblioteca passou a ser vista como uma forma de organização do saber, reduzindo a um sistema o acesso às informações, contribuindo na disseminação das mesmas.

A importância da biblioteconomia e as tecnologias digitais na construção de reflexões e ações para as bibliotecas

Através do desenvolvimento tecnológico no final do século XX, permitiu a criação de computadores, com isso, foi substituída a máquina de escrever, e em seguida, passou a ser aproveitado para exercer outros tipos de atividades. Com importante papel desenvolvido pela Biblioteconomia na sociedade, as tecnologias digitais têm sido fundamentais.

> A biblioteconomia é uma disciplina integrante da Ciência da Informação que integra também outras disciplinas, tais como: documentação, Arquivística,

> Museologia, dentre outras e possui um legado advindo essencialmente das bibliotecas e outros centros de informação. (SILVA, 2010, p. 19-20).

Com o surgimento das tecnologias, surgiu também a necessidade de os bibliotecários passarem a conhecer a importância dessas tecnologias, referindo-se a digitalização de documentos. Incluindo nesse contexto organização, indexação, preservação, recuperação e outros serviços, como forma de facilitar o trabalho bibliotecário.

> No período inicial do computador não se previa que ele, ao diminuir de tamanho, passaria a ser individual. No entanto, aquilo que oferecia dificuldade para ser usado coletivamente, transformou-se em poucos anos uma utilidade de uso doméstico e individual.(MILANESI, 2002, p. 32)

Rapidamente, essas grandes máquinas (os computadores), evoluíram para pequenos, potentes e com grande capacidade de armazenar grandes volumes de informação, podendo ser processado em velocidade cada vez maior. Em consequência disso, foi possível conectar computadores entre si e outros grandes computadores, e desenvolvendo assim a internet. Com isso, estabeleceu-se uma forte ligação com a informação, de forma que todo conhecimento fosse acessado de qualquer lugar, por qualquer pessoa e a qualquer hora.

Mas o que era considerado um problema para profissionais da área de biblioteconomia, tornou-se aliado: percebeu-se nos computadores e na internet sua importância, e passou a ser valorizada sua função no desenvolvimento do serviço bibliotecário. Sabendo da importância das tecnologias no desenvolvimento do trabalho destes e de outros profissionais, Milanesi (2002, p. 49), ainda afirma que:

> [...] com a popularização dos computadores, é que se percebeu que a informação é a razão da Biblioteconomia e que os computadores são as máquinas que tornam a informação mais acessível e que informática e informação não só têm a mesma raiz etimológica como são indissociáveis.

A explosão das tecnologias e consequentemente da internet, cada vez mais barata, percebe-se que a quantidade de informação disponível é muito maior do que toda informação impressa. E embora, com todo aperfeiçoamento das tecnologias, a biblioteca, que em alguns momentos passa-se esquecida, não perdeu e não tende a perder a sua importância na sociedade, por ter sido a maior percussora da história em termo de acumular e armazenar as informações que representam a memória da humanidade.

Como a biblioteca tem a sua importância no meio social, a mesma aparece em vários tipos atendendo a cada público diferenciado. Para cada tipo de informação existe o seu público específico, esteja ela disponível em uma biblioteca real ou virtual. Com a vasta disponibilização de informação, os bibliotecários criaram normas, organizando o acervo, seja qual for o tipo. Existindo vários tipos de bibliotecas como a pública, particular, infantil, escolar, universitária, específica e virtual, podem destacar como fundamental importância a presença de um bibliotecário para organização, gestão e atendimento para um bom desenvolvimento das mesmas. Sendo de fundamental importância a presença de um profissional que tenha conhecimento do público específico do qual trabalha.

Segundo PANET (1988): "As bibliotecas infantis junto com os educadores devem criar oportunidades para discussões, troca de ideias, ou seja, proporcionando ocasiões para que a criança, além de desfrutar de recursos que não encontra em casa, possa ler, falar ouvir, desenvolver seu vocabulário e espírito crítico." Portanto, para o público infantil, deve-se oferecer uma biblioteca especial, onde a exigência será ainda maior. Seu espaço deverá ser organizado de acordo com suas funções. Não sendo necessária a presença de um bibliotecário ou professor, mas, pelo menos alguém capaz de dispor informações adequadas às crianças atraindo-as ao interesse de buscar mais conhecimentos.

Outro tipo de público são os estudantes, adolescentes, para os quais a biblioteca deve conter leitura variada como de livros, jornais, gibis, revistas, recursos de multimídia, etc., que possam atrair os jovens. Pois, utilizando esses recursos poderá ter uma frequência maior desse público. Por isso, é importante que haja a presença de um profissional bibliotecário que possa guiar o seu público pelo caminho certo. Ao invés de o usuário apenas copiar determinada parte que lhe interessa do assunto, o bibliotecário deve lhe mostrar outras fontes para que o mesmo obtenha êxito em sua pesquisa. Sobre biblioteca escolar, VIANNA e CALDEIRA (2004, p. 1), dizem o seguinte:

A biblioteca escolar constitui, desta forma, uma instituição do sistema social responsável pela organização de materiais bibliográficos e não-bibliográficos, devendo disponibilizá-los para leitura e uso por toda a comunidade escolar: alunos, professores, pesquisadores, funcionários e a população em seu entorno.

É de fundamental importância a biblioteca escolar no meio social, pelos seus materiais diversificados disponíveis, pelo seu papel desenvolvido, tornando seu público assíduo na

busca de informações, ampliando seus conhecimentos, e principalmente formando bons leitores.

Os alunos egressos de escolas de segundo grau que não ofereceram bons acervos, eles terão um pouco mais de dificuldade para entrar em boas universidades, pois, tiveram a má formação básica seguindo para o ensino superior equivalente. Seguindo desse pressuposto, Milanesi (2002, p. 65), comenta o seguinte:

> Há profundas diferenças entre instituições de ensino superior, e um dos sinais é a qualidade do acervo e serviços de informação colocados à disposição do corpo discente. Se a biblioteca é pobre, não será um conjunto de professores eloquentes que dará nível superior à universidade. O ensino, depois da imprensa, não depende da capacidade expositiva dos mestres. E pós-internet, muito menos. Os conteúdos estão em disponibilidade para os alunos nos acervos reais e virtuais, aos mestres cabe a discutir o texto lido e não substituir o texto escrito.

Dessa forma, o universitário tem relação com o conhecimento de acordo com as experiências que obteve anteriormente, procurando saber o que deve conhecer, mostrando saber o que os outros querem que ele saiba. Portanto, o acervo deve estar bem preparado, e sempre atualizado para atender o seu público de acordo com suas necessidades.

> As funções principais de uma Biblioteca Universitária é de servir como repositório e disseminador do conhecimento de uma universidade, de uma especialidade, de um centro de pesquisa. É o elo de ligação entre o conhecimento e o usuário final, mesmo perante os atuais acervos digitalizados na Internet, que contemplam pequena parte do conhecimento especializado. (DAMÁSIO,2004).

A internet é um meio de informação muito importante de atualização e permite a interação entre pesquisadores. O profissional bibliotecário que atua nos serviços de informação de universidades, além do conhecimento na área para organização de informações seguras e precisas, deve ter um domínio da área que está atuando ou pretende atuar como, por exemplo, numa faculdade de Medicina, ou numa faculdade de Música, porque assim, ele poderá orientar o pesquisador a encontrar a informação desejada.

É importante que a informação pública seja para crianças, jovens ou adultos, disponha de um espaço físico adequado para cada um, e que este venha permitir a aproximação de pessoas que se encontram ali para conhecer conteúdos que poderão ser compartilhados. Diante do grande número de publicações surgiu a documentação como necessidade para selecionar e organizar informações, dando atenção para as mais importantes.

> Em fins do século XIX, os problemas bibliográficos começavam a ficar complexos para os pesquisadores que não encontravam nas bibliotecas meios aperfeiçoados de acesso a documentos cada vez mais variados. A criação do Instituto Internacional de Bibliografia e, depois, da Federação Internacional de Documentação, foi uma resposta a essa demanda. Havia a necessidade de uma nova tecnologia, de documentos, descrevê-los, resumi-los, técnicas distintas das técnicas biblioteconômicas tradicionais. Essa tecnologia era a documentação. Ao contrário da biblioteconomia e da arquivística, a documentação é análise, não mais apenas livros, mas de qualquer tipo de documento. (LE COADIC, 2004, p.15).

Com o alto número de informações e para facilitar a organização das mesmas foi criado um sistema um pouco complexo podendo conter uma lista de todos os documentos estocados, descrevendo sua referência (título, autor, ano de publicação, etc.), seguindo uma norma nacional e/ou internacional pelas regras de descrição bibliográfica, tornando assim, possível encontrá-las.

> Durante séculos a biblioteca definiu-se como acervo, coleção de impressos. Era a forma como os grupos humanos, os povos preservavam os seus conhecimentos acumulados, transferindo-os de geração para geração, com os acréscimos feitos por novas produções. Com o tempo os registros foram se diversificando, surgindo seções de jornais, revistas e, depois, o que se denominou "audiovisual''. Essas mutações foram fortes no transcorrer do século XX, tornando-se evidentes em suas últimas décadas: a organização do acervo não é mais a razão de ser da biblioteca, surgiu os serviços de informação moldados aos grupos específicos. Além de serviços cada vez mais especializados, um outro fenômeno surgiu, criando muitas dúvidas: a transferência do real para o virtual.(MILANESI, 2002, p.77).

Smit (1986, p. 11) ainda acrescenta que "a documentação tem por objetivo reunir todas as informações úteis em um assunto, e organizar aquilo tudo de tal forma que seja possível achar a informação certa no momento certo e pelo menor preço possível." O papel da documentação é muito importante como um elemento auxiliar para estudos, e com o desenvolvimento tecnológico, pretende disponibilizar o variado tipo de informação, facilitando o acesso à mesma.

A biblioteca pessoal do Padre Cícero

O acervo de livros que pertenceu ao Padre Cícero trata-se de uma biblioteca particular, localizada no Museu Padre Cícero, na Rua São José, 242, no Centro de Juazeiro do Norte,

Ceará. O mesmo pertenceu ao Padre Cícero, que durante toda sua vida o utilizou em suas leituras e o conservou.

Ainda em vida, o Padre Cícero doou maior parte dos seus bens para os padres Salesianos, incluindo o seu rico acervo. Anos após a morte do Patriarca, boa parte desse acervo foi destruída. Estes livros, por muito tempo ficaram esquecidos, praticamente abandonados, e só recentemente é que se deu a importância de conservar, digitalizar, expor e futuramente dispor ao público. Este processo é muito importante porque tem em vista o futuro do acervo, que já não mais ficará omisso dos olhos de visitantes e estudiosos, pois serão disponibilizados adiante para que o público interessado possa usufruir de conhecimentos nele contidos. Dado que este a cervo é uma importante fonte de pesquisa quando se trata de estudar a história do Padre Cícero e da região do Cariri Cearense. A importância desta biblioteca pode ser avaliada mediante a citação que vem no parágrafo a seguir.

Segundo Milanesi (1983, p. 48), "[...] a Ciência é cumulativa e a biblioteca tem a função de preservar a memória – como se ela fosse o cérebro da humanidade – organizando a informação para que todo ser humano possa usufruí-la."

Pensando nisso, é de grande valia que toda biblioteca seja aberta, para assim, as pessoas terem acesso e buscar conhecimento, já que é algo necessitado por todos e adquirido para o bem da humanidade. Pois, "A sociedade vive de informações de todos os tipos." (SMIT, Johana, 1986, p. 10). Desse modo, vale ressaltar que informações importantes, de fatos históricos, de épocas diferentes estão contidas no acervo do Padre Cícero. Como indica Milanesi (1983, p. 48), "[...] a biblioteca, como núcleo de informação, é o serviço que dispõe as informações para o público."

É dentro desse contexto que a pesquisa faz-se com o propósito de analisar a biblioteca pessoal do Padre Cícero buscando detectar os tipos de leitura que o Sacerdote costumava ler, conhecer o grande valor que têm os livros que pertenceram ao Sacerdote e dessa forma, reconhecer a importância da disponibilização dessa documentação, valorizar o acervo, como parte na formação da história da cidade de Juazeiro do Norte, Ceará.

O leitor Padre Cícero

Ao fazer uma análise sobre a Biblioteca Pessoal do Padre Cícero, buscando descobrir que tipo de leitura interessava ao Sacerdote, o que ele costumava ler, percebeu-se que o mesmo não foi um mero leitor, uma pessoa sem instrução, ou alguém que apenas guardava livros pelo simples prazer de possuí-los como faziam alguns poderosos da antiguidade. Embora fosse padre, não se detinha em apenas ler obras religiosas, seu posto não o impedia de buscar informações em outras áreas do conhecimento, e ele fez certo, assim como qualquer outro cidadão de hoje faria, ampliar seus conhecimentos em qualquer área que o interessasse conhecer.

E sua biblioteca mostra a variedade de livros com um vasto conhecimento dentro das áreas mais importantes, sendo que a maior parte, é claro, seja relacionada à religião, além de obras religiosas lista livros nas áreas de Medicina, Filosofia, Arquitetura, Direito, Mística, Educação, Química, Matemática, Física, Teologia e vários dicionários. O acervo abrange várias línguas como latim, inglês, francês, alemão, português, espanhol e italiano. Daí se dá a explicação para que o Padre Cícero viesse se tornar um homem sábio, com conhecimento abrangente de muitas coisas. Seus conhecimentos, e o seu lado leitor o mostravam de várias formas como a maneira em que transmitia seus conhecimentos, fazia previsões e profecias, aconselhava de forma íntegra os romeiros e todos que queriam ouvir suas mensagens, e através das várias cartas emitidas ao Papa, aos Bispos, aos políticos e outros; pela estrutura gramatical em que as escrevia, pode-se atestar o seu domínio sobre varias línguas especialmente a língua portuguesa.

Segundo Phillip Von Luetzelberg (1923 apud WALKER, 2009, p. 134): “Padre Cícero é um homem que dispõe de instrução e saber invulgares. Aborda com igual facilidade a política, a história brasileira; tem conhecimentos profundos de história universal, ciências naturais, especialmente quanto à agricultura”. Neste contexto, é importante ressaltar que o Padre Cícero utilizava de seus conhecimentos para auxiliar e orientar as pessoas que o procuravam, Dessa forma, ele conseguia com que as pessoas se sentissem úteis no que sabia fazer e desenvolvessem trabalhos que viessem ajudar no sustento de suas famílias. Assim, gerou mais empregos, aumento comércio, e o povoado cresceu, chegando a se tornar uma cidade. Como relata Daniel Walker (2009, p. 23):

> Que padre Cícero foi realmente um homem sábio, isto é incontestável. Ele foi uma espécie de Sábio do Sertão, cujas palavras penetravam bem no fundo no coração das massas sertanejas, essa gente humilde por natureza, sofredora por localização geográfica, desassistida pelos órgãos públicos, órfã de tudo e em permanente luta contra a seca, as injustiças e desigualdades sociais.

A sabedoria do Padre Cícero traz elementos que não dizem somente respeito ao saber erudito, isto é, adquirido a partir da leitura de textos clássicos, mas em conseguir falar de modo fácil de tal modo que os seus ouvintes, os quais em sua maioria eram gente humilde do sertão, conseguiam compreender, se encantarem e seguir aquilo que era transmitido em suas mensagens. A facilidade de comunicação entre o Padre Cícero e o povo do sertão pode ser comprovada quando lemos os seus preceitos ecológicos. Como estão transcritos alguns deles a seguir.

> 1. Não derrube o mato nem mesmo um só pé de pau.
> 2. Não cace mais e deixem os bichos viverem.
> 3. Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água da chuva.
> 4. Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedras soltas.
> 5. Plante cada dia um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só.
> 6. Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar conviver com a seca.
> 7. Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá sempre o que comer. Mas, se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só.

Estas mensagens deixadas pelo Padre Cícero, mostram a sua sabedoria, e a sua forma de tratar e aconselhar os sertanejos que o procuravam para ouvi-lo. O procuravam porque a sua forma de se comunicar com eles os tornavam pessoas melhores. A sua sabedoria trazia algo diferente para as pessoas simples, as suas palavras encantadoras aconselhavam e orientavam o povo dando-lhes perspectivas de futuro melhor. O seu valor enquanto sábio era sentido e vivenciado pelas pessoas. “É um consolação falar com quem sabe sentir”. Notamos, por este pensamento, a importância dada pelo Padre Cícero à conversa compartilhada com as pessoas que conseguiam sentir suas palavras. A sua sabedoria não apresenta a posse de um saber inacessível para a maioria das pessoas e somente acessível e revelada para algumas; não se tratava jamais disto; muito pelo contrário, a sua sabedoria era a busca da compreensão da melhor maneira de conviver e tratar os diversos tipos de gente. A sua busca de conhecimento se dava em procurar o ponto certo em que pudesse compartilhar o melhor convívio entre as pessoas. O Padre Cícero não falava de, nem muito menos para; ele simplesmente falava com.

Procedimentos metodológicos

A unidade foi delimitada sob o seguinte aspecto:

A identificação do Padre Cícero como leitor, através dos livros que compõem a sua biblioteca pessoal, distribuindo-os por área do conhecimento, línguas e séculos em que foram publicados.

Considerando como amostra para a pesquisa entrevista com o Padre Giuseppe Venturelli, e conversas informais com funcionárias do Museu e o livro de tombo da Biblioteca.

Pessoal do Padre Cícero para a coleta de dados. Assim, a amostra, está composta de 598 livros, sendo distribuída nas áreas do conhecimento como Arquitetura, Direito, Filosofia, Medicina, Religião, Teologia, e outras, nas línguas alemã, chinês, espanhol, francês, inglês, italiano, latim e português, e nos séculos XIII, XVIII, XIX e XX

A pesquisa caracterizou-se por ser um estudo documental. Tendo como metodologia para a consecução dos objetivos teve basicamente as seguintes etapas: pesquisa bibliográfica, descritiva, pesquisa de campo, análise e interpretação dos resultados e conclusão.

Resultados

Todo o trabalho de pesquisa foi feito de modo minucioso e que viesse apresentar com precisão dados que visam identificar o lado leitor do Padre Cícero, através do que resta de sua biblioteca. Embora, hoje, mesmo não estando por completo o seu acervo, foi vantajoso para a conclusão satisfatória desse trabalho.

Da identificação das obras por meio do livro de tombo

Dessa forma, foi possível identificar nas obras que compõem a Biblioteca Pessoal do Padre Cícero, as várias áreas do conhecimento, os idiomas, e anos de publicação. Com isso, baseado no livro de tombo desta biblioteca as obras estão distribuídas da seguinte forma:

Quadro 01: áreas do conhecimento referentes às obras do acervo do Padre Cícero.

ÁREA DO CONHECIMENTO	QUANT.		ÁREA DO CONHECIMENTO	QUANT.		ÁREA DO CONHECIMENTO	QUANT.
Arquitetura	01		Geografia	01		Medicina Doméstica	01
Artesanato	01		Gramática	11		Medicina Homeopática	01
Bíblias	15		Hipnotismo	01		Medicina Terapêutica	01
Biologia	01		História	33		Mística	04
Constituição	03		História das Crenças	01		Música	03
Dicionários	20		História das Religiões	02		Pedagogia	03
Direito	19		Literatura	10		Poesia	11
Direito Administrativo	01		Literatura Alemã	03		Química	02
Direito Criminal	02		Literatura Francesa	08		Religião	194
Direito Eleitoral	02		Maçonaria	01		Teologia	192
Direito Penal	03		Matemática	04		Tese	01
Filosofia	38		Medicina	03			
Física	01		Medicina Forense	02			

Fonte: Livro de tombo da Biblioteca Pessoal do Padre Cícero

Tipos de língua em que estão escrito os livros da Biblioteca Pessoal do Padre Cícero

Quadro 02: idiomas em que estão escritos os livros do acervo.

LÍNGUAS	TOTAL
Alemão	03
Chinês	01
Espanhol	05
Francês	142
Inglês	03
Italiano	11
Latim	150
Português	264

Fonte: Livro de tombo da Biblioteca Pessoal do Padre Cícero

Total de livros da Biblioteca Pessoal do Padre Cícero dividida por séculos.

Quadro 03: Anos de publicação divido por séculos

SÉCULO	**QUANTIDADE**
XIII	01
XVIII	44
XIX	465
XX	24

Fonte: Livro de tombo da Biblioteca Pessoal do Padre Cícero

Fotografias

Fotografia 01: Museu Padre Cícero

Foto do autor

Museu Padre Cícero, onde está localizada a sua biblioteca pessoal. A qual se pretende disponibilizar as obras que compõem o seu acervo, como mais uma fonte de pesquisa.

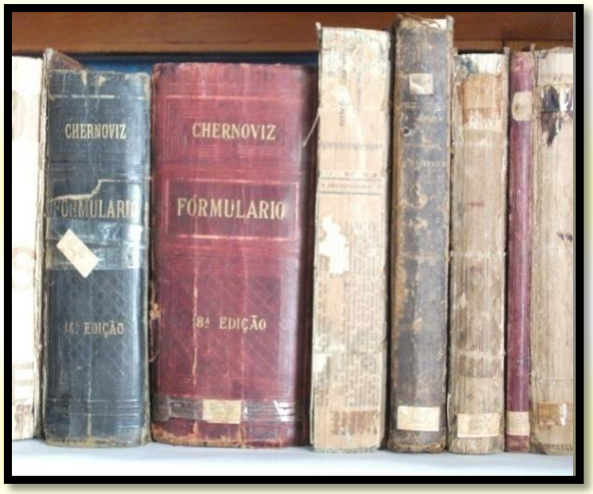
Fotografia 02: Livros da Biblioteca Pessoal

Fotografia 03: Livros da Biblioteca Pessoal

Fotos do autor Foto do autor

Coleção de livros que pertenceram ao Padre Cícero Romão Batista. Um acervo variado em informações que tem sua importância pelos seus conteúdos e valor histórico.

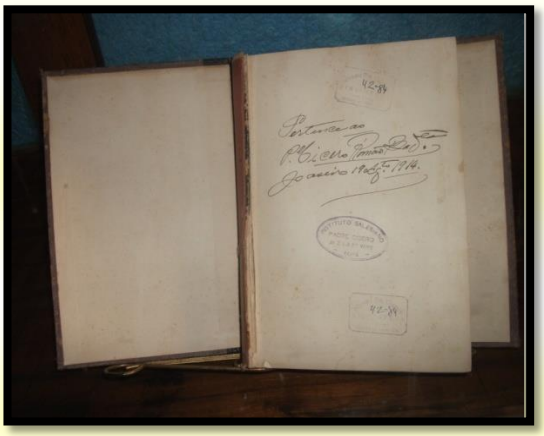
Fotografia 04: Livros da Biblioteca Pessoal



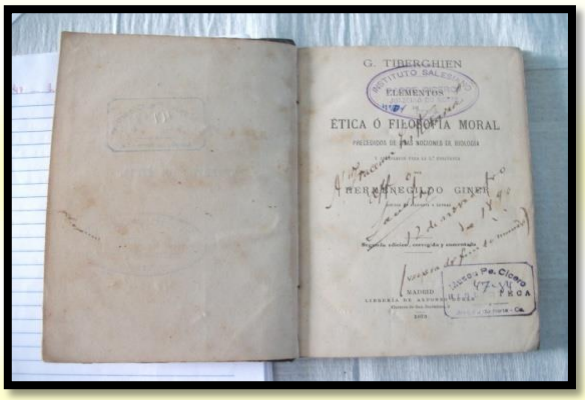
Fotografia 05: Livros da Biblioteca Pessoal

Fotos do autor.

A maior parte do acervo da Biblioteca Pessoal do Padre Cícero está desgastada pelas poeiras, insetos e a falta de cuidados. Pois os mesmos passaram-se esquecidos desde a morte do Sacerdote, e só recentemente está passando por um processo de preservação. Sendo necessário passar por um processo de restauração para que possam ser disponibilizados.



Fotografia 06: Livro que pertenceu ao Padre Cícero



Fotografia 07: Livro que pertenceu ao Padre Cícero

Fotos do autor

Estes e muitos outros livros contidos no acervo do Padre Cícero constam a sua assinatura, precedida de nome do local e data, escritas com sua caligrafia, nos mostram realmente pertenceram a ele.

Alguns destes livros constam a assinatura de outras pessoas. Isso significa que estes livros foram doados por estas pessoas ao Padre Cícero, ou vieram fazer parte de sua biblioteca até mesmo depois de sua morte.

Conclusão

Foi observado através de uma análise feita do acervo da Biblioteca Pessoal do Padre Cícero, no qual há uma significativa quantidade de informações a serem exploradas, uma vez que estas se encontram distribuídas em importantes áreas tais como: Religião Teologia, Direito, Educação e Medicina. As obras escritas em diferentes línguas e publicadas em épocas diferentes permitem que se tenha uma noção do lado leitor do Padre Cícero Romão Batista.

Com o acesso ao livro de tombo da Biblioteca Pessoal do Padre Cícero tornou-se mais fácil conduzir a pesquisa. Sendo este, de fundamental importância para que se pudesse chegar a resultados satisfatórios. Com a relação das obras existentes no acervo da referida biblioteca, foi analisado de forma quantitativa referindo-se aos diferentes tipos de informações identificando-as nas mais diversas áreas do conhecimento, datas de publicação por séculos e variedade de idiomas, percebeu-se a seriedade de se trabalhar com o referido acervo, quando este poderá ser explorado, em busca de informações e claro, como um meio de aumentar os conhecimentos. Através de todo este processo, foi consequentemente, possível se chegar a um resultado mesmo sem o acesso direto às obras existentes neste acervo.

Portanto, este estudo contribui para que haja uma maior e melhor reflexão sobre a Biblioteca Pessoal do Padre Cícero, um novo conceito sobre o Sacerdote como um homem de conhecimento, que através dos livros se tornou o "Sábio do Sertão". Porque o Padre Cícero praticava leitura por desejo e, muitas vezes, pela necessidade, para que isto viesse lhe servir de uso no seu cotidiano. Apresenta-se, nesta pesquisa, uma imagem do Padre Cícero enquanto leitor, que durante a sua trajetória de vida se empenhou em adquirir e construir um saber, o qual num momento de sua história teve que fazer uso como forma e instrumento de poder, para contribuir no desenvolvimento da cidade de Juazeiro do Norte. Sendo que todas as informações contidas no acervo de livros de sua biblioteca, também poderão servir de subsídios para pesquisas futuras, contribuindo no desenvolvimento sócio-cultural tanto da própria cidade de Juazeiro do Norte, como também de toda a região do Cariri Cearense. Não seria desmedido dizer que esta pesquisa é somente o início de um trabalho por vir. No futuro, esta pesquisa será continuada a través de um projeto de mestrado com objetivo de dissertar, de modo mais aprofundado, sobre o atributo leitor do Padre Cícero.

O presente trabalho discorre sobre a realidade de uma região do Nordeste brasileiro que possui enormes virtualidades que ainda não foram atualizadas em termos de dissertações e teses de doutoramento. São inúmeras linhas de pesquisas que se anunciam na história de vida do Padre Cícero, atualizá-las em diversos domínios, como o desenvolvimento regional sustentável e a cultura popular. A importância da biblioteca do Padre Cícero enfatiza como o mesmo já anunciava há muitos tempos atrás as preocupações em evitar que problemas, como os que hoje afligem o nosso dia-a-dia. Deste modo, a catalogação, aindexação, o arquivo e os princípios fundamentais da biblioteconomia serão aplicados para que a memória seja

preservada e produza alterações qualitativas no futuro da cidade de Juazeiro do Norte, sobretudo porque comemoramos, no ano de defesa desta monografia, um acontecimento único, isto é, a comemoração de seu centenário.

Referências

BATTLES, Mathew. **A conturbada história das bibliotecas.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra. **Introdução às fontes de informação.** Belo Horizonte: autêntica Editora, 2005.

DAMÁSIO, Edilson. O papel das bibliotecas universitárias e da informação araindústria e negócios conforme a "Lei de Inovação" no contexto científico e tecnológico. Artigo apresentado no **XIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias.** Paraná, 2004.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília, DF: Brinquet de Lemos, 2004.

MAQUIAVEL. **O Príncipe.** São Paulo: Martin Claret, 2004.

MILANESI, Luiz. **O que é biblioteca.** 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MILANESI, Luiz. **Biblioteca.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

MITOLOGIA Grega: Aedos, os antigos poetas. Belo Horizonte, [s.n.]: 2011. Disponível em: <HTTP://eventosmitologiagrea.blogspot.com/2011/06/aedos-os-antigos-poetas.html>. Acesso em: 10 de jun. de 2011, às 16:09:02.

PANET, Carmem de Farias. **Implantação e funcionamento de bibliotecas infantojuvenis.** João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 1988.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. **Uma análise sobre a identidade da Biblioteconomia:** perspectivas históricas e objeto de estudo. Olinda, PE: Livros Rápidos, 2010.

SMIT, Johanna. **O que é documentação.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

VIANNA, Márcia Milton. CALDEIRA, Paulo da Terra. **Literatura sobre biblioteca escolar: análise dos trabalhos apresentados no Seminário (Biblioteca Escolar: espaço de ação pedagógica).** Belo Horizonte, p. 17, 2004.

WALKER Daniel. **Padre Cícero: a sabedoria do conselheiro do sertão.** Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009.

GT 7: IDENTIDADES ÉTICNAS E CULTURAIS: EXPERIÊNCIAS ANTIGAS, APROPRIAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

ENTRE O ALTAR E O LAR: OS PADRES CASADOS DO CEARÁ NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX.

Maria Arleilma Ferreira de Sousa[244]

O altar como espaço sacralizado

Meu amigo eu sou da terra
Que o padre era casado
Enviuvou duas vezes
E depois foi ordenado
Ainda hoje reza missa
Os filhos já estão criados[245]

O trecho da música acima expõe uma realidade comum de muitos sacerdotes da Igreja Católica Romana que constitui família, apesar da imposição da regra de observância do celibato[246]. A instauração do celibato obrigatório passou por um longo processo de discussões que se remetem ao Século XIII, quando se proibiu o casamento de padres. A resistência de sacerdotes e mulheres foi imediata[247]. Essas se apoiavam nas antigas normas, como a prática do matrimônio e constituição de família por parte dos clérigos, para se imporem contra a obrigatoriedade do celibato. Para se institucionalizar coube a adoção de um novo conjunto de práticas, como o abandono da esposa por parte do padre caso fosse casado e a inclusão das

[244] Mestra em História, cultura e sociedade pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Professora do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri – URCA. E-mail: arleilmasousa@hotmail.com
[245] Contraste de Várzea Alegre- Composição musical de Luiz Gonzaga e Zé Clementino.
[246] O Celibato (do latim cælibatus que significa "não casado") na sua definição literal é uma pessoa que se mantém solteira, sem obrigação de manter a castidade, podendo terrelações sexuais . No entanto, o termo é popularmente usado para descrever uma pessoa que escolhe abster-se de atividades sexuais. Sendo observado principalmente pelos membros sacerdotais da Igreja Católica Apostólica Romana.
[247] De acordo com Silva (2008) a militância pela instauração do celibato opcional se remete ao mesmo período de sua instauração como ascese obrigatória.

mulheres de padres nos conventos. O clérigo passou a adotar um modelo de castidade e solteirice o que possibilitou a construção de uma identidade celibatária.

A criação da disciplina do celibato obrigatório não é uma recomendação contida nas escrituras Bíblicas, e sim uma construção de ordem eclesiástica. Para a outorga de tal lei alguns preceitos foram desrespeitados, como por exemplo, a invalidez do casamento de padres casados em 1123 no Concílio[248] de Latrão e em 1545 no Concílio de Trento, onde foi decidido que o homem deveria abandonar sua esposa, caso desejasse ser sacerdote, na Igreja Católica Romana no Ocidente.

Para os defensores do celibato obrigatório a virgindade consagrada é uma forma de manifestação de total entrega e amor ao serviço da Igreja. Podemos observar tal preceito na Encíclica Sacerdotalis Caelibatus apresentada ao mundo católico pelo Papa Paulo VI em 1967, a manutenção da castidade é de cunho sagrado e que deve continuar a existir como condição para o ministério sacerdotal:

> Julgamos portanto que a lei vigente do celibato consagrado deve, ainda hoje, acompanhar firmemente o ministério eclesiástico;deve tornar possível ao ministro a sua escolha, exclusiva, perene e total, do amor único e supremo de Cristo e a sua dedicação ao culto de Deus e ao serviço da Igreja, e deve ser característica do seu estado de vida, tanto na comunidade dos fiéis como na profana. (Encíclica Sacerdotalis Caelibatus, 1967, p. 04)

De acordo com Paulo VI os sacerdotes teriam mais liberdade em servir a Igreja e mais intimidade com Cristo se mantivesse o seu estado de vida celibatária. O que identificaria um padre seria justamente o seu estado de solteirice disponibilizando o seu tempo exclusivamente ao serviço das coisas sagradas, ao trabalho na Igreja para a manutenção do rito religioso e atendimento aos fiéis. Sem estar diretamente envolvidos no mundo dos leigos, aos sacerdotes caberia a exclusão de algumas práticas como o casamento e a vivência de uma sexualidade ativa.

Ao analisar sobre a institucionalização do celibato obrigatório pelos Ministros da Igreja, Silva (2008) afirma que sua construção se deu basicamente em torno de dez séculos, sendo o estado de solteirice a principal característica da identidade clerical diferenciando-os inclusive de outros cristãos, como os protestantes.

[248] Reunião de autoridades eclesiásticas para definirem assuntos relacionados sobre a fé, doutrina, costumes, programas pastorais, entre outros.

Os discursos em torno do estabelecimento e manutenção do celibato obrigatório vem sendo debatidos desde os primeiros momentos de sua instauração[249], sendo o Concílio Vaticano II, realizado na década de 1960, marcado por muitas discussões em torno de tal regra. A decepção de parte do clero com os ditames do Vaticano II em especial no que se referiu ao celibato obrigatório possibilitou uma grande evasão na Igreja Católica, sendo esse momento denominado de Crise dos Padres, influenciando inclusive a criação do Movimento das Famílias de Padres Casados no Brasil[250] . Consoante o pensamento de Silva (2008, p. 121).

> Diante do número cada vez maior de desligamentos, a Santa Sé reprovou severamente os padres egressos ao publicar, em 1967, a encíclica Sacerdotalis Caelibatus. O documento os classifica como "desertores", "infelizes", "desgraçadamente infiéis às obrigações assumidas" e vivendo numa "deplorável situação". Para a Igreja, o apetite sexual deixava os homens expostos ao pecado e às tentações diabólicas, e punha todos num mesmo nível de vulnerabilidade. Os sacerdotes deveriam superar esta fraqueza e rejeitar o desejo, o sexo e o casamento. No Brasil, o Movimento dos Padres Casados foi fundado em 1979. Pela primeira vez na história da Igreja, os sacerdotes que abandonaram o ministério em busca do casamento se organizavam socialmente. Com o passar do tempo, criaram jornal e revista próprios, instituíram Encontros Nacionais e inauguraram páginas na Internet.

A recepção brasileira do Concílio Vaticano II e da Crise dos Padres que se expandia pela Europa e passava a ter uma proporção mundial chegou aqui em fins da década de 1960. Esses anos foram convulsionados por uma série de transformações seja no campo religioso, seja no âmbito político, social e cultural. As mudanças que estavam ocorrendo no campo da Igreja Católica ganharam espaço de proliferação também em terras brasileiras e suas modificações foram sentidas. A Igreja perdeu muitos homens nesse contexto por não aceitar modificar suas regras.

As questões referentes ao celibato clerical rediscutidas durante o Vaticano II e a recusa do Papa Paulo VI em alterar a posição da Igreja concernente a ascese sacerdotal chamaram atenção para os limites e restrições que os líderes da Igreja Católica no Ocidente continuaram

[249] De acordo com Hubermam (1936) a manutenção do celibato obrigatório ocorreu com o intuito de preservar a hegemonia econômica da Igreja Católica Romana, visto que um celibatário, não tendo constituído família como herdeiros de seus bens após sua morte deixa-os para a instituição religiosa.

[250] De acordo com Silva (2008) o Movimento dos Padres Casados do Brasil teve início a partir da publicação da Encíclica do Papa Paulo VI Sacerdotalis Caelibatus em junho de 1967. A partir de 1967 foram surgindo pequenos grupos regionais como em Fortaleza, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Entretanto a reunião pioneira do movimento se deu em Curitiba em 1977 tendo repercussão nacional.

a impor. Dessa forma, dentro da doutrina Cristã, o Cristianismo Romano tem sido o mais institucionalizado e o menos flexível das igrejas.

Nesse trabalho utilizaremos como aporte a História Cultural, esta, oferece uma grande contribuição à História das Religiões no que diz respeito à aplicabilidade de conceitos, em nosso estudo utilizaremos suas reflexões para pensarmos sobre representação e identidade.

Nos últimos anos presenciamos uma vasta discussão acerca da identidade em diversas áreas do conhecimento. De acordo com Hall (2005) "a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal". Toda identidade é articulada e relacional ela nos diz sobre nós mesmos e aos outros. Faz referência a uma afirmação e uma negação, ou seja, são construídas por meio da diferença. Eu sou mulher porque não sou homem, sou cearense porque não sou baiana, e assim sucessivamente. As identidades são construídas dentro de discursos e necessita ser cultivada. Vivemos constantemente nesse processo. Na modernidade tardia as identidades tendem a serem fragmentadas (idem, p.108)

> As identidades não são nunca identificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.

Para Woodward (2000, p.09) "a identidade é relacional, marcada pela diferença e por meio de símbolos". Assim a identidade do sacerdote católico é assinalada por um conjunto de normas e práticas que o diferem dos demais membros do grupo social. Ele se destaca por estar envolvido com os símbolos sagrados que representa.

Hall (2011) afirmou que na atual conjuntura do mundo moderno as práticas culturais do lugar em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Conforme Silva (2005, p.89) "[...] a identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistemas de representação". Sendo que tais identidades são formadas e transformadas no interior da representação.

O celibato está diretamente relacionado com a construção da identidade do sacerdote católico aportado nas representações da vida de Cristo e dos apóstolos. Após o Século XIII, o ideal de pureza dos clérigos fundamentou e fortaleceu o discurso eclesiástico de autoridade e supremacia da Igreja perante os laicos e outras religiões. Fazer uma reflexão sobre suas

origens, a institucionalização e a extensa permanência do celibato é essencial para percebermos como a religião Católica Romana se mantém inflexível com suas normas, apesar dos discursos e vivências da Modernidade.

A criação do celibato, enquanto regra, em que o padre tem como missão a celebração dos sacramentos da penitência e da eucaristia foram consolidados no Concílio de Trento. Caberia ainda ao padre conduzir à Igreja a fortalecer sua identidade em torno do ideal de pureza, castidade e santidade. Acreditando na presença sobrenatural de Cristo na Eucaristia, a hóstia deveria ser consagrada por sacerdotes ordenados e recebida por fiéis redimidos de seus pecados por estes mesmos sacerdotes, pois apenas homens castos podiam perdoar os pecados e ministrar a Eucaristia. Nesse sentido, a hóstia é a representação de Cristo e dessa forma, só poderia possuí-la quem estivesse purificado.

A obrigatoriedade de apresentar verbalmente os pecados através da confissão, principalmente os ligados aos prazeres da carne, possibilitou à Igreja um maior domínio sobre a sexualidade de seus sacerdotes e fiéis, estimulados a nomear e temer seus desejos mais íntimos, concebendo um processo de culpa que assolou toda a cristandade. O padre, assim como os fiéis deveriam ser modelos de santidade.

No entanto, o ideal de sacerdote santificado ganhou ênfase na modernidade, estimulado pela necessidade de compensar a perda da influência social da Igreja devido ao processo de laicização[251] da sociedade. É, sobretudo na Idade Moderna que a Igreja inicia um processo de santificação de seus clérigos, vistos como heróis que se entregaram totalmente ao serviço do ministério sacerdotal. Através da institucionalização progressiva dos processos de canonização, a Igreja Católica tornou a ocorrência da santidade uma prerrogativa dos institutos religiosos.

Entretanto, no mundo moderno, apesar das prescrições do Concílio Tridentino [252] e do aparato formativo de padres castos, muitos sacerdotes continuaram a exercer sua sexualidade. Por mais remota e autoritária que fosse a restrição ao casamento, o desejo falou mais alto. Padres continuaram a namorar, a manter relações sexuais e a conviver com mulheres tratando-as como esposas, estabelecendo relações duradouras e constituindo família.

[251] Processo de afastamento do Estado e da Igreja a partir da Proclamação da República em 1889.
[252] Modelo de Igreja e de sacerdócio inserido a partir do Concílio de Trento (1545-1563).

No período do Brasil colonial, por exemplo, no Bispado do Maranhão do Século XVIII, Mendonça (2007, p. 104) sublinhou que encontrou a expressão "de portas adentro" em quase todos os casos de concubinato clericais analisados e que esta significava uma vida estabilizada, e mais especificamente, coabitação.

Na tentativa de normatizar o clero brasileiro para sua santificação, Priore (2004) destacou: o impedimento do padre em realizar passeios à noite, comer e beber em tavernas, assistir a apresentações teatrais e participar de festas, principalmente as carnavalescas, não participar de jogatinas, não exercer a medicina ilegal e principalmente caberia ao sacerdote obedecer a uma perfeita castidade mantendo assim a obediência ao celibato consagrado.

Entretanto, apesar da imposição das normas a serem seguidas, eram comuns padres manterem o concubinato com mulheres no período colonial tendo filhos e constituindo família. Popularmente se comungou em repetir a frase "feliz igual a filho de padre", fazendo alusão a sorte que os filhos de padres possuíam por serem muitas vezes prestigiados e conseguirem uma posição social favorável por causa de sua descendência. Os filhos tinham excelentes empregos públicos e as filhas arranjavam um bom casamento geralmente com famílias abastadas. No entanto o descaso contra a vivência do celibato era generalizado e se intensificava. No Crato-CE existiam cinco padres com famílias numerosas. O Padre José Martiniano de Alencar conhecido, principalmente, por sua participação no cenário político nordestino teve em torno de dez filhos, sendo um deles o célebre escritor José de Alencar.

Quando as regras do celibato não eram quebradas através da constituição de família eram burladas através de assédio. Assim, os desvios do celibato era algo corriqueiro entre os sacerdotes do Cariri cearense, pois temos registros de tais desvios desde o Século XIX em que os clérigos viviam sob a severidade do Concílio de Trento e na busca da manutenção de uma castidade perfeita. De acordo com Sousa (2014) as denúncias contra os padres do Crato chegavam constantemente ao bispado de Fortaleza[253]. Essas acusações se davam através de correspondências[254]:

> Em uma denúncia[255] temos uma carta do Padre Mercenas de Lavras da Mangabeira-CE que escrevera ao Bispo Dom Luis em 10/03/1887. Na carta o

[253] O conteúdo de tais documentos foi gentilmente nos cedido pela professora da Universidade Regional do Cariri - URCA Fatiana Carla Araújo que pesquisa sociabilidades no Século XIX e acabou encontrando algumas cartas de padres no arquivo da Cúria diocesana.
[254] Essas correspondências se encontram no Centro de Documentação Padre Antonio Gomes de Araújo (DHDPG), localizado na Cúria Diocesana do Crato-CE.
[255] Infelizmente não temos o conhecimento do desenrolar dessas denúncias

> padre denunciava o seu colega, o Padre Ignácio, pelo crime de defloramento da esposa de José Tavares. O sacerdote explicitava que o tal crime ocorrera há 10 anos. Em mais uma denúncia contra os clérigos cratense temos as acusações do Padre Manoel Félix que escrevera a Dom Luis em 15/06/1887 afirmando que havia obtido através de confissão que um colega "pegava nos peitos" de uma mulher durante o momento em que esta se confessava. Ela inocentemente perguntara ao marido se era normal o padre agir dessa forma. Acrescentou ainda que também em confissão, uma moça de 40 anos o revelara que havia sido deflorada por um padre no confessionário. As acusações de Padre Félix, mesmo não revelando o nome do acusado, tendo em vista que obteve conhecimento de tais assuntos em confissão, expressam uma prática clerical desviante que se utilizava de suas influências para cometer delitos contra a honra feminina. Outras denúncias contra o clero cratense no contexto de finais do Século XIX, quando mais uma vez é o Padre Manoel Félix quem escreveu ao Bispado de Fortaleza denunciando os seus colegas de batina. Escreveu a Dom Joaquim em 06/04/1888 afirmando que quando estava em visita a Pernambuco se hospedou na casa de um senhor que havia lhe confidenciado que suas filhas haviam feito um comentário a seu respeito: "Este sim é que é padre que confessa a gente direito e não como o Padre Antonio, Vigário do Crato que quando confessa pega nos peito da gente".

De acordo com as denúncias citadas parece que era fato corriqueiro entre alguns padres do Ceará, acariciar algumas partes do corpo feminino durante as confissões. Demonstramos essa realidade do Século XIX para evidenciar que os delitos clericais aconteciam frequentemente apesar da imposição da Instituição Católica em quererem preservar em seus representantes uma santidade clerical ao mesmo tempo em que almejavam incutir no Padre a crença de que o altar é um espaço sacralizado e que apenas aqueles que mantêm o celibato consagrado podem continuar a administrar.

O lar em oposição ao altar

Historicamente os padres brasileiros se mostram resistentes com relação à vivência do celibato consagrado por causa da exigência de manter-se casto. Nesse sentido coube aos líderes da Igreja Católica Romana no Brasil adotar uma postura de manutenção da disciplina eclesiástica. De acordo com Serbin (2008, p. 29), a identidade católica e o modelo de Igreja estavam fortemente ligados à identidade do padre, nesse sentido a criação dos seminários como espaço de preparação para o sacerdócio viabilizaria a construção de um grupo clerical mais voltado aos princípios morais e a manutenção do celibato consagrado:

> Com os seminários, os bispos esperavam transformar os clérigos mundanos, politizados e sexualmente ativos em um quadro de pastores socialmente superiores, essencialmente apolíticos e moralmente irrepreensíveis. A Igreja

> supunha que um clero reformado favorecia a unidade institucional e a obediência aos ditames religiosos, políticos e sociais da hierarquia. O plano era mudar o modelo de sacerdócio e diferenciar os padres do resto do vulgo. Com esse objetivo a Igreja isolou os seminaristas dos pretensos perigos do mundo exterior e impôs o controle sobre seu comportamento espiritual, físico e emocional.

Ainda de acordo com o mesmo autor (idem, p. 31) essa disciplina adotada em finais do Século XIX acabou falhando, pois, a atividade missionária findava hesitando com o passar do tempo e os padres tornaram-se mais distante do povo. Além disso, "outro fator influenciou no processo de falha da postura disciplinar adotada pela Igreja, vindo a prejudicá-la enquanto instituição esse pode ser elencada através do não afastamento dos padres que cometeram transgressões sexuais". Tais desvios se relacionavam ao não uso da prática celibatal. Essa omissão da Igreja provocou tensões entre os fiéis e aos próprios sacerdotes, pondo em ênfase sua credibilidade.

O Século XIX foi palco das transformações impostas ao clero brasileiro. Enquanto se discutia sobre a construção dos seminários para a formação intelectual e moral dos futuros sacerdotes, para melhor atender aos fiéis e manterem a observância da disciplina do celibato pelos ministros da Igreja, por outro lado, um grupo de padres que contestavam o celibato e que possuíam um grande prestígio social na política imperial se mobilizou para que a vivência de tal prática fosse opcional e não obrigatória. O Padre Feijó atuou publicamente contra o celibato consagrado nos primeiros anos do Império. E juntamente com um grupo de religiosos apresentou várias propostas para por fim à obrigatoriedade da ascese clerical.

Ao final foi acusado de detrator dos princípios morais, herege e traidor da Igreja. Apesar de terem sido derrotados o grupo de Padre Feijó criou um precedente histórico. Os ecos da campanha contra a obrigatoriedade do celibato clerical foram sentidos nos anos de 1960 e 1970. O que se discutia novamente era o tipo de sacerdócio que deveria ser aplicado no Brasil. Mais uma vez a Igreja Católica estava sentindo os efeitos dos desvios da disciplina imposta aos seus representantes.

Na Igreja Católica Romana, ao ser ordenado, o sacerdote recebe o sacramento da ordem e a partir daí não se pode voltar atrás, não existe um ex-padre. É sobre essa questão que o Movimento das Famílias de Padres Casados do Brasil se baseia para formular suas propostas. A sua militância é para a aceitação do celibato opcional. De acordo com Padre

Eugênio Dantas[256] a instauração do celibato obrigatório se deu por questões econômicas e culturais. A principal motivação teria sido econômica porque ao morrer um celibatário não tendo família para deixar herança, seus bens ficariam para a Igreja. Por questões culturais porque na Idade Média todo o poder cultural e social pertencia a Igreja Católica e muitas pessoas adentravam na vida religiosa com o intuito de conseguir prestígio social.

O celibato obrigatório inventou a vocação sacerdotal e a partir daí tem-se a idéia de que um padre é padre porque é vocacionado. Obviamente temos as exceções e as diferenças. Ter vocação ao sacerdócio não é o mesmo que ter vocação ao celibato e foi isso que aconteceu com Padre Eugênio. Em um artigo publicado no jornal Diário do Nordeste há aproximadamente uns cinco anos atrás ele esboçou sua sensação e suas angústias com relação a esse tema. O texto tem como título: "Eu não sou ex"[257]:

> Onde eu passo as pessoas me chamam de prof. Eugênio. É assim que eu sou conhecido. Mas algumas pessoas que me conhecem há mais tempo, às vezes, me chamam de padre Eugênio. Quando assim o fazem, logo pedem desculpa como se estivesse me ofendendo. Eu sorrio e digo: não se preocupe. Se você conhecer a doutrina da Igreja saberá muito bem que eu sou padre Eugênio e não ex padre. Pois não existe ex padre. Aliás é uma das situações em que não existe ex. Há ex sogra, ex mulher, ex namorado, ex pátria, ex família, ex liberdade... Mas não há ex pai, ex filho, ex irmão, como não há, conforme afirmei acima, ex padre. Portanto eu não sou ex. Explicarei melhor. Diz a doutrina da Igreja a qual pertenço com muita honra e que por isso dou muitas graças a Deus, que o batismo, a crisma e a ordem imprimem um caráter indelével em quem os recebe de modo que permanecerá para sempre neste estado. E quanto ao sacerdócio diz ainda, citando texto da Bíblia: "tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec". E assim eu aprendi no seminário que o padre é padre até no inferno. A Igreja exige de seus sacerdotes que abracem o celibato. Ora, o celibato é um carisma, isto é, um Dom que Deus dá a quem ele quer. Da mesma forma o sacerdócio, pois ninguém deve querer ser sacerdote, mas somente quem for chamado por Aarão. Ora a pessoa pode ter recebido o carisma do celibato sem ter recebido o do sacerdócio, como também pode ter recebido o carisma do sacerdócio sem o do celibato. Na Igreja Oriental há padres casados. Uma coisa é o celibato opcional, outra é o obrigatório. Este dá margem a muitas irregularidades. É o caso daquele padre que tinha uma namorada e não via mal nisso, pois o celibato, dizia ele, proibia-o de casar e não de namorar. O celibato respeitado é lindo, é santo, mas não respeitado é safado. Ele sendo imposto dá margem a muitas safadezas. Na imposição do celibato para os padres vejo uma ousadia muito grande da hierarquia católica. Ela obriga a Deus a dar o carisma do celibato a quem deseja ser sacerdote. É muito poder! Por causa dessa imposição quanta gente boa que poderia estar na Igreja exercendo o ministério deve de sair. Quanta mão de obra preparada! Quanto prejuízo para a Igreja que tanto investiu na formação dessa gente! Quanta incoerência também! Um diácono casado pode exercer muitas funções

[256] Padre Eugênio Dantas é casado, participante do MFPC (Movimento das Famílias de Padres Casados) e um de nossos principais informantes.
[257] Padre Eugênio nos forneceu uma cópia do texto original.

> sacramentais que eu, padre, por ter casado, não posso. A Igreja é que está perdendo e não eu. Exerci o ministério por alguns anos quando percebi que tinha vocação para o sacerdócio, mas não para o celibato. Sendo honesto, deixei o ministério. Mas não deixei de ser padre. Sou padre casado e não ex.

A fala de Padre Eugênio é de desabafo com relação às normas da instituição religiosa a qual pertence e que exerceu o ministério sacerdotal. Tem a plena convicção de que é padre, mas não pode exercer o sacerdócio pelo simples fato de ser honesto consigo mesmo e ter casado. Os padres casados do Brasil reivindicam o seu direito de exercer o sacerdócio já que o não cumprimento do celibato não implica ao abandono da ordem sacra do ministério sacerdotal. Não comungam com a idéia de ex padre como comumente são chamados. De acordo com Serbin (2008) todos os homens que pediram dispensa ou simplesmente abandonaram a prática do sacerdócio acabaram casando:

> Na teologia católica, um homem ordenado permanece padre pela eternidade. Pela lei canônica, um padre pode ser laicizado mediante a dispensa de uma ou mais de suas responsabilidades clericais, em geral o voto do celibato. Ele perde o direito de exercer o sacerdócio, mas conserva o sacramento das Ordens Sacras. Portanto, o termo comum "ex-padre" é incorreto. No Brasil esses homens costumam ser chamados de "padres casados". Quase todos os homens que pediram dispensa ou simplesmente abandonaram o sacerdócio acabaram casando. "Padres laicizados", "padres inativos", "padres casados" e "padres demissionários" são os termos mais apropriados. (Idem, p. 196).

A utopia do celibato obrigatório permitiu e ainda permite uma série de desvios no campo da sexualidade. Sejam heterossexual ou homossexual normalmente, salvo as exceções, os celibatários exercem a sua sexualidade na clandestinidade. Existe uma vertente de pensadores atuais que afirmam veementes que os casos de crimes de pedofilia, prostituição e até mesmo a prática do homossexualismo que acontece nos "muros medievais" da instituição Católica Romana seja causado pela permanência da obrigatoriedade do celibato clerical.

Para Calluf (1984) o celibato obrigatório constitui como uma espécie de fuga para os homossexuais que preferem se esconder a ter que revelar sua preferência. Nesse sentido quantos jovens preferiram se esconder nos recôndidos dos seminários e das Igrejas a ter que revelar suas características sexuais, talvez, no passado era preferível se esconder a enfrentar os olhares e as críticas do preconceito:

> Nem nego que, pelo menos até faz pouco, antes da liberação sexual, o celibato constituía outro bem: o de refúgio para muitos homossexuais, os quais, apavorados

> diante das próprias tendências, as "sublimavam", melhor, escondiam por debaixo das batinas ou hábitos. Por quanto tempo e com que efeitos, não vem ao caso. O que vem ao caso é que, com a liberação sexual, vai desaparecendo para os homossexuais esta alternativa. (Idem, p. 16).

A homossexualidade é uma escolha individual. Vincular a homossexualidade ao celibato nos parece estranho. Pior ainda é ligar diretamente a ascese sacerdotal aos crimes de pedofilia. Não concordamos com a manutenção do celibato obrigatório, mas ligá-lo a pratica de um crime tão asqueroso como o de pedofilia é injusto. Uma norma religiosa não impõe aos seus praticantes a cometer delitos, apenas desvios sem uma conotação criminosa.

Analisando o MFPC (Movimento das Famílias dos Padres Casados), Silva (2008) afirma que o surgimento desse movimento no Brasil demonstra a importância de se criar uma justificativa para explicar seus desligamentos da Instituição religiosa e da necessidade de lutarem para adquirirem as duas funções: de padre e esposo. Nesse sentido, elaboraram estratégias para legitimar suas reivindicações:

> A necessidade dos padres casados de criarem movimentos organizados para discutir e justificar o desligamento da Igreja denota o desejo de que a "passagem" do sacerdócio ao matrimônio possa se tornar uma "união" de funções. Aqui reside um dos principais anseios que incentivou o surgimento de tais movimentos: ter o direito de serem simultaneamente maridos e sacerdotes, pais de família e pastores de Cristo. (Idem, p. 125)

Dessa forma, concordamos que o celibato consagrado não foi totalmente aceito e vivenciado em terras brasileiras. O final do Concílio Vaticano II, apesar de não modificar a disciplina do celibato possibilitou um alargamento maior para sua vivência já que os padres que se desligassem da Instituição para casar não seriam mais excomungados. Assim sendo, muitos sacerdotes que viviam maritalmente na clandestinidade passaram a assumir suas relações, e aqueles, que tinham o desejo de se desligar para assumir as funções de marido tiveram coragem para seguir o que almejavam.

No entanto essa saída em grande número além de deixar a Igreja frágil em pastores possibilitou que esses dissidentes se unissem em prol de um objetivo comum: lutar para que a Igreja abrisse mão da obrigatoriedade do celibato e aceitassem sacerdotes casados. A união desses objetivos comuns possibilitou o surgimento do grupo que apesar das várias ramificações e das discordâncias existentes tinham finalidades semelhantes. Acabaram

partilhando experiências coletivas e individuais nesse espaço de luta. Em uma militância que buscavam servir a Igreja a qual pertencia ao mesmo tempo em que constituir família. Suas experiências foram múltiplas, suas lutas ainda estão em vigência, suas contribuições para o debate da sexualidade masculina na Igreja Católica Romana continua sendo intenso.

A oposição entre o lar e o altar era evidente. Os Padres Casados do Brasil buscaram expor suas reivindicações através da imprensa com a criação do Boletim Católico Rumos[258], entre outros. Em Estados como o Ceará, por exemplo, os sacerdotes ejetados da Instituição religiosa se uniram através do contato com a diretoria do Movimento Nacional e com a promoção de eventos para discutirem sobre a família e o sacerdócio. O objetivo era demonstrar para a Igreja que o Padre poderia administrar um lar e um altar e que a adoção de sacerdotes casados no interior da Instituição resolveria o problema de escassez de sacerdotes.

Uma crise que continua

A Crise dos Padres iniciada no início da década de 1960 continua a se desenvolver. A maior parte do Clero Católico não concorda com a permanência de uma norma eclesiástica tão severa e cheia de dualismos. Se um padre exercer sua sexualidade sem casar não tem problema, desde que seja na clandestinidade, se resolver assumir publicamente um relacionamento e casar é proibido de exercer o ministério. Os desvios e as saídas de sacerdotes motivadas pela prática do celibato obrigatório acontecem diariamente. Assim como os inconformados da segunda metade do Século XX as motivações de saída nem sempre estão ligadas a permanência da ascese clerical, no entanto esta tem um peso maior.

Entretanto, apesar das inúmeras perdas de sacerdotes em sua Igreja a alta cúpula do catolicismo continua adotando um sistema extremamente esdrúxulo com relação à aplicabilidade de punições referentes a seus membros clericais. Os escândalos que ocorrem dentro das muralhas da Igreja Católica Romana é fato recorrente diariamente. Os crimes cometidos pelos seus clérigos são divulgados constantemente na mídia e as acusações são extremamente graves: desvio de dinheiro, pedofilia, prostituição, dentre outros. As penas

[258] O Jornal Rumos continua sendo publicado e retrata assuntos relacionados à militância dos Padres Casados pela implantação do celibato opcional. Teremos acesso a esse documento através de alguns exemplares e principalmente através de seu acervo digital que se encontra no endereço: www.padrescasados.org/archives/category/jornal/.

aplicadas pela justiça eclesiástica são, algumas vezes, quase que insignificante. Apenas quando a justiça comum intervém é que um padre é punido, mesmo assim, em alguns casos, continua tendo o direito de exercer o sacerdócio.

As punições aplicadas pela lei eclesiástica se referem à transferência de paróquia ou de diocese, é quase sempre assim. Por outro lado, quando um sacerdote que não quer viver uma vida matrimonial na clandestinidade, pede dispensa à Igreja para casar, este é de imediato punido pelas leis eclesiásticas. Como? Perdendo o direito de continuar sendo padre. Intimamente ele continua sendo padre porque ao ser ordenado, de acordo com as leis sacras, o sacramento que recebeu é eterno. No entanto não poderá mais exercer o sacerdócio.

Atualmente quando um sacerdote pede dispensa de suas atividades ministeriais para casar demora algum tempo para a promulgação da exoneração de função porque se exige certa idade, a partir dos 40 anos, é que o pedido é atendido e ele é liberado para casar na Igreja. No entanto desde o momento do comunicado aos seus superiores do desejo de se desligar ele já é afastado das funções ministeriais. Após a concessão ao casamento o sacerdote juntamente com a diocese a qual pertence recebe um documento punitivo chamado Rescrito. Esse documento expõe qual o comportamento é exigido pelo "ex padre". Ou seja, o padre casado sofre uma espécie de ostracismo dentro da instituição. É excluído e punido por um "crime" extremamente grave: casou-se.

e constituir família são motivos para jogá-lo na exclusão. Parece absurdo. Mas são normas antigas que vem sendo renovadas e reinventadas constantemente no interior da Igreja Católica Romana. Apesar do processo de renovação implantado pela instituição com o Vaticano II, o modelo de sacerdócio vivenciado atualmente está incutido em uma continuidade tridentina. Onde o celibato sacralizado é um modelo a ser seguido, mas que acaba se transformando em um ideal utópico.

Baseada em preceitos rígidos a Igreja Católica Romana passou muito tempo mantendo um profundo distanciamento com seus fiéis. O sagrado não se misturava com o povo apenas ditava regras e cultuava a permanência de um status de superioridade. No Brasil o processo de aproximação com os leigos se deu a partir dos anos de 1940 com o incentivo de Dom Hélder Câmara ao criar a ACB (Ação Católica Brasileira) esta teve como função principal aumentar o envolvimento da Igreja com os fiéis e aos poucos induzi-los ao enfoque de uma militância política e social que foi tão importante e decisiva nos anos de 1960 e 1970.

Os padres progressistas da segunda metade do Século XX foram responsáveis por uma abertura no campo das idéias na instituição católica, mas também foram culpabilizados por uma reviravolta de antigas certezas e uma incisiva revisão no modelo tridentino. A modernidade talvez tenha deixado o padre em crise existencial por ter perdido espaço na vida dos fiéis, mas também o deixou mais informado e inconformado com os abusos de sua própria instituição.

Referências

ARIÉS, Philippe e BÉJIN, André. **Sexualidades Ocidentais:** Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II (1959-1965).** São Paulo: Paulinas, 2005.

BOER, Nicolas. **Militarismo e clericalismo em mudança.** São Paulo: TAQ, 1980.

CALLUF, Emir. **Reflexões incômodas sobre o celibato dos padres**. Rio de Janeiro: Record, 1984

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: DIFEL,

CNBB- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Vida e ministério do presbítero pastoral vocacional.** São Paulo: Paulinas, 1981.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO (Codex Iuris Canonici). São Paulo: Loyola, 1983

COUTROT, Aline. Religião e Política. In: REMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

FERNANDES, João Azevedo. Sobriedade e embriaguez: a luta dos soldados de Cristo contra as festas dos Tupinambás. In: **Revista Tempo.** Niterói- RJ -Universidade Federal Fluminense, Vol. 11, nº. 22, jan. 2007. p. 109-132.

HALL, Stuart.A identidade cultural na pós- modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HUBERMAN, Léo. **A história da riqueza do homem.** Rio de Janeiro: ZAHAR, 1986.

LORINGA, Sabina. A tarefa do historiador. In: GOMES, Ângela de Castro, SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). Rio de Janeiro: FGV, 2009.

LOWY, Michael. **A guerra dos deuses:** religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000.

LUCA, Tânia Regina. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2010.

MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985).** São Paulo: Brasiliense, 1989.

MATTEI, Roberto de. **O Concílio Vaticano II:** Uma história nunca escrita. Porto Alegre: Caminhos Romanos, 2012.

MENDONÇA, Pollyanna Gouveia**. Sacrílegas famílias:conjugalidades clericais no bispado do Maranhão no Século XVIII.** Dissertação de mestrado em História Niterói: UFF, 2007.

MONTENEGRO, Padre F.**Os quatro luzeiros da Diocese.** Juazeiro do norte-CE: Gráfica Universitária, 1999.

NETO, Lira.**Padre Cícero:** poder, fé e guerra no sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

POLLACK, Michel. **Memória e Identidade Social.** Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val diChiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Morais (Orgs.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de janeiro: FGV, 2006.

PRIORE, Mary Del. **Religião e religiosidade no Brasil colonial.** São Paulo: Ática, 2004.

SABORITI, Ignasi. **Religiosidade na Revolução Francesa.** Rio de Janeiro: Imago, 1983.

SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social-uma História da Igreja Católica no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, Edlene. **Entre a batina e a aliança: das mulheres de padres no Medievo ao movimento de padres casados no Brasil atual.** Brasília: UNB, 2008.

_____. Sacerdotes e maridos: a crise do celibato e a formação do Movimento de Padres Casados no Brasil Contemporâneo. In: **Revista Múltipla,** Número 28-Ano XV-JUNHO DE 2010.

SILVA, Helenice Rodrigues. "Rememoração" /comemoração: as utilizações sociais da memória. In: **Revista Brasileira de História.** ANPUH: São Paulo, vol.22, n° 44, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença:** A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.

SOUSA, Maria Arleilma Ferreira de. **Noticiando o Sagrado:** O Jornal A Ação e a Crise dos Padres na Diocese do Crato-CE 1960-1980. Dissertação de mestrado em História. Campina Grande: UFCG, 2014.

SOUZA, Ney. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: **Revista Teologia e Cultura**, Edição nº 02 – Out/ Nov/ Dez 2005, p. 31.

VATICANO II. Concílio Ecumênico Vaticano II.Paulinas: São Paulo, 1967.

VIDAL, Marciano. **Novos caminhos da moral**: da "crise moral" a "moral crítica". São Paulo: Paulinas, 1978.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.

NAS PAISAGENS CULTURAIS DOS SERTÕES: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DOS VAQUEIROS DO NORDESTE BRASILEIRO

Ana Cristina de Sales[259]

Introdução

A investigação sobre as memórias e as experiências partilhadas pelos vaqueiros na paisagem cultural do Nordeste, das ultimas décadas do século XX aos dias atuais, convida-nos a fazer um passeio sobre a trajetória histórica deste personagem. "Sua aparição surgiu a partir do contato do branco colonizador com o indígena, no período da penetração do gado nos sertões do Nordeste brasileiro" [260].

Figura central de uma fazenda, o vaqueiro passava grande parte do dia montado em um cavalo, fiscalizando a propriedade agrícola de seu patrão como uma de suas atribuições, seu espaço de atuação é entendido como uma porção peculiar do território nacional, um lugar onde são remetidas experiências sociais, econômicas, políticas e culturais, através de uma referida conjuntura histórica.

Segundo as premissas da historiografia brasileira o termo vaqueiro é em geral especializado no manejo do gado vacum. No Brasil o espaço para o surgimento desta categoria ocorreu com a instalação das fazendas de gado no interior do Nordeste, no século XVII. Entretanto, foi no longínquo sertão que essa figura adquiriu importância social. E, se efetivou graças à concentração da propriedade fundiária e do absenteísmo próprios da economia local desde o período colonial[261].

O antropólogo Eriosvaldo Barbosa destaca que o gado era criado em grandes extensões de terras na época da cana-de-açúcar, com isso, os vaqueiros se mudavam constantemente, tanto "o vaqueiro como o gado não tinha pasto certo, sua morada era a morada do gado"[262].

---

[259] Professora da EEEP Alfredo Nunes de Melo, mestra em História, Cultura e Sociedade pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. E-mail: cristina_hi_storia@hotmail.com

[260] BRANDÃO, Tanya Maria Pires. O Vaqueiro: Símbolo da liberdade e mantenedor da ordem no sertão. In: MONTENEGRO, Antônio Torres de. História, Cultura e Sentimento: outras histórias do Brasil. Pernambuco: Editora UFPE, 2008.

[261] BRANDÃO, Tanya Maria Pires. O Vaqueiro: Símbolo da liberdade e mantenedor da ordem no sertão. In: MONTENEGRO, Antônio Torres de. História, Cultura e Sentimento: outras histórias do Brasil. Pernambuco: Editora UFPE, 2008, p. 127.

[262] BARBOSA, Eriosvaldo Lima. "Valeu o boi": o negócio da vaquejada. Teresina: EDUFPI, 2006, p. 29.

Essa realidade mudou a partir das instalações das fazendas de gado, cabendo à figura de um vaqueiro zelar para que os animais não se extraviassem, bem como a administração da fazenda. O vaqueiro de fazenda tinha como funções: "a construção de cacimbas durante a seca, a condução do gado aos bebedouros, cortar ramas, fiscalizar o gado no campo, ferrar, ordenhar, benzer em caso de doença, amansar bois, burros e cavalos",[263] etc. Em uma dada fazenda podia ter um grupo de vaqueiros, cada um com sua especialidade em sua forma de conduzir os animais.

Montados em seus cavalos, vestidos com seus gibões de couro, os vaqueiros ditos "afamados" pela sua coragem, embrenhavam-se na mata cerrada, em busca dos bois, fazendo verdadeiros malabarismos para escaparem dos arranhões de espinhos e pontas de galhos secos, cobras, lendas, etc.

O Senhor Joecir Vieira Pinho nos relata que aos doze anos de idade começou com a tarefa de amansar bois, ele nos conta que

> acordava cedo na quebrada da madrugada, tomava só um cafezinho, arriava meu cavalo e saia. Tinha dias de encontrar logo o animal, mas algumas vezes era demorado. O bicho valente corria dentro da mata fechada e eu atrás. Um cavalo bom faz a diferença, nunca voltei pra casa sem trazer o bicho brado[264].

Francisco Janio Aires[265] assinala sobre a prática de pegar no mato o gado esquivo/arisco,

> essa prática de pegar boi no mato denominado de marueiro ou barbatão tornava os vaqueiros e os cavalos respeitados entre os seus participantes. Muitos vaqueiros recebiam a fama de heroico porque pegavam boi desse tipo no mato. Sendo assim, os fazendeiros percebendo essa busca dos vaqueiros em realizar esse feito ofertavam prêmios, de premiar três bois em frente da fazenda por cada barbatão pego. Isso se tornou tão recorrente que os vaqueiros exigiam pegar esse animal se fosse concedido e correr no boi na frente da fazenda.

No interior do Nordeste nos meandros, as fazendas compreendiam ao mesmo tempo unidade de produção e espaço de residências dos habitantes, estas eram administradas por vaqueiros, que eram pessoas juridicamente livres e trabalhavam sob a forma de parceria. "Sua

[263] Idem, p. 34
[264] Entrevista realizada com Joecir Vieira Pinho em agosto de 2013.
[265] AIRES, Francisco Janio Filgueira. O "espetáculo do cabra macho". Um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas do Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte, 2008, p. 78.

remuneração correspondia a um quarto da produção da fazenda. Em cada quatro bezerros, três era do proprietário da fazenda e um do vaqueiro" [266].

Nesta configuração de parceria o vaqueiro podia "sonhar" em elevar-se socialmente, podendo comprar através de seus ganhos, uma porção de escravos e vir a possuir um curral de gados. Neste período o "vaqueiro tinha como função distribuir entre os moradores da fazenda as terras para a agricultura de subsistência, também cabia a ele a definição do local de residência dos mesmos" [267]. De acordo com as premissas de Cynthia Carvalho os vaqueiros residiam em casas de taipa, dispondo de áreas para cultivos de lavouras de subsistência, em cujo resultado não participava o proprietário, que exigia do empregado certo número de dias de serviços por semana, pagando preços inferiores aos serviços prestados pelos trabalhadores não residentes, como meio de compensar o pagamento do aluguel da casa e da propriedade [268]. Ou seja, o vaqueiro conduzia o patrimônio do senhor sendo responsabilizado pela manutenção e ordem da fazenda.

Com o passar dos anos a forma de trabalho mudou, as transformações deveram-se a modernização das técnicas e a expansão dos rebanhos na região Sul, e pela chegada dos caminhões, transporte que substituíram as longas viagens das boiadas para os centros comerciais de gado. Com a modernização da pecuária nordestina, os vaqueiros que antes levavam o gado de um lugar para outro cantando seus aboios, cederam espaço para as grandes cargas, possibilitando uma viajem mais rápida.

Quando falamos na mudança de atuação dos vaqueiros, estamos nos referindo também à vaquejada que outrora tinha como finalidade a prática da "apartação", ou seja, a divisão do gado entre os fazendeiros. Os animais eram criados soltos e, no mês de junho de cada ano eram conduzidos para os currais. Os fazendeiros mandavam reservar uma parte do gado para a derrubada, ou a chamada vaquejada, que acontecia ali mesmo, ou até por vezes dentro das matas. No entanto, na atualidade as vaquejadas são urbanas e públicas, consistindo numa das mais tradicionais festas do ciclo do gado do Nordeste brasileiro, ao som de ritmos sertanejo e forró.

---

[266] BARBOSA, op. cit. 2006, p. 35.
[267] BRANDÃO, op. cit. 2008, p. 127.
[268] CARVALHO, Cynthia Xavier de; MOREIRA, Ivan Targino. Desenvolvimento Tecnológico e Relações de Trabalho na Agricultura: O Caso de São José do Belmonte-PE. Disponível em: http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/ETENE/Anais/docs/ren2000_v31_ne_a12.pdf Acesso em: 02 de novembro de 2010.

A mudança começou na forma de trabalho dos vaqueiros, as "festas de apartação" nas fazendas de gado foi aos poucos sendo modificado, como também a forma de tratar os animais. A partir de meados de 1980 as "pegadas de boi" passaram a ser praticadas como esporte (vaquejada). Saindo do sertão nordestino, e adentrando em novos espaços das grandes cidades do Nordeste e do Brasil. A nova modalidade tem o vaqueiro como profissão e a vaquejada como atividade esportiva ou "hobby", deixando de ser um trabalho de camponês, que deveria ser ágil para reunir e selecionar o gado em épocas de comercialização para tornar-se um evento de competição entre os variados profissionais.

Através destas transformações, na contemporaneidade a imagem do vaqueiro é projetada nas músicas, nas exposições culturais, nas festas religiosas (e do vaqueiro), donde estes utilizam-se dessa condição para apropriar-se e legitimar-se como personagem em seu lugar de atuação na cultura nordestina. Entendemos isso como um sistema de valores, símbolos, atitudes ou significados compartilhados, ou como nos diz E. P. Thompson, "através de um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o dominado, a aldeia e a metrópole"[269], na qual se apresenta em variados segmentos da vida cotidiana.

Isso se evidencia nas suas aparições, bem como, sobre as variadas discussões sobre sua profissionalização, que foi aprovada pelo Congresso Nacional através do Projeto de Lei (PLC) 83/2011, o qual reconhece e regulamenta a profissão destes. Tendo a categoria como atividades, alimentar animais, fazer a ordenha, treiná-los e prepará-los para eventos culturais e socioesportivos com a garantia de que os animais não sejam submetidos a atos de violência.

Pensando nisso, levantamos os seguintes questionamentos: Quais as representações sociais que os vaqueiros constroem sobre si e sobre seu modo de viver nos sertões? Como os vaqueiros fazem uso e se apropriam dos artefatos culturais que a contemporaneidade produz sobre a imagem dos personagens (vaqueiros) e da vida sertaneja? As respostas a tais problemáticas estão sendo guiadas pela metodologia da história oral, na qual selecionamos como sujeitos do trabalho os vaqueiros que hoje atuam nas fazendas, aqueles que um dia procuraram e derrubaram bois nas matas, além dos vaqueiros que derrubam bois nas vaquejadas.

[269] THOMPSON, E. P. A Formação da Classe Operária Inglesa: A árvore da liberdade, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987. v. I, p. 17.

No que diz respeito à utilização de fontes escritas, pontuamos músicas e cordéis que tratam da imagem do vaqueiro, da vaquejada e do lugar de atuação destes, no que se refere tanto ao viés rural como ao urbano, para pensarmos a historicidade das práticas oriundas das relações entre esses sujeitos e a natureza, como também, a ideia de homem macho e heroico representado na literatura de cordel.

Como pressuposto teórico, utilizamos o conceito de memória social, por entendermos que variadas memórias individuais, que por sua vez são sociais[270], não dependentes de um consenso, são manifestadas por seu poder e papel representado, diante das funções assumidas por cada agente histórico, envolto nas percepções do individual e do coletivo. Neste sentido, Halbwachs aponta que,

> nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem[271].

Nossos pensamentos e atos indivíduos são sempre perpassados e, se explicam pela sua natureza social. Ainda de acordo com Halbwachs[272], o ato de lembrar é próprio de cada um, ou seja, é individual, no entanto, as pessoas lembram em interação com os grupos, instituições e sociedade, logo, a memória é construída socialmente. Halbwachs nos lembra ainda, que as lembranças se dão por meio da experiência em grupo, das representações e imagens do nosso passado.

Nesse mesmo entendimento Henry Rousso[273] acrescenta, que a memória é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação do passado, que por sua vez tem como função garantir a continuidade do tempo, constituindo-se como um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. Ou seja, o trabalho com a memória é essencial para discutirmos as historicidades que envolvem o vaqueiro cearense.

[270] FENTRESS, James & WICKKHAM, Chris. Memória Social: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1992.
[271] HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
[272] Idem, 1990, p. 30
[273] ROUSSO, Henry. 1998, pp. 94-95.

Aqui a memória é entendida como uma dimensão social que representa uma realidade onde se mesclam o individual e o coletivo, possibilitando uma compreensão diferenciada daquela transmitida pela documentação tradicional[274]. Além disso, revela aspectos ou espaços sociais antes esquecidos ou relegados pelo processo histórico.

Os entrevistados narram às lembranças, contam histórias vividas e sonhadas, selecionadas pela memória, logo, as narrativas dos vaqueiros são entendidas como núcleo de investigação e, enquanto fonte histórica apresentam-se singular da compreensão entre o passado e o presente.

As memórias descritas pelos vaqueiros à medida que narram suas experiências colocam em destaque seu lugar de atuação, o período em que começaram a trabalhar, as brincadeiras na época da infância envolvendo animais, o trajeto que os vaqueiros fazem derrubando os bois nas pistas, a procura dos bois na mata, a festa para comemorar o prêmio, todos esses fatores estão embrenhados de historicidade e significados para os vaqueiros, donde essas esferas são pensadas também através da relação entre o homem e o seu meio, designada por Ulpiano Bezerra de Menezes de paisagem cultural.

Tal autor nos aponta, que o termo paisagem é polissêmico e movediço. No entanto, o termo é percebido não apenas como uma extensão da superfície da terra, mas como uma ação humana que transforma e interage através das forças materiais e simbólicas que são estabelecidas[275]. Ou seja, a paisagem serve de ponte entre o mundo humano e não humano, não é apenas uma cena natural, nem mesmo a representação desta cena, mas, uma representação natural de uma cena natural, um traço ou um ícone da natureza na própria natureza. A paisagem é uma representação conceitual, visual e verbal.

Mesmo o conceito de paisagem se modificando, de acordo com a escala de observação e o modo como queremos classificá-la, aderimos o termo paisagem como um dado a ser percebido, um fragmento do mundo sensível tal qual está moldado de personalidade por uma consciência[276]. Essa consciência é moldada pelas representações que temos do mundo e das coisas ao nosso redor, impregnadas de diversos símbolos, sejam de ordem material, espiritual e/ou simbólica.

[274] JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. A oralidade dos velhos na Polifonia Urbana. Fortaleza: Premius, 2011, p. 19.
[275] MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. A paisagem como fato cultura. IN: IÁZIGI, Eduardo (ogs.) A paisagem e o turismo. São Paulo: Contexto, 2002, p. 31.
[276] Idem, p. 32.

Os vaqueiros atuam no campo ou na cidade, que por sua vez estão permeados de representações que são indispensáveis para o pensamento sobre paisagem, a problematização das relações homem-meio relaciona territorialidades e formação da identidade destes.
Na qual estas identidades não são inocentes, elas se conectam e demarcam suas fronteiras fomentando as distinções de quem entra e quem fica de fora, a partir das demarcações e classificações é que são atribuídos os sentimentos de pertença.

Os sentimentos de pertença são percebidos no ato de narrar suas memórias e nas experiências dos vaqueiros, que se colocam como um componente constituinte da identidade, através de sua importância no sentimento de continuidade e coerência, de uma pessoa ou de um grupo na construção de si.

Neste sentido, o senhor Joecir Vieira Pinho lembra os momentos em que com um bom cavalo pegava bois valentes nas matas, como uma recordação sempre viva em sua mente de bons momentos que passaram em sua vida. Neste intento, o resgate dos fragmentos da memória se faz necessário para se enfatizar a reconstituição de práticas, que fazem parte do cotidiano dos vaqueiros, relacionados às conquistas de bois e o valor de um bom cavalo para desempenho de tal função.

Logo, as representações de identidade são características e valores sociabilizados entre os diferentes sujeitos, e cabe a nós perceber que tais representações não acontecem de forma isolada. Alessandro Portelli, enfatiza que as "representações se utilizam de fatos e alegam que são fatos, os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações" [277]. Tanto os fatos quanto as representações convergem na subjetividade dos seres humanos, e são envoltos em sua linguagem.

As experiências e representações de si dos vaqueiros nordestinos

> Vou pedir licença pra contar a minha história
> Como um vaqueiro tem suas perdas e suas glórias
> Mesmo sendo forte, o coração é um menino
> Que ama e chora por dentro, e segue o seu destino,
> Desde cedo assumi minha paixão
> De ser vaqueiro e ser um campeão
> Nas vaquejadas sempre fui batalhador

[277] PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Morais (Orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de janeiro: FGV, 2000, pp. 103-130.

Consegui respeito por ser um vencedor...

A música retratada acima 'Saga de um vaqueiro' da banda de forró Catuaba com Amendoim relata que desde criança o indivíduo já manifesta o desejo de ser um vaqueiro, não apenas um vaqueiro 'qualquer' mais um vencedor, um campeão, para conseguir respeito diante das outras pessoas. Enquanto o proprietário de uma fazenda detinha prestígio e poder, por ser detentor de grandes propriedades. A honra e o prestígio de um vaqueiro não se baseavam nesses dispositivos, mesmo que pelo o sistema da quarteação o indivíduo pudesse elevar-se socialmente. O fascínio de um vaqueiro estava em sua bravura, em seus atos heroicos[278].

O ato de heroísmo permeava a pegada de bois e a conquista amorosa na vaquejada, "por ser senhor do cavalo e poder guiá-lo, o vaqueiro deseja ser igualmente senhor da pista, senhor da mulher, dos filhos ou da namorada. Ele tem que estar no comando, ou seja, não pode emprestar seu cavalo a ninguém, emprestar significa perder o controle das coisas das rédeas" [279] .

No campo o vaqueiro montado em seu cavalo era dono de seu tempo livre, podendo se dirigir a lugares diferentes. "A ideia construída desse personagem é difusora da liberdade de locomoção e possibilidades de ascensão social. O vaqueiro é neste caso, a personificação da liberdade que se admite grassar no sertão" [280] .

Eriosvaldo Barbosa acrescenta que o universo do vaqueiro implica uma sociedade marcada pela coragem e o destemor, daí o vaqueiro ser respeitado diante de seu grupo[281]. Com todos esses atributos o homem corajoso tem sempre a necessidade de autoafirmação. Neste intento, as representações de si estão presentes nas composições musicais, nas aparições em eventos, nos registros dos folcloristas e na literatura de cordel. Podemos exemplificar isso, através do cordel de Francisco Firmino de Paula, intitulado 'O Vaqueiro que não mentia', que nos diz o seguinte:

Numa cidade distante
Há muito tempo existiu
Um distinto fazendeiro

[278] BARBOSA, op. cit. 2006, p. 47.
[279] Idem, p. 118.
[280] Idem, p. 128
[281] Idem, p. 52.

O mais rico que se viu
E tinha um jovem vaqueiro
Homem que nunca mentiu.

Também esse fazendeiro
Muitas lojas possuía
Tinha muitos empregados
Porém ele garantia
Que só aquele vaqueiro
Era sério e não mentia.

Seus amigos em palestra
Exclamavam admirados
Porque é que entre tantos
Homens nobres empregados
Somente um rude vaqueiro
É quem não causa cuidados?
Respondia o fazendeiro
— Tudo é nobre e decente,
Porém, capaz de mentir,
Digo conscientemente,
Mas Dorgival meu vaqueiro
Por forma nenhuma mente.

O conheço há muitos anos
E nunca vi ele mentir
É rude por ser vaqueiro
Mas sabe entrar e sair
Se faz uma causa errada
Nunca procura fingir...

O poeta neste folheto transmite por meio de seus versos, as ideias do grupo socialmente aceitas, associado ao ato de honestidade e prestígio diante das classes dominantes, que não se refere ao poder aquisitivo, mas a integridade e presteza, o dinheiro seria consequência de muito trabalho e esforço.

Joecir Vieira Pinho, através de suas lembranças nos conta que, sempre nos trajes de vaqueiro (gibão, perneira, botas de couros, etc) percorria quilômetros de distância a procura como diz ele, de um boi "brabo". Quando perguntamos para ele, se como vaqueiro ele obteve certo poder aquisitivo, ele nos respondeu que sim.

> Rapaz, dava pra ganhar um dinheirinho bom, a cada boi pego na mata eu cobrava cinquenta reais, um dia chegou um fulano e disse, que eu tinha ganhado dinheiro fácil, por ter encontrado aquele animal, ai respondi bem rapidinho pra ele. Eu solto esse boi agora e lhe dou o dobro se você trouxer o animal de volta. Olha Ser vaqueiro hoje não é que nem antigamente não, hoje em dia qualquer um se diz

> vaqueiro, queria ver se fosse que nem eu, passando por cima de tudo, dos galhos das árvores, cheios de espinhos[282].

Joecir parte da ideia que ser vaqueiro é mais do que derrubar bois na vaquejada, para ele, vaqueiro bom é aquele que lida realmente com os animais, corre na mata, amansa, faz a cura caso seja necessário, enfim, não montar apenas em dias de entretenimento, como ocorre nas vaquejadas de hoje em dia. No entanto, entendemos que as redefinições e adaptações se referem aos arranjos na qual as mudanças são postas como resultados de conflitos e interesses dos múltiplos atores atuantes no processo de construção social e cultural.

As redefinições da vaquejada e da atuação dos vaqueiros aconteceram pelo fato de ter sido aberto um espaço favorável à adesão de novas práticas pelos participantes, estabelecidas a partir das demandas individuais e coletivas. Desse modo, as mudanças são constituídas em meio a tensões, lutas, resistências e afirmações de práticas ligadas a ressignificação, que são utilizadas por meio das práticas culturais, nos permitindo identificar o processo de consolidação das representações por suas práticas.

Através da fala do entrevistado percebemos as transformações que ocorreu na vaquejada, essas modificações aconteceram principalmente na década de 1990, na qual houve uma popularização da vaquejada, tornando-se um evento de exposição de animais, marcas de roupas/acessórios e nomes de fazendas.

A vaquejada ganhou destaque, passando a ser anunciada em rádio, tv, internet e cartazes, além disso, delimitaram o percurso a ser seguido, como também, uma premiação para o ganhador. A premiação varia de acordo com quem está organizando o evento.

O vaqueiro desportista Luciano Ricarto da Costa, que atua derrubando bois em vaquejada em todo Brasil, ganhador de vários prêmios como dinheiro, carros e motos, nos diz que a vaquejada é um investimento com perdas e lucros, visto que, são muitos os gastos envolvidos nos tratos com o cavalo, como também na própria compra de fichas para correr na vaquejada. Para ele, "a vaquejada é um jogo, um dia perde e outro ganha"[283] .

À medida que vão surgindo novos padrões de sociabilidade e sensibilidade no evento da vaquejada novas relações são estabelecidas, nas ultimas décadas a mulher adentrou ao

[282] Entrevista realizada com Joecir Vieira Pinho, 84 anos, Sítio Fechado – Acopiara/CE. Cedida a Ana Cristina de Sales, em 14/08/2013.
[283] Entrevista realizada com Luciano Ricarto da Costa, 27 ano, Ponta da Serra – Crato/CE. Cedida a Ana Cristina de Sales, em 20/08/2013

esporte da vaquejada, deixando de ser um esporte exclusivamente masculino. O personagem heroico do sertão muda de figura com o vaqueiro desportista, desde a vestimenta à forma de trabalho com o gado.

Eriosvaldo Barbosa afirma que "hoje em dia qualquer pessoa pode ser designado vaqueiro ou vaqueira. O vaqueiro desportista dos parques de vaquejada deixaram o mato pelas pistas modernas, utilizam os cavalos não mais como meio de locomoção, mas sim, como uma 'máquina adestrada' de ganhar dinheiro"[284]. Os vaqueiros heróis cederam espaço a médicos, advogados, universitários enfim a todos aqueles que gostam do esporte, que trocaram o gibão de couro pela calça jeans, o chapéu de couro pelo boné de grife, etc.

Neste sentido, os vaqueiros 'desportistas' utilizam-se das experiências dos chamados vaqueiros 'afamados' para auto afirmar-se enquanto categoria de bravura e destemor. E. P. Thompson através de seus estudos nos mostrou experiências concretas da classe trabalhadora, percebidas como elementos fundamentais para a construção de uma consciência de classe.

O historiador britânico assinala que as experiências acontecem na relação histórica, resultando da interação de alguns homens e mulheres com experiências comuns e partilhadas, nas quais, sentem e articulam interesses entre si [285]. Nesta acepção, percebemos que os vaqueiros interagem e partilham das experiências comuns com seus pares, e projetam dimensões para o futuro através da constante articulação e afirmação cultural, na formação do ser social e das experiências históricas.

Essas experiências são vivenciadas pelos diversos sujeitos que interagem nos seus costumes e de determinados grupos sociais. Tal interação ocorre tanto nos conflitos como nos laços de sociabilidade, na qual o movimento cultural atua em certos momentos, de maneira espontânea e aleatória, logo, os vaqueiros através de suas ações experimentam as contradições da vida, "um rumo onde os acasos não podem ser proscritos ou evitados pelo planejamento" [286].

Os vaqueiros estabelecem um movimento em direção ao universo de experiências de grupos ou indivíduos, tanto daqueles distantes no tempo, quanto dos vaqueiros da atualidade. Essa relação nos mostra uma paisagem cultural dialética, da qual existe a marca da atividade

[284] BARBOSA, op. cit. 2006, p. 109
[285] THOMPSON, E. P. A Formação da Classe Operária Inglesa: A árvore da liberdade, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987. v. I
[286] Idem, 1987, p. 21.

produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo em que viviam, adaptando-se às suas necessidades, como também, a busca constante pela (re) invenção da tradição na cultura nordestina. Os vaqueiros através de suas experiências narram seus princípios de pertença ao meio sertanejo e da festa da vaquejada.

Os vaqueiros contemporâneos expressam de outra forma o modo de ser na profissão, deixando de lado as pegadas de boi na mata, para buscar ser campeão nas pistas modernas, como também, aderindo os modos de experiências habituais das vaquejadas, através do mercado do consumo e das disputas de sociabilidades entre seus concorrentes. A música de Sirano & Sirino "Vida de um vaqueiro" expressa bem essa realidade.

O vaqueiro sai sozinho / Em seu cavalo pela estrada
Em busca de aventura
Vai pensando em sua amada
Quando chega o seu destino / No rodeio ou vaquejada
Ele faz sua inscrição / Participa da jornada
Eu sou vaqueiro de profissão
Vivo sempre a cavalgar
Em busca de emoção / E quando monto no azulão
Vou pensando em minha amada / E cantando essa canção
Se termina a vaqueirama / Sendo ele o primeiro
Ele sai bem elegante / No seu cavalo ligeiro
Tudo isso é importante / Para a vida de um vaqueiro
O coração da prenda / E também ser o primeiro

Ser o primeiro da pista é o passo mais importante para ser respeitado e temido diante de todos. Lembramos que os vaqueiros desportistas frequentam a festa da vaquejada em todo país, a procura de vencer e ganhar prêmios, que variam de acordo com a dimensão do evento.

Em síntese, a categoria tem como representatividade o sentimento de honra, orgulho e solidariedade perante o grupo, decorrente da necessidade de integrar o individuo à coletividade por meio de laços que determinam a credibilidade de acreditar no próprio valor. A festa do vaqueiro se transforma e se reinscreve, em um espaço propício para a simulação, a invenção, o sonho e o delírio.

Dessa forma, entendemos que a vaquejada se reinventou com o passar dos tempos, adequando-se a determinadas situações e acontecimentos sociais e (re)configurando-os em favor de suas necessidades econômicas, sociais e culturais.

Elencando as fontes/narrativas orais

Entrevistas realizadas:

- Francisco Leonardo Ribeiro, 53 anos. Agricultor/vaqueiro. Entrevista realizada em 25/01/2013;
- Francisco Alberto Esmeraldo. Servidor público federal/vaqueiro. Entrevista realizada em 16/01/2013;
- Geraldo Vilar da Costa, 57 anos. Agricultor/vaqueiro. Entrevista realizada em 20/08/2013;
- Inaldo Araújo. Agricultor/vaqueiro. Entrevista realizada em 17/01/2013.
- Joecir Vieira Pinho. 74 anos. Agricultor aposentado/vaqueiro. Entrevista realizada em 14/08/2013;
- Luciano Ricarto da Costa, 27 anos. Vaqueiro. Entrevista realizada em 20/08/2013;
- Pedro Coelho. Agricultor/aboiador. Entrevista realizada em 15/08/2013.

Fontes escritas - registros dos folcloristas

CASCUDO, Luis da Câmara. Viajando o Sertão. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009.
Universidade de São Paulo, 1984.
_____. Dicionário do folclore brasileiro. 11ª ed. São Paulo: Global, 2002.
_____. Superstição no Brasil. 5ª. ed. São Paulo: Global, 2002.
_____. Vaqueiros e Cantadores. São Paulo: Global, 2005.
GALENO, Juvenal. Lendas e canções populares. 4 ed. Fortaleza: Casa de Juvenal Galeno, 1978.

Cordéis consultados

- História do Boi Leitão ou O Vaqueiro que não mentia, escrito por: Francisco Firmino de Paula;
- O Cavalo que Defecava Dinheiro, escrito por: Leandro Gomes de Barros;
- O menino vaqueiro, escrito por: Moreira de Acopiara;
- A XXV Exposição e a vaquejada do Crato – 1978, escrito por: Abraão Batista;
- I Berro Cariri – Feira Regional da ovinocaprinocultura, escrito por: Luciano Carneiro;
- 30 Anos de sertão, escrito por: Sebastiana Almeida;

• A vida do camponês no "coisas do meu sertão" de seu Elói, escrito por: Luciano Carneiro;

Referências

AIRES, Francisco Janio Filgueira. **O "espetáculo do cabra macho":** Um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas do Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte, 2008 (Dissertação de mestrado).

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes históricas.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 155-202.

_____. **Ouvir contar: textos em história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 2004.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). **Usos e abusos da história oral.** 8ª. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BARBOSA, Eriosvaldo Lima. **"Valeu o boi":** o negócio da vaquejada. Teresina: EDUFPI, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 13ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. O Vaqueiro: Símbolo da liberdade e mantenedor da ordem no sertão. In: MONTENEGRO, Antônio Torres de. **História, Cultura e Sentimento:** outras histórias do Brasil. Pernambuco: Editora UFPE, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2008.

FENTRESS, James; WICKKHAM, Chris. **Memória Social:** novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1992.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Heródoto e Tucídides.** Sete aulas sobre linguagem, memória e história. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana.** 2ª ed. Fortaleza: Premius, 2011.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC: Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução Ivone Ferreira et al. 5ª. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

LORIGA, Sabina. A tarefa do historiador. In: **Memórias e narrativas (auto)biográficas.** Organizadores: Angela de Castro Gomes e Benito Bisso Schmidt. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** São Paulo: Edições Loyola,1998. 2.ed. p.45.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, metodologia, memória.** São Paulo: Contexto, 2010.

NEVES, Margarida de Souza. Nos compassos do tempo. A história e a cultura da memória. In: SOIHET, Rachel (Org.) **Mitos, projetos e práticas políticas:** memória e historiografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo, n.10, p. 7-28, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** 2. ed. Belo Horizonte: autêntica, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

_____ Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: UNICAMP, 2007.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Morais (Orgs.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de janeiro: FGV, 2000, pp. 93-101.

SANTOS, Marcia Pereira. **Anais ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – Fortaleza, 2009.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado, Cultura da Memória e Guinada Subjetiva.** São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

SILVA, Helenice Rodrigues. "Rememoração" /comemoração: as utilizações sociais da memória. In: **Revista Brasileira de História.** ANPUH: São Paulo, vol.22, n° 44, 2002.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____ **A Formação da Classe Operária Inglesa:** A Árvore da Liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____ **A Formação da Classe Operária Inglesa:** A força dos Trabalhadores. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

_____ **A Formação da Classe Operária Inglesa:** A maldição de Adão. São Paulo: Paz e Terra, 1987.